

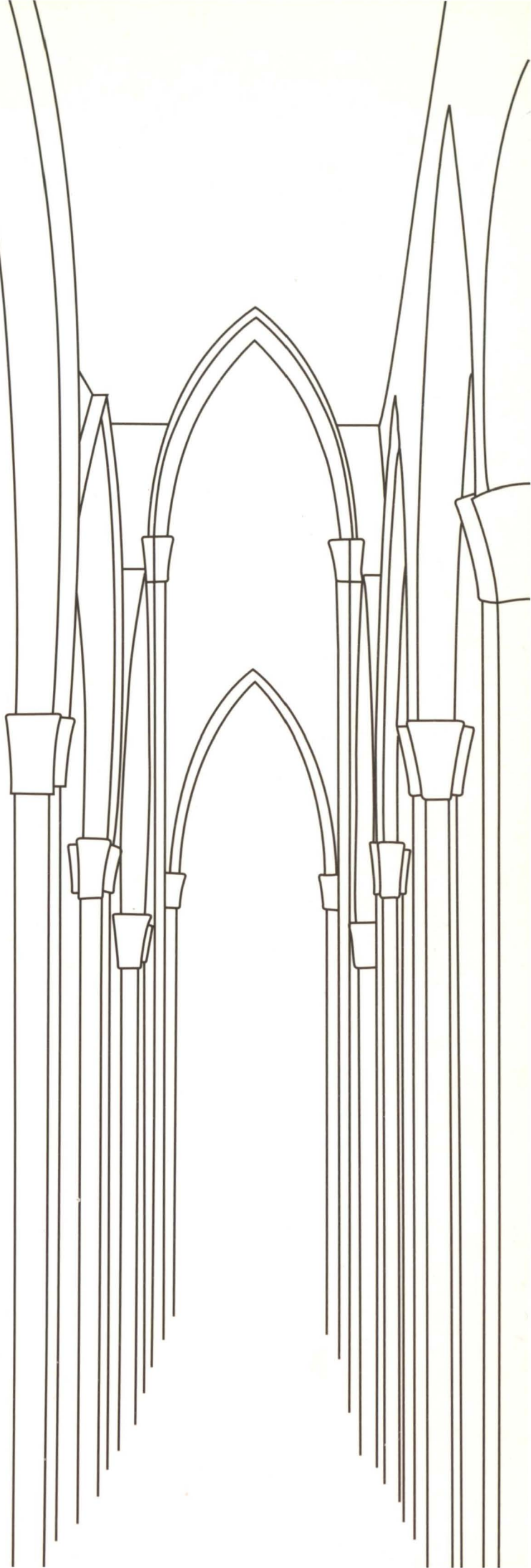
ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

# ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA



VOLUME 53  
2001  
LISBOA

  
Edições Colibri



ARQVEOLOGIA  
e  
HISTÓRIA

Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses

FOTO DA CAPA

Fragmento de placa moçárabe, séc. X, da região de Lisboa e Vale do Tejo.

(Museu Arqueológico do Carmo – Foto de H. Ruas)

Edições Colibri  
Apartado 42 001  
1601-801 LISBOA

Associação dos Arqueólogos Portugueses

# ARQUEOLOGIA e HISTÓRIA



Volume 53  
2001  
Lisboa

Título ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA: *Estudos de Lisboa – Séculos XV a XIX:*  
*II Colóquio Temático*

Volume 53

Edição Edições Colibri e Associação dos Arqueólogos Portugueses

Redacção Comissão de Estudos Olissiponenses

Coordenação João Muralha

Paginação Albertino Calamote

Fotólitos Arte Mágica

Impressão Colibri Artes Gráficas

Tiragem 600 exemplares

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

ISSN 972/9451-39-7

Depósito Legal 73 446/93

Preço € 20,00  
(Inclui I.V.A. à taxa de 5%)

*Solicita-se permuta*  
*On prie l'échange*  
*Exchanged wanted*  
*Sollecitiamo scambio*  
*Tauschverker Erwünscht*

**Os artigos publicados nesta Revista  
são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores**

## Sumário

Prefácio .....	7
Organização do Colóquio e Participantes .....	9
<b>ESTUDOS DE LISBOA – SÉCULOS VIII A XV – II COLÓQUIO TEMÁTICO</b>	
Intervenção arqueológica de emergência na Rua dos Correeiros, Baixa de Lisboa. As Sondagens n.ºs 3, 11, 26 e 27 .....	15
<i>A. M. Dias Diogo; Laura Trindade</i>	
As Portas da Cerca de Lisboa no período islâmico: Estudo e reconstituição textual da notícia sobre as portas de Lisboa, a partir dos geógrafos árabes .....	35
<i>António Rei</i>	
Os Muros Afonsinos de Lisboa .....	45
<i>Eduardo Sucena</i>	
Os silos medievais de S. Vicente de Fora .....	49
<i>F. E. Rodrigues Ferreira</i>	
Estêvão Cibrães e João Esteves. A família «Pão» e «Água» em Lisboa (1269-1342) .....	67
<i>Miguel Gomes Martins</i>	
Um apontamento de Tumulária Medieval – O Conjunto da Igreja de São Cristóvão em Lisboa .....	75
<i>Inês Matoso</i>	
Quatro pedras de armas de estilo quatrocentista do património de Lisboa .....	91
<i>Francisco de Simas Alves de Azevedo</i>	
A mouraria de Lisboa dos séculos XII-XV .....	99
<i>Catarina Isabel de Oliveira Faro</i>	
Elementos para o estudo dos restos humanos da intervenção arqueológica de 1991 no cemitério do adro da Igreja de São Domingos em Lisboa .....	109
<i>Laura Trindade; Luís Lopes; José Luís Neto; A. M. Dias Diogo</i>	
Elementos para o estudo do Baluarte do Livramento em Lisboa .....	125
<i>Laura Trindade; A. M. Dias Diogo</i>	
A Reforma Dominicana de Frei João de Mansilha (1774/76) .....	135
<i>José Luís Neto</i>	

A Conservação e Restauro dos Edifícios Religiosos Medievais. A Igreja do Carmo em Lisboa (Século XIX) .....	143
<i>Ana Cristina N. Martins</i>	
A última freira do Convento das Bernardas: apontamentos para uma biografia .....	173
<i>A. H. Rodrigues Miranda</i>	
A Colecção de Grilhetas de Escravos do Museu Nacional de Arqueologia – Lisboa .....	179
<i>José Luís Neto</i>	
Aspectos bio-sociais dos aguadeiros inumados em Lisboa entre 1840 e 1900 .....	183
<i>Maria Cristina Neto; Luís Lopes</i>	
Quinta do Conde de Óbidos (ou Quinta do Feijão ou Tanque Velho) .....	189
<i>Fernando Furtado Barreiros; Carlos Alberto Revez Inácio</i>	
A Fábrica do Bom Sucesso .....	195
<i>Francisco Santana</i>	
Retrospectiva dos transportes públicos em Lisboa .....	203
<i>Nestor Fatia Vital</i>	
Contribuição para a história demográfica da freguesia da Charneca – Lisboa, entre 1921 e 1954 .....	213
<i>Maria Cristina Neto; Luís Lopes</i>	
Rua Damasceno Monteiro – Razões para um topónimo .....	217
<i>Francisco Santana</i>	
No centenário do nascimento de Luís Pastor de Macedo .....	221
<i>Eduardo Sucena</i>	
Reflexão para um Projecto de Funcionalismos Alternativos às Instituições Vocacionadas para a Exposição e Conservação de Obras de Arte .....	223
<i>Maria Teresa Bispo</i>	

#### LEGADO

Dr. Eduardo da Cunha Serrão. O Homem e o seu Legado ... ..	229
<i>João José Fernandes Gomes (Coordenação e textos)</i>	

#### BOLETIM

Relatórios da Direcção, das Secções de Pré-História, História, e das Comissões de Estudos Olissiponenses e de Heráldica, respeitantes ao ano associativo de 1999/2000 .....	375
---	-----

## Prefácio

O volume 53 de *ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA*, além dos Relatórios da Direcção e das Secções e Comissões, referentes aos anos associativos de 1999-2000, publica as *Actas do II Colóquio Temático Estudos de Lisboa – Séculos V a XVIII*, organizado, tal como o anterior, referente aos séculos XV a XIX, pela Comissão de Estudos Olisiponenses. Esta publicação representa um enorme esforço financeiro e editorial para uma instituição que não conta, há já longos anos, de qualquer apoio por parte da edilidade lisboeta, numa altura em que está em curso uma profunda remodelação do Museu Arqueológico do Carmo, com as pesadas implicações financeiras que um tal empreendimento representa.

Com esta publicação pretendemos dar, assim, uma contribuição para divulgar a enorme importância do subsolo da cidade de Lisboa para o estudo da sua História, na esperança de que esta divulgação venha alertar as entidades responsáveis para a necessidade imperiosa de se pôr termo às destruições sistemáticas de importantes parcelas de um património que a todos pertence, ocorridas nas últimas décadas em nome do pretenso desenvolvimento da cidade, e de se reforçarem os meios humanos, técnicos e materiais colocados à disposição dos arqueólogos.

Situações de facto consumado, ou de pressões inaceitáveis por parte dos empreiteiros e dos responsáveis autárquicos ao mais alto nível, sobre os arqueólogos responsáveis por intervenções de salvamento insuficientemente planeadas e sub-financiadas, como as que se verificaram nos últimos anos na Praça do Município, na Praça da Figueira, não poderão ser admitidas pela comunidade arqueológica e por esta Associação.

Publica-se também neste volume um inventário do importante espólio legado a esta Associação pela família do seu antigo Presidente, Dr. Eduardo da Cunha Serrão (1906-1991), com o qual se pretende prestar uma singela homenagem a uma personalidade que, com os seus conhecimentos e o seu entusiasmo deu uma contribuição fundamental para a formação de uma nova geração de arqueólogos, sobretudo nos anos 60 e 70 do século XX, entre os quais tenho a honra de me incluir, e que muito prestigiou a nossa Associação, durante mais de 30 anos, quer como sócio activo, quer como Secretário, Vice-Presidente, e Presidente da Secção de Pré-História, quer como, Vice-Presidente e Presidente da Direcção.

O Presidente da Direcção

*José Morais Arnaud*

## **Organização do Colóquio e Participantes**

### **Organização**

PRESIDÊNCIA – A. M. Dias Diogo

VICE-PRESIDÊNCIA – Maria Cristina Neto

SECRETARIADO / DIRECÇÃO – Laura Trindade

SECRETARIADO / COLABORAÇÃO – Margarida Ofélia, José Luís Neto e Jorge Feio

### **Participantes**

Alice Nogueira Alves

Aline Gallasch Hall  
Fac. de Letras/Univ. de Lisboa

Amílcar Manuel Martinho da Silva

Ana Cristina Nunes Martins  
A.A.P.

Ana Cristina Prista Sansão  
G.E.O./C.M. de Lisboa

Ana Maria de Carvalho Dias  
D.M.R.U./C.M. de Lisboa

Ana Maria Homem de Melo de Seixas  
G.E.O./C.M. de Lisboa

Ana Paula Inácio Fernandes  
F.C.S.H./Univ. Nova de Lisboa

Ana Vale

António Rei  
Centro de Estudos Africanos e Asiáticos/C.E.A.A./ I.I.C.T.

António Rodrigues Miranda  
D.P.I.A.E./D.M.R.U./ C.M. de Lisboa

António Vermelho Corral

Armando de Sousa Pereira  
F.C.S.H./Univ. Nova de Lisboa

Bruno Duarte Mendes Eiras  
Fac. de Letras/Univ. de Lisboa

Bruno Silva  
F.C.S.H./Univ. Nova de Lisboa

Carla Alexandra Pombinho e Silva

Carla Sofia Vidal  
Carlos Alberto Revez Inácio  
D.N. Dispersos/D.M.R.U./C.M. de Lisboa

Carlos Consiglieri  
Amigos de Lisboa

Carlos Frederico Martins Mendes  
C.M. de Lisboa

Carlos Henriques da Silva Costa  
F.C.S.H./Univ. Nova de Lisboa

Carlos Manuel C. Guardado da Silva  
Faculdade de Letras/Univ. de Lisboa

Catarina Isabel de Oliveira Faro  
Univ. Autónoma de Lisboa

Clementino Amaro  
Direcção Regional de Lisboa/I.P.P.A.R.

Emanuelle Pezizato  
D.M.R.U./C.M. de Lisboa

Esmeralda Helena Pires Gomes  
I.P.P.A.R.

Eurico de Sepúlveda  
Instituto de Cultura e Estudos Sociais (Cascais)

Fernando Rodrigues Ferreira  
A.A.P.

Francisco Santana  
A.A.P.

Francisco de Simas Alves de Azevedo  
A.A.P.

Gilberto Coralejo Moiteiro  
Fac. de Letras/Univ. de Lisboa

Guilherme Cardoso  
Assembleia Distrital de Lisboa

Hélio Filipe Domingos da Balinha  
F.C.S.H./Univ. Nova de Lisboa

Helder Chilra Abraços  
C.M. de Tondela

Inês Matoso  
G.E.O./C.M. de Lisboa

Irina Santos Bicho  
F.C.S.H./Univ. Nova de Lisboa

Irisalva Constância de Nóbrega Moita

Isabel Maria Calmeiro dos Santos

João Cabral  
C.M. de Cascais/ Gabinete de Arqueologia

João Manuel Diogo  
C.M. de Tondela

João Guilherme Mendes Fagundes  
Dep. de Património Cultural/C.M. de Lisboa

João Muralha  
Fundação da Faculdade de Ciências da Univ. de Lisboa

Jorge Andrade R. Martins Ramos de Carvalho  
Divisão de Obras/D.P.C./C.M. de Lisboa

Jorge Manuel Cabrita Trigo  
C.M. de Lisboa

Jorge de Matos

José d'Encarnação  
Associação Cultural de Cascais

José Rosa Silva Carvalho  
D.M.R.U./C.M. de Lisboa

Lénia V.D.E. Almeida Loureiro  
F.C.S.H./Univ. Nova de Lisboa

Luís Lopes  
Centro de Antropobiologia do I.I.C.T.

Luísa Almeida e Sousa  
G.E.O./C.M. de Lisboa

Luísa Maria da Silva Reis  
G.E.O./C.M. de Lisboa

Luzia Soromenho  
F.C.S.H./Univ. Nova de Lisboa

Manuela Leitão  
Fundação da Faculdade de Ciências da Univ. de Lisboa

Margarida Almeida Bastos  
Fundação da Faculdade de Ciências da Univ. de Lisboa

Margarida Maria do Carmo da Câmara Bobone  
G.E.O./C.M. de Lisboa

Maria Amália Martins Dias  
G.E.O./C.M. de Lisboa

Maria da Graça Ribeiro Dias  
Unidade Arqueológica de Aljustrel

Maria de Lourdes Calvão Borges

Maria Gabriela Pinto de Carvalho  
D.M.R.U./C.M. de Lisboa

Maria Otília Oliveira Lima Marques dos Santos

Maria Paula Anastácio Gonçalves  
Escola Básica Integrada Bom Sucesso

Mário Gouveia  
F.C.S.H./Univ. Nova de Lisboa

Miguel Gomes Martins  
Arquivo Municipal/C.M. de Lisboa

Natália Guerreiro

Nestor Fatia Vital  
A.A.P.

Nuno Neves  
F.C.S.H./Univ. Nova de Lisboa

Paulo Alexandre Martins de Oliveira

Paulo Figueiredo

Pedro Ventura  
F.C.S.H./Univ. Nova de Lisboa

Ricardo Jorge Martins Cardoso  
Fac. de Letras/Univ. de Lisboa

Rodrigo Banha da Silva  
Fundação da Faculdade de Ciências da Univ. de Lisboa

Rui Manuel da Silva Matos  
D.M.R.U./C.M. de Lisboa

Rui Manuel Gaspar da Silva Pontes  
F.C.S.H./Univ. Nova de Lisboa

Sandra Maria Vieira da Luz Moreira  
Fac. de Letras/Univ. de Lisboa

Severino Rodrigues  
C.M. de Cascais/Gabinete de Arqueologia

Vanessa Patrícia Guimarães de Brito Gaspar  
I.P.P.A.R.

Vítor Santos

Associação dos Arqueólogos Portugueses

# Estudos de Lisboa – Séculos VIII a XV

II Colóquio Temático

5 e 6 de Novembro de 1999

Comissão de Estudos Olissiponenses

## **Intervenção arqueológica de emergência na Rua dos Correeiros, Baixa de Lisboa. As Sondagens n.ºs 3, 11, 26 e 27**

A. M. DIAS DIOGO  
LAURA TRINDADE

### **Introdução**

Tendo-se tratado de uma intervenção arqueológica de carácter “reactivo”, de acompanhamento sistemático da abertura de valas e poços para a reinstalação de várias infra-estruturas (água, electricidade, gás e telefones – ocasionada pelo projecto municipal de repavimentação da rua, que passou a ser em calçada calcária), os trabalhos que efectuámos entre Janeiro e Junho de 1991 na Rua dos Correeiros, Baixa de Lisboa, permitiram-nos o registo de estruturas e a recolha contextual de abundantes artefactos, datáveis essencialmente do período compreendido entre os terramotos de 1531 e o de 1755, mas que, ocasionalmente, atingiu níveis mais antigos, chegando aos romanos e mesmo pré-romanos – estes últimos apenas num único caso, o da Sondagem 34, que devido à sua particular relevância será objecto de um estudo monográfico.

Como já anteriormente escrevemos, por razões metodológicas ou simples questões operativas (dado que valas eram ou descontínuas ou demasiado extensas) dividimos esta intervenção em várias Sondagens, que temos vindo a publicar separadamente (veja-se a Bibliografia), condicionados pelas oportunidades editoriais e pela gestão das escassas verbas que temos vindo a dispor para os nossos estudos. Sendo as Sondagens em número de cerca de quatro dezenas e, a múltiplos níveis, relevantes para o conhecimento da ocupação, evolução urbanística, técnicas tradicionais de construção, economia e vida quotidiana na Baixa de Lisboa, os seus estudos têm necessariamente de ser inicialmente parcelares até à acumulação e conjugação de toda a informação poder ser sistematizada. Pretendemos fazer uma síntese dos trabalhos na rua dos Correeiros, após a publicação integral das Sondagens desta intervenção e integrada num estudo sobre as múltiplas actividades que desenvolvemos no âmbito do extinto Gabinete Técnico do Teatro Romano da C.M. de Lisboa.

A abertura das Sondagens foi efectuada, sob nossa observação, pelas empresas adjudicantes das obras até ao aparecimento de estruturas arqueológicas, altura em que os trabalhos de escavação passavam a ser efectuados ou dirigidos pela nossa equipa, sob a orientação directa do primeiro subscritor deste estudo.

Nesta fase das nossas publicações interessa-nos sobretudo descrever, localizar e caracterizar as estruturas descobertas, articulando-as com os estratos arqueológicos associados e os artefactos neles recolhidos, procurando definir conjuntos sincrónicos e estabelecer a representatividade estatística das várias formas e variantes cerâmicas, tentando obter cronologias cada vez mais finas para os materiais a partir da sua associação contextual, valorizando as diferenças dos seus atributos.

É também ainda em grande parte provisória a nomenclatura com que designamos as formas das loiças aqui estudadas, e que temos vindo a tentar estabelecer para Lisboa através do levantamento de fontes bibliográficas e arquivísticas. Por exemplo, é apenas por facilitismo, desconhecimento da sua forma integral e transitoriamente, que classificamos como taças os vasos n.ºs 6 e 14 da Sondagem 3 e 13 a 15 da Sondagem 27.

Também as cronologias que vamos determinando são apenas válidas para as peças que estudamos e não pretendemos generalizá-las, indiscriminadamente, a todos os exemplares dos mesmos tipos. Como também já anteriormente publicámos, nesta fase preliminar, as nossas escavações em Lisboa permitiram-nos latamente periodizar construções e artefactos em função dos entulhos das destruições e construções provocados por três catástrofes: a Reconquista da cidade em 1147, os terramotos de 1531 e, por último, o



Fig. 1. Planta de localização das Sondagens segundo a Planta da Cidade, C.M. de Lisboa, Escala 1:1.000

terramoto do 1.º de Novembro de 1755. Naturalmente que esses entulhos apenas nos fornecem datações *ante quem* para os materiais aí encontrados, permitindo a sua constância e número relativo estabelecer uma proximidade temporal às catástrofes.

Não se procurando, nesta altura, determinar o início da produção das várias formas de barro vermelho aqui estudadas, seus tipos e variantes, elas têm vindo a ser globalmente publicadas por vários Investigadores, como sendo produções datáveis dos séculos XIII, XIV e, raramente, também do XV. Nas intervenções que efectuámos em Lisboa, a sucessão estratigráfica, assim como a amplitude e dispersão dos níveis de entulhos, apresentando as mesmas associações de cerâmicas, implicam que esses níveis estejam relacionados com os terramotos de 1531 (DIOGO e TRINDADE, 1955 b, DIOGO e TRINDADE, 2000 a, DIOGO e TRINDADE, 2000 a, TRINDADE e DIOGO, 2001, TRINDADE e DIOGO, no prelo a). Embora as datações sejam *ante quem*, o facto é que a análise de frequências desses vasos em barro vermelho implicam que a sua grande maioria se encontrasse em utilização em 1531. Naturalmente que esses mesmos vasos continuaram a ser produzidos após os cataclismos de 1531, devendo ter vindo a cair em desuso no último terço do século XVI, no âmbito da mobilidade dos oleiros e das aculturações propiciadas pela dinastia dos Filipes.

### Vasos de Barro Vermelho

Dada a insipiência na calibração do modelo, que estamos a desenvolver, para a caracterização dos atributos possíveis de determinar variantes nas cerâmicas de barro vermelho, que permitam definir produções e afinar cronologias (DIOGO e TRINDADE, no prelo), assim como da nossa presente impossibilidade de classificar muitas das cerâmicas vidradas que lhes estão associadas nas mesmas camadas arqueológicas (para o que ainda nos encontramos a efectuar levantamentos bibliográficos e contactos pessoais com vários Investigadores), apenas nos interessa aqui caracterizar e contabilizar os vasos encontrados na Camada 5 da Sondagem 27, cuja formação, bem definida, aparenta ser muito sincrónica e distinta em relação às camadas envolventes.

Sendo abundantes os fragmentos de fundos, bojos ou paredes, a Camada 5 da Sondagem 27 forneceu-nos fragmentos de bocas ou de fundos de vasos em barro vermelho bem definidos que pudemos, sem dúvida, atribuir a 59 exemplares distintos.

Mais de metade dos vasos aqui registados (57,6 %) pertencem a panelas. Estão representados dois tipos: o primeiro (27,1 %, fig. 13, n.ºs 1 a 3) com o lábio curto e espesso. Colo curto, convexo e moldurado. Bojo arqueado de ombros canelados, descaídos ou muito descaídos. Fundo convexo e largo, anguloso na sua ligação com o bojo. Têm duas asas ovaladas, descaídas no bojo e com o arranque inferior junto ao ângulo do fundo. O segundo, ligeiramente melhor representado (30,5 %, fig. 13, n.ºs 4 a 7) apresenta um lábio em aba convexa ou alçada. Colo troncocónico e introvertido diferenciado do bojo por um filete ou uma banda em relevo. Bojo ovóide de ombros descaídos ou muito descaídos, por vezes decorados com pequenas caneluras. Fundo largo, convexo e anguloso na sua ligação com o bojo. Têm duas asas ovaladas e arqueadas com o arranque superior junto ao filete do colo.

Com os diâmetros relativamente diminutos, utilizados como tampas para as panelas e outros vasos fechados, encontrámos sete testos (11,9 %). De pequena altura, paredes troncocónicas e muito extrovertidas, base plana e pega central superior em lingueta. Também nesta forma nos são evidentes dois tipos: o primeiro (8,5 %, fig. 15, n.º 16), mais comum para esta época, tem um lábio em aba larga, mais ou menos pendente e ambivertido com uma rebarba interna. O segundo, que aqui nos surge apenas com dois exemplares (3,4 %, representado na fig. 9, n.º 10 da Sondagem 3), tem o lábio simples e boleado.

Os tachos são outra das formas mais comuns que encontramos nos níveis de entulhos de 1531. Surgiram-nos nesta Camada com três exemplares (5,1 %), caracterizando-se por serem largos e terem uma boca composta por um estribo externo sublinhando um lábio introvertido, aptos a receberem uma tampa de morfologia semelhante a um prato. Também nesta forma podemos diferenciar dois tipos distintos: o primeiro (1,7 %, fig. 14, n.º 8), menos comum nos níveis de 1531, tem o estribo mais curto e o lábio mais alto, sendo as paredes mais extrovertidas e o fundo saliente e anguloso na ligação com as paredes. O segundo (3,4 %, fig. 14, n.º 9) tem as paredes mais verticais, formando uma carena mais suave com o fundo que se mantém convexo, sendo o estribo da boca mais largo e apresentando, por vezes, decorações digitadas ou caneladas.

Conjugando-se com os tachos, de que serviam de tampas, é muito comum encontrarmos nos níveis de 1531 um tipo de testo cuja amplitude e morfologia permitia serem também utilizados como pratos. Tratam-se de vasos com as paredes muito extrovertidas, de lábio em aba pendente e pega em anel alto que podia ser utilizada como base de sustentação. Não encontramos qualquer fragmento de boca ou de fundo deste tipo de vaso na Camada 5 da Sondagem 27, sendo a sua presença relativamente frequente na Sondagem 3 (sete exemplares, fig. 9, n.º 12).

O total de cinco púcaros que aqui registámos (8,5 %, fig. 15, n.º 18), foi excepcionalmente obtido através da contabilização dos fundos, que são muito característicos, com o pé alto e base em bolacha. Sendo também abundantes os fragmentos de bojo, apenas pudemos registar fragmentos de lábios pertencentes a dois exemplares diferentes. Tratam-se de vasos com a boca larga e o lábio muito curto e biselado, geralmente sublinhado por uma pequena canelura. O colo é alto, largo e ligeiramente extrovertido. O bojo é largo, saliente, ovóide e relativamente curto. Fundo alto de base em bolacha. Tem duas asas opostas, ligeiramente alçadas, arrancando do meio do colo.

Recolhemos aqui também dois pequenos fragmentos de boca pertencentes a duas talhas de lábio em pequena fita pendente e digitada, colo alto e ligeiramente extrovertido (3,4 %, com paralelo em GASPARG e AMARO, 1997, est. 7, n.º 6).

Excepto pelos vasos que provisoriamente designamos como taças (n.ºs 13 a 15), as restantes cinco formas encontradas apenas estão presentes com um exemplar (1,7 %): o alguidar de aba larga e pendente, de paredes extrovertidas (n.º 10); a bacia de boca composta, larga, alçada e lábio pendente, que poderá de facto ser uma variante de alguidar (n.º 11); a caçarola, de lábio boleado ou perolado e paredes curtas, verticais ou ligeiramente arqueadas (n.º 12), de que também se recolheu um fragmento de anel da pega (n.º 19); o jarro de lábio alto, colo alto e bicôncavo, monoansado, com o bojo curto e periforme e o fundo saliente e irregular. Por fim, encontramos também um fragmento de lamparina baixa na sua variante asada (DIOGO e TRINDADE, 2000, n.º 5).

## Estudo das Sondagens

### Sondagem 3

Provocada pela implantação da conduta da EPAL, a intervenção nesta Sondagem decorreu entre os dias 14 e 28 de Fevereiro. Estava localizada no passeio do lado Este da rua, imediatamente a Sul da Sondagem 2a (TRINDADE e DIOGO, 2001, p. 189-191), coincidindo o seu perfil Oeste com o lancil do passeio. Tinha a largura de 70 cm no seu início a Norte, atingindo 1,16 m na maior parte da sua extensão – o que corresponde à largura total do passeio até ao lancil. O seu comprimento era de 6,70 m, tendo a escavação atingido a profundidade de 1,60 m na área a Norte dos muros pré-pombalinos e 3,10 m a Sul destes.

No que respeita à descoberta de estruturas pré-pombalinas, a área desta Sondagem estava quase integralmente ocupada por um muro oblíquo orientado de Noroeste para Sudeste. Com o seu topo situado à profundidade mínima de 26 cm em relação ao lancil do passeio, este muro era construído numa alvenaria de pequenas e médias pedras argamassadas, incluindo fragmentos de cerâmicas de construção reaproveitados. Calculamos a sua largura em cerca de 96 cm e articulava-se com outro muro a Norte da Sondagem, de orientação OSO/ENE, construído no mesmo tipo de aparelho e cuja largura não foi possível determinar.

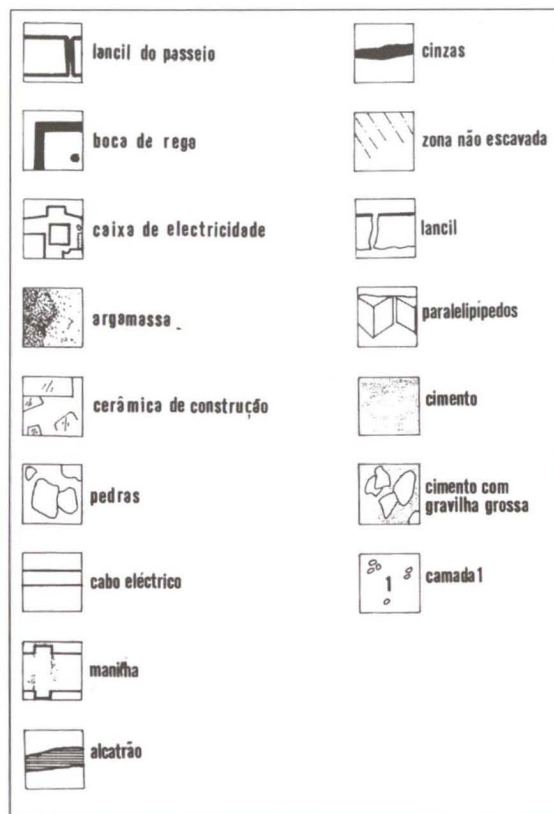


Fig. 2. Legendas das plantas e perfis das Sondagens

Por fim, e embora seja uma questão que apenas pretendemos desenvolver num estudo que temos em elaboração sobre técnicas tradicionais de construção na Lisboa pré-pombalina, não podemos deixar de aqui referir dois factos importantes observáveis no alicerce do muro NO/SE. O primeiro é da vala aberta

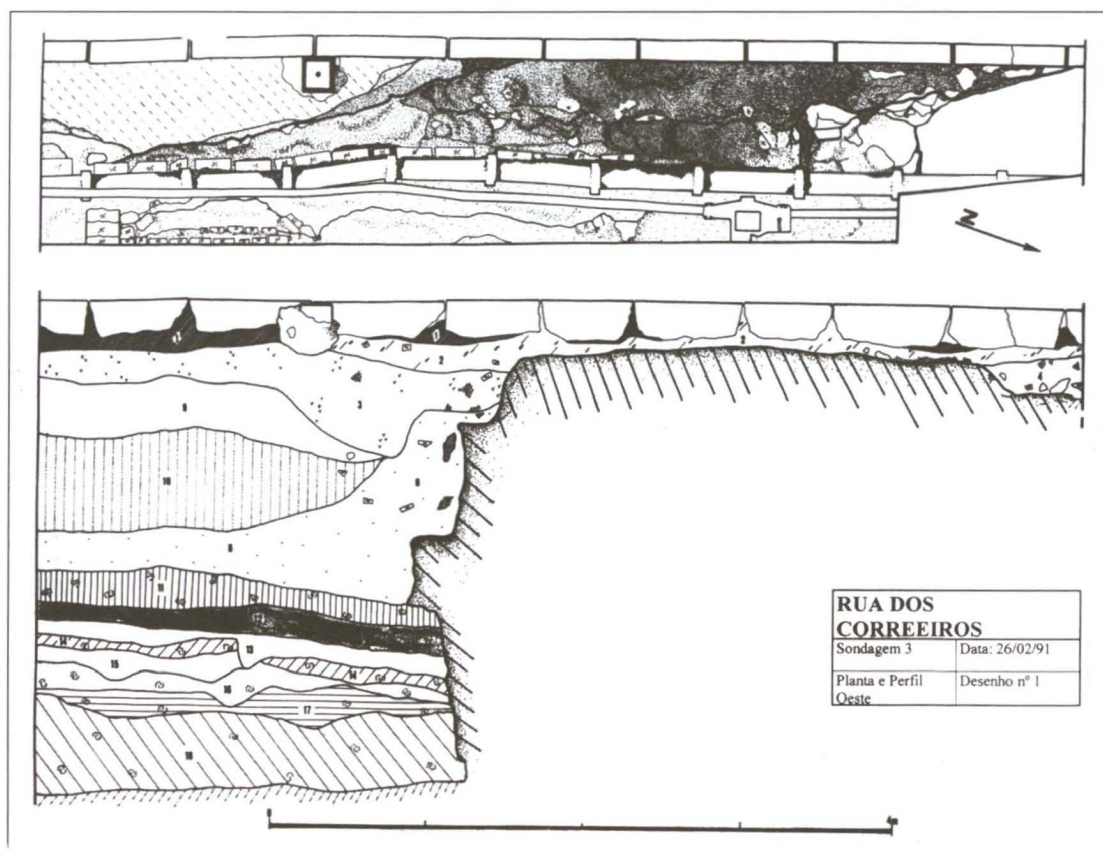


Fig. 3. Planta e perfil Oeste da Sondagem 3.

para a construção do alicerce aparentar ter sido escavada em socalcos, de forma a evitar desmoronamentos, como se observa no corte estratigráfico (Fig. 3) e que provocou ressaltos e desaprumos na face exposta pela escavação do alicerce.

O segundo é o do maciço de alvenaria do alicerce ter sido construído sobre uma caixa de tijolos argamassados, envolvendo troncos de madeira e assentes sobre estacas, que distribuíam as pressões e impediam cedências localizadas dos muros (Figs. 6 e 7). Foi-nos possível registar outras ocorrências da utilização desta técnica pré-pombalina nas nossas intervenções na Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva e Rua das Pedras Negras (Termas dos Cássios).

No caso da presente Sondagem encontrámos alguns pequenos fragmentos de vasos cerâmicos argamassados na caixa, incluindo dois de porcelana chinesa, possivelmente do reinado Jiajing (1522-1566), assim como de fragmentos de vasos esmaltados a branco datáveis do século XVI, que nos fornecem uma datação *post quem* para a construção do muro e para as camadas arqueológicas que lhe são associáveis.



Fig. 4. Sondagem 3 vista de Noroeste

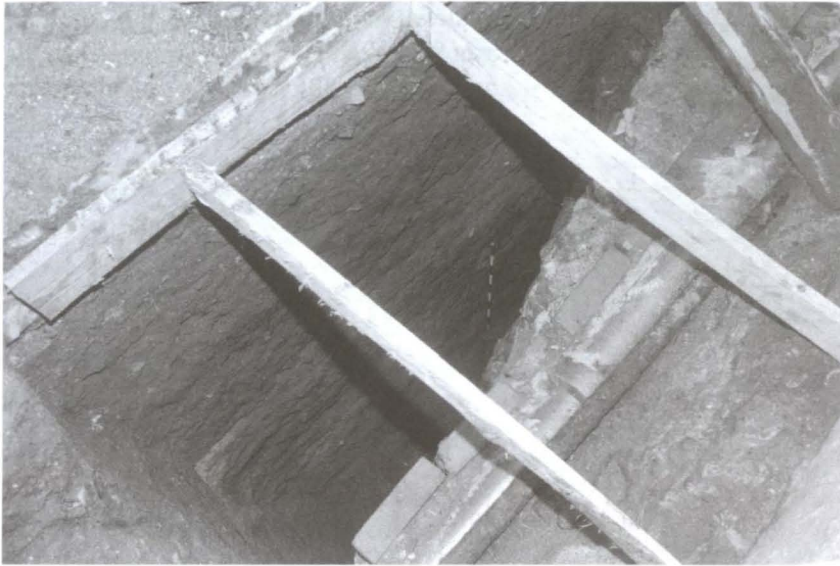


Fig. 5.  
Particular, visto de Este,  
da área Sul no final da escavação  
da Sondagem 3

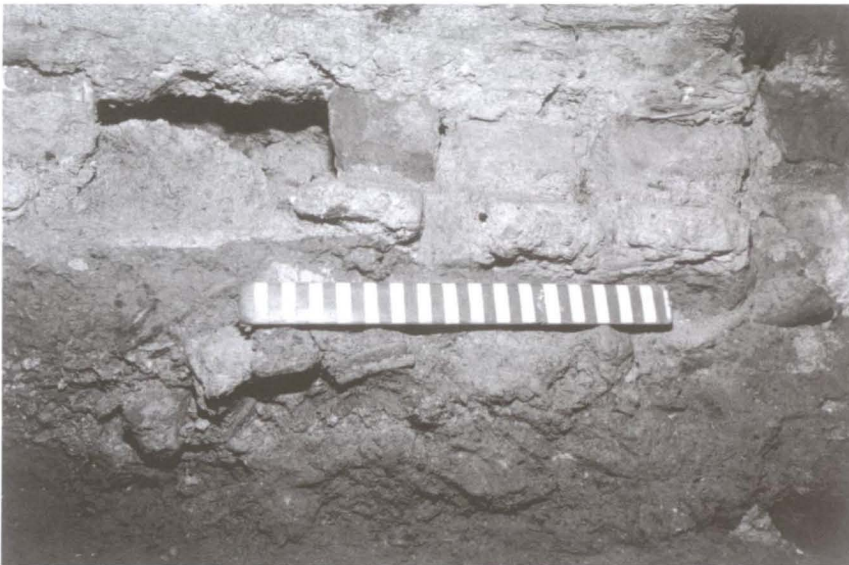


Fig. 6.  
Pormenor da caixa da base  
do alicerce do muro  
da Sondagem 3

No que diz respeito à estratigrafia arqueológica, foram aqui registadas dezoito camadas. Dadas as suas características, associação com as estruturas pré-pombalinas e materiais nelas recolhidos, o depósito das camadas 1 a 4 e 8 terá de ser posterior ao terramoto de 1755. As camadas 5 a 7, 9 e 10 aparentam ser de terraplenos depositados após a construção dos alicerces dos muros pré-pombalinos. Entre os materiais recolhidos na 7.<sup>a</sup> camada encontram-se dois azulejos parietais, de forma triangular, esmaltados a branco, do tipo enxaquetado, provavelmente com início de produção no primeiro quartel do século XV. Por fim, as camadas 11 a 18, dispostas horizontalmente e em conexão com a base do alicerce do muro NO/SE, imediatamente sob um ressalto na sua construção, poderão ter sido formadas em épocas anteriores à edificação. A camada 11 forneceu-nos um fragmento de tigela de faiança (fig. 9, n.º 16) que aqui poderá ter sido introduzida durante a construção do alicerce:

- 1 – Camada de areão amarelado de assentamento do lancil e do passeio.
- 2 – Camada de terra cinzenta pouco compacta. Apenas não está presente numa pequena zona a Sul da Sondagem, onde é substituída pela camada 3.
- 3 – Camada de terra cinzenta, escura e compacta. Apenas existente na área a Sul das estruturas pré-pombalinas e apenas parcialmente coberta pela camada 2. A sua formação é posterior ao terramoto de 1755.

4 – Camada de terra cinzenta solta com abundantes materiais de construção. Trata-se de uma camada apenas existente a Norte das estruturas pré-pombalinas e de aterros posteriores ao terramoto de 1755. Cobria parcialmente as estruturas.

5 – Camada de terra cinzento-clara, solta, com vestígios de materiais de construção. Apenas existente a Norte das estruturas pré-pombalinas, as suas características, associação com os muros e os materiais nela encontrados apontam para que se trate de aterros contemporâneos da construção das estruturas.

6 – Camada de terra cinzento-clara, solta, com vestígios de materiais de construção. Trata-se de uma camada apenas existente a Sul das estruturas pré-pombalinas com abundantes fragmentos de vasos cerâmicos. O perfil desta camada, em declive para Sul, sob as camadas 3 e 10 e acompanhando cerca de 1,5 m do alicerce do muro NO/SE, aponta para que seja de aterros contemporâneos da sua construção.



Fig. 7. Pormenor do buraco da estaca sob o alicerce do muro da Sondagem 3

7 – Camada de terra amarelada, muito solta e homogénea. Apenas existente a Norte das estruturas, encontrava-se à profundidade de 1,55 m. Não foi integralmente escavada.

8 – Bolsa de terra castanha, escura. Existente a Norte das estruturas sob a camada 4.

9 – Camada de terra cinzenta, muito escura e compacta. Existente a Sul das estruturas pré-pombalinas e sob a camada 3. De formação posterior à construção do muro NO/SE, aparenta tratar-se de uma camada de aterros e de onde é proveniente a maioria dos fragmentos de olaria encontrados nesta Sondagem com datação de 1531.

10 – Camada de terra negra compacta e com bolsas de cinzas. De formação posterior à construção do muro NO/SE encontrava-se compreendida entre as camadas 9 e 6.

11 – Camada de terra cinzenta, escura, argilosa e compacta. encontrava-se sob a camada 6. O facto de ter uma disposição horizontal e imediatamente sob um ressalto avançado do alicerce poderá significar que a sua formação seja anterior à construção do muro NO/SE.

12 – Camada de terra negra e solta, horizontal, sob a camada 11.

13 – Camada de entulhos, cinzento-clara, solta e horizontal. Disposta sob a camada 12.

14 – Camada horizontal de terra cinzento-amarelada, argilosa e pouco compacta. Disposta sob a camada 13.

15 – Camada horizontal de terra cinzento-esbranquiçada, solta e com materiais de construção. Disposta sob a camada 14.

16 – Camada horizontal de terra verde-acastanhada, argilosa e compacta. Directamente disposta sob as camadas 14 e 15.

17 – Camada horizontal de terra cinzento-clara, argilosa e solta, com materiais de construção. Disposta sob a camada 16.

18 – Camada horizontal de argilas acastanhadas e húmidas. Disposta sob a camada 17, trata-se da camada onde foi implantado o alicerce do muro NO/SE, não foi escavada em toda a sua espessura.

**Quadro distributivo por camadas das principais formas cerâmicas na Sondagem 3**

Camadas	5		6		7		9		11		13		16		17	
	#	%	#	%	#	%	#	%	#	%	#	%	#	%	#	%
Tampas	-	-	6	40	-	-	6	40	1	6,7	1	6,7	1	6,7	-	-
Tampas/Prato	-	-	3	42,9	-	-	2	28,6	2	28,6	-	-	-	-	-	-
Panelas	2	6,5	8	25,8	1	3,2	14	45,2	2	6,5	2	6,5	-	-	2	6,5
Frigideiras	1	33,3	1	33,3	-	-	1	33,3	-	-	-	-	-	-	-	-
Caçarolas	1	20	-	-	-	-	4	80	-	-	-	-	-	-	-	-
Copos	-	-	-	-	-	-	3	100	-	-	-	-	-	-	-	-
Tachos	-	-	3	20	-	-	7	46,7	1	6,7	3	20	-	-	1	6,7
Tigelas	-	-	-	-	-	-	3	75	-	-	1	25	-	-	-	-

**Catálogo**

1 – Fragmento de boca, colo e bojo de panela.

Lábio em aba boleada e alçada. Colo troncocónico e introvertido, diferenciado do bojo por uma banda saliente originada num filete. Ombros descaídos.

Pasta laranja-rosada. Superfícies revestidas com um engobe rosado.

Proveniente da Camada 13.

2 – Fragmento de boca, colo e bojo de panela.

Lábio em aba rectangular, ligeiramente alçada. Colo troncocónico e introvertido, diferenciado do bojo por um filete. Ombros descaídos.

Pasta laranja-rosada, com cerne acinzentado. Superfície externa revestida com engobe rosado.

Proveniente da Camada 13.

3 – Fragmento de boca e parede de tigela.

Lábio boleado, sublinhado externamente por duas caneluras largas. Paredes carenadas.

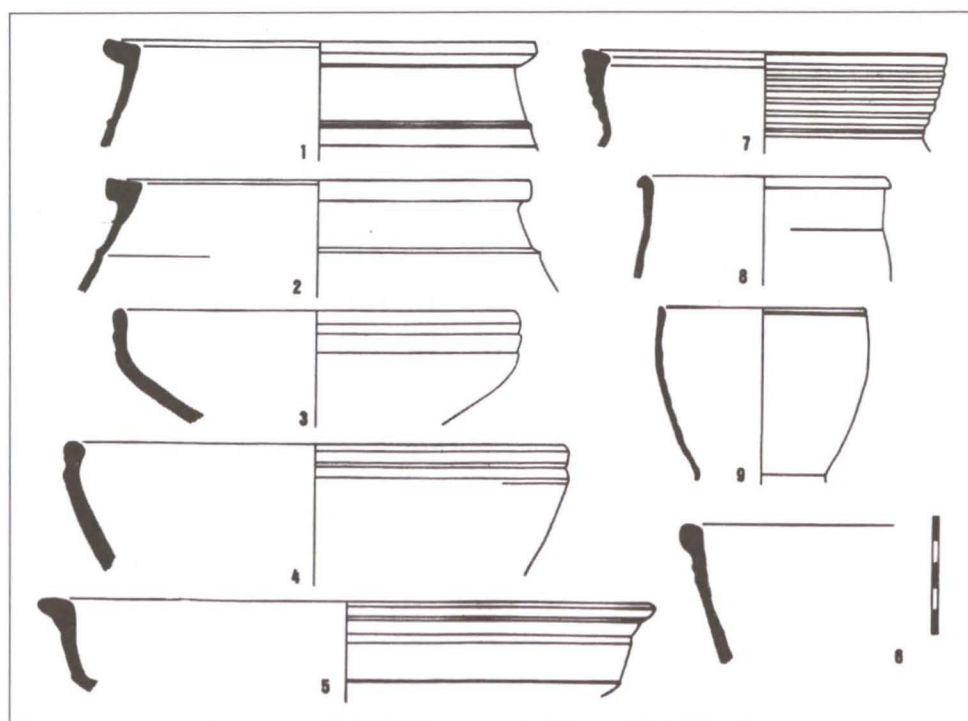


Fig. 8.  
Cerâmicas  
da Sondagem 3.

Pasta alaranjada. Superfícies rosa-alaranjadas, estando a interna brunida e apresentando a externa manchas acinzentadas da cozedura.

Proveniente da Camada 13.

- 4 – Fragmento de boca e parede de tigela.

Lábio espesso e boleado, sublinhado externamente por uma canelura larga. paredes extrovertidas e ligeiramente arqueadas.

Pasta alaranjada, com pequeno cerne mais claro. Superfícies revestidas com engobe rosado e espesso, apresenta vestígios de brunido na face interna.

Proveniente da Camada 9.

- 5 – Fragmento de boca, parede e fundo de caçarola.

Lábio em aba ovalada. Parede curta e extrovertida, decorada com uma canelura larga. Fundo convexo formando um ressalto anguloso na ligação com a parede.

Pasta laranja-escura com cerne rosado. Superfícies revestidas com engobe rosado, com a externa manchada pela utilização ao fogo e a interna brunida.

Proveniente da Camada 9.

- 6 – Fragmento de boca e parede de taça?

Lábio ovalado, diferenciado da parede por duas caneluras. Parede troncocónica e extrovertida.

Pasta alaranjada. Superfícies de tonalidade laranja-rosado.

Proveniente da Camada 9.

- 7 – Fragmento de boca, colo e bojo de panela?

Lábio em pequena aba triangular ambivertida e alçada. Colo convexo e canelado.

Pasta alaranjada. Superfície externa revestida com engobe rosado e apresentando vestígios de utilização ao fogo.

Proveniente da Camada 9.

- 8 – Fragmento de boca, colo e bojo? de vaso indeterminado. Poderá pertencer a uma pequena panela de lábio ovalado e ligeiramente pendente. Colo cilíndrico e ombros descaídos.

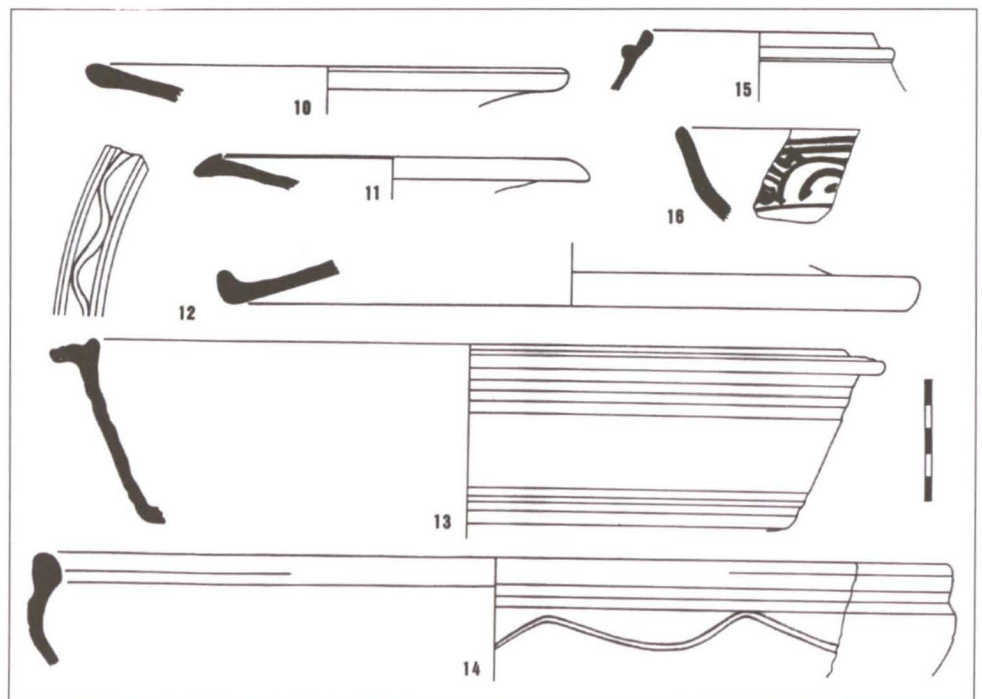


Fig. 9.  
Cerâmicas  
da Sondagem 3

Pasta laranja-rosada. Superfícies revestidas com engobe rosado.  
Proveniente da Camada 13.

9 – Fragmento de boca e parede de copo.

Lábio muito curto e biselado, diferenciado da parede por uma pequena canelura. Parede alta e convexa.

Pasta alaranjada. Superfície externa rosa-alaranjada, manchada.  
Proveniente da Camada 4.

10 – Fragmento de boca e parede de testro.

Lábio boleado, paredes troncocónicas e muito extrovertidas.

Pasta enegrecida pela cozedura. Superfícies revestidas com engobe castanho-avermelhado, manchadas e escurecidas pela utilização.

Proveniente da Camada 9.

11 – Fragmento de boca e parede de testro.

Lábio em aba ovalada, ligeiramente pendente e com rebarba interna. Parede troncocónica e muito extrovertida.

Pasta enegrecida pela cozedura. Superfícies queimadas, revestidas com engobe rosado.  
Proveniente da Camada 9.

12 – Fragmento de boca e parede de prato/testro.

Lábio em aba ovalada e muito pendente. Parede troncocónica e muito extrovertida.

Pasta laranja-clara. Superfície interna de tonalidade rosa-alaranjada e brunida.  
Proveniente da Camada 11.

13 – Fragmento de boca parede e fundo de tacho.

Boca composta, constituída por um estribo externo e um pequeno lábio boleado e introvertido. Parede troncocónica e extrovertida, canelada na face externa. Fundo largo e convexo. O estribo do lábio está decorado na face superior com um chanfro ondeado limitado por duas caneluras.

Pasta rosa-alaranjada, com cerne amarelo-alaranjado. Superfícies rosa-alaranjadas, apresentando a externa manchas cinzentas da cozedura.

Proveniente da Camada 17.

14 – Fragmento de boca e parede de taça.

Lábio alto, ovalado e introvertido, diferenciado externamente da parede por uma canelura larga. Parede arqueada, externamente decorada com uma canelura.

Pasta rosa-alaranjada, com largo cerne laranja-claro. Superfície externa revestida com engobe rosa-alaranjado, manchado. Superfície interna alaranjada, com vestígios de brunido.

Proveniente da Camada 17.

15 – Fragmento de boca e bojo de pote?

Boca composta por um pequeno estribo externo e um lábio alto, boleado e introvertido. Bojo ovóide. Pasta alaranjada. Superfícies com manchas de queimadura ao fogo, sendo a externa revestida com engobe rosado.

Proveniente da Camada 9.

16 – Fragmento de boca e parede de tigela em faiança.

Lábio boleado. Parede carenada com o sobrelanço ligeiramente côncavo.

Pasta rosa-clara, microgranulosa, fina e porosa. Superfícies revestidas com vidro estanhífero, de espessura irregular, mais homogéneo na superfície interna. Encontra-se internamente decorado com uma banda de motivos arqueados e ondeados de tonalidade azul.

Proveniente da Camada 11.

## Quadro das dimensões dos atributos das cerâmicas

N.º	Lábio			Colo		Bojo		Fundo	
	Diâm.	Alt.	Espe.	Diâm.	Alt.	Diâm.	Alt.	Diâm.	Alt.
1	182	9	15	167	23	–	–	–	–
2	178	10	16	172	19	–	–	–	–
3	172	6	6	173	–	–	–	–	–
4	212	10	9	–	–	–	–	–	–
5	260	8	14	–	–	236	27	230	–
6	–	11	11	–	–	–	–	–	–
7	154	6	12	148	32	–	–	–	–
8	108	7	7	–	–	–	–	–	–
9	88	2	4	90	68	–	–	–	–
10	202	10	11	–	–	–	–	–	–
11	165	10	13	–	–	–	–	–	–
12	296	10	15	–	–	–	–	–	–
13	350	12	21	–	–	305	72	269	–
14	387	15	12	–	–	390	–	–	–
15	98	6	6	–	–	–	–	–	–
16	–	5	7	–	–	–	–	–	–

## Sondagem 11

Provocada pela implantação da tubagem de gás, a intervenção nesta Sondagem efectuou-se entre os dias 25 de Março e 1 de Abril. Estava localizada no lado Este do leito da rua, imediatamente a Sul da Sondagem 8 (TRINDADE e DIOGO, 2001, no prelo a) e separada a Este das Sondagens 2 e 2a pelo lancil do passeio (TRINDADE e DIOGO, 2001, p. 189-191), com origem à distância de 1,23 m. das fachadas dos edifícios. A Sondagem tinha a largura de 50 cm, o comprimento de 5,50 m e atingiu a profundidade máxima de 1,23 m.

No que respeita a estruturas pré-pombalinas, para além de termos encontrado um fragmento de soleira calcárea deslocada, sem quaisquer vestígios do local onde estaria aplicada, pudemos registar, sensivelmente a meio da Sondagem, um troço de empedrado à profundidade média de 90 cm face ao leito da rua dos Correeiros, pertencente a um pavimento já anteriormente encontrado nas Sondagens 2 e 2a. A Sul deste pavimento registámos vestígios de dois esgotos pós-pombalinos também já conhecidos na Sondagem 2 a. Do primeiro, que tinha a orientação E/O, apenas aqui foi visível a argamassa de cimentação das tampas à profundidade de cerca de 75 cm. A Sul deste, o segundo esgoto tinha já perdido as tampas neste troço. Também com as tampas em lajes calcárias argamassadas, como se observa na Sondagem 2a, tinha os muretes das paredes e a soleira construídos com tijolos argamassados. A Este apresentava a direcção de ENE/OSO, inflectindo depois para Oeste. A soleira deste esgoto encontrava-se à profundidade de c. 87 cm e tinha a largura média de 14 cm.

Todas as camadas estratigráficas registadas nesta Sondagem são de formação posterior ao terramoto de 1755. As última camada, de argamassas, poderá ter sido formada pela demolição dos edifícios pré-pombalinos:

Tapete de alcatrão do pavimento da rua dos Correeiros.

Paralelepípedos do anterior pavimento da rua, sob a camada de alcatrão.

Bolsas de betão, sob o alcatrão, nas zonas sem paralelepípedos.

1 – Camada de saibro amarelado para implantação dos paralelepípedos.

2 – Camada de terra cinzenta pouco compacta.

2 a – Camada de preenchimento de uma vala, de entulhos modernos com muitas pedras, cerâmicas de construção e argamassas.

- 3 – Camada de terra cinzento-clara, solta, com argamassas.
- 4 – Camada de terra castanho-escura, pouco compacta, apenas conservada sobre o empedrado pré-pombalino e sobre a Camada 5.
- 5 – Camada não integralmente escavada, de argamassas amareladas compactas, apenas existente a Norte da Sondagem, possivelmente sobre o empedrado pré-pombalino.

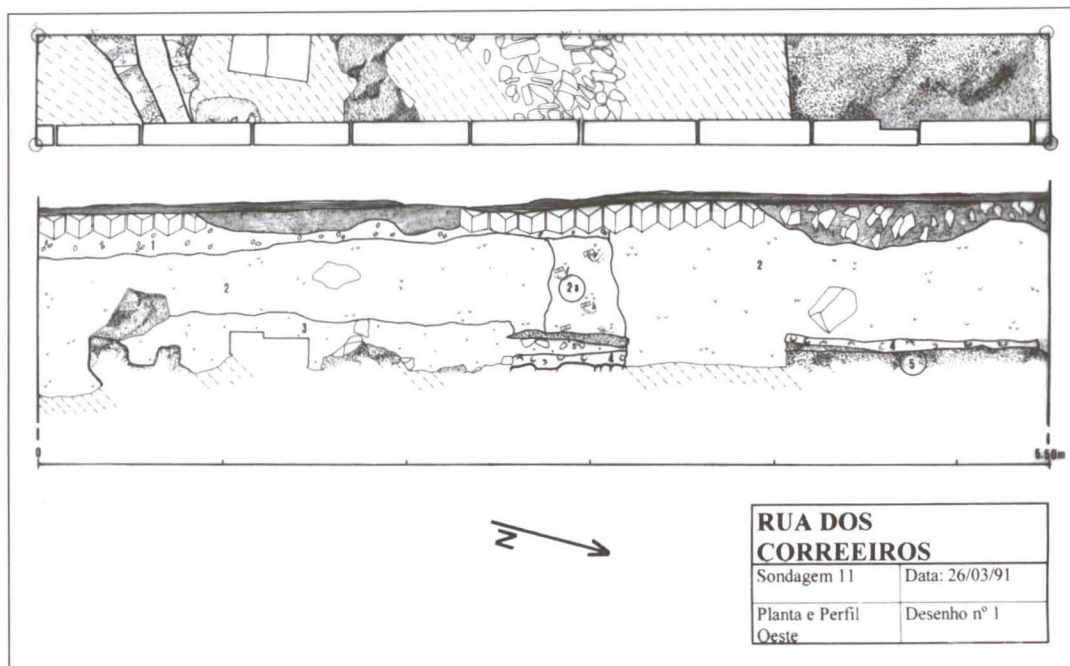


Fig. 10.  
Planta e perfil Oeste da Sondagem 11

### Sondagem 26

Provocada pela implantação da conduta da EPAL, a intervenção nesta Sondagem decorreu durante o dia 9 de Maio. Estava localizada no passeio do lado Oeste da rua, coincidindo o seu perfil Este com o lancil do passeio e estando o perfil Sul distanciado 12, 70 m da esquina SO do quarto quarteirão da rua dos Correeiros, no seu cruzamento com a rua de São Nicolau. Encontrava-se em frente dos prédios com os n.ºs 57 e 55. Com a largura de 50 cm, tinha o comprimento de 2,20 m e atingiu a profundidade de 1,04 m.

Sensivelmente a meio da Sondagem registámos um esgoto pós-pombalino com a tampa à profundidade de 95 cm. O esgoto, já desactivado, de serventia do prédio situado a Oeste, tinha a direcção OSO/ENE e era de secção quadrangular, construído com lajes calcárias assentes em argamassa no fundo e nos lados. Internamente tinha a largura média de 32 cm e a altura de 35 cm.

No que diz respeito a estruturas pré-pombalinas apenas aqui encontramos, junto ao perfil Sul, vestígios de um muro com a mesma orientação do esgoto acima referido. Construído numa alvenaria de pequenas pedras argamassadas, tinha o seu topo conservado à profundidade média de 42 cm, sendo a sua largura média de 63 cm.

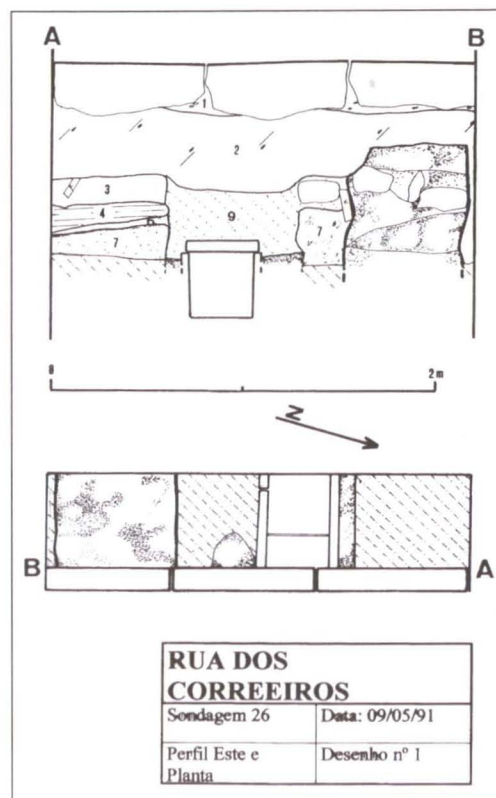


Fig. 11. Perfil Este e planta da Sondagem 26

Todas as camadas estratigráficas registadas nesta Sondagem são de aterros, ou revolvimentos, posteriores ao terramoto de 1755:

- 1 – Camada de areão amarelado de assentamento do lancil e do passeio.
- 2 – Camada de terra castanho-escura, heterogénea e pouco compacta.
- 3 – Camada de argamassas brancas com tijolos muito partidos, violada pela construção ou posterior abertura do esgoto.
- 4 – Camada de terra castanho-acinzentada, solta, com carvões abundantes. Violada pela construção ou posterior abertura do esgoto.
- 5 – Camada de argamassas semelhante à Camada 3 e existente a Nordeste do esgoto. Violada pela construção ou posterior reabertura do esgoto.
- 6 – Camada de cinzas, com cerca de 3 cm de espessura. Violada pela construção ou posterior abertura do esgoto.
- 7 – Camada de terra castanho-avermelhada, com abundantes fragmentos de cerâmica de construção. Violada pela construção ou posterior abertura do esgoto.
- 8 – Bolsa de terra castanha-escura, existente a Sudoeste da Sondagem.
- 9 – Camada de terra acastanhada, medianamente compacta, existente sobre a tampa do esgoto e correspondente ao enchimento da sua vala de construção ou posterior reabertura.

### Sondagem 27

Provocada pela implantação da conduta da EPAL, a intervenção nesta Sondagem decorreu entre os dias 24 e 27 de Abril. Estava localizada no passeio do lado Oeste da rua, coincidindo o perfil Norte da vala com a esquina NO do quinto e último quarteirão da rua dos Correios (frente ao prédio n.º 47), no cruzamento com a rua de São Nicolau e o seu perfil Este com o lancil do passeio. Com a largura de 55 cm, tinha o comprimento de 6 m e atingiu a profundidade de 1,20 m.

A única estrutura arqueológica aqui encontrada estava localizada junto ao perfil Norte da Sondagem. Tratava-se dos vestígios de um muro pré-pombalino em alvenaria de pedras e fragmentos de tijolos arga-

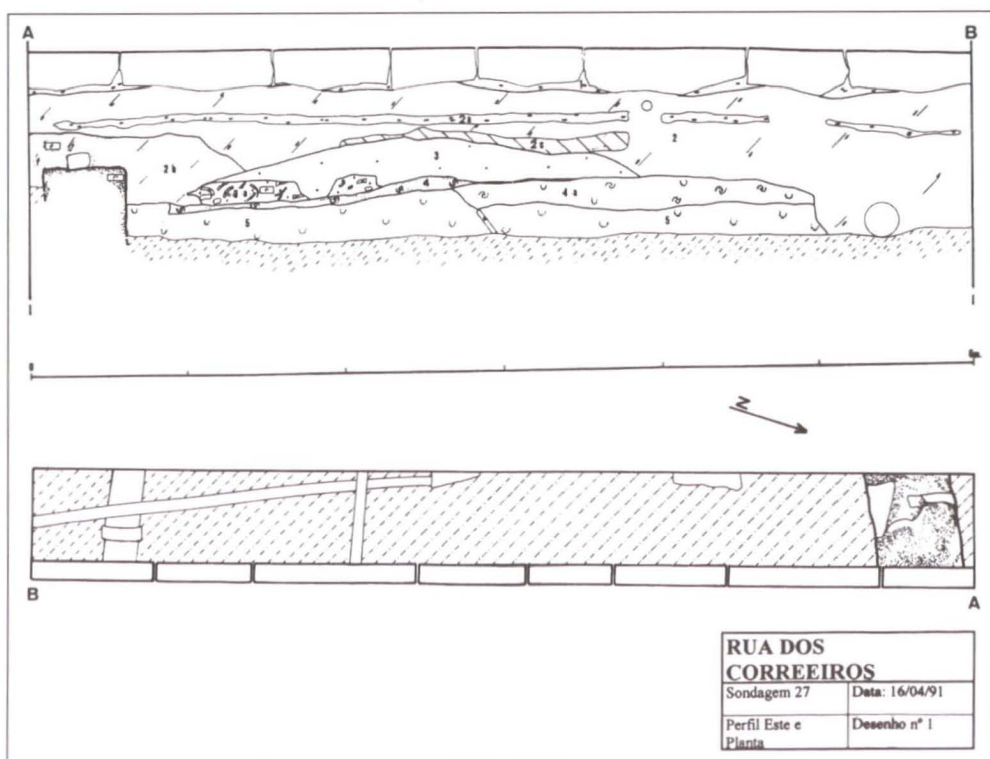


Fig. 12.  
Planta e perfil Este da Sondagem 27

massados, de 54 cm de largura média. Tinha a orientação de OSO/ENE e o seu topo estava à profundidade de 75 cm.

Com a excepção da 5.<sup>a</sup>, todas as camadas registadas nesta Sondagem eram de aterros, ou revolvimentos, de depósito posterior ao terramoto de 1755. A última camada apresentava um largo conjunto de materiais coerentes, com datação *ante quem* dos terramotos de 1531, pelo que a sua formação poderá estar ligada a essas catástrofes e localizar-se sob um pavimento, de utilização contemporânea do terramoto de 1755 destruído antes da nossa intervenção:

- 1 – Camada de areão amarelado de assentamento do lancil e do passeio.
- 2 – Camada de terra castanho-escura, heterogénea e pouco compacta, com intromissões de areão amarelado.
- 2 a – Camada de areão amarelado de envolvimento dos cabos eléctricos.
- 2 b – Camada muito semelhante à 2, mas de terra mais avermelhada. Envolve o topo do muro pré-pombalino.
- 2 c – Camada de terra fina e negra.
- 3 – Camada de argamassas brancas.
- 3 a – Bolsas de argamassas brancas com grande concentração de fragmentos de telhas amareladas e de tijolos.
- 4 – Camada negra, de terra argilosa com abundantes cinzas.
- 4 a – Camada de terra argilosa, acastanhada.
- 5 – Camada de terra castanho-escura, com abundantes fragmentos de cascas de ostras e materiais cerâmicos.

#### Quadro quantitativo e percentual dos vasos em barro vermelho da camada 5

Formas/ Tipos	#	%
Panelas	35	57,6
T 1	16	27,1
T 2	18	30,5
Testos	7	11,9
T 1	5	8,5
T 2	2	3,4
Tachos	3	5,1
T 1	1	1,7
T 2	2	3,4
Alguidar	1	1,7
Bacia	1	1,7
Caçarola	1	1,7
Jarro	1	1,7
Púcaros	5	8,5
Lamparina	1	1,7
Talhas	2	3,4
Taças	3	5,1
TOTAL	59	100

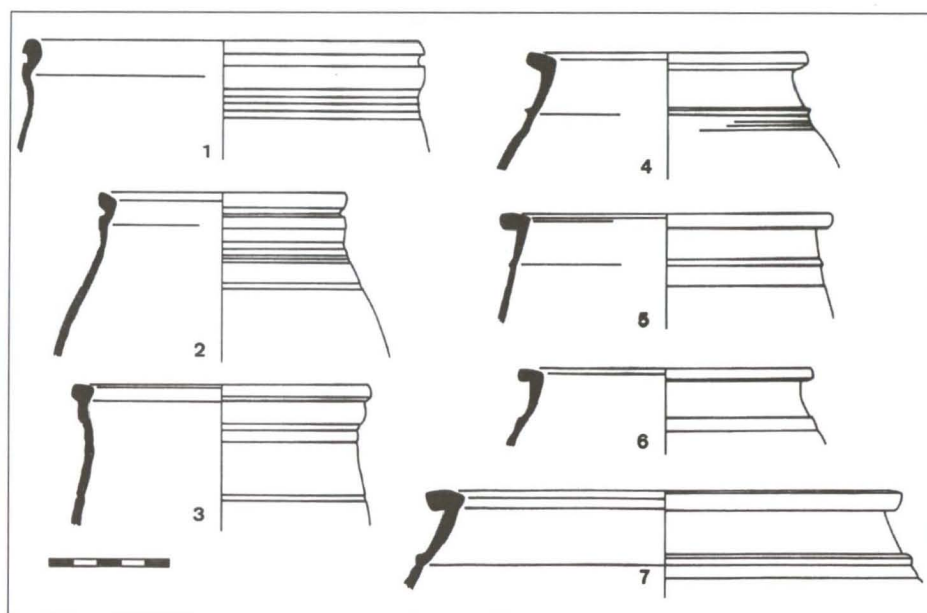


Fig. 13.  
Cerâmicas  
da Sondagem 27,  
Camada 5

### Catálogo

- 1 – Fragmento de boca, colo e bojo de panela.  
Lábio boleado, externamente sublinhado por um chanfro largo e profundo. Colo curto, saliente e convexo. Ombros descaídos e canelados.  
Pasta alaranjada. Superfície externa revestida com engobe rosado, manchada pela utilização ao fogo.
- 2 – Fragmento de boca, colo e bojo de panela.  
Lábio em pequena aba espessa e alçada, externamente sublinhado por um chanfro largo e profundo. Colo curto, saliente e convexo. Ombros descaídos e canelados.  
Pasta alaranjada. Superfície externa manchada, com vestígios de engobe rosado.
- 3 – Fragmento de boca, colo e bojo de panela.  
Lábio em pequena aba espessa e ligeiramente alçada. Colo curto, saliente e convexo. Ombros muito descaídos e canelados.  
Pasta laranja-acinzentada pela cozedura. Superfícies revestidas com engobe rosado e vestígios de utilização ao fogo na externa.
- 4 – Fragmento de boca, colo e bojo de panela.  
Lábio em aba alçada. Colo troncocônico e introvertido diferenciado do bojo por um filete. Ombros descaídos com caneluras irregulares.  
Pasta laranja-rosada. Superfície externa revestida com engobe rosado.
- 5 – Fragmento de boca, colo e bojo de panela.  
Lábio em aba convexa. Colo troncocônico e introvertido diferenciado do bojo por um filete. Ombros muito descaídos, decorados com uma canelura.  
Pasta alaranjada. Superfície externa revestida com engobe rosado, queimada pela utilização ao fogo.
- 6 – Fragmento de boca, colo e bojo de panela.  
Lábio em aba convexa e ligeiramente pendente. Colo introvertido, ligeiramente côncavo dife-

renciado do bojo por uma banda saliente. Ombros descaídos.  
Pasta rosa-alaranjada. Superfícies acinzentadas.

7 – Fragmento de boca e colo de panela.

Lábio em aba convexa e pendente. Colo troncocónico e introvertido diferenciado do bojo por uma banda convexa originada num filete.

Pasta rosa-alaranjada com largo cerne acinzentado. Superfície externa coberta com engobe rosa-do manchado.

8 – Fragmento de boca, parede e fundo de tacho.

Boca composta por um lábio alto, boleado e introvertido e por um pequeno estribo externo alçado e boleado, sublinhado por uma canelura. Parede extrovertida e troncocónica. Fundo largo e convexo formando um ressalto angular na ligação com a parede.

9 – Fragmento de boca e parede de tacho.

Boca composta por um estribo externo alçado e um lábio alto, boleado e muito introvertido. Parede troncocónica e extrovertida canelada na face externa.

Pasta alaranjada com largo cerne cinzento-escuro. Superfícies rosa-alaranjadas.

10 – Fragmento de boca e parede de pequeno alguidar.

Lábio em aba larga, convexa e pendente. Parede troncocónica e extrovertida, com um ressalto junto à sobeira do lábio.

Pasta rosa-alaranjada com um largo cerne de tonalidades acinzentadas. Superfícies revestidas com engobe espesso e rosado, apresentando a interna vestígios de brunido.

11 – Fragmento de boca e parede de bacia?

Boca composta por uma aba larga e alçada terminando num lábio muito pendente. Parede extrovertida, com um ressalto junto à sobeira.

Pasta alaranjada, com cerne acinzentado. Superfícies revestidas com engobe rosado, apresentando a externa manchas de cozedura.

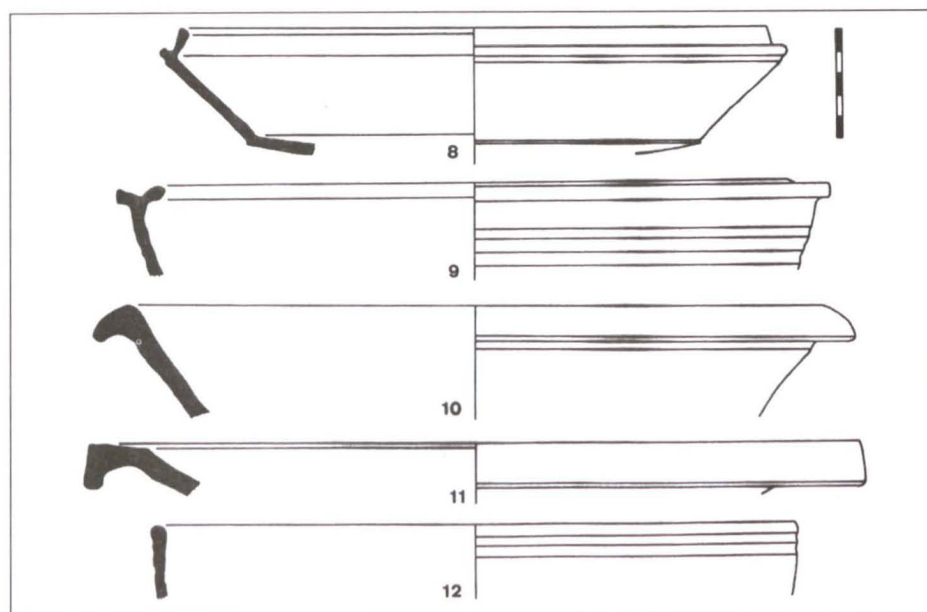


Fig. 14.  
Cerâmicas  
da Sondagem 27,  
Camada 5

12 – Fragmento de boca e parede de caçarola.

Lábio boleado externamente sublinhado por duas caneluras largas. Parede ligeiramente arqueada. Pasta laranja, acinzentada pela cozedura. Superfícies revestidas com engobe rosado, manchadas pela utilização ao fogo.

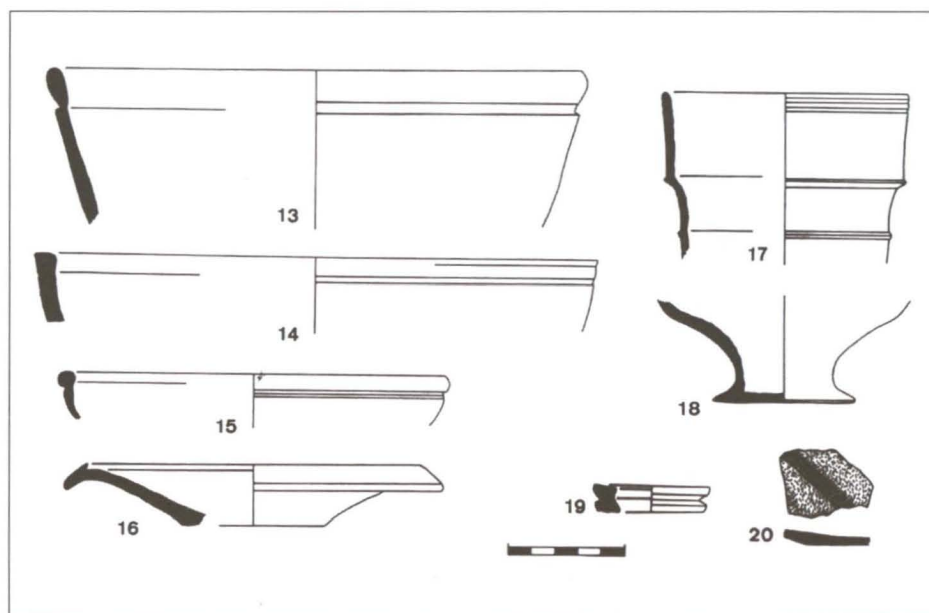


Fig. 15. Cerâmicas da Sondagem 27, Camada 5

13 – Fragmento de boca e parede de taça.

Lábio alto e ovalado sublinhado externamente por uma canelura profunda. Parede alta, ligeiramente arqueada e extrovertida.

Pasta laranja-acinzentada. Superfície externa revestida com engobe rosado, manchada pela utilização ao lume.

14 – Fragmento de boca e parede de taça.

Lábio ligeiramente ambivertido e formando no topo uma minúscula aba triangular, sublinhado por uma canelura. Parede arqueada.

Pasta alaranjada com largo cerne acinzentado. Superfícies revestidas com engobe rosado.

15 – Fragmento de boca e parede de taça.

Lábio perolado. Parede convexa.

Pasta enegrecida pela cozedura. Superfícies revestidas com engobe rosado.

16 – Fragmento de boca, parede e fundo de testo.

Lábio em aba larga e pendente com rebarba interna. Parede muito extrovertida.

Pasta alaranjada, com cerne acinzentado. Superfícies revestidas com engobe rosado, apresentando manchas de utilização ao fogo na inferior.

17 – Fragmento de boca e colo de jarro.

Lábio alto e biselado, com duas caneluras no topo e diferenciado do colo por um filete. Colo bicôncavo, bipartido por um filete.

Pasta alaranjada. Superfície interna laranja-manchada, superfície externa rosada.

18 – Fragmento de bojo e fundo de púcaro.

Fundo de pé alto, com a base em bolacha.

Pasta alaranjada. Superfície externa revestida com engobe rosado, manchada pela cozedura.

19 – Fragmento de anel de pega de caçarola.

Chapa circular perfurada, bilobada na face exterior.

Pasta alaranjada. superfícies revestidas com engobe rosado.

20 – Fragmento de parede e fundo de prato?

Parede extrovertida. Fundo liso.

Pasta rosa-avermelhada, compacta, dura e fina, com abundantes partículas de calcites.

Superfícies revestidas com vidrado castanho-avermelhado, mais espesso e homogéneo na interna que apresenta vestígios de decoração linear mais escura.

### Quadro das dimensões dos atributos das cerâmicas

Nº	Lábio			Colo		Bojo		Fundo		Altura total
	Diâm.	Altu.	Espe.	Diâm.	Altu.	Diâm.	Altu.	Diâm.	Altu.	
1	168	7	9	168	15	–	–	–	–	–
2	104	7	8	103	13	–	–	–	–	–
3	126	7	9	121	12	–	–	–	–	–
4	118	7	12	106	15	–	–	–	–	–
5	138	6	13	125	13	–	–	–	–	–
6	198	8	15	189	20	–	–	–	–	–
7	122	5	6	113	15	–	–	–	–	–
8	292	14	15	–	–	246	56	210	–	–
9	332	13	22	–	–	–	–	–	–	–
10	352	11	24	–	–	–	–	–	–	–
11	358	21	28	–	–	–	–	–	–	–
12	310	6	8	–	–	–	–	–	–	–
13	232	13	8	–	–	–	–	–	–	–
14	242	8	10	–	–	–	–	–	–	–
15	168	7	8	–	–	163	–	–	–	–
16	162	12	14	–	–	100	46	62	1	26
17	106	40	5	–	–	–	–	–	–	–
18	–	–	–	–	–	–	–	62	5	–
19	–	–	–	–	–	50	–	–	–	11
20	–	–	–	–	–	–	–	–	min.	–

BIBLIOGRAFIA

- DIOGO, A. M. Dias; TRINDADE, Laura, 1995 a – Cerâmicas de Lisboa provenientes de contextos datados. Materiais de uma lareira de cozinha destruída pelo terramoto de 1755. In *Actas das I Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela. Câmara Municipal de Tondela, p. 163-170.
- DIOGO, A. M. Dias; TRINDADE, Laura, 1995 b – Duas intervenções arqueológicas em Lisboa (Rua da Madalena e Rua do Ouro). *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*. Lisboa. 2, p. 63-74.
- DIOGO, A. M. Dias; TRINDADE, Laura, 1998 – Intervenção arqueológica na Rua João do Outeiro, n.ºs 36/44, na Mouraria, em Lisboa. In *Actas das II Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: Câmara Municipal, p. 257-265.
- DIOGO, A. M. Dias; TRINDADE, Laura, 2000 a – Intervenção arqueológica na Rua de São Nicolau, n.ºs 107/111 (Lisboa). *Arqueologia e História*. Lisboa. 52, p. 231-253.
- DIOGO, A. M. Dias; TRINDADE, Laura, 2000 b – Cerâmicas de barro vermelho, encontradas em entulhos do terramoto de 1531, na intervenção arqueológica da Rua dos Correios, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:2, p. 201-235.
- DIOGO, A. M. Dias, TRINDADE, Laura, no prelo – Um estudo sobre a modelação e tipificação dos vasos cerâmicos. *Olaria. Estudos Arqueológicos, Históricos e Etnográficos*. Barcelos. C. Municipal. 2.ª Série. 3.
- DIOGO, A. M. Dias; VITAL, Nestor Fatia, 2000 – Notas sobre as moedas provenientes das escavações do Gabinete Técnico do Teatro Romano de Lisboa. *Arqueologia e História*. Lisboa. 52, p. 155-164.
- GASPAR, Alexandra; AMARO, Clementino, 1997 – Cerâmicas dos séculos XIII-XV da cidade de Lisboa. In *La Céramique Médiéval en Méditerranée. Actes du VI<sup>e</sup> Congrès*. Aix-en-Provence, p. 337-345.
- TRINDADE, Laura; DIOGO, A. M. Dias, 2001 – Intervenção arqueológica de emergência na Rua dos Correios, em Lisboa. As Sondagens n.ºs 2, 6, 7, 9 e 10. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:1, p. 187-204.
- TRINDADE, Laura; DIOGO, A. M. Dias, no prelo a – Estudo das Sondagens n.ºs 4 e 8 da intervenção arqueológica na Rua dos Correios, Baixa de Lisboa. *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*. Lisboa. 4.
- TRINDADE, Laura; DIOGO, A. M. Dias, no prelo b – Cerâmicas de barro vermelho de entulhos do terramoto de 1755 provenientes da Sondagem 14 da Rua dos Correios, em Lisboa. In *Actas das III Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela. C. M. de Tondela.

## **As Portas da Cerca de Lisboa no período islâmico**

### **Estudo e reconstituição textual da notícia sobre as portas de Lisboa, a partir dos geógrafos árabes**

ANTÓNIO REI

#### **I – Introdução**

É nosso objectivo abordar as Portas da Cerca de Lisboa no período islâmico, a partir das notícias dadas pelos geógrafos muçulmanos.

Partindo das informações desses geógrafos, confrontá-las-emos com o que os estudos arqueológicos e filológicos nos legaram sobre as portas e/ou áreas circunvizinhas, até ao momento presente.

Tentaremos ainda, identificar a cadeia de transmissão da notícia, e, por último, reconstituir a notícia original.

#### **I . 1 – Ponto de situação**

O primeiro estudo em que são incluídas e estudadas as Portas, já tem mais de um século, pois foi em 1899, que Augusto Vieira da Silva, na primeira edição da sua “Cêrca Moura”, buscou a localização topográfica das mesmas. Mais tarde, na “Cêrca Moura de Lisboa e o Esteiro do Rio Tejo” (1939a), e na 2ª edição (1939b), voltou a reproduzir essas informações, se bem que actualizadas com os resultados de algumas escavações levadas a efeito na zona das ruas das Canastras e Bacalhoeiros. As informações que Vieira da Silva nos legou são essencialmente de cariz arqueológico, e a sua importância é ainda de tal ordem, que se podem ainda hoje considerar inultrapassadas.

Na área da filologia, David Lopes, em 1940 publicou um estudo em que comenta o *Rawd al-mi'târ*, de al-Himyarî, entretanto editado e traduzido por E.Lévi-Provençal, em 1938. Este trabalho aparecerá, repetido, mais tarde, nas colectâneas: *Páginas Orlisiponenses (PO)* (1968), pp. 67-75, e nos *Nomes Árabes de Terras Portuguesas (NATP)* (1968), pp.187-189. Nesse trabalho foi, pela primeira vez, divulgado, em Portugal, um texto árabe com uma notícia sobre as portas de Lisboa. Mas David Lopes não se limitou apenas à tradução do texto, tendo buscado também a contextualização espacial das informações, cotejando-as com as pesquisas de Vieira da Silva.

José Domingos Garcia Domingues, arabista e discípulo de David Lopes, também divulgou, mais tarde, textos árabes com informações sobre este mesmo objecto.

Mas enquanto n’“O Garb Extremo do Ândalus e «Bortuqal» nos historiadores e geógrafos árabes” (1960), faz um ponto de situação do que era conhecido desde David Lopes, sobre al-Himyarî, em “Aspectos Geográficos da Lisboa Muçulmana”, (1967), já não repete este último autor, fornecendo apenas informações inéditas a partir de traduções suas de recente data (estes dois trabalhos podem encontrar-se hoje na colectânea póstuma *Portugal e o al-Andalus*, Lisboa, Hugin, 1997, respectivamente, pp. 79-116 e pp. 117-130).

Garcia Domingues já dispunha em 1967 de mais informações do que antes tivera o seu mestre, pois entretanto pudera traduzir: al-Qazwîni, que traz uma passagem de al-‘Udhri; e também Ibn al-Shabbât, que reproduz al-Bakrî, todos falando das portas de Lisboa. Garcia Domingues, refere a importância da notícia

deste último autor, pois revela a fonte de al-Himyarî. É no mínimo curioso, que ninguém, nem mesmo o próprio Garcia Domingues, tenha pegado nesta tradução da notícia de Ibn al-Shabbât, e tivesse tentado estabelecer uma comparação, mínima que fosse, com a notícia de al-Himyarî, pois apresentam algumas diferenças de importância. Esta não-confrontação textual acabou fazendo história, como veremos mais adiante, no caso das termas de Alfama.

Enquanto arabista, o seu contributo deu-se precisamente ao nível das traduções das várias notícias, não se ocupando a confirmar localizações no espaço.

António Borges Coelho na sua antologia *Portugal na Espanha Árabe (PEA)* (1.ª ed., 4 vols., Lisboa, Seara Nova, 1972-75; 2.ª ed., 2 vols., Lisboa, Caminho, 1989) inclui a notícia das portas, a partir de E.Lévi-Provençal<sup>1</sup>, embora sem acrescentar nada.

Christophe Picard, no capítulo “Lisbonne – Al-Ushbûna” (pp. 208-218), que figura na *Histoire du Portugal et de l’Espagne Occidentale a l’Époque Musulmane (début VIII<sup>ème</sup>-milieu XIII<sup>ème</sup> siècle)* (1991) – sua Tese de Doutoramento –, também trata das Portas de Lisboa. Metodologicamente, tentou novamente uma articulação das informações das fontes árabes com as das intervenções arqueológicas. Usou na sua bibliografia obras de Vieira da Silva e David Lopes, mas equivocou-se nas localizações de algumas das portas.

No momento presente, haverá sem dúvida que ter em conta obras que nos actualizem as informações, no relativo à arqueologia urbana de Lisboa, principalmente as que tragam dados sobre esta zona da cidade. Por exemplo, Jorge de Alarcão, no seu *Roman Portugal*, (1988); Clementino Amaro e José Luís de Matos, “Trabalhos Arqueológicos no Claustro da Sé de Lisboa – Notícia preliminar” (1996); e Clementino Amaro, na síntese, “Arqueologia Islâmica em Lisboa – um percurso possível” (1998), sem tratarem as Portas directamente, dão-nos informações que nos permitem com mais segurança confirmar a localização das mesmas.

Assim, e como conclusão provisória, teremos que, a partir dos textos árabes traduzidos, se conhecem cinco portas à Lisboa islâmica, apesar de Ibn al-Shabbât e al-Himyarî atribuírem um nome diferente à porta que apresentam em quinto lugar. Garcia Domingues apresentou esta diferença como tratando-se de uma possível variante nos dois textos<sup>2</sup>.

## I . 2 – As Portas de Lisboa nos geógrafos árabes

Neste momento sabemos que os geógrafos que trataram e descreveram as Portas da Cerca de Lisboa, durante o período islâmico, foram, por ordem cronológica, al-‘Udhri [UD]<sup>3</sup> e al-Bakrî [BK]<sup>4</sup>, ambos do século XI, e que apenas conhecemos por referências de autores posteriores.

No século XIII encontramos uma passagem relativa a uma porta em al-Qazwîni [QZ]<sup>5</sup>. Em Ibn al-Shabbât [SB]<sup>6</sup>, e em al-Himyarî [HM]<sup>7</sup>, encontramos notícias extensas, em que são descritas cinco portas. Como já foi dito atrás, HM fora traduzido por David Lopes, e QZ e SB foram-no por Garcia Domingues.

Uma notícia inédita, e com uma extensão similar às de SB e HM surge-nos na obra anónima dos séculos XIV-XV, *Dhikr bilâd al-Andalus* [DK]<sup>8</sup>.

Esta última obra foi traduzida e editada, na década de 80, por Luis Molina, em Espanha. Tratou-se de uma contribuição de muita importância, no relativo às portas de Lisboa, pois trouxe-nos informações que vêm lançar ou relançar questões, mas que, por outro lado, contribui para o esclarecimento dessas mesmas questões.

Apesar de publicada em 1983, Christophe Picard não chegou a usá-la na sua Tese.

Os dois primeiros autores, do século XI, eram andalusis. O terceiro era persa. Os quarto, quinto e o compilador da obra anónima, eram todos do Magrebe.

Terá sido UD o que primeiro deu esta notícia, pois não se conhece nenhuma referência a esta notícia anterior a UD. QZ refere-o explicitamente como fonte, ao recolher a passagem relativa apenas a uma das portas de Lisboa, a Porta de Alfama. O facto de junto a ela se encontrarem as fontes termas naturais, terá feito com que QZ a tivesse preferido às demais, pois é conhecido o interesse deste autor pelos ‘ajâ’ib (as coisas extraordinárias)<sup>9</sup>; o facto do próprio QZ dizer “ numa das portas de Lisboa”, sugere que teria conhecimento da existência de outras portas em Lisboa.

O DK, segundo Luis Molina, é devedor a UD<sup>10</sup>. Pela confrontação da notícia de DK com a de QZ, e apesar desta última ser muito curta, ainda assim se detectam parentescos entre ambas, que, curiosamente, não conseguimos estabelecer com SB e HM. Pelo que se pode confirmar, nesta notícia a origem em UD.

BK, discípulo de UD, poderá ter recebido a notícia em causa directamente do seu mestre. Foi, por sua vez a fonte de SB e de HM, embora talvez a partir de cópias diferentes.

As diferenças entre os textos dos três autores com as notícias mais extensas, são:

Autores/Obras	Fontes referidas	Portas	N.º de portas
SB	BK	5.ª – Porta do Estreito	(Apresenta 5 portas)
HM	(BK)	5.ª – Porta do Cemitério	(Apresenta 5 portas)
DK	(UD)	5.ª – Porta do Estreito	Lisboa tem 6 portas

Que questões se lançam agora:

- Quantas portas teria Lisboa no período islâmico? Cinco ou seis?
- “*Masniq*” (G. Domingues) ou *Madîq*, serão más leituras de *Maqbara*, ou vice-versa?

Em caso afirmativo, Lisboa teria cinco portas, e as divergências de denominação, seriam apenas más leituras de uma mesma palavra. Mas se entender que não é esse o caso, então:

- É possível identificar seis portas na “cerca moura”?
- Quais seriam e onde ficariam as: Porta do Estreito e Porta do Cemitério?

É a estas questões que vamos tentar responder seguidamente. Começaremos por apresentar, em sinopse, as várias informações/notícias sobre as portas de Lisboa no período islâmico, e, seguidamente, tentaremos identificá-las, localizando-as no espaço.

## II – Quadro Sinóptico da Notícia sobre as Portas de Lisboa

Autor	Fonte da notícia	Notícia
al-‘Udhri (séc. XI)	<i>apud</i> al-Qazwîni	Numa das portas de Lisboa, conhecida por Porta das Termas, há umas termas perto do mar [onde] corre água quente e água fria . Quando a maré sobe, oculta-a.
al-Bakrî (séc. XI)	<i>apud</i> Ibn al-Shabbât	A sua porta ocidental é sobrepujada por arcadas assentes sobre colunas de mármore, que estão fixas em pedras também de mármore. Tem também outra porta ocidental, conhecida como Porta do Postigo, abrindo sobre um vasto almagem, atravessada por dois arroios de água que se lançam no mar. Tem uma porta meridional que é chamada Porta do Mar, por onde entram as ondas quando da subida da maré, subindo nas suas muralhas três pés. E uma porta também oriental conhecida por Porta das Termas. As termas, próximas da porta e do mar, têm duas águas: água quente e água fria. Quando a maré enche, encobre-as. E uma outra porta também oriental conhecida como Porta do Estreito.
al-Qazwîni (séc. XIII)	Athâr al-bilâd	Disse Ahmad ibn ‘Umar al-‘Udri, autor do [livro] «al-mamâlik wa-l-massâlik al-andalusiyya»: “Numa das portas de Lisboa, conhecida por Porta das Termas há umas termas perto do mar [onde] corre água quente e água fria. Quando a maré sobe, oculta-a”.
Ibn al-Shabbât (séc. XIII)	<i>Silat al-simt</i>	Disse al-Bakri, que Deus tenha misericórdia dele: [...] A sua porta ocidental é sobrepujada por arcadas assentes sobre colunas de mármore, que estão fixas em pedras também de mármore. Tem também outra porta ocidental, conhecida como Porta do Postigo, abrindo sobre um vasto almagem, atravessada por dois arroios de água que se lançam no mar. Tem uma porta meridional que é chamada Porta do Mar, por onde entram as ondas quando da subida da maré, subindo nas suas muralhas três pés. E uma porta também oriental conhecida por Porta das Termas. As termas, próximas da porta e do mar, têm duas águas: água quente e água fria. Quando a maré enche, encobre-as. E uma outra porta também oriental conhecida como Porta do Estreito.

## Continuação

Autor	Fonte da notícia	Notícia
al-Himyarî (séc.XIII ?)	<i>Rawd al-mi'târ</i>	A sua porta ocidental é sobrepujada por arcadas sobrepostas, que assentam sobre colunas de mármore, elas mesmas fixas em bases de mármore. É a maior das suas portas. Lisboa tem uma outra porta que se abre a Oeste: chamam-na Porta do Postigo; domina um vasto espaço que é atravessado por dois arroios que se lançam no mar. No sul, encontra-se outra porta, a Porta do Mar, na qual penetram as ondas, ao subir e descer da maré, subindo nas muralhas a uma altura de três braças. A leste, a chamada Porta das Termas. As termas, próximas da porta e do mar, têm duas águas: água quente e água fria. Quando a maré enche, encobre-as. E uma outra porta oriental, conhecida como Porta do Cemitério.
Anónimo (séc. XIV- XV)	<i>Dhikr Bilâd al-Andalus</i>	Tem seis portas, dispostas numa ordem curiosa. Entre elas, a Porta Grande, que é ocidental, e onde há arcadas sobrepostas assentes sobre colunas de mármore, as quais estão cravadas em mármore branco. Outra porta, também a oeste, conhecida como Porta do Postigo, que se abre para um extenso e verde almargem, onde, no meio do qual, dois arroios o cruzam até se lançarem no mar. A porta meridional é a chamada Porta do Mar, por onde entram as ondas, que sobem nas suas muralhas cerca de três braças. Uma delas, oriental, é conhecida como Porta das Termas, estando as termas próximas dela. Nelas correm duas águas: uma água quente e uma água fria, as quais estão perto do mar; quando [o mar] enche, encobre-as, e quando baixa, descobre-as. Outra porta, também oriental, é a chamada Porta do Estreito.

## III – As Portas de Lisboa

## III . 1– Estudo identificativo

A Lisboa islâmica, *al-Ushbûna* ou *Lushbûna*, tinha seis portas<sup>11</sup>, sabe-se hoje, através de uma fonte árabe. Informação que a *De Expugnatione Lyxbonensi*<sup>12</sup> parece confirmar .

Os textos árabes referem apenas as portas da cidade ou madina para o exterior, sem referirem qualquer abertura a norte, que desse passagem para a alcáçova<sup>13</sup>.

Embora os lanços de muralhas onde elas estavam incrustadas sejam referidos no sentido oeste-sul-leste, a sequência por que são apresentadas as várias portas, põe a hipótese de que tenha sido a importância das mesmas o principal critério que terá presidido à sua ordenação.

Sigamos pois a ordem que nos legaram os autores muçulmanos.

1) *Al-Bâb al-Kabîr / al-Gharbî = Porta Grande / Ocidental > Férrea ou do Ferro*

A primeira é a Porta Ocidental ou Porta Grande<sup>14</sup>. Abre a ocidente, e é “a maior de todas as suas portas”<sup>15</sup>.

Situar-se-ia no actual Largo de St.º António da Sé, entre as Igrejas de St.º António e da Madalena<sup>16</sup>.

As suas avantajadas estruturas, e a sua citação em primeiro lugar em todos os textos, coloca-nos em frente da que seria a mais importante porta de Lisboa, naquele período.

Um facto certamente importante, relativo a esta Porta, é o de que, tanto quanto se sabe até este momento, estas fontes medievais árabes são as únicas a trazer referências escritas acerca de estruturas arquitectónicas que terão pertencido ao *forum* da Olisipo romana, de que se conhece a existência através informações arqueológicas que o situam nessa área da cidade<sup>17</sup>.

As arcadas de mármore, ao serem identificadas enquanto tal, e o facto de ser dito que estavam ainda assentes em bases também de mármore, faz-nos supor que a muralha poderia ter eventualmente sido construída aproveitando e integrando arcadas completas de um dos lados do *forum*. Seriam, portanto, pelo menos uma parte das muralhas tardo-romanas ou germânicas de Lisboa, ainda em uso no período islâmico.

Trata-se da depois denominada Porta do Ferro, ou Porta Férrea. Esta denominação dever-se-ia ao uso de chapas de ferro que evitavam que a porta fosse incendiada pelos inimigos durante os ataques<sup>18</sup>.

2) *Bâb al-Khawkha = Porta do Postigo > da Alfafa*

A Porta do Postigo era a segunda na relação. Permaneceu conhecida, pelo menos até à segunda metade do século XVI<sup>19</sup>, como Porta da Alfafa<sup>20</sup> Ibid., p. 10<sup>21</sup>.

Situar-se-ia onde as Escadinhas de S. Crispim entroncam na Rua da Costa do Castelo<sup>22</sup>, abrindo sobre a zona dos actuais Rossio e Praça da Figueira, espaço que era uma vasta pradaria ou almargem, atravessada por dois arroios de água<sup>23</sup>.

Pela sua topografia, esta era a porta que daria acesso ao arrabalde moçárabe de Alcamim, que se situava a noroeste da cidade, e a leste da alcáçova<sup>24</sup>.

3) *Bâb al-Bahr = Porta do Mar*

Do lado do meridiano abria-se a Porta do Mar. Estava tão próxima da água, que, quando a maré subia, as ondas entravam por ela, e subiam pelas muralhas<sup>25</sup>. O “Arco das Portas do Mar”, que ainda hoje se encontra abrindo para o Campo das Cebolas será o que resta dessa Porta.

Vieira da Silva e David Lopes hesitam na localização desta porta, entre o Arco das Portas do Mar e o Arco Escuro<sup>26</sup>. Nós optamos pelo primeiro, pois encontra-se mais próximo da borda d’água; ou seja, pela sua localização, seria a porta (a única referida pelos autores árabes) a ser molhada na enchente da maré<sup>27</sup>.

4) *Bâb al-Hamma = Porta das Termas > de Alfama*

Tinha uma porta oriental conhecida por Porta das Termas, ou Porta de Alfama<sup>28</sup>. As termas, já antes conhecidas e usadas pelos romanos<sup>29</sup>, situavam-se próximas da porta e do mar, e tinham nascentes<sup>30</sup> naturais de água quente e de água fria; a preia-mar encobria as nascentes. Situar-se-ia esta porta algures a meio da actual Rua de S. João da Praça<sup>31</sup>.

5) *Bâb al Madîq = Porta do Estreito > do Furadoiro*

Uma outra abertura, (“também oriental”, segundo os autores árabes), a do Estreito. Estaria na realidade, não a leste mas a sudeste, embora situada num pequeno lanço da muralha que inflete para leste. Este antigo acesso da Cerca Moura nos séculos XIV e XV chamava-se “furadoiro” ou “Porta do Furadoiro”<sup>32</sup>.

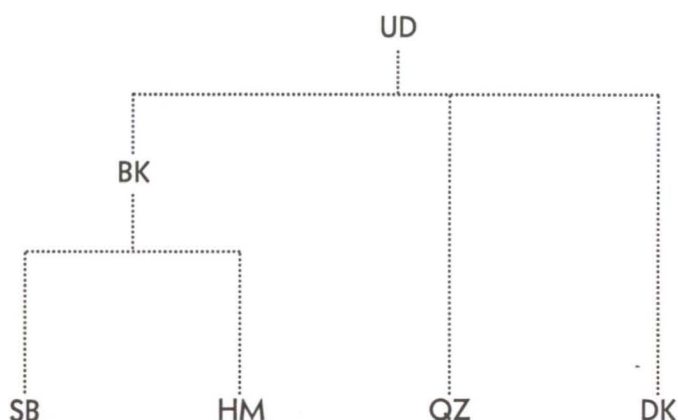
*Estreito e furadoiro*, têm semelhanças semânticas, relacionadas precisamente com “passagem apertada”. O significado inicial ter-se-á assim mantido, embora expresso sob forma diferente. Faria o acesso da actual Rua de S. João da Praça para a praia que tinha o mesmo nome: “do Furadoiro”<sup>33</sup>, e que ficava, com o Cais de Santarém, logo a leste<sup>34</sup>.

6) *Bâb al-Maqbara = Porta do Cemitério > do Sol*

E uma última, também oriental, conhecida como Porta do Cemitério. Será a actual Porta do Sol. Daria acesso a um ou a dois dos cemitérios islâmicos de Lisboa.

Um deles, a nordeste da cidade, situar-se-ia na encosta da Graça. Depois da conquista cristã, entre 1147 e 1496, continuou a ser utilizado como cemitério da Comuna dos Mouros de Lisboa<sup>35</sup>. O outro cemitério islâmico ficaria situado mais para leste, nas encostas que hoje levam a S. Vicente de Fora<sup>36</sup>. Junto a este último ainda existia o cemitério judaico<sup>37</sup>.

### III . 2– As Portas de Lisboa. Tentativa de reconstituição da cadeia de transmissão da notícia



#### *Reconstituição crítica da notícia*

NOTA PRÉVIA: O texto-base será o do DK, pois é a notícia mais extensa que depende directamente de UD. O DK terá a letra normal, os excertos de HM virão em *negrito itálico*; e as de SB em **negrito simples**.

#### *Notícia reconstituída*

Tem seis portas, dispostas numa ordem curiosa.

(A) A Porta Grande, que é ocidental, e onde há arcadas sobrepostas assentes sobre colunas de mármore, as quais estão cravadas em mármore branco. *É a maior das suas portas.*

Outra porta, também a oeste, conhecida como Porta do Postigo, que se abre para um extenso e verde almargem, onde, no meio do qual, dois arroyos o cruzam até se lançarem no mar.

A porta meridional é a chamada Porta do Mar, por onde entram as ondas, que sobem pelas suas muralhas cerca de três **pés** (B). Uma delas, oriental, é conhecida como Porta das Termas, estando as termas próximas dela *e do mar*. Nelas correm duas águas: uma água quente e uma água fria (C); quando [o mar] enche, encobre-as, e quando baixa, descobre-as.

Outra porta, também oriental, é a chamada Porta do Estreito.

*E uma outra porta oriental, conhecida como Porta do Cemitério.*

#### **Notas à reconstituição textual**

(A) “*Entre elas,*” – omitimos esta passagem, claramente de compromisso, entre um enunciado de seis portas, e uma descrição de apenas cinco, agora que podemos reconstituir a notícia com as seis.

(B) *braças* vs. *pés* – HM e DK apresentam para a medida da muralha que se molhava com a maré, *braças*, o que daria cerca de 6,5m de altura, o que nos parece muito. Esta medida, que nos parece exagerada, provavelmente excederia a altura da própria porta. Assim, corrigimo-la pela medida que SB apresenta, *pés*. Neste caso teríamos uma altura de cerca de 1m. O que parece mais consentâneo. Sobre medidas lineares islâmicas em al-Andalus, ver Joaquin Vallvé Bermejo, “Notas de metrologia hispano-árabe – El codo en la España musulmana”, *Al-Andalus* LXI (1976), pp. 339-354.

(C) “*as quais estão perto do mar*” – omite-se esta passagem porque se trata de uma paráfrase, que restituímos no início da frase, de acordo ao texto de QZ, embora usando a forma encontrada em HM, e também em SB. Introduzimos seguidamente [o mar], para identificar o sujeito que ficaria em falta, com a omissão da frase anterior.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Cf. 2.ª ed, vol.I, pp. 59-60. Não nos foi possível consultar a 1.ª ed.
- <sup>2</sup> J. D. Garcia Domingues, “Aspectos Geográficos da Lisboa Muçulmana”, p. 122, n. 20.
- <sup>3</sup> Sobre UD, ver F. Pons Boigues, *Ensayo*. 2ª ed., p. 158, n.º 120; E. Molina Lopez, “La Cora de Tudmir según al-Udhri”, *CHI* 4, Granada, 1972, pp. 7-10.
- <sup>4</sup> Sobre BK, ver E.Lévi-Provençal, “Abû ‘Ubayd al-Bakrî”, *E. I.2*, t. I, pp. 159-61.
- <sup>5</sup> Portas de Lisboa: *Âthâr al-bilâd*, ed. Beirute, pp. 496-497; trad. parc. espanhola F. Roldán, *El Occidente de al-Andalus en el “Âthâr al-bilâd” de al-Qazwîni*, p. 91) Sobre QZ, ver IDEM, *Ibidem*, Introdução bio-bibliográfica.
- <sup>6</sup> Portas de Lisboa: *Silat al-simt*, ed. Al-‘Abbâdî, p. 163. Sobre SB, ver E. de Santiago Simón, “Un Fragmento de la obra de Ibn al-Shabbât sobre Granada”, *CHI* 5, 1978: a Introdução sobre o Autor.
- <sup>7</sup> Portas de Lisboa: (*Rawd al-Mi’târ*, ed. I. ‘Abbâs: p. 61; ed. Lévi-Provençal, p. 16; trad.Lévi-Provençal, *La Péninsule Ibérique au Moyen Âge...*, p. 22). Sobre HM, ver T. Lewicki “Ibn ‘Abd al-Mun‘im al-Himyarî”, *E. I.2*, t. III, pp. 697-98.
- <sup>8</sup> Portas de Lisboa: ed. p. 51; trad. p. 57. Sobre DK e o seu compilador, ver ed. e tra.de Luis Molina, Madrid, CSIC, 1983. Principalmente, no t. I, a Introdução; e no t. II, o Estudo.
- <sup>9</sup> Cf. n. 5.
- <sup>10</sup> Cf. n. 8.
- <sup>11</sup> *Dhikr...*, ed. p. 51; trad. p. 57. Sobre a articulação das Portas de Lisboa com a periferia urbana da cidade, e a sua importância económica, viária e urbanística no período islâmico, ver o nosso trabalho “Lisboa fora-de-portas, entre os sécs. VIII e XII”, *Media Aetas* 3, no prelo.
- <sup>12</sup> *De Expugnacione Lyxbonensi (DExpLys)*, ed. José da Felicidade Alves, A Conquista de Lisboa aos Mouros em 1147 – Carta de um cruzado Inglês, p. 52; também Ch. Picard, *ob.cit.*, refere as 6 portas (p. 210) e na n.49 – p. 210 transcreve, corroborando: «[...] contra nos tres portas habentes, II in latere et unam contra mare [...]».
- <sup>13</sup> Existiu uma porta, a norte da cidade, que dava passagem para a alcáçova. Ficaria situada sobre o Chão da Feira. Cf. A. Vieira da Silva, *ob.cit.*, p. 8.
- <sup>14</sup> As fontes árabes que a designam por «Porta Ocidental», são Ibn al-Shabbât, *ob. cit.*, p.163 e al-Himyarî, *ob. cit.*, p. 61, (trad.Lévi-Provençal, *ob. cit.*, p. 22); O *Dhikr...*, ed. p. 51 e trad. p. 57, chama-lhe «Porta Grande». Ch. Picard, *ob. cit.*, p. 211, chama-lhe “Porta das Colunas de Mármore”, e J. D. Garcia Domingues, “O Garb extremo do Ândalus...” p. 101, chama-lhe “Bâb al-Garb” e “Porta do Ocidente”. Nenhuma das designações usadas por estes dois investigadores, provém de alguma das fontes que conhecemos, nem eles remetam para qualquer outra fonte.
- <sup>15</sup> Al-Himyarî, *ob. cit.*, ed. p. 61, trad. Lévi-Provençal, p. 22.
- <sup>16</sup> Augusto Vieira da Silva, *ob.cit.*, pp. 83-84 ; David Lopes, *PO*, pp. 69-71.
- <sup>17</sup> A planta 1: 2 500 de Lisboa, em que A. Vieira da Silva reconstituíu a Cerca Moura, apresenta uma leitura topográfica e arqueológica que coincide com as descrições dos autores árabes: é a maior das portas de Lisboa, e abre a oeste. Tratando-se de uma confirmação *a posteriori*, e em desconhecimento das mesmas fontes árabes, mais engrandece e reitera a investigação de Vieira da Silva. Sobre o *forum* de Lisboa, cf. Jorge de Alarcão, *Roman Portugal*, vol. 2, fasc. 2, p.124; Clementino Amaro e José Luís de Matos, “Trabalhos Arqueológicos no Claustro da Sé de Lisboa – Notícia preliminar”, p. 219.
- <sup>18</sup> Leopoldo Torres Balbas, *Ciudades Hispano-Musulmanas*, Tomo II, p. 652.
- <sup>19</sup> A. Borges Coelho, *Quadros para uma Viagem a Portugal no Século XVI*, pp. 45-46.
- <sup>20</sup> “Al-Khawkha” significa “o postigo”. Esta transcrição de “al-Khawkha” por “Alfofa”, segue a regra geral na língua portuguesa, em que os sons aspirados do árabe se transformam em *f*. Cf. Arnauld Steiger, “Contribución a la Fonética del Hispano-Árabe y de los Arabismos en el Ibero-Románico y el Siciliano”, pp. 218, 249, 269, 272.
- <sup>21</sup> Junto a esta Porta da Alfafa havia uma cisterna, que pelas dimensões apresentadas, “5,8m×5,8m em planta, e 5,4m de altura até ao fecho da abóbada”, verificadas pessoalmente por Vieira da Silva, poderia perfeitamente ser islâmica, pois pode-se-lhe atribuir como módulo-base o côvado andalusi de 0,558m. Ou seja, uma estrutura cúbica (10×10×10 côvados) coberta por abóbada. É possível que os valores da planta tenham sido obtidos no exterior, advindo a diferença de 5,58 ou 5,6m para 5,8m, da irregularidade das paredes e também em consequência de sucessivos rebôcos, prática muito comum. Sobre o “côvado andalusi”, ver Joaquín Vallvé Bermejo, “Notas de Metrologia Hispano-Árabe – El codo en la España Musulmana”, *Al-Andalus*, XLI (1976), pp. 339-354.
- <sup>22</sup> A. Vieira da Silva, *ob.cit.*, p. 9.
- <sup>23</sup> Essa pradaria, que é a mesma para onde abre a Porta Grande, para além de usos agrícolas, serviria também de pastagem aos rebanhos da cidade. Os dois arroios que corriam na pradaria sobre a qual dominava esta porta, eram os cursos de água que cruzavam os talvegues que hoje são a Av. da Liberdade – Restauradores, a oeste, e a Av. Almirante Reis-Martim Moniz a leste, e que se encontravam algures onde hoje é a Rua do Ouro. Cf. *Ibidem.*, planta topográfica de Lisboa..., escala 1:10.000.
- <sup>24</sup> *Ibid.* A hipótese de Ruy de Azevedo (Cf. “Período de formação territorial”, *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, vol. I, pp. 7-64) apresentada no mapa extratexto entre pp. 56 e 57, e em que faz sair a porta da Alfafa para a Rua da Costa do Castelo (como actualmente), parece condicionada pelo actual urbanismo: a igreja de S. Cristóvão, antiga Igreja de Santa Maria de Alcamim, ficava mesmo no enfiamento da Porta da Alfafa, em direcção a nordeste, o que apontaria para uma outra direcção viária diferente da actual, e que levaria directamente a essa mesma igreja e arrabalde.
- <sup>25</sup> Ibn al-Shabbât, *ob. cit.*, p. 163; al-Himyarî, *ob. cit.*, ed. p. 61, e trad.Lévi-Provençal, *ob. cit.*, p. 22; *Dhikr...*, ed. p. 51 e trad. p. 57.

- <sup>26</sup> Vieira da Silva (*ob. cit.*, p. 13) e David Lopes (*PO*, p. 71; *NATP*, p. 188). Este último seguindo o anterior, o que é, no mínimo, curioso, pois David Lopes já dispunha de mais informação sobre esta porta. Aliás a informação sobre esta porta era, para o grande arabista, exactamente a mesma de que dispomos hoje.
- <sup>27</sup> Cf. Vieira da Silva, *ob. cit.*, planta 1:2.500.
- <sup>28</sup> Em árabe “termas” é “al-hamma”, donde “alfama”. O fenómeno que deu *al-hamma* > *alfama*, é o mesmo que em *al-khawkha* > *alfafa*, cf. supra n. 19. Sobre Alfama, ver J. P. Machado, *Dic. Onom. Etim. Língua Portug.*, vol. I, p. 91.
- <sup>29</sup> Clementino Amaro, “Arqueologia Islâmica em Lisboa...”, p. 68.
- <sup>30</sup> Ibn al-Shabbât, *ob.cit.*, p. 163; al-Himyarî, *ob. cit.*, ed. p. 61, e trad. Lévi-Provençal, *ob. cit.*, p. 22; *Dhikr...*, ed. p. 51 e trad. p. 57. A informação dada por E. Lévi-Provençal, nas suas edição (p. 16) e tradução (p. 22) de HM, de que as termas de Lisboa seriam “abobadadas”, provém de uma má leitura do próprio ou de quem copiou o texto que lhe chegou às mãos. Para aquilatar deste lapso, basta ver a notícia de HM (ed. de I. ‘Abbâs, Beirute, 1980) que apresentamos no Quadro Sinóptico supra, e confrontá-la com as de SB e DK. Como já dissemos atrás, apesar de Garcia Domingues ter traduzido SB, cuja notícia difere neste ponto, ninguém fez essa confrontação. Parece que esta informação diferente escapou a todos, o tradutor incluído. E também a tradução não teve muita divulgação, pois na PEA, relativamente às termas de Alfama, continuou a aparecer a mesma versão de HM; igualmente na Tese de Ch. Picard. A informação das “termas abobadadas” ganhou raízes pois ainda se constata na *História de Portugal*, dirigida pelo Prof. João Medina (1993): Helena Catarino, “A Ocupação Islâmica”, vol. III, p. 86; e na *Nova História de Portugal*, dir. A. H. Oliveira Marques e Joel Serrão (1990-...): A. H. Oliveira Marques, “O «Portugal» Islâmico”, vol. II, p. 232.
- <sup>31</sup> A. Vieira da Silva, *ob. cit.*, planta 1: 2 500. Próximo deste local existem ainda uns banhos públicos que continuam a utilizar as águas quentes das mesmas nascentes naturais. *Ibidem*, p. 19.
- <sup>32</sup> *Ibidem*, pp. 15-16
- <sup>33</sup> *Ibidem*.
- <sup>34</sup> *Ibidem*, planta 1: 10 000
- <sup>35</sup> O cemitério islâmico na actual encosta da Graça: cf. M<sup>a</sup> Filomena L. de Barros, “Mouraria (Sécs. XII a XV)”, *Dicionário da História de Lisboa*, Lisboa, p. 91; IDEM, *A Comuna Muçulmana de Lisboa*, p. 143; Clementino Amaro, “Arqueologia Islâmica em Lisboa...”, p. 62; A.H. de Oliveira Marques, “A Persistência do Elemento Muçulmano na História de Portugal após a «Reconquista». O Exemplo de Lisboa”, p.105; Luís Filipe Oliveira e Mário Viana, “A Mouraria de Lisboa no Século XV”, p.192.
- <sup>36</sup> O cemitério islâmico junto a S.Vicente de Fora: cf. Clementino Amaro, “Arqueologia Islâmica de Lisboa...”, p. 62; Santiago Macias, “Espaços funerários no Gharb al-Andalus”, no prelo.
- <sup>37</sup> Clementino Amaro, “Arqueologia Islâmica de Lisboa...”, p. 62.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### FONTES

- al-Himyarî, *al-Rawd al Mi'târ*, ed. Ihsân ‘Abbâs, 2<sup>a</sup>ed., Beirute, Nasser Foundation for Culture, 1980; ed.e trad. parc. franc. E. Lévi-Provençal, *La Péninsule Ibérique au Moyen Âge d'après le “Kitâb rawd al-mi'târ fi habar al-aktâr” d'Ibn ‘Abd al-Mun'im al-Himyarî*, Leiden, E. J. Brill, 1938.
- al-Qazwîni, *Âthâr al-bilâd*, ed. Beirute, Dâr Sâder, 1380/1960 ; trad.parc.espan. Fátima Roldán, *El Occidente de al-Andalus en el “Âthâr al-bilâd” de al-Qazwîni*, Sevilha, Alfar, 1990.
- COELHO, António Borges, *Portugal na Espanha Árabe*, 2.<sup>a</sup> ed., 2 vols., Lisboa, Caminho, 1989.
- De Expugnatione Lyxbonensi*, ed. José Felicidade Alves, *Conquista de Lisboa aos Mouros em 1147 – Carta de um cruzado Inglês*, Lisboa, Horizonte, 1989.
- Dhikr bilâd al-Andalus*, ed. e trad. espanhola de Luis Molina, *Una Descripción anónima de al-Andalus*, 2 vols., Madrid, CSIC, 1983.
- Ibn al-Shabbât, *Silat al-simt*, ed. al – ‘Abbâdi, *Tarîkh al-Andalus li-Ibn Kardabûs wa-wasfu-hu li-Ibn al-Shabbât*, Madrid, IEI, 1971.

### BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge de, *Roman Portugal*, 4 vols., Warmister-England, Aris e Phillips Ltd., 1988.
- AMARO, Clementino, “Arqueologia Islâmica em Lisboa : um percurso possível”, *Portugal Islâmico – Os últimos sinais do Mediterrâneo*, Lisboa, Ministério da Cultura/IPM/Museu Nacional de Arqueologia, 1998, pp. 61-71.
- AMARO, Clementino, e MATOS, José Luís de, “Trabalhos Arqueológicos no Claustro da Sé de Lisboa – Notícia Preliminar”, *Actas das I Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado*, Câmara Municipal do Seixal / Ed. D.Quixote, 1996, pp. 215-224.

- AZEVEDO, Ruy de, “Período de formação territorial”, *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, III vols., Lisboa, Ática, 1937-38, vol. I, pp. 7-64.
- BARROS, Filomena, “Mouraria – (Sécs. XII-XV)”, *Dicionário de História de Lisboa*, Lisboa, Carlos Quintas e Assoc., 1994, pp. 590-592.
- IDEM, *A Comuna Muçulmana de Lisboa. Sécs. XIV e XV*, Lisboa, Hugin, Biblioteca de Estudos Árabes, 4, 1998
- COELHO, António Borges, *Quadros para uma Viagem a Portugal no Século XVI*, Lisboa, Caminho, 1986.
- DOMINGUES, José Domingos Garcia, “Aspectos geográficos da Lisboa Muçulmana”, *Portugal e o al-Andalus*, Lisboa, Hugin, Biblioteca de Estudos Árabes, 2, 1997, pp. 117-130.
- IDEM, “O Garb extremo do Ândalus e «Bortugal» nos historiadores e geógrafos árabes”, *Portugal e o al-Andalus*, Lisboa, Hugin, Biblioteca de Estudos Árabes, 2, 1997, pp. 79-116.
- LOPES, David, “Páginas Olisiponenses”, *Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa*, 1968.
- IDEM, *Nomes Árabes de Terras Portuguesas* (org. J. P. Machado), Lisboa, Sociedade de Língua Portuguesa e Círculo David Lopes, 1968.
- MACHADO, José Pedro, *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, III vols., Lisboa, Confluência, s/d. [1984].
- MACIAS, Santiago, “Espaços funerários no Gharb al-Andalus”, inédito, policopiado.
- MARQUES, A. H. de Oliveira, “Introdução à História da Cidade Medieval Portuguesa”, pp. 13-42; “A Persistência do Elemento Muçulmano na História de Portugal após a «Reconquista». O Exemplo de Lisboa”, pp. 96-107, *Novos Ensaios de História Medieval Portuguesa*, Lisboa, Presença, 1988.
- MATOS, José Luís de, cf. AMARO, Clementino.
- OLIVEIRA, Luís Filipe, e VIANA, Mário, “A Mouraria de Lisboa no Século XV”, *Arqueologia Medieval* 2, Campo Arq.º de Mértola/Afrontamento, 1993, pp. 191-209.
- PICARD, Christophe, *Histoire du Portugal et de l’Espagne Occidentale à l’Époque Musulmane (début VIII<sup>e</sup> siècle - milieu XIII<sup>e</sup> siècle)*, Paris, Geuthner, 1991.
- PONS BOIGUES, Francisco, *Ensayo bio-bibliográfico sobre los historiadores y geógrafos arabigo-españoles*, 2.<sup>a</sup> ed. Amsterdão, Philo Press, 1972 (1.<sup>o</sup> ed., Madrid, 1898).
- SILVA, Augusto Vieira da, “Cêrca moura de Lisbôa”, *Revista de Engenharia Militar*, 1899.
- IDEM, “Cêrca moura de Lisbôa e o Esteiro do Rio Tejo”, *Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa*, 1939, pp. 3-26.
- IDEM, “Cêrca moura de Lisbôa”, 2.<sup>a</sup> ed., *Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa*, 1939.
- STEIGER, Arnald, “Contribución a la Fonética del Hispano-Árabe y de los Arabismos en el Ibero-Románico y el Siciliano”, *Revista de Filología Española – Anejo XVII*, Madrid, 1932.
- TORRES BALBAS, Leopoldo, *Ciudades Hispano-Musulmanas*, Tomos I-II, s.l., Ministerio de Asuntos Exteriores, Dirección General de Relaciones Culturales, Instituto Hispano-Arabe de Cultura, s.d. [1966].
- VALLVÉ BERMEJO, Joaquín, “Notas de Metrología Hispano-Árabe – El codo en la España Musulmana”, *Al-Andalus*, XLI (1976), pp. 339-354.
- VIANA, Mário, cf. OLIVEIRA, Luís Filipe.

## Os Muros Afonsinos de Lisboa

EDUARDO SUCENA

O mais credenciado estudioso das fortificações medievais de Lisboa, que nos deixou trabalhos fundamentais como *O Castelo de S. Jorge* (1.<sup>a</sup> edição em 1898 e 2.<sup>a</sup>, refundida, em 1977), *A Cerca Moura de Lisboa* (edições em 1899, 1939 e 1987/88), *As Muralhas da Ribeira de Lisboa* (edições em 1900, 1940/41 e 1987) e *A Cerca Fernandina de Lisboa* (edições em 1948 e 1987) ignorou, pura e simplesmente, outra obra defensiva da cidade acerca da qual escasseiam, é verdade, as informações, mas cuja existência merecia ser averiguada.

Investigador competente e devotado, sabe-se que teve acesso pelo menos a uma notícia sobre ela, que menciona a p. 127 do II volume d'*A Cerca Fernandina de Lisboa*. Ter-lhe-á faltado, porém, tempo ou paciência para aprofundar o assunto. E foi pena, porque dele seria de esperar, forçosamente, obra de valia. De facto, como engenheiro militar que era e olisipógrafo de créditos firmados, poucos como ele teriam condições para dilucidar matéria tão obscura. Aliás, outro investigador de mérito, José Augusto Correia de Campos, autor de vários trabalhos entre os quais *A propósito das muralhas antigas de Lisboa* (1977) é melhor apetrechado do que Vieira da Silva na área da Arqueologia, tratando das muralhas castreja, fenícia e bizantina desta cidade, igualmente ignorou os seus muros afonsinos.

No que respeita à história de Lisboa, não se pode dizer que Alexandre Herculano tenha sido feliz. O grande historiador, mais preocupado em traçar a história social do povo português e dos povos seus antepassados, não terá atribuído grande importância, na sua insana tarefa heurística, a particularidades olisipográficas, ceara em que, todavia, meteu a foice. Incorreu, porém, em alguns erros, a que nem os mestres escapam, de que o exemplo mais flagrante foi o que se refere à Judiaria Grande, que identificou com a Vila Nova de Gibraltar e que localizou à beira do Tejo, onde se construiu o edifício da Misericórdia, que antes – diz ele – fora a sinagoga. O equívoco foi desfeito precisamente por Vieira da Silva, que num artigo publicado no *Elucidário Nobiliárquico – Revista de História e da Arte*, II volume, 1929, nega a existência dessa Vila Nova de Gibraltar e dá a verdadeira localização da Judiaria Grande na actual Baixa, com o seu fulcro no cruzamento das ruas da Conceição e dos Fanqueiros, onde de facto ficava a sinagoga. Mas, reverentemente, procura desculpabilizar Herculano descarregando a responsabilidade do desacerto sobre o autor da *Historia dos Carmelitas*, Frei José Pereira de Sant'Ana, que o teria induzido em erro ao chamar Vila Nova de Gibraltar ao que era, sim, “Vila Nova de Gibitaria ou da Jubetaria, equivalente a rua da Gibitaria ou da Jubetaria em Vila Nova, isto é, no bairro que fora da comuna hebraica”. O certo, no entanto, é que o erro fez escola a ainda hoje se repete num texto que o pelouro do Turismo da Câmara Municipal mandou afixar junto da igreja da Conceição Velha, antiga igreja da Misericórdia, onde se lê que no local dela se erguia a sinagoga, que na realidade nunca ali esteve.

Apesar dessa e de outras imprecisões, foi Herculano quem carrou uma importante achega para o esclarecimento do nebuloso caso da Cerca de D. Afonso III, respigada de um documento do Arquivo do Mosteiro de Chelas, preciosa pista que, porém, não explorou, como conviria, talvez por não ter encontrado mais documentação a tal respeito.

Na sua *História de Portugal* (edição de 1916), V volume, p. 146, escreve ele a dado passo:

“Os mesmos motivos que levaram Afonso III a fundar um município importante na margem esquerda do Douro e a arrancar ao bispo Julião metade dos tributos indirectos, deviam impeli-lo a promover o concurso de navios e mercadores em Lisboa, terra da coroa, onde as entradas, portagens e passagens revertiam geralmente em benefício do estado. Do incremento da cidade em grossura de tracto e número de habitantes tivera o rei por mais de um modo vantagem. Nos arrabaldes os edifícios tinham-se gradualmente acumulado, e a antiga Achbuna dos árabes era já considerada, de certo modo, como povoação diversa, cujos moradores gosavam de privilégios especiais. O bairro mais populoso da cidade estendia-se para o vale ao poente e meio-dia da alcáçova. Onze paróquias alevantavam o estandarte da cruz, arvorado no cimo dos seus cam-

panários, no meio desta grande povoação, cujo papel na história dos progressos do cristianismo tinha de ser, em menos de três séculos, tão principal, e para defesa dos seus numerosos habitantes o potente município cingia-se com uma cinta de muralhas”.

Acrescenta em nota de roda-pé :

“Quitação de 15 de fevereiro de 1261 passada pelos alvazis de Lisboa aos sacadores das freguesias da Madalena, S. Martinho, S. Jorge, S. Mamede, Santa Maria de Alcamim, S. Julião, S. João [da Praça], Santa Maria Maior, S. Lourenço, S. Nicolau e Santa Justa, de 369 lib. 8 sold. e 6 din. *quos sacaverunt pro ad muros Ulixbone construendos*: Arch. do mosteiro de Chelas”.

Resulta daqui que no ano de 1261 se cobrara aos moradores das onze freguesias acima mencionadas – as mais interessadas na obra – uma finta destinada à construção de um muro para a sua protecção, parte delas com o seu território extramuros da Cerca Velha (ou Cerca Moura, como impropriamente lhe chamou Vieira da Silva) e abrangendo uma área correspondente, mais ou menos, ao arrabalde arrebatado aos mouros e incendiado pelos cruzados nas primeiras investidas contra a cidade, em 1147.

Quer dizer: cento a catorze anos depois da integração de Lisboa no reino de Portugal o mesmo arrabalde, naturalmente reconstruído, mais desenvolvido e mais povoado, continuava à mercê de um novo inimigo. E convém não esquecer que os almóadas nunca se conformaram com a perda de Lisboa e chegaram mesmo a tentar a sua recuperação por mar. Por terra, quanto a esses, não haveria perigo, porquanto a campanha de D. Afonso III, de 1249-1250, levava à sua definitiva expulsão do Algarve. Mas, por mar, a segurança não estava garantida, face, inclusive, aos assaltos da pirataria, que levaram D. Dinis a acordar com o Senado da Câmara a construção de uma muralha para fechar o espaço entre as colinas do Castelo e do Monte Fragoso. Nesse contexto, e até porque as relações de D. Afonso III com Castela nem sempre foram amistosas, justificava-se, pois, aquela medida cautelar, tratando-se da primeira cidade do reino, a cidade real, para onde aquele monarca transferira, a partir de 1255, a corte e a chancelaria. Foram na verdade instáveis esses tempos enquanto a diplomacia não conseguiu a paz com a assinatura do Tratado de Badajoz, de 1264.

Oliveira Martins, n’A *Vida de Nun’ Alvares* (Lisboa, 1984), escreve, a p. 53, a propósito da invasão de Henrique II de Castela:

“a cidade expandira-se francamente, não só para fora dos muros mouriscos, como para além da nova e mais ampla cerca feita por D. Afonso III, de sorte que a guerra de 1373 colheu Lisboa de imprevisto”.

O abade de Castro (António Dâmaso de Castro e Sousa) na sua “*Monographia da Igreja Matriz da Cidade de Lisboa*” in *Boletim Architectonico e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, n.º 5, 2.ª série, escreve a propósito de D. Afonso III:

“E também que, para defender as suas obras e a Cidade, procedesse a fortificá-la visto que no archivo da Torre do Tombo existem documentos relativos à fortificação de Lisboa por este nobre rei, mediante fortissimos muros e torres com as seguintes portas: – 1.ª Porta da Alfafa cujo muro vinha do Castello à rua do Milagre de Santo António, onde ellas eram, descia pela calçada de S. Crispim à Porta de ferro, ou Arco da Consolação, em frente da sé, às Portas do Mar, ou Postigo da rua das Canastras, Arco de Jesus defronte do Caes de Santarem, Postigo do Conde de Linhares, um pouco mais adiante, Porta do Chafariz do Rei, ou Arco das Moscas, Porta d’Alfama, ou de S. Pedro, cujo muro sobe ainda pelo lado esquerdo da ingreme e dilatada rua ou calçada da Adiça, até ás Portas do Sol, junto da Igreja de S. Braz, ou Santa Luzia, da Ordem de Malta, e d’aquí partia o dito muro a unir-se com o do Castello junto á porta de D. Fradique”.

O abade não é, porém, fonte segura, pois não esclarece em que documentos da Torre do Tombo colheu a informação, aliás errada, porquanto a cerca por ele descrita era a que já existia á data da conquista de Lisboa, em 1147.

É provável que os referidos autores se tenham baseado em Alexandre Herculano. Este, além do que atrás se transcreveu, volta a aludir à cerca de D. Afonso III, n’*O Monge de Cister*. No I volume (p. 124), escreve:

“Próximo do Colégio de S. Paulo [a Rua de D. Mafalda], prolongava-se por entre a pinha de casarias que, retalhada num sem-número de vielas de seis ou sete palmos de largo, cobria o terreno ladeirento limitado ao oriente pela rua que ia da sé até as portas de Alfafa, e ao sul pela de Santa Justa, a qual passava por fora do muro de D. Afonso III, desde o adro da igreja dessa invocação até o da Madalena”.

No II volume (p. 35), diz:

“Saindo da catedral e transpondo a Porta de Ferro, aberta no muro antigo, do tempo de D. Afonso III, descia-se ao longo desse muro para o lado da praia pelas Fangas”.

E no mesmo volume (p. 56):

“Esse vão [o da Porta de Ferro] constituía uma espécie de quadra, rota de dois lados, posto que não em toda a largura, por duas portadas ogivais, menos esguias e elegantes que as introduzidas pouco havia pelos arquitectos ingleses, mostrando bem, por isso, serem contemporâneas da edificação da muralha, isto é, do último quartel do século XIII”.

Devido ao respeito que se tem pelos mestres, como diria Vieira da Silva, ou por virem de quem vêm, como também diria Júlio de Castilho, as referências de Alexandre Herculano à Cerca de D. Afonso III não podem ser negligenciadas, sobretudo a da sua *História de Portugal*, esta apoiada em documento autêntico, mas também as d’*O Monge de Cister*, se bem que a estas não se possa exigir rigor histórico. Quanto à Porta do Ferro, por exemplo, já o cruzado R. fala dela ao seu correspondente Osberno de Baldresseia e seria, provavelmente, de factura romana, embora sucessivamente alterada, sendo alargada por D. Manuel I e transformada depois em Arco da Consolação até ser demolida em 1782. Al-Himiari descreve-a no seu *Jardim Perfumado* (tradução de José Pedro Machado) dizendo: “A sua [de Lisboa] porta ocidental, que é a maior, é aparelhada com arcos em cima de arcos sobre pilares de mármore, assentes sobre blocos de mármore”. Descrição bem diferente da de Herculano.

De qualquer forma, para este a existência da Cerca de D. Afonso III era ponto assente, a despeito do silêncio que sobre ela fazem cronistas, livros das chancelarias, documentos do Arquivo Municipal e outros.

É bem possível que D. Afonso III tenha realizados obras no Paço da Alcáçova, onde residia e recebeu em Fevereiro de 1277 Frei Nicolau, núncio e legado *a latere* do Papa português João XXI, como informa Frei Luís de Sousa na *História de S. Domingos* (parte I, livro IV, cap. XXI). Que fechou com um muro o lado sul da Praça Nova do Castelo, isolando, na alcáçova, a área militar e paçã, da civil, atestam-no as suas armas nesse muro, junto da porta ogival em cujo fecho também se vê a esfera armilar, empresa de D. Manuel I, a revelar que também este aí interveio, talvez rasgando ou alargando essa porta entre as duas áreas.

Observando-se as várias representações daquele Paço da Alcáçova que o mostram visto de Sul para Norte, entre elas a vista perspectiva de Jorge Braunio, a iluminura da *Cronica delrey Dom Afonso Henriques*, de Duarte Galvão, o desenho de Domingos Vieira da obra *Viagem de Catholica Real Magestade del Rey D. Filipe II N.S. Ao Reyno de Portugal*, de João Baptista Lavanha, e o painel de azulejos do Palácio Tentúgal, hoje no Museu Nacional do Azulejo, nota-se, à esquerda, um lanço de muralha que desce a encosta da colina e termina numa torre. Essa quadrela não pode ser a que liga o Castelo à Torre de S. Lourenço, reconstruída em 1940, que, por ficar bem mais para Norte, não se podia ver do ponto em que foram tomadas essas vistas. Tratava-se, portanto, de outra. Mas qual? A que, a Sul daquela, tinha início na torre n.º 9 do Castelo (segunda contando com a do ângulo SO) e que descia através do terreno que foi do desaparecido Mosteiro de N.ª S.ª da Rosa.

Da existência desse lanço de muralha não há dúvidas, pois vem assinalado na planta de João Nunes Tinoco, de 1650. Vieira da Silva refere-o, também, no I volume d’*A Cerca Fernandina de Lisboa* (p. 34) adiantando que ela “forma o muro divisório de duas propriedades, n.ºs 58 e 60-62, da Rua da Costa do Castelo, sobre o qual resta ainda um lanço de escadas, na sua parte mais alta”. E no mapa n.º 1 do mesmo volume desenha esse lanço de muralha, que resistiu aos sismos, dos quais os de 1512 e 1531 foram particularmente violentos e alteraram significativamente a topografia daquela encosta abrupta e de terrenos escorregadios, como nos dá conta Manuel Ferreira de Andrade nos seus trabalhos sobre aquela zona da cidade.

Prolongando-se a linha dessa muralha vê-se que aquela entronca no Largo dos Trigueiros, um pouco acima do Poço do Borratém (subindo-se pelo Beco dos Surradores) numa velha casa que pode ter sido a torre de flanqueamento que aquelas vistas mostram. Daí para Norte, pela Calçada de S. Lourenço (onde num recanto existem vestígios do que pode ter sido também uma torre) e pela Rua das Fontainhas (esta também com vestígios de muralha) chega-se a uma construção aparentemente rectangular, que da Praça Martim Moniz se avista por detrás do Salão Lisboa, a qual, apesar da inclusão de materiais diferentes na sua estrutura original, tem todo o aspecto de ter sido uma torre avançada sobre a antiga Mouraria. Para Sul do Largo dos Trigueiros, por um bêco sem saída, atravessando o Beco dos Surradores, seguindo pelo fundo

do Beco do Rosendo e fundo da Travessa da Madalena, correndo depois paralela à Rua da Madalena pelo antigo Chão de Alcamim (actual Largo Adelino Amaro da Costa) até à Rua das Pedras Negras e atravessando a Travessa do Almada, a Cerca de D. Afonso III iria terminar na Porta do Ferro. Daí, talvez, o equívoco de Herculano ao situar aquela porta “no muro antigo, do tempo de D. Afonso III”.

Resta acrescentar que ainda hoje persiste uma passagem por baixo dum prédio da Rua da Madalena, que leva às Escadinhas de S. Cristóvão, a qual corresponderia a uma porta dessa Cerca, chamada Porta Nova. Mais acima existiam, antes do terramoto de 1755, os Arcos de D. Teresa e do Caranguejo, já na freguesia da Madalena, que bem podiam ter sido postigos abertos na mesma Cerca.

É claro que o traçado atrás descrito é conjectural. Seria preciso um estudo mais aprofundado com recurso a um topógrafo, a sondagens, e talvez a escavações, e, mesmo assim, só uma parte ou pequenas partes da Cerca se identificariam com segurança. Seria trabalho para arqueólogo, que nós não somos.

As profundas alterações sofridas pelo velho arrabalde, antes e depois do terramoto de 1755, foram de tal ordem que, pelo menos a partir do antigo Chão de Alcamim para o Largo de Santo António da Sé, nenhum vestígio resta, certamente, da Cerca de D. Afonso III, que, com a construção da Cerca Fernandina, deixou de ter qualquer utilidade defensiva. Daí o seu provável desmantelamento e o aproveitamento das suas pedras para a construção civil. Os poucos vestígios, esses ficaram esquecidos entre o casario, que os foi anexando.

Ficou-nos, porém, a memória dela, graças à pertinácia em salvar arquivos monásticos desse esforço cabouqueiro da História – Alexandre Herculano – que, no dizer de Vieira da Silva, “transplantava para a Idade Média o seu ideário romântico”.

## Os silos medievais de S. Vicente de Fora

F. E. RODRIGUES FERREIRA

“Parece, porém, que, devido à sua estrutura fortificada, devia ser esta a Porta de S. Vicente. A mais antiga denominação que se encontra em documentos é a de Postigo do Coval de El-Rei (1530). Esse nome provinha-lhe do local, que era o sítio hoje ocupado por uma parte do Campo de Santa Clara, junto do estabelecimento do Estado conhecido por Fundação de Cima, onde estavam os celeiros da Coroa no tempo de D. Dinis: *olival e campo sobre a Cruz, cabo do Moesteyro de sam vicente, de fora, em o qual mandey faser covas pera teer o meu pan*”.

*Chancelaria de D. Dinis*, Livro 1, fl. 171 v, da era de 1324 (1286).

Sendo ainda assim relativamente vaga a referência, é, para quem conheça a evolução do local em termos urbanos e até topográficos, suficientemente rigorosa a localização dos silos mandados fazer por D. Dinis, tanto mais que a toponímia ainda hoje se conserva. Temos para nós, como certo, o local e a sua grande proximidade do Mosteiro de S. Vicente de Fora.

Das razões que determinaram a escolha do local para a construção dos silos de D. Dinis, nada sabemos, porém, conhecendo a topografia do terreno e as suas características geológicas, é possível perceber que o local é constituído por uma série de socalcos naturais resultantes de falhas na branda rocha calcária, criando patamares relativamente secos e com bom arejamento, onde será possível guardar grão ao abrigo de humidades e de grandes amplitudes térmicas; a proximidade do rio Tejo e o característico regime de ventos devem, decididamente, ter influenciado a escolha.

Curiosamente, na sua carta, Osberto refere a grande quantidade de silos existentes em Lisboa à data da reconquista, facto que se revestiu para ele, seguramente, de uma certa relevância, ou não o teria referido (*Chancelaria de D. Dinis*, livro 1, fl. 171 v, da era de 1324(1286)).

Entre nós, desta prática subsistiram, tanto quanto julgamos saber, pelo menos vestígios, até ao século XIX; de resto é praticamente impossível de se efectuarem escavações arqueológicas ou simples obras em áreas urbanas tradicionais, sem que eles apareçam, normalmente desventrados no mais completo sigilo, na esperança parece que invariavelmente gorada de descobrirem o almejado tesouro.

Na escavação que vimos efectuando na antiga cerca do Mosteiro de S. Vicente de Fora, no local onde terá estado implantada a enfermaria dos teutónicos durante a tomada de Lisboa por D. Afonso Henriques, deparámos com um conjunto de quatro silos, situados numa área relativamente pequena, já completamente colmatados por uma terra amarela de transporte pluvial, havendo dois deles que tinham sepulturas do século XIV sobre a sua boca.

A cerâmica encontrada no seu interior, com paralelos em várias estações portuguesas, os restos alimentares (datados pelo radiocarbono), a estrutura estratigráfica particularmente eloquente, enfim, tudo se congrega para apontarmos uma cronologia anterior à fundação, muito provavelmente séculos X a XI.

Passaremos, sucintamente, à descrição da escavação de cada uma dos silos encontrados. A numeração atribuída a cada silo corresponde ao seu aparecimento cronológico.

## Silo I

O silo I foi, em muitos aspectos, o mais representativo do que terá parcialmente sido a sua génese, o que deve ser entendido como o período compreendido desde o seu abandono, até ser completamente colmatado.

Estratigraficamente podemos reconhecer quatro grandes momentos relativamente escalonáveis no tempo e representativos de outras tantas etapas que tentaremos seguir a par da sucessão dos estratos de enchimento – Figura 1

### Estrato V

Nível constituído apenas por areia de areal, contendo disseminadas algumas pedras calcárias, compatíveis com a cobertura geológica do local. Neste nível encontramos uma quantidade razoável de sementes de chícharos (*Lathyrus cicera*) impregnados de carbonato de cálcio que, por assim dizer, os fossilizou.

### Estrato IV

Estrato essencialmente constituído por terra humosa. No ponto de contacto entre o estrato V e o IV foi encontrado um dinheiro de bilhão de D. Afonso III (Sec. XIII).

De coloração e aspecto uniformes, apenas continha grande quantidade de pedras calcárias disseminadas.

### Estrato III

Estrato constituído por terra humosa, contendo grande quantidade de cerâmica comum mais ou menos fraccionada, embora seja de assinalar a existência de algumas peças totalmente intactas, bem como grande quantidade de restos de cozinha constituídos por ossos de mamíferos e peixes, bem como várias espécies de bivalves.

Foi também encontrada uma peça de ric-rac. Toda a cerâmica, sem excepção, estava recoberta de fuligem, tendo sido seguramente toda ela utilizada para confeccionar, directamente ao lume, os alimentos. Este nível foi, indubitavelmente, utilizado como lixeira, pensamos que durante um curto lapso de tempo. Dos restos alimentares foi retirada uma amostra de ossos para ser submetida a análise pelo radiocarbono, com o seguinte resultado:

ICEN-942 – SVSI-1-F9-023 – OSSOS DE MAMÍFEROS – Idade (anos BP) –  $-1000 \pm 45$ .

De referir ainda o aparecimento de dois botões, um de osso torneado e outro confeccionado a partir de um fragmento de cerâmica.

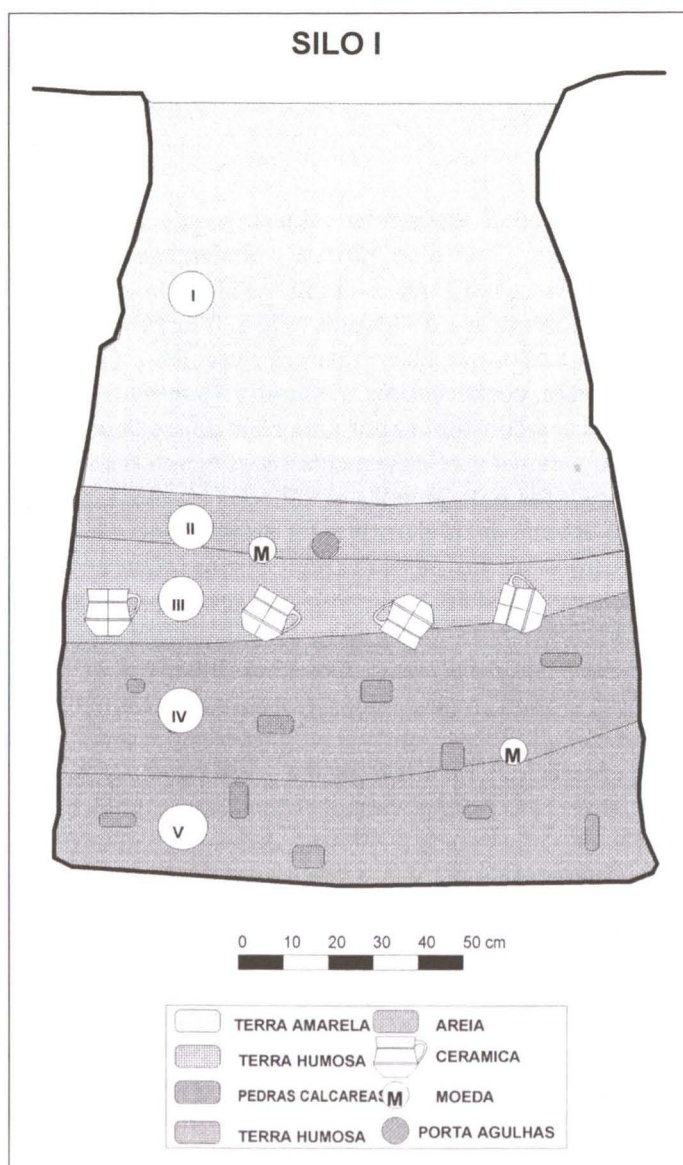


Figura 1

### Estrato II

O estrato III é um substrato do II, do qual estava separado por um dinheiro de bilhão de D. Sancho I e o que pensamos ser um porta agulhas de osso. Não existiam vestígios de restos alimentares.

### Estrato I

Este estrato, que representa em espessura praticamente metade da profundidade total do silo, é constituído por terra amarela que corresponde a um escorrimento superficial da encosta e que, colmatando o enchimento, se sobrepõe ao nível dos silos. Neste estrato foi encontrado um dinheiro de bilhão de D. Afonso III (1248-1279). Sobre a boca deste silo foi aberta a sepultura número 27 (século XIV), para o que foram abertas na rocha duas cavidades para receberem os pés e a cabeça do inumado, ficando a zona da bacia sobre a boca do silo. Capacidade interna do silo – 1 755 litros.

## O Silo II

Tal como o Silo 1, este silo apresenta-se, estratigraficamente, em unidades bem individualizadas, capazes de nos transmitirem uma panorâmica geral sobre a génese do seu enchimento – Figura 2.

Estratigraficamente podem ser referenciados três estratos de que cronologicamente nos iremos ocupar.

### Estrato III

Estrato de fundo, constituído basicamente por terra humosa, contendo restos de cozinha e bem assim cerâmica comum, muito fragmentada, apresentando porém exactamente as mesmas características que a encontrada no Silo I.

### Estrato II

Constituído por terra de coloração amarelo escuro, portanto de tonalidade mais carregada do que a terra da cobertura superficial, sugerindo um enchimento lento, em que se processou a mistura desta terra com poeiras transportadas pelos agentes meteóricos. Estrato totalmente estéril em termos de espólio arqueológico. O seu limite superior estava repleto de pedras calcárias, de várias dimensões, sugerindo que ali tivessem sido depositadas, eventualmente, na sequência de uma acção de limpeza do exterior.

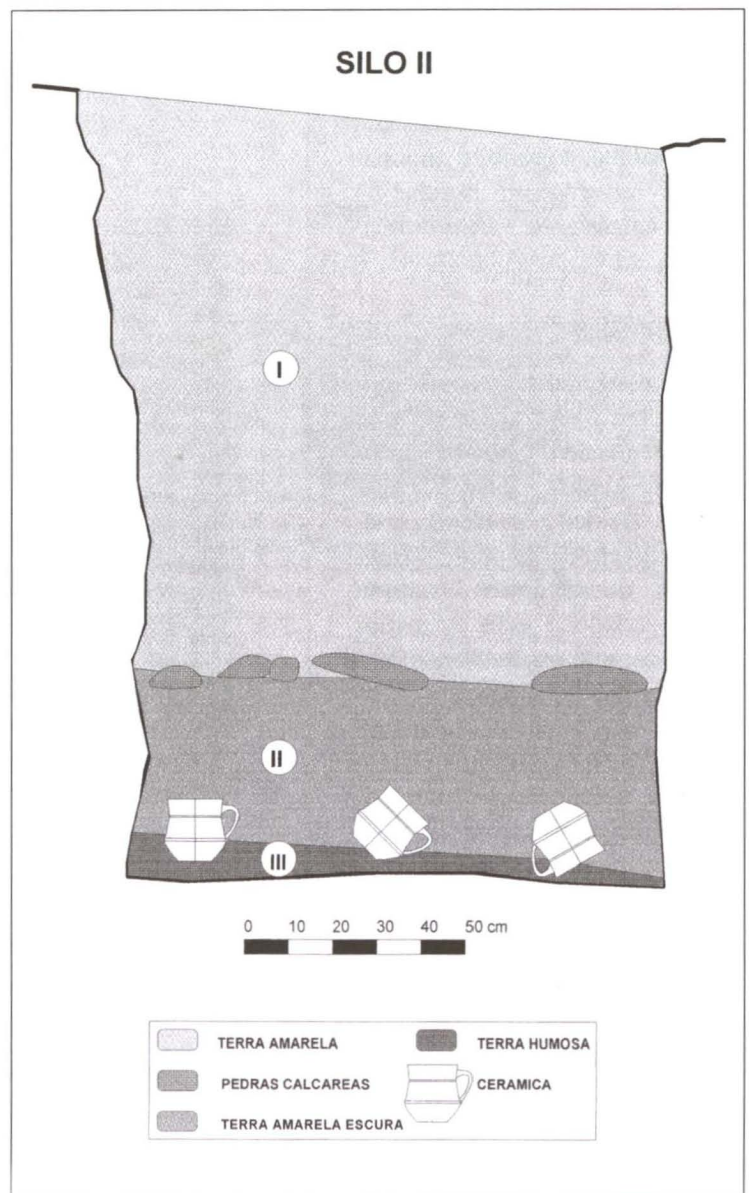


Figura 2

### Estrato I

Este estrato é constituído por terra amarela, exactamente igual à da superfície, bem como a do estrato I do Silo I, parecendo corresponder a uma fase comum de enchimento.

Capacidade interna do silo – 1 800 litros.

### Silo III

O Silo III foi, infelizmente, danificado, em grande parte, aquando da abertura de uma cisterna que fica no subsolo de uma casa do século XVIII, para o que foi cortado verticalmente, adossando-se-lhe um muro, em toda a sua altura – Figura 3.

Para além da parte ablada, não foi tocado, preservando-se assim grande parte do seu conteúdo, que estimamos em 800 litros.

Estratigraficamente é idêntico aos outros silos já referenciados.

### Estrato III

Constituído por uma camada uniforme de terra amarela, sem qualquer espólio, e encimada por um depósito regular de pedras calcárias de várias dimensões.

### Estrato II

É essencialmente constituído por terra amarela um pouco mais escura do que a de superfície, com algumas intrusões episódicas de terra humosa, contendo disseminados alguns fragmentos de cerâmica comum, pouco variados e mais ou menos dispersos, sem restos alimentares apreciáveis.

A cerâmica apresenta-se escurecida, tal como nos restantes silos, evidenciando a sua utilização directamente ao fogo.

### Estrato I

Entre todos os silos encontrados pode, seguramente, estabelecer-se um certo paralelismo, quer na sua génese de enchimento, quer ainda no tipo e características do espólio.

Relativamente ao silo que estamos a descrever, o seu primeiro estrato apenas diverge dos demais, pela ligeira coloração mais escura, sendo também perfeitamente estéril em termos de espólio.

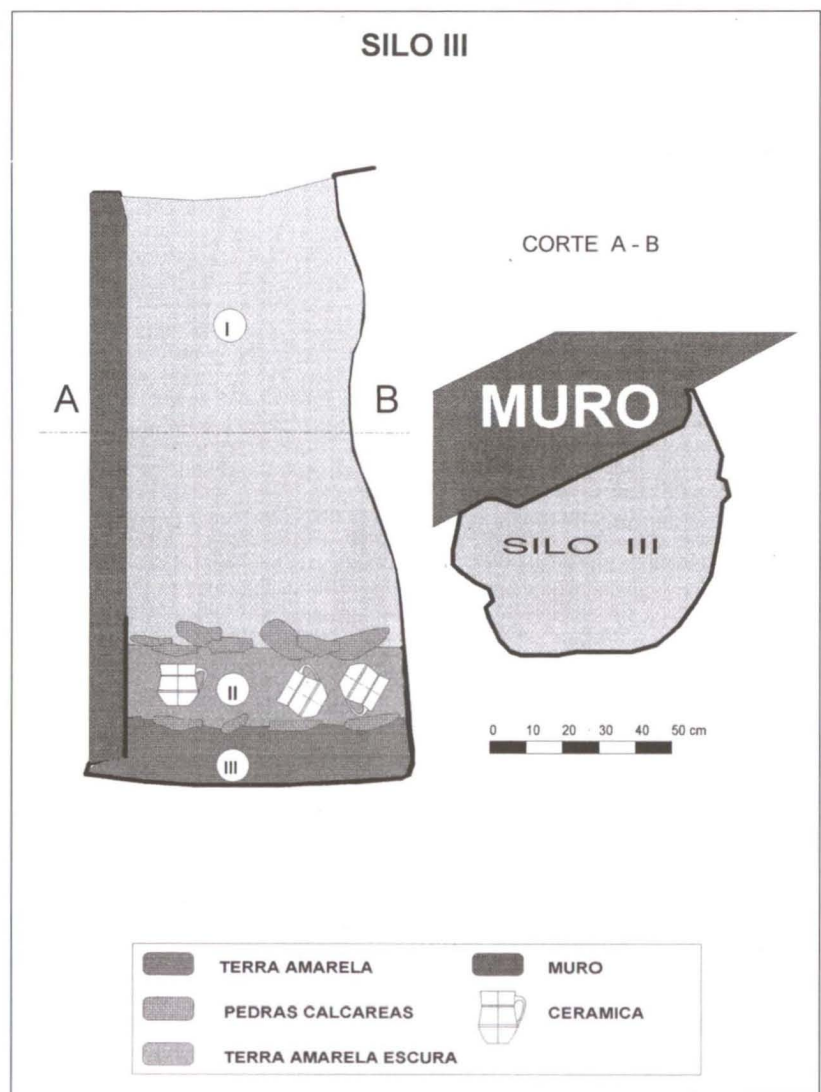


Figura 3

## O Silo IV

O Silo IV é apenas o início de uma perfuração de mais um silo, com uma profundidade de 35 centímetros – Figura 4, mantendo, apesar de tudo, uma certa analogia com os demais.

### Estrato I

Constituído por entulhos do século XIV, representados por fragmentos díspares de cerâmica.

### Estrato II

Constituído por terra amarela escura, contendo alguns fragmentos de cerâmica comum idêntica à dos restantes silos.

### Estrato III

Estrato constituído por terra amarelo claro, de superfície, mas perfeitamente estéril.

## Conclusão

Do exposto parece podermos concluir o seguinte:

- 1 – Os silos terão sido abertos em data igual ou anterior ao século X, porque a cerâmica lá existente só terá sido depositada naquele período.
- 2 – Terão começado a ser entulhados a partir dos séculos X ou XI, cronologia estabelecida pelo radiocarbono, com base nos restos alimentares.
- 3 – Ainda no século XIII estavam semientulhados porque foram lá encontrados dois dinheiros de bilhão, um de D. Sancho I e outro de D. Afonso III.
- 4 – No século XIV os silos terão sido colmatados, tendo sido efectuadas duas inumações sobre a boca de dois deles.
- 5 – As inumações selaram, até à data, os silos.

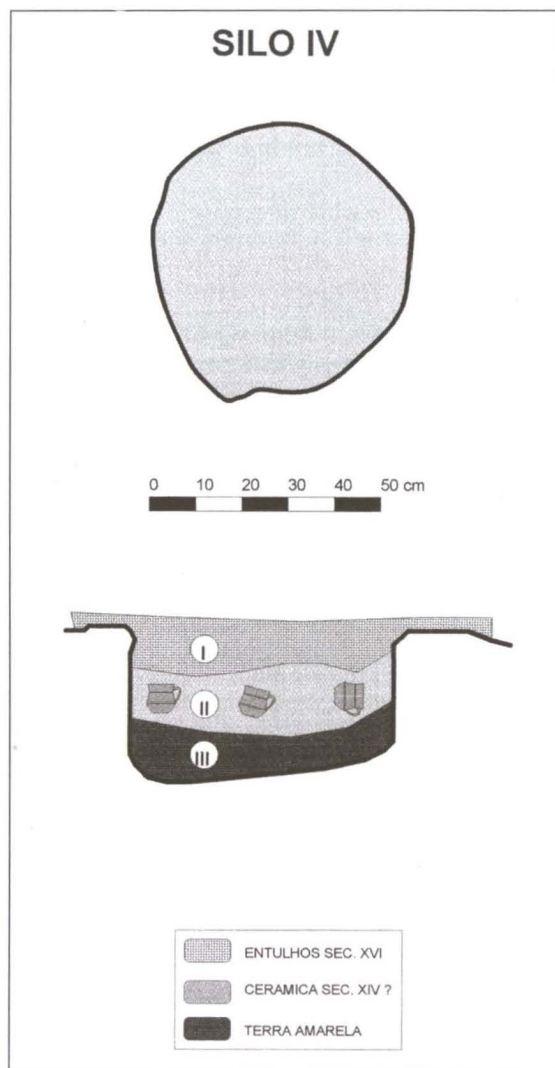


Figura 4

## Cerâmica exumada dos silos

Em todo o seu conjunto a quantidade de cerâmica recolhida foi razoavelmente grande, porém, na sua maioria, não permite reconstituição de grande número de peças, por falta de muitos fragmentos.

Ainda não tivemos possibilidade de confrontação total entre todos os fragmentos considerando o conjunto dos silos como uma realidade única, o que viremos a fazer, a seu tempo; contudo, os ensaios realizados não são promissores.

Da cerâmica reconstituída, seleccionámos, de entre as peças iguais, as que ou estavam completamente intactas, ou as que apresentam menor quantidade de falhas, a fim de efectuarmos os respectivos desenhos e procedermos ao seu estudo. Destas, dividimo-las ainda segundo prováveis afinidades de utilização (formas semelhantes), para podermos avaliar a sua variação, tentando perceber o que lhe estaria subjacente; é evidente que duas peças iguais mas de dimensões bem diferentes não terão o mesmo significado de duas peças que apenas diferem na decoração.

Fruto de alguns anos de intervenção arqueológica em S. Vicente de Fora, o presente trabalho pretende, embora de uma forma muito sintética, apresentar uma panorâmica muito geral das cerâmicas encontradas e que cronologicamente as podemos situar no século X-XI.

Embora existam em S. Vicente, noutros contextos, bem entendido, cerâmicas de vários outros períodos, pareceu-nos de maior interesse tratarmos apenas das cerâmicas respeitantes àquele período, já que estas peças teriam muito provavelmente pertencido a um grupo de moçárabes residentes na zona da actual S. Vicente de Fora (vidé *Vida e Morte na época de D. Afonso Henriques*) e que poderiam ter sido os guardas do cemitério cristão onde, anos volvidos, D. Afonso Henriques teria vindo a sepultar os teutónicos.

Tentámos superar a tradicional dificuldade da classificação da cor das cerâmicas, fazendo a análise das pastas a partir de um “scanner” e decompondo a cor nas três cores fundamentais e da respectiva quantidade de preto, utilizando o seguinte código internacional “pantone”:

C – Cyan  
 M – Magenta  
 Y – Amarelo  
 K – Preto

Isto significa, porque o processo é reversível, que em qualquer programa informático de desenho ou de tratamento de imagem é perfeitamente possível reconstituir a cor de cada uma das peças referidas no presente trabalho.

## Descrição das peças

- 1 – N.º da peça..... 1
- 2 – Função..... Canjirão – Contentor de líquido
- 3 – Nome na época ..... Desconhecido
- 4 – Período cronológico..... Século X
- 5 – Pasta ..... Grosseira, de cor cinzenta e mal depurada
  - 5.1 – Cor ..... C 34 – M 66 – Y 92 – K 1
  - 5.2 – Desengordurante..... Quartzo e mica
  - 5.3 – Decoração
    - 5.3.1 – Interior..... Não apresenta
    - 5.3.2 – Exterior..... Linhas horizontais onduladas, pintadas a engobe branco.  
Tem uma asa.
    - 5.3.3–No bordo..... Não apresenta
  - 5.4 – Revestimento exterior.. Não tem
  - 5.5 – Revestimento interior .. Não tem
  - 5.6 – Figura 5

- 1 – N.º da peça..... 2
- 2 – Função..... Asado (?) – Contentor de líquido
- 3 – Nome na época ..... Desconhecido
- 4 – Período cronológico..... Século X
- 5 – Pasta ..... Grosseira, de cor cinzenta e mal depurada
  - 5.1 – Cor: ..... C 75 – M 78 – Y 84 – K 53
  - 5.2 – Desengordurante..... Quartzo e mica
  - 5.3 – Decoração
    - 5.3.1–Interior..... Não apresenta
    - 5.3.2–Exterior..... Caneluras horizontais no ombro do bojo. Possui uma asa.
    - 5.3.3–No bordo..... Não apresenta
  - 5.4 – Revestimento exterior.. Não tem
  - 5.5 – Revestimento interior .. Não tem
  - 5.6 – Figura 6

- 1 – N.º da peça..... 3
- 2 – Função..... Contendor de líquido – Caneca
- 3 – Nome na época ..... Desconhecido
- 4 – Período cronológico..... Século X
- 5 – Pasta ..... Grosseira, de cor cinzenta e mal depurada
  - 5.1 – Cor ..... C 68 – M 82 – Y 75 – K 50
  - 5.2 – Desengordurante..... Quartzo e mica
  - 5.3 – Decoração
    - 5.3.1–Interior..... Não apresenta
    - 5.3.2–Exterior..... Sulcos definindo os níveis de quebra da peça. Possui uma asa
    - 5.3.3–No bordo..... Não apresenta
  - 5.4 – Revestimento exterior.. Não tem
  - 5.5 – Revestimento interior.. Não tem
  - 5.6 – Figura 7



Figura 5

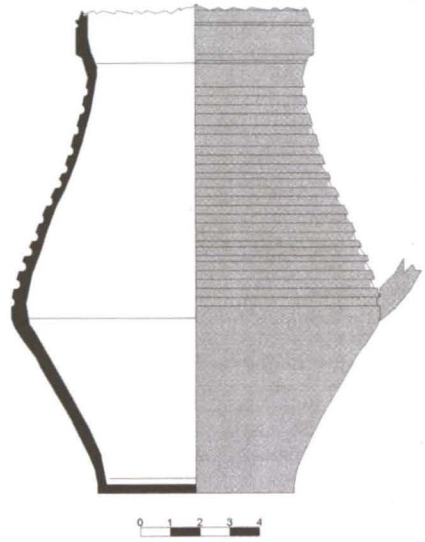


Figura6



Figura7

- 1 – N.º da peça..... 4
- 2 – Função..... Contendor de líquido – Caneca grande
- 3 – Nome na época ..... Desconhecido
- 4 – Período cronológico..... Século X
- 5 – Pasta ..... Grosseira, de cor cinzenta e mal depurada
  - 5.1 – Cor ..... C 54 – M 65 – Y 88 – K 8
  - 5.2 – Desengordurante..... Quartzo e mica
  - 5.3 – Decoração
    - 5.3.1–Interior..... Não apresenta
    - 5.3.2–Exterior..... Sulcos horizontais definindo os níveis de quebra da peça.  
Possui uma asa.
    - 5.3.3–No bordo..... Não apresenta
  - 5.4 – Revestimento exterior.. Não tem
  - 5.5 – Revestimento interior.. Não tem
  - 5.6 – Figura 8



Figura 8

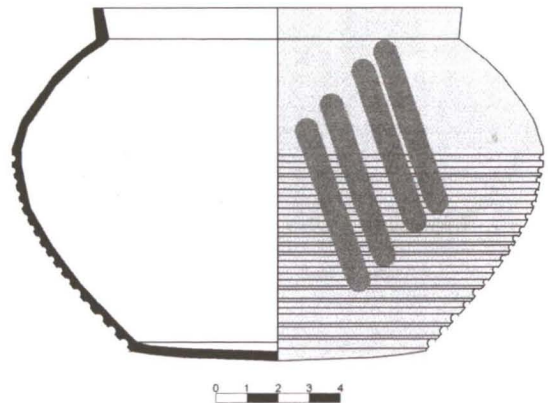


Figura 9

- 1 – N.º da peça..... 5
- 2 – Função..... Olla
- 3 – Nome na época ..... Desconhecido
- 4 – Período cronológico..... Século X
- 5 – Pasta ..... Grosseira, de cor cinzenta e mal depurada
  - 5.1 – Cor..... C 2 – M 62 – Y 81 – K 0
  - 5.2 – Desengordurante..... Quartzo e mica
  - 5.3 – Decoração
    - 5.3.1–Interior..... Não apresenta
    - 5.3.2–Exterior..... Caneluras horizontais desde a base ao bordo. Pintura a engobe branco, com pinceladas paralelas, a 45.º relativamente ao eixo da peça. Possui duas asas diametralmente opostas.

- 5.3.3 – No bordo ..... Pinceladas paralelas, a branco
- 5.4 – Revestimento exterior.. Não tem
- 5.5 – Revestimento interior .. Não tem
- 5.6 – Figura 9

- 1 – N.º da peça..... 6
- 2 – Função..... Contentor de líquido
- 3 – Nome na época ..... Desconhecido
- 4 – Período cronológico..... Século X
- 5 – Pasta ..... Grosseira, de cor cinzenta e mal depurada
  - 5.1 – Cor ..... C 12 – M 55 – Y 71 – K 5
  - 5.2 – Desengordurante..... Quartzo e mica
  - 5.3 – Decoração
    - 5.3.1–Interior ..... Não apresenta
    - 5.3.2 – Exterior..... Sulcos horizontais definindo os níveis de quebra da peça
    - 5.3.3 – No bordo ..... Não apresenta
  - 5.4 – Revestimento exterior.. Não tem
  - 5.5 – Revestimento interior .. Não tem
  - 5.6 – Figura 10

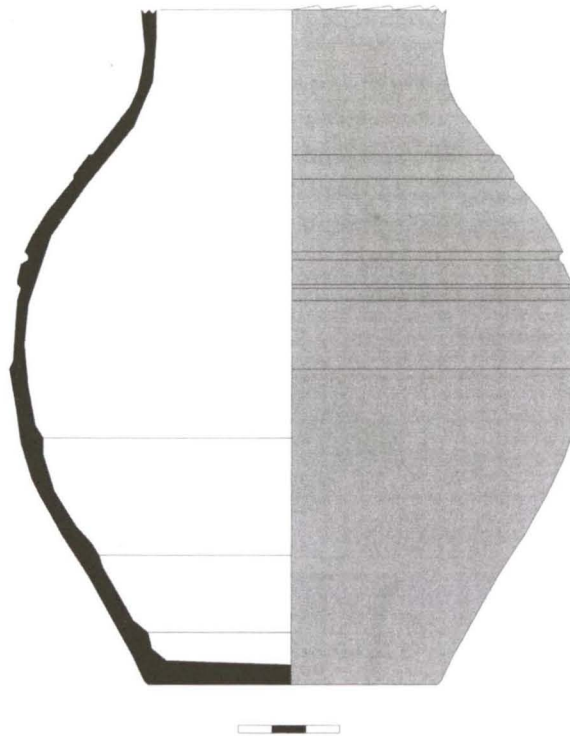


Figura 10

- 1 – N.º da peça..... 7
- 2 – Função..... Testo
- 3 – Nome na época ..... Desconhecido
- 4 – Período cronológico..... Século X
- 5 – Pasta ..... Grosseira, de cor cinzenta avermelhada, mal depurada
  - 5.1 – Cor ..... C 79 – M 65 – Y 74 – K 44
  - 5.2 – Desengordurante..... Quartzo e mica

- 5.3 – Decoração
  - 5.3.1–Interior..... Não apresenta
  - 5.3.2–Exterior..... Não apresenta
  - 5.3.3–No bordo..... Não apresenta
- 5.4 – Revestimento exterior.. Não tem
- 5.5 – Revestimento interior.. Não tem
- 5.6 – Figura 11



Figura 11

- 1 – N.º da peça..... 8
- 2 – Função..... Pequena “bilha”
- 3 – Nome na época..... Desconhecido
- 4 – Período cronológico..... Século X
- 5 – Pasta .....Grosseira, de cor cinzenta e mal depurada
  - 5.1 – Cor..... C 65 – M 76 – Y 55 – K 7
  - 5.2 – Desengordurante..... Quartzo e mica (muito abundante)
  - 5.3 – Decoração
    - 5.3.1–Interior..... Não apresenta
    - 5.3.2–Exterior..... Não apresenta. Possui uma asa.
    - 5.3.3–No bordo..... Não apresenta
  - 5.4 – Revestimento exterior.. Não tem
  - 5.5 – Revestimento interior.. Não tem
- 5.6 – Figura 12

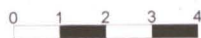
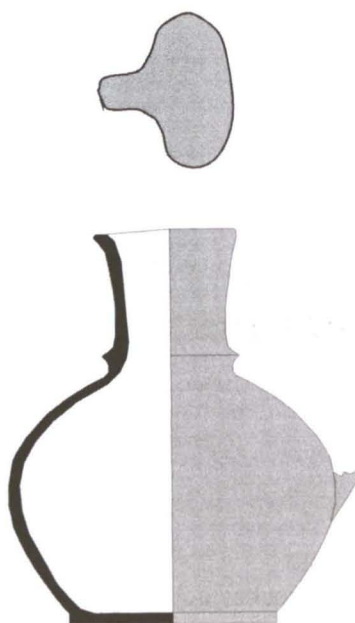


Figura 12

- 1 – N.º da peça..... 10
- 2 – Função..... Jarro – Contentor de líquido
- 3 – Nome na época ..... Desconhecido
- 4 – Período cronológico..... Século X
- 5 – Pasta ..... Grosseira, de cor cinzenta e mal depurada
  - 5.1 – Cor..... C 65 – M 75 – Y 73 – K 32
  - 5.2 – Desengordurante..... Quartzo e mica
  - 5.3 – Decoração
    - 5.3.1–Interior..... Não apresenta
    - 5.3.2–Exterior..... Não apresenta. Possui uma asa.
    - 5.3.3–No bordo..... Não apresenta
  - 5.4 – Revestimento exterior.. Não tem
  - 5.5 – Revestimento interior .. Não tem
  - 5.6 – Figura 13



Figura 13

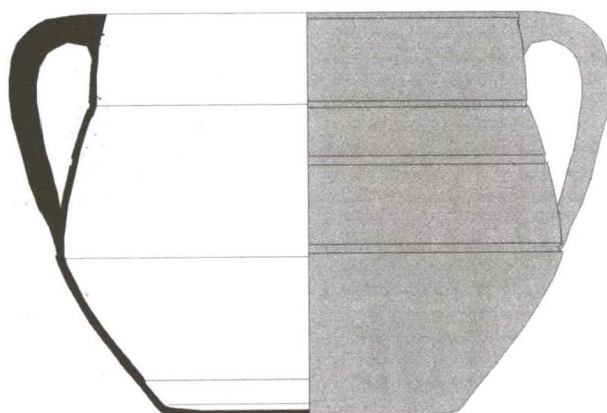


Figura 14

- 1 – N.º da peça..... 11
- 2 – Função..... Jarro – Contentor de líquido
- 3 – Nome na época ..... Desconhecido
- 4 – Período cronológico..... Século X
- 5 – Pasta ..... Grosseira, de cor cinzenta e avermelhada, mal depurada
  - 5.1 – Cor..... C 9 – M 73 – Y 98 – K 0
  - 5.2 – Desengordurante..... Quartzo e mica
  - 5.3 – Decoração
    - 5.3.1–Interior..... Não apresenta
    - 5.3.2–Exterior..... Sulcos horizontais, definindo planos de quebra. Possui duas asas diametralmente opostas.
    - 5.3.3–No bordo..... Não apresenta
  - 5.4 – Revestimento exterior.. Não tem
  - 5.5 – Revestimento interior .. Não tem
  - 5.6 – Figura 14

- 1 – N.º da peça..... 12
- 2 – Função..... Contendor de líquido
- 3 – Nome na época ..... Desconhecido
- 4 – Período cronológico..... Século X
- 5 – Pasta ..... Grosseira, de cor cinzenta e mal depurada
  - 5.1 – Cor..... C 72 – M 80 – Y 74 – K 32
  - 5.2 – Desengordurante..... Quartzo e mica
  - 5.3 – Decoração
    - 5.3.1–Interior..... Não apresenta
    - 5.3.2–Exterior..... Sulco horizontal junto à base
    - 5.3.3–No bordo..... Não apresenta
  - 5.4 – Revestimento exterior.. Não tem
  - 5.5 – Revestimento interior .. Não tem
  - 5.6 – Figura 15

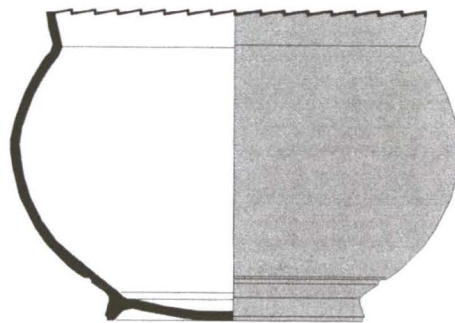


Figura 15

- 1 – N.º da peça..... 13
- 2 – Função..... Jarro – Contendor de líquido
- 3 – Nome na época ..... Desconhecido
- 4 – Período cronológico..... Século X
- 5 – Pasta ..... Grosseira, de cor cinzenta e mal depurada
  - 5.1 – Cor..... C 82 – M 64 – Y 78 – K 45
  - 5.2 – Desengordurante..... Quartzo e mica
  - 5.3 – Decoração
    - 5.3.1–Interior..... Não apresenta
    - 5.3.2–Exterior..... Sulcos horizontais nos planos de quebra. Possui uma asa.
    - 5.3.3–No bordo..... Não apresenta
  - 5.4 – Revestimento exterior.. Não tem
  - 5.5 – Revestimento interior .. Ligeira aguada da mesma cor da pasta
  - 5.6 – Figura 16

- 1 – N.º da peça..... 14
- 2 – Função..... Infusinha – Contendor de líquido
- 3 – Nome na época ..... Desconhecido
- 4 – Período cronológico..... Século X
- 5 – Pasta ..... Grosseira, de cor cinzenta e mal depurada

- 5.1 – Cor ..... C 25 – M 58 – Y 84 – K 0
- 5.2 – Desengordurante..... Quartzos e mica
- 5.3 – Decoração
  - 5.3.1–Interior..... Não apresenta
  - 5.3.2–Exterior..... Um sulco horizontal em pleno bojo. Possui uma asa.
  - 5.3.3–No bordo..... Não apresenta
- 5.4 – Revestimento exterior.. Não tem
- 5.5 – Revestimento interior .. Não tem
- 5.6 – Figura 17

- 1 – N.º da peça..... 15
- 2 – Função..... Caçoula de fogo carenada
- 3 – Nome na época ..... Desconhecido

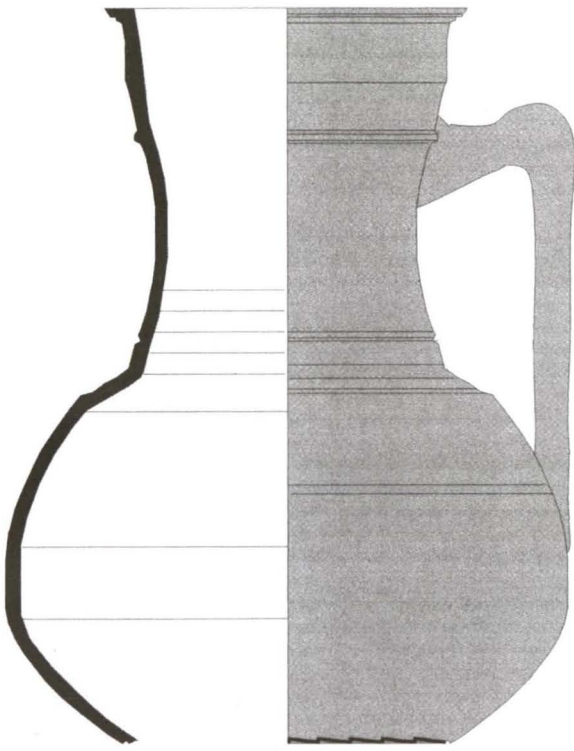


Figura 16



Figura 17

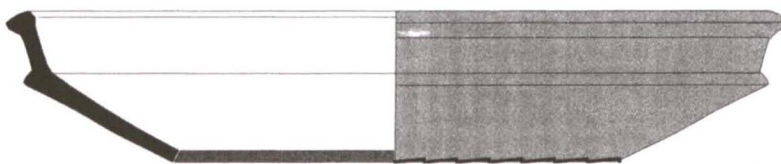


Figura 18

- 4 – Período cronológico..... Século X
- 5 – Pasta ..... Grosseira, de cor cinzenta avermelhada e mal depurada
  - 5.1 – Cor ..... C 37 – M 65 – Y 83 – K 30
  - 5.2 – Desengordurante..... Quartzo e mica
  - 5.3 – Decoração
    - 5.3.1–Interior..... Não apresenta
    - 5.3.2–Exterior..... Fita horizontal nos planos de bordo r bojo
    - 5.3.3–No bordo..... Não apresenta
  - 5.4 – Revestimento exterior.. Não tem
  - 5.5 – Revestimento interior.. Não tem
  - 5.6 – Figura 18

- 1 – N.º da peça..... 16
- 2 – Função..... Caçoila de fogo carenada
- 3 – Nome na época ..... Desconhecido
- 4 – Período cronológico..... Século X
- 5 – Pasta ..... Grosseira, de cor cinzenta avermelhada, mal depurada
  - 5.1 – Cor ..... C 37 – M 70 – Y 84 – K 23
  - 5.2 – Desengordurante..... Quartzo e mica
  - 5.3 – Decoração
    - 5.3.1–Interior..... Não apresenta
    - 5.3.2–Exterior..... Não apresenta
    - 5.3.3–No bordo..... Caneluras paralelas e horizontais no lábio do bordo
  - 5.4 – Revestimento exterior.. Não tem
  - 5.5 – Revestimento interior.. Não tem
  - 5.6 – Figura 19

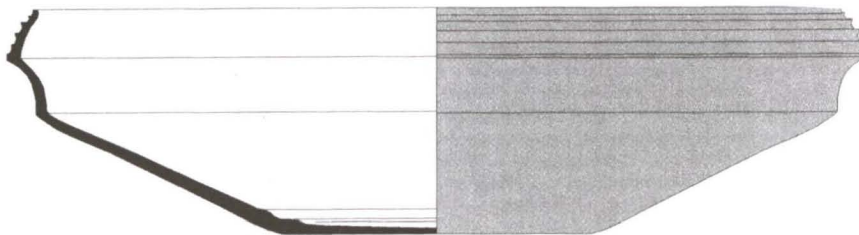


Figura 19

- 1 – N.º da peça..... 17
- 2 – Função..... Contentor de líquido – Caneca
- 3 – Nome na época ..... Desconhecido
- 4 – Período cronológico..... Século X
- 5 – Pasta ..... Grosseira, de cor cinzenta e mal depurada
  - 5.1 – Cor ..... C 54 – M 65 – Y 88 – K 8
  - 5.2 – Desengordurante..... Quartzo e mica
  - 5.3 – Decoração
    - 5.3.1–Interior..... Não apresenta
    - 5.3.2 – Exterior..... Dois sulcos horizontais e paralelos no bordo. Possui uma asa.
    - 5.3.3 –No bordo ..... Não apresenta

- 5.4 – Revestimento exterior.. Não tem
- 5.5 – Revestimento interior .. Não tem
- 5.6 – Figura 20

- 1 – N.º da peça..... 18
- 2 – Função..... Caçoula de fogo – Contentor de líquido
- 3 – Nome na época ..... Desconhecido
- 4 – Período cronológico..... Século X
- 5 – Pasta ..... Grosseira, de cor cinzenta e mal depurada
  - 5.1 – Cor ..... C 52 – M 78 – Y 84 – K 13
  - 5.2 – Desengordurante..... Quartzo e mica
  - 5.3 – Decoração
    - 5.3.1–Interior..... Quatro traços paralelos pincelados a engobe branco, delimitados por dois traços que lhe são perpendiculares
    - 5.3.2–Exterior..... Pinceladas verticais, a engobe branco, a toda a altura da parede exterior.
    - 5.3.3–No bordo..... Não apresenta
- 5.4 – Revestimento exterior.. Não tem
- 5.5 – Revestimento interior .. Não tem
- 5.6 – Figura 21

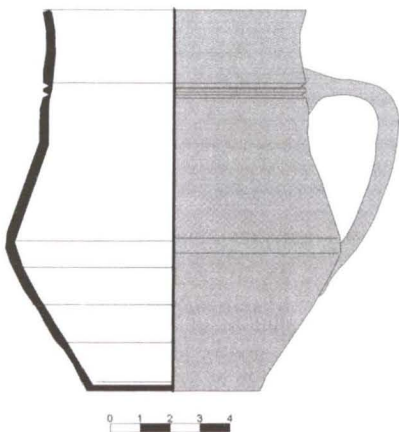


Figura 20

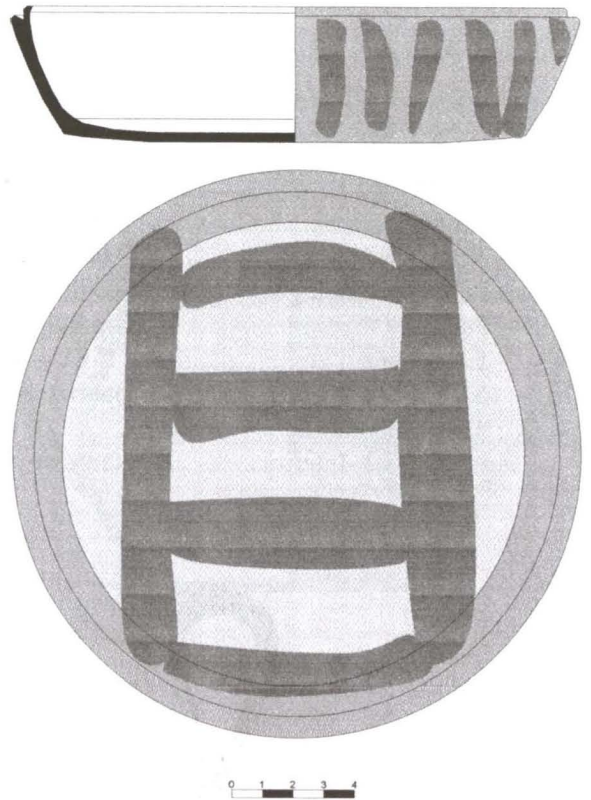


Figura 21

- 1 – N.º da peça..... 19
- 2 – Função..... Caçoula de fogo de fundo convexo, sem pé.
- 3 – Nome na época ..... Desconhecido
- 4 – Período cronológico..... Século X

- 5 – Pasta ..... Grosseira, de cor cinzenta e mal depurada
- 5.1 – Cor ..... C 52 – M 71 – Y 85 – K 23
- 5.2 – Desengordurante..... Quartzos e mica
- 5.3 – Decoração
  - 5.3.1–Interior..... Não apresenta
  - 5.3.2–Exterior..... Não apresenta
  - 5.3.3–No bordo..... Não apresenta
- 5.4 – Revestimento exterior.. Não tem
- 5.5 – Revestimento interior .. Não tem
- 5.6 – Figura 22

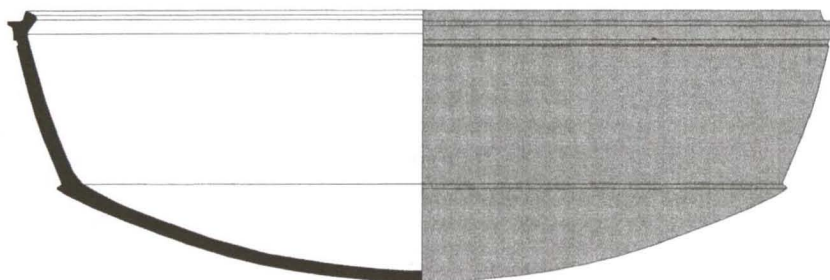


Figura 22

- 1 – N.º da peça..... 20
- 2 – Função..... Tarro de fundo convexo – Contentor de líquido
- 3 – Nome na época..... Desconhecido
- 4 – Período cronológico..... Século X
- 5 – Pasta ..... Grosseira, de cor cinzenta e mal depurada
- 5.1 – Cor ..... C 81 – M 73 – Y 79 – K 71
- 5.2 – Desengordurante..... Quartzos e mica
- 5.3 – Decoração
  - 5.3.1–Interior..... Não apresenta

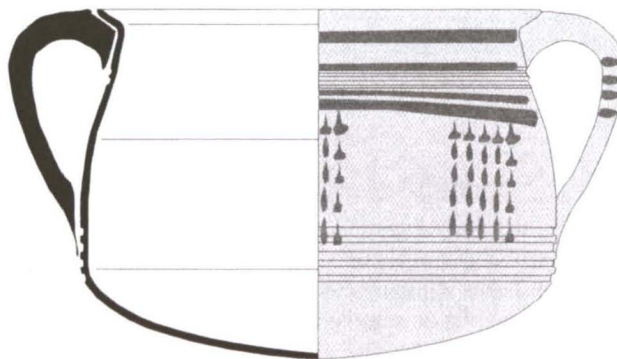


Figura 23

- 5.3.2–Exterior..... Linhas horizontais nos planos da base e do colo. Fileiras verticais de pontilhados efectuados a pincel, a engobe branco . Possui duas asas diametralmente opostas.
- 5.3.3–No bordo..... Não apresenta
- 5.4 – Revestimento exterior.. Não tem
- 5.5 – Revestimento interior .. Não tem
- 5.6 – Figura 23

- 1 – N.º da peça..... 21
- 2 – Função..... Púcaro (?) – Contentor de líquido
- 3 – Nome na época ..... Desconhecido
- 4 – Período cronológico..... Século X
- 5 – Pasta ..... Grosseira, de cor cinzenta e mal depurada
  - 5.1 – Cor ..... C 22 – M 59 – Y 94 – K 0
  - 5.2 – Desengordurante..... Quartzo e mica
  - 5.3 – Decoração
    - 5.3.1–Interior..... Não apresenta
    - 5.3.2–Exterior..... Sulcos horizontais no bojo e base do colo
    - 5.3.3–No bordo..... Não apresenta
  - 5.4 – Revestimento exterior.. Não tem
  - 5.5 – Revestimento interior .. Não tem
  - 5.6 – Figura 24

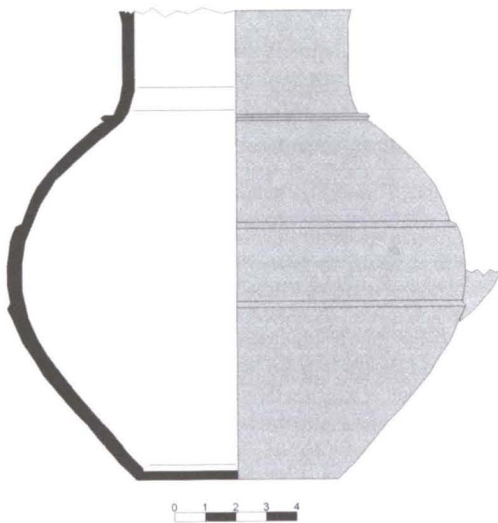


Figura 24

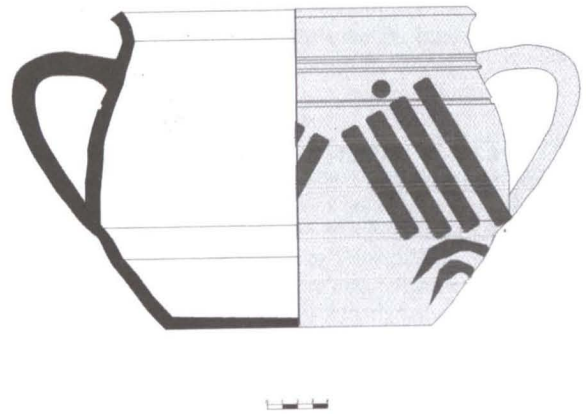


Figura 25

- 1 – N.º da peça..... 22
- 2 – Função..... Tarro – Contentor de líquido
- 3 – Nome na época ..... Desconhecido
- 4 – Período cronológico..... Século X
- 5 – Pasta ..... Grosseira, de cor cinzenta e mal depurada
  - 5.1 – Cor ..... C 35 – M 55 – Y 68 – K 1
  - 5.2 – Desengordurante..... Quartzo e mica

5.3 – Decoração

5.3.1–Interior..... Não apresenta

5.3.2–Exterior..... Grupos de 4 pinceladas a engobe branco, a 35° relativamente ao eixo da peça . Possui duas asas diametralmente opostas.

5.3.3–No bordo..... Não apresenta

5.4 – Revestimento exterior.. Não tem

5.5 – Revestimento interior .. Não tem

5.6 – Figura 25

## Estêvão Cibrães e João Esteves: A família Pão e Água em Lisboa (1269-1342)<sup>1</sup>

MIGUEL GOMES MARTINS\*

### Introdução

Apesar de existirem já alguns estudos sobre a administração municipal durante a Idade Média, poucos são os que se debruçam sobre a cidade de Lisboa, excepção feita para as obras de Marcelo Caetano (*A Administração Municipal de Lisboa durante a Primeira Dinastia*)<sup>2</sup> e de Maria Teresa Campos Rodrigues (*Aspectos da Administração Municipal de Lisboa no Século XV*)<sup>3</sup>. Apesar de a importância e o interesse do tema justificarem uma análise mais aprofundada, muito pouco tem sido feito de forma a desenvolver algumas das questões que nesses trabalhos se limitaram a ser afluídas.

Este é, igualmente, o panorama relativamente a outras cidades portuguesas. Destas, só o Porto teve direito a monografias sobre as suas instituições municipais medievais<sup>4</sup>. Todavia, várias são as obras que abordam a organização concelhia medieval de algumas das mais importantes cidades e vilas portuguesas, tais como Santarém<sup>5</sup>, Évora<sup>6</sup>, Óbidos<sup>7</sup>, entre outras.

O facto de desde a publicação dos dois estudos acima citados muito pouco ter sido feito nesta área da Olisipografia prende-se, acreditamos, com inúmeros factores de onde sobressaem a dispersão da documentação concelhia por diversos acervos e algum mutismo por parte da documentação à guarda do Arquivo Municipal de Lisboa, algo lacónica no que diz respeito, por exemplo, aos percursos biográficos dos homens que compunham os órgãos autárquicos.

Uma das matérias que mais urge rever prende-se, justamente, com as oligarquias municipais da capital, seus membros, relações pessoais e familiares, riqueza e origem socio-económica<sup>8</sup>. O estudo destas temáticas afigura-se, no nosso ponto de vista, como um passo fundamental para que melhor se compre-

\* Arquivo Municipal de Lisboa

<sup>1</sup> A elaboração deste trabalho data de finais de 1999, altura em que foi apresentado no IV Colóquio Temático “*Estudos de Lisboa – Séculos VIII a XV*”, organizado pela Associação dos Arqueólogos Portugueses e, como tal, poderá, em termos de bibliografia, revelar-se algo desactualizado, pois, desde então, têm sido levados a cabo diversos estudos sobre as elites urbanas no Portugal medieval. Recentemente foram publicadas as actas relativas ao Colóquio *Elites e redes clientelares na Idade Média: Problemas Metodológicos*, ed. de Filipe Themudo Barata, Lisboa, Livros Colibri/Universidade de Évora, 2002, realizado pelo Centro Interdisciplinar de História, Cultura e Sociedades da Universidade de Évora e que, sobre esta temática, apresentam o estado actual do conhecimento. Aliás, os estudos relativos às elites urbanas eborenses têm estado particularmente activos graças ao Projecto PRAXIS XXI “Elites e redes clientelares na Idade Média. Uma observação centrada em Évora”.

<sup>2</sup> Marcelo Caetano, *A Administração Municipal de Lisboa durante a Primeira Dinastia (1179-1383)*, Lisboa, Livros Horizonte, 1990 (reed.).

<sup>3</sup> Maria Teresa Campos Rodrigues, *Aspectos da Administração Municipal de Lisboa no Século XV*, Separata da Revista Municipal, nº 101 a 109, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1968.

<sup>4</sup> Torquato de Sousa Soares, *Subsídios para o Estudo da Organização Municipal da Cidade do Porto Durante a Idade Média*, Barcelos, s.n., 1989 (reed.); Adelaide Millan da Costa, “*Vereação*” e “*Vereadores*”: *O Governo do Porto em Finais do Século XV*, Porto, Arquivo Histórico da Câmara Municipal do Porto, 1993 (Coleção Documentos e Memórias para a História do Porto) e Iria Gonçalves, *As Finanças Municipais do Porto na Segunda Metade do Século XV*, Porto, Arquivo Histórico da Câmara Municipal do Porto, 1987 (Coleção Documentos e Memórias para a História do Porto).

<sup>5</sup> Maria Ângela Beirante, *Santarém Medieval*, Lisboa, Universidade Nova-Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1980.

<sup>6</sup> Maria Ângela Beirante, *Évora na Idade Média*, Lisboa, Fundação Gulbenkian / J.N.I.C.T., 1995.

<sup>7</sup> Manuela Santos Silva, *Óbidos Medieval: Estruturas Urbanas e Administração Concelhia*, Cascais, Patrimonia, 1997.

<sup>8</sup> Foram já elaborados alguns trabalhos sobre esta temática, embora para um período posterior e sobre a cidade do Porto, por Pedro de Brito: *Patriciado Urbano Quinhentista—As Famílias Dominantes do Porto (1500-1580)*, Porto, Arquivo Histórico da Câmara Municipal do Porto, 1997 (Coleção Documentos e Memórias para a História do Porto) e *The Stillbirth of a Portuguese Bourgeoisie—The Leading Families of Porto (1500-1580)*, Separata de *Mediterranean Studies*, Vol. V, North Dartmouth (U.S.A.), 1995.

endam a organização e as “orientações políticas” das instituições municipais lisboetas e dos homens que lhes davam corpo.

Nesse sentido e na sequência de um trabalho que teve como objecto de estudo a família Palhavã (1253-1357)<sup>9</sup>, retomamos a análise de algumas das mais representativas famílias das muitas que ao longo da Idade Média conduziram os destinos do concelho da cidade de Lisboa, desta feita tendo como alvo a família *Pão e Água*.

A documentação disponível não é generosa em informações sobre esta família, sendo apenas conhecidos dois dos seus membros, Estêvão Cibrães e João Esteves, respectivamente pai e filho<sup>10</sup>. A relação de ambos com o concelho lisboeta é extremamente interessante e, por isso, digna de um estudo um pouco mais desenvolvido do que as escassas linhas que, até agora, lhe foram dedicadas<sup>11</sup>.

Por existirem muito poucos termos de comparação, pouco será possível concluir, pelo que seremos forçados a fazer constantes comparações com a família Palhavã, a única que, dentro das mesmas balizas cronológicas se encontra, de alguma forma, estudada. Porém, gradualmente, mercê de trabalhos que venham a ser realizados sobre outras famílias e/ou figuras de proa da administração concelhia lisboeta, julgamos que, dentro em breve, será possível ter uma visão mais panorâmica, o que possibilitará obter resultados mais conclusivos. O desafio, mais uma vez, fica lançado para todos quantos pretendam enveredar por este campo da Olsipografia.

## O pano de fundo

A Lisboa da segunda metade do século XIII é uma cidade em pleno desenvolvimento urbano, populacional e económico. Para tal contribuíram decisivamente dois factores: a conquista de Alcácer (do Sal) em 1217 – que afastou o espectro dos ataques frequentes da pirataria muçulmana – e a instalação a título praticamente definitivo da chancelaria régia e da corte em Lisboa, durante o reinado de Afonso III.

As transformações verificam-se também nas actividades económicas. Apesar de se manter uma marca de profunda ruralidade, começa a desenvolver-se um novo tipo de comércio, o de grande trato, com o incremento das relações comerciais com as cidades do norte da Europa e do Mediterrâneo, estas últimas, facilitadas pela queda de Cartagen (1245) e de Sevilha (1248). Lisboa passou assim a ser o ponto de encontro entre os homens do norte e do sul do velho continente. Nesta movimentação crescente de bens de diversos géneros, os portugueses começam, gradualmente, a deter um papel cada vez mais importante.

Este grande comércio, responsável pelo aparecimento, desaparecimento e transferência de muita riqueza, vai, paulatinamente, remodelar a clássica divisão social e económica assente na posse da terra integrando, numa “zona” entre peões e cavaleiros, aqueles a quem podemos com segurança apelidar de burgueses e que começam a ter uma palavra importante nas decisões relativas aos destinos do concelho. É neste grupo e neste enquadramento histórico que vamos encontrar a figura de Estêvão Cibrães *Pão e Água*.

<sup>9</sup> Miguel Gomes Martins, “A família Palhavã (1253-1357): Elementos para o estudo das elites dirigentes da Lisboa medieval”, in *Revista Portuguesa de História*, Tomo XXXII, Coimbra, Faculdade de Letras, 1997, pp. 35-93. Recentemente publicámos um outro estudo, porém, sobre a família Filipe, centrado na figura de Estêvão Vasques Filipe (“Estêvão Vasques Filipe: o percurso de um guerreiro em finais de Trezentos”, in *Cadernos do Arquivo Municipal*, n.º 5, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 2001, pp. 10-47), uma das mais prestigiadas personalidades da Lisboa do último quartel do século XIV.

<sup>10</sup> Apesar de a documentação disponível registar a existência de outros indivíduos de alcunha *Pão e Água*, tais como Vicente Martins *Pão e Água*, tesoureiro do concelho de Lisboa em 1316 (*Posturas do Concelho de Lisboa (Século XIV)*, Lisboa, Sociedade de Língua Portuguesa, 1974, p. 55), Estêvão Anes *Pão e Água*, alfaiate, foreiro de uma casa em Beja em 1327 (*Chancelaria de Afonso IV*, Vol. I, Lisboa, INIC, 1990, p. 130), Martim Anes *Pão e Água*, porteiro do rei em Tomar em 1328 (IAN-TT, Antiga Coleção Especial, Ordem de Cristo, Documentos Particulares, Maço 2, doc. 12) e Mateus Anes *Pão e Água*, em Setúbal no ano de 1340 (Chancelarias Portuguesas: D. Afonso IV, Vol. III, Lisboa, INIC, 1992, p. 159), não nos foi possível determinar qualquer parentesco com D. Estêvão Cibrães e João Esteves. Mais tarde, no século XV, encontram-se novas referências a indivíduos com a alcunha *Pão e Água*. Estão nessas condições: João Vicente *Pão e Água*, em 1410 (IAN-TT, S. Vicente de Fora, 2ª Inc., Caixa 6, doc. 8), Vicente Anes *Pão e Água*, em 1417 e, provavelmente, filho do anterior (IAN-TT, Colegiada de Santa Cruz do Castelo, doc. 383) e João Esteves *Pão e Água*, morador em Colares e confrade da confraria dos Fiéis de Deus, em 1461 (IAN-TT, Confraria dos Fiéis de Deus, doc. 8) e possuidor de casas em Sintra, em 1449 (IAN-TT, S. Martinho de Sintra, doc. 12). Mais uma vez nada pudemos apurar quanto a uma possível relação familiar com Estêvão Cibrães e João Esteves.

<sup>11</sup> Marcelo Caetano, *op. cit.*, p. 48 e Luís António Mata, *Ser, Ter e Poder: O Hospital do Espírito Santo de Santarém nos Finais da Idade Média*, Leiria, Magno, 2000, pp. 39-40.

## Estêvão Cibrães Pão e Água (1269-1285)

Membro destacado da oligarquia lisboeta da segunda metade do século XIII<sup>12</sup> e cujas origens se desconhecem, Estêvão Cibrães, de alcunha *Pão e Água* – *Stephanus Cipriani dictus Panis et Aqua*<sup>13</sup> –, devia a sua proeminência, garantidamente, ao poder económico que detinha. Contrariamente a outras personalidades de quem se desconhece a proveniência da fortuna<sup>14</sup>, neste caso podemos afirmar com total segurança que seria resultado da sua actividade como mercador, encontrando-se referenciado como tal em diversos diplomas<sup>15</sup>. Segundo Oliveira Marques, estes homens “habitavam nas melhores ruas das cidades, deslocavam-se em bestas de sela, viviam em suma como senhores a quem, tantas vezes excediam no montante dos rendimentos”<sup>16</sup>. Todavia, nada se sabe de concreto quanto ao ramo de comércio a que se dedicava, embora seja possível que fosse um indivíduo ligado ao comércio internacional – como importador e/ou exportador – de grande trato, negociando, eventualmente, em tecidos, adornos, vinhos, madeiras, ou cereais. Nada comparável à pequena actividade dos almocreves ou dos vendedores que exerciam a sua profissão nos mercados ou nas tendas, das muitas que proliferavam na capital.

O poder económico que daí lhe advinha ter-lhe-á aberto as portas do concelho lisboeta, isto apesar de não o encontrarmos nunca referenciado como detendo qualquer cargo dirigente, eventualmente por opção<sup>17</sup>. O seu nome surge sim, uma única vez, como uma das testemunhas de uma importante composição datada de 1285 e firmada pelo rei (D. Dinis) e pelo concelho da capital de modo a solucionar um conjunto de agravos apresentados pelo concelho<sup>18</sup>. Entre as testemunhas do acordo encontramos os nomes de D. Martim Gil de Riba de Vizela<sup>19</sup>, do alcaide de Lisboa Lourenço Escola<sup>20</sup>, de Durão Martins de Parada<sup>21</sup>, de Pedro Martins da Romeira<sup>22</sup>, do alcaide de Coimbra Vasco Afonso Vivas dito “Mouro”<sup>23</sup>, de João Lobeira<sup>24</sup>, de Vasco Martins Rebolo<sup>25</sup>, de Abril Peres<sup>26</sup> e de seu filho Afonso Peres, de Gonçalo Garcia, de Gonçalo Alão, de Lourenço Peres Rol, de Fernão Mendes, de Mendo Afonso, de Fer da Porra, de Estêvão Anes de Barbuda, de Fernão Figueira Caulos, dos alvazis Rui de Lemos e Vicente Martins e

<sup>12</sup> O papel destacado de Estêvão Cibrães *Pão e Água* foi, bem como a sua relação familiar com João Esteves *Pão e Água*, pela primeira vez, apontado por Marcelo Caetano, embora de uma forma muito sucinta e que muito pouco revela da sua real importância no contexto da Lisboa medieval (Marcelo Caetano, op. cit., p. 48).

<sup>13</sup> Pedro de Azevedo, *Livro dos Bens de D. João de Portel*, Arquivo Histórico Português, 1906-1910, doc. CCXXIII, p. 124, por exemplo.

<sup>14</sup> É o caso de Martim Peres Palhavã, relativamente ao qual nos limitamos a suspeitar ter constituído o seu valioso pecúlio a partir do comércio de grande trato.

<sup>15</sup> ...“*Stephanus cipriani dictus panis et aqua mercator Vlixbone*”... (Pedro de Azevedo, op. cit., doc. CCXXIII) ou ...“*Stephanus cipriani mercator panis et aqua*”... (Pedro de Azevedo, op. cit. doc. CCXIV, p. 120).

<sup>16</sup> A. H. de Oliveira Marques, *Nova História de Portugal: Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV*, Lisboa, Presença, 1987, pp. 267-268.

<sup>17</sup> É igualmente possível que a documentação concelhia, escassa para este período, não tenha conservado qualquer diploma que referisse o seu nome como detentor de cargos dirigentes.

<sup>18</sup> AML-AH, Livro II dos Reis D. Dinis, D. Afonso IV e D. Pedro I, doc. 2. Sobre a importância e conteúdo desta composição, cf. Marcelo Caetano, op. cit., pp. 30-31.

<sup>19</sup> Parece-nos tratar-se de Martim Gil I (1288-1312/13), pois o seu filho, homónimo, surge quase sempre identificado como “filho de D. Martim Gil alferes”. Martim Gil I sucedeu a seu pai no cargo de alferes em 1295 (Nuno José Pizarro Pinto Dias, *Cortes Portuguesas (1211-1383)*, Braga, Universidade do Minho-Unidade de Ciências Sociais, 1987 (Policopiado), p. 246).

<sup>20</sup> Lourenço Escola (1279-1292) deteve, entre 1284 e 1292, também, o cargo de porteiro-mor do rei (Idem, *ibidem*, p. 229).

<sup>21</sup> Durão Martins de Parada (1285-1296) foi vice-mordomo do rei entre 1285 e 1292, ascendendo, em 1293, ao cargo de mordomo-mor, onde se manteve até 1296, com uma passagem fugaz, anos antes, por esse cargo, em 1286 (Idem, *ibidem*, pp. 133-134).

<sup>22</sup> Pedro Martins da Romeira (1286-1290) encontra-se atestado como membro do conselho do rei no ano de 1287 (Idem, *ibidem*, p. 296).

<sup>23</sup> Filho de Afonso Martins Vivas. Foi, tal como seu pai, sepultado na sé de Coimbra (Frei Francisco Brandão, *Monarquia Lusitana, Monarquia Lusitana*, Parte Quinta, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1980, p. 234v).

<sup>24</sup> Encontra-se identificado na documentação como cavaleiro (Idem, *ibidem*, p. 144v).

<sup>25</sup> Segundo Frei Francisco Brandão, Vasco Martins Rebolo, que chegou a ser alvazil de Lisboa, era um cavaleiro muito chegado ao Papa João XXI, de quem era aparentado. Vasco Martins fez testamento no ano de 1299. Segundo o mesmo autor, os Rebolos eram naturais de Lisboa (Idem, *ibidem*, p. 105).

<sup>26</sup> Talvez se trate do mesmo Abril Peres que a documentação identifica como cavaleiro de Lisboa (Idem, *ibidem*, op. cit., p. 54v).

de João Domingues Rana, isto é, algumas das figuras mais proeminentes da nobreza dionisina, por um lado, e da Lisboa de finais de Duzentos, por outro.

O lugar de realce atingido na sociedade da “capital” e a, intimamente ligada, fortuna de que era detentor foram certamente decisivos para a sua aproximação a um dos mais importantes magnates do seu tempo: D. João Peres de Aboim, ou de Portel<sup>27</sup>. A ligação ao mordomo-mor de Afonso III encontra-se atestada, através da sua presença, enquanto testemunha, na elaboração de alguns diplomas ligados àquele valido do rei, tais como: a compra de uma casa em Santarém ao clérigo do rei Martim Peres (11 de Julho de 1269)<sup>28</sup>; a compra de um casal na Adémia de Toxe, termo de Santarém, a João Mendes e ao filho deste, Martim Anes (5 de Fevereiro de 1275)<sup>29</sup> e a compra de uma herdade em Bolelas, no termo de Sintra, a André Anes (26 de Setembro de 1275)<sup>30</sup>. Esta situação aponta, no nosso ponto de vista, para uma presença assídua de Estêvão Cibrães junto dessa importante figura da segunda metade do século XIII, eventualmente enquanto membro da sua casa senhorial. Qualquer que fosse a ligação entre as famílias dos *Pão e Água* e dos Aboim, na figura dos seus chefes de linhagem, ela parece ter prosseguido, como veremos mais à frente neste estudo, com os filhos de ambos, respectivamente, João Esteves e D. Maria de Aboim.

Todavia, a sua relação com o mordomo-mor d’*O Bolonhês*, apresentava uma faceta bem mais importante. De acordo com a documentação disponível, Estêvão Cibrães serviu de “banqueiro” do magnate, tendo tal acontecido, pelo menos, uma vez. Esta situação encontra-se demonstrada através de uma carta de quitação datada de 9 de Fevereiro de 1279, relativa a um empréstimo – cujo montante desconhecemos –, o que aponta precisamente para esse tipo de ligação<sup>31</sup>. Porém, não sabemos até que ponto esta seria uma situação esporádica ou se, pelo contrário, se tratava de algo que ocorria com frequência. Contudo, por encontrarmos Estêvão Cibrães, na qualidade de testemunha, nos momentos das aquisições feitas pelo Aboim de algumas propriedades em Santarém e em Sintra, somos levados a crêr que o empréstimo acima referido não se tratou de um caso isolado.

Mas não seria este o único interesse de D. João de Portel num relacionamento com o *Pão e Água*, já que este era uma forma privilegiada de o mordomo-mor de Afonso III poder ter alguma influência junto da burguesia lisboeta e do concelho da capital, pelo que seriam muitos e bons os motivos para fomentar essa ligação.

O interesse seria, porém, recíproco já que o senhor de Portel era para Estêvão Cibrães um meio de acesso aos estratos nobres da sociedade portuguesa e à sua esfera de influência, da qual muitos dividendos poderiam ser retirados, ainda para mais tratando-se de um dos principais validos do rei, o que, de certo modo, também lhe poderia abrir as portas da corte. A aproximação à nobreza e ao seu modo de vida, hábitos e sinais, que muitos burgueses – e Estêvão Cibrães não seria excepção – tentavam imitar, pode também ser verificada pelo facto de ser possuidor de selo próprio<sup>32</sup>.

Apesar da proeminência na sociedade lisboeta, são escassos os dados biográficos disponíveis acerca desta personagem, o que se torna ainda mais complexo quando nos debruçamos sobre o seu percurso pessoal. As balizas cronologias entre as quais o encontramos documentalmente registado são, também, pouco esclarecedoras, reportando-se a um curto período de apenas dezasseis anos (1269-1285) o que não é sequer indicador da duração da sua vida.

<sup>27</sup> Várias obras têm já biografado, embora de forma pouco desenvolvida, esta personagem. A notícia biográfica mais actualizada pode ser encontrada em Leontina Ventura, *A Nobreza de Corte de Afonso III*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1997, pp. 565-572 (dissertação de Doutoramento, policopiada). Sobre o património de D. João Peres de Aboim, cf. Maria Antónia Teixeira Louro, *D. João de Portel: Uma Memória Fundiária do Século XIII*, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1997 (dissertação de Mestrado, policopiada).

<sup>28</sup> Pedro de Azevedo, op. cit., doc. CXI, p. 81.

<sup>29</sup> Pedro de Azevedo, op. cit., doc. CCIII, p. 116.

<sup>30</sup> Pedro de Azevedo, op. cit., doc. CCXIV, p. 120.

<sup>31</sup> ...”*quod ego Stephanus ciprianj dictus panis et aqua mercator Vlixbone recognosco me bene et plenarie solutum pccatum et integratum a uobis donno Johane de Auoyno Mayordomo domini Regis de omnibus que uobis dedi et acomodauj usque ad primum die Januarij proximo preteritum*”... (Idem, *ibidem*, doc. CCXXIII, p. 124).

<sup>32</sup> ...”*et sigilli mej munimine sigillari*”... (Idem, *ibidem*, doc. CCXXIII, p. 124). Todavia, não possuímos qualquer vestígio ou descrição desse selo.

Apesar de Estêvão Cibrães *Pão e Água* manter uma presença assídua em Lisboa, vamos encontrá-lo, também com profundas ligações com Santarém, onde possuía alguns bens<sup>33</sup>. Apesar de as indicações disponíveis não serem suficientemente esclarecedoras, tudo aponta para que tenha sido o fundador do Hospital do Espírito Santo (de Fora de Vila), em Santarém, uma das mais importantes instituições assistenciais dessa cidade ribatejana<sup>34</sup>. Não subsistem quaisquer indícios documentais que apontem claramente nesta direcção, embora o facto de em 1280, altura em que Estêvão Cibrães era ainda vivo, essa instituição ser conhecida como “Hospital do Pão e Água” talvez possa corroborar essa hipótese<sup>35</sup>. Todavia, nada o garante, sendo apenas uma hipótese a aprofundar em trabalhos futuros<sup>36</sup>.

Este facto pode levar-nos a pensar que não seria natural de Lisboa, mas sim de Santarém, cidade com que, tudo o indica, mantinha uma estreita ligação. Contudo, seria em Lisboa que habitava a maior parte do ano e a partir de onde geria todos os seus negócios e actividades.

Pouco se conhece ainda da sua fortuna pessoal. Sabemo-lo apenas proprietário de um curral em Santarém, junto da Porta de Manços<sup>37</sup>, uma das mais movimentadas da urbe ribatejana, o que não é, de modo algum, espelho da sua verdadeira riqueza<sup>38</sup>.

Tudo isto fazia com que fosse reconhecido como uma das figuras de maior realce na sociedade lisboeta da segunda metade da centúria de Duzentos, o que se verifica, sobretudo, pelo facto de ser um dos primeiros signatários da acima referida composição realizada entre o concelho da “capital” e D. Dinis em 1285<sup>39</sup>.

Desconhecemos a data da sua morte bem como o local onde foi sepultado. As informações de que dispomos indicam apenas que terá deixado 100 libras e dez morabitanos ao convento de S. Vicente de Fora, destinadas a uma pitação e para que fossem rezados diversos sufrágios por sua alma<sup>40</sup>.

## João Esteves *Pão e Água*

O destaque alcançado por Estêvão Cibrães *Pão e Água*, estendeu-se a seu filho, João Esteves. Todavia, este conseguiu atingir um estatuto nunca antes alcançado por seu pai, visível, sobretudo, através da sua intensa participação na gestão concelhia de Lisboa<sup>41</sup>, cidade de que era vizinho<sup>42</sup> e, com grande probabilidade, de onde era natural.

É possível que, tal como o seu pai, se tenha, também, dedicado à actividade comercial – prosseguindo com o “negócio de família” –, porém, a documentação nada adianta a este respeito, pelo que não podemos passar do campo das hipóteses.

Sem que seja feita qualquer menção anterior como homem-bom do concelho de Lisboa, a primeira referência à sua presença nos órgãos governativos da cidade remonta a Novembro de 1322, altura em que surge identificado como alvazil, aquando da elaboração de uma postura sobre a venda de carvão em Lisboa<sup>43</sup>. Em 1329, embora não seja referenciado como detentor de qualquer cargo, é um dos indivíduos,

<sup>33</sup> Maria Ângela Beirante, *Santarém Medieval*, op. cit., p. 136.

<sup>34</sup> Sobre esta instituição cf. Luís António Santos Nunes Mata, op. cit..

<sup>35</sup> Luís António Santos Nunes Mata, op. cit., p. 39-40.

<sup>36</sup> Luís António Santos Nunes Mata, que dedicou um estudo aprofundado ao Hospital do Espírito Santo de Santarém e a quem devemos algumas indicações sobre a relação de Estêvão Cibrães com este hospital – as quais muito agradecemos –, também não conseguiu qualquer prova documental que confirmasse esta possibilidade.

<sup>37</sup> Maria Ângela Beirante, *Santarém Medieval*, op. cit., p. 136.

<sup>38</sup> Tal como acontecia com muitas figuras de proa da sociedade lisboeta, também D. Estêvão Cibrães era proprietário de bens em Santarém. Veja-se o caso de João Anes Palhavã, proprietário de parte da Lezíria da Toureira (Miguel Gomes Martins, op. cit. pp. 60-61).

<sup>39</sup> AML-AH, Livro II dos Reis D. Dinis, D. Afonso IV e D. Pedro I, doc. 2.

<sup>40</sup> Livro de Aniversários de S. Vicente de Fora, fl. 33. Esta informação foi-nos gentilmente cedida pela Senhora Professora Doutora Maria José Azevedo Santos, a quem, desde já, agradecemos.

<sup>41</sup> Interessante será referir que, à semelhança de João Esteves *Pão e Água*, também Pedro Anes e João Anes Palhavã II atingiram importantes posições como membros destacados da administração concelhia, devido ao poder económico e estatuto social herdado de seu pai – João Anes Palhavã –, obtido graças a uma assinalável actividade comercial (Miguel Gomes Martins, op. cit., pp. 81-82).

<sup>42</sup> AML-AH, Livro I do Hospital de D. Maria Aboim, doc. 2.

<sup>43</sup> *Posturas do Concelho de Lisboa*, op. cit., p. 57.

em conjunto com o alvazil geral (Pedro Anes Gago), com o contador do rei (Afonso Peres) e com o dizimeiro da alfândega de Lisboa (Nicolau Domingues), a quem Afonso IV dirige uma carta autorizando a construção de casas no terreno utilizado para a seca do pescado<sup>44</sup>. A importância e idoneidade de João Esteves, valeu-lhe ser escolhido, em conjunto com Pedro Esteves, para exercer as funções de procurador às cortes de Santarém de Maio de 1331, encontrando-se documentado como tal no dia 15 desse mês<sup>45</sup>. Segundo Armindo de Sousa, a escolha destes procuradores “era efectuada [através de eleição] pelos oficiais da Câmara e *homens bons* presentes logo a seguir à leitura da convocatória. Segue-se daqui que os procuradores a cortes eram rigorosamente os delegados das elites municipais e não de todos os moradores das vilas e cidades ... Nem sempre as pessoas escolhidas estavam presentes no acto da escolha, o que significa que as elites municipais contavam com a disponibilidade e espírito de serviço dos seus membros”. Segundo o mesmo autor, “ser procurador era prestigiante, mas também penoso e incómodo. Tinham-se de abandonar a família e a fazenda, ir para longe – sabia-se lá por quanto tempo – e caminhar muitas milhas com o perigo, em viagens lentas de ida e volta”<sup>46</sup>. Porém, desta feita, o percurso era apenas entre Lisboa e Santarém.

Em 10 de Junho de 1331, em reunião plenária do concelho realizada no adro da sé de Lisboa, surge com a designação de alvazil geral do crime<sup>47</sup>, tal como aquando da publicação, no mesmo dia, dos capítulos das cortes de Santarém desse ano<sup>48</sup>, cortes essas onde havia estado presente, como vimos, em representação do concelho de Lisboa.

Após um hiato de sete anos, sobre o qual não foi possível apurar qualquer referência, vamos encontrá-lo, em 1338, identificado como juiz de Lisboa<sup>49</sup>. Apesar de nada ser dito a esse respeito, acreditamos tratar-se do cargo de juiz pelo rei, conforme pode ser aferido pelas informações respeitantes ao ano seguinte, onde, de parceria com João Anes de Marvão, se encontra claramente registado como juiz pelo rei em Lisboa<sup>50</sup>. A permanência no cargo verifica-se, pelo menos, durante mais um ano (1340), porém, a documentação menciona-o, mais uma vez, apenas como juiz, nos dias 7 de Abril<sup>51</sup> e 6 de Maio<sup>52</sup>. Esta clara “promoção” aponta para uma aproximação ao círculo da corte régia, muito provavelmente através de alguns dos seus membros mais destacados, como é o caso dos descendentes de D. João Peres de Aboim, com quem seu pai, Estêvão Cibrães, conforme pudemos já demonstrar, teve relações privilegiadas.

Em 5 de Julho de 1342, exercia já o cargo de almotacé-mor<sup>53</sup>. Encontramo-lo ainda nesse ano, embora sem qualquer cargo específico, num documento datado de 23 de Agosto e que o coloca entre inúmeras figuras de prestígio da cidade das quais se destaca o alcaide-mor Rui Fafes de Lanhoso<sup>54</sup>.

<sup>44</sup> ...”a vos Pedr’Eanes Gago alvazil de Lixboa e Affonso Perez meu contador e a Nicolao Dominguez dizimeyro na mha alfandega dessa vila e a Joham Stevez Pam e Augua”... (AML-AH, Livro II dos Reis D. Dinis, D. Afonso IV e D. Pedro I, doc. 24). É um caso pouco comum, encontrar-se cartas régias dirigidas ao concelho através de um dos seus membros, especificamente nomeado, pelo que esta situação reforça a ideia da importância de João Esteves no contexto da elite municipal lisboeta da primeira metade da centúria de Trezentos.

<sup>45</sup> *Cortes Portuguesas: Reinado de D. Afonso IV*, Lisboa, INIC, 1982, p. 63.

<sup>46</sup> Armindo de Sousa, *As Cortes Medievais Portuguesas (1385-1490)*, Porto, INIC, Vol. I, pp. 120-121.

<sup>47</sup> Fazia parceria com Martim Anes Alborrique (AML-AH, Livro dos Pregos, fl. 46v-47).

<sup>48</sup> *Cortes Portuguesas: Reinado de D. Afonso IV (1325-1357)*, op. cit., p. 84.

<sup>49</sup> IAN-TT, Colegiada de Santa Cruz do Castelo de Lisboa, doc. 76.

<sup>50</sup> AML-AH, Livro I de Místicos, doc. 4.

<sup>51</sup> AML-AH, Livro dos Pregos, fl. 119v.

<sup>52</sup> Maria Teresa Campos Rodrigues (transcrição de), *Livro das Posturas Antigas*, Lisboa, C. M. de Lisboa, 1974, pp. 138-139.

<sup>53</sup> AML-AH, Livro I de Sentenças, doc. 13.

<sup>54</sup> São eles: Rui Fafes de Lanhoso, alcaide; Martim Fafes de Lanhoso, irmão do alcaide; Afonso Rodrigues, alvazil geral; Rui Peres, alvazil do crime; Pedro Anes Palhavã; Pedro Canelas; Vasco Anes, almoxarife; Afonso Pais; Afonso Martins, procurador do concelho; mestre João das Leis; Lourenço Martinz Botelho; Martim Pipas, almoxarife; Afonso Anes Carregueiro; Afonso Anes de São Nuno; Martim Vasques, escrivão da alfândega; Pedro Afonso de Alfama; Afonso Soares, escrivão do concelho; Domingos Pais, ouvidor do rei; Vasco Esteves Filipe; João Rol; Pedro Anes, filho de João de Benavente; João Gil, filho de João Gil do Picoto; Vicente Anes da Portagem; Domingos Afonso, mercador; João Sinal, mercador; Gabriel Anes, procurador e Gabriel Anes, procurador e filho do anterior (Maria Teresa Campos Rodrigues (transcrição de), *Livro das Posturas Antigas*, op. cit., pp. 46-49).

<sup>55</sup> AML-AH, Livro I de Sentenças, doc. 11.

A documentação atesta ainda a presença de João Esteves em localidades do termo da capital, como o Tojal<sup>55</sup> (c. de Loures), no âmbito das suas actividades de alvazil e de juiz, nomeando almotacés, jurados e outros oficiais representantes dos órgãos municipais da “capital”<sup>56</sup>.

A posição que seu pai, Estêvão Cibrães, ocupava junto da família de Aboim, veio a ser retomada por João Esteves que, em 30 de Julho de 1337, é nomeado único testamenteiro de D. Maria de Aboim, filha do magnate D. João de Portel e de D. Marinha Afonso e fundadora de um hospital em Lisboa<sup>57</sup>. O testamento conferia ainda a João Esteves *Pão e Água* o cargo de provedor desse mesmo hospital<sup>58</sup>. Contudo, no dia 19 do mês seguinte, em sequência de um primeiro aditamento ao testamento, passamos a encontrá-lo acompanhado – como testamenteiro e na gestão do hospital – por Martim do Avelar<sup>59</sup>, com quem possivelmente também teria relações. Todavia, de uma forma que nos parece, para já, inexplicável – os dois aditamentos efectuados por D. Maria ao seu testamento nada acrescentam a este respeito –, são ambos destituídos dessas funções no dia 24 de Agosto desse mesmo ano, sem que fossem nomeados, outros para os substituírem<sup>60</sup>. Terá existido algum conflito entre ambas as partes? E o que o teria motivado? Por ora, estas perguntas continuam sem resposta<sup>61</sup>.

João Esteves foi, com sua mulher, proprietário de terrenos agrícolas na zona do Alqueidão, no sítio das Mercês<sup>62</sup>, uma das mais férteis propriedades rurais na periferia de Lisboa, estando atestado nessa condição num documento datado de 31 de Janeiro de 1326. Esta faceta de proprietário agrícola afigura-se-nos como um interessante indicador da diversificação dos seus rendimentos. Estes deixavam de ser exclusivamente provenientes da actividade comercial e passavam a ter origem, também, no investimento fundiário. Estava encontrada a forma de garantir proventos, em teoria, mais seguros do que aqueles que viriam da actividade comercial herdada de seu pai. Porém, a posse desse terreno no Alqueidão trouxe-lhe uma situação de conflito – na resolução do qual se fazia representar por Lourenço Peres –, com o concelho de Lisboa, que reclamava para si essa propriedade. Nessa disputa encontravam-se também envolvidos, entre muitos outros, João Lourenço de Aboim (certamente familiar de D. Maria de Aboim, mas, cujo parentesco não nos foi possível descortinar) e o Hospital do Espírito Santo de Santarém (o mesmo que, como vimos, terá sido fundado por seu pai)<sup>63</sup>. Assinale-se que o procurador do hospital era o mesmo que o de João Esteves. Coincidência? Não nos parece<sup>64</sup>.

O final da contenda é, para já e à falta de documentos que o esclareçam, desconhecido. Todavia, este litígio não foi impeditivo de futuras participações no concelho da capital. Seriam estas questões facilmente ultrapassáveis e esquecidas por ambas as partes envolvidas? Teria o *Pão e Água* recuado na sua pretensão?

<sup>56</sup> A documentação refere essa actividade como tido lugar antes da pestelença, isto é, antes de 1348 (AML-AH, Livro I de Sentenças, doc. 11).

<sup>57</sup> Sobre o Hospital de D. Maria de Aboim, cf. Maria José Pimenta Ferro Távares, “Nótulas para o estudo da assistência hospitalar aos pobres, em Lisboa: Os hospitais de D. Maria de Aboim e do Conde D. Pedro”, Separata de *A Pobreza e a Assistência aos Pobres na Península Ibérica Durante a Idade Média – Actas das Primeiras Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval*, 1972, pp. 371-400. D. Maria de Aboim era irmã de Pedro Anes de Portel, casou, em primeiras núpcias, com Martim Afonso Telo e, após enviivar, com João Fernandes de Lima.

<sup>58</sup> ...”*faço meu testamenteyro Johane Estevez Pam e Augua vezinho de Lixbõa que compra este meu testamento*”... (AML-AH, Livro I do Hospital de D. Maria de Aboim, doc. 2).

<sup>59</sup> ...”*Dona Maria d’Avoim fez seu testamenteyro Martim do Avelaal cavaleyro que ele e o sobredicto Johane Estevez Pam e Augua lhe compram este seu testamento*”... (AML-AH, Livro I do Hospital de D. Maria de Aboim, doc. 2). Martim Esteves do Avelar, era mordomo da rainha D. Beatriz, mulher de Afonso IV. Atingiu, mais tarde, em meados do século, o lugar de mestre da Ordem de Avis (Rita Costa Gomes, *A Corte dos Reis de Portugal no Final da Idade Média*, Carnaxide, Difel, 1995, p. 47).

<sup>60</sup> ...”*Dona Maria d’Avoim revogou de seus testamenteyros Martim do Avelaal cavaleyro e Johane Estevez Pam e Augua e disse que nom era de saa voontade de o seerem e que ela faria outros testamenteyros quaes sa voontade fosse que compram o seu testamento e mantenham o seu espital*”... (AML-AH, Livro I do Hospital de D. Maria de Aboim, doc. 2).

<sup>61</sup> Apesar de se ter apercebido desta situação, Maria José Pimenta Ferro Távares também não avançou com qualquer hipótese de explicação para um caso que nos parece, no mínimo estranho (Maria José Pimenta Ferro, *op. cit.*, p. 387).

<sup>62</sup> Sobre o Alqueidão, cf. Miguel Gomes Martins, “O Alqueidão de Lisboa durante a Idade Média: Contributos para o seu estudo”, in *Cadernos do Arquivo Municipal*, nº 2, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1998, pp. 10-41.

<sup>63</sup> AML-AH, Livro I do Alqueidão, doc 10. Sobre esta questão cf. Miguel Gomes Martins, “O Alqueidão de Lisboa durante a Idade Média”, *op. cit.*, p. 30.

<sup>64</sup> Esta situação, assinalada já por Luís Mata, é, segundo este autor, mais um elemento indicador da fundação do Hospital do Espírito Santo por Estêvão Cibrães (Luís António Santos Nunes Mata, *op. cit.*, p. 40)

Ou, por outro lado, teria acatado, simplesmente, a sentença que sobre esse assunto foi emitida, mas cujo teor desconhecemos<sup>65</sup>? A documentação disponível não esclarece estas dúvidas, sendo que qualquer uma das hipóteses aventadas é, para já, provável.

O seu círculo de relações não se limitava, como é natural num indivíduo com uma tão intensa actividade política e económica, à família Aboim. Pelo contrário, ao longo dos cerca de vinte anos durante os quais, por várias vezes, assumiu funções na governação da cidade de Lisboa, teve, certamente, que se relacionar com os seus pares. Destes destacam-se os nomes de: João Fernandes, João Vivas (1322); Pedro Anes Gago, Lourenço Anes (1329); Martim Anes Alburrique, Pedro Esteves, Gil Peres, Martim Vicente, Gomes Lourenço, João Vivas (1331); João Anes de Marvão, Pedro Esteves, João Bretão, João de Chapruz, Afonso Pais, Pedro Anes Palhavã, João Vicente, Lourenço Martins, Afonso Anes, Estêvão Domingues, Afonso Santarém (1339); João Anes de Marvão, Afonso Martins Alvernaz, João Bretão, Lourenço Martins Botelho, Afonso Donzel, Pedro Canelas (1340); Afonso Rodrigues, Gonçalo Gomes de Azevedo, Afonso Martins Alvernaz, Martim Anes, Vasco Martins, Rui Peres, Afonso Anes, Pedro Anes de Alfama, Martim Vasques de Loures, Lourenço Martins Botelho, Vasco Anes, Martim Pipas, Estêvão Martins, Vicente Botelho, Afonso Soares, Fernando Aires, Fernando da Veiga, Afonso Pais, Pedro Anes Palhavã, Pedro Esteves, Pedro Anes Canelas, João Esteves, João Bretão, João Peres de Chapruz, Martim Alvernaz, Fernando Gomes e Estêvão Fernandes (1342)<sup>66</sup>.

De todos eles, alguns, pelo convívio mais frequente, poderão ser apontados como fazendo parte de um grupo mais próximo de João Esteves. Neste caso estarão aqueles que têm mais do que uma participação no concelho em simultaneidade com o *Pão e Água*. Desses sobressaem os nomes de Afonso Anes, Afonso Martins Alvernaz<sup>67</sup>, Afonso Pais, João Bretão, João Peres de Chapruz, João Anes de Marvão, João Vivas, Pedro Anes Palhavã<sup>68</sup> e Pedro Esteves.

Tal como no caso de seu pai, Estêvão Cibrães, desconhecemos quando terá ocorrido a sua morte. Do mesmo modo, ignoramos o local onde foi sepultado, embora a sua estreita ligação a Lisboa possa ser uma pista que nos leva a pôr a hipótese de tal se ter verificado na capital, contudo, não passa de uma mera hipótese, sujeita a futura confirmação.

Em jeito de conclusão, verifica-se uma curiosa semelhança entre os percursos de Estêvão Cibrães *Pão e Água* / João Esteves *Pão e Água* e de João Anes *Palhavã* I / João Anes *Palhavã* II. Ambas as famílias apresentam, na primeira geração, uma forte ligação à actividade comercial de onde terão retirado importantes proventos. Essa situação económica ter-lhes-á facilitado o acesso a uma importante posição no seio da sociedade lisboeta, o que se ligava, também, a uma íntima presença junto de algumas das mais importantes casas senhoriais do Portugal de final de Duzentos e inícios de Trezentos – os Aboim no caso dos *Pão e Água* e os Riba de Vizela no caso dos Palhavã.

As segundas gerações, mercê de todo o poder financeiro e prestígio social e político obtido pelos seus antecessores, ascenderam ainda mais alto na sociedade lisboeta, mercê de uma frequente e importante presença nos órgãos da administração concelhia da capital, cujas portas lhes foram abertas, sem qualquer dúvida, pelo poder que lhes advinha de uma estável e destacada situação económica.

<sup>65</sup> Sabemos apenas que o rei, D. Dinis, determinou que se elaborasse uma inquirição para saber a quem pertenciam as propriedades em disputa (AML-AH, Livro I do Alqueidão, doc. 10).

<sup>66</sup> *A Evolução Municipal de Lisboa: Pelouros e Vereações*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1996, pp. 38-40.

<sup>67</sup> Sobre a carreira de Afonso Martins Alvernaz no desembargo régio, cf. Armando Luís de Carvalho Homem, *O Desembargo Régio (1325-1433)*, Porto, INIC, 1990, p. 272.

<sup>68</sup> Sobre Pedro Anes Palhavã, cf. Miguel Gomes Martins, *op. cit.*, pp. 69-73.

## Um apontamento de Tumulária Medieval – O Conjunto da Igreja de São Cristóvão em Lisboa

INÊS MATOSO \*

### 1. Introdução

No interior da Igreja de São Cristóvão conserva-se um dos mais relevantes conjuntos de restos tumulares medievais da cidade de Lisboa.

O espaço onde hoje se encontram é utilizado, a propósito, como capela funerária e corresponde, na sua origem, ao espaço funerário edificado em época quatrocentista pela família Miranda.

São Cristóvão merece aliás menção especial por se tratar de uma das mais antigas Igrejas da cidade e também por constituir uma das primeiras paróquias após a conquista cristã de Lisboa: conhecida na documentação, desde os inícios do século XIII, por Igreja de Santa Maria de Alcamim (para assim a distinguir da Sé Catedral, cuja invocação era Santa Maria Maior), a designação sobreviveria até ao século XVI, apesar da nova invocação a São Cristóvão datar de meados do século XIV (ANDRADE 1944; GONÇALVES 1994: 793).

A sua importância nos séculos XIII e XIV é atestada por possuir colegiada (Idem), facto relevante por se situar extra-muros e também fora do aro portuário e artesanal por excelência de Lisboa. Norberto de Araújo procura justificar a sua relevância e a da paróquia pela sua proximidade com a Alcáçova Real (ARAÚJO 1944: 14-15), o que talvez tenha algum fundamento se considerarmos que um dos acessos viários para o Castelo atravessava o território da paróquia.

Nos finais do século XIV, e em circunstâncias que se tratarão adiante, o seu padroado passa à família Miranda que lhe acrescenta uma capela funerária, anexa ao corpo lateral Sul.

Durante todo o século XVI a Igreja parece ter mantido feição arquitectónica exterior herdada do século anterior<sup>1</sup>. É o que se depreende da observação da «*Perspectiva de Leyde*» (a que se atribui uma datação de entre 1520-1530- *Lisboa Quinhentista*: 82, nº 16), e da «*Vista de Lisboa*» de Bráunio (datada de finais do século – idem: 89, nº 29)<sup>2</sup>.

No século XVII, São Cristóvão adquiriu a estética barroca que hoje se aprecia no seu exterior, a qual embebeu e mascara a sua estrutura medieval<sup>3</sup>.

Tendo sofrido pouco com o terramoto de 1755<sup>4</sup> a Igreja, como o conjunto urbanístico de origem claramente organicista que a comporta, iria manter as suas características essenciais até ao presente.

### 2. Apontamento sobre a capela

Cordeiro de Sousa tentou interpretar a antiga configuração da «Capela dos Miranda» ou «do arcebispo» a partir da configuração actual, de alguns elementos documentais que rastreou e dos elementos de tumulária que ainda se conservam (SOUSA 1982).

Sobre o arranjo actual dos elementos funerários suspeita que a mutilação dos túmulos e seu empilhamento deverá ter tido lugar depois de 1830, utilizando a expressão de que o arranjo da capela “tresanda a liberalismo” (Idem: 71).

A entrada primitiva está hoje perdida. O acesso faz-se por um corredor em curva, rasgado na espessura da parede mestra Sul da Igreja, encontrando-se forrado a cantaria bem esquadrihada. Os silhares não

\* Gabinete de Estudos Olisiponenses – C. M. L.

apresentam qualquer sigla, permitindo assim rejeitar com segurança tratar-se do acesso trecentista. De notar que, logo após estes, a parede de alvenaria revestida a cal ostenta uma pedra de armas dos Miranda. Trata-se de um elemento heráldico executado no mesmo tipo de suporte dos restantes e que deverá ter sido reutilizado em época mais tardia.

Os elementos estão empilhados com alguma harmonia, enquadrados por um arco seiscentista, cujo fecho ostenta também as armas da família Miranda.

Às obras efectuadas em 1659, de adaptação da capela a sacristia a pedido da Irmandade do Santíssimo Sacramento se deverão muitas alterações. Apetece citar a propósito Cordeiro de Sousa quando comenta “Perderam uma venerável capela, e não lograram uma ampla sacristia” (SOUSA 1982: 71). Neste momento ter-se-ão aberto os acessos actuais, procedido aos entaipamentos entendidos como necessários e edificado o arco em cujo vão se conservam os elementos que aqui se tratam, talvez executado para albergar uma ou outra arca funerária deslocada.

Dom António Caetano de Sousa, entre 1735-1748, ainda viu os túmulos sem estarem mutilados e com uma disposição que, não sendo já provavelmente a original, não se afastava muito desta pois descreve as bases escultóricas, as campas rasas, ...<sup>5</sup>.

No século XIX procede-se a grandes obras nesta zona da Igreja (sala do trono, residência do pároco, etc...) desaparecendo o tecto original. É nesta altura que se deve situar o “arranjo” final da tumulária medieval: ter-se-ão cortado os sarcófagos, deixando apenas a heráldica visível; fabricado as caixas-ossários para as sepulturas levantadas, lavrando-se nelas transcrições resumidas dos epitáfios; finalmente, tudo se acondicionou no exíguo vão do arco de possível origem seiscentista.

### 3. A. Descrição sumária dos elementos epigrafados tumulares

NOTA: Para as transcrições, e por não haver correcções ou aditamentos a fazer, remetemos para os trabalhos de Cordeiro de Sousa (vide bibliografia).

#### Túmulo 1

Túmulo em forma de arca, com as armas de D. Martim Afonso: uma central, na tampa, e duas na caixa, simétricas.

Escudo normal ou português de quatro flores de lis e aspa.

A inscrição desenvolve-se na moldura da arca e é em caracteres góticos gravados evidenciando ainda a pintura a vermelho, desenvolvendo-se da tampa para a caixa.

Leitura da inscrição:

“Aqui jaz o mui honrado senhor Dom Martinho, Arcebispo que foi de Braga; Governador del rei D. Duarte e Principal conselheiro del rei Dom João.

O qual foi com ele em a grã batalha real e em todas entradas de Castela e pesi (também) com sua gente entrou (duas vezes em galiza) e foi em todolos feitos que o dito senhor ouve des(de) o começo de Sua (...)”

Dimensões:

Caixa	– Altura	–	46,0 cm
	– Largura	–	1,39 cm
Tampa	– Altura	–	44,5 cm
Altura total do túmulo	–	–	90,5 cm
Altura média das letras	–	–	2,5 cm

#### Túmulo 2

Túmulo em forma de arca, com mitra sobre papiro na tampa e armas dos Miranda sobre variação do escudo manuelino.

A inscrição é em caracteres góticos gravados e evidenciando, como o anterior, vestígios da pintura a vermelho. Desenvolve-se parcialmente sobre a tampa e sobre toda a face visível da caixa.

Leitura da inscrição:

“O muito manífico Reverendo Senhor Dom Fernando de Miranda, Bispo de Viseu, que aqui jaz, foi criado e capelão-mór del rei Dom Afonso o quinto, o qual serviu com tanta lealdade que mereceu ser mui aceito dele e foi com ele na tomada de Arzila, e na batalha de Toro, acompanhando-o sempre em todos perigos em que se viu, de maneira que dos cinco que com ele ficaram foi um deles. E serviu o Senhor no hábito militar muitos anos, seguindo os passos dos que descende.

E por sua virtuosa vida o dito senhor quiz se mudasse no estado clerical, e por seu falecimento ficou capelão-mór del rei Dom João o segundo, seu filho, o qual o fez Bispo de Viseu. E foi Bispo 23 anos e governou virtuosamente e lhe deu ricos ornamentos.

E viveu sempre em tanto recolhimento e honestidade que na opinião de muitos era havido por virgem. E fez tal vida segundo nossa Fé, agora vive bem aventurado para sempre.

E se finou na era de .....”(Sabemos que faleceu no final do mês de Abril de 1505 – ver notas biográficas infra).

Dimensões:

Caixa	– Altura	–	40,0 cm
	– Largura	–	1,39 cm
Tampa	– Altura	–	45,5 cm
Altura total do túmulo		–	85,5 cm
Altura média das letras		–	3,0 cm

### Túmulo 3

Caixa-Ossário com moldura rectangular de cantos chanfrados em redondo, na qual está gravada a inscrição.

Leitura da inscrição:

“Aqui jazem os ossos de Fernão Gonçalves de Miranda e de sua mulher Dona Branca de Sousa que se finaram na era de 1466”.

Dimensões:

Campo Epigráfico	– Altura	–	21,2 cm
	– Largura	–	36,8 cm
Nº de linhas		–	5
Altura letras minúsculas		–	1,4 cm
Altura letras maiúsculas		–	2,4 cm

### Túmulo 4

Como o anterior.

Leitura da inscrição:

Aqui jazem os ossos de Matias de Miranda e de sua mulher Dona Genebra Fereira que se finaram na era de 1463.

Comentário: Por defeito de transcrição, passou Matias por Martim (Afonso) de Miranda e Genebra Fereira por Pereira.

Tratam-se de dois personagens perfeitamente identificáveis com o primeiro morgado da Patameira e sua mulher.

Dimensões:

Campo Epigráfico	– Altura	–	24,7 cm
	– Largura	–	35,2 cm

Nº de Linhas	–	4
Altura letras minúsculas	–	1,2 cm
Altura letras maiúsculas	–	2,8 cm

### Túmulo 5

Como o anterior. Tem a particularidade de ter gravada uma moldura mais extensa que depois foi corrigida.

Leitura da inscrição:

“Aqui jazem os ossos de Dona Ana Dias, mulher do Doutor João Pereira a qual se finou na era de 1463.”

Dimensões:

Campo Epigráfico – Altura	–	34,4 cm
– Largura	–	61,7 cm
Nº de Linhas	–	4
Altura letras minúsculas	–	2,4 cm
Altura letras maiúsculas	–	6 cm

### Túmulos 6 e 6A

Como os anteriores. Têm a particularidade de as molduras serem geminadas.

Leitura da inscrição 6:

“Aqui jazem os ossos de Margarida Afonso Mulher que foi de Diagares”

Leitura da inscrição 6A:

“Aqui jazem os ossos de Diagares”

Dimensões 6:

Campo Epigráfico – Altura	–	28 cm
– Largura	–	28 cm
Nº de Linhas: 5		
Altura letras maiúsculas	–	3,4 cm
Altura letras minúsculas	–	2,3 cm

Dimensões 6A:

Campo Epigráfico – Altura	–	28 cm
– Largura	–	29,8 cm
Nº de Linhas	–	3
Altura letras maiúsculas	–	3,4 cm
Altura letras minúsculas	–	2,3 cm

Campo Epigráfico Duplo separado por 1,1 cm

## 3. B. Descrição sumária dos elementos tumulares que apenas ostentam a usa heráldica

### Elemento Heráldico I

Escudo português.

Partido: À esquerda com as armas dos Miranda.

À direita esquartelado:

- no 1.º e 4.º quartel, com cinco quinas em cruz carregadas de cinco besantes em aspa, com bordadura de Castelos- armas reais ou de Portugal
- no 2.º e 3.º quartel, com cruz flor de lizada, armas dos Pereira.

Comentário:

A forma como estão partidas as armas mostra corresponder a uma mulher casada com um elemento da família Miranda. Pelos elementos genealógicos, deverá corresponder a D. Genebra Pereira, mulher de D. Martim Afonso de Miranda, primeiro morgado da Patameira.

### Elemento heráldico II

Lisonja.

Partido: À esquerda com armas dos Miranda;

À direita esquartelado: no 1.º e 4.º quartel com cinco quinas em cruz carregadas de cinco besantes em aspa no 2.º e 3.º quartel com quadrifólio.

Corresponde às armas dos Sousa de Arronches.

Comentário:

O facto de se tratar de uma lisonja e a forma como estão partidas as armas mostra corresponder à mulher de um Miranda: tanto poderá identificar-se com D. Branca de Sousa, casada com Fernão Gonçalves de Miranda referida no túmulo 3, como a D. Violante de Sousa, casada com D. Afonso de Miranda. Ambas as biografias são compatíveis com a cronologia e a tipologia do escudo.

### Elemento heráldico III

Escudo manuelino – utilizado entre os reinados de D. João II e D. João III.

Partido: À esquerda cruz flor-de-lizada, correspondendo às armas dos Pereira.

À direita com as armas dos Miranda.

Comentário:

A forma como está partido indica tratar-se de uma mulher da família Miranda casada com alguém da família Pereira:

- tanto poderá corresponder a D. Maria de Miranda, irmã de Fernão Gonçalves de Miranda acima referido, que era casada com D. Gonçalo Pereira de Riba de Vizela;
- como a Ana Dias, referida na inscrição 5, e casada com o Doutor João Pereira, embora não utilizasse o nome de família.

### Elemento heráldico IV

Escudo manuelino.

Partido: à esquerda com cinco estrelas de seis raios, armas dos Melo, Freitas, Tavares, Coutinhos ou Macedos.

À direita com as armas dos Miranda.

Comentário:

Escudo possivelmente de uma mulher Miranda casada com alguém de uma das famílias atrás citadas, embora não tenha conseguido rastrear quem.

### Elemento heráldico V

Escudo manuelino.

Armas dos Miranda.

Comentário:

Deverá, pela cronologia do escudo e pela dimensão do túmulo, pertencer a um membro masculino da família, perfilando-se vários candidatos.

## Elemento heráldico VI

Escudo português.

Apresenta um monograma coroadado.

Comentário:

Ferreira de Andrade interpretou-o como um *d* gótico minúsculo. Falta-lhe porém a haste.

Por inépcia do lapicida, ou porque algo que nos escapa não nos é possível descortinar o desdobramento da abreviatura.

A coroa não corresponde aos cânones heráldicos.

Contudo, apresenta semelhanças óbvias com as coroas reais que ostentam as moedas de D. Fernando a D. João III, bem como com elementos de decoração arquitectónica da mesma época: a coroa das armas da fachada do Hospital Real de Todos os Santos e a das armas do portal do Mosteiro dos Jerónimos.

Justamente nesse período coroavam monogramas reais com letra gótica minúscula: JHNS (Johanes) ou Y para D. João I; Y (Yoanes) para D. João II, ...

Se corresponder a uma coroa real não deverá tratar-se, logicamente, de um túmulo mas de um elemento de decoração arquitectónica.

Se se tratar de uma coroa de duque ou marquês, então poderá associar-se aos túmulos da capela e tratar-se de uma representação heráldica constante num túmulo feminino, na medida em que nenhum varão Miranda chegou a obter título nobiliárquico.

## 4. Notas biográficas e genealógicas sobre os Miranda

As origens: Afonso Pires da Charneca e D. Martim Afonso.

Será necessário recuar apenas a meados do século XIV para encontrarmos a raiz comum da família Miranda, matéria sobre a qual existe o acordo dos vários genealogistas: Afonso Perez.

Este escudeiro castelhano passou-se a Portugal, reinando D. Pedro I, «o cruel» (1350-1369), fugindo das justiças do reino vizinho. Em Portugal D. Pedro I ou D. Fernando, conferiu-lhe protecção, patente pela zona onde se vem a domiciliar, no reguengo da Charneca, no termo da cidade de Lisboa.

Aí conhecido por Afonso Pires da Charneca, pelo aporuguesamento do nome, casou com D. Constança Esteves, da qual houve geração.

Em 1383, aquando da crise dinástica, é nomeado por Fernão Lopes como dos primeiros apoiantes do futuro D. João I.

O seu apoio à causa de Avis foi concretizado ao integrar o grupo de cavaleiros que se colocaram ao serviço do Condestável D. Nuno Álvares Pereira, participando nas suas incursões de 1384 e pertencendo ao seu Conselho<sup>6</sup>.

Teve Afonso Pires da Charneca três filhos: D. Martim Afonso da Charneca; D. Margarida Afonso, casada com o Contador-Mór e Védor do Armazém de D. Afonso V, Diogo Aires (ambos sepultados na capela funerária instituída pelo irmão acima referido – Inscrições 6 e 6A); Afonso Rodrigues, de quem pouco se sabe.

Em 1483, o primeiro filho de Afonso Pires da Charneca, Martim Afonso, legalista, esteve presente no juramento de preito e menagem feito a D. João como Regedor e Defensor do Reino. Segundo Fernão Lopes, após este acto, reuniu o Mestre de Avis o seu conselho dos quais enumera os mais relevantes: o Conde D. Gonçalo, D. Fr. Álvaro Gonçalves, Prior do Hospital, D. Lourenço, Arcebispo de Braga, D. João, Bispo de Lisboa, D. Pai de Meira, Bispo de Silves, Diego Lopes, Senhor de Ferreira, o Doutor João das Regras e o **Doutor Martim Afonso** (*Crónica de El-Rei D. João*, I Parte, Capitulo CLXI).

É Martim Afonso, ou Martim Afonso da Charneca, que, segundo as fontes em embaixada que efectua a França conhece D. Mécia de Miranda, de quem vem a gerar cinco (D. Rodrigo da Cunha -citado por ANDRADE 1944: 255; MAIOR 1949: 32) ou sete filhos (SOUSA 1982: 77). O carácter desta relação, discutido pelos genealogistas desde o século XVII (D. Rodrigo da Cunha - citado por ANDRADE 1944: 255, MAIOR 1949: 32), é irrelevante.

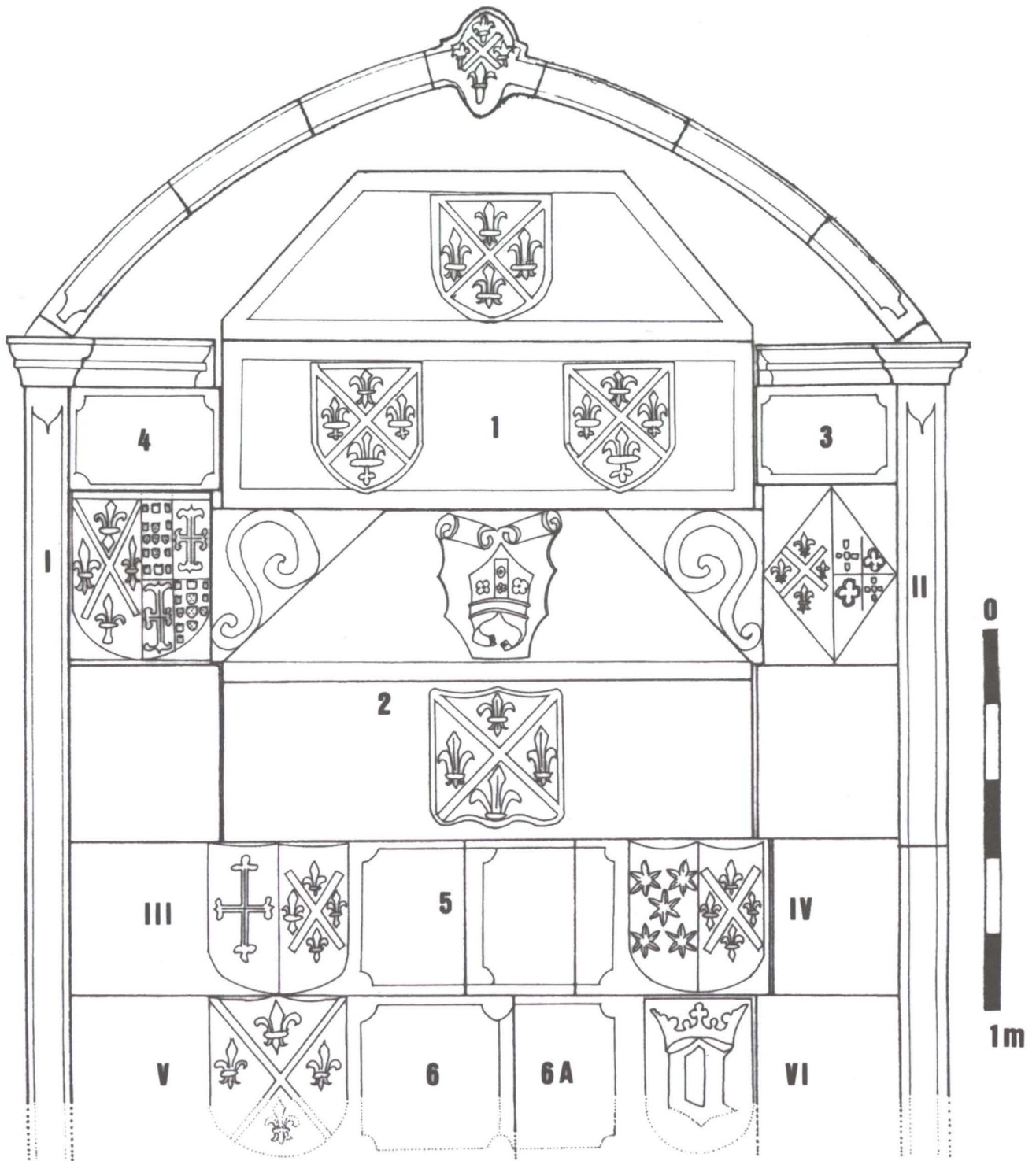


Figura 1. Alçado esquemático com indicação das epígrafes (números árabes) e dos elementos heráldicos tumulares (números romanos) da Capela dos Miranda de São Cristóvão (Lisboa)

A conjugação das datas da sua elevação a cargos eclesiásticos com as poucas de carácter biográfico que apurámos para os seus filhos impossibilitam a existência do matrimónio. Aqui residirá provavelmente a justificação para a escolha do nome de família, tomado da mãe, de origem nobre e francesa, isto apesar de dúvidas ou de opiniões contrárias como as transmitidas por Ferreira de Andrade (ANDRADE 1944: 26).

A sua relevância política e proximidade com a pessoa real conferiu-lhe a alcunha de “sombra d’el Rei”, transmitida por D. Rodrigo da Cunha (ANDRADE 1944: 256), e valer-lhe-ia tornar-se no 61.º Bispo de Coimbra e, depois, no 88.º Arcebispo de Braga. De igual forma foi alvo do favor régio que se reflectiu no enriquecimento do seu património com a doação dos bens confiscados a D. Afonso Corrêa, Bispo da Guarda que se passou para o lado castelhano e o pleito que venceu a seu irmão Afonso Rodrigues sobre os bens das Alcáçovas e dos Lagares d’el Rei.

Pertenceria ao Conselho Régio até à data do seu falecimento, dando o seu contributo a D. João I na consolidação do poder régio, como por exemplo, ao celebrar em 1402 o contrato de cedência do senhorio de Braga por troca com os foros da Rua Nova em Lisboa as rendas da Vila de Viana, mantendo porém para si alguns rendimentos em Braga (ANDRADE 1944: 28), questão de repercussões políticas profundas para o seu sucessor.

Pelo seu epitáfio sabemos ter sido “Governador d’el rei D. Duarte”, significando ter sido seu Aio ou Mordomo-Mor (MAIOR 1949: 30), necessariamente após a associação do monarca ao reinado de seu pai, ocorrida em 1411.

Em 1390 D. João I doa a D. Martinho o padroado da Igreja de São Cristóvão, autoriza a construção da capela funerária. Nessa altura o prelado institui os seus dois morgados, associando o padroado àquele da Patameira, destinado ao seu primogénito, ambos sob a condição do uso do apelido de família Miranda.

#### **D. Martim Afonso de Miranda (f. 1470 ou depois).**

Primeiro filho varão de D. Martim Afonso da Charneca, casou com D. Genebra Pereira (falecida, segundo o epitáfio 4, em 1463), de quem teve cinco filhos: Afonso de Miranda, que morreu em vida do pai, Gomes de Miranda; Aires de Miranda; Vasco de Miranda, clérigo; e D. Isabel de Miranda, casada com Vasco Pereira. (MORENO 1980: 888-890)

Primeiro morgado da Patameira (Torres Vedras), que acumulava com o padroado da Igreja de São Cristóvão, unido ao vínculo principal.

Dos seus outros bens, alguns dos quais porventura herdados de seu pai, conhece-se apenas mais uma quinta, sita em Alpriate (Vila Franca de Xira), citada num documento emanado pelo Infante D. Henrique, datado de 17 de Outubro de 1431 (*Mon. Henr. IV*, doc. 5).

Rico-homem, da Casa d’El Rei, pertenceu ao Conselho de D. Afonso V.

Em 1426, residia no Porto, pois aparece citado num documento, datado de 4 de Agosto, em que D. Duarte permitia que umas casas vagas na Rua Nova, nessa cidade, fossem aforadas a um seu criado, Álvaro Fernandes, cunhado de Afonso Gonçalves da Maia, escudeiro do Infante D. Henrique e anterior locatário (*Mon. Henr.*, III, doc. 69, pág. 130).

A 5 de Janeiro de 1427, estava em Ceuta pois, tendo sido feito prisioneiro numa saída, foi resgatado por D. Duarte de Meneses, filho natural do seu cunhado (D. Pedro de Meneses, 2.º Conde de Viana), que por tal feito foi armado cavaleiro pelo pai, no campo de batalha e à vista do inimigo (ORNELLAS 1923: 181).

Na carta de quitação de Álvaro Dias, almoxarife na cidade de Viseu, datada de 10 de Setembro de 1454, D. Martim Afonso de Miranda é citado como tendo recebido em 1437, e em representação do tesoureiro real Fernão Gil, duas quantias, de 13.800 e 4.600 reais (*Mon. Henr.*, XII, doc. 20, pág. 48).

Em 9 de Outubro de 1446, aparece como primeira testemunha citada no contrato de casamento entre D. Isabel, filha do Infante D. João de Portugal, e D. João II de Castela, celebrado em Évora (*Mon. Henr.*, IX, doc.138, pág. 201).

Nesse ano era Alcaide-Mor de Torres Vedras, função que detinha em 1470, quando esta passa, em sua vida, para seu filho Gomes de Miranda.

Em 1449, presume-se que tenha combatido em Alfarrobeira do lado do partido régio (MORENO 1980: 890).

Em 25 de Junho de 1455, na sala grande do Paço Real da Alcáçova, em Lisboa, veio a jurar homenagem e juramento ao Infante D. João pelo braço da nobreza (*Mon. Henr.*, XII, doc. 74, pág. 147).

Da casa de D. Martim Afonso de Miranda conhece-se apenas, para além do anterior serviçal, Joham Anes e Álvaro Lopes, escudeiros, citados em 17 de Agosto de 1443, como testemunhas numa venda de uma herança que cabia a um seu sobrinho (*Mon. Henr.*, VIII, doc. 53, pág. 91-93).

Em 1462 recebia uma moradia de 2.000 reais brancos mensais (MORENO 1980: 891).

Foi sepultado na capela de São Cristóvão, a partir da correcção da leitura da inscrição 4.

#### **Gomes de Miranda (f. depois de 1485).**

Cavaleiro fidalgo, segundo filho de Martim Afonso de Miranda, casou com D. Violante de Abreu de quem teve cinco filhos: Martim Afonso de Miranda; D. Leonor de Miranda; casada com o fidalgo castelhano João Rodrigues Orellano, residente em Portugal; Diogo de Miranda; Fernão de Miranda e uma segunda filha, casada com Garcia de Sousa Chichorro (MORENO 1980: 888-890).

Herdaria o morgado da Patameira e o padroado de São Cristóvão.

Foi Pajem-Mor.

Em 1449, participa na batalha de Alfarrobeira, do lado do partido régio.

Desempenha funções na administração régia, nomeadamente a de Alcaide-Mor de Torres Vedras, entre 1470 e 1477, (MORENO 1980: 888-889) e de Coudel da Cidade de Lisboa, entre 1473 e 1476, e, num segundo período de 1482 a 1485 (Idem).

Participou como elemento do juri que sentenciou o Duque de Bragança em 1482 (Idem).

Cordeiro de Sousa fornece a única informação sobre a sepultura deste personagem, transmitida por D. António Caetano de Sousa e relativa ao epitáfio que se encontrava na capela funerária: “Na parede tem somente este letreiro: Aqui jas Gomes de Miranda, cavaleiro fidalgo (...)” (SOUSA 1982: 84).

#### **Martim Afonso de Miranda.**

Filho primogénito de Gomes de Miranda, terceiro morgado da Patameira, detendo o padroado de São Cristóvão.

Recebe uma tença de 2 625 reais brancos mensais em 1484 (MORENO 1980: 891 – embora referindo-se, parece que erroneamente, ao avô).

De sua descendência gerou D. Violante de Miranda.

#### **D. Violante de Miranda.**

Filha herdeira de D. Martim Afonso de Miranda, veio a casar com D. Heitor de Oliveira, Morgado de Oliveira.

Em 1497 D. Manuel I concede-lhe o morgado da Patameira e o padroado da Igreja de São Cristóvão, que lhe cabia por direito de herança de seu pai.

Pelas obrigações do seu vínculo e do de seu marido, os seus descendentes adoptaram o apelido de Oliveira e Miranda.

#### **D. Fernão Gonçalves de Miranda ( f. 1466?).**

Segundo filho varão de D. Martim Afonso da Charneca, casou com D. Branca de Sousa (falecida depois de 1473 – SOUSA 1982: 77), do qual se geraram: Afonso de Miranda; Fernando Gonçalves de Miranda; D. Isabel de Miranda, casada com Pero Lopes de Azevedo, senhor de Ponte do Sol; D. Filipa, casada com Gabriel de Brito, Alcaide-Mor de Aldeia Galega (Merceana); D. Brites de Miranda, casada com Estevão de Brito, senhor dos morgados de São Lourenço de Lisboa e Santo Estevão de Beja.

A sua esposa, descendente por via bastarda de D. Afonso III, era neta de D. Lopo Dias de Sousa, Mestre de Cristo. Convém recordar a propósito que, segundo Fernão Lopes, D. Leonor Teles para justificar a manutenção da sua virgindade para se poder realizar o casamento com o rei D. Fernando, havia invocado que o filho do seu primeiro casamento com D. João Lourenço da Cunha era, na realidade filho de uma Elvira de sua casa e D. Lopo Dias de Sousa, o antepassado de D. Branca de Sousa (*Crónica d’El Rei D. João*, I Parte, cap. LIII).

Possuía o segundo morgado, instituído por seu pai, do qual se desconhece o nome.

Um seu aio pertencia à casa do Infante D. Fernando, aparecendo contemplado no primeiro testamento do Infante Santo, datado de 18 de Agosto de 1437: “(...) Item ao ayo de Fernam de Miranda çinquo mil reaes.” (*Mon. Henr.*, VI, doc. 52, pág. 26).

Em 1449, participa na batalha de Alfarrobeira entre as hostes reais (MORENO 1980: 887-888).

Em 1455, é citado como testemunha dos capítulos matrimoniais e desposórios celebrados entre D. Henrique IV de Castela e a Infanta D. Joana, nos Paços Reais da Alcáçova, em 22 de Janeiro de 1455 (*Mon. Henr.*, XII, doc. 38, pág. 92).

Em 25 de Junho do mesmo ano jurou com seu irmão, na sala grande do Paço Real da Alcáçova, em Lisboa homenagem e juramento ao Infante D. João (*Mon. Henr.*, XII, doc. 74, pág. 147).

De sua casa apenas se conhece D. João Vasques, escudeiro, referido em carta de nomeação de que foi alvo pelo regente D. Pedro, datada de 1 de Maio de 1441 (*Mon. Henr.*, VII, doc. 108, pág. 170).

Sepultou-se com sua mulher na capela funerária instituída por seu pai.

#### **D. Fernando Gonçalves de Miranda (f. 1505/6).**

Filho de D. Fernão Gonçalves de Miranda, enveredou nos últimos 25/30 anos da sua vida pela carreira eclesiástica.

Em 1459, recebe uma bolsa de estudo régia 5000 reais brancos anuais (MORENO 1980: 888).

Cavaleiro, participa na conquista de Arzila, em 1471.

Combate nas guerras com Castela de D. Afonso V, tendo participado na batalha de Toro (1476) e sido um dos cinco cavaleiros que após a derrota acompanhou pessoalmente o monarca na sua retirada.

Em 1480, foi nomeado para o Conselho de D. Afonso V e seu Capelão-Mor, cargos que manteria sob D. João II (*Chancelaria de D. Afonso V*, livro 32, fól. 45, citado em SOUSA 1953: 11; também MORENO 1980: 888, embora com a gralha de capitão por capelão e João III por João II).

Em 1483, torna-se também Guarda-Mor da Rainha (SOUSA 1953: 9).

Ascende à dignidade episcopal por nomeação régia de D. João II, como Bispo de Viseu, em 1482 ou 1483, como se depreende dos anos de governo da diocese citados no seu epitáfio.

Em 1490, participa nas cortes de Évora e recebe em Estremoz a princesa D. Isabel, que vinha para o casamento como Infante D. Afonso, tendo participado possivelmente na cerimónia celebrada por D. Jorge da Costa (SOUSA 1982: 79).

Em 1499, acompanha a transladação de D. João II para a Batalha, participando nas cerimónias com os bispos da Guarda, Lamego, Tânger, e os Abades de Alcobaça, Batalha, Santa Cruz de Coimbra (idem).

Sepultou-se na capela funerária instituída por seu avô.

#### **D. Afonso de Miranda (f. 1476).**

Filho de D. Fernão Gonçalves de Miranda, casou com D. Violante de Sousa, filha de Diogo Gomes da Silva e de D. Isabel de Sousa, de quem houve: Fernão de Miranda, que fica com a Corte das Quebradas (Azambuja) por carta régia de 1476 (MORENO 1980: 885); D. Isabel da Silva, casada com Gonçalo Borges, senhor de Carvalhais; D. Leonor de Miranda, casada com D. João de Sousa, senhor e comendador perpétuo da Vila de Sousa; filhas freiras e outros filhos que morreram (Idem).

Cavaleiro da Casa d'El Rei, tornar-se-ia Porteiro-Mor e Anadel-Mor dos besteiros da Câmara de D. Afonso V e Alcaide-Mor de Torres Vedras.

Em 1443, ano do seu casamento, estava de partida para Ceuta, sendo já *cavaleiro da casa d'el rey*, altura em que vende com sua mulher, por contrato celebrado a 14 de Agosto, os direitos sobre a herança dos sogros ao seu cunhado Rui Gomes da Silva (este, conselheiro do jovem Governador e Capitão General de Ceuta D. Duarte de Meneses, de apenas 16 anos, nomeado em 1430 pelo pai – ORNELLAS 1923: 181) (*Mon. Henr.*, VIII, doc. 53, pág. 51).

Em 12 de Fevereiro de 1445, encontrava-se em Lisboa, onde passa, com sua mulher, a carta de quitação do pagamento dos 33 000 reais brancos que eram devidos pela referida venda, aparecendo já como *fidalgo da casa d'el rey e seu porteiro-mor* (*Mon. Henr.*, VIII, doc. 226).

Em 1449, supõe-se ter participado ao lado do rei no conflito de Alfarrobeira.

Em 1450, é-lhe concedida uma tença anual de 20 000 reais brancos (MORENO 1980: 885). No mesmo ano deixa as funções de Anadel-Mor dos besteiros da Câmara (Idem).

Acompanha, em 1451, a Itália D. Leonor para o seu consórcio com o Imperador Frederico III da Alemanha (Idem).

Posteriormente está em Alcácer-Ceguér, onde combate num assédio movido pelos marroquinos, voltando ao reino no ano de 1459 (Idem).

Em 1464, o rei doa a terra e Corte das Quebradas com suas rendas, foros e direitos (Idem).

Participa nas guerras com Castela de D. Afonso V, que lhe confirma, em 1475, a tença anual de 51 432 reais brancos (Idem). Em consequência do seu desempenho o rei doa-lhe a jurisdição civil e criminal da vila de Salir com todas as rendas e direitos, em 1476 (Idem).

Deverá ter morrido nas referidas campanhas (Idem).

#### **D. Margarida de Miranda (f. 1420).**

Filha mais velha de D. Martinho Afonso da Charneca, casou com D. Pedro de Meneses (1367-1437), 2.º Conde de Viana, primeiro e terceiro Governador Capitão General de Ceuta (1415-1430 e 1434-1437), do Conselho de D. João I (após a paz com Castela) e de D. Duarte.

Do seu casamento com D. Pedro teve duas filhas.

De sua casa conhece-se apenas a sua criada D. Isabel Domingues Pessegueira, de quem o marido teve um filho, em 1414, (D. Duarte de Meneses, 3.º Conde de Viana, Conde de Vila Real, segundo Governador Capitão General de Ceuta e primeiro de Alcácer Ceguér), o qual viria a ser educado por D. João Álvares Pereira e mais tarde legitimado.

Não tendo seguido com D. Pedro para Ceuta, em 1415, viria a falecer cinco anos depois, quando a encomenda do túmulo feita por seu marido já estava executada, e por isso ostentando as suas armas na cabeceira (e possivelmente a sua estátua jacente), partidas de Meneses e Miranda.

Durante o funeral do marido foram os seus ossos mandados transladar pela sua filha D. Leonor, em 1437, para o túmulo acima referido na Capela de Santa Rita da Igreja do Convento de Santo Agostinho de Santarém (ORNELLAS 1923: 177), onde já se encontrava a terceira mulher de D. Pedro de Meneses.

#### **D. Leonor de Meneses.**

Filha mais velha de D. Margarida de Miranda e do Conde D. Pedro de Meneses.

Casou, em 1447, com D. Fernando (1430-1483), 3º Duque de Bragança, Duque de Barcelos, de quem não houve geração.

Em 1438, estava em Ceuta com o irmão, o Conde D. Duarte, altura em que regressa a Portugal, para Avis, onde se encontrava a Corte, sendo entregue ao cuidado do rei D. Afonso V, que a acolhe (ORNELLAS 1923: 181).

#### **D. Beatriz de Meneses.**

Filha mais nova de D. Margarida de Miranda e do Conde D. Pedro de Meneses.

Casou, em 1427, com D. Fernando de Noronha, primeiro Conde de Vila Real e quinto Governador Capitão General de Ceuta (1438), de muito nobre ascendência pois era filho do Conde de Gijón e portanto descendente do reis D. Henrique II de Castela e D. Fernando I de Portugal.

Teve descendência.

#### **D. Leonor de Miranda (f. antes 1427).**

Filha de D. Martinho Afonso da Charneca, casou com Aires Gomes da Silva (1399-1454), armado cavaleiro em Ceuta pelo Infante D. Pedro (Gomes Eanes de Zurara, *Crónica da Tomada de Ceuta*, cap. XCVI), Senhor das terras de Unhão, Brunhais, Torre de Vilar, Cepães, Vila Cais, Regilde, Atães, Manhu-celos e Vagos.

Aires Gomes da Silva foi uma das principais figuras do xadrez político do século XV, muito ligado ao Infante D. Pedro e em cujo partido tomou parte na batalha de Alfarrobeira, vindo a ser perdoado por D. Afonso V, em 1451 (Cf. MORENO 1980: 1063 a 1071).

Desempenhou numerosas funções na administração régia como a de Regedor de Justiça nas comarcas de Entre-Douro-e-Minho, Regedor da Casa do Cível, tendo sido também Alcaide-Mor de Montemor-o-Velho (Idem).

Do casal houve descendência: D. Leonor da Silva, mais tarde esposada com D. João de Meneses, fidalgo da casa do rei (Idem: 1068; contraditório com a menção do seu casamento com D. Fernando de Meneses, segundo senhor de Cantanhede – Idem: 1069).

**D. Maria de Miranda.**

Filha de D. Martinho Afonso da Charneca, casou com D. Gonçalo Pereira, de Riba de Vizela. Com descendência.

O seu marido, durante a primeira crise de regência do reinado de D. Afonso V era partidário próximo da rainha D. Leonor. A D. Fernando de Castro, Prior do Crato, a D. Gonçalo e outros, se dirige o rei em carta de 13 de Setembro de 1440, dando-lhe o tratamento de *Al deuoto e amado Nuestro amado Gonçalo Pereira*, dando conta de ter sabido estar em curso a concórdia entre o Infante D. Pedro e a rainha e pedindo, por consequência, recato (*Mon. Henr.*, VII, doc. 108, pág. 170).

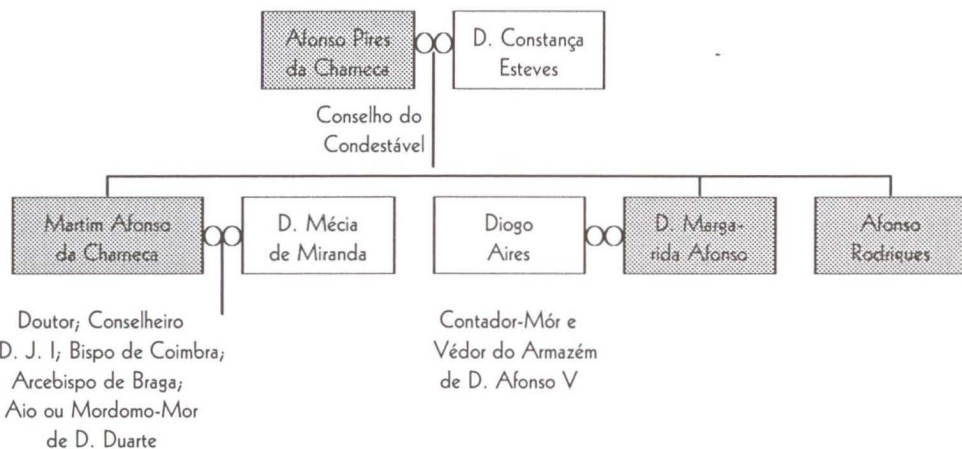


Tabela 1 – Descendência de Afonso Pires da Charneca

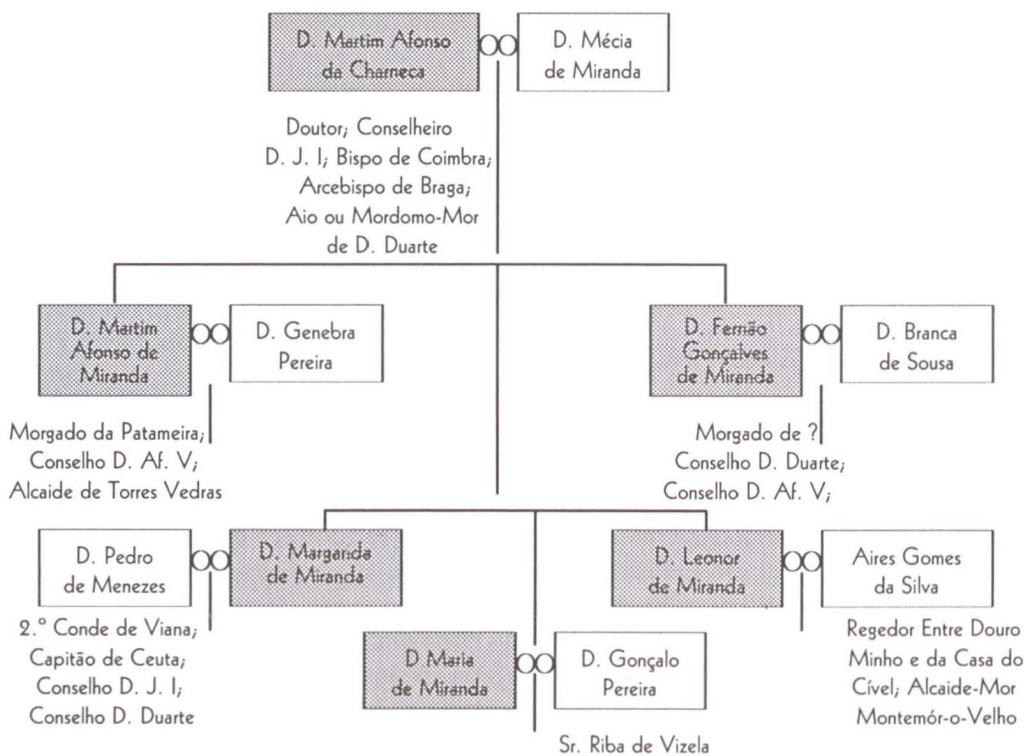


Tabela 2 – Descendência de D. Martim Afonso da Charneca

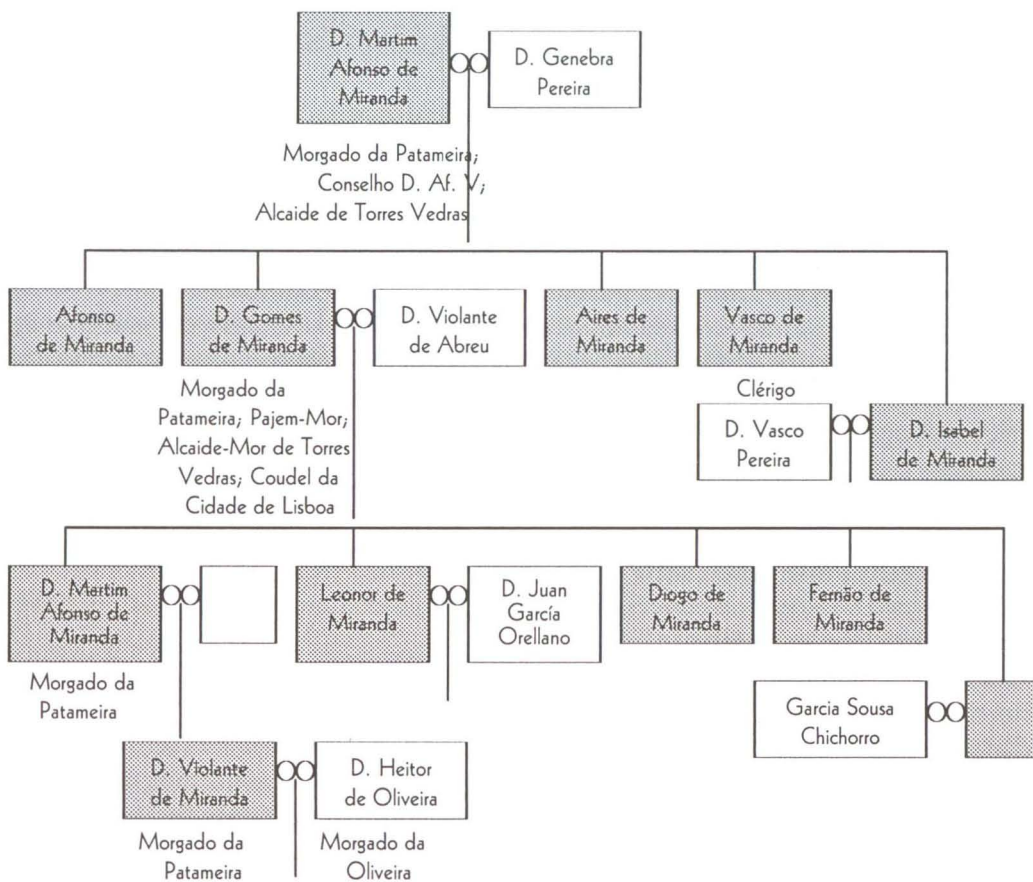


Tabela 3 – Descendência de D. Martim Afonso e D. Gomes de Miranda

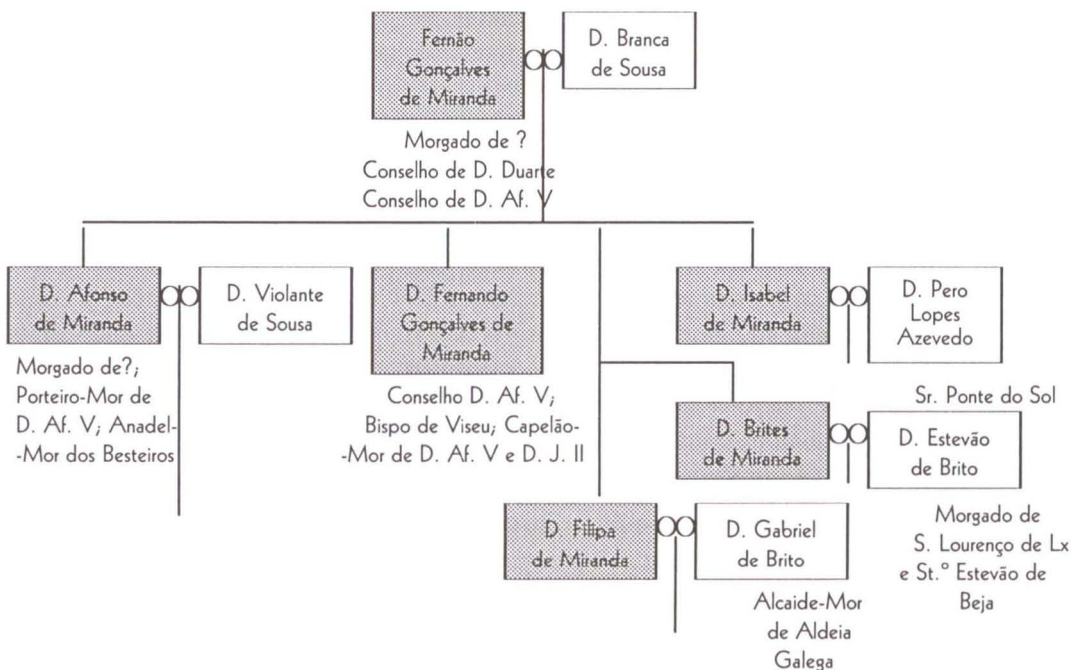


Tabela 4 – Descendência de D. Fernão Gonçalves de Miranda

## 5. Considerações finais

A origem e evolução da família Miranda ao longo do século XV constitui um dos mais paradigmáticos exemplos de ascensão política e social da centúria.

Oriundos da baixa nobreza, no caso castelhana, a história dos Miranda está directamente relacionada com alguns dos mais relevantes momentos portugueses dos finais de trezentos e de todo o quatrocentos.

O primeiro momento de ascensão verifica-se aquando do apoio imediato dado ao Mestre de Avis por Afonso Pires, o que, aliado à ligação próxima de seu filho D. Martim Afonso ao futuro rei, correspondeu à sua participação muito activa, quer ao nível dos “bastidores políticos”, quer ao nível das acções bélicas desenvolvidas durante a crise de 1383-1385 por Afonso Pires junto do Condestável.

Com a posição do partido de Avis consolidada, D. Martinho Afonso, clérigo, será alvo de mercês régias que passam pela atribuição do bispado de Coimbra, culminando com o arcebispado de Braga.

Esta última constitui aliás uma hábil manobra política de D. João I, ao colocar no cargo um elemento da sua total confiança e negociando com este a cedência do senhorio e rendas, o que sucedeu em 1402, assim reforçando-se o poder régio.

D. Martinho promoverá uma política de casamentos, onde o de suas filhas sucede ou com a primeira linhagem do reino, D. Pedro de Meneses (procurando sarar quezílias resultantes da “Crise de 1383-1385” pois o Conde fugira com a mãe para Castela em 1383), D. Gonçalo Pereira, ou com um elemento da antiga nobreza próximo de D. Leonor ou com um personagem de inquestionável influência política ligado ao Infante D. Pedro, Aires Gomes da Silva.

Seus filhos desposarão também elementos femininos de velha linhagem, Sousas e Pereiras, constituindo ambas casas senhoriais próprias.

Posteriormente, numa altura em que o prestígio e a influência dos Miranda está bem firmado – durante o longo reinado de D. Afonso V –, verifica-se a constante participação de elementos da família nos cargos da administração régia: o cunhado do Arcebispo de Braga foi Contador-Mor e Vedor do Armazém; seus filhos ou outros descendentes pertenceram aos conselhos régios e/ou desempenharam funções como as de Porteiro-Mor, Pajem-Mor, Capelão-Mor; a Alcaidaria de Torres Velhas esteve em mãos de Mirandas por longos anos.

A sua proximidade da figura régia manifesta-se também pela participação em juramentos régios, como testemunhas em casamentos reais e até como júri em questões de extrema sensibilidade, como no caso do julgamento do Duque de Bragança já com D. João II.

A sua qualidade de nobres coloca-os também na primeira linha das campanhas de D. Afonso V, quer no Norte de África quer nas campanhas de Castela.

A capela funerária em São Cristóvão edificada por D. Martinho Afonso, Arcebispo de Braga, constitui o repositório onde foram sepultados estes elementos proeminentes da sociedade de quatrocentos.

Através dos restos tumulares ainda existentes e das referências do século XVIII, conseguimos rastrear o sepultamento na capela de: D. Martinho Afonso; de sua irmã D. Margarida Afonso e do marido, Diogo Aires; dos filhos varões de D. Martim Afonso da Charneca, D. Martim Afonso de Miranda e D. Fernão Gonçalves de Miranda, bem como das respectivas mulheres D. Genebra Pereira e talvez D. Branca de Sousa; de D. Gomes de Miranda e D. Fernando Gonçalves de Miranda, netos; presentes estavam também outros personagens da família, não se conseguindo descortinar quem apenas pelas armas que aí se encontram; da mesma forma, não é possível esclarecer se existe alguma ligação entre os Miranda e o Doutor João Pereira e sua mulher Ana Dias, transmitidos por epígrafe oitocentista.

Os túmulos propriamente ditos dividiam-se em três grandes tipos:

- arcos tumulares, de que conhecemos duas, justamente a de D. Martinho Afonso e de seu neto D. Fernando Gonçalves de Miranda;
- sarcófagos lisos, de decoração exclusivamente heráldica, dos quais chegaram até nós doze fragmentos, seis com armas (exemplares típicos de sarcófagos da “escola de Lisboa” do século XV, os quais seguem os modelos trecentistas de que ainda existem bons exemplos na Sé Catedral, isto é, onde a decoração é apenas a heráldica, ao contrário do discurso iconográfica presente nas “escolas” de Coimbra, Évora, Estremoz e Santarém- DIAS 1986);

– campas rasas com pedra tumular, como a de D. Gomes de Miranda (a que fez referência D. António Caetano de Sousa *-vide supra*), que se poderão ainda preservar sob o pavimento actual da capela, de cronologia recente.

A construção funerária e os túmulos respectivos correspondem a uma forte marca ideológica.

Em primeiro lugar, pela edificação propriamente dita, porque à assunção do padroado da sede da paróquia por D. Martinho Afonso sucede a erecção da capela familiar.

Este acto poderá com probabilidade ter sido inspirado pelo exemplo batalhino, mais no sentido do pressuposto ideológico do que em relação ao modelo arquitectónico.

Deste ponto de vista aliás, o facto de a arca do fundador ostentar três armas constitui um exemplo claro de procura de afirmação de identidade da família: esta asserção é reforçada pela constituição que promoveu dos dois morgadios, que incluem a obrigação do uso do apelido.

No sentido onomástico, esta constitui uma peculiaridade dos Miranda face às práticas comuns na época: a adopção por todos os filhos do apelido paterno, entre as classes dirigentes, não constituía regra (MARQUES 1987:256), impressionando a sua utilização sistemática nesta família.

O impacte da capela no imaginário da época foi enorme: como marca tópica, emergindo da área do que era o cemitério paroquial; como marca interna da Igreja, onde a demarcação arquitectónica e a exuberância heráldica e tumular – que ainda hoje, adulterada e mutilada, impressiona – hierarquizavam claramente o espaço social.

#### NOTAS

<sup>1</sup> De acordo com *Os Monumentos Sacros* “há tradição de que em tempo de El-Rei D. Manuel houve um fogo nesta Igreja, que totalmente a arruinou; pelo que se reedificara *a fundamentis*: porém, a architectura da que hoje existe não é dessa época.” (PEREIRA 1840: 375).

<sup>2</sup> Este tipo de representação iconográfica permite, com as suas limitações inerentes, apreciar as características exteriores genéricas do edifício: a sua orientação canónica, com a capela-mór colocada a nascente, constituindo um corpo mais discreto que sobressai da restante volumetria (e que hoje mantém); uma só torre sineira localizada no alinhamento da fachada (embora com a discrepância de se apresentar colocada a Norte na representação mais antiga e a Sul na mais recente), com uma cobertura de quatro águas bastante nítida na «*Perspectiva de Leyde*»; um janelão circular sobre o portal de fachada; o telhado de duas águas que cobria o corpo do templo; uma aparente imprecisão do traço na sombra patente na representação mais tardia poderá corresponder ao apontamento da existência da capela funerária dos Miranda.

<sup>3</sup> A profunda remodelação da primeira metade do século XVII conferiu-lhe o seu aspecto actual. Ainda assim a volumetria medieval e quinhentista foi incorporada na sua nova filosofia estética, que revela um esforço de simetria: dois torreões tomaram o lugar do único anterior e as paredes da fachada são alteadas; a capela-mór ter-se-á mantido no lugar do original mas viria a ser ampliada em meados do século XIX (como atesta a data inscrita no calvário colocado no exterior); a Norte acrescenta-se um corpo, simétrico à primitiva capela funerária dos Miranda. No interior a decoração arquitectónica e as coberturas são de tal forma alteradas que nada evidenciam dos primitivos templos.

<sup>4</sup> “(...) o corpo da Igreja resistiu ao terramoto, segundo é tradição; as torres é que abateram, indo os sinos parar à actual Rua dos Fanqueiros (que ainda não existia), sem que ficassem inutilizados. Salvou-se o andor da Igreja por estar debaixo do arco da Porta Principal” (PEREIRA DE SOUSA *apud* ANDRADE 1944: 18.).

<sup>5</sup> “Na Igreja de São Cristovão de Lisboa esta uma Capela com um retábulo do descimento da cruz, que fica a mão direita. Estão em redor das paredes seis sepulturas de pedra grandes sobre leões de pedra em torno, e a primeira junto ao altar tem as armas dos Mirandas e tem o letreiro seguinte (é o de D. Martim Afonso).

“A última sepultura levantada (e alem dos túmulos todo o chão é de campas grandes de homens desta família e apelido) diz assim: Aqui jaz Diagalvres, contador do rei dom afonso e vedor de seu armazem. Passou no mês de Maio, era de 1440 anos.

E alem dos monumentos atrás, e sepulturas rasas, estão na mesma capela, no alto das paredes, dois sepulcros pequenos com mitras de bispos sobre dois leões, tudo de pedraria e cercados com letreiros que por ficarem altos se não deixam ler bem.” (SOUSA 1982: 83).

<sup>6</sup> Um dos *quarenta escudeiros bons* escolhidos por D. Nuno Álvares para o acompanhar (*Crónica d’El Rei D. João*, Parte I, Cap. LXXXVIII), sendo, então, eleito para o Conselho do Condestável (*idem*, cap. XCII).

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, F. (1944) – *A Freguesia de S. Cristóvão*. Lisboa: Câmara Municipal, I.
- Armorial Lusitano* (dir. A. Zúquete) (1961). Lisboa: Editorial Enciclopédia.
- BAENA, V. S. (1872) – *Archivo Heraldico-Genealogico*. Lisboa: Typographia Universal.
- DIAS, P. (1986) – *História da Arte em Portugal, O Gótico*. Lisboa: Alfa. 4.
- D'ORNELAS, A. (1923) – CXXVII – Os tumulos de D. Pedro e D. Duarte de Menezes. In *Historia e Genealogia*. Lisboa. 10, p. 173-185.
- FREIRE, A. (1973) – *Brasões da Sala de Sintra* (3.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 2.
- GONÇALVES, A. M. (1994) – São Cristóvão (Igreja de), In *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa. p. 793-794.
- LEAL, A. P. (1875) – *Portugal Antigo e Moderno Dicionario...* Lisboa: Livraria Editora de Matos Moreira & Companhia.
- MAIOR, M. R. (1949) – A casa dos Mirandas na Rua das Flores. *Revista Municipal*. Lisboa. 40, p. 29-32.
- MARQUES, A. H. O. (1987) – *Portugal na crise dos séculos XIV e XV*. Lisboa: Editorial Presença, *Nova História de Portugal*, 4.
- MATOS, S. – *Igrejas e Mosteiros de Lisboa*. Coleção Arte e Turismo. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. p. 16-17.
- Monumenta Henricina*, (1960-1972) – Coimbra: Comissão Executiva para as Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique.
- MOREIRA, A. J. (1847) – *Ramalhete*, 1.
- MORENO, H. B. (1980) – *Batalha de Alfarrobeira* (2.<sup>a</sup> ed.). Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade. Coimbra, 1980.
- Patriarcado de Lisboa – Inventário Artístico*. Lisboa: Comissão de Arte Sacra, 1-3.
- PEREIRA, L. G. (1927) – *Monumentos Sacros de Lisboa*. Lisboa: Biblioteca Nacional, p. 325-377.
- SILVA, A. V. (1968) – *Dispersos*. Lisboa: Biblioteca de Estudos Olisiponenses, 1.
- SILVA, E. S. F. (1947) – A Igreja Paroquial de São Cristóvão, *Sep. Olisipo*, Lisboa.
- SOUSA, J. M. C. (1940) – *Inscrições Portuguesas de Lisboa (Séculos XII a XIX)*. Lisboa: Academia Portuguesa de História.
- SOUSA, J. M. C. (1951) – A Inscrição Tumular do Bispo D. Fernando de Miranda. *Olisipo*. Lisboa. 53, p. 4-11.
- SOUSA, J. M. C. (1982) – Ainda “a capela dos Mirandas” na igreja de S. Cristóvão, *Colectânea Olisiponense* (2.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Câmara Municipal, 2, p. 83-84.
- SOUSA, P. (1929) – *O Terramoto do 1.º de Novembro de 1755 em Portugal*. Lisboa: 3, p. 672.
- TAVORA, D. L. L. (1989) – *Dicionário das Famílias Portuguesas*. Lisboa: Quetzal Editores, p. 275.

## Quatro pedras de armas de estilo quatrocentista do património de Lisboa

FRANCISCO DE SIMAS ALVES DE AZEVEDO\*

A minha contribuição para este Colóquio, promovido pela Comissão de Estudos Olisiponenses da Associação dos Arqueólogos Portugueses é devida, modesta e especializada.

Devida, pois o dever é de sócio da Associação dos Arqueólogos, de membro da Comissão de Estudos Olisiponenses colaborar, na medida das suas possibilidades de tempo e saber, em louváveis iniciativas destas entidades.

Modesta, porque não venho trazer novidades sensacionais, nem revelar factos ou monumentos ignorados, mas apenas comentar, espero que pertinentemente, espécies conhecidas.

Especializada porque cultivando há meio século, o estudo de Heráldica é precisamente de tal matéria o que vos trago.

Pretendo analisar quatro pedras de armas existentes em Lisboa, a cujo património três delas pertenceram sempre e uma há muito.

Foram lavradas nos séculos XV e XVI, mas todas se integram pelo seu estilo na arte heráldica quatrocentista.

Uma pertence à nossa Associação e encontra-se no Museu Arqueológico do Carmo, do qual é, aliás, uma das mais valiosas peças em perspectiva artística e heráldica.

Outra encontrava-se no Museu Nacional de Arte Antiga, quando, já há muitos anos, sobre ela elaborei pequeno estudo que agora procurarei desenvolver.

As outras duas encontram-se neste momento, tanto quanto sei, apostas nos edifícios para os quais foram lavradas.

Escolhi-as pois em todas se verificam características ou circunstâncias particularmente valiosas para o heraldista, e acho que também para o olisipógrafo esclarecido.

Cumpr-me, agora, ainda que muito sumariamente, indicar o que entendo por estilo quatrocentista, em arte heráldica.

Independentemente de características de estilização, pormenores em que não julgo ser ocasião de entrar, deve referir-se a posição chamada tradicionalmente, na Península Ibérica, o «terciado a la valona», «à valona» ou «ao ballon».

Esta designação alude à Valónia, zona dos Países Baixos de língua francesa por via de contactos com a qual se teria introduzido em Espanha e Portugal; a sua origem parece, porém, ser germânica<sup>1</sup>.

Consiste em representar o escudo inclinado, fazendo o seu eixo vertical um ângulo de mais ou menos 45° com o segmento da esquerda (do observador) duma linha horizontal.

No ângulo superior do lado direito (do observador) do escudo, assenta um elmo, de várias formas mas sempre de perfil (ou a três quartos) com virol, muito frequentemente timbrado.

(Note-se que, por motivo da chamada «cortesia heráldica», o escudo «à valona» pode aparecer «Volvido» fazendo o ângulo de 45° com o segmento da direita (do observador), de uma linha horizontal.

Este conjunto, na opinião de um heraldista digno de crédito<sup>2</sup> tem a sua origem na simplificação da figura do cavaleiro, com a cabeça coberta com o elmo, segurando o seu escudo acima do qual ela surge, como se vê nos selos de autoridade chamados equestres, instrumentos de autenticação usados, sobretudo, por parte dos monarcas e da alta nobreza. A simplificação verificar-se-ia sobretudo por parte de quem não pertencia a tais extractos sociais, usando selos de menores dimensões.

\* da Comissão de Estudos Olisiponenses da Associação dos Arqueólogos Portugueses, da Academia Portuguesa da História.

Os artistas do gótico final – aos quais o barroquismo do escudo inclinado agradaria – e do Renascimento enriquecerão este conjunto, transformando os simples manteletes em recortados e complicados paquifes, por vezes enfeitados com guizos, decorando os elmos, valorizando os timbres.

Será muito grande a divulgação do escudo «à valona» na arte heráldica nas suas múltiplas manifestações por toda a Cristandade ocidental, e zonas sob a sua influência até aos nossos dias, embora vá rareando a sua aparição desde o século XVII.

Em Portugal, creio ser o mais antigo exemplo o que se vê em modalidades das moedas «barbuda» e «meia barbuda» de EI Rei D. Fernando I, último quartel do século XIV, como é bem sabido.

Ainda sobre os escudos «à valona» é minha obrigação alertar quem me ouvir para o facto de ser completamente errónea uma explicação dada por alguns, e por alguns acreditada. Essa explicação é de que o escudo inclinado significaria filiação ilegítima do seu portador.

Claro que na arte heráldica se inventaram formas (várias, diferentes, evidentes) de assinalar, no braço de armas tal filiação, mas nenhuma delas é o escudo inclinado.

\*  
\* \*

Ocupar-me-ei das pedras de armas seriando-as de acordo com o que julgo ser a cronologia da sua lavra.

A mais antiga existia (e julgo que exista ainda)<sup>3</sup> no Museu de Arte Antiga.

É um soberbo trabalho, quatrocentista, cujas características de equilíbrio, simplicidade e beleza robusta, fazem dela um dos monumentos mais dignos de divulgação da arte heráldica portuguesa.

Passo a descrevê-lo: dentro de uma moldura rectangular, um escudo de tipo francês antigo, colocado «à valona» contendo um possante leão rompante, de estilização simples e segura, encimado por um elmo do tipo que os autores de língua inglesa designam por elmo de torneio, colocado de perfil, com mantelete, virol, por timbre cinco plumas.

É de notar, artisticamente, o feliz contraste entre as linhas rígidas e imóveis do elmo e a leveza e sugestão de movimento dados pelo mantelete, aliás, muito simples.

É de notar, também, a estilização das plumas, que seriam de avestruz, semelhante à de outras pedras heráldicas contemporâneas, portuguesas, algumas existentes em Évora.

Na casa real inglesa, nos descendentes próximos de Eduardo III (falecido em 1377) há muito uso emblemático de tal figura, de que ainda hoje persiste em uso um caso, a «badge» do príncipe de Gales. De Inglaterra viria a influência; para lá, pensa-se, teria sido levada pela rainha Filipa, mulher de Eduardo III e descendente dos condes de Hainault, senhores de Ostrevant, vocábulo afim do nome da ave citada, no francês medieval, usado, ao tempo, na corte inglesa: «ostruce».

Registarei ainda que o escudo de tipo francês antigo, pode ser encontrado, tal como o chamado de tipo espanhol, em monumentos heráldicos portugueses dos séculos XIV e XV.

Prossigo com a descrição da pedra. Dum lado e do outro do timbre, em duas linhas, lê-se a seguinte inscrição, em gótico (minúsculo, salvo a letra inicial):

*Castel br/anco ho nouo*

O facto de se tratar dum leão, e o conteúdo da inscrição, levou-me a pensar estar perante um monumento heráldico da família Castelo Branco, cujas armas se descrevem, como é bem sabido, de azul, leão de ouro.

O leão, símbolo de força e magnanimidade, tão usado nos meios cavaleirescos foi também o emblema escolhido por família originária da burguesia medieval da cidade de Castelo Branco, da qual tomou o nome.

Braamcamp Freire refere<sup>4</sup> que Nuno Vasques de Castelo Branco instituiu, em 31 de Outubro de 1442, o que chama o novo morgado de Castelo Branco, tendo como cabeça a quinta de Castelo Branco o Novo, na freguesia de Santa Iria, termo de Lisboa. Este morgado impunha o uso das armas de Castelo Branco.

Mais diz Braamcamp que, no mencionado lugar de Castelo Branco o Novo, existia, então, um castelo, do qual «hoje» (princípio do século XX, tendo em vista a data de 1905 do prefácio da 1.<sup>a</sup> edição do 3.<sup>o</sup> livro de «Brasões»), se vêem ruínas, havendo sobre a porta «o escudo com o leão dos Castelos Brancos, que, posteriormente, foi arrancado».

Parece que não deverá haver dúvidas que a pedra de armas do arruinado castelo vista por Braamcamp é a espécie no Museu das Janelas Verdes.

Temos, pois, uma fonte da heráldica familiar dos Castelos Brancos, anterior mais de sessenta anos ao *Livro do Armeiro-mor*, com o qual não apresenta divergências. Já o mesmo se não pode dizer, pelo que diz respeito ao armorial que se segue cronologicamente. Efectivamente, segundo o chamado *Livro da Torre do Tombo*, o timbre de Castelo Branco é o leão do escudo.

Verifica-se, assim, que a pedras de armas de Castelo Branco o Novo nos apresenta um caso de uso de timbre diferente daquele que, posteriormente, António Godinho registou. É um testemunho de certa generalização do uso do timbre entre nós, antes da sua consagração oficial, na primeira metade do século XVI, no *Livro da Torre do Tombo*, assim como da relativa liberdade heráldica, que implica o facto de tal timbre ser, por vezes, diferente do posteriormente adoptado<sup>5</sup>.

\*  
\* \*

A segunda pedra de armas que pretendo comentar terá sido lavrada na última vintena do século XV ou já em inícios do seguinte.

Está aposta na parede posterior do edifício, sede da Associação de Socorros Mútuos dos Empregados no Comércio de Lisboa, o já muito modificado «Paço de a par São Cristóvão».

Não é esse o local primitivo; a obra *A Velha Lisboa – 48 ilustrações*, texto de Augusto Vieira da Silva, publicado em 1927<sup>6</sup> inclui uma gravura (não é indicada a data, nem é referida no texto) do «portal gótico dos antigos paços de S. Cristóvão»<sup>7</sup> na qual se representou uma porta com colunas e arquitrave torsas encimada pela pedra de armas que me proponho comentar<sup>8</sup>.

Verifiquei que esse portal, na Rua do Regedor, já não é encimado pela pedra de armas a qual foi (não consegui averiguar quando) colocada na fachada posterior do edifício como acima dito. Esta fachada é separada da via pública por um jardim já muito descaracterizado.

Tive possibilidade, nesse jardim, de observar de perto a pedra de armas, que vou descrever.

Dentro de moldura rectangular, cujo traço limitante inferior ultrapassa, um pouco, um escudo de tipo espanhol, «à valona» com as suas correias, contendo um leão rompante e emoldurado por um tronco com folhas, fazendo como que laços nos ângulos do chefe, encimado por um elmo gradeado, com virol e paquife, timbrado pelo leão das armas.

Pertenceu a paço de S. Cristóvão desde c. 1483 até 1864 ao ramo dos Silvas<sup>9</sup> senhores de Vagos (desde 1384), posteriormente condes de Aveiras (em 1640) e marqueses de Vagos (em 1802).

Diz Braamcamp Freire<sup>10</sup> que os Silvas-Vagos acrescentaram às suas armas dois ramos de silva. Mais desenvolvidamente afirma o mesmo autor<sup>11</sup> que as armas dos Silvas, condes de Aveiras são: de prata, leão de púrpura, armado e linguado de azul e acompanhado de dois ramos de silva de verde postos em orla, com os cabos passados em aspa, na ponta do escudo. Timbre: o leão do escudo<sup>12</sup>.

O contendo de pedra de armas, as notícias dadas pelos autores citados que se ocuparam da história do paço, e as afirmações heráldicas de B. Freire não permitem hesitação em atribuir aos Silvas, senhores de Vagos, o elemento em análise do património heráldico de Lisboa.

Esta pedra de armas não tem excepcional valor artístico, mas do ponto de vista histórico-heráldico parece-me poder afirmar que o tem e muito.

A iniciativa da sua feitura dever-se-á, quero crer, a Aires da Silva (falecido em 1530), 5.º senhor de Vagos, o primeiro Silva dono do paço de S. Cristóvão.

É, tanto quanto sei, o mais antigo monumento heráldico dos Silvas-Vagos com o acrescentamento dos ramos de silva.

Este tipo de acrescentamento, em que o elemento que se junta a armas já existentes, as torna *falantes*, fenómeno de que há outros exemplos na heráldica portuguesa do século XV, é particularmente interessante em termos histórico-culturais.

Testemunha uma preocupação racionalista de tornar inteligíveis as armas heráldicas, dando-lhes contendo que chamaria ideográfico.

Quanto ao leão dos Silvas, registado, evidentemente, nos *Livros do Armeiro-mor e da Torre do Tombo*, a sua cor e a do campo tornam estas armas iguais às dos reis de Leão. Isso levou autores espanhóis e portugueses da Idade Moderna a inventarem um entronque genealógico dos Silvas nos antigos reis de Leão (aliás anteriores ao uso de armas heráldicas<sup>13</sup>); pode-se, porém aceitar a adopção do leão de púrpura em campo de prata pelos Silvas por imitação, atitude muito humana, em Heráldica e não só. Será um caso da chamada similarização heráldica.

\*  
\* \*

A terceira pedra de armas, de que vos apresento estudo sumário, existe no Museu Arqueológico do Carmo, onde se encontrava já em 1866, devendo ser das primeiras aquisições da nossa associação; é proveniente do convento da Anunciada<sup>14</sup>.

Nela se vê um escudo de transição para o tipo francês moderno «à valona» contendo uma banda saindo das bocas de duas serpentes<sup>15</sup> acompanhada de duas caldeiras xadrezadas com as asas garguladas em cada reigada de uma cabeça de serpente, encimada por um elmo gradeado com ornamentação vária em baixo do relevo (da qual me ocuparei adiante) posto de perfil, com virol e paquife, tendo por timbre um dragão do qual são visíveis a cabeça, o pescoço e as asas.

O conjunto, imponente e de irrepreensível mestria artística, é acompanhado inferiormente por um cartela com a seguinte inscrição:

CAPELA. E. SEPVL TURA. DE FERNÃ DALVAREZ. DÃDRADE. DO  
CONSELHO DELREI DÕ. 10ÃO. O. III DE CEDO PER LINHA DEREITA  
DA NOBRE GERAÇÃO DOS CÕDES DÃDRADE DE GALIZA  
FALLECEU E MARCO DE MDLII  
E DE DONNA ISABEL DE PAIVA SVA MOLHER  
FALLECEU EM MAIO DE MDLXXX  
E DE SEVS DECENDENTES<sup>16</sup>.

(O conde de Andrade referido terá de ser o fidalgo galego D. Fernando de Andrade, senhor de Andrade, a quem o rei de Espanha Carlos I (V como imperador) concedeu o título de conde de Andrade em 1543).

O teor da inscrição e as características das armas mostram, sem dúvida, que são as dos Andrades da Anunciada (assim chamados do local do seu magnífico e desaparecido palácio<sup>17</sup>).

O progenitor foi precisamente o titular da inscrição. Figura de primeiro plano do seu tempo, não só conselheiro de D. João III mas também seu escrivão da fazenda e tesoureiro-mor<sup>18</sup>, Fernand' Alvares de Andrade é um dos numerosos membros da muito antiga família Andrade, de velha nobreza galega, da qual vários passaram a Portugal tendo tido notáveis descendentes<sup>19</sup>.

As armas que figuram no monumento que estou analisando distinguem-se pelas cores das usadas pela maioria dos ramos dessa linhagem<sup>20</sup>, o que se explicará por «diferença» heráldica. Independentemente disso acrescentaram-se – possivelmente por motivo de aliança matrimonial – duas caldeiras. Estas figuras, lisas, veiradas, axadrezadas ou faixadas são móvel típico da heráldica peninsular, de mensagem feudal (senhores de pendão e *caldeira*).

Tanto quanto sei, é a pedra de armas conservada no Museu do Carmo a mais antiga representação da heráldica dos Andrades da Anunciada; na *Armario Portuguesa*. Braamcamp Freire indica só as ter encontrado registadas em armoriais seiscentistas e setecentistas.

A circunstância apontada junta valor histórico-heráldico ao artístico, que tem, e muito, esta pedra.

Voltando à ornamentação do elmo – rica em elementos renascentistas – a que acima aludi, só quero destacar duas figuras.

Uma é – no «pescoço» do elmo – um dragão, completo e elegante, retomando em modo simultaneamente maior e menor, o elemento do timbre.

A outra é – na zona que assentaria no ombro do cavaleiro – um escudete quase oval, contendo arvore e um animal junto dela. Trata-se dum tema relativamente frequente nas heráldicas castelhana e italiana, com antecedentes gráficos e simbólicos que nos levariam muito longe; deve aludir a alguma ligação familiar de Fernand' Alvares de Andrade ou vassálica de antepassados seus.

Um estudo exaustivo da ascendência do tesoureiro de D. João III, que não tenho conhecimento esteja feito, talvez explicasse a presença do escudete.

Julgo ter sido o primeiro a chamar a atenção para os elementos decorativos, apontados, do elmo de Fernand' Alvares de Andrade, em comunicação (não escrita) há muitos anos apresentada à Secção de História da Associação dos Arqueólogos, cujo essencial reconstituo aqui.

Não me ocorre, de momento, outro elmo tão curiosa e artisticamente decorado.

\*  
\* \*

A quarta e última pedra de armas para cujo comentário peço a vossa benevolente atenção é a que encima o imponente portão renascentista romano do palácio que foi dos Mendoças, na calçada de Santo André<sup>21</sup>.

A primeira edificação foi cerca de 1490 dada licença por D. João II a João de Mendoça, alcunhado Cação, para construir junto às muralhas e postigo de Santo André. O neto, e homónimo, do Cação, foi instituidor, em 1578, do morgadio do Arco de Santo André<sup>22</sup>; julgo que a pedra de armas não seja posterior ao João de Mendoça, neto.

Descrevo-o.

Relevado no conjunto de três blocos mais ou menos rectangulares, um escudo de tipo espanhol «à valona» franchado, tendo, em chefe e ponta, banda debruada, nos flancos respectivamente as letras AVE e MARIA. Elmo gradeado a três quartos, paquife, virol e por timbre uma pluma.

São, excepto o timbre, as armas adoptadas, cerca de 1440, por D. Iñigo Lopez de Mendoza, um notabilíssimo senhor e intelectual castelhano, posteriormente 1.º marquês de Santillana, filho do almirante D. Diego Hurtado de Mendoza e de D.<sup>a</sup> Leonor de la Vega.

Combinou – segundo disposição usada na Casa Real de Aragão, o franchado ou esquartelado em aspa<sup>23</sup> – as armas paternas – de verde, banda de vermelho, debruada de ouro – com as maternas – de ouro com as letras AVE MARIA GRATIA PLENA (ou forma abreviada) de negro<sup>24</sup>.

Estas armas foram usadas pela numerosa descendência do 1.º marquês de Santillana, existindo várias fontes, algumas de altíssimo nível artístico e monumental.

Que relação há entre o 1.º marquês de Santillana e João de Mendoça o Cação?

Os Mendoças portugueses descendem dum Fernão Furtado já cá residente em 1278, o qual seria – na opinião do genealogista espanhol D. Diego Gutierrez Coronel – filho de D. Diego Lopez de Mendoza, senhor de Mendoza e de D.<sup>a</sup> Leonor Hurtado<sup>25</sup>, prova documental não existe na informação dada por genealogistas portugueses.

O bisneto de Fernão Furtado, Afonso-Furtado, anadel-mor dos besteiros, citado em 1443, 1444 e 1467 é o primeiro desta linha a acrescentar ao seu apelido o de Mendoça, o qual predominará nos descendentes, a maioria dos quais prescindirá do de Furtado. O filho mais novo deste Afonso Furtado de Mendoça será precisamente João de Mendoça, o Cação<sup>26</sup>.

O 1.º marquês de Santillana, por seu lado, era 5.º neto de Lopo Diaz de Mendozá, irmão de Fernão Furtado, aceitando a filiação deste, acima<sup>27</sup>.

Verifica-se portanto que os Mendoças portugueses, descendentes dum personagem do séc. XIII não poderiam adoptar as armas organizadas devido ao casamento dum primo afastado, realizado em fins do séc. XIV ou princípios do XV. Não deveriam portanto incluir a AVE MARIA dos La Vega. Quanto à banda não há testemunho incontroverso do seu uso, na família espanhola, anteriormente a meados do séc. XIV<sup>28</sup>. Na família portuguesa nada me consta do que usariam antes do *Livro do Armeiro-mor* (1509).

Houve pois uma apropriação pela família portuguesa do que usavam os marqueses de Santillana, a qual, se deve ter realizado na 2.<sup>a</sup> metade do séc. XV. Apropriação compreensível pois os Mendozas, linhagem de alta nobreza castelhana, eram marqueses de Santillana, duques do Infantado, etc. e tinham filhos segundos, cardeais da Santa Igreja Romana.

É humano que os Mendoças portugueses procurassem partilhar tal prestigiante património social pela via simbólica do uso do mesmo brasão de armas, indicativo de idêntico sangue.

Apropriação aliás parcialmente oficializada em Portugal, note-se. Efectivamente tanto o *Livro do Armeiro-mor* como o *Livro da Torre do Tombo* atribuem a «Mendoça chefe» um franchado, no chefe e na ponta, de verde, banda de vermelho debruada de ouro<sup>29</sup>, nos flancos de ouro, letra S de negro (e não AVE MARIA). Estes SS podem ser interpretados como elos de cadeia, e sendo assim poderiam derivar da cadeia que era uma das «empresas» do 1.º marquês de Santillana, figurando em seu selo.

(Não se relaciona com os Mendozas a outra interpretação, a de serem, como outros SS das heráldicas portuguesa e castelhana, vestígio do colar dos SS dado pelo duque de Lencastre aos seus aliados portugueses e castelhanos<sup>30</sup>).

Ao timbre da pedra de armas da calçada de Santo André se poderá aplicar o que deixei dito sobre o de Castelo Branco.

O *Livro da Torre do Tombo* timbra as armas dos Mendoças com uma asa de águia; será por «diferença» heráldica que o ramo de João de Mendoça, o Cação, a substituiu pela pluma? Nos marqueses de Santillana, já duques do Infantado, aparece o dragão.

Presumo que a pedra de armas do morgadio do Arco de Santo André seja o mais antigo exemplo de apropriação das armas do marquês de Santillana pelos seus remotos parentes portugueses.

Braamcamp Freire só atribui a inclusão de AVE MARIA no brasão de armas aos condes de Vale de Reis (posteriormente duques de Loulé), mas o monumento em estudo é certamente anterior aos referidos condes; o 1.º, Nuno de Mendoça, recebeu o título em 1628<sup>31</sup>.

\*  
\* \*

Não vos enfastiarei com uma conclusão de longos considerandos.

Comentei quatro pedras de armas – do património de Lisboa – que entendo merecerem estudo particular.

Julgo ter tentado executar tal tarefa cujos resultados cumpre que o heraldista ofereça ao arqueólogo. Se os meus comentários foram ou não os que os monumentos escolhidos merecem, disso não sou juiz.

## NOTAS

<sup>1</sup> Faustino Menéndez Pidal: *Leones y Castillos*, Madrid 1999, p. 33.

<sup>2</sup> Max Prinert: “L’Origine du type des sceaux à l’écu timbré”, *Bulletin archéologique*, Paris 1910.

<sup>3</sup> Desde as catastróficas obras dos anos 1980, que irremediavelmente roubaram a imponência e sóbria beleza arquitectónica ao grande átrio e galeria do museu, deixou de estar patente, tanto quanto a minha vista tem alcançado. Sendo assim, mais uma razão para a inclusão do seu estudo nesta comunicação.

<sup>4</sup> Em *Brasões da Sala de Sintra*, 23.ª edição, livro terceiro, Coimbra 1930, pp. 19-220.

<sup>5</sup> Serão exemplos os timbres do 1.º conde de Vila Real, de que me ocupei em “Les plus anciennes armes portugaises timbrées”, em *Archivum Heraldicum*, Lausanne, 1962, n.º 1; do 2.º conde de Abrantes, no seu túmulo na igreja de Santa Maria do Castelo, em Abrantes, que observei *in-loco*; do 4.º conde de Marialva, de que dá notícia Braamcamp Freire, a p. 59 do livro 1.º de *Brasões da Sala de Sintra*, 23.ª edição, Coimbra 1921.

Muito recente e muito meritoriamente o Ex.º Senhor João Paulo de Abreu e Lima compilou na sua obra *Armas de Portugal. origem. evolução. significado*, Lisboa, 1998, excelentes e bem comentadas fotografias de alguns timbres portugueses de que se conhece (ou ele revela) fonte contemporânea, anteriores ao *Livro da Torre do Tombo*.

<sup>6</sup> Colecção de Vulgarização *Arte*, edição do *Diário de Notícias*.

<sup>7</sup> A ortografia de legenda é, como se vê a anterior a 1911, a do texto já não. Tal leva a pensar que o original da gravura é francamente anterior à publicação da obra.

No verso da página de rosto diz-se, também em ortografia antiga, que os «clichés» são «na sua maioria, da colecção J. Barcia, artista amigo de Julio de Castilho e que com ele trabalhou na evocação da velha Lisboa».

<sup>8</sup> Esta pedra de armas não consta das obras em que se pretendeu inventariar tal tipo de monumentos (as de Alberto Sousa, José de Mello (Sabugosa) e L. F. Ponce de Leão) o que talvez se explique por – presumivelmente – ter estado apeada algum tempo. O facto de não estar aposta em fachada que deite directamente para a via pública não é motivo da omissão; os referidos autores incluem pedras de armas em fachadas sobre jardins, ou até em portas interiores.

<sup>9</sup> J. F. Montalvão Machado, “Paços de a par S. Cristóvão”, em *Lisboa*, 2.ª série, n.º 3, 1.º trimestre de 1983.

M.C.M.: “O paço a par de São Cristóvão” em *Olísipo*, 2.ª série, n.º 7, Dezembro de 1998.

Lapso do primeiro destes autores é dizer que a pedra de armas da fachada do paço, retirada quando das obras realizadas no séc. XIX foi aposta na fachada posterior.

Como se pode ver na gravura publicada por ambos os autores citados, a pedra da fachada era estilística e heraldicamente diferente da que me proponho estudar, e francamente mais moderna.

<sup>10</sup> Em *Brasões da Sala de Sintra*, 2.ª edição, livro 2.º, Coimbra 1927, p. 73.

<sup>11</sup> Em *Armaria portuguesa*, Lisboa, 1908-21, p. 474.

<sup>12</sup> Episodicamente outros ramos dos Silvas incluirão na sua emblemática os ramos de silva.

<sup>13</sup> O soberano leonês de que se disse descenderem os Silvas, Fruela II, reinou em 924-5! O primeiro que adoptou como seu emblema o leão, já em época heráldica, foi Afonso VII que reinou de 1126 a 1157; com seu filho Fernando II, que reinou de 1157 a 1188 é que se pode garantir absolutamente ser tal leão de púrpura...

Não deixarei de registar que, de qualquer modo, o mais antigo antepassado conhecido dos Silvas a partir do qual se estabelece filiação seguida, documentalmente provada, até nossos dias, terá nascido cerca de 1000.

<sup>14</sup> Assim afirma Afonso de Dornelas no seu valioso trabalho “A Heráldica no Museu do Carmo” em *História e Genealogia*, 1.º vol. Lisboa, 1913.

- <sup>15</sup> Serpentes, dragões, lobos são designações que nos aparecem para as figuras de cujas bocas sai esta banda. Os heraldistas espanhóis adjectivam tais figuras de «Tragantes» implicando que elas estão «tragando», devorando a banda. A expressão «banda engolada» tem o mesmo sentido, de algo que é «engolido». Segundo inteligente sugestão do ilustre heraldista espanhol e meu bom amigo D. Faustino Menéndez-Pidal, a origem desta curiosa combinação poderá estar na ornamentação – em forma de cabeça de animal – de apoios de vigas no mosteiro das Huelgas de Burgos, que poderia ter sido vista pelos que criaram a insígnia da Banda Real de Castela, ordem de cavalaria da corte fundada por Afonso XI (c. 1330) mais tarde empresa real ou, até, armas pessoais do soberano de Castela-Leão. Esta banda – amarela em fundo vermelho (cores de Castela, que serão séculos depois as da bandeira nacional espanhola) – é, também, engolada.
- <sup>16</sup> Leitura de Afonso de Dornelas (na obra citada na nota 14) que, de momento, não posso confirmar, dado estar a pedra encaixotada devido às obras no nosso Museu.
- <sup>17</sup> Herdado dos Andrades da Anunciada pelos seus descendentes Meneses, condes da Ericeira, o terramoto de 1755 o destruiu, fazendo desaparecer o notabilíssimo recheio artístico e preciosa biblioteca destas famílias de intelectuais.
- <sup>18</sup> Assim o afirma Julio de Castillo em *Lisboa Antiga. Bairro Alto*, p. 246 do vol. I da 3.ª edição revista por G. de Matos Sequeira, Lisboa 1954.
- <sup>19</sup> Homens de armas como Gomes Freire de Andrade, que sendo pajem do Mestre de Avis foi figura de importante intervenção na revolução de 1383 ou seu descendente e homónimo o general executado em 1817. Escritores como Jacinto Freire de Andrade, os dois Diogo de Paiva de Andrade, frei Tomás de Jesus, os vários Meneses (d'Andrade) condes de Ericeira.
- <sup>20</sup> Dos quais há um importante monumento, muito divulgado, o imponente e curioso túmulo brasonado de Fernão Peres de Andrade, «o bóo», magnata do séc. XIV, em Betanzos (Galiza). Em Portugal foram registados no *Livro do Armeiro-mor* e no *Livro da Torre do Tombo*, nos quais a banda é vermelha debruada a ouro, as cabeças das serpentes, ouro, o fundo, verde. O timbre são duas cabeças de serpente. Os da Anunciada mudaram o fundo para ouro, as cabeças para verde, o debrum deixou de ser necessário; as caldeiras são xadrezadas de prata e vermelho, o timbre é uma cabeça, de dragão. A propósito lembrarei serem frequentes, na arte heráldica, figuras fabulosas como timbre; a palavra cimeira, seu sinónimo, derivaria de *quimera*.
- <sup>21</sup> José de Melo (Sabugosa): *Pedras de armas que ainda existem nalgumas casas de Lisboa...*, Lisboa 1947, p. 56.
- <sup>22</sup> Idem.
- <sup>23</sup> D. Iñigo vivera, na sua juventude (c. 1410-1420) na corte aragonesa criado pelo rei D. Afonso V, o magnânimo.
- <sup>24</sup> Faustino Menendez Pidal: “Las armas de los Mendoza” em *Armas e Trofeus*, 2.ª série, vol. VI, 1, Janeiro-Março de 1965. “Las armas de los Mendoza: un ejemplo de los usos de fines de la Edad Media” em *Las armerías en Europa al comenzar la Edad Moderna y su proyección al nuevo mundo*, Madrid 1993.
- <sup>25</sup> Esta D.ª Leonor Hurtado ou Furtado era filha de Fernão Peres de Lara, dito «Furtado», por ter nascido «a furto» de D.ª Urraca I, rainha de Castela-Leão e de seu – de certo modo – 3.º marido Pedro Gonçalves de Lara, circunstância que tornou o «Furtado» meio-irmão do imperador D. Afonso VII, rei de Castela-Leão e primo direito de D. Afonso Henriques, rei de Portugal.
- <sup>26</sup> Braamcamp Freire: *Brasões da Sala de Sintra*, 2.ª edição, livro terceiro, Coimbra 1930, pp. 161-173.
- <sup>27</sup> Ver as obras citadas na nota 24 e, também, por exemplo, *El arte en España-Guadalajara-Alcalá*, por Rafael Aguilar y Cuadrado, Barcelona, s.d.
- <sup>28</sup> Ver a obra citada em segundo lugar na nota 24.
- <sup>29</sup> A semelhança na figura e nas cores entre as armas dos Andrades e dos Mendozas, propriamente ditas, é evidente e, creio, relacionável em a Banda Real de Castela. Ao famoso Cid Campeador, falecido antes do aparecimento da Heráldica, foi também atribuída banda vermelha em fundo verde.
- <sup>30</sup> Teoria apresentada pelo meu mestre o marquês de São Payo.
- <sup>31</sup> D. Augusto Pedro de Mendoça Rolim de Moura Barreto, filho 2.º do 9.º conde de Vale de Reis (e 1.º duque de Loulé), adquiriu, na 2.ª metade do séc. XIX, o palácio de Palhavã, o qual mandou restaurar, sendo colocada uma pedra de armas de Mendozas com AVE MARIA. Por curiosa coincidência, este palácio – conservando a referida pedra de armas – é hoje a residência oficial do embaixador em Portugal do soberano descendente de quem fez marquês de Santillana um certo D. Iñigo Lopez de Mendoza...

## A mouraria de Lisboa dos séculos XII-XV

CATARINA ISABEL DE OLIVEIRA FARO

### Introdução

Os mouros surgiram em Portugal no início do século VIII, e permaneceram até fins do século XV.

No ano de 1170, D. Afonso Henriques, concedeu uma Carta de Foral aos mouros forros da cidade de Lisboa, Almada, Palmela e Alcácer.

No intuito de evitar contactos entre cristãos e mouros, ficou estabelecido que estes últimos deveriam viver em bairros afastados, nas mourarias ou aljamas, que eram governadas por um alcaide.

Aos mouros era-lhes permitida liberdade religiosa, terem as suas mesquitas. A igreja e o poder central pretendiam convertê-los á fé de cristo, aumentando-lhes os impostos e atribuindo privilégios aos convertidos. Apesar dessas facilidades houve poucas conversões.

Existem referências à mouraria de Lisboa, leis, privilégios e obrigações a que estavam sujeitos. Há a salientar o facto de ao sino da Trindade, as portas se fecharem e a partir desse momento tinham de permanecer no seu interior, caso contrário seriam castigados.

Os monarcas tomaram várias medidas para evitar o contacto entre cristãos e mouros, pois receavam que os cristãos fossem convertidos ao Islamismo. Proibiram as mulheres cristãs de entrar na mouraria, e os mouros que recebessem cristãs em sua casa seriam mortos.

A sua discriminação revelou-se no uso de determinados sinais exteriores, a semelhança do que acontecia em relação aos judeus. O incumprimento destas regras, poderia levar a penas corporais ou pecuniárias, ou mesmo à sua excomunhão.

A sua actividade principal era a agricultura, desempenhando por vezes outro tipo de funções. Através da legislação, torna-se mais fácil o conhecimento dos seus direitos e deveres. O simples facto da existência de determinada lei, presumia que algo se infringia, tornando-se necessário legislar a esse respeito. Se determinada lei fosse reformulada, significava que o seu incumprimento era frequente.

Estavam sujeitos a impostos específicos face a sua condição.

No início de Dezembro 1496, D. Manuel I, promulgou o Édito de Expulsão de mouros e judeus, sob pretexto religioso, sendo a aceitação do baptismo a condição de permanência no País. Os que aceitaram o baptismo, passaram a ter a designação de mouriscos. Alguns foram punidos pelo tribunal do Santo Ofício, sob a acusação de práticas ocultas de Islamismo.

Este édito, provocou a extinção da comuna de Lisboa, os poucos mouros que aí permaneceram, não foram suficientes para impedir que a mouraria fosse transformada num bairro cristão.

Após a expulsão, as poucas referências documentais acerca de mouros e mouriscos, não vão além do século XVII.

Os que permaneceram em Portugal, fundiram-se com a população portuguesa, os outros regressaram a terra da mourama.

### Quando surgiram os Mouros em Portugal

Durante a Idade Média viviam no território alguns povos denominados por mouros, nomeadamente, Árabes e Muçulmanos da Península, tal como os Sírios, os Berberes e os peninsulares convertidos ao islamismo<sup>1</sup>.

Os mouros determinaram fortemente a formação da cidade e sua evolução, através da sua permanência em Portugal dos séculos VIII a XV<sup>2</sup>.

A cidade era caracterizada pelo traçado sinuoso das suas ruas e dos becos da Medina, (cidade moura), pelos materiais utilizados e suas técnicas de construção (Árabe), pela sua toponímia e pela sua localização em relação á função dos seus edifícios<sup>3</sup>.

A região de Lisboa foi influenciada pelos povoadores que se estabeleceram nas zonas limítrofes da capital, divulgando os seus usos e costumes, aproveitando plantas e árvores de fruto, até então desconhecidas em Portugal. Aperfeiçoaram técnicas de regadio, tais como açudes e acéquias, difundiram o uso de alfaias agrícolas e de diversos engenhos sendo exemplo as azenhas, as noras e as atafonas<sup>4</sup>. Desenvolveram muitas outras actividades, inclusivamente farmacoopia e a cosmética através do âmbar<sup>5</sup>.

Os mouros implantaram-se na região ocidental da Península, que foi povoada principalmente por árabes e berberes que divulgaram o Islão convertendo alguns dos seus habitantes, absorvendo seus usos e costumes. Apenas uma ínfima parte se converteu ao islamismo, devido ao facto de a religião cristã estar bem implantada na Península, e porque inicialmente os árabes eram tolerantes para com os cristãos, permitindo-lhes seguir a sua religião, apesar de estarem submetidos politicamente ao Islão.

Segundo descrições de geógrafos árabes, Lisboa estava bem localizada, o solo era fértil, possuía uma grande reserva piscatória<sup>6</sup>. A extracção do âmbar ao cachalote era bom exemplo disso. As artes de pesca eram ajustadas a estas águas, proliferavam grande variedade de barcos e apetrechos. Os Árabes modificaram progressivamente a cidade característica do tempo dos Romanos e dos Visigodos, transformando-a de modo a que pudessem usufruir da qualidade de vida urbana a que vinham habituados.

As funções administrativas, políticas e militares, foram instaladas no castelo. A vida religiosa decorria na mesquita principal, as alcaçarias (como eram designadas as hospedarias, esta designação perdurou até aos nossos dias sendo actualmente a designação de um beco na freguesia de S. Miguel em Alfama), os mercados, as medersas (que significavam escolas) eram as estruturas mais marcantes da caracterização da cidade muçulmana.

Nos finais do século XI, Lisboa era considerada a mais importante cidade do ocidente ibérico, a população de Lisboa era maioritariamente cristã. Sendo beneficiada com as autonomias regionais do período dos taifas, permitindo-lhe assim atingir rapidamente as dimensões de uma grande cidade<sup>7</sup>.

Aquando da reconquista de Lisboa, ocorreu um combate na ponte de Sacavém (no ano de 1147, referência retirada dos documentos da Torre do Tombo), cerca de mil e quinhentos cavaleiros cristãos venceram aproximadamente cinco mil mouros, onde muitas vidas foram sacrificadas. Será isto tradição ou lenda, persiste a dúvida (a ponte é-nos dada a conhecer por um desenho de Francisco de Olanda, apenas existindo ruínas no séc. XVII)<sup>8</sup>.

Para assinalar esta vitória, D. Afonso Henriques, mandou erguer uma capela que dedicou a Nossa Senhora dos Mártires, em memória da tragédia aí ocorrida (existindo nesse local uma outra capela contemporânea dos Godos, dedicada a Nossa Senhora dos Prazeres)<sup>9</sup>.

Enquanto Alexandre Herculano, na sua época, duvidava sistematicamente das histórias que se contavam, hoje em dia as ciências históricas recorrem a outros tipos de fontes, a um alargamento da noção de documento. A Arqueologia concede-nos também um importante contributo. Actualmente é possível provar a veracidade deste acontecimento, através da existência de um cemitério, onde foram encontrados restos mortais de milhares de cristãos aí sepultados, e onde haviam sido colocados amuletos (“cruz de pedra”), nas cabeceiras das sepulturas para assinalar que naquele local jaziam cristãos<sup>10</sup>. Este facto comprova que neste período e naquele local houve uma mortalidade elevada, em consequência da batalha aí ocorrida.

Com a reconquista de Lisboa pelos cristãos, permaneceram inúmeros mouros como agricultores, artesãos ou em humildes mesteres.

A partir do século XII, e após a pacificação das rotas marítimas de acesso ao Báltico, Lisboa passa a concentrar todas as vias fluviais e terrestres da sua região e posteriormente de todo o país, tornando-se assim um ponto estratégico vital.

### **Privilégios concedidos aos mouros pelos monarcas – legislação existente**

No ano de 1170, foi concedida por D. Afonso Henriques uma carta de foral aos mouros forros das cidades de Lisboa, Almada, Palmela e Alcácer<sup>11</sup>, pondo assim em prática uma política de tolerância, tal como o haviam feito os outros monarcas cristãos da Península.

Através desta carta de foral, reconhece-se assim a existência duma comunidade moura em Portugal. Foram então estabelecidas condições para a sua permanência sob protecção régia. Ficando determinado o modo como os mouros poderiam viver entre os cristãos; com alguma liberdade, praticar a sua religião nas suas mesquitas, terem leis e costumes, e deveriam contribuir para a coroa pagando determinados impostos que se designavam por estipêndios.

Passaram a diferenciar-se como mouros forros ou livres, dos que eram aprisionados em combate e reduzidos à condição de escravos. Os monarcas sucessores seguiram a mesma política de tolerância, reformulando a legislação<sup>12</sup>.

A Igreja e o poder central pretendiam trazê-los à fé de Cristo, aumentando os impostos e atribuindo privilégios aos que se convertessem, apesar disto houve escassas conversões.

Foram concedidos privilégios aos convertidos ao catolicismo, D. João isentou-os da obrigatoriedade de possuírem cavalo<sup>13</sup>. Esta obrigatoriedade era muito onerosa porque, além da sua aquisição, era também necessário alimentá-los e tratá-los. Era um privilégio não se ser obrigado a possuir cavalo, porque por este facto evitavam grandes despesas.

Para evitar a convivência de cristãos e maometanos, foi determinado que os mouros deveriam viver em bairros afastados, nos arrabaldes das povoações, que ficaram conhecidas como mourarias ou aljamas. Proliferou legislação a este respeito, obrigando à existência de mourarias, definindo quais as obrigações dos mouros e seus privilégios.

## **As Comunas e seu funcionamento**

D. João ordenou que todos os mouros forros de seus reinos e senhorios vivessem em mourarias afastadas dos cristãos, evitando assim o contacto entre eles. A lei previa que se não houvessem mourarias afastadas, ou se a sua capacidade fosse insuficiente para albergar todos, que se construíssem ou se ampliassem<sup>14</sup>.

A Alcáçova, que era onde se localizava o palácio do governador, situava-se no centro ou na parte mais elevada e encontrava-se protegida por fortes muralhas torreadas com portas defensivas que abriam para a zona urbana e amuralhada da medina. A cidade desenvolvia-se a partir da rua principal ou rua direita, seguida de várias ruas secundárias, o seu traçado sinuoso dava acesso às estreitas ruelas do adarve. No bairro central situava-se a mesquita, na sua proximidade estava instalado o comércio luxuoso, e próximo da muralha localizavam-se os edifícios residenciais da aristocracia, ladeados por jardins.

À medida que as cidades iam crescendo, novos bairros surgiam, formando núcleos urbanos separados, igualmente cercados de muralhas. Os edifícios religiosos e os palácios possuíam uma componente estética fortemente marcante, os rendilhados e as formas harmoniosas de linhas curvas e rectas compunham os arcos e abóbadas em cúpula. Os palácios e casas senhoriais estavam munidos de banhos privados com rede de esgotos e canalizações para água corrente.

Os cemitérios situavam-se normalmente no exterior das muralhas urbanas e na proximidade de caminhos, as sepulturas eram elaboradas com simplicidade, o corpo era inumado e protegido com um manto branco e colocado de lado em fossas estreitas com o rosto voltado para Meca, as sepulturas eram cobertas por telhas ou lages assinaladas com estelas epigrafadas.

Na vigésima sétima noite do ramadão punham fim ao jejum, nas mesquitas e palácios eram proclamados sermões e leituras do corão, deslocava-se a cidade onde decorriam festejos populares (o polo e os torneios eram comuns a sociedade muçulmana e cristã, o xadrez, as damas e os dados alguns estavam interditos pela lei islâmica), eram apreciadores de música, danças e cantares nas ruas. Os mercados eram animados com saltimbancos e malabaristas faziam espectáculos populares<sup>15</sup>.

A fim de evitar a convivência entre cristãos e mouros, D. João ordenou que as mulheres cristãs não entrassem nas mourarias, nem os mouros em casa das cristãs<sup>16</sup>.

Durante o reinado de D. Pedro I existiram comunas em Tavira, Faro, Loulé, Silves, Beja, Moura, Évora, Estremoz, Elvas, Avis, Setúbal, Lisboa, Alenquer e Santarém.

As comunas eram governadas por um alcaide, escolhido pelos mouros, desempenhando funções de juiz, julgando-os em caso de necessidade<sup>17</sup>.

Se algum mouro se sentisse lesado por algum cristão, deveria queixar-se aos Alvazys de Lisboa, caso fosse um cristão a ter razão de queixa de um mouro, deveria fazê-la junto do alcaide dos mouros<sup>18</sup>.

Os conflitos entre muçulmanos eram julgados em tribunal muçulmano, se fosse entre estes e cristãos de início foram decididos por justiça muçulmana, mas em matéria cível se o réu era muçulmano julgava-se em tribunal muçulmano, se a matéria era criminal, respondia-se sempre perante magistrados cristãos. Com o rei D. Afonso V, as causas entre a gente dos dois credos eram todas julgadas por juizes cristãos<sup>19</sup>.

## A mouraria de Lisboa

As portas da mouraria deveriam estar fechadas ao sino da Trindade, os Mouros que se encontrassem fora das ditas mourarias seriam castigados, segundo uma lei que foi concebida a pensar nos judeus, que consistia em que a partir dos 15 anos, os judeus que fossem encontrados fora das judiarias seriam presos e pagariam 5 mil libras, caso fossem reincidentes pagariam 10 mil libras e não eram libertados até a data do pagamento, caso voltassem a repetir seriam açoitados publicamente<sup>20</sup>. O mesmo se devia cumprir em relação aos mouros e a todos os lugares onde houvessem mourarias afastadas dos Cristãos, esta lei era uma medida que visava obrigar os mouros, a permanecessem à noite nas mourarias<sup>21</sup>.

Houve várias leis semelhantes inclusive uma em que D. João reafirmava o mesmo “as mourarias deveriam estar fechadas ao sino da Trindade” – mesmo assim alguns monarcas seguintes reformulavam essa mesma lei, dado a mesma não ser cumprida sistematicamente, numa tentativa de a fazer cumprir<sup>22</sup>. O facto de ter havido muita legislação a este respeito, demonstra o seu incumprimento, surgindo na teoria mas não sendo postas em prática.

Com D. Pedro, toda a mulher cristã que entrasse na mouraria seria enforcada, havia o receio de que os cristãos aderissem ao islamismo, por sua vez os mouros que ilegalmente recebessem cristãs em sua casa também seriam mortos, pretendia-se assim evitar qualquer contacto entre cristãos e muçulmanos.

Para evitar a convivência e casamento, os monarcas tomaram várias medidas em reforço das adoptadas pela igreja.

Com D. Duarte e D. Afonso V, proibia-se que cristãos prestassem serviço em casa de mouros. O Arcebispo de Lisboa, D. João Esteves de Azambuja (1402-14), juntava a esta proibição uma outra, a da frequência de festas mouras, e eram excomungados os que vivessem em mourarias.

Após a reconquista de Lisboa, a comunidade muçulmana instalou-se a norte da cidade, no cimo da colina do castelo.

O rei D. Pedro em 1366 pretende limitar os contactos entre mouros e cristãos, proíbe que as mulheres cristãs frequentem a mouraria, restringe a dois caminhos a possibilidade das suas deslocações pelos arrabaldes, a população moura ocupava uma parcela muito significativa no vale situado entre as colinas do Castelo, da Graça e de S. Gens<sup>23</sup>.

Uma das portas da mouraria estava localizada no cruzamento da Rua de Benfica com a Rua Grande Direita, noticiada no ano de 1465. No outro extremo da Rua Direita e próximo do ponto em que ela divergia para a Calçada de Santo André, encontrava-se uma outra porta documentada desde 1436, admite-se a existência de mais duas portas, sendo no entanto desconhecida a sua localização.

Devido a uma parte da Rua da Amendoeira se situar no interior do bairro e a vizinhança que aí permanecia entre as habitações cristãs e muçulmanas, torna provável a existência de uma porta nesse local, não havendo no entanto qualquer referência a ela.

Existia uma outra porta conhecida como porta situada para além do Poço dos Mouros, a sua provável localização seria no início da Rua Direita havendo referências a ela, “rua direita que vai da porta d’além do poço para cima”, a localização exacta do Poço dos Mouros na Rua da Porta de S. Vicente e no entanto imprecisa, podendo essa referência ser feita à porta situada no início da Rua Grande Direita.

As dimensões da mouraria eram de pouco mais do que um hectare de superfície em forma de um pequeno triângulo.

As quatro portas que delimitavam a mouraria eram ponto de relacionamento com o exterior, as portas que abriam para a Rua de Benfica e para a Rua da Porta de S. Vicente, eram as principais saídas da cidade para norte, onde se tornavam assim os principais pontos de ligação com o interior agrícola. As outras portas permitiam o acesso à cidade através da Porta de Santo André, ligando-a assim ao arrabalde e ao almocovar.

Apesar de tudo o bairro apenas possuía algumas ruas rectilíneas, não figurando nenhuma com acesso directo entre duas portas. Estavam presentes na Mouraria de Lisboa, de uma forma muito evidente características do urbanismo muçulmano, tais como becos e ruas sem saída.

No centro do bairro localizava-se a mesquita grande que era também muitas vezes utilizada para abandonar os enjeitados, bem como para a realização de reuniões comunitárias. Situavam-se nessa zona a escola e as residenciais de alguns oficiais da comuna.

No outro extremo do bairro, próximo da porta da mouraria que dava acesso à Rua de Benfica, junto a zona dos banhos e da mesquita pequena, situavam-se as únicas tendas possíveis de identificar. A actividade comercial estendia-se ao longo da Rua de Benfica, (comércio de peças de olaria), a carniçaria (local onde se vendia a carne retalhada), situava-se próximo deste local. A falta de outras referências tudo indica que as restantes zonas do bairro eram utilizadas para habitação.

A Rua Direita presume-se ter sido um rua muito movimentada pois servia o quarteirão da mesquita grande, através do prolongamento da Rua do Físico, em situação idêntica estava a Rua Grande Direita dada a grande afluência aos banhos, à mesquita pequena e às tendas.

O caminho de S. Lázaro era muito utilizado pela população cristã em direcção a Calçada de Santo André. Muitas ruas eram estreitas e terminavam em becos.

As casas da mouraria eram semelhantes às casas medievais sendo construções térreas, ou raras vezes com um sobrado em toda a casa ou apenas em algumas divisões. Possuíam por vezes quintais onde lhes era permitido cultivar uma horta. Apesar não serem muitas vezes referenciados os materiais utilizados presume-se que nas construções era utilizado a pedra, a madeira, a cal, a telha e os pregos, sabe-se ainda da introdução da utilização do tijolo e do barro nos edifícios mais importantes (na escola e nas mesquitas).

A mesquita grande era o principal edifício do arrabalde, com cerca de 300 metros quadrados. Ficaria situada talvez no lugar onde é hoje o Largo da Anunciada. A mesquita foi arrasada e no seu lugar foi edificada a igreja de Santa Maria Maior, elevada a dignidade de Sé, recebeu acrescentos nos séculos XIII e XIV, o terramoto de 1755 atingiu-a fortemente, sendo restaurada já neste século por António Couto.

A mesquita pequena teria aproximadamente 47 metros quadrados. Ambas possuíam variadíssimos bens próprios.

A escola localizava-se próximo da mesquita grande. O almocovar (cemitério) encontrava-se já fora das portas na encosta de Santa Maria da Graça.

A loja dos direitos régios era o local onde os mouros se dirigiam para pagar os impostos.

O poço dos mouros, revestia-se de uma grande importância pois tinha a função de abastecimento de água.

O espaço habitado aumentou devido a ocupação do arrabalde novo, situado entre o bairro e o almocovar.

Depois da reconquista, Lisboa encheu-se de igrejas e mosteiros, os 1.<sup>os</sup> templos eram feitos com o material das mesquitas espalhadas pela cidade.

## **Os Mouros deviam usar determinados sinais exteriores**

Não obstante os privilégios concedidos aos mouros, era notória a distinção entre estes e os cristãos, através da utilização de determinados símbolos.

O comum do mouros forros da Cidade de Lisboa, deviam trazer sobre as suas roupas albernozes, escapulários e balandreaos, capuzes em cima do seus vestidos e aljubas com aljubetes mangas largas e longas<sup>24</sup>.

No caso de não vestirem este traje, poderiam perder a roupa e serem presos.

O rei D. Afonso IV obrigava-os a usar um sinal branco no barrete e a raparem o cabelo a navalha e com D. João II quem usasse capuz aberto tinham de pregar uma lua vermelha no ombro.

Nos reinados seguintes foram promulgadas as mesmas leis, o que demonstra a ineficácia destas, que os mouros desrespeitavam apesar de serem ameaçados de excomunhão e de rigorosas penas corporais ou pecuniárias.

Contudo o contacto entre mouros e cristãos sempre se verificou é de assinalar que um dos filhos de D. Afonso Henriques, D. Martim Afonso nasceu da união com uma moura e que D. Urraca foi fruto de uma relação entre D. Afonso III e uma moura<sup>25</sup>.

## Caracterização dos Mouros

Para melhor compreendermos o que distinguiu os mouros da restante população, é necessário procedermos a uma análise referente a estes, nomeadamente através do estudo das Ordenações: Afonsinas (compilação de leis e outras fontes jurídicas desde o reinado de D. Afonso I) e Manuelinas (codificação promulgada por D. Manuel I em 1521, de forma a substituir as anteriores).

Nas Ordenações Manuelinas há escassas referências aos mouros devido ao facto de D. Manuel I ter promulgado o Édito de Expulsão.

Através das Ordenações temos conhecimento de como a vida em comunidade dos mouros se processava; isto é, os seus direitos e obrigações.

Na população mourisca era permitida a poligamia, cada mouro podia ter até quatro mulheres, se tivesse mais o casamento não era válido, o mesmo acontecia se um casamento se efectuasse quando o marido ou a mulher estivessem doentes, em caso de morte de um dos cônjuges e na falta de herdeiros, o rei ficaria com os seus bens, ou parte deles, nem o marido herda da mulher nem a mulher do marido é como se o casamento nunca tivesse acontecido.

Esta lei tinha como objectivo, evitar situações em que através da celebração do casamento, devido a uma das partes se encontrar doente, após a morte desta, o cônjuge viesse a herdar os bens. O casamento era tido como forma de melhoria de vida.

Aos mouros era proibido terem servidores cristãos, encontrando-se esta lei estabelecida em legislação referente aos judeus<sup>26</sup>, mas era extensiva aos mouros<sup>27</sup>.

Os mouros não podiam ser oficiais do rei, nem de nenhum infante ou conde, prelado ou de quaisquer outros senhores, segundo a lei de D. Duarte, feita para os judeus<sup>28</sup>. É de referir que à semelhança da legislação anterior a lei aplicada aos judeus era extensiva aos mouros<sup>29</sup>.

Não era permitido aos cristãos, comprarem terrenos a mouros sem obterem uma especial autorização do rei D. Duarte<sup>30</sup>.

Era frequente os mouros escravos fugirem, para evitar que tal se verificasse foi produzida inúmera legislação para esse efeito.

Como consequência, D. Duarte estabelece uma recompensa de 1000 reais brancos a todos os que encontrassem e entregassem os mouros escravos. Afim de evitar que as pessoas ficassem com os escravos D. Duarte estipulou uma quantia de 1 000 reais a punir quem o fizesse<sup>31</sup>. O facto de existir esta lei, demonstra que era frequente ficarem com eles em vez de os devolverem.

Quem acoberta-se ou auxilia-se a fuga de um mouro escravo; quer fossem, judeus, cristãos ou mouros forros eram presos e teriam que pagar ao respectivo dono o seu valor<sup>32</sup>.

Com D. Afonso III se um judeu rompesse a igreja mesmo que fosse a mando de um cristão, seria queimado à porta da igreja e o cristão caso fosse cavaleiro era condenado ao pagamento de 300 maravedis acrescido de expulsão do reino, para escudeiro peão ou outro a condenação seria a morte<sup>33</sup>. O mesmo se deveria aplicar aos mouros<sup>34</sup>.

Quando fossem recebidos pelo rei, estavam proibidos de transportar armas (lei de D. João). À semelhança do que acontecia com os judeus<sup>35</sup>. O mesmo se deveria aplicar aos mouros<sup>36</sup>.

Segundo a lei de D. João, nenhum mouro deveria ser convertido contra a sua vontade. Se pretendesse fazê-lo deveria expressar-se clara e publicamente<sup>37</sup>.

D. João numa tentativa de proteger os judeus, tomou diversas medidas nomeadamente a proibição dos cristãos os matarem, ferirem, roubarem, ou tentassem alterar os seus costumes. Era igualmente proibida a violação dos cemitérios para roubar ouro, prata ou dinheiro que se encontrava junto dos corpos. Não perturbassem as suas festas, nem os obrigassem a trabalhar para eles. O mesmo se deveria aplicar aos mouros forros dos nossos reinos e senhorios<sup>38</sup>.

Era frequente um mouro converter-se ao cristianismo e mais tarde voltar a sua antiga fé, D. Afonso II fez uma lei em relação aos judeus segundo a qual, se este se convertesse ao cristianismo e voltasse depois a sua antiga fé, seria molestado se não se quisesse reconverter ao cristianismo, o mesmo se deveria aplicar em relação aos mouros<sup>39</sup>.

Durante o tempo de guerra entre mouros e cristãos, estes estavam proibidos de levar para território mouro qualquer tipo de armas ou de artilharias, navios ou materiais para os construir. Não era permitido que os cristãos transportassem mouros, se o fizessem eram feitos escravos de quem os encontrassem, os seus bens seriam confiscados pelo rei.

Era igualmente proibido o transporte de determinadas mercadorias como o pão, o vinho, o azeite, o sal, a cera, o mel etc., os que o fizessem eram excomungados, caso o transporte destas mercadorias fosse efectuado por estrangeiros perdiam toda a mercadoria, bem como os bens que tivessem no reino e perdiam o navio em que a mercadoria fosse transportada<sup>40</sup>.

Contudo era permitido o transporte destas mercadorias, mediante um mandato especial dado pelo rei com o objectivo de resgatar cristãos cativos.

Uma lei posterior de conteúdo similar viria reforçar esta ideia<sup>41</sup>.

A lei anterior não ser cumprida, surgindo nova legislação semelhante, sancionando a venda de quaisquer produtos em território mouro. Para além das sanções anteriores há acrescentar o facto de serem degredados para a Ilha de S. Tomé.

Os cristãos novos, mouros e cristãos mouriscos que fossem para a terra de mouros ou para as terras de África, perdiam os seus bens e passavam a ser cativos.

Independentemente da condição social, quem os transportasse, perderia os seus bens e seria degredado.

Receando que os cristãos novos e os mouros forros, uma vez chegado ao território mouro iniciassem guerra contra o reino, era proibida a sua entrada em Portugal, sendo encontrados no nosso território nacional seriam feitos prisioneiros, publicamente açoitados e marcados no rosto para se destacar que eram cativos e perdiam todos os seus bens.

A quem os transportasse para território mouro era morto e perdia todos os seus bens. Se os levasse para qualquer outra parte, o infractor perderia todos os seus bens e seria degredado para África durante 4 anos. A mesma pena seria aplicada a quem os acolhesse em sua casa<sup>42</sup>.

O judeu ou mouro que mantivesse uma relação com um cristão era condenado à morte. Se a mulher fosse forçada não estava ela sujeita a pena<sup>43</sup>.

Mais tarde nas Ordenações Manuelinas há referência novamente a uma lei em que um cristão que dormisse com uma moura, ou cristã com um mouro quando fosse feito por vontade deveriam morrer. Se a mulher fosse forçada não deveria morrer nem ter nenhuma pena, quem impusesse é que morreria. O mesmo se verificava quando o pecado ocorria devido a uma das partes não ter conhecimento de que a outra pessoa não professava a mesma religião, apenas era punido quem tivesse conhecimento dessa infidelidade<sup>44</sup>.

Os mouros e judeus que se vestissem como cristãos, e se fizessem passar por estes ameaçando desta forma a cristandade, seriam feitos prisioneiros<sup>45</sup>.

Em outubro 1497 todos os judeus e mouros forros que se encontrassem em Portugal, deveriam abandonar o País, sob pena de morte, qualquer pessoa que ocultasse um judeu ou mouro forro, perderia todos os seus bens (que ficariam para quem o acusasse), judeus e mouros que livremente abandonassem o País, poderiam levar os seus bens e receber dividas que lhes eram devidas<sup>46</sup>.

A principal ocupação dos mouros era a agricultura, mas também eram sapateiros, ferreiros, oleiros, esparteiros, albardeiros, pedreiros e carpinteiros.

Eram obrigados a pagar à coroa elevados tributos tais como: “imposto de capitação, pago desde o nascimento era a alfita, varão em idade da ganhar a vida pagava novo imposto. Da terra que aproveitassem pagavam a dizima dos produtos colhidos, azaqui; pagavam o azaqui apelidado de quarentena (de quarenta pagavam um) dos gados que possuíam; pagavam azaqui do mel e da cera; quarentena de todos os haveres em seu poder, próprios ou alheios; imposto de compra e venda de bens de raiz; dizima de trabalho; dizima de resgate de trabalho e de alforria; portagens”<sup>47</sup>.

Para além destes impostos tinham várias obrigações tais como: vender os figos do rei e o azeite<sup>48</sup>; como as derramas extraordinárias; deveriam dar hospedagem a grandes senhores e fazer trabalhos públicos, pagavam aos cristãos o mesmo que pagavam aos seus reis mouros.

Os escravos não eram considerados como pessoas, eram vistos como coisas ou bestas de carga, que se vendiam, doavam e herdavam. Um escravo fugido ao dono que se acolhesse na igreja não beneficiava do direito de asilo, o que era concedido aos criminosos vulgares de qualquer credo, eles poderiam ser presos dentro da igreja.

Sofriam dolorosos castigos: se falsificassem moeda era-lhes cortada a mão. Nos costumes e foros da Guarda (séc. XIII ou XIV) cortava-se o pé ao mouro que fugisse. O senhor tinha sobre eles todos os direitos, excepto não os podia mandar castrar, nem tinha sobre eles o direito de vida e de morte.

Muitos escravos conseguiram a emancipação, uns por fuga para concelhos que lhes concediam alforria ou para o Norte de África, outros por resgate, troca com cristãos cativos ou por generosidade dos seus senhores.

Com D. Manuel I, o pretexto religioso invocado pelo soberano para expulsar os judeus incluiu também os mouros, através do decreto de expulsão, publicado nos primeiros dias de Dezembro de 1496.

De acordo com este decreto, estes eram obrigados a aceitar o baptismo ou então eram expulsos do país.

Os que aceitaram o baptismo passaram a ser designados Mouriscos, designação que também se aplicou aos escravos mouros convertidos. Alguns foram acusados pelo Tribunal do Santo Ofício, sob a acusação de práticas ocultas de islamismo.

O édito de expulsão das duas minorias religiosas promulgado em 1496, provocou a extinção da comuna dos mouros de Lisboa, os poucos mouros que aí permaneceram não impediram a transformação da mouraria num bairro cristão. Este édito permitiu o conhecimento do bairro, através das cartas de emprazamento a foreiros cristãos dos bens que anteriormente tinham pertencido a comuna, revelam-se assim quais os espaços públicos da mouraria e as várias casas particulares.

Depois de serem expulsos, poucos documentos fazem referência aos mouros e mouriscos e não vão além do século XVII.

Uns fundiram-se na população portuguesa, outros regressaram às terras da mourama.

## Conclusão

Os mouros permaneceram em Portugal entre os séculos VIII-XV, determinando a formação da cidade, e a sua evolução, era muito frequente a existência de ruas estreitas e becos sem saída, actualmente este facto continua a ser característica.

Em 1170, D. Afonso Henriques deu uma Carta de Foral aos mouros forros das cidades de Lisboa, Almada, Palmela e Alcácer. Aos mouros era-lhes permitido viver entre nós com alguma liberdade, praticar o seu culto, ter os seus hábitos e costumes, pagando determinados impostos e obedecendo a determinadas leis.

Houve poucas conversões de cristãos, porque a religião cristã estava bem implantada, por outro lado a Igreja pretendeu converter-los dando-lhes privilégios.

Com o objectivo de evitar a conversão dos cristãos pelos mouros, estabeleceu-se a obrigatoriedade de eles viverem em bairros afastados. Eram governados por um alcaide, devendo permanecer no seu interior durante a noite, receando-se a má influência dos mouros para com os cristãos.

Não era permitido o relacionamento entre cristãos e mouros, proibindo o casamento entre eles e a fusão das religiões.

A mouraria de Lisboa era pouco maior, do que um hectare de superfície em forma de um triângulo, as casas eram geralmente térreas, com quintal possibilitando-os ao cultivo de uma horta.

As suas habitações eram feitas de pedra, madeira, cal, telha, pregos, e introduziram tijolo e barro nos edifícios mais importantes, (a excepção do barro ainda hoje são empregues o mesmo tipo de materiais).

O almocovar ou seja o cemitério, situava-se fora das portas, na encosta de Santa Maria da Graça.

Após a reconquista da cidade de Lisboa aos mouros, erguiam-se templos cristãos com materiais das mesquitas.

A discriminação religiosa era permanente, os mouros e judeus eram obrigados a usar determinados sinais exteriores para evidenciarem a religião que professavam, tendo em vista a sua fácil identificação.

Através das Ordenações Afonsinas e Manuelinas, é possível aprofundar os conhecimentos acerca da vida em comunidade do povo mouro, seus direitos e suas obrigações.

Podiam ter várias mulheres, não podiam servir cristãos, nem oficiais do rei, frequentemente escravos mouros fugiam, predominava legislação a fim de precaver esta situação.

Para os proteger, os cristãos que abusassem dos seus direitos (os ferissem, matassem, ou mesmo violassem seus cemitérios e perturbassem as suas festas), seriam punidos.

Para que as conversões não fossem temporárias e interesseiras (por vezes um mouro convertia-se para obter determinados privilégios, pouco tempo depois reconvertia-se a sua anterior religião), estas situações eram previstas na lei e severamente punidas.

Em tempo de guerra contra mouros, os cristãos estavam proibidos de transportarem armas e bens materiais, bem como o transporte de mouros.

D. Manuel I, com fundamentação religiosa, impôs a mouros e judeus, ou o baptismo ou a expulsão.

A consequência foi a extinção da comuna dos mouros de Lisboa que se transformou num bairro cristão.

NOTAS

- <sup>1</sup> Ver Joel Serrão (dir), *Dicionário de História de Portugal*, p. 352.
- <sup>2</sup> Ver , Francisco Santana e Eduardo Sucena (dir), *Dicionário de História de Lisboa*.
- <sup>3</sup> id., *ibid*.
- <sup>4</sup> id., *ibid*.
- <sup>5</sup> Ver *Lisboa Subterrânea*.
- <sup>6</sup> Ver, *O Livro de Lisboa*.
- <sup>7</sup> Ver *Lisboa Subterrânea*.
- <sup>8</sup> Ver Filinto Ramalho, *A Nossa Igreja Matriz de Sacavém*.
- <sup>9</sup> id., *ibid*.
- <sup>10</sup> id., *ibid*.
- <sup>11</sup> Ver *Ordenações Afonsinas*, livro II, título LXXXVIII, pp. 529-531.
- <sup>12</sup> Ver Joel Serrão, *Dicionário de História de Portugal*, p. 352.
- <sup>13</sup> Ver *Ordenações Afonsinas*, livro II, título CX, p. 546.
- <sup>14</sup> Ver *Ordenações Afonsinas*, título II, pp. 535-536.
- <sup>15</sup> Ver João Medina, *História de Portugal Medieval*, p. 85.
- <sup>16</sup> Ver *Ordenações Afonsinas*, Livro II, título CV, p. 541.
- <sup>17</sup> Joel Serrão, *Dicionário de História de Portugal*, p. 352.
- <sup>18</sup> Ver *Ordenações Afonsinas*, Livro II, título C, pp. 531-532.
- <sup>19</sup> Ver Joel Serrão, *Dicionário da História de Portugal*, p. 352.
- <sup>20</sup> Ver *Ordenações Afonsinas*, livro II, título LXXX, referente aos judeus
- <sup>21</sup> id., *ibid*, livro II, título CIII, p. 540
- <sup>22</sup> id., *ibid*, livro II, título CXII, p. 552-553.
- <sup>23</sup> Luis Filipe Oliveira e Mário Viena; *Mouraria de Lisboa no Século XV*, devido a especificidade deste tema até ao final deste capítulo, a minha fonte bibliográfica foi esta obra.
- <sup>24</sup> Ver *Ordenações Afonsinas*, título CIII, pp. 536-539
- <sup>25</sup> Joel Serrão (dir), *Dicionário de História de Portugal*, p. 353
- <sup>26</sup> In *Ordenações Afonsinas*, Vol. II, título LXVI, judeus não podem ter cristãos a trabalhar para eles, judeu pague 50 mil libras, se repetir 100 mil libras, se for reincidente perde tudo e se não tiver dinheiro será açoutado publicamente.
- <sup>27</sup> Ver *Ordenações Afonsinas*, livro II, título CVI, p. 542.
- <sup>28</sup> In *Ordenações Afonsinas*, Livro II, se forem oficiais os seus senhores devem pagar 1000 dobras de ouro, outros de condição mais inferior 500, judeu que açuitar deve ser açoutado publicamente 100 açoutes
- <sup>29</sup> Ver *Ordenações Afonsinas*; Livro II; título CVII; p. 543
- <sup>30</sup> Ver *Ordenações Afonsinas*, Livro II, título CXI, pp. 548-552
- <sup>31</sup> id., *ibid*, título CXIII, pp. 553-554.
- <sup>32</sup> id, *ibid*, título CXIII, pp. 554-555.
- <sup>33</sup> id, *ibid*, título LXXXVII, referente aos judeus.
- <sup>34</sup> id, *ibid*, título CXV, p. 556.
- <sup>35</sup> id, *ibid*, título LXXV, lei referente aos judeus, que determinava o pagamento de 1000 dobras de ouro cada vez que saíssem das judiarias armados.
- <sup>36</sup> id, *ibid*, título CXVII, p. 558
- <sup>37</sup> id, *ibid*, título CXVIII, p. 559.
- <sup>38</sup> Ver, *Ordenações Afonsinas*, livro II, título CXX, p. 562.
- <sup>39</sup> id., *ibid*, livro II, título CXXI, p. 563.
- <sup>40</sup> id., *ibid*, livro IV, título LXIII, pp. 222-225.
- <sup>41</sup> Ver, *Ordenações Manuelinas*, Livro V, título LXXXI pp. 240-244.
- <sup>42</sup> Ver *Ordenações Manuelinas*, livro V, título LXXXII, pp. 244-246.
- <sup>43</sup> Ver *Ordenações Afonsinas*, livro V, título XXV, pp. 94-95
- <sup>44</sup> Ver *Ordenações Manuelinas*, livro V, título XXI, p. 70.
- <sup>45</sup> Ver *Ordenações Afonsinas*, livro V, título XXVI, p. 96.

<sup>46</sup> Ver *Ordenações Manuelinas*, livro II, título XLI, pp. 212-214.

<sup>47</sup> Ver Joel Serrão, *Dicionário de História de Portugal*, p. 353.

<sup>48</sup> Ver, *Ordenações Afonsinas*, Livro II, título LXXXVIII, p. 528-531.

#### FONTES MANUSCRITAS

Arquivo Nacional Torre do Tombo, Forais Antigos, Maço 12 n. 3.

Carta de Foral às populações mouriscas de Lisboa, 1170.

Arquivo Nacional Torre do Tombo, Documentos Medievais Portugueses., documentos Régios I cota 946.9.404114.

#### BIBLIOGRAFIA

AA. VV., *O Livro de Lisboa*, coordenação de Irisalva Moita, edição Lisboa 94 Capital Europeia da Cultura, Livros Horizonte, pp. 75-138.

ALBUQUERQUE, Luís (dir.), *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, vol. II, Caminho, Agosto de 1994; pp. 766-790.

ALMEIDA, Fortunato de, *História de Igreja em Portugal*, vol. IV, Livraria Civilização editora, Barcelos, 1971.

ARMANDO, Santinho e Ferreira F. E. Rodrigues, *Vida e Morte na Época de D. Afonso Henriques*, Hugin, Lisboa 1998.

AZEVEDO J. Lúcio, *História dos Cristãos Novos Portugueses*, 2.<sup>a</sup> edição, Livraria Clássica Editora, Lisboa.

CATARINO, Helena, cap: *As cidades*, in “História de Portugal”, vol. III, João Medina, (dir), Ediclube.

HELENO, Manuel *Escravos (os) em Portugal*, *Empresa do Anuário Comercial*, 1933, vol.I.

“Lisboa Subterrânea”, Museu Nacional de Arqueologia, Electa, Lisboa, 1994.

LOPEZ, Roberto S., *A cidade Medieval*, Editorial Presença, 1.<sup>a</sup> edição, Lisboa 1988.

MARQUES, A. H. de Oliveira, *A Sociedade Medieval Portuguesa*, Sá da Costa, 5.<sup>a</sup> edição, Lisboa 1981.

*Historia de Portugal*, vol I, *Das Origens ao Renascimento*, Editorial Presença 13.<sup>a</sup> edição, Lisboa 1997

LUIS, Filipe Oliveira e Mário Viena “A Mouraria de Lisboa no Século XV” in *Arqueologia Medieval*, Edições Afrontamento, Porto, 1993, pp. 193 a 209.

*Olisipo*, Boletim do grupo “Amigos de Lisboa”, II série N. 5, Dezembro 1997.(pp. 27-33)

“Ordenações Afonsinas” livro I, II, III, IV, V, reprodução fac simile da edição feita na real Imprensa da Universidade Coimbra 1792, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Janeiro 1984.

“Ordenações Manuelinas” livros I, II, III, IV, V, reprodução fac simile da edição feita na real Imprensa da Universidade de Coimbra 1797, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Dezembro 1984.

RAMALHO, Filinto, *Nossa (A) Igreja Matriz de Sacavém*, editora Memoração, Sacavém, 1994.

SANTANA, Francisco e SUCENA, Eduardo; *Dicionário da História de Lisboa*, Gráfica European, Lisboa, 1994, cap. III, IV, V.

SARAIVA, José Hermano (dir.), *História de Portugal*, Publicações Alfa, 1983.

SERRÃO, Joel (dir), *Dicionário de História de Portugal*, IV vol, Figueirinhas, Porto.

TAVARES, Maria José Pimenta Ferro, “Judeus e Mouros no Portugal dos Séculos XVI e XV ( tentativa de estudo comparativo) “, *Revista de História Económica e Social*, n.º 9, Jan-Jun. 1982, pp. 75-89.

VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa- *Elucidário das Palavras, Termos e Frases que em Portugal, Antigamente se usaram e que Hoje Regularmente se Ignoram*, ed. Crítica pôr Mário Fiuza, 2 vol., Livraria Civilização Editora, Barcelos, 1983.

## Elementos para o estudo dos restos humanos da intervenção arqueológica de 1991 no cemitério do adro da Igreja de São Domingos em Lisboa

Laura Trindade  
Luís Lopes  
José Luís Neto  
A. M. Dias Diogo

### Introdução

Tendo sido dirigida pelo último subscritor deste estudo, à altura Director do actualmente extinto Gabinete Técnico do Teatro Romano (C. M. de Lisboa), a intervenção arqueológica reactiva que ocasionou a presente publicação foi provocada pelas obras de substituição do colector da rua das Portas de Santo Antão, da responsabilidade da Direcção Municipal de Infra-estruturas e Saneamento. Com interrupções, condicionados pela obra e iniciados numa sua fase avançada, em que grande parte da evidência arqueológica já tinha sido destruída, os nossos trabalhos no terreno decorreram entre 8 de Outubro e 20 de Novembro de 1991.

A intervenção arqueológica foi publicada num estudo anterior, assim como as razões que nos levaram a datar o cemitério de um período compreendido entre o reinado de D. Manuel e 1531 (Trindade e Diogo, 2000). Após a conclusão do estudo antropológico é-nos possível estabelecer em vinte e três o número de vestígios de enterramentos, distribuídos pelas doze sepulturas registadas. Estas eram muito pobres, em covacho, onde os corpos foram inumados sem caixão, localizadas no extremo Oeste do adro e com a total ausência de qualquer espólio conservável associado, nomeadamente de carácter religioso (medalhas, crucifixos). Os ossos de animais encontrados em algumas das sepulturas são de depósito casual, introduzidos com a terra de cobertura das covas.

Tanto quanto a nossa intervenção permite conhecer, tendo em conta que nenhuma sepultura pôde ser integralmente escavada, os covachos confirmam o relativamente curto período de utilização que estabelecemos para o cemitério – que não atinge os 36 anos, face à baixa classe social atribuível aos inumados: a generalidade dos covais não apresentava nas suas paredes vestígios de reaberturas sistemáticas. Do total de doze, cinco apenas tinham um enterramento e quatro apenas dois. Dois covachos apresentavam vestígios de três sepultamentos, e apenas um tinha quatro.

### Sepultura 1

Dois calcâneos, 2 tâlos, 2 lunares, 2 cubóides, 3 cuneiformes de pé esquerdo, 2 cuneiformes (1.º e 2.º) do pé direito.

Primeiro metatarso esquerdo, segundo metatarso esquerdo, terceiro metatarso esquerdo, quarto metatarso esquerdo, quinto metatarso esquerdo, quinto metatarso direito, quarto metatarso direito e terceiro metatarso direito.

Primeira e segunda falanges esquerdas, segunda, terceira e quarta falanges esquerdas, segunda, terceira e quarta falanges direitas. Dois fragmentos não identificáveis. As inserções do tendão de Aquiles nos calcâneos são relativamente robustos e os ossos encontram-se erodidos em graus variáveis.

Perónio direito sem a epífise superior, cristas de inserção e região de inserção musculares relativamente bem marcadas e encontra-se erodido. Metade superior da epífise superior da tíbia esquerda que se encontra erodida e destruída a partir da região média.

Rótulas esquerda e direita. Apresentam as zonas articulares relativamente planas com exceção de duas zonas de calcificação natural na região médio e inferior. Apresentam-se erodidas em toda a periferia e a face exterior não pode ser observada devido a estar coberta de cimento.

### Quadro da distribuição dos enterramentos por sepultura

Sepultura	N.º de sepultamentos	Sexos	Idades
1	1	M ?	?
2	3	M	?
		?	?
		?	?
3	2	M	+ 50
		?	?
4	4	F	+ 50
		M	45/50
		F ?	+ 50
		?	?
5	1	F	(Relat. novo)
6	3	M	?
		M	?
		?	4/5
7	2	M	45/50
		?	?
8	2	?	c. 6
		?	c. 15
9	1	?	7/8
10	1	?	?
11	2	M	40/50
		M	17/19
12	1	F	30/40

Parte da diáfise e epífise inferior do fémur esquerdo. Na diáfise a linha áspera é bem marcada. Há erosão especialmente na região lateral da epífise. As dimensões sugerem tratar-se de um indivíduo do sexo masculino. O canal medular é estreito e a tábua óssea é espessa. No fémur direito temos parte da diáfise (menor) e a epífise inferior. Erosão maior que no anterior.

## Sepultura 2

### Indivíduo 1

Dois calcâneos, 2 thâlos, 2 lunares, 4 cuneiformes e fragmentos de dois, 2 cubóides, 10 metacarpos, 12 falanges, uma delas partida. O 2.º cunciforme esquerdo tem uma patologia óssea de tipo alveolar. Um eventual supra-numeráreo.

Fémur esquerdo presente na apófise superior e epífise. Pelo diâmetro transversal da epífise (5.00cm) diagnostica-se que se trata de um homem. O ligamento sendo bom permite uma boa ligação.

Um par de tíbias, também muito erosionadas, especialmente na região das epífises. As cristas de inserção muscular não são também muito marcadas e aparentam ter tido má articulação.

Perónio esquerdo e direito com as epífises partidas mas presentes. A altura, estimada pela tíbia esquerda, é de 170,26 mais ou menos 4 cm.

## Indivíduo 2

Calcâneo esquerdo e direito, ambos fragmentados, 2 tâlos fragmentados. Fragmentos de cuneiformes e cuboídes, esquerdos e direitos. Dez metatarsos fragmentados. Duas primeiras falanges fragmentadas. Três falanges fragmentadas. Perónio direito presente com a epífise inferior e parte da diáfise. Perónio esquerdo presente com parte da diáfise. Tíbia esquerda representada por parte da diáfise, outro fragmento maior da diáfise da tíbia direita e dois fragmentos das epífises inferiores das tíbias. A base da diáfise da tíbia direita apresenta-se com eventual patologia óssea, que tem correspondência, de certa forma, na região média do fragmento da tíbia esquerda, em que o canal medular quase desaparece, apresentando-se o osso muito espesso mas pouco comprido com um aspecto alveolado. Os pés além de muito partidos estão fortemente erodidos.

## Indivíduo 3

Dois calcâneos, 2 tâlos, 2 lunares, 2 cuboídes, 2 primeiros cuneiformes, 2 segundos cuneiformes, 1 terceiro cuneiforme direito, mais dois ossículos. Dez metatarsos, 8 primeiras falanges e 8 segundas falanges e 6 terceiras falanges. Há evidências de artrose e má articulação entre o primeiro metatarso e primeira falange de cada pé. Uma péssima articulação com desenvolvimento ósseo de tipo artrítico entre a primeira e segunda falange do polegar esquerdo, e todas as terceiras falanges apresentam-se com uma morfologia anómala, o que sugere compressão dos dedos. A inserção do tendão de Aquiles no calcâneo é boa em ambos os pés.

Um fragmento da parte superior do fémur. A tíbia direita apresenta apenas uma parte da diáfise. Na tíbia esquerda fragmentada, está resente a epífise inferior e parte da diáfise. A zona articular apresenta evidência de uma articulação não muito boa, além de uma erosão mais acentuada na região lateral da epífise. Um fragmento de uma epífise superior de tíbia. Parte das epífises inferiores esquerda e direita dos perónios e três fragmentos das diáfises. Um fragmento de epífise superior. Numa das diáfises é de salientar uma exostose óssea possivelmente de origem inflamatória numa área de inserção muscular.

Do estado geral dos ossos, nomeadamente pela observação do canal medular das tíbias, da espessura das tábuas e das cristas e áreas de inserção muscular pode-se deduzir que, não obstante eventuais problemas locomotores causados pelos pés, o indivíduo mantinha um bom nível de actividade física.

## Sepultura 3

### Indivíduo 1

O fémur esquerdo apresenta a epífise superior partida. Erosão mais intensa nas extremidades. A linha áspera é bem marcada e as cristas de inserção muscular também. A superfície da epífise inferior encontra-se lisa, se bem que com alguma rugosidade exterior. O fémur direito está completo. Verifica-se a mesma situação óssea do anterior. Na epífise superior, apesar de lisa, há alguma rugosidade subjacente, e que na *foveae capitis* tem evidências de patologia nos ligamentos.

A determinação de sexo, a partir do diâmetro vertical da epífise superior do fémur direito, indica claramente que se trata de um homem (49mm). A altura estimada a partir do fémur é de 166,770 mais ou menos 3,94 cm.

Uma rótula esquerda, muito erosionada, superfície articular relativamente lisa com rugosidade subjacente, e a superfície anterior apresenta-se relativamente lisa, apenas com algumas estrias visíveis na parte superior. Ambas as tíbias apresentam-se fracturadas. Nas epífises superiores, embora lisas, apresentam alguma rugosidade subjacente. As cristas de inserção muscular são moderadamente marcadas, o que está de acordo com canais medulares relativamente amplos. Estão muito erosionadas, sendo as regiões mais atingidas as das extremidades.

Perónios fragmentados e sem parte das diáfises e epífises superiores. Linhas de inserção muscular relativamente marcadas e muito erosionadas. O direito tem epífise superior partida, mais um fragmento de diáfise de perónio (?).

A estimativa de idade, pela bacia, é de um indivíduo com mais de 50 anos. Há uma patologia articular nos acetábulos, mais visível no esquerdo, parcialmente erosionadas e fragmentadas. No sacro, na última vértebra, há evidência de uma abertura do canal medular. Um fragmento de omoplata esquerda que apresenta a superfície da cavidade glenóide relativamente lisa. Três fragmentos de parietal (?). Parte da diáfise e epífise inferior do cúbito direito. Oito carpos, dois metacarpos mais dois metacarpos, e nove falanges. Não há boas evidências de artroses.

Um fragmento de epífise.

Dois calcâneos, 2 thâlos, 2 naviculares, 2 cubóides, 6 cuneiformes, 10 metatarsos e 4 falanges. O conjunto dos ossos dos dois pés apresenta-se erosionado, sendo de salientar, que nos calcâneos, a zona de inserção do tendão de Aquiles, não se apresenta particularmente robusta, sem que tal possa ser imputado a erosão *post-mortem*.

## Indivíduo 2

Um osso de outro animal.

Dois calcâneos, 2 thâlos, 2 cubóides, 5 cuneiformes, 1 navicular, 11 metatarsos, 6 falanges, todos bastante erosionados *post-mortem*.

Fragmentos não identificados.

Fragmentos de bacia. É visível uma parte do acetábulo, aparentemente liso.

Uma rótula direita parcialmente erosionada lateralmente, com as superfícies, articular e anterior, relativamente lisas.

Duas tíbias, sem epífises e fragmentadas, com cristas pouco marcadas. A superfície articular de uma epífise superior é algo rugosa. Fémur direito com uma grande destruição na epífise inferior e sem a epífise superior. A região articular, embora lisa, apresenta alguma rugosidade subjacente. Todo o conjunto está relativamente erosionado *post-mortem*.

## Sepultura 4

### Indivíduo 1

Fragmentos de, pelo menos, 8 costelas muito erosionadas. Três metacarpos e 7 falanges, fragmentados e muito erosionados, 4 lombares, 5 torácicas, e um conjunto de fragmentos de vértebras não identificadas. Peças muito fragilizadas e erosionadas sem aparência de patologias, a não ser umas pequenas osteofitoses laterais na zona de articulação. Um par de rótulas, particularmente destruídas na sua parte superior e posterior, bastante erosionadas ao longo do rebordo. A superfície anterior apresenta-se relativamente lisa. Duas epífises inferiores do fémur, destruídas e partidas em 6 fragmentos, muito erosionadas. Da pouca superfície articular visível, ela parece ter sido bastante lisa. Fémures direito e esquerdo, ambos sem as epífises inferiores, o direito com epífise superior e o esquerdo com a epífise superior partida.

Linhas ásperas pouco marcadas, as *foveae capitis* apresentam patologia evidente na ligação com o acetábulo e a superfície das duas epífises, pela sua irregularidade, confirmam ter havido graves problemas na articulação da anca.

A base está muito fragmentada, pertencente a um indivíduo do sexo feminino, pela análise da cínfise púbica com mais de 50 anos, confirmado pelo estado geral dos ossos. Muito erosionados, sem patologias visíveis.

Dois cúbitos e um rádio, rádio esquerdo faltando as epífises. As regiões de inserção muscular são pouco marcadas.

O cúbito direito está inteiro e apresenta-se erosionado exteriormente. O cúbito esquerdo encontra-se fragmentado e falta-lhe a parte inferior da diáfise. No cúbito direito é muito visível a região metafizária interior. A estatura, estimada pelo cúbito direito, é de 153,996 mais ou menos 4,24 cm.

### Indivíduo 2

Homem (diagnóstico pela bacia) com má articulação da anca em ambas as pernas. Idade estimada pela cínfise púbica, mais de 45-50 anos. Dois fragmentos de fémur e uma rótula direita que perdeu parte

inferior e posterior por erosão *post-mortem*. Há a salientar que apesar da superfície articular se apresentar bastante lisa, existe um crescimento ósseo anômalo na região inferior direita. Fémur esquerdo, parte superior da diáfise e a epífise superior e a região trocanteriana, embora parcialmente destruída e apresenta-se muito rugosa. A linha áspera apresenta-se bem marcada. A *foveae capitis* apresenta-se quase inexistente o que está de acordo com a má articulação já observada na bacia. No fémur direito, temos uma parte da diáfise na região superior e a epífise superior desta, linha áspera bem marcada e a *foveae capitis* está mal marcada, de acordo com o já observado.

### Indivíduo 3

Vários fragmentos de bacia, em que em dois deles ainda se pode observar parte do acetábulo. O osso encontra-se relativamente erosionado *post-mortem*. Idade estimada pela sínfise púbica, mais de 50 anos. Sexo possivelmente feminino. Dois fragmentos de fémures referentes à parte superior das diáfises. A linha áspera é pouco marcada, e uma vez que estão partidos podemos constatar que o canal medular é amplo e a tábua óssea é pouco espessa, o que está de acordo com a fraca representatividade da linha áspera. Parte da epífise inferior do fémur direito que apresenta uma superfície relativamente lisa. Uma rótula esquerda que se apresenta destruída na sua região inferior e posterior e erosionada lateralmente. A superfície anterior é rugosa e na região latero-inferior direita apresenta umas pequenas osteofitoses.

### Indivíduo 4

Fémur direito e esquerdo do mesmo indivíduo. Cristas de inserção muscular medianamente marcadas. Sexo indeterminado com base no diâmetro vertical da epífise superior do fémur (4,4 cm). Problemas articulares dos fémures com o acetábulo que explicam a assimetria encontrada nas regiões articulares, sendo as cristas mais patentes no esquerdo, no qual a *foveae capitis* é pouco marcada. Estatura estimada pelo fémur esquerdo: 167,842 mais ou menos 3,94 cm.

A erosão observada nas epífises tem origem *post-mortem* e as faces articulares apresentam-se lisas.

Rótula direita, faces articulares lisas. O osso apresenta-se em bom estado. Alguma erosão *post-mortem*. Duas falanges.

### Sepultura 5

O diâmetro transverso da epífise superior do úmero parece indicar tratar-se de um indivíduo do sexo feminino (37 mm).

A estatura estimada é de 150,71 mais ou menos 4,45 cm, a partir do úmero direito.

Trata-se de um indivíduo adulto, relativamente novo, habituado a grandes esforços físicos, ao ponto de, nos raios, se verificar uma hipertrofia das cristas e zonas de inserção dos ligamentos (úmeros também). O indivíduo era dextro, constatando-se uma maior hipertrofia das cristas de inserção muscular do úmero direito.

Todo o conjunto é compatível. Omoplatas, esquerda e direita, muito fragmentadas. Clavículas fragmentadas. Úmero esquerdo fragmentado na zona da epífise superior, mas com o correspondente. Cúbito do mesmo braço fragmentado sensivelmente a meio, com a parte inferior. Ambos os raios estão fragmentados, o direito na extremidade inferior, no esquerdo faltam as duas epífises. Um conjunto de carpos (um deles partido), metacarpos e 4 falanges, da mão direita. As cristas estão extremamente marcadas.

Primeira a oitava vértebras torácicas, mais 1 torácica, 6.<sup>a</sup> e 7.<sup>a</sup> cervicais e cinco lombares. Há uma assimetria da coluna do lado direito com osteofitoses anteriores nas faces articulares, sugerindo um reforço lateral da coluna, devido a esforço físico violento e continuado do lado direito. As 6.<sup>a</sup> e 7.<sup>a</sup> cervicais apresentam idêntico padrão de esforço, mas com osteofitoses mais marcadas do lado esquerdo. Igualmente sugerindo o referido esforço, pode mencionar-se uma elevação relativa lateral das faces articulares superiores das cervicais, tendente a prevenir o deslizamento lateral das vértebras, umas sobre as outras, ou seja, reforçando lateralmente o conjunto cervical.

Existem, pelo menos, 22 costelas representadas. As cristas de inserção muscular inter costal são bem marcadas.

Não há evidências de patologias que não sejam resultantes de esforço físico continuado.

## Sepultura 6

### Indivíduo 1

Quatro lombares (1.<sup>a</sup> a 4.<sup>a</sup>), 4 torácicas (9 a 12), 1 vértebra partida, não identificável e vários fragmentos; 11 costelas, mais fragmentos; 1 calcâneo (?) 1 cubóide (?), todos fragmentados, 5 metacarpos, 3 carpos, 3 falanges 1 fragmento de omoplata, 1 fragmento da bacia, 1 úmero, sem epífise superior, direito mais epífise inferior de outro úmero. Rádio direito e esquerdo, direito fragmentado na epífise superior. Dois cúbitos, mais uma epífise inferior de cúbito esquerdo.

Estatura calculada a partir do rádio, 158,831 mais ou menos 4,66 cm. Estatura calculada a partir do cúbito, 160,15 mais ou menos 4,72 cm, partindo do presuposto que é homem, dada a robustez óssea verificada.

O epicôndio lateral do úmero apresenta sinais de fortíssima inserção muscular o que está de acordo com as cristas de inserção no restante osso, e as do rádio e do cúbito. As faces articulares das vértebras, apresentam no seu rebordo exostoses, de uma forma assimétrica, mais patentes do lado direito da coluna. As faces articulares entre si apresentam alguns vícios de articulação e igualmente sugerem erosão dos discos intervertebrais. Do observado pode-se deduzir que este adulto, apesar de não ser jovem, ainda mantinha actividade física intensa era dextro. O mau estado das apófises posteriores não permite um diagnóstico mais preciso quanto a eventuais fuzões, mas caso tenham ocorrido teriam sido muito pontuais.

### Indivíduo 2

A cabeça óssea, em Norma frontal apresenta face alta e relativamente estreita, abertura piriforme alta e estreita com saliência naso espinal robusta e bem projectada anteriormente, arcadas zigomáticas finas e pouco projectadas lateralmente, arcadas supraciliares bem desenvolvidas e glabela saliente fazendo um pequeno tórus frontal fugidiu, apresentando a tábua externa do osso sinais evidentes de uma osteopatia no hemifrontal direito.

Em Norma lateral esquerda, além das características já mencionadas, podemos constatar perda de dentes em vida e grande destruição do processo alveolar a nível do M1 e M2 em perda do I1, I2, PM2 e M3.

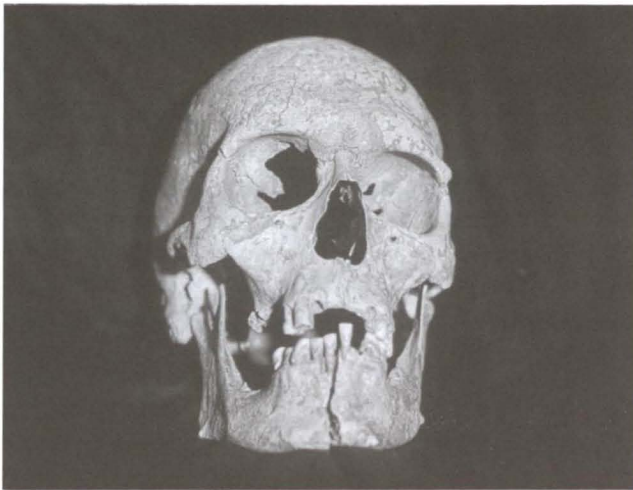


Fig. 1. Cabeça óssea da *Sepultura 6, Indivíduo 2*, com patologia óssea visível na tábua externa do frontal, de diagnóstico em estudo

A apófise mastoide apresenta-se robusta e bem desenvolvida. As linhas curvas apresentam-se pouco visíveis. Em Norma posterior o occipital não só se apresenta muito arredondado posteriormente mas também constituído por vários ossos que não são de sutura. Em Norma superior o crânio apresenta-se oval/elipsóide alongado antero posteriormente. Em Norma inferior salientam-se as linhas curvas do occipital pela sua posição um pouco descaídas e pela fraca representação da inferior sendo acentuada a superior e mostrando saliência occipital externa bem marcada.

O maxilar inferior apresenta também perda de dentes em vida, apresenta-se alto, robusto e com saliência-mentoniana proeminente.

A exposição da dentina é variável devido ao desaranjo articular dos vários dentes entre si.

Vinte e três costelas algumas das quais se encontram afectadas com patologia óssea, igualmente extensiva ao corpo do esterno e do manúbreo. Neste último verificou-se que as zonas de articulação com as clavículas estão fortissimamente afectadas, principalmente as do lado direito.

Duas clavículas afectadas com patologia óssea, 1 úmero esquerdo, a epífise superior do direito.

Pela medida da largura da epífise superior do úmero esquerdo, concluiu-se que o indivíduo é do sexo masculino (4,45 cm).

Do úmero direito temos a parte superior da diáfise e a parte da epífise superior. Comparando as cristas de inserção muscular dos dois úmeros, as do direito estão mais marcadas, sugerindo tratar-se de um indivíduo dextro.

A tibia esquerda apresenta-se robusta, faltando a parte superior da diáfise e a epífise superior. As cristas de inserção muscular estão bem marcadas.

Omoplata esquerda partida, a cavidade gonoide apresenta no rebordo alguma evidência de doença óssea. O carpo apresenta-se partido, o processo curadide não evidencia lesão óssea, por oposição ao processo espinhoso, que apresenta uma forte lesão óssea na superfície posterior. A parte remanescente do osso sugere uma omoplata francamente grande.

Sete cervicais: o eixo, a 3.<sup>a</sup> e lesões ósseas na parte anterior, sendo a 6.<sup>a</sup> e 7.<sup>a</sup> não afectadas ga-se para o interior, com um O conjunto e a sua articulação pescoço para a direita torácicas coluna para a esquerda, com parte articular e osteofitoses ticularmente afectadas por pato-exposto resultar de erosão *post-torácica* na qual a apófise lateral esquerda, aparentam ter de traumatismos *post-mortem*. subspinais que não são de ori-

Lombares – 1.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> lom-inclinação da coluna para a nas regiões articulares. As apófi-tualmente evidências de patologia óssea, e as posteriores também mas de um outro tipo (espondilóse).

Occipital – 2 côndilos occipitais compatíveis com a articulação do atlas, uma apófise estilóide. Occipital-esfenóide em que é visível no corpo do esfenóide, a sela turca e os seios.

Um lunar?

Um pequeno fragmento de hióide. Pequenos fragmentos de omoplata, de vértebras, osso longo, costelas, bacia e outros não identificados.

A altura estimada a partir do úmero esquerdo é de 182,43 mais ou menos 4,57 cm. As osteopatias constatadas nos diferentes ossos poderão eventualmente ter a mesma etiologia e serão estudadas oportunamente.

Também aqui se pode constatar a presença de um fragmento de osso longo de animal.

### Indivíduo 3

Um osso de suíno.

Uma criança representada por um fragmento de úmero, um fragmento de fémur, 4 costelas, 1 epífise (provavelmente de úmero) 1 fragmento de omoplata, 1 fragmento de cúbito, 1 fragmento de púbis, 2 fragmentos de vértebras, uma delas torácica. Vários fragmentos de crânio do rochedo e eventualmente do palato. Sexo e raça não identificáveis. Tem mais de 4 anos, porque a sutura metópica está praticamente encerrada, e pelo aspecto da zona superior do rádio não terá, provavelmente, mais que 5 anos. Não há sinais, nos poucos fragmentos, de lesão óssea in vivo.

## Sepultura 7

### Indivíduo 1

Indivíduo do sexo masculino, pelo diagnóstico da chanfradura ciática e ângulo da sínfise púbica. Idade 45-50 anos, aproximadamente, pelo aspecto da articulação da sínfise púbica. Má articulação da anca,

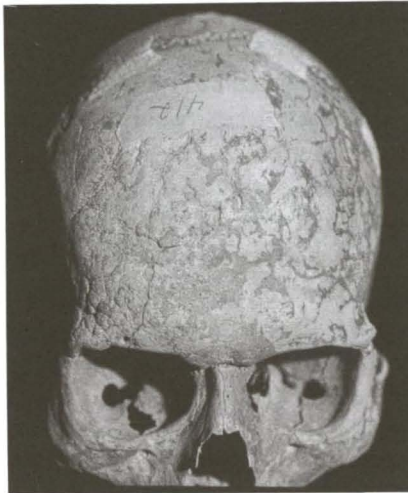


Fig. 2. Particular da patologia assinalada na Fig. 1

4.<sup>a</sup> vértebras apresentam fortes que se esbatem na 5.<sup>a</sup> vértebra, aparentemente. A lesão prolon-aspecto ostaítico e curaliforme. sugerem um encurvamento do 1.<sup>a</sup> e 7.<sup>a</sup> indicando curvatura da inclinação lateral esquerda da frontais. Não se apresentam par-logias ósseas, podendo o osso *mortem*, com excepção da 4.<sup>a</sup> direita e 5.<sup>a</sup> torácica, apófise patologia óssea não resultantes A 7.<sup>a</sup> apresenta lesões laterias e gem *post-mortem*.

bares com alguma evidência de esquerda e algumas osteofitoses laterias apresentam even-

observável nos dois acetábulos. Alguns aspectos de osteopatia no interior do acetábulo direito. Os ossos da bacia apresentam-se fragmentados mas pouco erosionados, em contraste com o sacro, que não só se apresenta solto em relação ao elíaco, mas que se apresenta destruído, remanescendo apenas a 1.<sup>a</sup> vértebra sagrada, bem como, alguns fragmentos da parte superior do canal medular. A articulação com a 5.<sup>a</sup> lombar é boa na parte posterior, mas francamente má na anterior, o que sugere um desgaste em cunha do disco intervertebral. O conjunto das cinco lombares apresenta-se bem articulado entre si, revelando, no entanto, degenerações dos discos inter-vertebrais. As vertebrae, no perímetro articular, apresentam abundância de osteofitoses com desenvolvimento essencialmente lateral, e com especial incidência no rebordo direito. Temos um conjunto de três vértebras torácicas, possivelmente a 9.<sup>a</sup>, a 10.<sup>a</sup> e 11.<sup>a</sup>. Na última destas a articulação com a seguinte (não existente) mostra claramente um desgaste em cunha, sendo menor a altura anterior. Apresentam osteofitoses mais aparentes sobre o rebordo anterior, nos rebordos laterais e uma inclinação articular ligeira no sentido direita-esquerda.

Dois vértebras cervicais, aparentemente a 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup>, que apresentam uma boa articulação embora haja uma sugestão de desgaste dos discos inter-vertebrais.

Um atlas, fragmentado na epífise lateral esquerda.

A nível da superfície das vértebras que formam o pavimento do canal medular, constata-se, em todo o conjunto, com excepção do atlas, evidências de possível patologia óssea, que também é visível no corpo de algumas delas, a saber faces inferior e superior da 10.<sup>a</sup> e 11.<sup>a</sup> torácicas, a 9.<sup>a</sup> torácica apresenta patologia na zona bilateral na região latero-posterior-inferior, e que está relacionada com a forte erosão *post-mortem* que afectou o conjunto da coluna.

O conjunto de anomalias e a sua distribuição sugere que o indivíduo era dextro.

Ambos os cúbitos manifestam processos degenerativos junto à face articular, apresentam cristas de inserção muscular extraordinariamente bem marcadas, pouco erosionados, salvo o cúbito direito que apresenta o processo estilóide fracturado. A estatura, calculada pelo cúbito esquerdo, é de 167,670 mais ou menos 4,72 cm. Temos o rádio esquerdo inteiro, com cristas de inserção muscular extremamente fortes. O osso apresenta-se erosionado *post-mortem* nas epífises, especialmente na região lateral da epífise superior. Do rádio direito apenas se conserva a extremidade inferior da diáfise e a epífise inferior, que se apresenta erosionada, *post-mortem*, lateralmente. Do que é permitido observar, as cristas de inserção muscular são extremamente fortes. Visto o osso estar fragmentado, pode-se constatar que o canal medular não é muito largo e que a tábua óssea é espessa, o que é compatível com o atrás descrito.

Úmero esquerdo presente apenas pela extremidade distal da diáfise e a epífise inferior. Podem constatar-se cristas de inserção muscular extremamente fortes, bem como, visto o osso estar fragmentado, canal medular estreito e tábua óssea bastante espessa, com patologia na região articular.

As observações efectuadas sobre os membros anteriores conjugadas com a patologia articular constatada nos acetábulos poder-nos-ão levar a supor que a locomoção se faria com alguma ajuda dos membros anteriores.

Dois carpos, 5 metacarpos da mão direita, 5 metacarpos da mão esquerda, 8 falanges. Primeira e segunda falanges da mão esquerda, mais três falanges da mão esquerda e três da direita. Não há evidências de processos degenerativos de tipo artrítico nas regiões articulares.

Pelo menos dez costelas, bastante fragmentadas.

Um 2.<sup>o</sup> incisivo superior direito (?). Apresenta grande desgaste do esmalte, tanto a nível da cúspide como da região lateral, esquerda e direita, estando a dentina totalmente exposta na cúspide, observando-se dentina secundária sobre a região da cavidade pulpar. A superfície externa do dente apresenta esmalte liso e, curiosamente, não há evidências de depósitos de tártaro dentário.

## Indivíduo 2

Primeiro par de costelas, ambas fragmentadas nas extremidades. A esquerda fragmentada na extremidade distal e a direita nas duas extremidades. Cinco costelas esquerdas fragmentadas na extremidade distal (3 verdadeiras, 3 falsas) e 3 também na proximal. Apresentam-se relativamente erodidas. Um fragmento de costela esquerda, fragmentada nas duas extremidades. Quatro fragmentos de costelas direitas, 3 delas relativamente bem conservadas na região proximal, estando o último fragmento destruído nas duas extremidades, uma costela falsa e as restantes verdadeiras. Cinco vértebras torácicas, muito erodidas exte-

riormente, especialmente nos rebordos e nas apófises posteriores. Apresentam alguns vícios de articulação entre si que podem sugerir algum desgaste dos discos inter-vertebrais e eventualmente curvatura anómala lateral da coluna. Dois fragmentos de apófise da região posterior de uma vértebra torácica.

Um par de clavículas que se apresentam particularmente degradadas na articulação escapolar, que na esquerda está quase toda destruída. A articulação com o externo parece não ter sido muito boa.

Omoplata esquerda presente em dois fragmentos, faltando partes substanciais do osso. O processo acromial apresenta-se destruído na sua extremidade mais lateral e a articulação apresenta-se plana apenas com alguma rugosidade subjante. Alguma erosão *post-mortem* embora o aspecto da tábua externa, não erodida, possa sugerir a existência de alguma patologia óssea superficial. Na omoplata direita, presente num fragmento da parte superior do osso com alguma erosão lateral, embora o aspecto da tábua externa, não erodida, possa sugerir a existência de alguma patologia óssea superficial. Úmero esquerdo representado pela parte superior da diáfise e respectiva epífise. As áreas e cristas de inserção muscular são bem marcadas, a região articular apresenta-se relativamente lisa e apresenta erosão *post-mortem* na região do pequeno tubérculo e da epífise.

## Sepultura 8

### Indivíduo 1

Uma parte de mandíbula que compreende a dentição de leite e que se encontra fragmentada ao nível do 1.º molar definitivo (esquerdo e direito). Apesar do bom estado dentário da superfície dos dentes, sem exposição da dentina, constata-se a perda do 2.º molar inferior direito da dentição de leite, e a inclinação para diante do 1.º molar definitivo. Constata-se perda de vida do 1.º incisivo direito e 1.º e 2.º incisivos esquerdos. Apesar da pouca idade (estimável em seis anos), dado que há evidências do primeiro molar esquerdo estar a irromper já ao nível da mandíbula, facto que sucede por esta idade, tem o mento já bem marcado.

Ao conjugarmos este fragmento com o correspondente maxilar superior, no lado esquerdo, podemos constatar, não só a boa articulação dos dentes, como o primeiro molar definitivo numa fase de pré-erupção, o que confirma o diagnóstico etário já apresentado. O malar esquerdo apresenta-se forte, delimitando o rebordo externo da órbita, bem definida.

A abertura piriforme, embora parcialmente destruída e de pequenas dimensões, como é próprio desta idade, apresenta uma boa projecção anterior dos maxilares e evidencia ter tido uma apófise naso-espinal relativamente volumosa. A distância, no ponto de largura máxima nasal, em relação ao plano sagital definido pela apófise naso-espinal, é pequena, pelo que há fortes possibilidades de estarmos perante uma criança tipicamente europeia. A pequena espessura dos ossos do crânio, que se encontram muito fragmentados, e nos quais é evidente parte do occipital e dois fragmentos do parietal, ainda articulados pelas suturas, conjuntamente com alguns fragmentos de parietal, occipital, temporal e base do crânio, são compatíveis, em termos de estrutura e espessura, com o restante esqueleto cefálico já descrito.

Uma vértebra, que devido ao facto de o arco e o centro não estarem completamente fundidos, pertence ao mesmo indivíduo, dado que estes se fundem entre os três e os sete anos de idade.

### Indivíduo 2

Fragmento inferior de úmero esquerdo que, apesar do seu aspecto poder sugerir, à primeira vista, tratar-se de um idoso com uma afecção óssea periférica, é compatível com o rádio e cúbito esquerdo aqui presentes, que apresentam também alguma destruição superficial do osso não imputável, necessariamente, a causas *post-mortem*.

O cúbito esquerdo encontra-se fraccionado na sua posição posterior, mas o restante osso encaixa perfeitamente na fractura. As epífices inferiores estão soltas e pelo seu aspecto indicam estarmos perante um indivíduo de mais ou menos 15 anos de idade. Relativamente à determinação do sexo, não o podemos fazer através dos ossos do braço porque ou são inconclusivos em si, ou as medições da largura da base do úmero (largura epicondilar), podem levar a tratar-se de um indivíduo do sexo feminino. A juventude do presente indivíduo (manifestada pelo facto de algumas epífices se encontrarem afastadas das diáfises, que indica

potencial crescimento do osso), não nos permite concluir sobre o seu sexo, visto que o crescimento da maior parte dos rapazes ainda se prolonga aceleradamente depois dos 15 anos. Relativamente à determinação da estatura, não a podemos adiantar, dado que a formula utilizável varia de acordo com o sexo.

Os ossos das mãos e dos pés mostram-se compatíveis, pela sua juventude, com os restantes, bem como as costelas, embora nelas sejam muito evidentes perturbações de crescimento osseo a nível da tábua externa.

Ao nível da coluna temos a primeira, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> lombares e a 10.<sup>a</sup>, 11.<sup>a</sup> e 12.<sup>a</sup> torácicas faltando na 10.<sup>a</sup> torácica todo o arco, que se encontra separado da dita vértebra. O estado de ossificação das vértebras é mau, não podendo ser exclusivamente atribuído a esfoliação *post-mortem*, pelo que parece estarmos perante um indivíduo jovem que teve uma patologia que causou distúrbios ao nível das tábuas externas e de uma forma generalizada.

## Sepultura 9

Sete vértebras cervicais e 6 torácicas, estando inteiras apenas as primeiras três. Há uma compatibilidade articular entre elas e entre o atlas e os côndilos occipitais.

Oito costelas direitas, 6 costelas esquerdas e vários fragmentos. Exceptuando o primeiro par, é difícil saber exactamente a numeração das costelas. Temos o manúbrio do esterno, muito erodido lateral anterior e posteriormente. Três falanges, que, pelo facto de serem de criança, não permitem uma numeração segura. Duas clavículas, em que a direita apresenta uma eventual patologia óssea na articulação com o esterno. Ambas estão erudidas nas extremidades. Duas omoplatas bastante fragmentadas. Úmero esquerdo com a respectiva epífise superior separada.

A cabeça óssea : o crânio apresenta-se bastante arredondado, sem cristas nem saliências normalmente visíveis em adultos. A região do occipital que forma parte anterior do foramen magnum ainda se apresenta solta (Norma inferior). Constata-se um 1.<sup>o</sup> molar definitivo esquerdo e direito.

A queda dos incisivos centrais, *post-mortem*, evidência a formação subjacente dos dois definitivos, e que o conjunto ósseo se manifesta assimétrico (nesta Norma). Evidências de anomalia no esmalte, nos 2 molares de leite e a presença de 1 pequena cúspide situada no lado interno.

Na Norma posterior, o occipital apresenta-se normalmente abobadado e assimétrico para a direita, e constata-se uma grande assimetria nas apófises mastóides, sendo a esquerda mais desenvolvida.

Na Norma superior, o crânio apresenta-se pentagonal em norma lateral esquerda, o maciço craneano apresenta-se muito mais desenvolvido em relação ao maciço facial. Em norma frontal,

os parietais apresentam-se muito mais abobadados, bem como o frontal. O maciço facial é manifestamente reduzido, as órbitas são quadrangulares, ligeiramente descaídas lateralmente, a abertura piriforme apresenta um aspecto trapezoidal sendo relativamente baixa e larga, com apófise nasoespinal bem desenvolvida. Na mandíbula podemos observar toda a dentição de leite com excepção dos dois incisivos centrais definitivos e dos 2 primeiros molares definitivos. A região mentoniana encontra-se bem marcada. Curiosamente, e por comparação com os dentes do maxilar superior, o desgaste dentário não é grande.

Considerando que, pela dentição, bem como pela morfologia do úmero, se pode estimar a idade deste indivíduo em 7-8 anos, o facto de a abertura piriforme se apresentar larga, mas com apófise-espinal bem marcada, apenas revela o padrão normal, próprio das crianças de tipo caucazóide, de 7-9 anos, sem possibilidade de determinação de sexo.

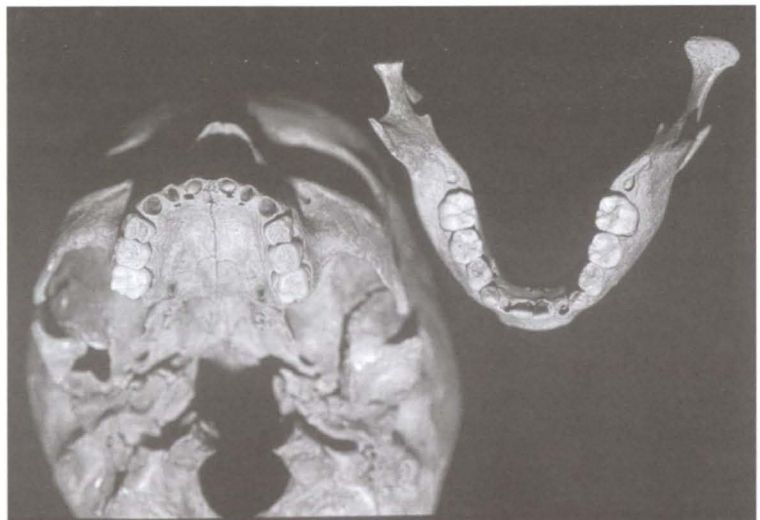


Fig. 3. Cabeça óssea de criança da Sepultura 9 em Norma inferior

## Sepultura 10

A estatura calculada a partir da tíbia esquerda, é de 165,662 mais ou menos 4,00 cm.

Tíbia esquerda com linhas e áreas de inserção muscular pouco marcadas. Há uma certa erosão mais patente a nível das epífises. A região da articulação tíbio-femural, embora se apresente lisa, manifesta alguma evidência de patologia de tipo artrítico. Perónio esquerdo fragmentado nas duas epífises, com linhas de inserção muscular relativamente bem marcadas. O canal medular é relativamente amplo e a tábua óssea não é muito espessa. Do fémur esquerdo só está presente a epífise inferior. A região articular é relativamente plana, ligeiramente erodida e aparenta eventuais sinais de doença de origem artrítica.

Tíbia direita com linhas e áreas de inserção muscular pouco marcadas. Há uma certa erosão mais patente nas epífises e na região da articulação tíbio-társica. A região tíbio-femural, embora se apresente lisa, manifesta alguma evidência de patologia de tipo artrítico. Perónio direito, com linhas de inserção muscular relativamente bem marcadas. O osso está erodido, especialmente na epífise superior. Na rótula direita, tanto a face articular como a externa se apresentam relativamente lisas. O osso apresenta-se relativamente erodido na periferia. Fémur direito presente em dois fragmentos, um deles apenas da diáfise, e o outro constituído pela extremidade da diáfise e pela epífise inferior. A região articular é relativamente plana, ligeiramente erodida e apresenta eventuais sinais de doença de origem artrítica.

No calcâneo direito podemos constatar que se apresenta partido em dois fragmentos bastante erodidos. A região da inserção do tendão de Aquiles apresenta-se relativamente rugosa. Calcâneo esquerdo bastante erodido. A região de inserção do tendão de Aquiles apresenta-se relativamente rugosa.

Thâlos esquerdos e direitos, naviculares esquerdo e direito, primeiro cuniforme esquerdo e direito, segundo cuniforme esquerdo e direito, terceiro cuniforme, esquerdo e direito, cuboide esquerdo e direito. Primeiro metatarso esquerdo e direito, primeira e segunda falanges, esquerdas e direitas. Segundo metatarso, esquerdo e direito, terceiro metatarso, esquerdo e direito, quarto metatarso, esquerdo e direito, quinto metatarso, esquerdo e direito.

Quatro falanges esquerdas e 2 direitas.

Um fragmento de osso de animal.

## Sepultura 11

### Indivíduo 1

Ossos observados: todos os existentes inteiros ou fragmentados com incidência particular nos da cabeça óssea, bacia, vértebras, e ossos longos nomeadamente úmero esquerdo, rádio e clavículas.

A cabeça óssea apresenta-se sob a forma de calvarium incompleto. Em norma frontal mostra arcadas supra orbitárias medianamente robustas e glabella saliente. Em Norma lateral esquerda apresenta apófise mastóide relativamente robusta e vestígio de apófise zigomática do temporal forte, linhas curvas do frontal visíveis. Em Norma posterior vêm-se as linhas curvas do occipital bem marcadas com desenvolvimento bastante transversal. Em Norma superior o formato é oval e em Norma inferior constata-se uma fossa glenóide profunda.

O estado das suturas exocraneanas parecem indicar tratar-se de um indivíduo com idade compreendida entre os 40/50 anos.

No maxilar superior constata-se perda de dentes em vida e a presença de osteites, periosteites e de locas abcedárias nomeadamente em I<sub>1</sub>, I<sub>2</sub> esquerdas e no 1.º PM superior direito (?) perdido *post-mortem*. O 1.º PM direito apresenta dentina muito exposta.

A nível da bacia constata-se uma má articulação da anca, nomeadamente do acetábulo.

As vértebras apresentam evidências de doença inflamatória da coluna não anquilosante, com a osteoporse típica da doença inflamatória e pelo aspecto passível de ser causada por brucelose. Também a 1.ª

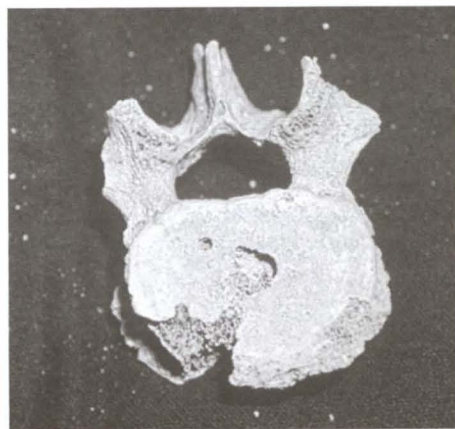


Fig. 4. Vértebra lombar com evidências de patologia brucélica da Sepultura 11, Indivíduo 1

costela (?) parece ter sofrido uma lesão nomeadamente na zona de contacto com o esterno. Poderá estar relacionada com a fractura sofrida pela clavícula esquerda e que se encontra consolidada.

Quanto aos ossos longos, embora se encontrem fragmentados mostram linhas de inserção muscular medianas, salvo na parte superior do fémur que, por causa da sua má articulação com a anca, se apresentam normalmente marcadas.

O úmero esquerdo apresenta de comprimento máximo 321 mm e de rádio 249 mm

Estatuta estimada pelo humero – 170,87 mais ou menos 4,57 cm

Estatuta estimada pelo rádio – 173,79 mais ou menos 4,46 cm

#### Resumo:

Sexo .....– masculino

Idade .....– 40-50 anos

Estatuta ....– provavelmente cerca de 173 cm

Tipo físico – caucasóide

#### Outras observações:

Mau estado dos dentes e dos alvéolos

Fractura consolidada da clavícula

Má articulação da anca

Possível infecção por brucelose que originou patologia observável ao nível das vértebras.



Fig. 5. Fragmento de bacia mostrando o acetábulo da Sepultura 11, Indivíduo 1

#### Indivíduo 2

Ossos estudados: todos os existentes com incidência no crânio, bem conservado, e nos ossos longos e bacia.

#### Cabeça óssea:

Em Norma frontal podemos assinalar, de mais diagnosticativo a largura bizomática relativamente ampla embora não mensurável por destruição das arcadas zigomáticas, prognatismo do maxilar superior, abertura piriforme longa e baixa sem evidência de apófise naso-espinal acentuada, (na realidade apresenta-se muito reduzida). Em concordância podemos observar uma quase ausência de arcadas supra orbitárias e bossas frontais nítidas. As órbitas são quadrangulares.

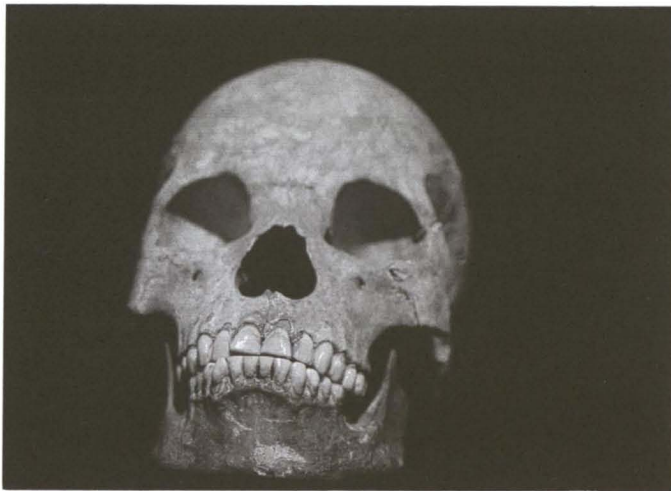


Fig. 6. Cabeça óssea em Norma frontal do jovem negróide. Sepultura 11, Indivíduo 2

A mandíbula apresenta-se quase destituída de saliência mentoniana e os ramos de arcada dentária apresentam-se relativamente paralelos dando-lhe um aspecto em U.

Em Norma lateral esquerda e direita consta-se a existência (removendo a mandíbula) de uma pequena apófise pós glenóide e a apófise mastóide apresenta-se pouco desenvolvida.

Em Norma superior o crânio apresenta-se oval.

Em Norma posterior constatam-se as linhas curvas do occipital bastante direitas e relativamente paralelas, o que conjugado com o ângulo acentuado entre a parte posterior arredondada e inferior do occipital, sugere um pequeno tórus.

Em Norma inferior é de salientar que a sutura eseno-occipital não está encerrada.

As suturas exocraneanas estão todas por sinostoses.

Quanto aos dentes e arcada alveolar pode-se constatar que estão isentos de cárie, os 3.<sup>os</sup> molares em fase de emergência em graus diferentes, possivelmente os 2.<sup>os</sup> e 3.<sup>os</sup> molares inferiores já acima do nível da gengiva.

Contrastando com o pequeno grau de desgaste dos outros dentes, os incisivos centrais superiores e inferiores apresentam dentina exposta, o que sugere que poderiam ter sido utilizados regularmente como ferramenta.

O desgaste dos 1.<sup>os</sup> molares é incipiente e centra-se na região lateral das coroas.

Há alguma evidência de peridentopátia, incipiente a nível dos incisivos e caninos, e da acumulação de algum tártaro dentário na face externa dos incisivos inferiores.

Quanto a alguns outros ossos do esqueleto pós cefálico, podemos assinalar a bacia que se revela nitidamente masculina embora com falta de algumas zonas totalmente ossificadas.

As linhas metafisárias dos fêmures, tíbias humeros, rádios e cúbitos também ainda são patentes.

As cristas de inserção muscular não são muito marcadas como seria de esperar.

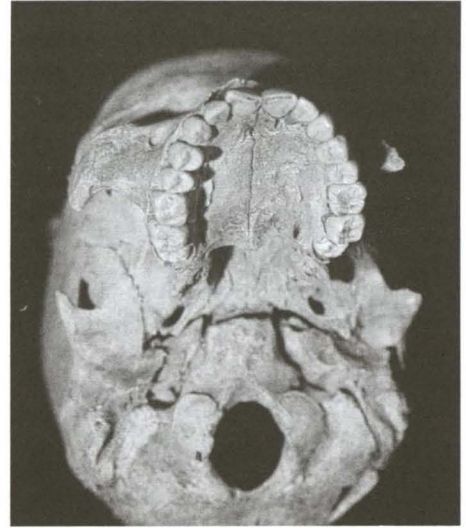


Fig. 7. Cabeça óssea em Norma inferior da Sepultura 11, Indivíduo 2. De salientar a presença dos 3.<sup>os</sup> molares concomitantemente com o não encerramento da sutura esfeno-occipital

#### Mediadas antropométricas:

##### Cabeça óssea:

Órbita .....	comprimento máximo	– 39 mm
.....	largura máxima	– 34 mm
Nasion–prosthion .....	70 mm	
Bigoniaca .....	88 mm	
Largura máxima do nariz .....	137 mm	
Comprimento máximo do nariz	– 185 mm	
Índice nasal .....	– 74.05	

Considerou-se para a determinação da estatura apenas o fémur direito.

Fémur direito .....	comprimento máximo	– 445 mm
Estatura estimada .....	– 165,67 mais ou menos 3,91 cm	

##### Resumo:

Sexo .....– Masculino  
Idade .....– 17-19 anos  
Estatura .....– 165,67 mais ou menos 3,91  
Tipo Físico – Negróide.

## Sepultura 12

Cabeça óssea relativamente bem conservada e ossos do esqueleto pós-cefálico. Os ossos encontram-se inteiros ou fragmentados.

##### Características da cabeça óssea:

Face estreita, abertura piriforme estreita, muito quadrada com ligeira depressão central. Órbitas altas e quadrangulares. Os ossos são relativamente robustos.

Em Norma superior o crânio apresenta-se oval.

Quanto aos caracteres sexuais secundários podemos constatar tratar-se de um indivíduo grande com apófises mastóides medianas apresentando um pequeno torus occipital. Com exceção desta última caracte-

terística todas as outras apontam para um indivíduo do sexo feminino. As suturas exocraneanas indicam uma idade provável de um pouco mais de 30 anos.

Quanto aos dentes e aos maxilares podemos dizer que no maxilar superior se constata a perda do 3.º molar superior esquerdo em vida com evidência de osteíte no alveolo, não pressupondo extracção mas sim perda por degradação do dente e do alvéolo.

Perda também do 2.º incisivo esquerdo em vida, também provavelmente pelas causas acima indicadas ou eventualmente por traumatismo.

O 2.º pré-molar esquerdo apresenta uma cárie interdental. Toda a arcada dentária apresenta aspectos osteíticos e pré-osteíticos.

Os dentes presentes evidenciam desgastes fortes do esmalte num padrão que sugere uma dieta muito abrasiva.

Quanto à mandíbula e os dentes podemos constatar que o M2 esquerdo foi perdido em vida algum tempo antes da morte possivelmente por degradação do dente, e que o alvéolo M3 esquerdo apresenta-se afectado por uma peridontopatia e por um abscesso apical profundo.

O M2 direito apresenta uma cárie intercuspidal, e o M3 direito ou não errompeu ou foi perdido em vida e a cicatrização foi muito boa.

A sequência de desgaste do esmalte com exposição da dentina, especialmente na sequência dos molares sugere uma dieta muito abrasiva.

Todo o processo alveolar apresenta evidências de peridontopatia moderada com uma pequena retracção do alvéolo e exposição parcial das raízes dos dentes.

No esqueleto pós-cefálico podemos constatar que nas vertebrae que constituem a coluna vertebral estas se apresentam com o desvio típico de sínfise, bem como ao nível das 7 cervicais, degenerescências que parecem evidenciar sobrecarga sobre a cabeça, visto apresentarem depressão do corpo da vertebra em relação à sua zona lateral, bem como face articular do Atlas muito grande e desenvolvida posteriormente. Além de algumas osteofitoses situadas na região anterior das vértebras, com especial incidência na quinta e na sexta.

Nove torácicas relativamente bem conservadas, mais 2 torácicas. Uma delas conserva parte da região posterior e a outra encontra-se partida em dois fragmentos.

Três lombares (2.ª, 3.ª e 4.ª) estando muito erosionadas, com perdas nas epífises posteriores, quer na região anterior, com osteofitoses visíveis no rebordo inferior esquerdo da terceira e no rebordo superior da 4.ª.

Nalgumas vertebrae surgem nódulos osseos que parecem indicar uma patologia possivelmente de origem brucélica.

Costelas, 1.ª e 9.ª esquerdas mais duas flutuantes, 9 costelas do lado direito. O 1.º par está completo. Tirando este primeiro par todos os outros estão fragmentados. Vários fragmentos soltos. Uma das costelas esquerda apresenta evidências de eventual fractura consolidada, na região torácica, mais ou menos ao mesmo nível. Um fragmento superior de manúbrio, um fragmento de apêndice xifóide. No fragmento de omoplata esquerda constata-se que o acromion e curacóide são robustos, desenvolvidos e com boa inserção muscular. A cavidade glenóide apresenta-se lisa e não apresenta evidências de má articulação. Apresenta-se muito comprida (visível pelo segundo maior fragmento que constitui, com o 1.º, o bordo axilar). 9 fragmentos de omoplata, um dos quais é o bordo superior da omoplata esquerda. Na omoplata direita, tanto o acromion como o curacóide se apresentam destruídos nas suas extremidades. O osso encontra-se fragmentado, mas um dos fragmentos, não acima discriminados, constitui, com o principal, parte do redondo axilar. Ambas se apresentam ligeiramente erodidas, com maior incidência nas suas projecções. Clavícula esquerda moderadamente robusta com evidência de regiões e cristas de inserção muscular marcadas, com a face articular com o externo bem conservado e com a epífise, que articula com a omoplata, erodida. O mesmo se verifica para a direita. Quanto aos ossos longos dos membros superiores estes apre-

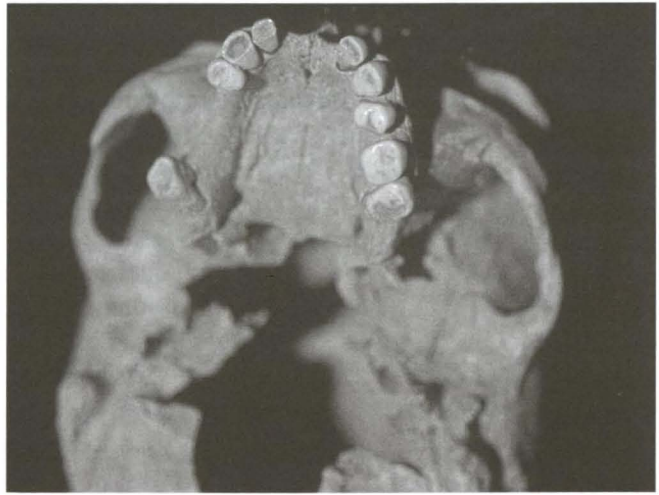


Fig. 8. Cabeça óssea em Norma inferior de indivíduo do sexo feminino, com cerca de 30/40 anos. Sepultura 12

sentam-se compatíveis com as observações efectuadas na cabeça óssea. Apenas a salientar que no úmero esquerdo com uma média perfuração e no direito com uma pequena, a epífise superior encontra-se destruída e a epífise inferior apresenta-se bastante erosionada nas regiões mais proeminentes e anteriores. Em ambas as cristas de inserção muscular são relativamente bem marcadas. O rádio direito apresenta-se também mais erosionado nas epífises do que o esquerdo embora ambos tenham sofrido erosão. As cristas de inserção muscular estão relativamente bem marcadas. Cúbitos erosionados, com cristas de inserção muscular relativamente bem marcadas, faltando a epífise inferior ao esquerdo (com a epífise parcialmente presente noutro fragmento). Fragmento de epífise de úmero, outro de outra espécie animal. Um fragmento da espécie inferior do fémur.

Cinco carpos direitos, 5 carpos esquerdos, primeiro par de metacarpos, segundo par de metacarpos, terceiro par de metacarpos, quarto par de metacarpos, quinto metacarpo direito. Oito primeiras falanges (4 pares) e 3 pares de segundas falanges e uma falange do polegar direito.

#### Antropometria:

##### Medidas da face:

Largura frontal mínima .....	92 mm
Nasion Préstion .....	65 mm
Bigoniaca .....	94 mm
Glabela opistocrâneo .....	177 mm (comprimento máximo da cabeça)

##### Medidas dos ossos longos (comprimento máximo):

Úmero direito . . . . .	– 292 mm – 156,08 mais ou menos 4,45 cm
Cúbito esquerdo . . . . .	– 240 mm – 159,21 mais ou menos 4,24 cm
Rádio esquerdo . . . . .	– 220 mm – 160,24 mais ou menos 4,30 cm

Estatura provável entre 156 e 160 cm.

#### Resumo:

Sexo . . . . .	– feminino
Idade . . . . .	– 30 a 40 anos
Estatura . . . . .	– entre 156 e 160
Tipo Físico . . . . .	– caucasóide

#### Outras características:

- Mau estado da boca com perda de dentes em vida e peridontopatia.
- Dieta abrasiva.
- Deformação de coluna por eventual sobrecarga sobre a cabeça.
- Possíveis evidências de brucelose.

## Conclusão

Sendo da responsabilidade de Luís Lopes, o estudo dos restos humanos recuperados *in situ* no adro da Igreja de São Domingos fornece-nos uma pequena amostragem antropológica para o primeiro terço do século XVI, da população pobre de Lisboa. Infelizmente não existem ainda outros estudos do mesmo teor para esta época da Cidade, com os quais possamos comparar os dados aqui registados.

Os ossos recolhidos pertencem a vinte e três indivíduos, sendo três (13%) de crianças com idade determinável entre os quatro e os oito anos. Dois (8,7%) têm entre cerca de 15 e de 19 anos, não sendo possível definir o sexo do mais novo e sendo o mais velho do sexo masculino. Dos restantes dezoito adultos pode-se estimar a idade de sete (30%): uma mulher (4,3%) entre os 30 e os 40 anos; três homens (13%) entre os 40 e os 50 anos; também três indivíduos com mais de 50 anos, sendo um homem e os outros dois provavelmente do sexo feminino.

Com amplitudes de  $\pm$  c. 4 cm, a estatura estimável dos homens (seis indivíduos considerados) tem aqui a média de 170 cm, variando entre os 160 e os 182 cm. Nas mulheres (três indivíduos considerados), a estatura provável variava entre os 151 e os 158 cm, com a média de 154 cm.

As patologias registadas dizem respeito a uma população pobre, com uma medíocre dieta alimentar, de trabalhadores braçais por vezes obrigados a esforços físicos violentos e continuados, sendo muito comuns as patologias ósseas e apresentando má articulação nas ancas todos os indivíduos com idade estimada em mais de quarenta anos. Dois casos, o de uma mulher de 30/40 anos e de um homem de 40/50 anos, apresentam indícios de brucelose.

Por fim, é ainda de salientar a presença nesta amostragem de um jovem negróide do sexo masculino. Com a idade estimada entre os 17 e os 19 anos, parece ter utilizado os incisivos centrais como utensílio. Não apresenta a sequência de desgaste dentário normal para a época pelo que deverá ter vivido pouco tempo em Lisboa, ou em qualquer outro local com o padrão de dieta que à época aqui se encontrava. Necessariamente de religião católica dado o local em que foi enterrado, provavelmente escravo, não aparenta ter sobrevivido muito tempo à sua expatriação.

**Tabela de síntese do estudo antropológico**

Sep.	Sexo	Idade	Altura	Patologias
1	M ?	?	?	N. R.
2/1	M	?	170	Patologia óssea de tipo alveolar.
2/2	?	?	?	Patologia óssea.
2/3	?	?	?	Artrose. Exostose óssea, poss. de origem inflamatória.
3/1	M	+ 50	167	Patologia nos ligamentos e articular nos acetábulos.
3/2	?	?	?	N. R.
4/1	F	+ 50	154	Pequenas osteofitoses. Graves problemas de articulação da anca.
4/2	M	45/50	?	Má articulação das ancas.
4/3	F ?	+ 50	?	Pequenas osteofitoses.
4/4	?	?	168	Problemas articulares dos fémures com o acetábulo.
5	F	R. N.	151	Evidência de esforço físico violento e continuado.
6/1	M	?	160	Evidência de actividade física intensa.
6/2	M	?	182	Perda de dentes. Patologia óssea. Espondilose.
6/3	?	4/5	?	N. R.
7/1	M	45/50	168	Má articulação das ancas. Osteofitoses nas vértebras.
7/2	?	?	?	Patologia óssea. Poss. curvatura anómala lateral da coluna.
8/1	?	c. 6	?	N. R.
8/2	?	c. 15	?	Perturbações do crescimento ósseo.
9	?	7/8	?	Anomalia no esmalte em malares de leite.
10	?	?	166	Patologia de tipo arterítico.
11/1	M	40/50	173	Perda de dentes. Osteíte. Má articulação das ancas. Poss. brucelose. Fractura da clavícula.
11/2	M	17/19	166	Evidência de peridentopatia.
12	F	30/40	158	Osteíte. Cárie. Peridentopatia moderada. Sínfise. Osteofitoses. Poss. brucelose. Poss. fractura das costelas.

**BIBLIOGRAFIA**

BROTHWELL, D. R., 1975 – *Digging up bones*. London. British Museum.  
 COMA, J. M. R., 1991 – *Antropología Forense*. Madrid. Ministério de Justiça.  
 HELLER, René, 1968 – *Manuel de Statistique Biologique*. Paris. Gauthier-Villars, Editeur.  
 LOPES, Luís; NETO, Maria Cristina, 1999 – Nota sobre alguns aspectos antropológicos dos restos humanos exumados na igreja do antigo Convento do Carmo de Lisboa. *Arqueologia e História*. Lisboa. 51, p. 205-219.  
 OLIVIER, Georges, 1960 – *Pratique Anthropologique*. Paris. Vigot Frères Editeurs.  
 OLIVIER, Georges, 1965 – *Anatomie Anthropologique*. Paris. Vigot Frères Editeurs.  
 STANLEY, L.; ROBBINS, M. D., 1974 – *Pathologic basis of Disease*. Filadélfia. W.B. Saunders Company.  
 SOUNIS, Emilio, 1979 – *Bio Estatística (Princípios Fundamentais, Metodologia Estatística, Aplicação às Ciências Biológicas)*. São Paulo. Editora McGraw-Hill do Brasil, Ltda.  
 TRINDADE, Laura; DIOGO, A. M. Dias, 2000 – Elementos sobre o cemitério do adro da Igreja de S. Domingos. *Arqueologia e História*. Lisboa. 52, p. 59-71.  
 WEELS, Calvin, 1969 – *Ossos, Corpos e Doenças*. Lisboa. Editorial Verbo. Col. Historia Mundi.

## Elementos para o estudo do Baluarte do Livramento em Lisboa

LAURA TRINDADE  
A. M. DIAS DIOGO

Apresentando o formato de um quadrilátero irregular, o Baluarte do Livramento está localizado entre as actuais Calçada do Livramento e Travessa do Livramento, na freguesia dos Prazeres. Incompreensivelmente sem qualquer tipo de classificação patrimonial, está, no entanto, legalmente protegido por se encontrar dentro do perímetro da “zona especial de protecção” que envolve o Palácio das Necessidades, classificado como imóvel de interesse público (Decreto n.º 8/83, de 24 de Janeiro. Z.P.-D.G., 2.ª Série, n.º 288, de 16/12/1983).

Também conhecido como Baluarte das Necessidades, recebia os seus nomes de dois conventos próximos, estando o do Livramento hoje quase totalmente demolido e a sua igreja transformada na dependência da Caixa Geral de Depósitos da rua Prior do Crato, n.º 70. A localização deste convento é-nos precisada na “Consulta da Câmara a el-Rei em 20 de Setembro de 1768”, sobre o aforamento de chãos adjacentes às fortificações de Alcântara: “na rua direita que vem da ponte para o convento do Livramento” (OLIVEIRA, XVII, p. 234), localização que é atestada por várias plantas datadas dos séculos XVIII e XIX (veja-se Figs. 2, 3 e 4). A actual rua do Prior do Crato é denominada de “Rua do Livramento” na *Planta da Cidade de*



Fig. 1. Localização do Baluarte do Livramento, segundo a *Planta da Cidade da C. M. de Lisboa. Escala 1:1.000. Folha 7 E* (Orientada a Este). B – Terraplano Norte; C – Terraplano Sul; J – Vila Operária

Lisboa de 1853 e de “Rua direita do Livramento” na *Carta Topográfica da Cidade de Lisboa de 1856/58* (Fig. 4), ligando a ponte de Alcântara com a praça do mesmo nome.

Encontrando-se o baluarte ocupado por pequenas construções muito degradadas, e mesmo abarracadas, decidiu a C. M. de Lisboa de aqui proceder a obras faseadas, com o objectivo principal de reabilitar, requalificar e reutilizar o edificado histórico, associado à recuperação do tecido social e no quadro da recuperação global do Vale de Alcântara. Co-financiadas pela Comunidade Europeia, estas obras foram coordenadas pelo Departamento de Conservação de Edifícios e Obras Diversas, da C. M. de Lisboa, com o projecto da autoria do Sr. Arq.<sup>to</sup> Duarte Nuno Simões e a responsabilidade da intervenção arqueológico-patrimonial do segundo subscritor desta nota – Empreitada N.º 68/DCEOD/DCT/92, processo IPA 2000/1(212).

Situado junto ao corredor do acesso natural oeste de Lisboa, ao longo do vale do rio Tejo, o Baluarte do Livramento foi edificado num ponto estratégico, numa pequena colina calcária na margem esquerda da ribeira de Alcântara, dominando uma importante ponte de atravessamento desta ribeira, de origens muito

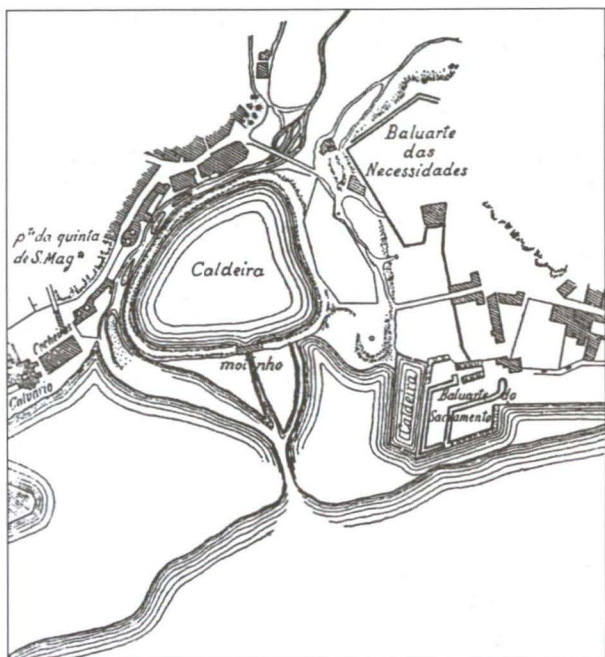


Fig. 2. Implantação dos baluartes do Livramento e do Sacramento num extracto da *Planta topographica da marinha das cidades de Lisboa occidental e oriental, desde o Forte de S. Joseph de Ribamar té o Convento do Grilo, feita no anno de 1727*

provavelmente romanas, mas cuja denominação árabe (como é de conhecimento generalizado *Alcântara* significa em português *A ponte*) acabaria por designar a ribeira, o seu vale e, finalmente, o arrabalde na zona envolvente da sua foz. Tendo sido demolida por volta de 1887<sup>1</sup> estava localizada na junção das actuais ruas de Alcântara e do Prior do Crato e deu-se à sua volta, em 25 de Agosto de 1580, a batalha mais decisiva pela conservação da independência de Portugal face às pretensões de Filipe II de Espanha e onde a então inexistência de fortificações obrigou os partidários de D. António Prior do Crato a utilizar moinhos e casas como redutos (SELVAGEM, 1931, p. 345-347).

O Baluarte do Livramento fazia parte de um projecto de linha de fortificações terrestre envolvente de Lisboa, planeado no âmbito das guerras da “Restauração da Independência” (1640-1668). Esta linha, cuja construção foi provavelmente iniciada por volta de 1650, tinha originalmente trinta e dois baluartes, articulados com cortinas de alvenaria e entrincheiramentos de terra, aproveitando os acidentes naturais do terreno, num perímetro que ligava Alcântara a Santa Apolónia. Dado o relativo gigantismo desta obra, ela foi suspensa a breve trecho e o

projecto foi substituído por outro com apenas dezasseis baluartes, também nunca integralmente finalizado, da autoria do engenheiro neerlandês João Gilot. Com a redução do número de baluartes, diminuíram os trabalhos em alvenaria e aumentaram os entrincheiramentos de terra, ainda em execução em 1660, como o comprova uma petição do Juiz do Povo que originou uma consulta da Câmara ao Rei em 12 de Abril de 1660. Esta petição é ainda interessante por nos dar notícia do espírito do povo de Lisboa face às obras nesta altura, que consideravam desnecessárias, mal executadas e onde eram obrigados a trabalhar, em detrimento dos seus afazeres profissionais (OLIVEIRA, VI, p. 160-161)<sup>2</sup>.

O Baluarte do Livramento encontra-se registado em vários documentos iconográficos anteriores ao século XIX. Neles é-nos representado com o formato de uma seta com o ângulo incidindo sobre a ponte de Alcântara. Os troços do amuralhado norte e noroeste apresentam dois muros paralelos, sendo os exteriores mais baixos e funcionando como contrafortes, dada a grande altura relativa atingida pela fortificação. Como já referimos, a sudoeste apresentava uma reentrância, onde estava edificado o Convento do Livramento, após o que uma cortina em alvenaria fazia a ligação com o Baluarte do Sacramento, situado junto ao rio. Este último baluarte, posteriormente também conhecido como Forte da Alfarrobeira, foi cedido à

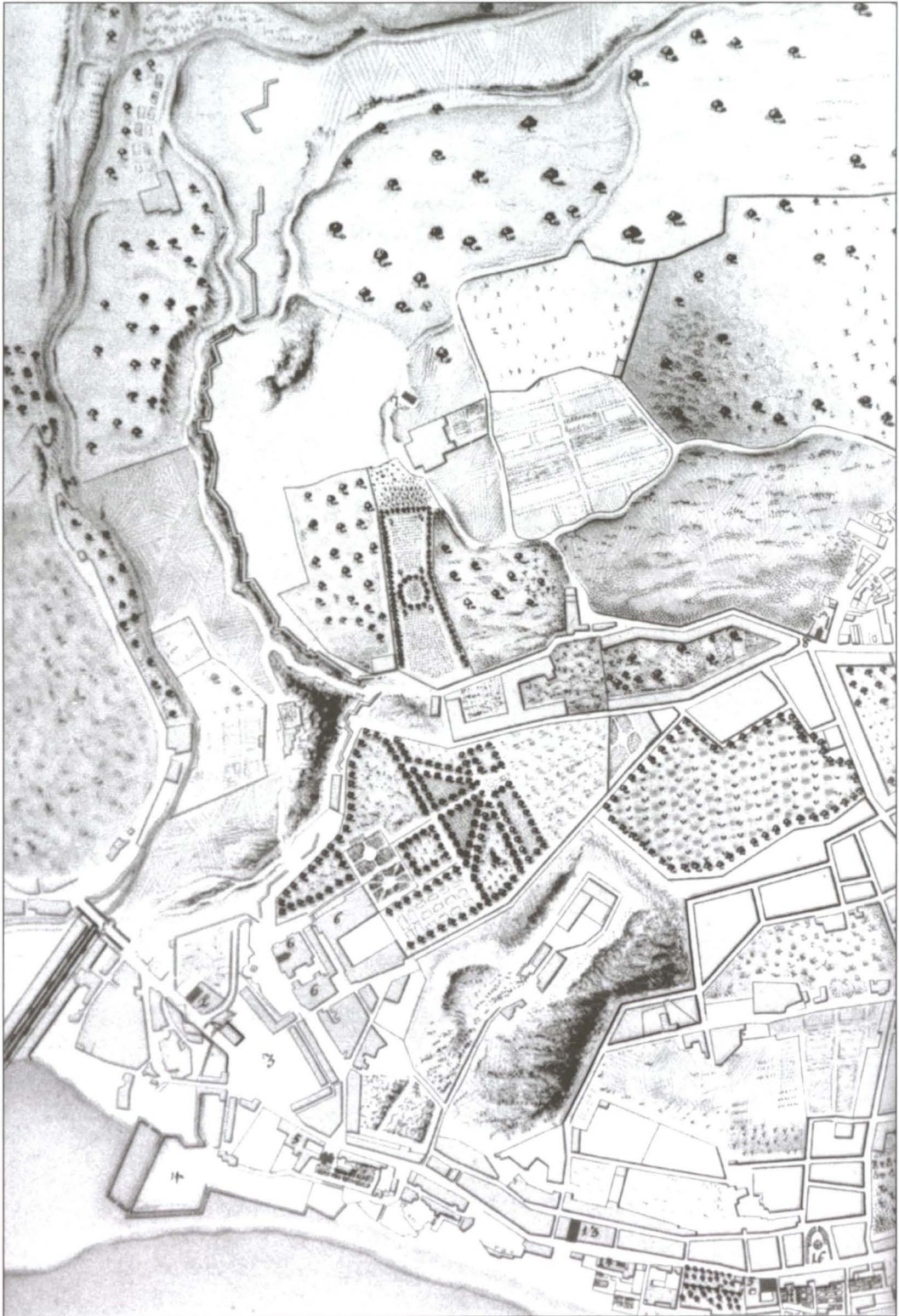


Fig. 3. Implantação dos baluartes do Livramento e do Sacramento segundo a *Planta Topographica da Cidade de Lisboa*, compreendendo na sua extensão abeira Mar da Ponte d'Alcantara, até ao Convento das Commendadeiras de Santos... (Provavelmente do 3.º quartel do século XVIII)

- 1 – Ponte de Alcântara. 2 – Convento de Nossa Senhora do Livramento. 3 – Praça de Alcântara.
- 4 – Baluarte (do Sacramento ou Alfarrobeira). 5 – Convento do Sacramento das Religiosas Dominicãs.
- 6 – Hospício e Palácio de Nossa Senhora das Necessidades.

Câmara em 18 de Abril de 1876 para que a sua demolição permitisse a construção da actual Avenida 24 de Julho. No entanto, troços importantes das suas muralhas conservam-se ainda visíveis na Calçada do Baluarte e no interior das edificações que, a oeste desta calçada e a norte da Av. 24 de Julho, bordejam a avenida (DIOGO e TRINDADE, no prelo a).

Em 1809, no quadro das Invasões Francesas e por determinação da Secretaria de Estado dos Negócios da Guerra, é elaborado em manuscrito, um *Plano de defesa da Cidade de Lisboa* onde se escreve: “(...) disputar a chegada do inimigo á Ribeira d’Alcantara; que em quanto a mim, he onde deve comessar efficazmente a defesa da Linha por este lado, desde os Baluartes d’Alfarrobeira e Livramento, servindo-nos d’alguns restos da antiga fortificação que existe pelas alturas sobranceiras á mesma Ribeira, d’esde o Livramento ate ao Arco do Carvalhão, e Quinta do Jose de Seabra (...)”. Este plano de defesa levaria a alterações na planta do Baluarte do Livramento, registadas nos *Planos dos Reductos e Baterias da Linha de Defesa da Capital* (Fig. 5), que aqui nos surge com uma traça muito próxima da que encontramos durante a nossa intervenção.

A área noroeste do baluarte fora reduzida, com a construção de uma muralha a norte, de direcção oeste/este e com a escarpa do ângulo flanqueado para o interior, ficando agora com a planta de um qua-



Fig. 4.  
Implantação  
do Baluarte do Livramento (1),  
segundo a *Carta Topográfica  
da Cidade de Lisboa de 1856/58*,  
Folha n.º 47

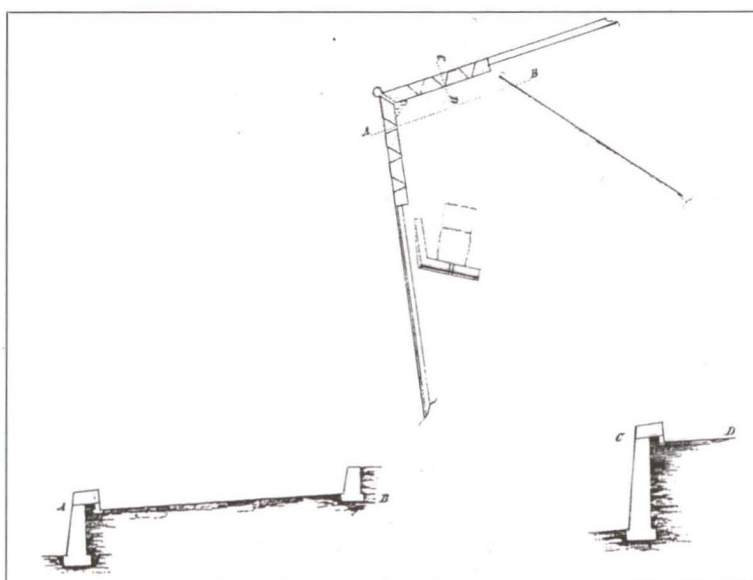


Fig. 5.

Planta do Baluarte do Livramento  
com as alterações do século XIX,  
segundo os *Planos dos Reductos  
e Baterias da Linha de Defesa da Capital*



Fig. 6.

Terrapleno superior do Baluarte do Livramento visto de norte. São visíveis a vila operária, a muralha interna da rampa e o arco da entrada do paiol



Fig. 7.

Arco da entrada do paiol oitocentista visto de norte. Na foto é visível que a muralha seiscentista foi parcialmente destruída para a construção do acesso ao paiol e posteriormente substituída por um muro de suporte de face interna em degraus e com buracos para o escoamento das águas pluviais



Fig. 8.

Vista de norte das paredes oeste e norte do paiol, já com a soleira do arco da entrada totalmente visível. É notório que a construção do paiol não foi terminada, como se observa na parede interna da muralha seiscentista

drilátero irregular. O baluarte estruturava-se em dois terraços, articulados por uma rampa a sudoeste, com cerca de 2 m de largura média e 10 m de extensão, vencendo um declive de cerca de cinco metros. O terraço inferior, a sul, apresentava uma cota média de 16,187 m e tinha entrada a este, através da



Fig. 9. Vista de sul do terraço sul. São visíveis a entrada da rampa para o terraço superior e a guarita da entrada do paiol, alterada pela sua reutilização

Calçada do Livramento. Próximo da rampa tinha sido aberta uma passagem na muralha entre os dois terraços, dando acesso a uma sala subterrânea construída sob o terraço superior e com entrada pelo inferior. A nossa intervenção permitiu registar as fundações desta sala oitocentista, que interpretamos como paiol face aos paralelos existentes. Tendo uma planta rectangular, com as dimensões de 4,20 m de largura



Fig. 10. Vista de sul do terraço superior durante a sua escavação.

São visíveis a entrada para a guarita do cunhal e as aberturas na muralha seiscentista para acesso ao terraço norte. Num plano mais próximo vê-se o coroamento das muralhas do baluarte filipino

por 4,30 m de comprimento, não chegou a ser concluída como é observável nas paredes da muralha do século XVII (Figs. 7 e 8). No terraço sul, a sua entrada encontrava-se externamente protegida por uma guarita, posteriormente transformada em cozinha de um abarracado (Fig. 9). A abertura da entrada para o

paiol tinha obrigado à demolição de parte da muralha seiscentista e à sua posterior substituição parcial por um muro de suporte de terras em degraus. A oeste do terraplino inferior, uma escadaria descendente para uma porta aberta na muralha permitia o acesso à Travessa do Livramento, o que poderá estar relacionado com o convento e não com o baluarte.

O terraplino superior tinha agora apenas uma área com de cerca de 2.800 m<sup>2</sup>, sendo a plataforma ascendente de sul para norte, de uma cota de 21,6 para 23,6 m. Segundo os *Planos dos Reductos e Baterias*



Fig. 11. Vista de norte do coroamento do muro oeste do baluarte filipino

da *Linha de Defesa da Capital* teria seis bocas de fogo, sobre a ponte de Alcântara, flanqueando três a três a guarita de cunhal. Esta guarita tinha acesso através de uma escada descendente da plataforma. No decurso do nosso trabalho foi-nos possível encontrar vestígios desta escada, no entanto já muito destruída. Após a desactivação do baluarte, o vazio entre as duas muralhas a Norte foi entulhado, criando uma plataforma a que por comodidade durante a nossa intervenção chamámos de “Terraplino Norte” (Fig. 12), e que passou a permitir o acesso à guarita através de duas construções subterrâneas cujas portas violaram a muralha (Fig. 10). Também esta plataforma foi utilizada para a construção de habitações abarracadas.

De construção rude, feita numa alvenaria de pequenas e médias pedras argamassadas, sem cordão na face externa da muralha e onde apenas o cunhal da guarita apresenta a utilização de cantaria calcárea (Fig. 12), o Baluarte do Livramento tinha as muralhas norte e oeste a envolverem uma pequena colina natural, atingindo o seu coroamento uma altura superior a 15,30 m face à envolvente exterior e com as plataformas maciças, ocupando todo o espaço interno através de aterros. Dado que o baluarte não tinha edifícios de alojamento, o aquartelamento da sua guarnição teria de ser exterior, provavelmente no quartel mais próximo, o posteriormente denominado “Quartel de Infantaria da Guarda Municipal”, situado frente ao Palácio das Necessidades.

O Baluarte do Livramento integrou também as chamadas “Linhas de 1833”, uma linha liberal de fortificações de vários tipos para a defesa de Lisboa, no quadro da Guerra Civil entre liberais e absolutistas.

Sendo um projecto de José Feliciano da Silva Costa, foi implementado em cerca de um mês, aproveitando as estruturas defensivas já existentes. Estavam preparadas para 184 bocas de fogo<sup>3</sup>.

É evidentemente o baluarte referente às “Linhas de 1833” que se encontra cartografado na Folha 47 da preciosa *Carta Topographica da Cidade de Lisboa e Seus Arredores*, de 1856/58 (Fig. 4). Aqui vê-se o baluarte com um formato sensivelmente rectangular, com a planta mais próxima do da segunda metade do século XVIII, dividido a nordeste por uma muralha oblíqua que suporta um terrapleno triangular mais elevado e em cujo parapeito norte se vêem as aberturas para três bocas de fogo.

Na *Carta Topographica de 1856/58* é notório o facto das cortinas de alvenaria, que ligavam o Baluarte de Alfarrobeira ao do Livramento, já se encontrarem muito destruídas pela urbanização, assim como o de este último já se encontrar envolvido por construções, o que necessariamente lhe retirava a eficácia defensiva. Foi aliás por estes mesmos motivos de expansão urbanística que, na segunda metade do século XIX, as “Linhas de 1833” foram consideradas obsoletas e o perímetro defensivo de Lisboa se passou a iniciar em Caxias.



Fig. 12. Vista exterior do baluarte tirada de noroeste. São visíveis a guarita do cunhal e parte do terrapleno norte, note-se a inexistência de cordão nas muralhas

Por fim, tendo o projecto de arquitectura obrigado à escavação do terrapleno superior do baluarte, isso possibilitou-nos a descoberta de vestígios pertencentes a uma fortificação desconhecida, anterior a 1650, com o topo à cota máxima de 18,51 m e já muito desmantelada. Tratava-se de troços das suas muralhas oeste e sul, formando no cunhal, a sudoeste, um ângulo de 97°. Construídas em alvenaria de pequenas e médias pedras argamassadas, estas muralhas encontravam-se rebocadas e caídas, com o coroamento biselado e escarpadas no ângulo flanqueado. O troço sul, de direcção SW/NE, conservava o comprimento de cerca de 24,70 m, e tinha a largura de 1,16 m na aresta do topo. A muralha oeste, mais exposta ao atacante, tinha maior espessura, com 1,80 m e conservava a extensão interna de 8,60 m (DIOGO e TRINDADE, no prelo).

Como é natural, a questão que imediatamente se nos colocou, face ao inesperado achado desta estrutura fortificada, foi o da sua cronologia. Ela teria que ser de construção posterior à batalha de Alcântara, em 1580, cujos relatos nos dão como inexistentes quaisquer fortificações, e anterior à linha de fortificações de 1650. Pensamos que a única hipótese para a solução desta questão se encontra no período filipino, devendo tratar-se de uma plataforma de artilharia do projecto do Marquês de Inojosa de 1625 (OLIVEIRA, III, p. 193), que sabemos ter incluído Alcântara, tenha ela sido construído nessa altura ou, posteriormente, por volta de 1636, por determinação da Duquesa de Mântua (OLIVEIRA, IV, p. 184-185).

Os vestígios da fortificação filipina foram preservados, na sua maior parte sob as estruturas agora construídas, tendo o troço oriental da sua muralha sul sido integrada no “Museu de Sítio”, já construído e que pensávamos poder vir a ser um centro interpretativo dos baluartes de Lisboa.

#### NOTAS

- <sup>1</sup> Vieira da Silva, num trabalho originalmente publicado em 1942, data a demolição da ponte de Alcântara de “há cerca de 55 anos” (SILVA, 1960, p. 42).
- <sup>2</sup> “Diz o juiz do povo e Casa dos Vinte e Quatro que por ordem de S. Magestade, que Deus guarde, se intenta cercar esta cidade com parapeitos de terra de um a outro baluarte, começando do forte d’Alcantara e acabando em S.<sup>ta</sup> Apolonia, e para ministério da obra se tem convocado a gente d’este povo, sem alguma excepção, sobre o que se formam muitas queixas fundadas na molestia que, da execução do sobredito, se segue aos particulares na disposição das propriedades que se pretendem e devem cortar no decurso da dita obra, e divertimento de suas occupações, em especial aos homens do povo, que pagam decimas, maneios e diversos tributos, com os quaes, oprimidos em tempos tão calamitosos, não pôdem acudir á sua obrigação e á da família, e muito menos a supportarão deixando as ditas occupações e acudindo ás presentes para que são convocados. E feita diligencia se acha ser a dita obra de pouca ou nenhuma consideração para a defesa da cidade, e a despeza grande, como por experiencia se viu em semelhante obra, que, com a entrada do inverno, se consumiu, e de presente se mostram vestígios do sucesso, e somente ficou a memoria d’elle, do gasto excessivo e desnecessario e da perturbação geral do povo, que ora convém muito atalhar; e porque, contudo, não é intento do dito povo impedir a ordem real no tocante à obra, mas sómente no tocante ao modo com que se deve seguir, e o mais suave, havendo de se cumprir, parece se poderá concluir a dita obra com homens de trabalho, costumados a cavar, cujo exercício importa mais em breve tempo do que a diligencia da outra gente em mais largo, por lhe faltar a continuação ordinaria, e, para se proseguir a obra, se pôde lançar mão do conto de réis, que a cidade destinou para fortificações d’ella, que de presente pôdem ser suspensas”.
- <sup>3</sup> Citado por TIÇÃO, 1992, p. 728, as suas principais obras eram: “(...) Baterias da Cruz da Pedra, do Manique, dos Apostolos, reducto do Alto de S. João, baterias da Penha de França, dos Sete Castelos, reducto da Quinta do Pina, bateria das Águias, dos Cyprestes, da Horta da Cera, reducto da vinha do Manique, do Arco do Cego, da Cova da Onça, baterias da Quinta do Seabra, da Atalaya, de Campolide, do Alto do Carvalhão, baterias da rua dos Poisos, dos Prazeres, do livramento e baluarte d’Alfarrobeira”.

#### BIBLIOGRAFIA

- Carta Topographica da Cidade de Lisboa e Seus Arredores*, Lisboa, Instituto Português de Cartografia e Cadastro, 1995.
- Comissão Das Fortificações Do Reino, 1895, *Relatório dos estudos até 31 de Dezembro de 1894*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- DIOGO, A. M. Dias e TRINDADE, Laura, no prelo, Intervenção no Baluarte do Livramento, em Lisboa, *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*, 4.
- DIOGO, A. M. Dias e TRINDADE, Laura, no prelo a, Alguns elementos para o estudo do Baluarte da Alfarrobeira, *Olisipo*, Lisboa, 2.<sup>a</sup> Série.
- PARENTE, José Melo, 1994, Livramento (Baluarte do), *Dicionário da História de Lisboa*, Lisboa, Carlos Quintas & Associados – Consultores, Lda., p. 543..
- SÁ da BANDEIRA, Marquês de, 1866, *Memória sobre as fortificações de Lisboa*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- SELVAGEM, Carlos, 1931, *Portugal Militar*, Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa.
- SILVA, A. Vieira da, 1950, *Plantas Topográficas de Lisboa*, Lisboa, C.M. de Lisboa.
- SILVA, A. Vieira da, 1960, A Ponte de Alcântara e as suas circunvizinhanças. Notícia histórica, *Dispensos*, III, Lisboa, C. M. de Lisboa, p. 41-75.
- TIÇÃO, Álvaro, 1992, Estruturas defensivas construídas na segunda metade do século XIX na cidade de Lisboa, *I Encontro de Técnicos da C. M. de Lisboa*, Vol. II, Lisboa, C. M. de Lisboa, p. 727-741.

## A Reforma Dominicana de Frei João de Mansilha (1774/76)

JOSÉ LUÍS NETO

Vossa Paternidade, pelo que vejo, ainda não conheceu que o governo que se me incumbiu é muito distinto do que o tiveram os prelados meus antecessores.

O meu consiste em uma reforma, que devo fazer (...)

Carta ao Prior de S. Domingos de Abrantes  
de 30 de Julho de 1774

De 1774 a 1776, Frei João de Mansilha dirigiu os dominicanos portugueses. Nesses dois anos levou a cabo uma reforma no interior da Ordem, de tendência marcadamente centralista, com directrizes que eram imanadas do Convento de S. Domingos de Lisboa. Essa reforma, diz-nos ele, fora encomendada por Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal.

Ao longo do reinado de D. José I assistimos a reformas em quase todos os sectores da sociedade portuguesa. Poderíamos chamar-lhe um reinado reformador, dado que, através da acção do Ministro do Reino, dá-se uma revolução na prática governativa e nos princípios que a sustentam.

Impregnada, por um lado, pelo despotismo esclarecido de influência francesa, e por outro, pelo vocabulário e ideário das Luzes anglo-francesas, este reinado é, de facto, um momento de ruptura com a conjuntura anterior. Se sabemos que, no reinado anterior (D. João V), podemos já observar características das inovadoras Luzes, também podemos observar permanências do *mundo antigo* no reinado posterior (D. Maria I), tal não invalida que, na sua essência, o reinado de D. José I tenha sido uma ruptura.

São comumente atribuídas certas características, quer ao pensamento das Luzes, quer à acção governativa do ministro de D. José I, características essas como o racionalismo, o geometrismo, o equilíbrio, a clareza, entre outras. Este tipo de pensamento, raiz do que vigora nos dias de hoje, coloca-nos uma interrogação pertinente, pelo menos do nosso ponto de vista, e que justifica o estudo que realizámos. Essa questão prende-se precisamente com as distintas naturezas que, em princípio, se defrontam nesta reforma, de que modo se articulam as Luzes pragmáticas pombalinas com uma espiritualidade maneirístico-barroca, filha confessa de Trento, e que estava perfeitamente enraizada na imaginética religiosa portuguesa?

O que temos, na base deste trabalho, é uma acção governativa *iluminada* que vai tentar reformar uma instituição religiosa, ou seja, de uma maneira simplista, um racionalismo feroz a reformar uma instituição cuja base de raciocínio acenta na Fé.

Na tradição ocidental, estas duas vias apresentam-se, quase sempre, em campos opostos, fruto de uma mentalidade profundamente maniqueísta-dualista. Ao longo da história do pensamento ocidental, muitos tentaram a sua conciliação, como, por exemplo, João Escoto ( Século IX ), com a *Fé esclarecida*. Porém, os esforços dessas excepções foram rapidamente destruídos ou esquecidos, dado que, retornamos sempre ao pensamento bipolarizado, qualitativamente maniqueísta.

João de Mansilha nasceu em S. João de Lobrigos, Santa Maria do Penaguião. Sabemos que completou os estudos em Filosofia e Teologia. Esteve na génese da Real Companhia dos Vinhos do Porto, onde teve responsabilidades por longos anos. Pertenceu ao Conselho do Rei, foi Geral do Santo Ofício e Vigário Visitador Provincial dos Dominicanos Portugueses.

Com a subida ao trono de D. Maria I, é desterrado para o Convento de Pedrogão Grande:

“Tendo em atenção aos escandalosos e indignos procedimentos do Padre Frei João de Mansilha, com que em todo o tempo se tem conduzido, sou servida e hei de inabilitá-lo e excluí-lo in perpetuum do serviço do Santo Ofício.

Ordenando que logo saia desta corte, aonde jamais não entrará nem em cidade alguma, nem ainda em Vila notável deste reino. Ordeno outrossim que daqui vá em direitura para o convento de Pedrogão, aonde residirá por toda a vida, sem poder mais pernoitar fora do dito convento. Palácio de Nossa Senhora da Ajuda em 1 de Março de 1777”<sup>1</sup>.

O pequeno Convento de Nossa Senhora da Luz, em Pedrogão, funcionava, à época, como local de desterro dos dominicanos indesejados. Não é de estranhar o destino que lhe foi dado, pois a maior parte dos colaboradores de Pombal, que lhe foram fiéis até à morte de D. José I, tiveram sorte semelhante.

Algumas das pessoas que já estudaram escritos de João de Mansilha, revelaram espanto em relação às suas acções, quer em relação à Real Companhia e à revolta de 1757, no Porto (para a qual Mansilha contribuiu para que fosse vista, na Corte, como uma revolução e traição ao Rei), quer seja em relação à reforma dos dominicanos. Algumas vezes, para além do espanto, provoca mesmo a condenação, como a de Camilo Castelo Branco. De facto, após o falecimento de D. José I, podemos verificar que Mansilha fora muito popular, mas não tinha ganho a simpatia da população:

“Marquês, Mendonça, Mansilha,  
Qual é o mais vil dos três?  
– Marquês.  
Quem gostou da geringonça?  
– Mendonça.  
Quem jogou no Douro o pilha?  
– Mansilha.  
Apertado co’ uma silha  
Todos três, té estalar,  
Sejam lançados ao mar  
Marquês, Mendonça, Mansilha.  
Quem acaba desta vez?  
– Marquês.  
Quem também anda na trilha?  
– Mansilha.  
Quem era outro que tal?  
– Geral.  
Todos três em Portugal  
Têm sido fortes ladrões  
Pois que morram em prisões  
Marquês, Mansilha, Geral.

Ou este excerto de uma cantiga posta na boca do Marquês:

Já este novo governo  
O que eu fiz vai desfazendo  
Não imploram os meus conselhos  
Eu então chorando e vendo  
O Mansilha meu amado vai padecendo  
Metido numa masmorra. (...)”<sup>2</sup>.

O próprio processo de eleição deste religioso é ensombrado por Camilo, contudo, na realidade, sabemos que Mansilha, para além dos estudos que possuía, era um excelente administrador financeiro “*Era naquele tempo grande arbitrista de remédios económicos um Frei João de Mansilha, dominicano, que depois veio a ser provincial da ordem dos pregadores*”<sup>3</sup>.

Se, por um lado, tinha uma filha e, não é segredo, apreciava uma vida folgada, “*Que ele não era um santo frade isso parece-nos claro, mesmo muito claro*”<sup>4</sup>, por outro lado, possuía qualidades, como um invejável espírito analítico, um raciocínio claro, que ressaltam nas cartas que mandava aos conventos sob sua jurisdição.

Da correspondência de Frei João de Mansilha consultei a recolhida por Viale Moutinho, uma selecção de trinta e nove cartas do período compreendido entre 1774 e 1776. Apesar de Mansilha ter escrito mais missivas para os conventos sob sua autoridade, a selecção de Viale Moutinho tenta evitar repetições, mesmo assim não o conseguindo completamente.

Frei João de Mansilha segue, aparentemente, um esquema pré-definido nas suas missivas reformistas, adaptando-o depois às especificidades de cada Casa. Assim, numa primeira carta, Mansilha demonstra um

conhecimento dos problemas do convento e responsabiliza o Prior, ou a Priora, pela resolução das questões. Numa segunda carta, mostra um profundo conhecimento do que efectivamente se passa no convento, reprimindo o Superior da Casa, ameaçando-o com penas. Veja-se, a título de exemplo, a sequência de misivas dirigidas à Priora do Mosteiro de Montemor-o-Novo, onde isto é muito claro:

- A esse nosso mosteiro há-de ir pregar os sermões de Santa Ana o Padre Frei Francisco de Santa Ana Ramalho, morador no nosso convento de S. Domingos de Elvas, o qual me pediu licença para isso, e eu lha dei, porque ignorava ter o dito Padre aí alguns tratos, que justamente escandalizam as pessoas que o conhecem. Nestes termos mando a Vossa Reverência debaixo do preceito de Santa Obidiência, de absolvição do seu ofício, e de outras penas que arbitrar, para que de nenhuma sorte permita que o dito Padre fale com religiosas alguma desse nosso mosteiro, nem nas grades nem na igreja, ou em qualquer parte, antes ou depois de pregar os sermões no dia de Santa Ana. Da minha parte dirá ao dito Padre que logo que acabar de fazer os ditos sermões se recolha no outro dia ao seu convento de Elvas e que não o fazendo o castigarei severamente. Tenho gravíssimas queixas das escandalosas desordens que nesse nosso mosteiro se praticam, consentindo Vossa Reverência que muitos religiosos assim dos nossos súbditos dessa vila como de outros conventos nossos falem libertamente com as religiosas nossas súbditas, do que resultam grandes murmurações contra o crédito delas, e de Vossa Reverência como consentidora, pelo que, debaixo do preceito e penas, ordeno a Vossa Reverência que por nenhum modo permita grades ou licenças para semelhantes conversações, ou estas sejam com religiosos nossos súbditos, de qualquer qualidade ou graduação que sejam ou com religiosos de outras quaisquer ordens, e clérigos seculares, como também de outras quaisquer pessoas seculares, exceptuando os que forem pais, irmãos e sobrinhos das ditas religiosas, em que não haja suspeita. Tão somente poderão ir os nossos religiosos para confessarem e para as mais funções permitidas pelas nossas leis, contando que nem antes nem depois das práticas das ditas confissões tenham práticas algumas com as suas confessadas. Isso mesmo praticará a respeito do Padre Procurador desse mosteiro o qual só com Vossa Reverência poderá praticar os negócios pertencentes à sua procuração sem que, por modo algum, fale a outra alguma religiosa. E se for preciso tratar de negócio com alguma delas, tão somente o praticará com elas na presença de Vossa Reverência. Se me constar que de alguma sorte não se observa o que deixo determinado, farei castigar aos delinquentes com tal severidade que faça cessar delitos tão enormes e escandalosos. E para que chegue à notícia de todas as nossas súbditas, e não possa alguma alegar ignorância, fará Vossa Reverência ler esta nossa carta em acto de comunidade e registá-la no livro em que se costumam registar semelhantes ordens. Deus guarde a Vossa Reverência & S. Domingos de Lisboa, em 19 de Julho de 1774<sup>5</sup>.
- As cartas que acabo de receber de Vossa Reverência, do Reverendo Padre Vigário, do Padre Procurador, e de duas religiosas desse nosso mosteiro, a Reverenda Madre Soror Apolónia Joana da Conceição, e da Madre Soror Genoveva Peregrina de S. José. São cartas cheias de apologias a favor do crédito e alto merecimento do Padre Frei Francisco de Santa Ana Ramalho. Todas as sobreditas cartas e apologias nelas conteúdas ( minha Reverenda Madre Priora ) eram boas e de grande peso no tempo da maior parte dos Prelados meus antecessores, os quais, ou por negligência ou por ignorância das nossas leis, ou, enfim, por alguns interesses sórdidos, se deixavam persuadir de semelhantes arrazuados, como são os conteúdos nas sobreditas cartas. Eu, porém, que devo a Deus algumas tal e qual penetração das coisas deste mundo e do outro, e além disto um ânimo inteiramente livre de tudo o que é interesse sórdido, nenhum peso acho nos ditos arrazuados. Antes neles mesmo reconheço a inteira verdade que fez o objecto dos preceitos e ordens que a Vossa Reverência mandei pela minha carta de 19 de Julho próximo passado, ordenando-lhe a fizesse ler em acto de comunidade sem a menor dúvida, tome bem sentido, no que vou dizer-lhe. Primeiramente, na sua carta, não nega Vossa Reverência, e é, sem a menor dúvida, certo e constante que concede grades às religiosas suas súbditas para nelas conservarem toda a espécie de pessoas, assim eclesiásticas como seculares, quando disto não presume, nem suspeite tratos alguns ilícitos. Negando tão somente as ditas licenças às pessoas de suspeita. Isso mesmo se me confirma pelas cartas, que juntamente com a de Vossa Reverência recebi das pessoas acima referidas, pois que o Reverendo Padre Vigário confessa que algumas pessoas graves buscam as religiosas para lhes falarem, porém que nisto não há escândalo. O Padre Procurador diz ser verdade que ele tinha algumas grades em que falava com algumas religiosas, mas que nisto não havia escândalo nem suspeita de tratos ilícitos. De sorte que de todas as referidas cartas se conclui, com toda a certeza, que Vossa Reverência concede licença a muitas pessoas eclesiásticas e seculares para falarem com as religiosas suas súbditas nas grades, cujas

licenças não duvida conceder porque presume que não há tratos ilícitos, e por consequência, ofensa alguma das nossas leis.

Esta é toda a força da razão, porque a Vossa Reverência parecem pouco prudentes os preceitos e ordens que na minha dita carta lhe mandei observar, proibindo-lhe semelhantes licenças. Parecendo a Vossa Reverência que o motivo que tive para mandar as ditas ordens não era outro algum mais do que as maledicências e embustes de pessoas tão mentirosas que são capazes ( como Vossa Reverência diz ) de perder um reino com os seus falsos testemunhos.

Mas que dirá Vossa Reverência se eu agora lhe mostrar que não pode Vossa Reverência dar licença às religiosas suas súbditas para falarem com quaisquer pessoas, ou sejam eclesiásticas ou seculares, ainda que nas ditas pessoas não haja suspeita de trato ilícito? Que dirá, se eu lhe mostrar os únicos e raros casos em que tão somente Vossa Reverência e os mais prelados podem facultar as ditas licenças ? Que dirá, enfim, Vossa Reverência, se eu lhe mostrar, que Vossa Reverência está incursa na pena de culpa Graviori, e da absolvição do seu ofício, por ter dado ( como não nega na sua carta) às suas súbditas grades e licenças para falarem a pessoas eclesiásticas e seculares, por não presumir mal das suas conversações e amizades, antes lhe parecerem lícitas e honestas ?

Certamente ficará Vossa Reverência muito admirada, porém eu lhe vou tirar todas as admirações, mostrando-lhe, com toda a evidência, que as nossas leis não só proíbem e mandam castigar severamente as conversações, tratos e amizades ilícitas, mas também aquelas que suposto não sejam ilícitas nem escandalosas, no seu princípio, contudo, podem, com a frequência, vir a serem tais, como infelizmente sucede na maior parte.

Por cujo motivo precavendo as ditas nossas leis esta perigosa origem de pecados e escândalos, dos quais, além das graves ofensas que se cometem contra Deus, se segue o descrédito das religiosas e dos mesmos mosteiros. Com toda a razão proíbem as ditas licenças das mais severas penas, na forma que já vou a substanciar em uma breve suma.

(Seguem-se as regras e respectivas penas, na forma de sete leis comentadas )

Finalmente, espero que Vossa Reverência execute as minhas referidas ordens, na certeza de que cumprindo-as, nunca será responsável a Deus pelos pecados alheios, que deve evitar, pela obrigação do seu ofício. E na certeza de que o mesmo Deus, emendados os referidos escândalos e relaxações abençoará esse mosteiro livrando-o da extrema miséria em que se acha ocasionada, como me persuado pelo desamparo do mesmo Senhor, a que deram justo motivo os ditos escândalos.

Deus guarde a Vossa Reverência & S. Domingos de Lisboa, em 2 de Agosto de 1774<sup>6</sup>.

Todavia Mansilha não se limitava a corresponder-se oficialmente com os directamente envolvidos, nalgumas situações envolve terceiros para conseguir um eficaz cumprimento das suas directrizes. Ainda relacionado com a questão de Montemor-o-Novo, veja-se a seguinte carta, bem como a enviada ao Prior de Évora, que é ainda melhor exemplo:

- Ao nosso mosteiro das religiosas dessa vila há-de ir o Padre Frei Francisco de Santa Ana Ramalho, morador no nosso convento de S. Domingos de Elvas pregar dois sermões no dia de Santa Ana , para o que lhe concedi uma licença que não concederia se ao tempo soubesse as habilidades do dito Padre. Assim que ele aí chegar, Vossa Paternidade lhe intimidará da minha parte que por nenhum modo vá ao dito mosteiro mais que duas vezes que for pregar os seus sermões sem falar a religiosa alguma do dito mosteiro, tudo na forma que ordeno à Reverenda Madre Priora. E que logo no outro dia, depois de pregar, se recolha ao seu convento de Elvas, não se demorando nessa vigararia, nem no convento dos nossos religiosos, nem em qualquer outra parte, debaixo da pena de se proceder contra ele severamente, e também contra Vossa Paternidade, se não executar o que acima ordeno. Também advertirá Vossa Paternidade da minha parte ao Padre Frei Dionísio da Conceição Monteiro, procurador das ditas religiosas que por nenhum modo vá ao dito mosteiro falar às religiosas em grades ou outras quaisquer partes, exceptuando com a Reverenda Madre Priora naqueles negócios pertencentes ao seu ofício. E se nalguns deles dependerem de falar com outras religiosas, tão somente falará com elas na presença da mesma Reverenda Madre Priora, tudo debaixo da mesma pena cominada, tanto para o dito Padre Procurador como para Vossa Paternidade. E como sobre isto dou positivas ordens à dita Madre Priora, falará Vossa Paternidade com ela e se unirão ambos a desterrar os gravíssimos escândalos que há sobre as referidas matérias, de que me chegaram graves queixas, aos quais se continuarem, em tal caso, os farei cessar com os mais severos e prontos castigos.<sup>7</sup>
- Os temerários e criminosos procedimentos do Reverendo Padre Frei José do Rosário, Prior actual do nosso Convento de Nossa Senhora da Esperança, da Vila de Alcáçovas, chegaram à nossa notícia ainda antes de

sermos promovidos ao governo da nossa Ordem. Porém, não estando nesse tempo a nosso cargo a indignação e correção deles, não fizémos diligência alguma para nos certificar se era verdadeira ou falsa a fama que corria. Sim, ouviamos falar a muitas pessoas de probidade e tivémos cartas de algumas, pelas quais se nos manifestaram os graves e públicos escândalos que o dito Reverendo Padre Prior dava, praticando acções indecentes ao estado religioso, com descrédito grande da sua pessoa, do seu convento e da nossa Ordem. Renovando-se, porém, agora aproximadamente contra o dito Reverendo Padre Prior as mesmas queixas e outras de não menos considerável momento, nos vemos precisados, pela indispensável obrigação do nosso ofício a proceder contra o dito Reverendo Padre Prior absolvendo-o do seu ofício e fazendo devassar judicialmente dos seus procedimentos.

Para esse efeito escolhemos a Vossa Paternidade Muito Reverendo confiando da sua capacidade, segredo, prudência, actividade e zelo que, com toda a verdade e inteireza satisfaça a esta importância.

Pois que nos consta por informações de pessoas tementes a Deus que o dito Reverendo Padre Prior exaustorato de muito tempo a esta parte tem extraviado dinheiros daquele convento (...) E para que tudo isto se haja de evitar, quanto couber no possível, ordenamos a Vossa Paternidade, debaixo do preceito formal da Santa Obdiência ( e outros, que ) conservem o mais inviolável segredo, e cooperem com toda a diligência possível, para se evitarem os prejuízos acima ponderados e para que, com toda a verdade e inteireza, sem paixão alguma ofensiva da justiça recta, se execute esta diligência, ficando todos responsáveis a Deus e à nossa religião, por tudo o que dolosamente se encobrir, e por isso ficar impunido. O que não esperamos do zelo e probidade de Vossa Paternidade e dos dois referidos seus companheiros(...)⁸.

Para além deste esquema que é seguido para quase todas as casas da Ordem, há , para outros casos, medidas mais fortes ou mais brandas, de acordo com as casas e o comportamento dos frades ou freiras destas. Se Mansilha critica as próprias casas, há vezes que fala de indivíduos específicos, chegando a encarcerá-los nos conventos.

Mansilha tinha uma visão piramidal da hierarquia da Ordem, na qual ele era o último responsável pelo que os dominicanos faziam. Para poder assumir essa responsabilidade, utilizava sistemas de controle, criando uma rede de informantes e utilizando um sistema de aplicação de justiça rigoroso. A justiça assume, em Mansilha, a importância de vector principal na condução e direcção da Ordem:

“Teve a fortuna de cometer os seus enormes delitos em tempos de prelados que não sabiam ponderar a indispensável necessidade da recta administração da justiça”⁹.

“Deve Vossa Paternidade estar certo que eu não inquieto aos meus súbditos por vinganças particulares e só o faço por justissimas causas”¹⁰.

Porém, esse sentido de justiça, apesar de rigoroso, era legalista, como hoje falamos de direito constitucional:

“Os súbditos são filhos e não escravos e por isso devem ser tratados com a decência devida e não com termos que os hajam de escandalizar, ainda quando tenham penas graves, porque estas se castigam com as penas das leis e não com palavras que as mesmas leis reprovam”¹¹.

Se Mansilha nos mostra ter um conceito de justiça extremamente claro e rigoroso, a sua aplicação real sugere-nos, por vezes, algumas reflexões acerca do divórcio existente entre a teorização da justiça e a sua aplicação:

- Pela carta que recebi de Vossa Paternidade no correio passado, em data de 4 do corrente, fico informado dos péssimos costumes e abomináveis procedimentos desse Padre Frei Bernardo de Santa Rosa, morador nesse nosso convento, ao qual Vossa Paternidade provável e verossivelmente atribui os execrandos libelos infamatórios com que ele barbaramente pretende deturpar e denegrir a própria reputação de Vossa Paernidade, e as de outros seus irmãos assinados no mesmo convento. É certo que achando-se o dito padre convencido ( como Vossa Paternidade diz ) de outros semelhantes libelos e embustes, não é juízo temerário presumir que fosse autor do que presentemente apareceu e enviei a Vossa Paternidade. Muito mais andando ele quase réu e assemelha-se a letra do libelo à dele, como Vossa Paternidade me representa.

Nos referidos termos, convenho no parecer de Vossa Paternidade para que o dito Padre seja preso repentinamente, e depois de posto no cárcere se lhe tire a chave da cela, a qual irá Vossa Paternidade acompanhar com o Reverendo Padre Superior e com os Padres Frei Feliciano de S. José, Frei Inácio Caetano de Santo Tomás, Frei José do Rosário Leão e Fr. Francisco Quadrado, aos quais todos, debaixo de preceito formal de Santa Obediência, recomendará da minha parte um inviolável segredo.

Na presença de todos se abrirão os baús, arcas, gavetas ou armários, procurando-se exactamente todos os papéis, e vendo-se se aparecem alguns indícios dos ditos libelos infamatórios, ou de algumas cartas activas e passivas das quais se possam deduzir os ditos libelos, ou quaisquer outras escandalosas transgressões das nossas leis ou das de Sua Majestade.

Aparecendo alguns dos ditos papéis, que façam plena e indubitável prova, logo Vossa Paternidade me remeterá seguros pelo correio, deixando ficar no cárcere ao dito Padre até segunda ordem minha.

Se, porém, se acharem papéis de que tão somente se provem culpas graves de sensualidade ou de outras crimes, que tão somente pertençam às nossas constituições, sem interessarem as leis do estado ou aos ditos libelos infamatórios. Em tal caso, sempre Vossa Paternidade me remeterá seguros os ditos papéis mas, ao mesmo tempo, fará sair do cárcere ao dito religioso e lhe intimará esta assinatura que envio.

Finalmente, no caso que nada apareça entre os papéis do dito Padre de que se lhe prove culpa, sempre Vossa Paternidade lhe intimará a assinatura, vista as antecedentes habilidades do dito Padre se faz preciso mudar-se, para que essa comunidade viva em sossego, e aquela para onde o mando, avisarei o trato que se lhe deve dar para cessarem as suas escandalosas intrigas.

Se Vossa Paternidade quando eu lhe mandei as ordens gerais a respeito dos procedimentos bons ou maus, de cada um dos religiosos moradores nesse convento, me falasse a verdade manifestando-me os defeitos desse Padre, como agora faz. Talvez se não veria presentemente infamado no seu próprio crédito e da mesma sorte os outros religiosos de probidade, porém nesse tempo Vossa Paternidade nem uma só palavra me insinuou a esse respeito – de procedimentos e capacidades – tudo mediui pela mesma raça, e por isso agora se acha caracterizado com os mesmos epítetos.

Deverá Vossa Paternidade advertir que a Justiça por nenhum modo se pode ultrajar ou ocultando defeitos ou a virtudes a quem pode castigar uns e premiar outros.

Do contrário, resultam estes e maiores inconvenientes, os quais Vossa Paternidade não pondera, estando submetido no fanatismo, até agora praticado de que os prelados locais e Provinciais, só são bons se ocultam e disfarçam os delitos graves dos súbditos, pois que só assim merecem e alcançam o façanhoso título de “Pais dos Frades”, custará muito arrancar da nossa Ordem esta fantasma que só se sustenta das gulodices e interesses dos quais por infelicidade nossa encham o ventre famélico e insaciável à referida fantasma. Mas por ora não existe fantasma semelhante, nem existirá enquanto durar o meu governo, porquanto sendo o meu ventre muito pequeno não cabem nele semelhantes gulodices e interesses, nem a minha na minha ideia fumaças de tal fantasma. Só sim os de outra muito diversa.

A saber, “Pai de Frades”, de sorte que consiste este título em procurar o devido sustento aos filhos e não em comer o que serve para o seu justo alimento e em dissipar a substância com a qual eles se possam conservar. Finalmente, não há bom Pai sem que cuide em que os seus filhos procedam honradamente e não há bons procedimentos sem haver prémio para eles e castigo para os que os não têm<sup>12</sup>.

Se na primeira parte da carta temos as instruções do *modus operandis* a seguir, na qual vemos que, mesmo sem prova de delito, o padre frei Bernardo de Santa Rosa estava dado como culpado (prova do pragmatismo e despotismo de Mansilha, dado que se tratava de um elemento indesejado), na segunda parte da missiva temos a visão teórica da justiça e da administração desta, na qual ressalta uma justiça rigorosa, mas correcional, vislumbrando-se uma união entre justiça e paternalismo. Esta visão paternalista tem profundas raízes na cultura política em Portugal (basta lembrar D. Duarte e D. Pedro, Infante).

Esse paternalismo surpreende-nos quando Mansilha escreve:

É tão incompreensível a enormíssima relaxação que na maior parte dos nossos conventos sobre o indispensável socorro, que nos dá uma ideia de que na nossa Ordem se acham quase extintos todos os estímulos da caridade cristã a este respeito.

A nossa Constituição manda, com os maiores e mais vigorosos preceitos, a cura dos enfermos, cominando aos mesmos Prelados Provinciais ou Presidentes da Províncias, a absolvição dos seus ofícios, se nisto forem negligentes (...)

Sem embargo, porém, de tantas e tão repetidas ordenações de capítulos gerais, fundadas na disposição do texto das nossas constituições, e derivadas do mesmo direito natural, nunca se pode atalhar o progresso das relaxações sobre a cura dos enfermos, na maior parte dos conventos desta nossa província, sendo tal o esquecimento assim dos referidos preceitos como das penas impostas ao transgressores dele, que parecem já ter passado a costume lícito, umas tão abomináveis e cruéis omissões que fazem horror à mesma nature-

za, pelo que nos vemos obrigados a impor irremissivelmente as penas acima ordenadas a todos os Prelados locais, que daqui por diante nos constar se não emendam destas bárbaras e escandalosas faltas de caridade, e não tratarem os seus súbditos enfermos, ou sejam de maior ou menor graduação na forma determinada pelas sobreditas leis, sem acepção de pessoas, de parcialidades, de amizades ou inimizades, pois a tudo deve prevalecer a caridade cristã e o direito natural, de sorte que os Prelados locais tratem aos seus súbditos doentes do mesmo modo que se costumam tratar a si próprios nas doenças sem outra alguma diferença. Finalmente, fará Vossa Paternidade registar esta nossa carta no livro destinado para o registo de semelhantes ordens, remetendo-nos certidão de assim o haver executado<sup>13</sup>.

Esta missiva mostra a visão de Mansilha, que considera que a caridade não é uma bem-aventurança, mas antes uma questão de Direito Natural, ou seja, é uma lei que o Homem tem obrigatoriamente que satisfazer, pois não pertence ao domínio do arbitrário, pertence a um determinismo inato que devia conduzir conscientemente o indivíduo pela vida.

Todavia, a visão de justiça cega, aliada ao amor paternalista, foi uma arma utilizada e manipulada, através do uso de um vocabulário conceptual já interiorizado, o ideário tardo-medieval/moderno, para aplicar, na prática, um despotismo centralizado na sua pessoa. Este controle exercido por Mansilha permitiu criar as condições, em menos de dois anos, para começar a reforma dominicana. Na extensa carta dirigida à Priora, bem como a todas as religiosas e educandas do Mosteiro de Santa Joana, temos, por fim, a reforma planeada pelo Provincial.

No segundo parágrafo, Mansilha explica o que fez, até então, como Provincial, e fala do estado deplorável em que se encontram os conventos e mosteiros da Ordem. Porém, a reforma que se segue, é uma desilusão. Distinguindo o temporal do espiritual, argumentando que o primeiro é a base do segundo, prossegue com uma reestruturação somente económico-financeira. Relativamente ao espiritual, apenas um comentário lacónico ao pretenço restabelecimento das leis dominicanas (2.º parágrafo). Até ao 11.º parágrafo, insiste numa reforma temporal (limitada a finanças), com um 6.º parágrafo bem elucidativo “*Uma das primeiras causas da decadência e da ruína (...) consiste na falta de uma boa e regulada economia*”.

Assim, prossegue com a reforma, com regulamentações prevendo todos os casos, todas as situações, para equilibrar as finanças do Mosteiro.

Contudo, não será menos significativo que Mansilha se preocupe apenas com o que ele denomina de temporal. Mansilha, apesar de ter formação para reformador de outros aspectos, teve uma vida que não o torna um habitual reformador de atitudes espirituais. Depois de manipular, até com críticas à ligeireza espiritual das casas, chegamos à conclusão que tais acusações foram feitas para reforçar o seu poder, enquanto culminar da hierarquia, não propriamente por preocupação, verdadeira, com os casos. Relendo as missivas de Mansilha, depois de analisar esta reforma, torna-se claro que ele criticava, essencialmente, a falta de sensibilidade para esconder a quebra dos votos e regras, não tanto as faltas em si. A grande questão era o escândalo e a desordem, que, obviamente, afectavam a reputação da Ordem, e, subsequentemente, a sua autoridade.

Independentemente desta crítica de costumes, mais importante é vermos que a posição de Mansilha é igual à tomada pelo Marquês anos antes. Assim, parece-nos que havia, de facto, uma profunda divisão entre as reformas pombalinas da Igreja portuguesa e a essência religiosa, o que é o mesmo que dizer, numa perspectiva mais profunda, que Racionalismo e Fé pertencem a dois mundos distintos, com autoridades distintas também.

#### NOTAS

<sup>1</sup> VIALE MOUTINHO, *A história escandalosa dos conventos da Ordem de S. Domingos em Portugal*, p. 10.

<sup>2</sup> Idem, p. 11.

<sup>3</sup> Idem, p. 14; LATINO COELHO, *O Marquês de Pombal*.

<sup>4</sup> VIALE MOUTINHO, *op. cit.*, p. 13.

<sup>5</sup> Carta à Reverenda Madre Priora do Mosteiro de Nossa Senhora da Saudação de Montemor-o-Novo de 19/7/1774, in VIALE MOUTINHO, *op. cit.*, pp. 31-32.

<sup>6</sup> Carta à Reverenda Madre Priora do Mosteiro de Nossa Senhora da Saudação de Montemor-o-Novo de 2/8/1774, in VIALE MOUTINHO, *op. cit.*, pp. 43-50.

- <sup>7</sup> Carta ao Reverendo Padre Vigário do nosso Mosteiro de Nossa Senhora da Saudação de Montemor-o-Novo de 19/7/1774, in VIALE MOUTINHO, *op. cit.*, p. 33.
- <sup>8</sup> Carta ao Reverendo Padre Mestre Prior do nosso Convento de S. Domingos de Évora de 5/7/1774, in VIALE MOUTINHO, *op. cit.*, pp. 27-28.
- <sup>9</sup> Carta ao Reverendo Padre Presentado Prior do nosso Convento de S. Domingos da Batalha de 29/10/1774, in VIALE MOUTINHO, *op. cit.*, p. 57.
- <sup>10</sup> Carta ao Reverendo Padre Presentado Vigário incapite do nosso Convento de S. Domingos do Porto de 1/7/1775, in VIALE MOUTINHO, *op. cit.*, pp. 87-90.
- <sup>11</sup> Carta ao Reverendo Presentado Vigário incapite do nosso Convento de S. Domingos do Porto de 24/12/1774, in VIALE MOUTINHO, *op. cit.*, p. 71-71
- <sup>12</sup> Carta ao Reverendo Padre Presentado Prior do nosso Convento de S. Domingos de Aveiro de 18/12/1774, in VIALE MOUTINHO, *op. cit.*, pp. 67-68.
- <sup>13</sup> Carta ao Reverendo Padre Prior do nosso Convento de S. Domingos de Abrantes de 30/7/1774, in VIALE MOUTINHO, *op. cit.*, pp. 39-40.

## BIBLIOGRAFIA

### Fontes Documentais

- MANSILHA, João de (O. P.) – *A história escandalosa dos conventos de S. Domingos em Portugal 1774/1776*, edição com selecção, prefácio e notas de Viale Moutinho, Ed. Vega, Lisboa, 1983.
- MELO, Sebastião José de Carvalho e – *Memórias secretíssimas do Marquês de Pombal e outros escritos*, Ed. Europa-América, Mem Martins, s/data.

### Estudos

- CALAFATE, Pedro, *Metamorfoses da Palavra*, Ed. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1998.
- CHAUNU, Pierre, *A Civilização das Luzes*, 2 vol., Ed. Presença, Lisboa, 1996.
- MARTINS, António Coimbra, “Luzes”, in *Dicionário de História de Portugal*, direcção de Joel Serrão, vol. II, Ed. Iniciativas Editoriais, Lisboa, 1965, pp.836-856.

## A Conservação e Restauro dos Edifícios Religiosos Medievais A Igreja do Carmo em Lisboa (Século XIX)

ANA CRISTINA N. MARTINS\*

“Monumentos que attestaes os mais gloriosos feitos, a sabedoria, a magnimidade dos passados, caí em terra, e com as vossas ruínas memoraes no porvir o desdenho, desatino e mesquinhez dos presentes. Templo há ahi mandado derrubar, que por si é um livro”.

(Abbate de Castro, 1867)

### Introdução

Joaquim Possidónio Narciso da Silva (1806-1896), fundador da actual Associação dos Arqueólogos Portugueses (1863), obteve a maior parte da sua formação académica em terras estrangeiras, sobretudo em França. Em Paris, frequentou a *École des Beaux-Arts*, entre 1825 e 1833, com um interregno de dois anos, durante os quais viveu em Itália. Na capital francesa, foi aluno de arquitectos, como Charles Percier (1764-1838) e P.-F.-L. Fontaine (1762-1853), propagadores da linha conceptual então seguida neste estabelecimento de ensino por influência directa do seu director, o escultor e teórico da arquitectura, A.-C. Quatremère de Quincy (1755-1849), ou seja, o Neoclassicismo. Todavia, a época durante a qual Possidónio permaneceu fora do nosso país caracterizou-se de igual modo por uma certa mitigação da preponderância do estilo neoclássico em favor de um novo movimento filosófico e estético emergido ainda durante o Século das Luzes. Referimo-nos, muito naturalmente, ao Romantismo. Ademais, os seus dois professores parisienses, Percier e Fontaine, reuniram precisamente essas duas visões estéticas nalgumas das suas intervenções arquitectónicas, a par de outras nitidamente mais neoclássicas, embora desenvolvendo com diferentes níveis de intensidade e empenhamento as gramáticas decorativas que lhes estariam então subjacentes. Esta comunhão caracterizaria de igual modo a futura maneira de estar de Possidónio, sobretudo ao nível arquitectónico. Com efeito, e em virtude, quer de uma prática comum à maioria dos discentes daquela Academia de Belas-Artes, como em consequência de um aconselhamento pessoal de Percier nesse sentido, efectuou um demorado périplo pelas mais importantes povoações francesas do ponto de vista histórico.

Durante estas viagens realizou diversos desenhos e levantamentos de alguns monumentos históricos edificados, ao mesmo tempo que contactava algumas sociedades regionais especialmente vocacionadas para a promoção do estudo e salvaguarda do património histórico, não apenas clássico, mas, muito especialmente, medieval. Mas, a primazia doravante concedida aos estudos medievais, e nomeadamente à arquitectura gótica (até então desconhecida e/ou subestimada)<sup>1</sup>, não se dissociava de um movimento social bastante mais amplo que contextualizaria esse interesse acrescido.

\* Associação dos Arqueólogos Portugueses.

<sup>1</sup> Não obstante esta tendência generalizada, nomes seiscentistas britânicos, como os de William Dugdale (), e de Roger Dodsworth (), setecentistas, como os de Thomas Gray (1716-1771), de Horace Walpole (1771-1797) e de James Essex (1772-1784), foram paulatinamente plasmando nas suas múltiplas obras a ideia e a importância da arquitectura gótica, em estreita relação com os sentimentos nacionalistas então vivenciados um pouco por todo o território inglês, sobretudo em consequência da revolução política e religiosa operada no seu interior, ao mesmo tempo que se contrapunha à força da expressão do “Palladismo”, procedendo-se aos primeiros restauros de arquitectura gótica ainda em finais do século XVIII. Também a Alemanha viu florescer a admiração pelo medievalismo e arquitectura gótica, verdadeiro símbolo dos sentimentos, características e ambições nacionalistas, face a um crescente poder hegemónico, simbolizado pela França Neoclássica Imperial.

A Idade Média conectava-se então com a época de formação da maioria das nacionalidades europeias, quando se supunha – ou se pretendia –, ter existido uma perfeita comunhão de interesses entre todos os estratos sociais, unidos em nome de um único propósito: a libertação do jugo exógeno, defesa e cimentação da independência dos seus respectivos territórios e culturas. E, esta conjugação social veria na monarquia o símbolo máximo do garante da sua integridade territorial. A ênfase concedida aos estudos medievais a partir do primeiro quartel de oitocentos e, de certa forma, em detrimento dos clássicos, relacionou-se sobretudo com uma premência e vontade sentidas pelas mais diversas populações europeias de contrapor o poder nacional ao napoleónico, porque caracterizador da individualidade de cada país que Napoleão Bonaparte (1769-1821), pretendia invadir e controlar.

Aparte esta visão mais teórica, Possidónio teve a oportunidade de constatar o estado de degradação da maioria dos edifícios históricos medievais, nomeadamente os religiosos, na diversas localidades percorridas. Esta deterioração decorria precisamente do desconhecimento em relação ao *verdadeiro histórico e artístico* que esses monumentos encerravam em si mesmos. Além de outras, esta sua experiência tê-lo-á alertado de forma definitiva para todo um conjunto de circunstâncias que, também em Portugal, concorriam para a crescente degradação desta mesma categoria e tipologia de monumentos.

## 1. A Prática da Conservação e Restauro de Monumentos no Território Português

Embora factores como o terramoto de 1755, as invasões napoleónicas, a fuga da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro (com o subsequente abandono de diversos edifícios civis medievais), a presença britânica no nosso solo, as devastadoras guerras civis, assim como o assumido sentimento anti-clerical e anti-monárquico demonstrado pela maioria da população do nosso interior, se revelassem causas fundamentais da deterioração de muitos destes monumentos, Possidónio consideraria outras causas, tão ou mais importantes do que estas. Com efeito, a venda, em hasta pública, da maioria dos bens das ordens monásticas implicara a privatização de muitos dos seus imóveis. Longe de os conservarem e dignificarem a sua antiga funcionalidade, os novos proprietários limitavam-se, a mais das vezes, a transformá-los em autênticos armazéns de cereais ou depósitos de munições, para não mencionar os múltiplos casos em que se procedeu à sua adaptação às necessidades familiares e sociais de uma nova burguesia e emergente aristocracia. A estas transformações formais foram também sujeitos outros edifícios religiosos recaídos sob alçada da administração central e municipal, em função das premências político-administrativas do novo regime que se impunha.

Na opinião de Possidónio, estas indignas apropriações derivavam, não apenas do desconhecimento generalizado sobre o verdadeiro significado histórico-artístico destes monumentos por parte das entidades, individuais e/ou colectivas, em cujas mãos tinham recaído, como sobretudo em resultado de um perfeito vazio legislativo existente no nosso país. Entre outras consequências mais imediatas, esta evidência desculpabilizava, de alguma forma, a ausência de responsabilização dos proprietários pelo estado de conservação dos edifícios assim adquiridos. Este vazio demonstrava com bastante clareza o desinteresse governamental – fosse ele central ou regional –, no respeitante a questões patrimoniais, de defesa e perpetuação de uma determinada memória histórica. Mas este desinteresse poderia ser em parte compreensível numa época em que outras prioridades de ordem mais pragmática tinham de ser rapidamente solvidas.

Contudo, existia uma outra causa que, na opinião de Possidónio, constituía a mais gravosa do crescente estado de degradação de parte dos edifícios históricos nacionais: as obras de conservação e restauro executadas nalguns deles. Fosse no decurso de emanações particulares, estatais, municipais ou clericais, a maioria destas intervenções resultavam, não apenas numa mais célere deterioração dos edifícios históricos, como no contínuo aumento do desrespeito pela sua veracidade histórica, tanto ao nível estrutural como decorativo. Ponderando sobre as verdadeiras razões subjacentes a esta nossa situação generalizada, concluiu resumirem-se a uma única, ou seja, a quase total ausência de conhecimentos sobre arquitectura medieval, em geral, e gótica, em particular. Tal como em muitos outros parâmetros da nossa cultura e sociedade, os estudos nacionais encontravam-se notoriamente atrasados por comparação ao que há muito ia sendo praticado além-fronteiras, sobretudo em França, realidade bem conhecida de Possidónio.

Tentando contornar tão evidente e dificultoso obstáculo, Possidónio propôs algumas soluções concretas, cuja viabilidade não seria possível sem uma verdadeira consciencialização governamental em relação à

importância e premência de salvaguardar todo um património histórico, cujo significado tornava-se imperativo difundir no seio dos mais vastos sectores da nossa sociedade, como se de uma verdadeira gramática propagandista do novo regime liberal se tratasse. Na sua opinião, tal preservação teria, inevitavelmente, de abranger o estudo e divulgação das características específicas de todas as categorias e tipologias de artefactos, móveis, imóveis e associados. Para tal, havia que sensibilizar o nosso ecléctico tecido social para o papel que a sua preservação poderia assumir na perpetuação da memória nacional que, mais do que nunca, urgia aprofundar e alargar.

Já nos anos quarenta, Possidónio efectuara um dos seus múltiplos périplos pelo território de Portugal continental, registando todo o tipo de monumentos históricos que considerasse dignos de serem estudados e conhecidos pelo mais vasto espectro da nossa população, e que, de alguma forma, interessassem aos estudos de História, em geral, e da História da Arte, em especial. Terá sido este seu primeiro contacto mais directo e sistemático com a disseminada e enraizada ausência de um interesse e conhecimento mais consciente relativamente a toda uma problemática inerente à relevância do estudo dos nossos monumentos históricos, que o induziu a delinear um programa mais concreto e prolongado de propagação pública da urgência do seu estudo, divulgação e salvaguarda.

Consciente do enorme interesse que a fotografia despertava no meio editorial, fosse pela novidade tecnológica, como pela fiabilidade das imagens assim reproduzidas, nomeadamente ao afastar intervenções arquitectónicas menos explícitas e reproduções algo fantasiosas por parte dos antigos desenhadores, Possidónio equacionou a importância da sua aplicação no aumento da curiosidade dos leitores pelos monumentos históricos nacionais. Foi assim que, mediante intervenção pessoal de D. Pedro V (1837-1861), e subvenção do Ministério do Reino, obteve a autorização e os subsídios imprescindíveis à execução do levantamento de algumas das nossas mais emblemáticas edificações históricas que, quer pelos meios tecnológicos implicados, como pelo trabalho inerente, exigia um dispêndio monetário e temporal relativamente consideráveis para os valores da época.

E foi assim que, durante dois anos (1859-1861), viajou por Portugal, acompanhado de seu filho mais velho, Ernesto da Silva, bem como de todo o material necessário à aplicação do método de Daguerre<sup>2</sup>, de cuja divulgação entre nós se revelou um dos primeiros precursores. Finalizado este seu empreendimento, viu o seu trabalho publicado numa das principais revistas portuguesas da altura, a *Revista Pittoresca e Descritiva de Portugal*. Passado algum tempo, seria a vez de outro periódico nacional, *A Nação*, editar estes mesmos resultados ilustrados por alguns “daguerreótipos”. Profundamente conotado com os ideais monárquicos – donde, nacionalistas –, a pesquisa encetada por Possidónio inseria-se de forma bastante harmoniosa nas páginas desta última revista<sup>3</sup>.

Pela análise da edição especial da *Revista Pittoresca* correspondente ao trabalho de Possidónio<sup>4</sup>, verificamos que a maioria dos monumentos aí reproduzidos reportavam-se a momentos muito específicos da nossa História, quase todos relacionados com momentos chave da nossa independência territorial. A sua rememoração funcionaria, assim, como forma de exaltar o orgulho e valores nacionais, bastante patentes nos edifícios directamente conectados com a “Epopéia” dos descobrimentos portugueses. Por outro lado, constata-se que a escolha de Possidónio recaiu de forma evidente sobre os monumentos religiosos, nomeadamente os medievais, de entre os quais sobressaíam os góticos. É provável que tivesse optado por esta tipologia e estilo arquitectónico como forma de reabilitá-lo atendendo à degradação da qual os seus exemplares vinham sendo crescentemente alvo, sobretudo desde as lutas intestinas que de modo tão marcado assolaram o nosso território e o nosso sentir mais profundo. Parte significativa destes templos fora entretanto vendida e reaproveitada pelos seus novos proprietários (laicos), nem sempre da forma mais digna tendo em conta a sua primitiva utilização e simbolismo.

Apesar destas suas prováveis intenções primordiais, a publicação do seu trabalho não obteve o alcance ansiado, embora cada reprodução dos monumentos fosse acompanhada de um breve historial e de uma

<sup>2</sup> O denominado “diorama” foi inventado em 1822, pelo francês Jacques Daguerre (1787-1851), a quem competiria aperfeiçoar a fotografia ao obter os primeiros “daguerreótipos” em 1838.

<sup>3</sup> Sobre esta sua primeira experiência, veja-se, Ana Cristina N. Martins, “Uma Breve Incursão pelos Primórdios da Inventariação do Património Histórico-cultural (1859-1861)”, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 43, Porto, SPAE, 2002 (No prelo).

<sup>4</sup> *Revista Pittoresca e Descritiva de Portugal*, Lisboa, 1861.

resenha crítica relativa ao seu estado de conservação. Este resultado decorreria da elevadíssima taxa de analfabetismo evidente no nosso país e aos avultados custos inerentes a uma edição com estas características, que, no seu conjunto, implicavam uma notória restrição do público alvo deste número especial.

Ao não alcançar o sucesso almejado nos seus pontos de venda habituais, Possidónio instou pessoalmente para que fossem postas a circular assinaturas para a compra deste número da *Revista Pittoresca e Descritiva de Portugal*. Distribuídas essencialmente junto dos seus ecléticos conhecimentos particulares, inclusive no seio da vasta comunidade portuguesa residente no Brasil, em especial no Rio de Janeiro e na Bahia, junto da qual fizera preciosas amizades<sup>5</sup>.

Contudo, estas tentativas revelaram-se infrutíferas. Alegando o seu elevado custo, a falta de qualidade da impressão de algumas fotografias – facto reconhecido pelo próprio autor –, bem como o facto de parte significativa dos monumentos reproduzidos lhes serem desconhecidos, donde, pouco representativos das suas memórias portuguesas e das regiões donde provinham, o número de assinaturas obtido em terras brasileiras permaneceu bastante aquém das expectativas iniciais. Na verdade, ao folhearmos uma vez mais as páginas deste número, constatamos que a maioria das edificações aí representadas localizava-se nos principais pólos populacionais do país, ou seja, a norte de Setúbal. Longe de resultar de um qualquer acto casuístico, aleatório, ou até mesmo político, esta evidência decorria de uma escolha bastante consciente, por um lado, e de algumas das condições então existentes para a boa persecução de uma tarefa com estas especificidades, por outro. E, dentre estas, decerto mereceram especial atenção as condições das nossas vias e meios de transporte. Na verdade, as povoações visitadas por Possidónio foram precisamente aquelas para as quais as viagens, sobretudo de mala-posta, se faziam de uma forma mais célere e cómoda. Aliás, estas viagens não se concretizaram de modo unilateral e linear ao longo dos referidos dois anos. Com efeito, viu-se obrigado a interromper algumas vezes este seu projecto devido aos seus compromissos profissionais, sobretudo enquanto arquitecto da Casa Real, título que vinha assumindo desde meados dos anos trinta.

Mas, se a publicação da edição suplementar da *Revista Pittoresca* não obteve o resultado e o impacte desejados inicialmente pelo seu autor, o seu conteúdo e, muito especialmente, as resenhas que escrevera sobre o estado de conservação dos nossos principais monumentos históricos, terá despertado algumas consciências menos avisadas e sensibilizadas para todo um conjunto de questões inerentes à relevância da salvaguarda desse mesmo património. É certo que esta temática não constituía, em si, propriamente uma novidade no seio da nossa sociedade mais ilustrada, sobretudo se lembrarmos os artigos redigidos sobre estas questões da autoria, quer do general e dramaturgo J. da Costa Cascaes (1815-1898), como de Alexandre Herculano (1810-1877), nalguns dos periódicos nacionais de maior circulação e projecção, enquanto termos como “monumento”, “conservação”, “restauro” e “valorização” dos monumentos históricos surgiam, aqui e além, e o conceito de “património” era pela primeira vez referido de forma oficial por essa figura paradigmática da nossa *intelligentia* oitocentista, Luciano B. Cordeiro de S (1844-1900), em 1876. Não obstante, nunca até então se tinha compilado uma obra exclusivamente dedicada a este assunto, onde se aliava a palavra à imagem, para mais indimentável, porque fotográfica. Certo é que, fosse na sequência da sua publicação ou da conjugação de toda uma expressão similar assumida por diversos quadrantes da nossa intelectualidade – sobretudo lisboeta –, em relação a esta problemática, despontou um interesse mais cuidado e sistemático por parte dos nossos poderes políticos, nomeadamente dos centrais, pela importância da qual se revestia de modo crescente a temática da preservação da nossa memória histórica. Esta relevância seria particularmente assumida com a criação do *Ministério das Obras Públicas, Commercio e Industria*, durante a segunda metade dos anos cinquenta.

Mas, não terá sido estranho a toda esta movimentação o próprio interesse demonstrado por estas questões por parte dos principais membros da Casa Real portuguesa, na senda das acções mecenáticas de D. Fernando II (1816-1885), que, em virtude da sua formação germânica e romântica encontrava-se naturalmente sensibilizado para todas as temáticas relacionadas com a necessidade de preservar os monumentos históricos, ou seja, os resquícios materiais que, de alguma forma, salvaguardassem e propagassem a memória nacional. Esta premência encontrava-se conectada de forma estreita com a urgência de defender

<sup>5</sup> Sobre a influência do Brasil em Possidónio, vide Ana C. N. Martins, “O Brasil na Vida e Obra de Possidónio da Silva”, *Olisipo*, 2.ª série, n.º 14, Lisboa, C.M.L., 2001.

a nossa identidade cultural mediante o aprofundamento e alastramento do sentimento nacionalista em face dos conturbados momentos políticos que perigavam a nossa independência geográfica e mental, designadamente com o ressurgimento do *Iberismo*.

Mas, Possidónio retiraria outra ilação do relativo insucesso obtido com a publicação e venda do mencionado número da *Revista Pittoresca*. Possivelmente pela primeira vez de uma forma plenamente consciente, compreendeu a profunda necessidade que haveria em sensibilizar as populações locais para todo um conjunto de problemas conectados com a temática da salvaguarda do património histórico do nosso país. Concluiria, então, ser absolutamente urgente instruir as gentes da nossa interioridade – pelo menos as letradas –, no sentido de apreenderem uma série de conceitos que lhes permitissem ponderar sobre questões mais relevantes e profundas, como a própria premência da salvaguarda de todo um património edificado, nomeadamente do religioso, do medieval e do gótico. Percepcionando as dificuldades que um empreendimento desta envergadura implicaria, sobretudo se pretendesse efectuar-lo isolada e individualmente, e numa altura em que o movimento associativo se encontrava na ordem do dia, fruto de uma nova postura social decorrente da implementação do novo regime liberal, Possidónio conjugou todos os esforços no sentido de congregar em redor dos seus projectos alguns dos nomes nacionais mais conceituados na época, tanto ao nível social, como intelectual.

E, neste campo, os anos sessenta e setenta revelaram-se, sem dúvida, os mais profícuos de toda a sua longa carreira. Foi sobretudo durante estas duas décadas que, além de fundar a actual Associação dos Arqueólogos Portugueses, Possidónio se revelou um dos membros mais activos da *Comissão dos Monumentos Históricos*, do *Real Instituto Archeologico de Portugal*, bem como da *Comissão dos Monumentos Nacionaes*, cuja filosofia e estrutura manter-se-iam ao longo do século XX, embora com outras designações, e da qual foi presidente durante doze anos<sup>6</sup>.

## 2. A Divulgação da Importância da Conservação dos Monumentos Históricos

Foi no seio daquele que poderemos considerar como o seu projecto mais ambicioso e duradouro – a *Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses (RAACAP)* (1863) –, que Possidónio concretizou a maioria dos seus projectos tendentes a implementar e desenvolver o estudo, a divulgação e a preservação dos monumentos históricos nacionais, sobretudo dos medievais. Compreensivelmente baseando a sua estrutura interna e os seus principais objectivos em instituições estrangeiras similares, assim como no propósitos anteriormente delineados por outras associações portuguesas, como nos casos da já mencionada *Sociedade Conservadora dos Monumentos Nacionaes* (*vide supra*), e a malograda *Sociedade Archeologica Lusitana*<sup>7</sup>, e no seguimento de uma considerável faixa da nossa intelectualidade que reclamava a constituição de uma comissão que, à semelhança de exemplos estrangeiros, tivesse a seu cargo a inventariação, classificação, divulgação e salvaguarda do nosso património histórico<sup>8</sup>, chamou aos seus intuitos neste âmbito toda a sociedade civil realmente interessada em conjugar esforços no sentido de modificar um certo *status quo* então vivenciado entre nós no respeitante às questões de conservação do património memorial. Esta implementação revelava-se tanto mais urgente, uma vez que os poderes instituídos nem sempre se empenhavam de forma consistente na execução de tal desiderato, designadamente

<sup>6</sup> Sobre o seu envolvimento nestes três organismos oitocentistas, veja-se, Ana C. N. Martins, *Possidónio da Silva e a Memória Histórica. Um Percurso na Arqueologia Portuguesa de Oitocentos*. Texto Policopiado. Tese de Mestrado em Arte, Património e Restauro, Lisboa, F.L.U.L., 2000, e, sobretudo, para o seu segundo capítulo.

<sup>7</sup> Para um melhor conhecimento das actividades encetadas por esta instituição, vejam-se os seguintes trabalhos: Carlos Fabião, “Para a História da Arqueologia em Portugal”, *Penélope*, n.º 2, 1989, e, Id., “Percurso da Arqueologia Clássica em Portugal: da Sociedade Archeologica Lusitana (1849-1857) ao moderno projecto de Conimbriga (1964-1971)”, *La Cristalización del Pasado: Génesis y Desarrollo del Marco Institucional de la Arqueología en España*, Málaga, Universidad de Málaga, 1997, pp. 105-123. Sobre as relações estabelecidas entre a RAACAP e esta sociedade erudita, veja-se o 3.º capítulo de, Ana C. N. Martins, *Possidónio da Silva e a Memória Histórica...*

<sup>8</sup> Poucos anos antes, um dos consócios da RAACAP, Costa Cascaes, escrevera o seguinte nas páginas de um dos nossos mais conceituados periódicos: “Nomeie-se, que é tempo, uma comissão a que especialmente incumba a conservação artistica dos nossos monumentos; seja este o primeiro honroso passo, dado entre nós, para o desenvolvimento d’uma sciencia importante – a archeologia (...)” (Costa Cascaes, “Monumentos”, *Archivo Universal*, n.º 17, 1859, pp. 258-259).

na fiscalização da integridade física dos edifícios antigos e na preparação académica dos profissionais aos quais competiria projectar intervenções na área da sua conservação e restauro.

Côncio de todas estas realidades, Possidónio delineou um conjunto de actividades promovidas no seio da RAACAP com o intuito de divulgar os estudos de arquitectura medieval, nomeadamente da gótica, porque os menos analisados e valorizados. Foi com esse propósito que regeu uma série de prelecções públicas sobre o temário da História da Arquitectura desde os tempos mais recuados até sensivelmente ao século XVIII. De carácter inicialmente privado, estas palestras foram alargadas a um público mais vasto e ecléctico em virtude do crescente interesse que iam suscitando. Por si só, este facto demonstrava a credibilidade, o prestígio e a qualidade pedagógica do seu regente, Possidónio da Silva<sup>9</sup>. Estas lições públicas não deixariam, contudo, de se revestir de um carácter algo selectivo, uma vez que se continuaram a distribuir convites a personalidades que – acreditava-se –, poderiam garantir o seu êxito, em face do notório capital social e cultural que possuíam. Mas o que mais nos interessa no âmbito destes cursos é o facto de Possidónio ter concedido um especial destaque à História da Arte, em geral, e da Arquitectura da época medieval, muito especificamente, abordando a temática gótica logo no primeiro ciclo de prelecções, ou seja, em 1872. Na boa tradição de outros autores dedicados ao estudo aprofundado deste tema, sobretudo de investigadores franceses como Arcisse de Caumont (1802-1873) – um dos primeiros e mais relevantes divulgadores da Arte Medieval e dos estudos arqueológicos –, Alexandre Lenoir (1795-1816), e até mesmo Hippolyte Taine (1828-1893), Possidónio contextualizava o surgimento e evolução, por exemplo, da Arquitectura Medieval num quadro mais abrangente e explicativo das suas características estruturais e decorativas. Permaneceu, assim, sempre fiel a uma linha de investigação comum a estes investigadores, para quem a arquitectura encerrava em si própria o carácter do povo que a concebera e edificara. Estas particularidades formais tinham, por seu turno, sido “modeladas” pelo meio ambiente onde se encontravam inseridas essas comunidades, cujo génio artístico condicionava-se pela matéria prima ao seu dispor. Embora esta premissa nos pareça demasiado simplista e redutora, não podemos olvidar a suma importância que desempenhou na implementação definitiva da nova ciência arqueológica ao longo de oitocentos. Na verdade, foi sobretudo com base neste apriorismo que os estudiosos do passado concederam maior primazia à análise de todos os tipos de documentos, não privilegiando apenas os epigráficos e escritos, porquanto mais fieis e reflectores de certas realidades que, de outra forma, seriam imperceptíveis ou permaneceriam desconhecidas<sup>10</sup>.

Neste aspecto, atrever-nos-íamos a afirmar que Possidónio revelava nesta sua postura – como em muitas outras expressas ao longo da sua carreira –, um certo eclectismo de posições, ademais perfeitamente compreensível numa personalidade que foi embebendo um pouco de todos os postulados teórico-práticos desenvolvidos ao longo dessa fascinante centúria, que foi a de oitocentos. Com efeito, parece-nos que ao acentuar a relevância do estudo dos monumentos antigos como se de verdadeiros “livros” se tratassem, através de cuja leitura se poderia perceber o *modus vivendi e faciendi* dos seus autores e utilizadores, Possidónio ainda se encontrava um pouco arreigado ao denominado “primeiro romantismo”, valorizador do lado poético e literário dos monumentos e suas ruínas, ao mesmo tempo que já evidenciava uma nítida preocupação em conceder a esses mesmos vestígios materiais uma nova funcionalidade, de carácter vinicamente civilizador, reutilizando os seus espaços sempre que o seu *valor de utilização* primordial se tivesse perdido e descontextualizado<sup>11</sup>.

<sup>9</sup> A metodologia aplicada por Possidónio da Silva ao longo dos diversos cursos que ministrou sobre esta temática geral foi já alvo de um outro trabalho nosso, para o qual remetemos os interessados na matéria: Ana C. N. Martins, *Possidónio da Silva e a Memória Histórica...*, e designadamente o seu 2.º capítulo. Além disso, encontra-se em preparação um outro artigo da nossa autoria, onde pretendemos explicar de forma mais sistemática e aprofundada a sua vertente pedagógica ao nível dos cursos leccionados especificamente sobre História da Arte e da Arquitectura ao longo da sua vida.

<sup>10</sup> O culminar desta constatação dar-se-ia com diversas investigações e expedições arqueológicas empreendidas ao longo do século XIX, não apenas entre os rios Tigre e Eufrates como através do estudo dos vestígios da existência e actividade do Homem pré-histórico um pouco por toda a Europa.

<sup>11</sup> Discordamos, por isso, de algumas linhas de investigação que pretendem ver em Possidónio da Silva um propagador privilegiado da análise e utilização do monumento antigo, não tanto enquanto documento científico mas, antes de mais, como verdadeiro gerador de civilização, adaptando os seus espaços às novas necessidades contemporâneas, um pouco na linha ruskiana do conceito de *valor civilizacional* que poderiam – e deveriam –, assumir. No nosso entender, este arquitecto expressou bem a multiplicidade de conceitos então emergentes um pouco por toda a Europa no que concerne à conservação e restauro dos edi-

Não obstante o êxito e a popularidade alcançados com estes ciclos de palestras, Possidónio ter-se-á apercebido do seu carácter demasiado restrito para o plano que há muito ambicionava. Na realidade, teria de conceber outros meios para fazer chegar a sua mensagem aos mais diversos quadrantes da vida nacional, e nomeadamente de todos aqueles que, de uma forma ou outra, interviessem positivamente no estudo, divulgação e preservação dos monumentos edificados, sobretudo medievais. Foi assim que se deu início à publicação do órgão oficial da RAACAP, o *Boletim de Architectura e Archeologia (BAC)*. Além do conteúdo detalhado destas prelecções, seriam publicados nos seus diferentes números múltiplos artigos relacionados com estas mesmas temáticas, tanto da sua autoria, como de outros consócios nacionais credenciados para o efeito. Para além de um carácter mais generalista, estes artigos tiveram um outro mais específico, abordando-se o mesmo género de questões a um nível mais abrangente, fosse ele geográfico e/ou cronológico, ao mesmo tempo que se aprofundava o estudo dos monumentos medievais.

Embora esta sua iniciativa atingisse parte do seu intento inicial, divulgando de forma mais ampla os conhecimentos de Arquitectura e Arqueologia, transformando o *BAC* num verdadeiro fórum de discussão em redor destas duas áreas científicas, não alcançou plenamente tais desígnios. Tanto o seu custo final, como a demora e dificuldade com as quais alguns dos seus números chegavam a determinados pontos do país – sobretudo atendendo à precariedade e diminutos meios e vias de transporte e comunicação –, muitos dos seus potenciais assinantes não conseguiam adquiri-los. Foi pensando nesta situação e perspectivando a educação das novas gerações no âmbito de um outro espírito e de uma nova postura face à salvaguarda de todo o nosso património histórico, que ponderou algumas soluções que iriam, senão solucionar, pelo menos colmatar algumas falhas neste campo. Iniciando um ciclo de permutas do *BAC* com algumas instituições culturais do país, ofertou diversos dos seus números à maioria das bibliotecas públicas existentes em Portugal, a título meramente pessoal, suportando todas as despesas inerentes a este processo. Esta seria uma das formas encontradas para colocar à disposição dos leitores interessados os números do *BAC*, que, de outra forma, dificilmente poderiam adquiri-los em razão do seu elevado custo de venda ao público.

Entretanto, urgia solucionar outra questão. Com a realização das palestras e da publicação de inúmeros artigos sobre História da Arte e Arqueologia no *BAC*, concluiu-se que, mesmo ao público mais interessado e empenhado em aprender e apreender os seus conteúdos, faltavam muitas noções básicas (e basilares) para a sua completa compreensão. Além disso, existia um profundo hiato na linha editorial portuguesa no tocante a obras de maior envergadura sobre estudos de História da Arte e Arqueologia, que transmitissem aos seus leitores os conhecimentos fundamentais para o seu ulterior desenvolvimento de uma forma fundamentada. As obras que circulavam entre nós e integravam os fundos de algumas das nossas bibliotecas eram redigidas e publicadas no estrangeiro, quase sempre em língua francesa, cujo domínio ainda privilegiava uma minoria, embora comum no seio da nossa sociedade mais letrada.

Havia, pois, que ponderar sobre esta situação e reconsiderar algumas soluções. Foi então que Possidónio se empenhou na redacção de um verdadeiro compêndio à escala oitocentista, as *Noções Elementares de Archeologia*, publicado ainda nos anos setenta, e cujo conteúdo abrangia uma cronologia que ia desde a Pré-história até ao século XVIII. Esta obra foi amplamente elogiada, tanto entre nós como além fronteiras, constituindo, na verdade, durante largos anos, a única do género a circular no nosso território, não obstante a existência de um outro livro, da autoria de Augusto Filipe Simões (1835-1884), a *Introdução à Arqueologia da Península Ibérica*<sup>12</sup>, versando sobre a mesma temática, embora de uma forma menos aprofundada e restrita do ponto de vista cronológico. Tal como sucedera com alguns números do *BAC*, Possidónio ofertou diversos exemplares desta sua obra, não apenas a bibliotecas públicas portuguesas, como a várias escolas do nosso país, enquanto oferecia outros a entidades individuais e colectivas, nacionais e estrangeiras, por forma a divulgá-la mais amplamente e obter mais assinaturas. O êxito alcançado com este seu compêndio assumiria tal envergadura que algumas personalidades europeias mostraram-se interessadas em traduzi-lo para as suas línguas nacionais<sup>13</sup>.

fícios antigos, assumindo-se como exemplo paradigmático do intelectual do século XIX que, numa atitude assumidamente ecuménica, foi assimilando diferentes postulados, sincretizando, por vezes na mesma obra, diversas teorias, fruto desse verdadeiro século do “devir” humano, de autêntica charneira, quando todas as hipóteses se formulavam e pareciam fazer algum sentido, circunstancialmente que fosse.

<sup>12</sup> Augusto F. Simões, *Introdução à Arqueologia da Península Ibérica*, Lisboa, Typographia Lallemand Frères, 1877.

<sup>13</sup> Sobre este assunto, veja-se, Ana C. N. Martins, *Possidónio da Silva e a Memória...*, e, nomeadamente, o seu segundo capítulo.

Mas, esta não foi a única obra de maior fôlego e de carácter compendial que redigiu. Consciente do facto irrefutável de que parte significativa dos nossos monumentos religiosos se encontravam sob responsabilidade das respectivas juntas paroquiais, concedeu uma particular atenção à propagação dos conhecimentos concernentes à História da Arte e Arqueologia junto dos prelados portugueses. Esta questão tornava-se tanto mais urgente, porquanto, fosse em face de uma completa ausência de conhecimentos nestes dois campos, ou de uma postura algo licenciosa, arbitrária e até mesmo prepotente, a maioria dos templos eram com frequência vilipendiados, alterando-se de modo absolutamente desrespeitoso a sua concepção original.

Poderíamos enumerar alguns exemplos ilustrativos desta realidade, que de forma tão veemente foi criticada por Possidónio como, ademais, por grande parte da nossa intelectualidade da época. Remetemos, contudo, os nossos leitores para um dos nossos trabalhos, onde estas questões foram abordadas de uma forma mais exaustiva e aprofundada<sup>14</sup>. Podemos, no entanto, referir que, de um modo genérico, a maioria das críticas aventadas sobre o tipo de intervenção arquitectónica efectuado sob auspícios desses prelados decorria, na sua essência, da uma determinada postura teórico-prática referente à conservação e restauro dos monumentos históricos. Obtendo a sua formação académica na *École des Beaux-Arts*, era compreensível que Possidónio fosse influenciado por alguns postulados elaborados por arquitectos franceses no respeitante às intervenções arquitectónicas em monumentos históricos. Na verdade, França e, muito especialmente, a sua capital, constituíam um terreno privilegiadíssimo para a prática dessas mesmas teorias, uma vez que o seu território fora um dos mais atingidos com todas as profundas mutações político-sociais decorrentes de 1789, e que de forma tão irreversível marcariam a nossa contemporaneidade. Passadas que estavam as primeiras décadas de euforia popular, de conquistas territoriais e legislativas, havia que salvar tudo o que garantisse a ligação e a perpetuidade entre as gerações anteriores, as presentes e as futuras, como forma e símbolo de união interna, imprescindível à preservação da integridade geográfico-político-cultural do país.

Foi durante estas autênticas campanhas de restauro – mais do que de conservação –, de edifícios religiosos e civis entrementes destruídos ou vandalizados pelas hostes militares e populares, que alguns arquitectos assumiram um papel destacado ao introduzirem determinadas teorias e práticas que acabariam por ser seguidas noutros países. E, neste quadro, o nome que alcançou maior estatuto e projecção internacional foi, sem dúvida, o de E. Viollet-le-Duc (1814-1879), conceptualista da denominada *unidade de estilo*, ou seja, da restituição do monumento a intervencionar em caso de conservação e/ou restauro à sua traça primitiva. Esta posição implicava, por isso, a sua depuração de todos os elementos construídos, adossados ou associados posteriormente à sua construção inicial, tanto ao nível estrutural como decorativo. Mas, para concretizar tal projecto havia que proceder a todo um trabalho prévio de investigação, que, nalguns casos, poderia revelar-se bastante moroso e até mesmo inglório (como demonstrou Possidónio durante a concepção do projecto de restauro da Igreja do Mosteiro dos Jerónimos)<sup>15</sup>, embora preconizando a teoria do *restauro histórico* desenvolvida pelo italiano Luca Beltrami (1854-1939), para quem, ao contrário de Viollet-le-Duc, dever-se-ia abordar cada monumento a intervencionar como unidade única, com vida própria e muito específica, e não como fazendo parte integrante, quase orgânica, do estilo a que seria atribuído.

Assim, naquele que Possidónio designaria de *restauro archeologico* – uma adaptação livre da designação violletiniana – tornava-se necessário conhecer o mais detalhadamente possível o historial do monumento, analisando atentamente as suas plantas originais, no caso de existirem. Caso contrário, procedia-se a um profundo estudo arquitectónico do edifício a intervencionar, efectuando o seu levantamento planimétrico. Além disso, analisava-se o monumento de uma forma holística, estudando-se o seu património integrado do ponto de vista da História da Arte, de molde a registar os elementos decorativos que lhe tinham sido associados no início. Restando do monumento pouco mais do que os seus alicerces, haveria que estudá-los, procurando-se material gráfico e descritivo incluído nos mais diversos arquivos, e que, no seu conjunto, ilustrassem partes ou o seu todo num permanente exercício comparativo, nomeadamente com os vestígios ainda existentes. Terá sido por isso que Possidónio considerou mais pertinente aplicar-se a designação de *restauro archeologico* do que a de *unidade de estilo*, em virtude do tipo de preparação prévia que

---

<sup>14</sup> *Ibid.*

<sup>15</sup> *Ibid.*

era necessário concretizar antes de intervir directamente no monumento. Além disso, encontrávamo-nos numa época em que as fronteiras entre os estudos artísticos e arqueológicos ainda não tinham sido definidas, complementando-se de modo indissociável<sup>16</sup>.

Não pensemos, no entanto, que, à semelhança de outros seguidores da prática violletianiana, Possidónio considerava absolutamente incontornável depurar os monumentos históricos de todos os elementos posteriores à época da sua construção primitiva. Na realidade, mostrou-se com alguma frequência contrário a tal prática, porquanto considerados parte integrante da sua memória e história, que se deveria respeitar, porque evocativos de momentos chave da própria História do país. No fundo, eram esses mesmos elementos que vivificavam os monumentos ao revelarem as vivências quotidianas, para as quais, no fundo, tinham sido concebidos e concretizados. Com efeito, considerava a pertinência e exclusividade do estudo da traça primitiva do monumento apenas em situação de restauro, ou seja, quando se procedesse à *restauração* de sua parte ou do todo, em consequência de uma qualquer devastação. Seriam praticamente inexistentes os casos para os quais sugeriria uma intervenção semelhante em monumentos que carecessem unicamente de obras de conservação. Mas, mesmo para os casos de intervenções de conservação, considerava indispensável respeitar o monumento, ou seja, impedir o adossamento, o apartamento ou modificação de algumas das suas partes constituintes, numa época em que os estudos artísticos e arqueológicos bem como os preceitos de salvaguarda dos monumentos históricos eram paulatina e crescentemente aprofundados e difundidos.

E era precisamente neste sentido que se insurgia contra as práticas comumente realizadas por uma larga faixa da população eclesiástica. Na verdade, registou algumas delas realizadas nos templos um pouco por todo o nosso território durante os périplos que efectuou, fosse a título meramente pessoal, como no decurso de missões oficiais, nomeadamente enquanto presidente da *RAACAP* e da *Comissão dos Monumentos Nacionaes*. Comentaremos apenas que uma delas se resumia ao envernizamento ou caição de partes ou de todos os alçados dos monumentos à sua responsabilidade, mesmo que tal resolução implicasse a ocultação de frescos e baixos-relevos. Além de desrespeitar o templo, este encobrimento comprometia a sua leitura de conjunto e a sua lógica interna, acarretando uma perda indiscutível para a História da Arte ao impossibilitar a sua verdadeira e futura percepção, responsável, em última análise, pela elaboração pontual de teorias menos correctas. Para além disso, considerava a prática do envernizamento incorrecta em termos de conservação das cantarias, revelando-se um dos temas centrais das suas preocupações ao nível deste tipo de intervenção arquitectónica<sup>17</sup>.

Não obstante criticar acerrimamente este tipo de práticas, pelas quais responsabilizava directamente o sacerdócio, bem como a contratação de pessoas menos entendidas no assunto, fossem mestres pedreiros ou arquitectos com pouca ou nenhuma formação ao nível da História da Arquitectura, e sobretudo da medieval, Possidónio não deixaria de sublinhar os existentes exemplos meritórios. Fosse por sua iniciativa própria, solicitando apoio junto das entidades competentes para o efeito, ou acatando sugestões e conselhos de personalidades entendidas no assunto – como aconteceria consigo –, tais posturas sacerdotais mereceriam todo o seu apoio e encorajamento. Mas, acreditava que a maioria das mais gravosas decisões tomadas neste âmbito não resultava de um atitude plenamente conscienciosa. Pelo contrário, entendia que, antes de mais, decorriam de um evidente desconhecimento acerca dos preceitos que deveriam reger essas, como todas as outras, intervenções que implicassem a salvaguarda dos monumentos históricos.

Por conseguinte, projectou a redacção de um compêndio verdadeiramente vocacionado para a classe eclesiástica, embora pudesse ser estudado por outros interessados na matéria. Intitulada *Resumo de Archeologia Christã*, abordava, de uma forma bastante profunda, pormenorizada e numa perspectiva diacrónica, todos os itens relacionados com o património edificado, móvel e integrado, concebido e constituído ao longo da História do Cristianismo. Editado num único volume, publicou-o também de forma faseada, por capítulos, ao longo de diversos números do *BAC*. Atendendo às dificuldades monetárias surgidas com a sua obra anterior, *Noções Elementares de Archeologia* (vide supra), considerou esta opção como forma de fazer chegar mais facilmente o seu novo livro a todos os potenciais compradores. Este alcance permaneceria ao seu dispor, não apenas mediante a aquisição dos seus números dispersos, como através da sua

<sup>16</sup> *Ibid.*

<sup>17</sup> *Idem.*

consulta nas bibliotecas públicas com as quais a RAACAP mantinha uma permuta editorial, ou mediante a sua oferta por parte de Possidónio.

Apesar desta iniciativa, Possidónio tinha perfeita consciência de que ela não obteria os resultados que há tanto almejava se não fosse articulada com uma série de outras, tão ou mais importantes, mas sem dúvida indispensáveis para a formação do sacerdócio no âmbito das teorias e práticas da conservação e restauro dos monumentos históricos, de um modo geral, e dos edifícios à sua guarda, muito especificamente. Ponderando sobre esta questão, defendeu a implementação, no nosso território, de uma prática há muito difundida noutros países, nomeadamente em França. Falamos, em concreto, da instauração de cadeiras de Arqueologia nos Seminários. Somente desta forma considerava possível instruir a nova geração de prelados neste espírito de conhecimentos, perspectivando assim a efectiva salvaguarda dos edifícios religiosos, pelo menos a médio prazo. Contudo, a designação desta cadeira implicava um estudo mais abrangente, muito para além da análise dos diversos estilos artísticos surgidos ao longo dos séculos em território europeu e, em concreto, entre nós. Com efeito, a aquisição de conhecimentos arqueológicos, incluindo os pré-históricos, revelavam-se, no seu entender, essenciais para o estudo, divulgação e preservação de todas as categorias e tipologias de monumentos históricos. Sendo os sacerdotes das personalidades mais prestigiadas no seio das comunidades do nosso interior, eles poderiam contribuir para o registo e salvaguarda dos artefactos arqueológicos, móveis e/ou imóveis através de inquéritos, prospecções e da sensibilização directa das populações locais, dando conhecimento das descobertas às entidades competentes, oficiais e/ou particulares.

Os prelados poderiam, assim, incluir as crescentes hostes da rede de sócios correspondentes incrementada pela RAACAP desde a sua fundação, com base na qual se basearia a própria *Comissão dos Monumentos Nacionaes*, inventariando, estudando e salvaguardando o nosso património histórico.

### 3. A Ruínas da Igreja do Carmo (Lisboa)

Uma das questões primordialmente discutidas pelos sócios fundadores da RAACAP teve directamente a ver com a procura de uma sede para as suas actividades. Há algum tempo que Possidónio cogitava sobre a aquisição de um edifício para seu uso exclusivo. Conjugaria, por isso, os esforços dos seus consócios nesse sentido, ao mesmo tempo que dirigia um ofício ao Governo, solicitando-lhe a aquisição do edifício arruinado da antiga igreja do Carmo, em Lisboa. Mas, o principal intuito destas movimentações não se circunscrevia às necessidades inerentes às reuniões associativas. Antes de mais, tornava-se imprescindível obter o edifício para depósito dos objectos que iam dando entrada no futuro *Museu Archeologico do Carmo (MAC)*, pertença da RAACAP, o primeiro instituído no nosso país a perdurar até aos nossos dias<sup>18</sup>.

Mas, esta não era a primeira vez que as ruínas deste templo constituíam alvo de interesse para uma utilização semelhante. Com efeito, já Alexandre Herculano tinha veiculado a ideia de transformar este mesmo espaço num depósito de *antiguidades artisticas* nacionais, bem como em sede da *Sociedade Conservadora dos Monumentos Nacionaes*, constituída por diversas personalidades nacionais em 1840<sup>19</sup>. Três anos antes este mesmo intelectual já tinha demonstrado todo o seu interesse por estas verdadeiras ruínas

<sup>18</sup> É claro que antes do MAC ocorreram diversas tentativas de inaugurar outros espaços museológicos, tanto ao nível privativo, como particular, institucional e associativo, de entre os quais destacaremos os museus formados sob os auspícios do conhecimento Frei Manuel do Cenáculo (1724-1814), em Beja e Évora entre finais do século XVIII e princípios do XIX, além do Museu Allen, no Porto, em 1852. Contudo, não constitui este o espaço propício à análise desta questão, que remetemos para outras ocasiões. Entretanto, sobre o desenvolvimento interno, em termos museológicos e museográficos, do MAC desde a sua fundação, em 1864, vejam-se os seguintes trabalhos: Ana Cristina N. Martins, "O Museu Arqueológico do Carmo: o Elogio da Memória", *Catálogo do Museu Arqueológico do Carmo*, AAP/Ed. Colibri, 2002 (No prelo); Id., "O Museu Archeologico do Carmo e a Descentralização Cultural no Século XIX", *O Arqueólogo Português*, Lisboa, s. 4, vol. 17 (1999) (Actas do 1.º Encontro Nacional de Museus com Coleções de Arqueologia), Lisboa, M.N.A., 2001; Id., "Perspectivas Antropológicas no Museu Archeologico do Carmo" *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, n.º 55, Porto, S.P.A.E., 2001., Id., "The Universal Exhibition of 1867 and the beginnings of collecting oriental artefacts in Portugal: the Museum of the Portuguese Association of Archaeologists", *Abstract Book of the Third International Congress on the Archaeology of the Ancient Near West*, ICAA-NE, Paris, 2002 (No prelo).

<sup>19</sup> Alexandre Herculano, "Conservação dos Monumentos Nacionaes", *O Panorama*, vol. 4, n.º 165, 1 de Junho, 1840.

*pitorescas*, evidenciando a sua intenção de conceder-lhes um outro *valor*, para além do *histórico* e *científico*, ou seja, um novo *valor de utilização*, num autêntico exercício de exaltação da sua estrutura gótica<sup>20</sup>. Seria no contexto dos seus múltiplos “brados” a favor da preservação dos nossos monumentos históricos, que fez acompanhar este seu artigo de uma gravura do interior da igreja do Carmo<sup>21</sup>, com as suas naves completamente entulhadas de detritos e votadas ao mais inglório esquecimento<sup>22</sup>. (Fig. 1) E, pensamos não ter sido por completo alheio a todo este movimento protagonizado por si a publicação de uma outra gravura ilustrando o seu interior desejavelmente desentulhado<sup>23</sup>. (Fig. 2) Contudo, esta sua importante e ambicionada iniciativa não vingou, sendo posteriormente reaproveitada por Possidónio numa conjuntura nacional mais favorável à sua concretização, enquanto fazia accionar todo um capital social que tinha sabido angariar entretanto.

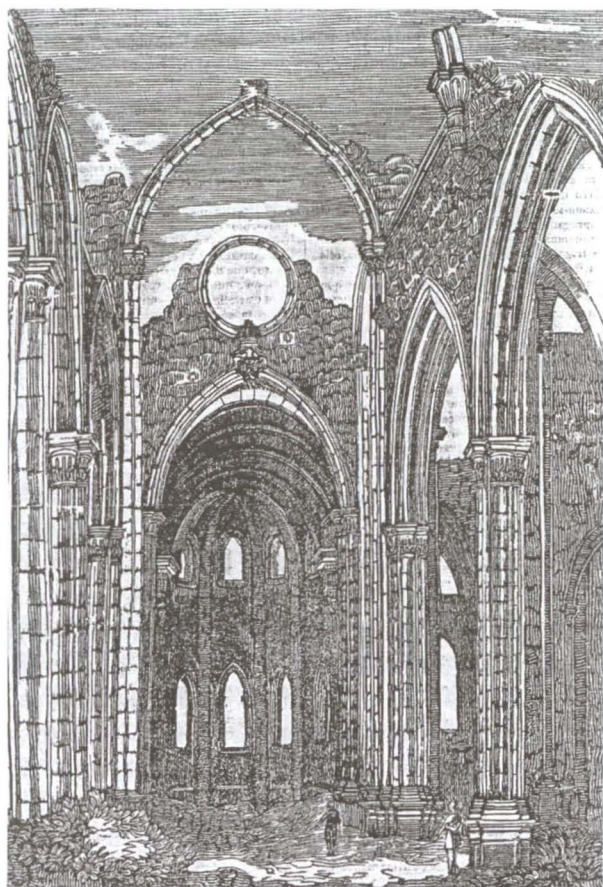


Fig. 1

Interior da igreja do Carmo, antes da retirada do entulho  
*O Panorama*, n.º 1, 6 de Maio, 1837, p. 2

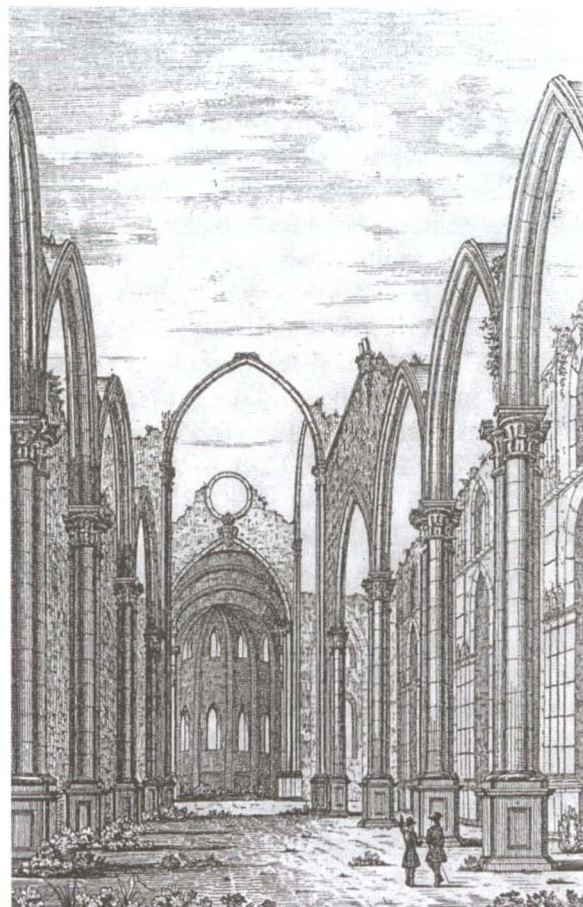


Fig. 2

Interior idealizado da igreja do Carmo  
*Universo Pittoresco*, vol. II, 1841-1842, p. 304.

Mas, apesar destas justificações de índole mais prática, pensamos que a escolha de Possidónio recaiu sobre este edifício atendendo à sua forte carga simbólica. Vivia-se então um romantismo “tardio” no seio da nossa intelectualidade. Na senda de J.-J. Rousseau (1712-1778), a Europa passara a admirar a eloquência das ruínas, ao revivificarem uma profunda melancolia e nostalgia, reflexão e introspecção, valorizadoras do

<sup>20</sup> Id., “A Arquitectura Gothica da Igreja do Carmo em Lisboa”, *O Panorama*, n.º 1, 6 de Maio, 1837, pp. 2-4.

<sup>21</sup> Id., “Os Monumentos (I)”, *O Panorama*, n.º 69, vol. II, 1838, pp. 266-268; Id., “Os Monumentos (II)”, *O Panorama*, n.º 70, vol. II, 1838, pp. 275-277; Id., “Mais um Brado a favor dos Monumentos (I)”, *O Panorama*, n.º 93, vol. III, 1839, pp. 43-54; Id., “Mais um Brado a favor dos Monumentos (II)”, *O Panorama*, n.º 93, vol. III, 1839, pp. 50-52.

<sup>22</sup> Alexandre Herculano, “Conservação dos Monumentos Nacionaes”.

<sup>23</sup> “A Igreja do Convento de Nossa Senhora do Carmo”, *Universo Pittoresco*, vol. II, 1841-1842, p. 304.

“Eu” romântico individual e individualista, verdadeiro cerne do progresso oitocentista. Conjuntamente à paisagem bucólica, a ruína transformara-se num local dilecto de contemplação e inspiração interior e exterior<sup>24</sup>. As reflexões suscitadas pelas ruínas – reais ou falsas –, no homem romântico, relacionavam-se de igual modo com a consciencialização da mortalidade, perenidade e carácter efémero do indivíduo, das sociedades e das próprias civilizações. E, esta percepção questionava, não somente a ideia de progresso e evolução da Humanidade, como a própria essência humana<sup>25</sup>. Ao mesmo tempo que transmitia a consciência do tempo histórico, a ruína inculcava uma desusada, mas evidente, sensação de carácter de irreversibilidade do declínio civilizacional, a par do desenvolvimento de uma certa nostalgia por um passado inatingível, mas glorioso, que urgia recriar, conservar e, por vezes mesmo, idolatrar<sup>26</sup>.

À semelhança do que sucedera com o *Musée des Monuments Historiques*, de Alexandre Lenoir (1795-1816), Possidónio pretenderia utilizar este espaço como se de um verdadeiro cenário se tratasse, ao mesmo tempo que de contextualização histórica, ambiental e virtual para as antiguidades que pretendia albergar no seu interior<sup>27</sup>.

Como constataremos ao longo do presente artigo, a aquisição das ruínas desta igreja constituiu, muito provavelmente, a única forma de impedir a sua total degradação. Revelou-se, assim, uma demonstração bastante evidente e pública da parte da RAACAP, no sentido de se conservar os monumentos históricos edificadas. Tal como Alexandre Lenoir procedera em relação ao edifício do antigo convento dos *Petits-Augustins*, também Possidónio pretendia salvar a igreja do Carmo da sua total ruína. Além destas circunstâncias, não devemos subestimar o facto da sua aquisição ter sido viável unicamente num quadro de nacionalização dos bens das ordens monásticas, tal como acontecera em terras francesas e espanholas.

Entretanto, verificara-se que as obras realizadas até então de forma pontual em diversas zonas da igreja do Carmo tinham-se arrastado, possivelmente na sequência da descontinuidade da concessão dos subsídios imprescindíveis ao seu prosseguimento, para não referir a residual questão da evidente exiguidade espacial atendendo aos propósitos e necessidades inerentes a um museu que crescia quase diariamente. Foi por isso que, logo no ano em que a futura RAACAP obteve o templo, em 1864 (Doc. 1), Possidónio tudo fez no sentido de que à Associação fosse concedido o espaço onde funcionara, desde 1837, a Aula da Instrução Primária no espaço conventual, pelo facto da mesma se encontrar “(...) desocupada, para alli serem collocadas as amostras de materiaes, por não haver espaço na casa da associação, e o publico poder alli mais facilmente examinar os diferentes materiaes que há em Portugal”<sup>28</sup>. Esta solicitação não deverá surpreender, uma vez que o interior do templo não oferecia quaisquer condições para albergar as referidas peças, nem tão pouco abrir as suas portas aos possíveis visitantes, sobretudo devido ao entulho e detritos acumulados, resultantes das actividades da oficina de serração de madeira, à qual tinham sido alugadas as naves em 1835. Por outro lado, tinha sido de início cedido à RAACAP apenas a área compreendida entre o portal principal e o cruzeiro, dividindo-se esta última zona com tapumes de madeira, uma vez que o espaço referente ao cruzeiro, transepto, capela-mor e absídiolos continuavam a servir de estrumeira ao Quartel General da Guarda Municipal, instalado no convento desde 1845, e que a associação obteve volvido que estava um ano, em 1865<sup>29</sup>. A falta de condições era tão notória, que somente com a obtenção da totalidade do templo a Associação pôde deixar as suas antigas instalações, no Grémio Popular, para se reunir, pela primeira vez, a 13 de Julho desse mesmo ano, no seio destas vetustas ruínas, solicitando-se superiormente a realização de obras de melhoramento no seu interior, por forma a melhor adaptá-lo às necessidades associativas, das quais ressaltavam as museológicas:

1.º Que as obras que se devião fazer eram as seguintes; soalhar com estrados as duas capellas contiguas a Capella Mór pelo lado do Sul aterrando-as primeiro afim de ficar o solho ao nivel da parte superior dos socos das columnas que existem nas paredes lateraes das mesmas; assentar caixilhos com vidros nas janellas que distão para o lado do Rocio; fechar com tapumes de madeira as fretas das mesmas, deixando em cada

<sup>24</sup> T. Griffiths, *Hunters and Collectors*, Cambridge, Cambridge University Press, 1996, p. 103.

<sup>25</sup> Bruce C. Trigger, *Historia del Pensamiento Arqueológico*, Madrid, Ediciones Alkal, 1992, pp. 71-72.

<sup>26</sup> Roland Mortier, *La Poétique des Ruines en France*, Genève/Librairie Droz, 1974, p. 15.

<sup>27</sup> Anne-Marie Laurens, Krsysztof Pomian, *L'Anticomanie*, Paris, E.H.E.E.S., 1987, p. 60, 157.

<sup>28</sup> “Synopse do primeiro trimestres de 1864”, *Archivo de Arquitectura Civil*, Lisboa, 1.ª série, n.º 7, 1866.

<sup>29</sup> AH/AAP, *Correspondência Recebida (1864-1872)*, Cx. 4. 03/05/1865. Inédito.

uma duas janellas bem altas e uma porta; lavar a cantaria dos tectos e das paredes, desmanchar o rebouco q. existe em algumas partes p.<sup>a</sup> q. tudo fique igual dentro das ditas capellas; abrir a porta da nave cruzeira que deita p.<sup>a</sup> o lado contra a Igreja e o edificio do Clube, e assentar-lhe uma porta de madeira e assim como uma outra no vão entre as duas capellas, e pintar os caixilhos e tapumes<sup>30</sup>.

Além de bastante morosas (duraram quase dois anos), as obras efectuadas nos absídiolos do lado da Epístola não mereceram total aprovação por parte dos consócios. Com efeito, em 1867, propunha-se que se “(...) exigisse do Collega encarregado pela Intendencia das Obras Publicas de executar as obras no edificio da Associação, que não adaptasse no tapume do arco da Capela-Mor os detalhes pretenciosos que existem nos tapumes das outras capellas, no que todos concordaram”<sup>31</sup>. Este trecho parece-nos assaz importante, uma vez que as teorias desenvolvidas pelo italiano Camillo Boito (1836-1914), no respeitante à necessidade de se diferenciar as estruturas restauradas do edificio original ainda estavam longe de ser conhecidas pelo público europeu. Por conseguinte, consideramos que a crítica dirigida aos responsáveis pela colocação de tapumes de madeira nos absídiolos, formalmente evocativos dos vitrais góticos, e a opção por um tapume bastante descomprometido e de linhas escuras e simples para a capela-mor, não demonstram só uma evidente sensibilidade e respeito para com o *valor histórico e artístico* do monumento, sublinhando-se o seu *valor de memória* e de *antiguidade* plasmados na nova utilização contemporânea do seu interior. Com efeito, esta postura evidencia um implícito contraponto à linha conceptual então ainda predominante no seio do Ministério das Obras Públicas, numa eterna dicotomia ente arquitectos civis e engenheiros militares.

Realçando, uma vez mais, a urgência de melhorar as condições (in) existentes, tendo em vista a exposição dos diversos objectos pertencentes ao museu associativo, Possidónio da Silva propôs que se instasse junto de D. Fernando II para que o mesmo *Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria*, retirasse do,

orçamento annual para a conservação dos monumentos publicos (...) [uma determinada parcela] para abrigar convenientemente a parte da antiga Igreja do Carmo aonde a Associação estabelecera a sua séde (...) não só com o fim de preservar da acção do tempo aquellas ruinas, restos venerandos de um monumento mandado levantar por um dos maiores vultos da nossa historia, mas tão bem no intuito de evitar a deterioração dos objectos archeologicos alli depositados<sup>32</sup>.

Ao mesmo tempo que se requeriam estas obras fundamentais para a boa persecução das actividades associativas, os associados ponderaram sobre os mais correctos métodos e metodologias a seguir de molde a garantir a conservação do edificio, especialmente relevantes ao nível da cobertura das capellas absidais. No seu conjunto, estas cogitações revelaram-se de suma importância, uma vez que a sua análise evidenciava uma nítida preocupação no tocante à criteriosa selecção das técnicas e materiais que melhor se coadunassem à conservação e restauro pretendidos. Foi na sequência destas discussões internas que os membros associativos se decidiram pela utilização exclusiva de cantaria, de modo a garantir maior estabilidade ao monumento sem recorrer à madeira e ao ferro, devido às inconveniências da decomposição do primeiro e da oxidação do último. Entrementes, Possidónio propôs que se solicitasse o devido apoio governamental para a conservação da cobertura das capellas mediante a aplicação de alcatrão, por forma a isolá-las mais eficazmente e impedir futuras infiltrações das águas pluviais. Porém, tal concessão seria obtida somente após frequentes e incisivas insistências efectuadas junto do Ministério das Obras Públicas.

Ao mesmo tempo que a RAACAP solicitava a realização de obras na igreja, adaptando o seu interior às actividades que pretendiam encetar, nomeadamente ao nível do MAC, os consócios não as dissociavam de um marcado espírito de salvaguarda do monumento, determinativo do perfil agremiativo. Velariam de igual modo para que a igreja retomasse, tanto quanto possível, o seu aspecto primitivo, numa lógica de adopção da *unidade de estilo*, ou até mesmo do denominado *restauro archeologico*. Elaborou-se, nesse espírito, um projecto para rebaixar a cota do terreno envolvente, essencial para obtenção de uma visibili-

<sup>30</sup> Id., *Idem*, Cx. 3. 03/05/1865. Inédito.

<sup>31</sup> Id., *Actas do Conselho Facultativo*, Cx. 103, 12/12/1867. Inédito. Em 1871, todas as capellas já deveriam estar tapunadas, como se pode inferir do seguinte extracto: “Propos o Snr. Presidente que se mandasse pintar os tapumes de madeira que fecham as capellas da Igreja do Carmo, que occupa a Associação, por já estarem necessitadas de serem recobertas de tintas.” (Id., *Idem*, Cx. 3, 20/04/1871, 1871. Inédito)

<sup>32</sup> Id., *Correspondência (1864-1888)*, Cx. 15, 07/04/1868. Inédito.

dade integral e fiável do monumento, e sobretudo do seu portal principal, permitindo, assim, a verdadeira acepção da iconografia dos seus colunelos, enquanto se ponderava a obtenção do corredor lateral direito, como forma de “desafogar” o edifício, concedendo-lhe uma mais ampla leitura (Docs. 2-4), numa linha, uma vez mais, ruskiana. Contudo, avançaram oficialmente com tal pretensão apenas em 1878, por ter passado apenas um ano sobre a retirada do entulho existente nas naves da igreja – cobrindo por completo os 14 degraus existentes na entrada interior do templo –, sem o que se tornaria difícil proceder a qualquer intervenção similar. Obtendo a necessária permissão logo em Janeiro do ano seguinte, a RAACAP encomendou o material pétreo indispensável à concretização da obra, ou seja, para a construção da escadaria de acesso à igreja do Carmo, tanto do lado do adro como das naves, cuja passagem era efectuada até 1879 através de uma rampa colocada provisoriamente. Parece, no entanto, que estas obras não terão sido conduzidas com o cuidado exigido, uma vez que foi mutilada uma inscrição durante a colocação lateral de um gradeamento de ferro do lado do adro, embora prontamente restaurada a pedido expresso da RAACAP.

Não obstante a defesa da implementação da *unidade de estilo* – o *restauro archeologico* possidoniano – nas intervenções de conservação e restauro dos monumentos históricos, Possidónio não se assumia de forma irredutível neste âmbito, como já deixámos transparecer ao longo deste artigo. Se considerava imprescindível o respeito pela historicidade do monumento, pelo seu *valor histórico* e *valor artístico*<sup>33</sup>, consciencializava de igual modo a quase impossibilidade de conceder a um edifício histórico restaurado a traça primitiva na sua globalidade, uma vez que o seu verdadeiro espírito nunca seria igual. Além disso, qualquer intervenção similar nunca deixaria de constituir um anacronismo, porque descontextualizado. Ao invés, considerava preferível entregar os monumentos à acção dos agentes naturais de alteração e alterabilidade, a reinventar a realidade preexistente sempre que esta não fosse alcançada na sua plenitude. Quase poderíamos afirmar que, com esta postura, se aproximava mais da posição desde sempre assumida pelo romântico inglês, John Ruskin (1819-1900), embora, talvez, de forma inconsciente.

Ainda nesta linha de pensamento de cariz positivista, Possidónio equacionava a utilização de materiais de construção divergentes dos originais nos projectos de restauro de um monumento em avançado estado de degradação. A única exigência que, neste caso, se imporia aos arquitectos seria a da perfeita legibilidade desse tipo de intervenção, devendo ser visível e facilmente identificável por parte do público. Também ponderava este género de intervenção no caso de se optar pela cobertura de um espaço arruinado, quando o seu *restauro archeologico* não fosse financeiramente comportável. Neste aspecto, aproximava-se de forma notória de alguns dos principais postulados formulados pelo já mencionado teórico do restauro de monumentos históricos, Camillo Boito (*vide supra*), no seguimento do inglês William Morris (1834-1896), fundador da *Society for the Protection of Ancient Buildings*, em 1877, no seio da qual preconizaria o fundamento da visibilidade do restauro efectuado. Estas teorias já eram discutidas publicamente nos anos oitenta do século XIX durante os Congressos Internacionais dos Arquitectos realizados em território italiano, cujos conteúdos eram do conhecimento dos membros da RAACAP, chegando-se a publicar as suas resenhas no *BAC*.

Esta abertura às novas tecnologias e mais recentes conjecturas teórico-práticas dos procedimentos então debatidos, aplicados e adaptados um pouco por toda a Europa ao nível da conservação e restauro dos monumentos históricos, revelou-se bem evidente quando a possibilidade de restaurar o edifício da igreja do Carmo se transformou num dos temas centrais das reuniões associativas. Não obstante, esta questão seria apenas discutida no seio da RAACAP a partir de meados dos anos setenta, embora a ideia já tivesse sido formulada alguns anos antes, logo após a aquisição do templo para sede associativa.

Com efeito, contrariamente a uma determinada ideia divulgada na nossa historiografia, Possidónio nunca terá verdadeiramente considerado o espaço da igreja arruinada do Carmo adequado a uma vivência museológica, isto é, à exposição metodológica e à conservação dos artefactos dispostos no seu interior. Com efeito, desde cedo considerou não possuir quaisquer bases requeridas para a devida implantação de um museu no seu seio. Ademais, conhecia bem alguns dos principais museus europeus, sobretudo franceses e italianos, e decerto se inteirara das veementes críticas dirigidas à formalidade do espaço dos *Petits-Augustins*, de Alexandre Lenoir, onde algumas das peças se expunham nos seus jardins, por vezes de forma aleatória, no que concerne à sua atribuição cronológica, sujeitas aos efeitos das intempéries.

<sup>33</sup> Aloïs Riegl, *Le Culte Moderne des Monuments*, Paris, Seuil/Espacements, 1993.

Além de um notável esforço de salvaguarda de um monumento tão importante, não apenas do ponto de vista histórico-artístico, como do simbólico, a aquisição desta igreja constituía, no seu entender, uma solução meramente transitória para uma situação que parecia não encontrar resolução breve e definitiva. Segundo sua convicção, expressa ainda em 1875, a constituição deste núcleo museológico associativo tinha sido realizado,

mais com o intuito de salvar do vandalismo os objectos d'arte antiga que se achavam espalhados pelo reino, do que com a ambição de possuir uma completa collecção archeologica, para o que seria mister dispôr de grandes recursos, assim como de espaço conveniente para elles se agruparem por epochas, e ficarem tambem resguardados dos rigores das estações<sup>34</sup>.

Com efeito, Possidónio apresentou um *Project pour la Construction d'un Musée des Beaux Arts e d'Antiquités pour la Ville de Lisbonne*, durante a Exposição Universal de Viena de Áustria, em 1873<sup>35</sup>. Esta proposta pressupunha a construção de um edifício especificamente vocacionado para a utilização museológica, onde o r/chão albergaria as colecções arqueológicas, enquanto o primeiro piso serviria para realizar exposições permanentes e temporárias de Belas-Artes. Apesar de obter a melhor recepção no seio dos seus pares internacionais, ao mesmo tempo que concedia à nossa capital uma construção há muito existente nas principais cidades europeias, Possidónio nunca veria o seu projecto materializado. A sua inconcretização ficaria sobretudo a dever-se à escassa vontade política em realizá-lo. Esta indiferença poderia ser parcialmente explicada pelos tempos economicamente difíceis da altura, quando urgia solver questões sociais bem mais prementes, relegando-se para plano secundário as temáticas de índole exclusivamente cultural.

Pensamos, no entanto, que Possidónio já deveria acalentar há algum tempo a ideia de, senão restaurar, pelo menos cobrir – parcialmente que fosse –, o templo arruinado da igreja do Carmo, sede associativa. Com efeito, logo em 1864, obtive do Ministro das Obras Publicas, “(...) as quatro folhas de desenho juntas (A – n.º 102), compreendendo plantas, alçados e cortes da antiga egreja do Carmo de Lisboa, apropriada para sala de exposições, as quaes V. S.ª devolverá a este Ministerio logo que as tenha feito copiar. (...)”<sup>36</sup>. Estas cópias, efectuadas nos inícios dos anos oitenta do século XIX por Rafael José Fragoso, encontrámo-las no IAN/TT, e pensamos deverem corresponder a um *Projecto de acabamento e restauração da antiga Igreja do Carmo, Para se lhe dar applicação de sala de exposições*<sup>37</sup>, (Figs. 3-5) da autoria de Valentim José Correia (1822-1900), executado por altura da sua admissão à vaga de segundo architecto da Intendência das Obras Públicas do Distrito de Lisboa em 1862, e especificamente concebido para adaptar a igreja a *salla, para exposições industriaes*<sup>38</sup>.

Não será propriamente este o lugar para analisar o projecto em profundidade, nem tão pouco discurrir sobre a real autoria dos desenhos a que tivemos acesso. Com efeito, se seguirmos a memória descritiva do projecto delineado por Valentim José Correia – um dos principais sócios-fundadores da RAACAP –, para a cobertura do templo arruinado do Carmo, possivelmente entre finais dos anos cinquenta e inícios dos sessenta, podemos concluir que os desenhos encontrados se lhe reportam. Contudo, parece-nos que esta questão não poderá ser revista de forma tão linear, até porque torna-se pertinente colocar toda uma série de questões. De entre elas, mereceria especial atenção as razões que presidiram à execução de um tal projecto numa altura em que não se ponderava oficialmente a reutilização do seu espaço, e a utilização de materiais diferentes dos originalmente aplicados na edificação dos monumentos históricos ainda estava longe de constituir uma realidade, especialmente entre nós. Contudo, se futuras investigações comprovarem a atribuição inequívoca destes desenhos a este architecto, haverá que rever parte da História da

<sup>34</sup> Joaquim P. N. da Silva, *A Igreja do Carmo, Boletim de Architectura e Archeologia*, 2.ª série, n.º 6, Lisboa, Typographia Lallemand-Frères, 1875, p. 85.

<sup>35</sup> Id., *Project pour la Construction d'un Musée des Beaux Arts e d'Antiquités pour la Ville de Lisbonne*, Lisbonne, Typographia Portugueza, 1873.

<sup>36</sup> AH/AAP, *Correspondência Recebida (1864-1872)*, Cx. 4, n.º 21. Inédito.

<sup>37</sup> I.A.N./T.T., *Arquivo Histórico do Ministério das Finanças-Ministério do Reino. Plantas*, Cx. 5277, IV/C/121(17-18). Estas plantas foram reproduzidas pela primeira vez no seguinte trabalho: Ana C. N. Martins, *Possidónio da Silva e a Memória História...*

<sup>38</sup> AH/MOP, *Processo Individual de Valentim José Correia*, Doc. N.º 4.

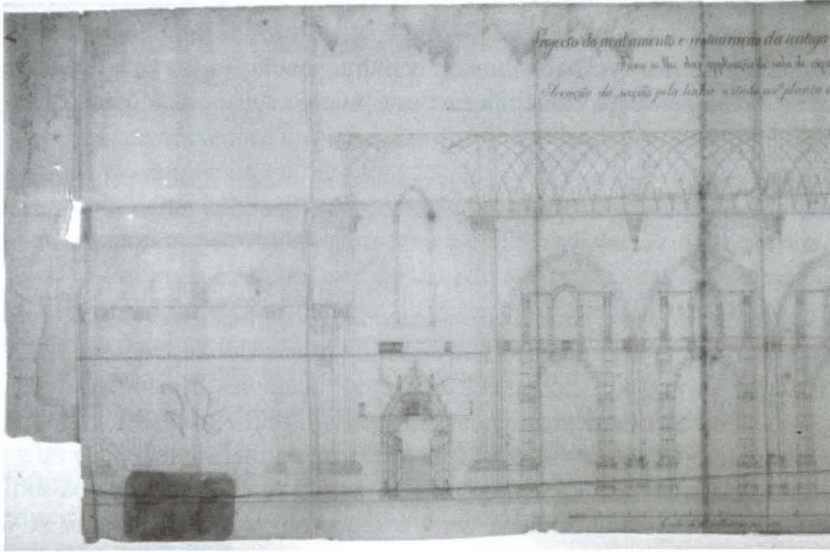


Fig. 3/a

Projecto de cobertura das ruínas da igreja do Carmo em ferro e vidro

I.A.N./T.T., Arquivo Histórico do Ministério das Finanças-Ministério do Reino. Plantas, Cx. 5277, IV/C/121(17)

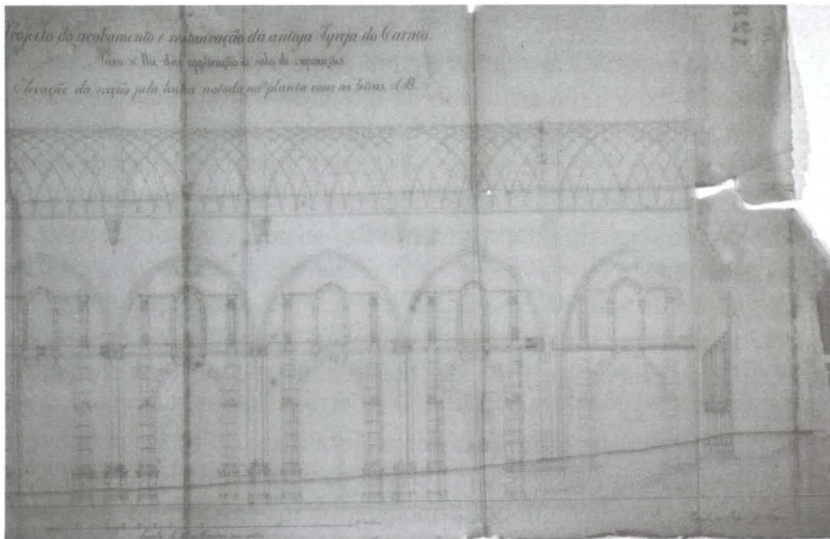


Fig. 3/b

Projecto de cobertura das ruínas da igreja do Carmo em ferro e vidro

I.A.N./T.T., Arquivo Histórico do Ministério das Finanças-Ministério do Reino. Plantas, Cx. 5277, IV/C/121(17)

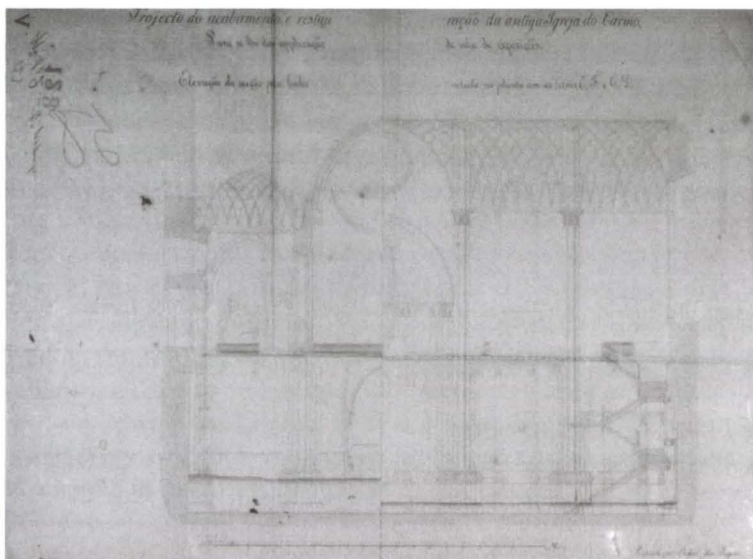


Fig. 4

Projecto de cobertura das ruínas da igreja do Carmo em ferro e vidro

I.A.N./T.T., Arquivo Histórico do Ministério das Finanças-Ministério do Reino. Plantas, Cx. 5277, IV/C/121(18).

Arquitectura em Portugal no século XIX, ao assumir-se como exemplo assaz precoce no panorama nacional, sobretudo atendendo a uma certa ideia preconcebida, segundo a qual as primeiras experiências em matéria de construção em ferro e vidro, evocativas do poder industrial, espelhado, por exemplo, nas edificações efémeras – ou não –, das Exposições Universais, teriam ocorrido entre nós na cidade do Porto, centro burguês, investidor e de influência britânica, por excelência.

Por outro lado, parece-nos particularmente intrigante que tendo sido um dos sócios fundadores da RAACAP, além de um dos seus mais activos membros, nunca se tenha debatido este seu projecto nas diversas reuniões associativas, fosse ao nível da Assembleia Geral, como do Conselho Facultativo. Além disso, colaborando tão estreitamente, e continuando a ocupar as suas funções no âmbito do Ministério das Obras Públicas, por que razão ver-se-ia Possidónio obrigado a solicitar os seus desenhos, quando o próprio Valentim José Correia os poderia ter colocado à sua disposição? Mas, no fundo, o que nos perturbará mais é, sem dúvida, a inquietante total omissão a estes desenhos durante toda a existência associativa, excepção feita à já mencionada solicitação de Possidónio para obter a sua cópia. Algo parece escapar-nos neste estádio da nossa investigação, que ainda não nos permitiu sequer vislumbrar uma razão plausível para tal ocorrência, a não ser que, na verdade, este projecto não seja o delineado por aquele carismático sócio. Mas, se outros houve, onde se encontram? Ou, pelo contrário, trata-se efectivamente do projecto delineado nos inícios dos anos oitenta, quando uma comissão foi formada no interior da RAACAP especialmente para a sua concepção, e da qual, como veremos (*vide infra*), fazia parte o próprio Valentim José Correia? Com efeito, não podemos ignorar que as cópias a que tivemos acesso datam, precisamente, dessa altura. Enfim, surge toda uma sequência de questões que, esperamos, possam vir a ser resolvidas em breve.

De qualquer modo, a realidade é que, muito antes de se desentulhar por completo o interior da igreja (somente finalizado em 1878), já um vasto sector associativo ponderava seriamente acerca da necessidade de alargar o espaço expositivo. A urgência de alterar a área associativa ia, na verdade, crescendo quase diariamente, devido ao número de artefactos entrados no MAC. Além disso, o aumento da própria área útil de exposição indispensável a uma metódica disposição dos objectos segundo critérios cronológicos, geográficos, tipológicos e culturais tornava indispensável a remodelação do espaço preexistente. Perante a impossibilidade de realizar o seu projecto inicial, Possidónio ponderou possíveis alternativas conducentes à melhor coadunação das ruínas da igreja do Carmo às necessidades museológicas. Na verdade, estas adaptações tinham-se revelado especialmente prementes devido à ausência das ajudas pecuniárias governamentais indispensáveis à solução desta questão de forma mais consentânea aos propósitos e anseios possidonianos e associativos.

Perante um quadro menos animador, surgiu um projecto de cobertura das naves da igreja. Se ele já existiria no espírito e pensamento de Possidónio, foi J. da Costa Cascaes a propor, em 1867, a abertura de uma subscrição de âmbito nacional que viabilizasse a reconstrução da igreja arruinada do Carmo<sup>39</sup>. É possível que Possidónio não descurasse e fosse totalmente insensível a esta hipótese, sobretudo em face da notória exiguidade e precárias condições do templo adquirido. Pensamos, no entanto, que esta possibilidade não assumiu mais do que um carácter essencialmente ideal e casuístico, uma vez que tinha perfeita consciência da inviabilidade de tal plano atendendo aos avultados custos que uma tal operação implicaria. Além disso, existia uma evidente carência de meios materiais e humanos para concretizar tal projecto, sobretudo ao nível de operários especializados. Acrescia a estes obstáculos a própria morosidade de uma intervenção com estas características e os inúmeros imponderáveis que surgiriam no seu decurso, como se vinha demonstrando nalguns dos mais relevantes estaleiros de restauro de monumentos históricos do país, como nos casos do Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa, e do de Santa Maria da Vitória, na Batalha<sup>40</sup>.

Não obstante tais ponderações, que remetemos para outros estudos, o facto é que a cobertura do edifício da igreja arruinada do Carmo cedo moveu os associados no sentido de se promover a sua concretização, sobretudo quando se tornou indispensável edificar uns pequenos “vãoos” de madeira no interior da igreja, possivelmente adossados à nave lateral direita e transepto esquerdo, enquanto se projectava a edi-

<sup>39</sup> AH/AAP, *Actas do Conselho Facultativo (1864-1872)*, Cx. 103, 11/04/1967. Inédito.

<sup>40</sup> Maria João Q. L. B. Neto, *Memória, Poder e Propaganda*, Porto, FAUP, 2001; Id., James Murphy e o Restauro da Batalha, Lisboa, Ed. Estampa, 1998; Id., "O Restauro do Mosteiro de Santa Maria da Vitória da Batalha – 1840-1900", *Cadernos de História da Arte*, vol.1, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1994.

ficação das denominadas “torres” localizadas à entrada do templo<sup>41</sup>. Sendo impossível reconstruir integralmente o edifício, sobretudo devido aos custos elevadíssimos implicados numa operação desta envergadura, uma vez que Portugal não possuiria técnicos à altura para o levar a cabo, fosse em qualidade ou em quantidade, e a especial preferência demonstrada pelo próprio Possidónio pela adaptação de um edifício antigo mediante a aplicação de novos materiais como forma de conceder visibilidade à intervenção realizada numa linha claramente boitiana, levá-lo-iam a requerer superiormente os subsídios imprescindíveis à execução de,

melhoramentos [que] serviriam ao mesmo tempo, para poder ampliar-se o espaço coberto, de que carece muito o Museu d’archeologia, o qual diariamente se vae enriquecendo, começando talvez por cobrir o cruzeiro da igreja, que é a parte que mais facil parece de ser cuberta pela solidez das paredes; podendo ser a cobertura, que porventura se faça de construção mista, para maior economia e brevidade d’esta muito urgente reparação<sup>42</sup>.

Tendo em vista a concretização deste objectivo e atendendo ao enorme dispêndio implícito, Possidónio intercedeu, em nome da RAACAP, junto das mais importantes edilidades e organismos oficiais e competentes na matéria, no sentido de lhe ser concedida uma verba necessária à concretização da obra (Doc. 5). Não obtendo, uma vez mais, o resultado desejado, procurou esse mesmo apoio junto dos seus vastíssimos conhecimentos pessoais. Procedeu, então, a uma vasta campanha de angariação dos fundos necessários para o efeito, nomeadamente junto de individualidades sobejamente conhecidas pela suas actividades filantrópicas e mecénicas, bem como no seio das principais comunidades portuguesas residentes em terras brasileiras (Doc. 6). Chegou mesmo a propor, como forma de incentivo, que se concedesse o título de “sócio efectivo” e “sócio de mérito” a todos aqueles que contribuíssem com avultados montantes para a execução do projecto em questão (Doc. 7).

Mas, apesar de obter algumas coadjuvações, elas revelaram-se francamente diminutas em face das avultadas despesas que o projecto acarretava.

Em alternativa a este aparente *status quo*, solicitou-se o auxílio monetário da parte dos próprios associados e demais simpatizantes da causa associativa<sup>43</sup>. Além disso, iniciou-se, por proposta de Possidónio da Silva<sup>44</sup>, a cobrança das visitas ao MAC, gratuitas até 1878, praticando-se o preço de 50 reis aos Domingos e dias santos, 100 reis às quintas-feiras, enquanto se cobravam 100 reis aos estrangeiros que pretendessem visitar o museu em qualquer dia da semana. Seria com base nestes rendimentos que se pretendia requerer um empréstimo que viabilizasse a construção da cobertura da igreja.

Entretanto, ponderavam-se diversas propostas de projectos arquitectónicos que, além de cobrirem parte significativa das ruínas, deveriam atender à sua função museológica, não descuidando, porém, o estilo primitivo do edifício. Atendendo às dificuldades inerentes à reconstrução do edifício, optou-se pela utilização do ferro e do vidro. Na opinião de Possidónio, esta construção deveria transmitir aos visitantes a sensação de simplicidade e leveza, afastando-se do conceito de restauro propriamente dito, aproximando-se, pelo contrário, do de reparação ou adaptação. Entretanto, ainda em 1881, a RAACAP dirigiu-se de novo às instâncias superiores para que este projecto fosse subvencionado pelo Governo. Fora nesse sentido que um dos mais notórios consócios, José Silvestre Ribeiro (1807-1891), solicitara para a Associação, em finais dos anos setenta, uma verba retirada da anualmente atribuída a obras de conservação e restauro de monumentos históricos do nosso território, no seguimento de uma proposta delineada, uma vez mais, pelo presidente, Possidónio da Silva, segundo a qual se deveria requerer do Governo central,

uma prestação annual de dois cotos de reis, tirada da verba votada de 80 contos para a conservação dos monumentos nacionaes, ficando authorizada esta Real Associação a poder levantar um emprestimo de 20 contos, pagando-se o seu juro e amortização com esta mesma quantia annual que lhe fosse concedida; então se poderia cobrir (com uma construção simples e ligeira) primeiro, o cruzeiro, e depois a nave central<sup>45</sup>.

<sup>41</sup> AH/AAP, *Actas do Conselho Facultativo (1864-1884)*, Cx. 3, n.º 21. 31/07/1873. Inédito; Id., *Idem*, 16/10/1873. Inédito.

<sup>42</sup> Id., *Propostas (1864-1887)*, Cx. 1, 28/05/1875. Inédito.

<sup>43</sup> Possidónio também procurou este auxílio junto da comunidade portuguesa residente no Rio de Janeiro e na Bahia. Não logrou, contudo, alcançá-lo devido às inúmeras instituições apoiadas financeiramente por estas comunidades

<sup>44</sup> AH/AAP, *Correspondência Recebida (1864-1888)*, Cx. 15, 27/12/1877. Inédito.

<sup>45</sup> Id., *Requerimentos e Minutas (1866-1879)*, Cx. 1, 09/04/1875. Inédito.

Pretendia-se, com esse montante, alargar o espaço museológico associativo, propriamente dito, por forma a colocar de maneira condigna, ou seja, sistemática, os artefactos pertencentes ao seu espólio, para o que se tornava indispensável “(...), ao menos, [colocar] uma cobertura sobre as magestosas arcarias da igreja.”<sup>46</sup>. No seguimento desta iniciativa seria proposto a J. S. Ribeiro que presidisse a uma comissão especialmente constituída por sócios Pares do Reino e/ou Deputados, e cuja principal missão residiria precisamente na obtenção de um subsídio indispensável à construção da referida cobertura por parte do Ministério das Obras Públicas<sup>47</sup>. As negociações, assim encetadas, parecem ter encontrado um bom caminho, a ponto de, logo no ano seguinte, a RAACAP registar que,

Em consequência de já terem sido aprovadas propostas tendentes a adquirir meios de receita afim de ser aplicada nas obras de reparação e cobertura do edificio do Carmo, e como taes obras não devem ter começo sem que previamente seja estudado e aprovado o respectivo projecto, propoz o Snr. Presidente [Possidónio da Silva] para ser na presente sessão nomeada uma commissão composta de cinco membros para se occupar de elaborar o referido projecto, mesmo visto ser preciso para isto de algum tempo, que difficilmente pode dispor, qualquer dos socios; cuja proposta foi aprovada, assim como que a Commisão fosse nomeada por aclamação. Por este modo ficou composta a Commisão pelos Snrs. Joaquim Possidonio Narcizo da Silva, Jozé Maria Laggiani, Visconde de Alemquer, Jozé Tedeschi e Valentim Jozé Corrêa<sup>48</sup>.

Perante a óbvia impossibilidade de concretizar este desiderato, a RAACAP limitou-se a demandar circunscritos melhoramentos nas estruturas preexistentes, uma vez que a entrada de peças de consideráveis dimensões ao longo da década de oitenta, bem como a oferta de inúmeros artefactos pré-históricos e antropológicos, exigiam que a capela-mor fosse doravante destinada à exposição preferencial destes últimos atendendo ao seu carácter único e fragilidade dos suportes em que tinham sido executados. Solicitou-se, com esse fim, não apenas a reparação das portas e caixilhos dos tapumes das capelas, como o assentamento de um soalho na capela-mor, além de “alguns resguardos tendentes a evitar que a nova sala seja prejudicada pelas aguas pluviaes”<sup>49</sup>. “Comtudo esta remoção e o arranjo da capella central demandam despezas, que, por mais restrictas que sejam, não as permite a exiguidade da receita do nosso cofre”<sup>50</sup>.

Apesar destes consecutivos imponderáveis, sem dúvida de extrema importância para a percepção do desenvolvimento, não apenas da própria Associação, como dos conceitos relacionados com a conservação e restauro ao longo da segunda metade de oitocentos entre nós, pretendemos proceder a uma breve análise do projecto que chegou até nós, independentemente da atribuição da sua autoria e da década da sua delimitação. De facto, o mais importante residirá na obviedade da existência de um projecto concreto para a adaptação da igreja arruinada do Carmo a sala de exposições.

Desde logo, parece-nos que o arquitecto propunha a criação de um espaço quase cenográfico, onde os diferentes sectores se disporem serialmente mediante a sua conjugação. Propondo a constituição de um museu vivo, o autor do projecto optava pela reafirmação de alguns dos elementos estruturais da linguagem plástica do estilo primitivo do monumento. Pretendia ainda colocar uma cobertura em vidro em todo o edificio, tendo como elemento estrutural o ferro. Os espaços interiores seriam maximizados mediante a criação de novos dispositivos, colocando na nave lateral do lado da Epístola, segundo o eixo transversal e junto à porta sul, uma escada que permitiria o acesso a um segundo andar, que possuía um varandim intermédio. Tanto as escadas, como os corrimãos e varandins seriam construídos em tijolo e ferro forjado trabalhado.

O segundo andar situar-se-ia ao nível do primitivo *triforium*, e cobriria as naves laterais, o cruzeiro, o transepto, a capela-mor e os absídiolos, além da zona interior da entrada principal por cima das duas primitivas primeiras capelas laterais. Deixava-se em aberto grande parte da nave central, de modo a permitir a penetração de luz suficiente a uma normal e correcta visualização dos objectos expostos, sobretudo dos localizados no andar térreo, embora não demasiadamente, como se depreende do efeito lumínico causado pelo próprio entrelaçado férreo. Estes sentimentos decorreriam da interligação da noite e do dia, da luz natural e artificial, do claro e escuro.

<sup>46</sup> *Boletim de Architectura e Archeologia*, 2.ª série, n.º 10, Lisboa, Typographia Lallemand-Frères, 1881, pp. 158-159.

<sup>47</sup> AH/AAP, *Actas da Assembleia Geral (1874-1881)*, Cx. 103, 08/03/1878. Inédito.

<sup>48</sup> Id., *Correspondência (1864-1888)*, Cx. 15, 29/05/1882. Inédito.

<sup>49</sup> *Boletim de Architectura e Archeologia*, 3.ª série, t. VIII, n.º 9 e 10, Lisboa, Typographia Lallemand-Frères, 1900, p. 144.

<sup>50</sup> *Idem*, n.º 7, 1890, p. 97.

Atendendo aos materiais a utilizar na edificação desta estrutura mista, e recorrendo à memória descritiva referente ao projecto delineado anteriormente por Possidónio para um Museu de Belas-artes e Antiguidades (*vide supra*), presumimos que, enquanto o andar térreo seria destinado à exposição dos objectos de maiores dimensões, como seriam os elementos tumulários, epigráficos, heráldicos, estatuários e demais vestígios arquitectónicos, o primeiro andar seria preferencialmente utilizado para exposições temporárias das mais diversas temáticas, directa e/ou indirectamente relacionadas com as actividades realizadas e incentivadas no seio da RAACAP. Entretanto, dever-se-ia reservar para exposição permanente de artefactos pré-históricos e antropológicos, bem como para a biblioteca e sessões associativas, as zonas da capela-mor e absidais.

Além de uma postura algo boitiana, torna-se claro que este projecto pressupunha a transformação do valor de memória deste verdadeiro monumento involuntário em novo valor de utilização, recriando no interior da antiga igreja do Carmo um dos novos “templos” da contemporaneidade, ou seja, um museu, um desses novos lugares de verdadeira “peregrinação” colectiva do pós-1789, autênticos repositórios do antigo saber que importava, mais do que nunca, re-analisar e re-apropriar num novo contexto ideológico, laicizados que se encontravam os antigos “templos” do saber dispostos ao olhar de uma restrita elite. Por outro lado, concedia-se a este espaço secular de inegável simbolismo histórico uma nova funcionalidade que, de algum modo, pretendia evocar a sua memória perfeita de ruínas, não falsas, não pitorescas, mas verdadeiramente resultantes do próprio devir da nossa História, em íntima conexão com a sociabilidade da cidade que convivera desde sempre com a sua presença. Como se de um verdadeiro cenário evocativo da nossa própria memória histórica se tratasse, esta nova utilização e o projecto mencionado implicaram, no seu conjunto, a verdadeira salvaguarda dos resquícios materiais de uma época queurgia conservar, sob pena de se perder parte significativa da nossa herança comum<sup>51</sup>. Num esforço positivista de perpetuar o aparentemente efémero, de transformar o que, com efeito, nunca não se perdera, a RAACAP demonstrou ao longo de todas as suas iniciativas a viabilidade deste projecto, aparentemente arrojado, sempre que alcançado o apoio imprescindível à sua sustentabilidade. Por isso, se debateu de forma tão afincada pela execução de obras estruturais que permitissem uma melhor e mais consequente adaptabilidade do seu interior às crescentes e inúmeras necessidades culturais promovidas no seu âmbito. Por isso, a RAACAP também envidou esforços no sentido de viabilizar as suas propostas, cedendo nalgumas das suas pretensões iniciais, como sucedeu com o tão ansiado projecto de cobertura que, da totalidade do monumento, passaria apenas à do cruzeiro ou à das naves.

## Considerações Finais

O projecto de cobertura da igreja do Carmo não chegaria a concretizar-se, não obstante a efectuação de algumas obras pontuais de reparação, a maior parte das quais ficaria a dever-se aos próprios esforços da Associação, frequentemente coadjuvada por iniciativas particulares, em especial nas figuras de D. Fernando II, de D. Luís (1838-1889), e de D. Carlos (1863-1908) (Doc. 8). A par da evidente incapacidade financeira associativa e da ausência do imprescindível apoio institucional para a sua realização, terá justificado esta inconclusão a permanência de um certo “bom-senso” que, em boa altura, terá questionado a viabilidade da cobertura atendendo à notória fragilidade das estruturas preexistentes. Aliás, não seria por acaso que o próprio Possidónio da Silva considerava a zona do cruzeiro aquele que podia verdadeiramente suportar uma estrutura férrea e vítrea (*vide supra*). Parece-nos, porém, algo forçado pensar que, a ter existido este projecto – e seja ele, ou não, o evocado neste artigo –, que os seus delineadores não tivessem atendido às especificidades do edifício em questão e não equacionassem soluções estruturais que contornassem essas mesmas debilidades. Com efeito, além de estar em causa a perpetuação das próprias ruínas, encontrava-se de igual modo em jogo toda a credibilidade profissional e estatuto social de um vasto conjunto de sócios, para mais especialistas na área da Arquitectura e Engenharia Civil, e muito especialmente da craveira e responsabilidade de Possidónio da Silva, com provas dadas na área da conservação e restauro de monumentos históricos e sabedor de experiências similares levadas a cabo noutros países, embora em 1904 se questionasse a estabilidade das estruturas do monumento (Doc. 9).

<sup>51</sup> À semelhança do MAC, surgiram outros espaços museológicos nitidamente tendentes a reutilizar, ao mesmo tempo que conservar, antigos espaços sacralizados. É disso um claro exemplo a Igreja de São João de Alporão, em Santarém.

Mas, não podemos esquecer que tal pretensão lidaria com diversos poderes instituídos e ideias preconcebidas e conservadoras, que, decerto, não se conformariam com uma intervenção desta envergadura, verdadeiramente inovadora e, por que não afirmá-lo, bastante audaz para um país como o nosso, onde os pressupostos “medievalistas” e românticos ainda conviviam mal com os novos ventos da contemporaneidade, transmitidos pelo fruto do implacável desenvolvimento industrial. É neste contexto que devemos analisar as seguintes palavras proferidas por um dos mais fiéis amigos de Possidónio e um dos mais activos membros da RAACAP e verdadeiro olisipógrafo, Júlio de Castilho (1840-1919):

Está bem entregue hoje a pobre ruína. A Sociedade dos arqueólogos tem a peito defendê-la de mais vandalismos. Honra lhe seja! Dizem que não é bem *ter telhado de vidro* embora! Vá pedindo sempre; algum Governo lh’o concederá<sup>52</sup>.

De qualquer forma, esta inconcretização induziu a *Real Associação* a perscrutar soluções alternativas a um efectivo acondicionamento e metodológica disposição dos artefactos existentes no MAC, um dos aspectos que mais marcariam as actividades associativas desde a sua fundação há quase um século e meio. No entanto, estes projectos de adaptação nunca se revelaram completamente pacíficos, embora de cariz permanente e inesgotável, quer atendendo às características muito específicas deste monumento, como em resultado das alterações e alterabilidades que não o têm poupado ao longo dos anos. Com efeito, preponderariam no seio associativo durante largos anos duas tendências muito concretas no que à conservação e restauro deste espaço respeitou.

Assim, enquanto um sector defendia a viabilidade da efectiva reconstrução do edifício, outros negavam totalmente, quer a sua viabilidade, como a sua pertinência, sobretudo num contexto muito específico de inícios do século passado, quando surgiu um movimento social em prol da reedificação do templo, sugerindo-se a destruição das ruínas remanescentes (Doc. 9). Todavia, mesmo dentro deste vastíssimo grupo destacavam-se duas opiniões, assaz reveladoras, tanto da proliferação de conceitos teórico-práticos vigentes numa época de verdadeira charneira a este nível, como da ascendência que algumas posturas violetinianas ainda assumiam entre a nossa intelectualidade. Assim, enquanto alguns associados consideravam incontornável apropriar o espaço preexistente às crescentes premências das suas actividades, outros houve que, num misto violetiniano e ruskiano, defendiam a permanência das ruínas tal como tinham chegado até nós, intervindo o menos possível, ao mesmo tempo que sugeriam a depuração de todos os elementos não atribuídos às estruturas originalmente concebidas: “Que do interior do edificio sejam apeados todos os motivos de má architectura fradesca que o pejam como os pilares e arcos das naves, portas, janelas, revestimentos de alvenaria, barracas e tapumes de madeira e vidro.”<sup>53</sup>, apesar dessas componentes terem sido construídas no âmbito da filosofia de adaptabilidade do seu interior às crescentes premências museológicas. E, na verdade, seria esta linha de força a predominar na intervenção efectuada neste mesmo espaço pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais durante a década de quarenta, embora de forma assaz dúbia e contestável, porque indutora de equívocos a visitantes menos avisados. Na verdade, se foram eliminados todos os “vãos” e tapumes de madeira erigidos durante o século XIX para albergar os artefactos pertencentes ao MAC, a verdade é que se recriaram espaços que nada têm a ver com o *valor histórico e artístico* do monumento intervencionado. Desde o ajardinamento, passando pelo fechamento das capelas com alvenaria, até à colocação ao longo das suas paredes de elementos arquitectónicos completamente estranhos à igreja, tudo parece concorrer para uma certa afirmação da concepção de “ruína pitoresca”, tão ao gosto do romantismo oitocentista, aqui numa tardia revisitação, para mais assumindo contornos de verdadeiro “pastiche”.

Urge, no entanto, continuar a preservar este edifício, não apenas enquanto elemento da nossa memória histórica, como em consideração ao legado deixado por todos aqueles que, há mais de cem anos, enviaram todos os esforços no sentido do seu simbolismo ser perpetuado. Cabe, portanto, a todos nós, não apenas aos estudiosos do nosso passado, como sobretudo aos sócios desta secular Associação, continuar a melhorar o novo *valor* que lhe foi então concedido, ou seja, o de *utilidade* pedagógica e civilizacional, preservando este espaço que poderá ser considerado um museu do próprio museu, ou, por outras palavras, uma quase cristalização de uma certa concepção museológica oitocentista.

<sup>52</sup> Júlio de Castilho, *Lisboa Antiga. O Bairro Alvo*, 2.ª série, vol. I, Lisboa, Antiga Casa Bertrand, 1902, p. 372.

<sup>53</sup> AH/ANBA, *Livro de Correspondência Entrada (1882-1925)*, 19/01/1912.

## Anexos Documentais

### Documento 1

“Aos tres dias do mês de Maio de mil oitocentos sessenta e cinco na Intendencia das Obras Publicas do Districto de Lisboa, estando presente Antonio Guedes Quinhones de Mattos Cabral, intendente interino, o Architecto Feliciano de Sousa Corrêa, representando o Presidente da Associação dos Architectos Civis Portuguezes, João dos Santos e Silva, contador interino, procedeu o Intendente interino em virtude do officio do Ministerio das Obras Publicas de vinte e quatro de Abril do corrente anno, à entrega da parte da Egreja Velha do extincto convento do Carmo que servia de deposito de estrumes à Segunda companhia de cavalaria da guarda municipal, ao Architecto Feliciano de Souza Corrêa, representando o Presidente da Associação dos Architectos Civis Portuguezes, lavrando-se em seguida este auto que vae assignado por todos acima declarados e pelas testemunhas Joaquim Guilherme Maynard e Antonio Pereira de Freitas, empregados n’esta repartição. O contador interino (a) João dos Santos e Silva, Feliciano de Souza Corrêa, Joaquim Guilherme Maynard e Antonio Pereira de Freitas.”

AH/AAP, *Correspondência Recebida (1864-1872)*, Cx. 4. Inédito.

### Documento 2

“Ill.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro,

Desejando a Associação dos Architectos Portuguezes aproveitar a antiga entrada para o cruseiro da igreja em ruínas do Carmo, a qual foi recentemente tapada na porta de cantaria, que para o mesmo lhe dava serventia; em quanto se não tirarem os entulhos que na nave principal da referida egreja, dificulta o transitio; e sabendo a Associação, que V. Ex.<sup>a</sup> tem o terreno que separa este edificio daquelle pertencente ao Club, arrendado à Ex.ma Camara Municipal; terreno este que serve para o transitio dos moradores do predio que pertence a V. Ex.<sup>a</sup>, e que fica situado no extremo do dito terreno; encarregou-me a Associação, da qual tenho a honra de ser presidente, de alcançar de V. Ex.<sup>a</sup> a precisa licença, para pôr aquelle terreno possam os membros da referida associação servirem-se para entrar pela porta do citado cruseiro permitindo igualmente que ella se abra para servir ao fim indicado.(...).

Joaquim Possidónio Narciso da Silva  
Lisboa, 29 de Abril de 1865.”

AH/AAP, *Actas do Conselho Facultativo (1864-1884) orrespondência Recebida (1864-1872)*, Cx. 3, 04/01/1872. Inédito.

### Documento 3

“(…) Como achava-se sobre a mesa uma carta dirigida ao Snr. Presidente d’esta Associação tomou-se conhecimento do seu conteudo, e em virtude da resolução do Conselho fica escrito na acta tanto a dita carta como as copias das outras a que ella se refere e acompanhavam a dita carta o seguinte: – Ill.mo e Ex.mo Snr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva. – Em data de 29 de Abril de 1865 me escreveo V. Ex.<sup>a</sup> na qualidade de Presidente da Associação dos Architectos Civis Portuguezes, solicitando de mim, como rendeiro do terreno para poder franquear a porta lateral (então obstruida), que deitava para o dito terreno: – em quanto se não tirassem os entulhos da referida egreja que difficultavam o transepto pela sua porta principal. Em 30 do mesmo mez e anno acquiosa por minha parte ao pedido nos termos expressos em que era parte, isto é, com o fim de facilitar a entrada dos Illustres Membros da Associação emquanto se não retirassem os entulhos. Tudo isto comta de duas copias, que tenho a honra de enviar a V. Ex.<sup>a</sup> com esta minha carta. As circunstancias hoje são diversas; e eu como rendeiro que sou do terreno de que se trata, não posso nem devo continuar a permissão, que naquele tempo dei, e vou tratar de desemperir o terreno e proceder aos melhoramentos de limpeza que ouver de accordo com a Camara Municipal minha Senhoria.= Previno portanto a V. Ex.<sup>a</sup> desta minha resolução, para que fique sciente, servindo-se ao mesmo tempo de dar as suas ordens, para que ao mesmo tempo de dar as suas ordens, para que o Guarda ao serviço da Associação, à que V. Ex.<sup>a</sup> preside, tire do terreno as taboas, ripas velhas e o mais, que nelle tiver, até ao dia de segunda-feira (8 deste mez) imprerivelmente: na certeza de que se nesse praso de tempo não estiver despejado o mesmo terreno, empregarei para esse fim os meios, que me parecerem convenientes. = É com a devida consideração me assino. = De V. Ex.<sup>a</sup> Ill.mo Snr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva. Presidente da Associação dos Architectos Civis Portuguezes. = Lisboa em 3 de Janeiro de 1872.= Attento Venerador e Criado.= Bartholomeu dos Martyres Dias e Souza.

1.<sup>a</sup> Cópia.= Ill.mo e Ex.mo Snr. Conselheiro.= Desejando a Associação dos Architectos Civis Portuguezes aproveitar a antiga entrada para o cruseiro da igreja em ruínas do Carmo, a qual foi recentemente tapada na porta de cantaria, que para o mesmo lhe dava serventia; em quanto se não tirarem os entulhos, que na nave principal da referida igreja dificulta o transitio; e sabendo a Associação, que V. Ex.<sup>a</sup> tem o terreno que separa este edificio daquelle pretenente ao Club, arrendado à Ex.ma Camara Municipal; terreno este que serve para o transitio dos moradores do predio que pertence a V. Ex.<sup>a</sup>; e que fica situado no extremo do dito terreno; encarregou-me a Associação da qual tenho a honra de ser presidente, de alcançar de V. Ex.<sup>a</sup> a precisa licença, para pôr aquelle terreno possam os membros da referida associação servirem-se para entrar pela porta do citado cruseiro, premittindo egualmente que ella se abra para servir ao fim indicado: Certo de quanto V. Ex.<sup>a</sup> preza o desenvolvimento scientifico e artistico do nosso paiz, e a bondade com que se digna sempre conceder-lhe, espero condescenderá a este nosso desejo, para o que peço a V. Ex.<sup>a</sup> de mandar participar aos inquelinos, que se servem do terreno em questão, para não porem obstaculos, nem a abertura da porta, nem à passagem para o cruseiro da mesma Associação.= Desde já dou a V. Ex.<sup>a</sup> tanto da parte da Associação dos Architectos Civis Portuguezes, como do que me diz respeito, mil agradecimentos por este obsequio e favor.= Sou com toda a consideração alem do respeito.= De. V. Ex.<sup>a</sup> Attento. Venrd.or e att.º Crd.º a agradecido.= Joaquim Possidonio Narciso da Silva.= Lisboa 29 de Abril de 1865.= Está conforme o original em meu poder.= B. dos M. Dias e Sousa.

2.<sup>a</sup> Cópia.= Resposta à carta do Presidente da Associação dos Architectos Civis Portuguezes.= Em 30 de Abril de 1865.= Ill.mo e Ex.mo Snr..= Tenho presente a carta que V. Ex.<sup>a</sup> me dirigio com data de hontem e na qual em nome da Illustre Associação dos Architectos Civis Portuguezes, a que dignamente preside, pede a minha autorisação, como rendeiro que sou, do terreno contiguo a Igreja arruinada do extinto convento do Carmo, para se abrir uma antiga porta que do mesmo terreno dava entrada para o cruseiro da dita Igreja; declarando-me V. Ex.<sup>a</sup>, que a authorisação tem por fim sómente facilitar a entrada dos Illustres membros da Associação, em quanto se não tirarem os entulhos, que na nave principal da Igreja em ruínas difficulta por ora o transitio.= Em resposta cumpre-me dizer a V. Ex.<sup>a</sup>, para que assim conste aos seus dignos socios, que hontem mesmo dei as ordens necessarias ao meu Procurador, para que nenhum obstaculo haja na obra que V. Ex.<sup>a</sup> deseja fazer, e para a qual dou gostosamente o meu consentimento.= E desejando sinceramente ver coroados de feliz e prompto exito os patrioticos esforços e intuitos da Associação, me protesto em particular.= De V. Ex.<sup>a</sup>.= Venrd.or e Criado. Aff.-do e Obrg.mo.= Bartholomeu dos Martyres Dias e Souza.= Em 30 de Abril de 1865.

Como o Conselho resolvêo que se officiasse ao Snr. Conselheiro Bartholomeu em resposta a referida carta, redigio-se o seguinte officio em que unanimamente concordou o mesmo Conselho.= Ill.mo e Ex.mo Snr.= Foi presente em sessão de hoje ao Conselho Facultativo da Associação dos Architectos Civis Portuguezes a carta que V. Ex.<sup>a</sup> dirigio em 3 do corrente ao Presidente d'esta Associação, funções actualmente exercidas pelo Vice-Presidente, e em resposta temos a honra de expôr a V. Ex.<sup>a</sup>, que das actas do referido Conselho não consta que o snr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, fosse incumbido de pedir a licença a que V. Ex.<sup>a</sup> se refere, na qualidade de rendeiro de um terreno, e mesmo se estivesse nas actas não teria isso actualmente importancia alguma, por que se trata de nada menos do que da propriedade do mesmo terreno.= Não cumpre agora ao Conselho dêr ordens com relação ao terreno de que se trata, mas sim aguardar as determinações do Governo de S. Magestade, a quem, por entender que o terreno pertence à Fazenda Nacional representou em 23 do ultimo Novembro, e que poder certo não attribuirá ao Conselho qualquer violencia que a semelhante respeito se pratique.= Deos Guarde a V. Ex.<sup>a</sup>.= Lisboa, Conselho Facultativo da Associação dos Architectos Civis Portuguezes, 4 de Janeiro de 1872.= Ill.mo e Ex.mo Snr. Conselheiro Bartholomeu dos Martyres Dias e Souza.= O Vice-presidente, João Maria Feijó.= O Secretario; Valentim José Corrêa.

Como passava das novas horas da noite o Snr. Vice-presidente levantou a sessão.

Sala das sessões do Conselho Facultativo da Associação dos Architectos Civis Portuguezes 4 de Janeiro de 1872.

O Secretario

(Ass.) Valentim José Corrêa.”

AH/AAP, *Actas do Conselho Facultativo (1864-1884)*, Cx. 3, n.º 21. 04/01/1872. Inédito.

#### **Documento 4**

“(…). Existe na fachada Sul da sede d'esta Associação – Museu no edificio gothico do Carmo – uma porta ogival de finos e caracteristicos labores, coeva da primeira phase do monumento, que, sendo praticável na ocasião em que o Governo de Sua Magestade entregou a esta Associação o mencionado edificio, foi mais tarde tumultuária, abusiva e vandalicamente entaipada, vedando-se o acesso ao terreno onde a mesma porta existe, por forma que a anterior servidão ficou inteiramente inutilizada para tal fim. (...).

Por várias vezes esta Associação (...) representou contra essa usurpação (...) e viu com profunda mágoa que forma desrespeitados os seus direitos e não attendidas as suas justas reclamações.

Recentemente a Ex.ma Camara de Lisboa, que se apropriara do terreno já referido, consentiu que n'elle se estabeleça a serventia privativa do novo ascensor Ouro-Carmo em via de construção; e n'estas circunstancias dá-se o caso curioso de que, senda esta Associação a legitima e primitiva usufructuaria d'esse terreno, seja ella precisamente quem fica privado de por alli se poder servir para melhor installação do seu Museu. Acresce ainda que no terreno em questão existe um cruzeiro que fazia parte do primitivo adro do templo, facto que demonstra claramente constituirem esse terreno e o templo partes integrantes do conjuncto do edificio, cujo usufructo foi concedido à nossa Associação.(...)

Por este motivo e reconhecendo a Associação com mágoa que os seus appellos directamente feitos em instancias officiaes raras vezes tem sido attendidos, espera ser agora mias feliz, expondo a sua justissima pretensão ao Conselho Superior dos Monumentos Nacionaes, que pode efficazmente patrociná-la pelas condições organicas em que a lei o collocou.

O nosso maior empenho consiste em que seja desentaipada a referida porta e restabelecida mais uma serventia para o Museu, que desde muitos annos, com graves sacrificios, esta Associação sustenta.(...)

Sala das Sessões da Assembleia Geral da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, 2 de Agosto de 1900

Servindo de Presidente

Rodrigo Velloso

O 1.º Secretário

Eduardo Augusto Rocha Dias

O 1.º Vice Secretário

Sebastião da Silva Leal.”

AH/ANBA, *Livro das Igrejas*, 2.º Vol. (G-L), n.º 74 Lisboa – Convento do Carmo, Comissão Superior dos Monumentos Nacionaes, 02/08/1900.

### **Documento 5**

“As ruinas do edificio do Carmo são restos d'um magnifico monumento, artistico e historicamente venerando. Na arte, representam os vestigios do specimen mais perfeito e famoso da architectura gothica entre nós. Na historia commemoram o vulto epico e legendario do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, um dos nobres progenitores da Dinastia Brigantina.

Mas estas ruinas, ainda hoje admiradas por nacionaes e estranhos (...) estão a pontos de desaparecerem de todo, apagando com esse desaparecimento, a parte honrosa que lhes compete na victoriosa memoria d'essas glorias.

Foi com o fim d'evitar este desdoiro à patria nos seculos d'illustraçã em que vivemos, que no meio d'estas ruinas se veio estabelecer a Associação dos Architectos-Civis e Archeologos Portuguezes; e se inaugurou o Museu d'archeologia Nacional. A associação, da qual Sua Magestade o Senhor D. Fernando Aceitou o Titulo de Protector, conta hoje noventa [e] dois socios portuguezes, e vinte e um estrangeiros, dos mais notaveis n'estes ramos da sciencia e da arte: e este museu enumera presentemente mil trezentos e dezasseis objectos, entre estes alguns raros, outros unicos nos Museus artisticos e já há oito annos mereceu ser condecorado com uma honrosa medalha, na Exposição internacional de Paris.

Mas, se esta Associação tem podido, por tal modo, retardar o desmoronamento d'estas ruinas, não poderá infelizmente evital-o por carencia de recursos; pelo que, sem o menor subsidio do Estado, as pequenas mensalidades d'uma parte dos seus socios, apenas lhe permitem, mui modesta existencia.

Não se dirá porem no futuro, que tammanha fatalidade aconteceu por falta de patriotismo ou d'illustração, ou por negligencia da sua parte.

Esta real Associação entende, que as ruinas do convento do Carmo, estão no caso dos monumentos nacionaes da Batalha, de Thomar, de Belem, e outros que justamente têm merecido a illustrada attenção do Governo de Vossa Magestade.

Seria para desejar, a reconstrução completa, ainda que demorada fosse, de tam famoso monumento, mas esta real Associação não pede tanto, porque reconhece, que o estado de nossas finanças o não comportaria. Pensa porê, que pôde ser, e que a ella lhe cumpre pedir, que o Governo de Vossa Magestade mande, pela Repartição das Obras publicas, applicar annualmente uma certa e determinada quantia, tirada da verba votada no Orçamento do Estado a favor da conservação dos monumentos nacionaes, para alguns melhoramentos nos restos d'este edificio, que possam

ir obviando a sua completa ruina. Tais melhoramentos serviriam ao mesmo tempo, para poder ampliar-se o espaço coberto, de que carece muito o Museu d'archeologia, o qual diariamente se vae enriquecendo, começando talvez por cobrir o cruzeiro da igreja, que é a parte que mais facil parece de ser cuberta pela solidez das paredes; podendo ser a cobertura, que porventura se faça de construção mista, para maior economia e brevidade d'esta muito urgente reparação.

Por este meio, ou como, o Governo de Vossa Magestade mais acordado julgar, cuida esta real Associação, que pouco a pouco se poderá ir remediando a completa ruina d'este sumptuoso monumento até chegar melhor ensejo de mais rapido e condignamente ser attendido, este importante objecto de brio e veneraveis recordações nacionaes. De muito, confia esta real Associação no esclarecido zelo do Governo de Vossa Magestade, que esta justa e patriotica representação, haja de novo a illustrada sollicitude, que só de per si está reclamando.

Lisboa e Sala das sessões da Real  
Associação d'architectos e arche  
ologos portuguezes em 28 de Maio 1875  
(Ass.) Joaquim Possidónio Narcizo da Silva  
Presidente da Real Associação.”

AH/AAP, *Propostas (1864-1887)*, Cx. 1, 28/05/1875. Inédito.

### Documento 6

“Ill.mo Ex.mo Sr.,

Para corresponder condignamente á honrosa missão que me foi incumbida em officio de 8 d'abril do corrente anno, assignado por V. Ex.<sup>a</sup> na qualidade de Presidente e pelos membros da Mesa da Assembleia geral da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, cumpreme vir dar hoje conta do modo porque procedi no Rio de Janeiro em nome da Associação e em conformidade d'aquelle mandato.

Sendo o principal intuito da nossa Benemerita Associação, obter os indispensaveis recursos pecuniarios para levar a cabo a restauração do monumental edificio da antiquissima Igreja do Carmo desta Cidade, e não me sendo possivel durante a minha curta demora n'aquella Côrte, tratei de um assumpto para o qual mister seria mais dilatado fosse, empenheime para conseguir tão desejado fim com o meu particular Amigo, o Ex.mo V. Manuel Antonio Gonçalves Roque, cavalheiro não somente illustre por muitissimos respeitos, como por ser tambem um dos nossos compatriotas que mais se tem distinguido em acoroçoar e proteger todos os enteresses patrios, tanto ali, como aqui promovidos. A resposta a semelhante appello consta do officio N.º 2 em referencia ao de N.º 1, que ambas remetto a V. Ex.<sup>a</sup> o anhelos superior generosidade com que o meu illustre proposto deu principio desde logo a auxiliar nos, com o valioso donativo de Medalhas Brasileiras a maior parte dellas ainda hoje desconhecidas nos primeiros Museus da Europa.

Esperando merecer a approvação do que fór, como representante d'Associação no Rio de Janeiro; tenho no entretanto a honra de manifestar a V. Ex.<sup>a</sup> o meu mais cordeal affecto e simultaneo desejo que Deus Guarde V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> m.tos annos.

Lisboa o 1.º de Setembro de 1878  
Ill.mo e Ex.mo Sr. Commendador  
Joaq.m Possidonio Narciso da Silva  
Sr. Presidente da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes  
Visconde de Sanches e Baêna.”

AH/AAP, *Correspondência Recebida (1873-1884)*, Cx. 5, 01/09/1878. Inédito.

### Documento 7

“O publico da Capital, nós os socios d'esta Real Associação, sabemos os repetidos esforços que temos feito perante as Estações competentes solicitando e instando a conservação e reparos das venerandas e historicas ruinas d'este respeitavel monumento nacional, onde está estebelecido há mais de quatorze annos o nosso museu; mas, quem haverá entre os nossos patricios, que não praticassem outro tanto, e não sintam grandissimo pezar ao saber que existem n'este vergonhoso estado as ruinas monumentaes da igreja do Carmo.

Esses vestigios venerandos de um tão glorioso padrão, que sendo em Lisboa único typo de architectura no seu genero, commemora tambem o vulto grandioso do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, seu fundador.

E poderíamos não sem remorços deixar perecer este edificio venerando e grandioso, que recorda tão magnificamente essas heroicas proezas de nossos maiores e ao mesmo tempo perpetua o glorioso padrão da nossa independência? Decerto não.

Que mais apropriado e grandiosos de momento se poderia realizar, para conservar a memoria gloriosa da epoca de [?] do que conseguir que o cobrimento d'este monumento, que teve igualmente uma similhante origem? E poderemos olvidar o de 1382, e encarecer aquelle da restauração da monarchia? Nem por instante, podemos duvidar, que os nossos compatriotas não partilhes os sentimentos d'esta Associação; por que para que tal ideia tivesse fundamento, seria preciso primeiro que o brio nunca desmentido dos nossos irmãos, se tivesse transformado em negra ingratição, e olvidado para sempre as glorias da patria.

Se esta Associação tem tão justamente confiado no patriotismo dos seus conteraneos, contando que nos auxiliariam para levar-mos a effeito a conservação e cobrimento das naves derrocadas d'este tão grandioso como artistico monumento, o que diremos dos nossos compatriotas, que estando auzentes da patria, e que tantas e tão repetidas provas lhe teem dado do seu aureolado patriotismo; seria injusto não confiar tambem na sua valiosa protecção, sempre sollicita em beneficio de louvaveis commettimentos nacionaes.

É portanto, por todo o exposto; tenho a honra de submitter a seguinte proposta ao Conselho Facultativo da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes:

Proposta:

Proponho que os novos socios correspondentes d'esta Associação, quizessem juntar-se a nós e coadjuvar as obras, que são necessarias para se levar a effeito o resguardo e colhimento das naves do monumento do Carmo, não só com Padrão nacional mas tambem para que as collecções archeologicas do Museu possam estar devidamente expostas por épocas e resguardadas, conforme já foi approvedo pela deliberação da Assembleia Geral no mez de Dezembro do anno findo; prestando-se esse socio a auxiliar essas obras com qualquer donativo, nunca inferior a 100\$000 réis; a Real Associação grata a tão relevante serviço o considerasse socio effectivo e lhe offerecerá o respectivo distinctivo da classe de socio effectivo, ficando tambem considerado socio de merito d'esta Real Associação. Sala das sessões do conselho em 28 de Fevereiro de 1878.

(Ass.) J. Possidonio N. da Silva.”

AH/AAP, *Propostas (1864-1887)*, Cx. 1, 28/02/1878. Inédito.

## **Documento 8**

“A Real Associação dos Archeologos e Architectos Portuguezes, cuja sede reside desde longa data é no edificio das ruinas do Carmo, tendo desde a sua fundação organizado um museu archeologico o primeiro que regularmente se estabeleceu no paiz, cujo custeio permanente lhe tem absorvido por completo as receitas associativas, a ponto de por vezes forçar os seus associados interessados patrioticamente na sua manutenção, a sacrificios extraordinarios; conscio de que com esses sacrificios tem prestado uma valoroso serviço ais estudos archeologicos do paiz, desenvolvendo-os e imitando-os na medida das suas forças e desejando melhorar a sua instalação para que possa durante a celebração do jubileu nacional do centenario da India, ser visitada pelos estrangeiros que affluem ao paiz, sem desprestigio para este, prestando por este modo um importante concurso as festas nacionaes que se realizem e não tendo em cofre pelas razões expostas verbas que permittam levar à prática o seu verbamentado desejo, sollicita de V.<sup>a</sup> como illustrado Ministro da pasta das obras Publicas o auxilio material de que tanto carece não só para a regular custeação do seu Muzeu, mas tambem para a conservação das ruinas monumentaes do Carmo onde como já expoz está instalado, evitando assim que este monumento precioso a muito respeito se oblitere por completo, facto que seria profundamente lastimavel.

Por todas estas razões, esta associação espera dever à reconhecida illustração e patriotismo de V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> o auxilio que solicita conscio de que a satisfasão do seu pedido será mais um serviço prestado por V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> ás tradições monumentaes e artisticas do paiz. As obras que esta associação solicita são as seguintes: concertos n'algumas partes da cobertura das capellas absidais:= Concerto e pinturas dos tapamentos de madeira:= Instalação d'alguns porticos e janellas que existem no muzeu com as respectivas peças despersas de forma a ficarem em conveniente posição para serem devidamente observadas.= Deslocação e arrumagem de consideravel numero de peças archeologicas:= Construção d'alguns armarios e vitrines para o muzeu.

Estes e outros trabalhos de muito menor importancia, desejava esta associação que ficassem concluidos antes do centenario da india, pelas razões que já teve a honra de expor a V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup>

Antecipadamente agradecendo a V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> a acquiescencia aos seus justificados desejos, esta associação espera em breve o grato prazer de registrar nas usas actas mais um nome benemerito.

Lisboa 17 de Dezembro de 1897  
Ill.mo e Ex.mo Snr. Conselheiro Augusto Jose da Cunha  
Ministro Secretario de Estado de Obras Publicas Commercio e Industria  
O Presidente  
Conde de S. Januario.”

AH/AAP, *Correspondência Expedida*, Cx. 52, 17/11/1897. Inédito.

### **Documento 9**

“Senhor,

Em 1864, há quarenta annos, foi concedido à Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugezes estabelecer a sua sede e fundar um Museu archeologico no antigo templo, arruinado, de Nossa Senhora do Vencimento do Monte do Carmo.

Encontrou a Associação essas ruínas, restos venerandos de um notavel monumento artistico e historicamente considerado, n’um condemnavel abandono, servindo ao vergonhoso mister de deposito de detricos mineraes e organicos, accumulados em tal quantidade que, quando por iniciativa d’esta Associação se poz termo a tamanha irreverencia, foram d’ali removidas oito mil carradas d’entulhos!

Consciente da responsabilidade que lhe impunha a posse d’um edificio que lhe foi confiado pelos poderes publicos e que constitue um padrão de gloria nacional, envidou todos os seus esforços, desvelo e solitudine em promover a conservação das suas alterosas ruínas, sem lhes alterar o seu aspecto vetusto e poetico que as torna uma das bellezas mais notaveis, attrahentes e admiradas da capital, e que teriam ruido e desaparecido por completo se não fossem amparadas pelo zelo d’esta Associação.

Prosseguindo no impreterivel dever e louvavel empenho de pugnar pela sua conservação, em todo o rigor da sua integridade, e na justa aspiração de evitar que phantasiosas tentativas de restauração destruam este monumento que tanto se impõe á Real Associação, animada dos mais puros sentimentos patrioticos e livre de interesses mesquinhos, reclamar respeitosa e perante Vossa Magestade contra o projecto de toda e qualquer reconstrucção d’este edificio, que uma commissão, no ardor do seu zelo e fervor da sua fé, pretende levar a effeito com o fim de commemorar o quinquagesimo anniversario da definição do dogma da Immaculada Conceição.

Ignora esta Associação qual seja o plano d’essa commissão e de que meios dispõe para o effectuar. Quanto ao plano, nenhum se poderia admittir que não estivesse em rigorosa harmonia com a primitiva architectura e opulencia d’este edificio, o que se nos afigura arrojada empreza de avultado dispendio, porque, sendo ogival a primitiva construcção e divergindo totalmente d’ella a parte que os frades começaram a restaurar depois do terramoto de 1755, é certo que teria de desaparecer todo este trabalho e principiar a construcção pelos alicerces.

Demais, entende esta Associação que augmentar o pesos que sobrecarrega as fundações d’este edificio, pode ter por consequencia o comprometter a sua estabilidade, que já bastante deixa a desejar.

A principiar pelos alicerces, seria uma nova construcção sem o character e significação historica que se ligam ao actual edificio, cujas ruínas venerandas, na sua poetica nudez e simplicidade, fallam com estranha eloquencia à alma portugueza d’essa epocha gloriosa e a todos os respeitos notavel na historia d’um povo, que por nenhum outro foi excedido nos brios, na coragem e elevação de sentimentos!

Executar outro qualquer plano que não respeitasse cabal e perfeitamente a ideia primitiva, seria um attentado contra a arte e uma profanação á memória do grande condestavel

Senhor! – Tem esta Real Associação prestado, com dedicação e independencia, incontestaveis serviços ao seu paiz; tem pugnado pela conservação dos seus monumentos, despertando no publico os sentimentos estheticos para os saber admirar, e de respeito para os conservar; tem salvo do vandalismo e da ignorancia numerosas preciosidades archeologicas que são apreciadas e estudadas no seu museu; conseguiu diffundir o gosto pelos estudos archeologicos, que se teem radicado em todo o paiz.

Espera prestar hoje um novo serviço, importante e patriotico, supplicando com o mais profundo acatamento a Vossa Magestade Se Digne attender as razões expostas e outras que não deixarão de surgir ao esclarecido espirito de Vossa Magestade, ordenando não sejam attendidos os desejos da mencionada Commissão, evitando a restauração projectada, a que se oppõem as tradições, a esthetica e a opinião publica. (...).”

*Boletim de Architectura e Archeologia*, 4.ª série, vol. XI, Lisboa, Imprensa Nacional, 1904, pp. 58-61.

## Referências Arquivísticas e Bibliográficas

### ARQUIVOS

Arquivo Histórico da Academia Nacional de Belas Artes (AH/ANBA).  
Arquivo Histórico da Associação dos Arqueólogos Portugueses (AH/AAP).  
Instituto dos Arquivos Nacionais / Torre do Tombo (IAN/TT).

### BIBLIOGRAFIA

- Boletim de Architectura e Archeologia*, Typographia Lallemand-Frères, 1872-1904.
- CASTILHO, Júlio de, *Elogio histórico do architecto Joaquim Possidónio Narciso da Silva*, Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1897.
- CASTRO, Augusto F. S. de, *Introdução à Arqueologia da Península Ibérica*, Lisboa, Lallemand Frères, 1877.
- CHOAY, Françoise, *L'Alégorie du Patrimoine*, Paris, Éditions du Seuil, 1996.
- CIDADE, Hernâni, *Lições de Cultura e Literatura Portuguesas*, vol. II, Coimbra, Edição Lda, 1984.
- DANIEL, Glynn, *Historia de la Arqueología*, Madrid, Alianza Editorial, 1992.
- FABIÃO, Carlos, "Para a História da Arqueologia em Portugal", *Penélope*, n.º 2, 1989.
- FABIÃO, Carlos, "Percurso da Arqueologia Clássica em Portugal: da Sociedade Archeologica Lusitana (1849-1857) ao moderno projecto de Conimbriga (1964-1971)", *La Cristalización del Pasado: Génesis y Desarrollo del Marco Institucional de la Arqueología en España*, Málaga, Universidad de Málaga, 1997, pp. 105-123.
- FRANÇA, José-Augusto, *História da Arte em Portugal no Século XIX*, t. I-II, Lisboa, Bertrand, 1983.
- FRANÇA, José-Augusto, "Hum -Architecto Portuguez", *História e Arqueologia*, n.º 51, Lisboa, AAP/Colibri, 2000.
- FRANÇA, José-Augusto, "Joaquim Possidónio Narciso da Silva", *Dicionário de História de Portugal*, dir. Joel Serrão, Porto, Livraria Figueirinhas, 1981, t. V.
- FRANÇA, José-Augusto, *O Romantismo em Portugal*, Lisboa, Livros Horizonte, 1999.
- GODOLPHIM, Costa, *Biographia do socio fundador, architecto e archeologo Joaquim Possidónio Narciso da Silva*, Lisboa, Typographia Lallemand-Frères, 1896.
- GRIFFITHS, T., *Hunters and Collectors*, Cambridge, Cambridge University Press, 1996, p. 103.
- GUSDORG, Georges, *L'Homme Romantique*, Paris, Payot, 1984.
- MANUEL, Câmara, "Joaquim Possidónio Narciso da Silva", *Boletim de Architectura e Archeologia*, 3ª série, t. VII, n.º 5, Lisboa, Typographia Lallemand-Frères, 1897.
- MARTINS, Ana C. N., "O Brasil na Vida e Obra de Possidónio da Silva", n.º dedicado ao Brasil, *Olisipo*, 2.ª série, n.º 14, Janeiro/Junho, Lisboa, AL/CML, 2001.
- MARTINS, Ana Cristina N., "O Museu Arqueológico do Carmo: o Elogio da Memória", *Catálogo do Museu Arqueológico do Carmo*, AAP/Ed. Colibri, 2002 (No prelo).
- MARTINS, Ana Cristina N., "O Museu Archeologico do Carmo e a Descentralização Cultural no Século XIX", *O Arqueólogo Português*, Lisboa, s. 4, vol. 17 (1999) (Actas do 1.º Encontro Nacional de Museus com Coleções de Arqueologia), Lisboa, M.N.A., 2001.
- MARTINS, Ana Cristina N., "O Museu Arqueológico do Carmo: o Elogio da Memória" *Roteiro do Museu Arqueológico do Carmo*, Lisboa, A.A.P/Ed. Colibri (No prelo).
- MARTINS, Ana Cristina N., "Perspectivas Antropológicas no Museu Archeologico do Carmo" *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, n.º 55, Porto, S.P.A.E., 2001.
- MARTINS, Ana C. N., "Possidónio da Silva, a RAACAP e a Arqueologia no Portugal de Oitocentos. A conservação dos monumentos arqueológicos", *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. V, Porto, ADECAP, 2000.
- MARTINS, Ana C. N., *Possidónio da Silva e a Memória Histórica. Um Percurso na Arqueologia Portuguesa de Oitocentos*, Texto policopiado, Tese de Mestrado em Arte, Património e Restauro, Lisboa, F.L.U.L., 2000.
- MARTINS, Ana C. N., "Possidónio da Silva e os estudos pré-históricos no Portugal de Oitocentos", *Arqueologia*, n.º 24, Porto, GEAP, 1999.
- MARTINS, Ana C. N., "The Portuguese Association of Archaeologists during the first half of the 20th century", *Abstracts Book of the 6.th Annual Meeting of European Association of Archaeologists*, Lisbon, MC/IPA, 2000.

- MARTINS, Ana C. N., "The reuse of a fifteenth century church as the headquarters of the *Portuguese Association of Archaeologists*", *Abstract Book of the 5<sup>th</sup> International Congress on Restoration of Architectural Heritage (CICOP)*, Firenze, Università degli Studi di Firenze, 2001.
- MARTINS, Ana Cristina N., "The Universal Exhibition of 1867 and the beginnings of collecting oriental artefacts in Portugal: the Museum of the Portuguese Association of Archaeologists", *Abstract Book of the Third International Congress on the Archaeology of the Ancient Near West*, ICAANE, Paris, 2002 (No prelo).
- MARTINS, Ana Cristina N., "Uma Breve Incursão pelos Primórdios da Inventariação do Património Histórico-cultural (1859-1861)", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 43, Porto, SPAE, 2002 (No prelo).
- MORTIER, Roland, *La Poétique des Ruines en France*, Genève/Librairie Droz, 1974, p. 15.
- MURTA, Visconde de T. da M., "Biographia de Possidónio da Silva", *Boletim de Architectura e Archeologia*, 3.<sup>a</sup> série, t. X, Lisboa, Typographia Lallemand-Frères, 1902.
- NETO, Maria J. Q. L. B., *James Murphy e o Restauro da Batalha*, Lisboa, Ed. Estampa, 1998.
- NETO, Maria J. Q. L. B., *Memória, Propaganda e Poder*, Porto, FAUP, 2002.
- NETO, Maria João Q.B., "O Restauro do Mosteiro de Santa Maria da Vitória da Batalha – 1840-1900", *Cadernos de História da Arte*, vol.1, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1994.
- O Homem Romântico*, dir. François Furet, Lisboa, Editorial Presença, 1999.
- PEREIRA, Gabriel, "Para memória do architecto Possidónio da Silva", *Boletim de Architectura e Archeologia*, 3.<sup>a</sup> série, t. VII, n.º s 6 e 7, Lisboa, Typographia Lallemand-Frères, 1896.
- PEREIRA, José E., "As ideias do século", *Portugal Contemporâneo*, t. VIII, Lisboa, Ed. Alfa, 1988.
- PEREIRA, José F., "O Neoclássico", *História da Arte Portuguesa*, dir. Paulo Pereira, t. III, Lisboa, Círculo de Leitores, 1995.
- POMEAU, René, *L'Europe des Lumières*, Paris, Stock, 1991.
- POMIAN, Krzysztof, *Collectionneurs, Amateurs et Curieux*, Paris, Gallimard, 1987.
- POULOT, Daniel, *Musée, Nation et Patrimoine (1789-1815)*, Paris, Gallimard, 1997.
- Revista Pittoresca e Descritiva de Portugal*, Lisboa, 1861.
- RIBEIRO, Ana Isabel, "Possidónio da Silva – Fundador da primeira associação dos architectos portugueses", *Arquitectos*, ano XIV/XV, n.º s 166/167, Lisboa, A.A.P., 1997.
- ROCHE, Daniel, *Le Siècle des Lumières en Province*, t. I, Paris, E.H.E.S.S, 1978.
- SANTANA, Francisco, "Joaquim Possidónio Narciso da Silva (1806-1896)", *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Mafra*, Mafra, C.M.M., 1997.
- SANTANA, Francisco, "Joaquim Possidónio Narciso da Silva – O Homem e a Obra", *Arquitectos*, ano XIV/XV, n.º s 166/167, Lisboa, A.A.P., 1997.
- SCHAER, Roland, *L'Invention des Musées*, Paris, Gallimard, 1996.
- SILVA, J. P. N. da, *Mémoire Descriptive du Projet d'une Restauration pour l'église Monumentale de Belem à Lisbonne*, Lisbonne, Typographia Portugueza, 1867.
- SILVA, J. P. N. da, *Noções Elementares de Archeologia*, Lisboa, Lallemand Frères. 1876.
- SILVA, J. P. N. da, *Resumo Elementar de Archeologia Christã*, Lisboa, Lallemand Frères, 1883.
- SIRE, Marie-Anne, *La France du Patrimoine*, Paris, Gallimard, 1996.
- TRIGGER, Bruce. G., *Historia del Pensamiento Arqueológico*, Barcelona, Editorial Crítica, 1992.

## **A última freira do Convento das Bernardas: apontamentos para uma biografia**

A. H. RODRIGUES MIRANDA

O Convento das Bernardas, situado na Rua da Esperança, freguesia de Santos-o-Velho, começou por ser um recolhimento para mulheres penitentes e devotas que desejavam servir a Deus, fundado em 1651, como parece indiciar a inscrição na base do cruzeiro que encima o portal existente na Travessa do Convento das Bernardas. Por diligências de Frei Vivardo (ou Vivaldo) de Vasconcelos, abade do Convento de Nossa Senhora do Desterro, foi convertido em convento de religiosas recoletas da Ordem de Cister, ou de S. Bernardo, sob invocação de Nossa Senhora da Nazaré, tendo-se fechado em clausura no dia 27 de Dezembro de 1653.

Praticamente destruído pelo Terramoto de 1755, embora não havendo mortes a registar, o convento desta cidade de Lisboa, até que em 1769 um decreto do abade geral D. Frei Manuel de Mendonça, obrigou à sua transferência para o Colégio de S. Francisco Xavier, em Setúbal, regressando à capital do reino em 1786, após a reedificação do seu mosteiro (faltava concluir a igreja), cujo projecto será da autoria do arquitecto e cenógrafo de origem italiana, Giacomo Azzolini<sup>1</sup>.

A extinção das ordens religiosas do sexo masculino, em 30 de Maio de 1834, impunha a imediata incorporação de todos os bens daquelas ordens na Fazenda Nacional. Esta medida, da responsabilidade do regente D. Pedro e do ministro Joaquim António de Aguiar, conhecido por isso por «o Mata-grades», tornara-se inadiável, sobretudo, dada a crise permanente das ordens religiosas, a convicção generalizada da sua inutilidade e o apoio inequívoco à causa miguelista, contrárias, portanto, ao constitucionalismo vencedor. Não implicou, no entanto, o encerramento dos conventos do sexo feminino, que se manteriam até à morte da última freira.

Desde Pombal que o poder civil exercia já um controlo efectivo sobre a esfera espiritual, mas só a ruptura com o absolutismo, depois da Revolução de 1820, e, sobretudo, após a vitória liberal, em 1834, viria a permitir a reforma da instituição eclesiástica de Antigo Regime. Ao extinguir as ordens religiosas e ao nacionalizar os seus bens, os liberais retiravam grande parte do poder económico à Igreja, aumentando assim a sua dependência em relação ao Estado e diminuindo a sua influência política.

No caso específico do Convento de Nossa Senhora da Nazaré do Mocambo, este seria desocupado em 1850, em razão do seu estado de ruína, e do Decreto de 9 de Agosto de 1833 que, para além de proibir novas admissões à profissão de freira, «determinava que os conventos, mosteiros, casas seculares e hospícios com menos de 12 religiosas seriam extintos e as suas propriedades incorporadas nos bens nacionais»<sup>2</sup>, dado restarem apenas três religiosas no edifício, D. Carolina Augusta de Castro e Silva, D. Anacleto Justa do Carmo Semedo e D. Maria Matilde dos Anjos.

D. Carolina, filha legítima de Romão José da Silva e de Francisca Maria dos Santos, de quem aqui se pretende traçar o percurso, tinha professado em 1831, com 16 anos de idade, em plena guerra civil entre absolutistas e liberais, será então mandada, na companhia das restantes para o vizinho Convento das Trinas do Mocambo. Aí ficam pouco tempo, pois pedem para ser «incorporadas no Real Mosteiro de S. Dionísio de Odivelas», ou de S. Dinis, da mesma ordem, «com a condição expressa de administrarem as suas rendas, e de se não confundirem os bens da sua casa com os do mesmo Real Mosteiro», excepto D. Maria Matilde dos Anjos que obteve licença para ser incorporada no Convento de S. Bernardo de Portalegre<sup>3</sup>.

Quando as duas religiosas chegam à casa de Odivelas, estavam longe de encontrar a antiga opulência. De facto, todo o conjunto edificado se encontrava muito degradado<sup>4</sup>, estando o seu recheio a saque, nalguns casos propiciado pelas próprias religiosas que vendiam ao desbarato os objectos preciosos como forma de obterem algum rendimento, eventualmente para satisfazerem necessidades várias, dadas as carências sentidas<sup>5</sup>, situação, aliás, que estaria na base do pedido de inventariação dos bens dos conven-

tos do sexo feminino, decidido pelo ministro dos Negócios Eclesiásticos e de Justiça, Vicente Ferrer Neto de Paiva, que justificava «esta iniciativa, no parlamento, ao afirmar que a sua “intenção era simplesmente que os bens fossem inventariados para escapar à delapidação deles e dos seus rendimentos porque corriam ao desbarate por toda a parte.”»<sup>6</sup>. Estas avaliações, iniciadas no ano seguinte, viriam a arrastar-se no tempo «em virtude de uma certa resistência das religiosas aos inquéritos»<sup>7</sup>.

A supressão do Convento de Nossa Senhora da Nazaré do Mocambo acabaria por se concretizar em 1859. Subsequentemente, o processo implicou a elaboração do inventário dos bens do referido convento, pelo que, no dia 30 de Setembro desse ano, o desembargador da Relação Eclesiástica, cónego João de Deus Antunes Pinto, e o oficial da Repartição da Fazenda, Joaquim António Gonçalves, se reuniram no «Real Mosteiro de S. Dionizio de Odivelas, e às grades (...) compareceu da parte de dentro da grade a Excelentíssima e Reverendíssima Senhora D. Carolina Augusta de Castro e Silva», em representação da comunidade de religiosas do extinto convento<sup>8</sup>.

D. Carolina, então com 45 anos de idade, informa que com ela ainda habita D. Anacleto Justa do Carmo Semedo, e que no Convento de S. Bernardo de Portalegre ainda vive D. Maria Matilde dos Anjos, e compromete-se a, «com boa e sã consciência» a declarar «todos os bens do dito seu mosteiro de Nossa Senhora da Nazaré» e deles «fazer uma exacta descrição»<sup>9</sup>. Na qualidade de administradora desses bens, é nomeada inventariante.

No termo de encerramento do inventário, datado de 28 de Março de 1860, para além das 35 verbas descritas, declara ainda «que não deu à escripta (...) nenhum dos objectos preciosos, nem alfaías pertencentes ao Culto Divino, pela razão de não possuir os primeiros, e ter dado as segundas para serviço da Igreja do sobredito Real Mosteiro (...)»<sup>10</sup>.

Sem o acordo prévio do Vaticano, os pares do reino acordaram a Carta de lei de 4 de Abril de 1861, «que determinava a expropriação e a conversão dos bens das ordens religiosas femininas em títulos de dívida pública (...) Através desta reforma, o Governo procurava diminuir [ainda mais] a influência social da Igreja, no momento em que as congregações começavam a reentrar, progressivamente, no nosso país»<sup>11</sup>. No ano seguinte, a administração liberal iniciava a venda das propriedades das casas religiosas e dos cabidos<sup>12</sup>.

A última das religiosas que constituíam a comunidade do Convento de S. Dionísio de Odivelas, D. Bernardina da Encarnação Corrêa, morre em 15 de Junho de 1886, pelo que o Ministério dos Negócios Eclesiásticos e de Justiça solicita, em 21 de Junho seguinte, ao Ministério da Fazenda – Direcção Geral dos Próprios Nacionais, «a expedição das ordens necessárias para que se proceda à arrecadação e administração dos bens e rendimentos do referido convento nos termos das instruções de 31 de Maio de 1862, enquanto se lhes não der a legal aplicação (...)». <sup>13</sup> Contudo, a existência da última freira do Convento das Bernardas naquele convento veio a impedir que o edifício fosse considerado desocupado, «nem ter outra aplicação apesar de extinto»<sup>14</sup>, «enquanto se não resolver sobre o destino que deva ter aquela religiosa»<sup>15</sup>. Apesar disso, o inventário dos bens do convento iniciou-se a 4 de Agosto.

As 25 recolhidas e pupilas que com D. Carolina ainda habitavam no Convento de Odivelas, por não ser permitida a sua permanência, «tendo cada uma de tratar do seu futuro em outros recolhimentos, ou onde com mais decência possam estar», visto o governo ter mandado «relacionar os bens do mosteiro» e ordenado «que não possam sair (...) sem que o inventário esteja concluído», dada a situação lhes causar «grande transtorno (...) por que não vencendo ordenado algum, estão gastando o pouco que possuem, e agravando cada vez mais o seu futuro; e sendo além disso tão moroso o andamento do inventário, decerto carecem de alguma coisa para seu sustento, amas e criadas, cujos recursos são limitadíssimos!», dias depois, a 22 de Agosto, solicitam às entidades competentes, «que estando, como está, uma religiosa, senhora de todos os haveres e alfaías do convento para de tudo dar a devida conta; esta mesma senhora ou quem o governo determinasse, poderia depois de reverem o que é propriamente seu, deixá-las acondicionar e sair com o que lhes pertence, livres de toda a responsabilidade, a fim de com urgência tratarem da sua colocação»<sup>16</sup>.

A portaria de 28 de Agosto, remetida ao Cardeal Patriarca, pelo Ministério dos Negócios Eclesiásticos, garante «os indispensáveis meios de subsistência ao capelão e pupilas do extinto convento, até à conclusão do inventário». Contudo, lamentam-se os interessados, em novo requerimento de 16 de Setembro, «que tendo permanecido no referido convento desde o primeiro de Julho p.p.», não receberam «dinheiro algum de mesada desde aquele dia»<sup>17</sup>.

À semelhança do que acontecera às pupilas de outros conventos suprimidos, é-lhes, entretanto, concedida autorização para abandonar o edifício e levar «a mobília e mais objectos de seu uso»<sup>18</sup>.

O capelão confessor dos últimos doze anos daquele convento, António Joaquim de Moura Calvão, tinha sido nomeado em 28 de Junho «como assistente do inventário e depositário dos objectos e alfaiaes pertencentes ao culto religioso do mesmo extinto mosteiro» e «não tendo recebido cousa alguma desde o mês de Maio (sic) passado requer [novamente, em 16 de Dezembro] a graça de lhe mandar abonar o que lhe pertencer»<sup>19</sup>.

Quando, em 1878, começam as avaliações para venda dos foros pertencentes ao Convento das Bernardas, as freiras do convento são intimidadas, na pessoa de D. Carolina, como administradora dos bens do convento, «para assistirem a todos os termos do processo das ditas avaliações com a pena de revelia»<sup>20</sup>.

O Convento de S. Dionísio de Odivelas acabou por ser suprimido em 14 de Janeiro de 1887, tendo D. Carolina Augusta de Castro e Silva resolvido sair «para casa sua, para onde levou o que lhe pertencia incluindo alguns títulos de dívida pública» que lhe estavam averbados. Em Julho do ano seguinte, encontrava-se concluído o inventário, com excepção do Arquivo, entretanto removido para a Repartição da Fazenda do Distrito de Lisboa<sup>21</sup>.

Só em 1889 são nomeados os louvados para a avaliação do foro de 100\$000 anuais, com laudémio de quarentena, do edifício do Convento das Bernardas, cujo enfiteuta é Joaquim Lopes Carreira de Melo, proprietário do Colégio de Nossa Senhora da Conceição, aí instalado desde 1855<sup>22</sup>. Mais uma vez é D. Carolina notificada, dado ser a senhoria directa, administradora e usufrutuária dos bens do extinto convento, a quem eram pagos os foros das diversas propriedades<sup>23</sup>, disfrutando, igualmente, dos juros dos títulos de dívida pública averbados ao mesmo convento<sup>24</sup>.

D. Carolina, a residir em casa de uma sua sobrinha, D. Maria Emília da Silva Barbosa, na rua Alberto Monteiro, na mesma freguesia de Odivelas, viria a falecer em 16 de Abril de 1909, pelas cinco horas da tarde, com 93 anos de idade, vindo a ser sepultada no cemitério paroquial daquela freguesia<sup>25</sup>.

A 28 de Maio seguinte, reuniram em casa de D. Maria Emília, o administrador do concelho, Lucas Duarte, o escrivão da Fazenda, Rafael da Par do Furtado, e o oficial de deligências, João Rodrigues de Melo, a fim de inventariarem os bens – títulos, livros e mais documentos – referentes ao Convento das Bernardas ainda em posse da falecida<sup>26</sup>.

D. Carolina Augusta de Castro e Silva viveu, pois, uma longa vida que acompanhou os grandes acontecimentos do século XIX português, da guerra civil da sua juventude, que deu a vitória à monarquia constitucional, ao assassinato de D. Carlos, penúltimo acto do fim da própria instituição monárquica.

## NOTAS

<sup>1</sup> In carta de Gérard Leroux dirigida ao presidente do Instituto Português do Património Cultural, de 21 de Janeiro de 1986, solicitando a classificação do edifício.

<sup>2</sup> Vítor Neto – *Op. cit.*, pág. 279.

<sup>3</sup> Processo da supressão do Convento de Nossa Senhora da Nazaré do Mocambo – 1859. In *Arquivo Histórico do Ministério das Finanças: Convento de N. Sra. Da Nazaré de Mocambo* (Caixa 1991 – capilha 1).

<sup>4</sup> Em 1865, começam obras urgentes de recuperação de portas, soalhos, gradeamentos, estuques e vidros nas janelas. A portaria de 31 de Agosto de 1887 determina que se proceda à confecção do projecto de restauro da ala leste e edificações anexas, a fim de servir de instalação de uma associação de piedade e de educação do sexo feminino. Começadas as obras, estas acabariam por ser suspensas, dois anos depois por extinção da verba orçamental e deixou de ser destinado ao fim a que se referia. In *Arquivo Histórico do Ministério das Finanças: Convento de S. Dionísio de Odivelas* (Caixa 1989 – capilha 7).

<sup>5</sup> Como se pode ler num ofício da Direcção Geral da Fazenda Pública, de Fevereiro de 1913: «teve este convento várias aves de rapina, mas a que se tornou verdadeiramente enexorável foi a abadessa D. Maria Carlota Joaquina Anchieta, falecida em 1874, que por sua conta e risco transformou o Mosteiro num bazar de venda de objectos valiosos». In *Arquivo Histórico do Ministério das Finanças: Convento de S. Dionísio de Odivelas* (Caixa 1989 – capilha 9).

<sup>6</sup> Vítor Neto – *Op. cit.*, pág. 279. Citação do *Diário da Câmara dos senhores deputados*, 1860.

<sup>7</sup> *Ibidem*.

- <sup>8</sup> Processo da supressão do Convento de Nossa Senhora da Nazaré do Mocambo. In *Arquivo Histórico do Ministério das Finanças: Convento de N. Sra. Da Nazaré de Mocambo – 1859* (Caixa 1991 – capilha 1).
- <sup>9</sup> *Ibidem*.
- <sup>10</sup> In *Arquivo Histórico do Ministério das Finanças: Convento de N. Sra. Da Nazaré de Mocambo* (Caixa 1995 – capilha 2).
- <sup>11</sup> Vítor Neto – *Op. cit.*, pág. 280
- <sup>12</sup> *Ibidem*.
- <sup>13</sup> Ofício da 2.ª Repartição da Direcção Geral dos Próprios Nacionais de 30 de Junho de 1886. In *Arquivo Histórico do Ministério das Finanças: Convento de S. Dionísio de Odivelas* (Caixa 1991, capilha 13).
- <sup>14</sup> *Idem*.
- <sup>15</sup> *Idem* – Ofício da Secretaria de Estado dos Negócios Eclesiásticos e de Justiça, de 18 de Junho de 1886.
- <sup>16</sup> Requerimento de 22 de Agosto de 1886. In *Arquivo Histórico do Ministério das Finanças: Convento de S. Dionísio de Odivelas* (Caixa 1991 – capilha 13).
- <sup>17</sup> *Idem*.
- <sup>18</sup> *Idem*. Assunto questionado em ofício da Repartição de Fazenda do Distrito de Lisboa, de 14 de Agosto de 1886 e resposta com autorização, em ofício de 27 de Agosto de 1886, que as requerentes ainda não tinham conhecimento.
- <sup>19</sup> *Idem*.
- <sup>20</sup> Mandados de Intimação em 3 e 22 de Agosto e em 22 de Outubro de 1878. In *Arquivo Histórico do Ministério das Finanças: Convento de N. Sra. Da Nazaré de Mocambo* (Caixa 1995 – Doc.IV/A/37/6).
- <sup>21</sup> Ofício da Repartição da Fazenda do Distrito de Lisboa, de 30 de Julho de 1888. In *Arquivo Histórico do Ministério das Finanças: Convento de S. Dionísio de Odivelas* (Caixa 1989 – capilha 7).
- <sup>22</sup> Um anúncio publicado no *Jornal do Comércio* de 6 de Dezembro de 1855, publicita a transferência do Colégio de Nossa Senhora da Conceição no fim daquele mês "para o bello e grande edificio que foi mosteiro das religiosas da Nazareth do Mocambo". Neste colégio, propriedade de Joaquim Lopes Carreira de Melo, foram alunos o dramaturgo D.João da Câmara e o célebre médico Sousa Martins. O dístico deste estabelecimento de ensino sobrepõe ainda o portal da fachada do edificio.
- <sup>23</sup> Carta de Francisco Joaquim Nunes, de 23 de Abril de 1892. In *Arquivo Histórico do Ministério das Finanças: Convento de S. Dionísio de Odivelas* (Caixa 1988 – capilha 2).
- <sup>24</sup> Escrito à margem em ofício de 10 de Setembro de 1889. In *Arquivo Histórico do Ministério das Finanças: Convento de S. Dionísio de Odivelas*. (Caixa 1989 – capilha 7).
- <sup>25</sup> *Assento de Óbito* de Carolina Augusta de Castro e Silva – Conservatória do Registo Civil de Loures.
- <sup>26</sup> Relação de bens efectuada em 28 de Maio de 1909. In *Arquivo Histórico do Ministério das Finanças: Convento de N. Sra. Da Nazaré de Mocambo* (Caixa 1991 – capilha 1).

## BIBLIOGRAFIA

### Fontes manuscritas

ASSENTO DE ÓBITO de Carolina Augusta de Castro e Silva – Conservatória do Registo Civil de Loures.  
CONVENTO DE N. SRA. DA NAZARÉ DE MOCAMBO: Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, ANTT.  
CONVENTO DE S. DIONÍSIO DE ODIVELAS: Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, ANTT.  
COD.1 493-96, pp. 27 e 27vº. BN, Reservados.  
CÓDICES ALCOBACENCES, CDXXXIII/307, pp. 76 a 114. BN, Reservados.

### Fontes manuscritas

ARAÚJO, Norberto de – *Peregrinações em Lisboa*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, [19--], pp. 21-22.  
BAIROS (OS) E AS JUNTAS DE FREGUESIA DE LISBOA: “Santos-o-Velho e a Madragoa”, *Diário de Notícias*, 16 Abril 1933.  
BAPTISTA, João Maria – *Chorographia moderna do reino de Portugal*. Lisboa: Tip. Academia Real das Ciências, 1876, vol. 4.  
COLLEGIO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. *Jornal do Comércio*, 6 Dezembro 1855.  
HISTÓRIA DOS MOSTEIROS, CONVENTOS E CASAS RELIGIOSAS DE LISBOA NA QUAL SE DÁ NOTÍCIA... Lisboa: Imprensa Municipal de Lisboa, 1972, vol.2, pp. 443-449.

- Jornal do Comércio* n.º 669, 6 de Dezembro de 1855 – Anúncio pág.4 «Collegio de Nossa Senhora da Conceição».
- LEITE, Ana Cristina – *Pátios de Lisboa: aldeias entre muros*. Lisboa: Gradiva, 1991.
- LEROUX, Gérard – “A Abadia de Nossa Senhora da Nazaré do Mocambo”. In jornal *O Dia*, 8 Abril, 14 Abril, 13 Maio e 9 Junho 1985.
- MONUMENTOS E EDIFÍCIOS NOTÁVEIS DO DISTRITO DE LISBOA. Lisboa: Assembleia Distrital, 1988, Vol.2.
- MATOS, Alfredo de; PORTUGAL, Fernando – *Lisboa em 1758*. Lisboa: CML, 1974.
- MIRANDA, António – “Análise histórica e arqueológica”. in *Plano de Urbanização do Núcleo Histórico da Madragoa*. Lisboa: CML-DMRU-GLMSP, 1996.
- MIRANDA, António – “Convento das Bernardas”. in *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, 1994, págs. 163-164.
- NETO, Vítor – “O Estado e a Igreja: do Antigo Regime ao Liberalismo”, in *História de Portugal* (Direcção de José Mattoso). Lisboa: Círculo de Leitores, 1993, Volume 5, pp. 265-283
- PEREIRA, Esteves; RODRIGUES, Guilherme – *Portugal: dicionário histórico, chorographico, heraldico, biographico, bibliographico, numismático e artístico*. Lisboa: Romano Torres, 1904, p. 297-298
- PEREIRA, Luiz Gonzaga – *Descrição dos monumentos sacros de Lisboa em 1833*. Lisboa: BNL, 1927, pp. 229-232.
- PORTUGAL, Fernando; MATOS, Alfredo de – *Lisboa em 1758: memórias paroquiais de Lisboa*. Lisboa: CML, 1974, pp. 246 e 321.
- RIBEIRO, M. Felix – *Os mais antigos cinemas de Lisboa: 1896-1939*. Lisboa: Cinemateca Nacional, 1978, p. 184.
- SANTOS, Maria Teresa Pires dos; FERREIRA, Jorge M. Rodrigues – “O Convento de Nossa Senhora da Nazaré (Bernardas Descalças)”, in *Comunicações ao Simpósio Lisboa em Discussão*. Olisipo, n.º especial (2), 1996.
- SOUSA, Francisco Luís Pereira de – *O Terramoto do 1.º de Novembro de 1755 em Portugal e um estudo demográfico*. Lisboa: Serviços Geológicos, 1928, pp.737-738.

## A Colecção de Grilhetas de Escravos do Museu Nacional de Arqueologia – Lisboa

JOSÉ LUÍS NETO

Em 1998, enquanto Bolseiro da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, com a função de executar o levantamento de tudo o que estivesse relacionado com o Negro e com a Escravatura para a exposição *O Negro em Portugal – Séculos XV a XIX*, tive a oportunidade de analisar as peças sitas na Sala Fria das Reservas do Museu Nacional de Arqueologia, classificadas como Grilhetas de Escravos.

Nessa altura, não só não pude dispendir muito tempo na observação das ditas peças, como ainda não dispunha de todos os elementos que permitiram que este estudo fosse feito actualmente.

Contudo, fomos informados pela Senhora Dr.<sup>a</sup> Olinda Sardinha<sup>1</sup> do Museu, que para além das peças estudadas, havia detectado uma entrada, no primeiro *Livro de Entradas* do Museu, de 6 de Julho de 1908 que diz *Coleira de latão em que se lê: Este preto he de Ago(tinho) de Lafetá do Carvalhal de Óbidos* oferecida por Jacintho dos Santos, do Carvalhal. Publicada por Leite de Vanconcelos em *De Campolide a Melrose*, diz-nos então:

No Museu Etnologico recolhi uma curiosa coleira de um escravo de um escravo do sec. XVIII, a qual obtive no Carvalhal de Obidos, onde ha uma torre fidalga a que ela pertenceu: é de latão, e que tem em toda a volta o seguinte letreiro : ESTE PRETO HE DE AGO(stinho) DE LAFETA DO CARVALHAL DE OBIDOS. Como este objecto escalda as mãos quando se lhe toca! que vilipendios não traduz! a que lagrimas não deu origem!

Com o que digo se relaciona o actual costume de pôr ao pescoço dos cães coleiras de metal ou de couro com o nome do dono ou da casa ou quinta a quem pertence. Raramente o passado se perde de todo: quando bem se busca, descobre-se sempre um rasto<sup>2</sup>.

Infelizmente não encontrámos esta peça.

No *Livro de Entradas* do Museu Nacional de Arqueologia, de Outubro a Dezembro de 1913 e Janeiro de 1914 em diante, foram detectadas, pela Senhora Dr.<sup>a</sup> Olinda Sardinha, duas entradas referentes a grilhetas:

N.º 5468-69 bis “duas algemas de ferro, oferecidas pela Câmara Municipal de Marvão por intermédio de João Pinto Simões da mesma Vila. Excursão do Director a Marvão”.

N.º 5470-71 bis “grilhão de ferro e parte de outro da mesma procedência e do mesmo intermédio. Excursão do Director a Marvão”.

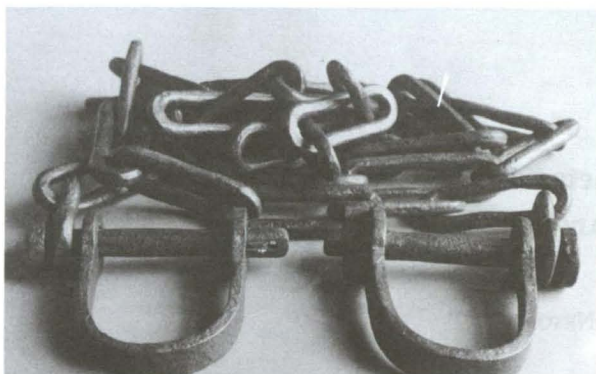
Estas peças poderão corresponder, eventualmente, às nossas peças 1, e 2 e 3, contudo, a ausência de números de inventário compatíveis não permite a sua clara identificação. Consultámos a *Etnografia Portuguesa* e *De terra em terra* (vol. 1), mas não conseguimos obter mais dados relativos a estas peças.

Par de algemas de ferro ligadas entre si por uma pequena corrente. Cada algaema, de forma circular, está unida por uma dobradiça, tendo, no outro extremo, um fecho por parafuso.

Diâmetro médio 8,5 cm; altura 4 cm; espaço entre algemas 15,5 cm.

Peça 1

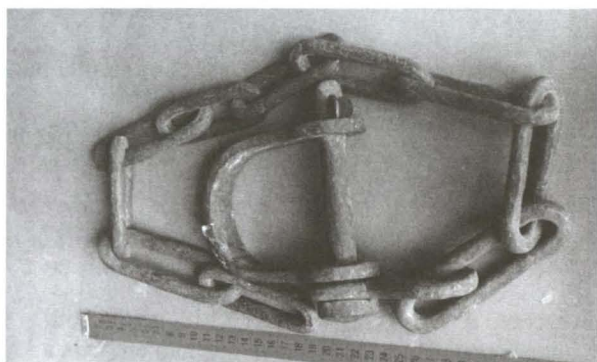




Algemas de ferro, ligadas entre si por uma grande corrente. As algemas apresentam forma em U, eventualmente adaptáveis à zona do tornozelo. É de salientar a grande distância entre algemas. O fecho da algaema é efectuado através de uma cavilha que, no lado da cabeça, liga a corrente à algaema, e do extremo oposto apresenta uma fenda bem rasgada, que teria uma lingueta de encerramento.

Comprimento 8,5 cm; largura entre 6 e 7,5 cm; altura 2,3 cm; espaço entre algemas 290 cm.

Peça 2



Algaema de ferro, adossada a uma corrente. A algaema apresenta forma em U, eventualmente adaptável à zona do tornozelo. O fecho da algaema é efectuado através de uma cavilha que, no lado da cabeça liga a corrente à algaema, e do extremo oposto apresenta uma fenda bem rasgada, tendo uma lingueta de encerramento.

Comprimento 8 cm; largura entre 6 e 7,5 cm; altura 2 cm; comprimento da corrente 85 cm.

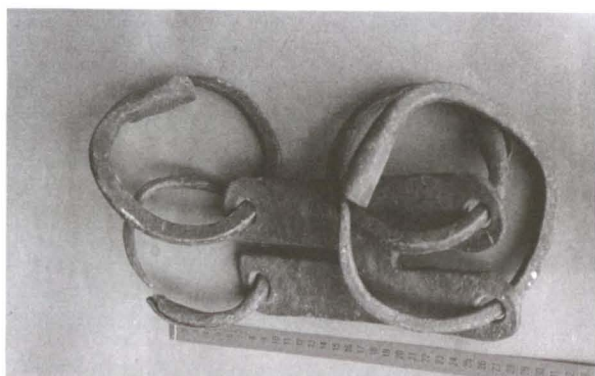
Peça 3



Base fixa de forma aproximadamente rectangular, em ferro, com quatro argolas nos vértices. Apresenta um pequeno furo na zona central, de forma aproximadamente quadrangular, para, possivelmente, colocar uma cavilha sobre suporte rígido. O sistema de abertura das argolas é de pressão.

Comprimento entre 245 e 25 cm; largura entre 15 e 15,5 cm; espessura 0,7 cm. Furo com 1x1 cm a 1,5 cm da extremidade (largura), enquadrado a 14 cm (comprimento). As argolas têm diâmetros de 9, 9, 11 e 12 cm.

Peça 4



Base fixa de forma em H horizontal, em ferro, com quatro argolas nos vértices. O sistema de abertura das argolas é de pressão. Cada parte longitudinal tem de comprimento 22 cm por 4,5 cm de largura e 0,7 cm de espessura. O espaço entre as partes longitudinais é de 4,5 cm, tendo, a zona de ligação, 1 cm de largura.

As argolas têm diâmetros de 10, 10, 10,5 e 13 cm.

Peça 5

Peça 6

Base fixa de forma aproximadamente rectangular, em ferro, com duas argolas nos vértices. O sistema de abertura das argolas é de pressão.

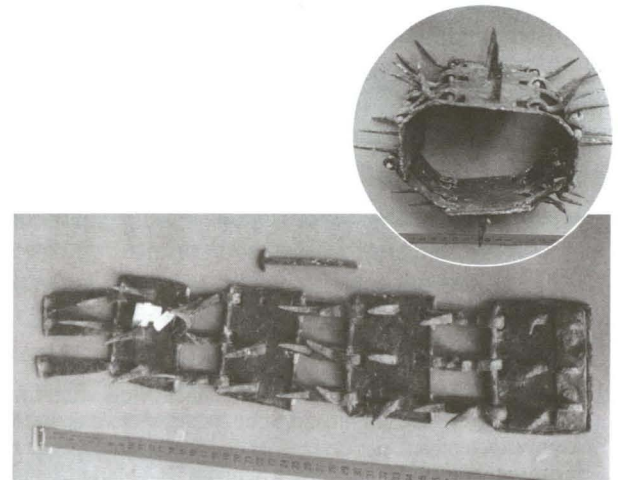
Comprimento 27 cm; largura 7 cm; espessura 0,7 cm; diâmetro de ambas as argolas 9 cm.



Peça 7

Coleira de ferro de forma octogonal. Tem quatro chapas de forma rectangular com três espinhos longitudinais cada, intercaladas com três barras de ferro horizontais, paralelas, que através da retorção da barra criam dois espinhos cada. O fecho desta peça é efectuado através de uma cavilha inserida longitudinalmente.

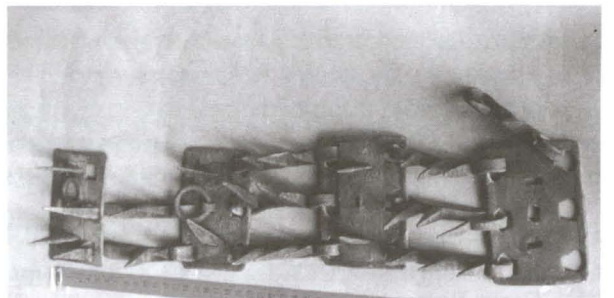
Comprimento 57,5 cm; altura 8 cm; espessura 0,3 cm; comprimento dos espigões 4 cm.



Peça 8

Coleira de ferro de forma provavelmente octogonal. Tem quatro chapas de forma rectangular apresentando uma pequena argola de ferro em duas das chapas, e o negativo desta nas outras duas. Com dois espinhos longitudinais cada em cada chapa, estão intercaladas por três barras de ferro horizontais, paralelas, que através da retorção da barra criam dois espinhos cada, aliados a um terceiro central.

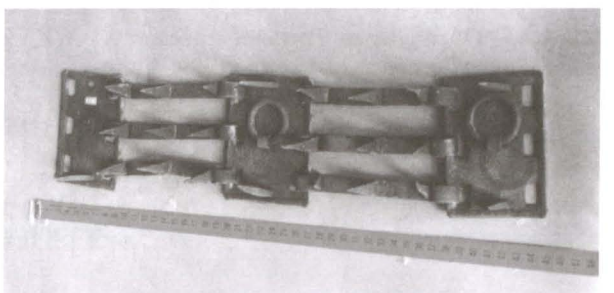
Comprimento 49 cm; altura 9,5; espessura 0,2 cm; diâmetro de cada argola 0,8 cm; comprimento dos espigões 4,8 cm.



Peça 9

Coleira de ferro de forma provavelmente octogonal. Tem três chapas de forma rectangular apresentando uma pequena argola de ferro em duas das chapas, e o negativo desta noutra. Com dois espinhos longitudinais cada em cada chapa, estão intercaladas por três barras de ferro horizontais, paralelas, que através da retorção da barra criam dois espinhos cada, aliados a um terceiro central.

Comprimento 41 cm; altura 9,5 cm.; espessura 0,2 cm.; diâmetro de cada argola 2,8 cm.; comprimento de cada espigão 4 cm.



Resta-nos ainda referir que existem mais três argolas e quatro fechos de parafuso que não poderão ter sido utilizáveis em escravos. Nem num caso nem noutro são adaptáveis a humanos. Há ainda algumas partes de correntes, mas que, por si, nada revelam.

Relativamente à peça 1, encontrámos outra semelhante no Museu Municipal Infante D. Henrique, de Faro. Não deverá tratar-se de uma grilheta, dado que a peça estudada tem um sistema de fecho incompatível com o aprisionar de indivíduos, pois estes soltar-se-iam facilmente. Relativamente às peças 2 e 3 temos um paralelo numa peça do Museu Nacional da Escravatura, em Luanda (Angola), se bem que a peça angolana seja uma peça individual, enquanto que a do Museu Nacional de Arqueologia aponta, pelo menos na peça 2, para uma caminhada em fila, caso tenha sido aplicada a seres humanos. Esta dúvida quanto à sua efectiva utilização em seres humanos advem de um sistema de fecho facilmente removível. Contudo, não podemos dar-lhe uma atribuição clara, pois os indivíduos poderiam ter os membros superiores incapacitados de chegarem ao fecho. Quanto às peças 4, 5 e 6, podemos dizer que muito dificilmente terão sido utilizadas em escravos, dado que o sistema de abertura das argolas é extraordinariamente simples, todavia, completamente adaptável ao aprisionamento de animais. Por último, no que concerne às peças 7, 8 e 9, localizámos um paralelo nas colecções do Museu do Trabalho Michel Giacometti, em Setúbal. Esta peça provém da Colecção Etnográfica de Michel Giacometti, com o N.º de Inventário 202. Recolhida no concelho do Crato ou de Nisa, oferecida por Francisco Mendes da Rosa, tem a função de coleira de cão de guarda aos rebanhos.

#### NOTAS

<sup>1</sup> Gostaria de agradecer ao Museu Nacional de Arqueologia, na pessoa do seu director o Dr. Luís Raposo, e à Senhora Dr.<sup>a</sup> Olinda Sardinha, pela disponibilidade, acompanhamento e apoio demonstrado, numa área que se demonstrou tão difícil e complexa. Aproveito, também, para agradecer ao Museu Municipal de Faro e ao Museu do Trabalho Michel Giacometti a colaboração pronta que recebi. Queria agradecer à Senhora Dr.<sup>a</sup> Maria Cristina Neto, ao Dr. Luís Manuel Alves Lopes e ao Dr. A. M. Dias Diogo com quem tive vastas e prolongadas discussões sobre estas peças. As fotografias são da autoria da Dr.<sup>a</sup> Nathalie Antunes-Ferreira a quem aproveito também para agradecer.

<sup>2</sup> José Leite de Vasconcelos, *De Campolide a Melrose*, Lisboa, 1915, pp. 36-37.

#### BIBLIOGRAFIA

- DEBRET, Jean Baptiste – *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*, Tomo I, vol. 1 e 2, Ed. Livraria Itatiaia, São Paulo, 1981 (?).
- LAHON, Didier – *O negro no coração do Império*, Ed. Ministério da Educação, Lisboa, 1999.
- MEDINA, João; HENRIQUES, Isabel de Castro – *A rota dos escravos: Angola e a rede do comércio negro*, Ed. Cegia, Lisboa, 1996.
- PIMENTEL, Maria do Rosário – *Viagem ao fundo das consciências – a escravatura na época moderna*, Ed. Colibri, Lisboa, 1995.
- VASCONCELLOS, José Leite de – *De Campolide a Melrose*, Ed. Imprensa Nacional de Lisboa, Lisboa, 1915.
- V.V. A.A. – *Île de la réunion – regards crissés sur l' esclavage 1794-1848*, Ed. C. N. H. e Somogi, Paris, 1998.
- V.V. A.A. – *Os Negros em Portugal – Séculos XV-XIX*, Ed. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, Lisboa, 1999.

## Aspectos bio-sociais dos aguadeiros inumados em Lisboa entre 1840 e 1900

MARIA CRISTINA NETO\*

LUÍS LOPES

### Introdução

Os aguadeiros, como profissão típica dos séculos anteriores, dada a ausência de água ao domicílio, eram um grupo profissional bem conspícuo na sociedade lisboeta do século XIX, sendo, ao que sabemos, esta profissão estritamente masculina.

O seu desempenho, necessitando essencialmente de uma grande robustez física, permitia o seu exercício mesmo pelos indivíduos mais boçais e que ocupavam um estrato social relativamente baixo. O seu exercício, dadas as suas características, era portanto, possível não só a nacionais, mas também a estrangeiros, mesmo falando mal o Português, e neste caso, geralmente provenientes de regiões peninsulares normalmente muito pobres e de grande densidade demográfica, como, por exemplo, a Galiza.

O incremento da distribuição da água ao domicílio deve ter contribuído decisivamente para o declínio desta profissão, estando presentemente, e ao que sabemos, extinta em Lisboa.

Devido ao baixo nível social destes indivíduos, e porque tal tem implicações, quer em termos matrimoniais (a incapacidade de manter a família), quer em termos do tipo de inumação, resolvemos estudar os estados civis dos aguadeiros de Lisboa, aquando da sua morte, bem como o seu modo preferencial de inumação.

Também averiguámos se havia diferenças significativas nos métodos de enterramento em função do estado civil.

Igualmente nos pareceu com interesse estudar os locais de origem destes profissionais, a fim de ficarmos com uma ideia mais exacta da sua proveniência e das possíveis correntes migratórias, no século XIX.

Uma vez que uma grande robustez física era necessária para o desempenho desta profissão, pareceu-nos igualmente interessante estudar as idades com que morriam, não só porque elas podem indicar uma maior ou menor morbidade deste grupo, mas também porque podem indicar, através de uma ausência de indivíduos falecidos em idades precoces, de um declínio na profissão por ausência de recrutamento.

Para este efeito, consultámos os livros de registo dos dois principais cemitérios de Lisboa (Alto de São João e Prazeres), desde 1840 até 1900, fazendo a prospecção em intervalos de cinco anos.

Em primeiro lugar, podemos concluir, quanto à naturalidade:

192	– Sem referência
55	– Galiza (constituindo 21.30)
7	– Minho
3	– Beira Litoral
2	– Trás-os-Montes
2	– Estremadura
1	– Beira-Alta
1	– Beira-Baixa

Dos 71 aguadeiros (ao serviço), registados, 55 são da Galiza, 10 do Norte de Portugal e 6 do Centro. Nenhum surge identificado como natural de regiões a sul do Tejo.

---

\*Centro de Antropobiologia do I.I.C.T.

O número de aguadeiros deveria chamar a atenção mais pela tipicidade da profissão do que pelo número em si. Poucos seriam os que abandonavam a profissão muito antes de morrerem, visto que se encontraram apenas três casos que não entraram nas tabelas de indivíduos que morreram com outra situação social, mas que são indicados como tendo sido aguadeiros, e estes com idades avançadas.

Pode dizer-se, embora o número da amostra diminua substancialmente, com o decorrer do período estudado, que existe um incremento das inumações em cova em relação às inumações em vala, o que pode significar, quer um melhor nível de vida, quer uma mudança de hábitos da população. Esta segunda hipótese parece ser mais plausível visto que se verificou, por exemplo, a mesma tendência entre as meretrizes.

### Quadro I

#### Número de inumações por ano

Anos	N.º	%	Total
1840	27	0.74	3644
1845	31	0.78	3985
1850	39	0.59	6545
1855	34	0.52	6508
1860	26	0.43	6053
1865	24	0.37	6451
1870	25	0.42	5925
1875	29	0.46	6301
1880	12	0.18	6751
1885	7	0.09	7815
1890	4	0.05	8646
1895	2	0.02	8980
1900	3	0.04	8290
Total	263	0.30	85.894

Assim talvez o mais provável terá sido uma mudança na visão da população em geral em relação à inumação em vala, considerando-a pouco digna. De facto, em todo o século XIX, surge com progressiva intensidade um movimento contrário à inumação em vala nos meios de comunicação social e na sociedade em geral.

Pela análise do Quadro IV, podemos constatar uma rarefacção das inumações de aguadeiros a partir do ano de 1880 que se prolonga e acentua até ao fim do século XIX.

Também a partir de 1880 e com excepção de 1890, embora com números de indivíduos muito baixos, as médias de idade de inumação são bastante altas, especialmente atendendo a que estamos falando do século XIX.

De 1840 a 1875, a variação do número de indivíduos inumados não é grande e as médias de idade com que falecem também não são baixas para este período.

Entre 1840 e 1875, ainda, a variação entre o número de indivíduos inumados por ano, não é estatisticamente significativo ( $\chi^2 = 6,19 P > 0,5$ ).

A variação das médias de idade de falecimento, também entre 1840 e 1875, não é estatisticamente significativa ( $\chi^2 = 2.86 P < 95 > 0.50$ ).

Em relação ao Quadro II, somando os casados com os viúvos, temos 124 indivíduos contra 107, num total de 231. O teste do  $\chi^2$  revela não haver diferença estatisticamente significativa ( $\chi^2 = 1.25 P < 0.50 > 0.10$ ).

O mesmo se diga em relação aos valores encontrados para os métodos de enterramento:

Valas  $P > 0.50$   
 Covas  $P > 0.10$

## Quadro II

### Frequência dos diferentes estados civis nos anos estudados

Estado civil	1840	1845	1850	1855	1860	1865	1870	1875	1880	1885	1890	1895	1900	Total
Solteiros	9	14	19	14	16	8	16	10	5	3	2	2	0	118
Casados	16	14	15	17	6	7	4	8	6	3	1	0	3	100
Viúvos	2	3	3	3	4	7	4	10	1	1	1	0	0	39
S/referência	0	0	2	0	0	2	1	1	0	0	0	0	0	6
<b>Total</b>	<b>27</b>	<b>31</b>	<b>39</b>	<b>34</b>	<b>26</b>	<b>24</b>	<b>25</b>	<b>29</b>	<b>12</b>	<b>7</b>	<b>4</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>263</b>

## Quadro III

### Tipos de enterramento por anos e estado civil (cova e vala)

Anos	1840		1845		1850		1855		1860		1865		1870		1875		1880		1885		1890		1895		1900		Total	
	C	V	C	V	C	V	C	V	C	V	C	V	C	V	C	V	C	V	C	V	C	V	C	V	C	V	C	V
Solteiros	0	9	0	14	0	19	0	14	1	15	0	8	4	12	2	8	0	5	1	2	1	1	1	1	0	0	10	108
Casados	0	16	0	14	0	15	0	17	1	5	1	6	0	4	1	7	2	4	1	2	1	0	0	0	2	1	9	91
Viúvos	0	2	0	3	0	3	0	3	0	4	2	5	1	3	1	9	0	1	1	0	1	0	0	0	0	0	6	33
S/referência	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	2	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	6
<b>Total</b>	<b>0</b>	<b>27</b>	<b>0</b>	<b>31</b>	<b>0</b>	<b>39</b>	<b>0</b>	<b>34</b>	<b>2</b>	<b>24</b>	<b>3</b>	<b>21</b>	<b>5</b>	<b>20</b>	<b>4</b>	<b>25</b>	<b>2</b>	<b>10</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>3</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>25</b>	<b>238</b>

Donde se poderá deduzir que esta aparente homogeneidade (Quadros III e VI), não existia de facto, e foi factor cultural, conduzindo a uma preferência de enterramento em cova que levou aos resultados do Quadro V, uma vez que ele abrange todas as inumações de um período de 60 anos.

#### Quadro IV

##### Locais de origem

Naturalidade	Números de casos
Arcos de Val de Vez	2
Arganil	1
Braga	1
Caminha	1
Galiza	55 + 1*
Góis	1
Guarda	1
Lisboa	1
Minho	1
Santo Antão do Tojal	1
São Salvador do Sobrado	1**
São Tiago da Parada	1
Sardeira	1
Serpins	1
Valença do Minho	1
Vila Real	1
Vila Verde	1
Sem referência	189 + 1**

\* Mendicante (1850)

\*\* Asilado (1870 e 1890)

#### Quadro V

##### Médias de idade por ano

Anos	1840	1845	1850	1855	1860	1865	1870	1875	1880	1885	1890	1895	1900
Número observado	27	31	39	34	26	24	25	29	12	7	4	2	3
Médias de idade	45,30	46,84	43,08	45,26	46,04	50,95	42,90	55,93	54,25	61,57	40,25	68,25	66,33

Apenas as pequenas amostras recolhidas e explanadas no Quadro III nos impediriam de fazer as comparações estatísticas que nos poderiam dar uma maior certeza quanto à relação entre o estado civil e o método de inumação, mas, se repararmos neste quadro, nota-se que, só a partir de 1860, começam as inumações em cova.

O estado civil, neste caso, não parece ter tido um papel relevante nas preferências de inumação, visto os números obtidos não apontarem neste sentido.

Considerando o elevado número de indivíduos sem referência a local de origem, na nossa amostra, e que ultrapassa largamente mais de metade da mesma (72.2), não podemos concluir que somente existam nela 56 galegos; pelo contrário, e devido ao seu baixo estatuto, pode, perfeitamente, o seu número ser eventualmente superior.

## Quadro VI

### Estado civil e tipos de enterramento

Estado Civil	Enterramento em Vala		Enterramento em Cova		Total
	N.º	%	Nº	%	
Solteiros	107	90,68	10	8,47	118
Casados	90	90,90	9	9,09	99
Viúvos	34	85,00	6	15,00	40
Sem referência	7	100,00	0	0,00	7
Total	238	90,49	25	9,51	263

Também é de estranhar que não apareçam referenciados aguadeiros naturais de Lisboa ou zonas circunvizinhas; provavelmente, caso existam, estarão incluídos nos indivíduos sem referência a naturalidade, ou terem sido inumados nos seus locais de origem ou residência.

Dada a insuficiência de dados em relação aos locais de origem, o problema dos aguadeiros de Lisboa necessitará de uma maior investigação, que não poderá ser feita, exclusivamente, com as fontes por nós consultadas, e terá de recorrer a outro tipo de documentação, nomeadamente os assentos paroquiais e documentação camarária diversa.

Assim consideramos não estar este assunto minimamente esgotado.

## BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, José Sergio Velloso d' – *Memória sobre Chafarizes, Bicas, Fontes, e Poços Públicos de Lisboa, Belem, e muitos lugares do termo*. Lisboa, 1851.
- ASSUNÇÃO, Ana Paula – *Costumes Portugueses. Aguarelas inéditas. Novos contributos para o estudo do traje popular em Portugal. Século XIX*. A Nova Eclétrica. Lisboa, 1999.
- CÂNCIO, Francisco – *Lisboa de Outros Séculos – Cem anos de Pitoresco*. Lisboa, 1940.
- CHELMICKI, Carlos Conrado de – *Memória sobre o Aqueduto de Lisboa*. Lisboa, 1857.
- COSTA, Mário – *Feiras e outros divertimentos populares de Lisboa. História, Figuras, Usos e Costumes*. Lisboa, 1950.
- GAMEIRO, Roque – *Lisboa Velha*. Lisboa, 1925.
- LOPES, Luís e NETO, Maria Cristina – «Algumas considerações sobre Maretrizes e Coristas inumadas em Lisboa no Século XIX». *Garcia de Orta, Série de Antropobiologia*, 5 (1-2). Lisboa, 1987.
- MOITA, Irisalva – *O Povo de Lisboa. Tipos, ambiente, modos de vida, mercados e feiras, divertimentos, mentalidade. Exposição Iconográfica, Junho/Julho 1978-1979*. Câmara Municipal de Lisboa. Lisboa, s/d.
- NETO, Maria Cristina – «Os Negros em Lisboa no Século XIX. Tentativa de caracterização histórico-biológica». *Garcia de Orta, Série de Antropobiologia, Volume 7 (1-2)*. Lisboa, 1994.
- NETO, Maria Cristina – «Os Negros inumados no Cemitério dos Prazeres no Século XIX». *Studia*. Lisboa. (Em publicação).

NETO, Maria Cristina e LOPES, Luís – «Alguns aspectos bio-sociais da população galega falecida em Lisboa em 1875». *Olisipo*. Lisboa. (Entregue para publicação).

PINHEIRO, Raphael Bordallo – *Os Galegos*. Veja. Lisboa, 1991.

VIDAL, Argelina – *Lisboa Antiga e Lisboa Moderna. Elementos Históricos da Sua Evolução*. 2.<sup>a</sup> Edição. Vega. Lisboa, 1994.

## Quinta do Conde de Óbidos (ou Quinta do Feijão ou Tanque Velho)<sup>1</sup>

FERNANDO FURTADO BARREIROS  
CARLOS ALBERTO REVEZ INÁCIO

Situada na freguesia de Santa Maria dos Olivais, em Lisboa, a Quinta do Conde de Óbidos foi abrangida pelos traçados das avenidas Infante D. Henrique e Entre-Aeroportos (actual Avenida de Berlim), conforme o previsto no plano de melhoramentos da cidade idealizado por Duarte Pacheco.

A parte agrícola da propriedade, abrangendo 52 350 m<sup>2</sup> de horta, olival, pomar, poços e duas construções, foi expropriada em Abril de 1944, por 220 000 escudos.

Pertencia ao Asilo dos Velhinhos de Palhavã e aos Inválidos do Comércio, com sedes respectivamente na Rua do Norte, em Carnide, e na Rua dos Fanqueiros, mas o usufruto era de Manuel Santiago e mulher, Joaquina Maria Santiago, moradores na Quinta da Ché, aos Olivais.

A parte restante da propriedade, com cerca de 15 000 m<sup>2</sup>, onde se localizava a fábrica de tinturaria e estampagem *Viúva Coelho & C.<sup>a</sup>, Sucrs*, não foi expropriada.

No ano de 1763, tinha casas nobres com quartos térreos, horta, pomar, parreiras, canavial, lagar de azeite e também quatro olivais nos sítios chamados *Tanque Velho, Pinheiro, as Costinhas e as Hortas*. Fazia parte dos bens vinculados pertencentes aos Condes de Óbidos, pelo que apenas podia ser transmitida dentro da mesma família.

Em 1809, a quinta achava-se

“em grande ruína e precisão de reparar tanto as casas como as terras por serem alagadiças que nada produzi-  
am no estado actual e não podendo ele Conde fazer a despesa necessária a esses reparos e benfeitorias  
dera de aforamento a Domingos Magalhães Queiroz a dita quinta e anexos pelo considerável foro de  
240\$000 e obrigação de reparar e benfeitorizar ....”<sup>2</sup>

Domingos de Magalhães Queiroz, dono da vizinha Quinta da Murteira, instalara uma fábrica de chitas, a primeira existente nos Olivais, nesta Quinta do Conde de Óbidos, a qual, porém, durou poucos anos.

Contudo, a figura mais relevante na história desta propriedade, foi Francisco Luiz Coelho que aí recuperou a fábrica de chitas recém-fundada por João Salazar d’Eça, da crise em que se encontrava, começando por arrendá-la juntamente com a quinta e comprando-a, posteriormente, à viúva e restantes herdeiros, já depois de ter adquirido o domínio directo ao Conde de Óbidos. A área inicial sofreu algumas amputações com a venda de duas parcelas de terreno a particulares e com a alienação de uma faixa expropriada pela Companhia das Águas de Lisboa para instalar o Canal do Alviela.

Em 1905 a quinta compunha-se de casas de habitação com lojas e primeiro andar, cavaliariça, lagar de azeite e barracões onde estava instalada a fábrica de tinturaria, horta, pomar e terra de sementeira. Nos anos trinta, outra faixa viria a ser utilizada para a passagem do Canal do Tejo, que terminaria na vizinha Quinta da Ché<sup>3</sup>.

<sup>1</sup>O texto que preparámos faz parte de um estudo mais vasto intitulado “O Bairro da Encarnação e as Antigas Quintas dos Olivais”.

<sup>2</sup> *Chancelaria de D. João V*, Próprios, de 9/3/1809, livro 11, af. 264v.

<sup>3</sup> A *Quinta da Ché* era também designada como *Quinta da Lecea*.

**Contrato de arrendamento celebrado em 1858,  
entre D. Maria Gertrudes Salazar d'Eça e Francisco Luiz Coelho**

«...da sua quinta, denominada do Conde de Óbidos, ou Tanque Velho.... e na qual se acha estabelecida uma fábrica de chitas debaixo das condições seguintes:

- 1.º por três anos .... (depois mais 6, até 1867) ....
  - 2.º ....
  - 3.º Conservará tudo no melhor estado possível, tanto a casa nobre d'habitação como a oficina e atavios da Fábrica, aparelhos, e engenhos desta e todas as mais pertenças.
  - 4.º Que sempre que os telhados fizerem água será obrigado a dar parte para a senhoria os mandar reparar; porém todos os mais consertos serão feitos à custa do rendeiro.
  - 5.º Que o rendeiro receberá os móveis e utensílios da fábrica por meio de uma relação em duplicado, escrita em três meias folhas de papel para ficarem uma assinada pelo rendeiro em poder da senhoria e a outra assinada pela senhoria em poder do rendeiro sendo obrigado a apresentar tudo no fim do arrendamento no estado em que se acha: todos os mais móveis e utensílios que a relação não compreenda, os poderá retirar no fim do arrendamento, não podendo mudar as caldeiras do lugar em que se acham por pretexto algum sem expresso consentimento por escrito da senhoria
  - 6.º Que o rendeiro poderá construir as casas ou telheiros que mais lhe forem precidos para a laboração da fábrica ....
  - 7.º Que conservando as parreiras que a quinta ainda tem dando a esta e àquelas os precisos amanhos e adubos nos tempos próprios e bem assim quarenta e um pés de oliveiras, onze fajias, dezoito freixos, treze ulmeiros e vinte e dois pés de limoeiros, dando a estes as precisas regas para se conservarem e frondarem .... conservando, e aumentando os marmeleiros, que bordam as valas, nos quais se poderá fazer enxertos de boas castas de frutos, não podendo cortar árvore alguma ....
  - 8.º ....
  - 9.º .... obrigados a consentir que a senhoria faça o azeite no lagar.
  - 10.º Que na casa das dornas poderá o rendeiro colocar as mais que quizer.
  - 11.º Que conservará a preza d'água com o engenho real que está actualmente sem calibre ....
  - 12.º Que o conserto das noras quando preciso será todo por conta do rendeiro.
- .....»

## **A indústria de estamperia e tinturaria na Quinta do Conde de Óbidos**

O terreno onde Domingos Magalhães Queiroz construiu a sua fábrica de chitas, em 1796<sup>4</sup>, dispunha de características favoráveis à instalação de indústrias devido à passagem de uma pequena ribeira que ao mesmo tempo fornecia água e servia de esgoto. Utilizava um processo muito rudimentar de estamperia à mão, no qual os tecidos eram pintados com uma prancha de madeira escavada deixando os desenhos em relevo, coberta pelas tintas de cores escolhidas e seguidamente pressionada contra os tecidos. A combinação e fixação das cores exigia a acção de calor húmido (vaporização).

As necessidades de utilização de mão de obra volumosa e nem sempre especializada, conduziam frequentemente a que o produto final resultasse caro e de fraca qualidade, levando ao encerramento da fábrica logo após a morte do proprietário.

Vão decorrer cerca de trinta e cinco anos até que João Salazar d'Eça funde, no mesmo local, uma importante estamperia, dotada de equipamentos modernos que permitiam obter maior volume de produção em melhores condições de qualidade e preço<sup>5</sup>.

<sup>4</sup> O *Dicionário da História de Lisboa*, p. 666, indica 1769, mas na décima é 1796 o primeiro ano de arrendamento da fábrica da chita a Domingos Magalhães Queiroz.

<sup>5</sup> Os Freires Salazar tinham, há muitos anos, uma "fábrica de sola" na vizinha Quinta das Varandas.

Poucos anos depois o fundador morre e a fábrica, assim como a quinta, são arrendadas a Francisco Luiz Coelho que acabará por as adquirir.

Em 1869 a fábrica e as rendas foram penhoradas a favor dos Marqueses de Ficalho, ficando depositário Francisco Luís Coelho.



Fig. 1. Prancha de impressão utilizada na primitiva indústria de estampagem de chitas

Cerca de 1880 a fábrica empregava 26 operários e dedicava-se fundamentalmente à tinturaria de cor anil.

Depois da morte de Francisco Luiz Coelho a actividade industrial prosseguiu com a sua viúva e filhos, adoptando a firma a designação social correspondente, “Viúva Coelho & Filhos” (mais tarde “Viúva Coelho & C.<sup>a</sup>, Sucrs”), acabando por ficar, uns anos depois, para o filho, Joaquim Luiz Coelho. Sucedeu-lhe D. Camila Ferreira Guerra Coelho, sua viúva, que aumentou a capacidade de produção depois de sucessivas ampliações da área fabril.

Os tecidos eram agora estampados por gravura em grandes cilindros de cobre, os quais, adaptados às máquinas, podiam combinar desenhos de cores diferentes. Produziam-se, também, gangas e chitas de cor uniforme, a partir do pano cru fabricado no Norte do país. No processo industrial utilizava-se bosta de vaca retirada da vacaria existente na quinta.



Fig. 2. Aspecto da fábrica de estamperia «Viúva Coelho», nos últimos dias da sua existência

A fábrica consumia cerca de 200 m<sup>3</sup> de água por dia e o primeiro poço, que se tinha tornado insuficiente, foi abandonado depois da abertura de um outro, com um furo de mais de 63 metros, que abastecia as caldeiras de lavagem e tintagem, grandes consumidoras de água.

José Bastos<sup>6</sup> recorda que a guerra de 1939-1945 permitiu a realização de ganhos importantes, prudentemente reservados pelos novos proprietários, Aníbal Mascarenhas, viúvo de D. Camila, e Mário Grilo<sup>7</sup>, para fazer face a eventuais prejuízos que viessem a ocorrer.

De facto a concorrência movida pela indústria estrangeira, principalmente a japonesa, que produzia melhor e mais barato (conseguia colocar os produtos no mercado não pagando impostos por virem via Macau), esteve na origem do encerramento da empresa, depois de estar onze anos a perder dinheiro<sup>8</sup>.

José Bastos faz questão de sublinhar, com orgulho, que foram então integralmente pagas as indemnizações devidas aos trinta empregados, bem como as dívidas aos fornecedores.

## Transmissões

- 1763 – Faz parte dos bens vinculados pertencentes ao Conde de Óbidos. Está arrendada a Manoel Pereira, menos as casas principais que se acham devolutas.
- 1774 – Arrendada a Inácio de Andrade.
- 1796 – A maior parte da quinta e suas casas arrendados a Domingos de Magalhães, industrial, casado com D. Maria Joaquina.
- 1809 – O Conde de Sabugaldá de aforamento a quinta e anexos a Domingos de Magalhães Queiroz
- 1811 – Está na posse da viúva de Domingos M. Queiroz, D. Maria Joaquina.
- 1815 – Está arrendada a Cipriano Vaz.
- 1817 – Adquirida pelo desembargador José Pinheiro Freitas Soares. Está arrendada a José Pinheiro Roque da Silva.
- 1824 – Está por conta do dono.
- 1827 – Adquirida por José Maria Raposo que a tem por sua conta.
- 1846 – João Salazar d'Eça funda uma estampanaria nesta quinta.
- 1851 – Arrendada a Francisco Luiz Coelho, fabricante, morador na Rua Direita de Arroios, freguesia de S. Jorge.
- 1858 – Francisco Luis Coelho, toma de arrendamento toda a propriedade, por mais três anos, a D. Maria Gertrudes, viúva de João Freire d'Andrade Salazar d'Eça, moradora na sua Quinta das Varandas, aos Olivais.
- 1867 – Francisco Luiz Coelho, viúvo, residente nos Olivais, compra ao Conde de Óbidos e de Sabugal, D. Luiz António de Assis Mascarenhas, solteiro, emancipado, morador no seu palácio a S. Francisco de Paula, o domínio directo do foro, sendo enfiteuta D. Maria Gertrudes Salazar d'Eça.  
D. Maria Gertrudes vende um pequeno olival e uma pequena courela contígua, com algumas oliveiras do Alto das Covas, a Agostinho Roxo.
- 1868 – Francisco Luis Coelho, toma de arrendamento por mais seis anos, a D. Maria Gertrudes, a quintae o olival que lhe pertence.
- 1874 – Francisco Luís Coelho compra a quinta e suas pertenças a D. Maria Gertrudes, moradora na Travessa Nova do Desterro.
- 1876 – António J. Silva Jácome compra um olival no Rio de Nossa Senhora que consta de terra de sementeira com trinta e cinco pés de oliveiras, a Francisco Luís Coelho.
- 1877 – Expropriação pela Companhia das Águas de Lisboa, a Francisco Luís Coelho, casado com D. Jesuína Adelaide de Souza Coelho, de uma parcela com 233 m de comprimento por 10 de largura, para construção do Canal do Alviela.

<sup>6</sup> José Bastos, genro e herdeiro de Mário Grilo.

<sup>7</sup> Mário Grilo trabalhava na fábrica desde 1902, quando tinha 8 anos, e tornou-se muito bom mecânico.

<sup>8</sup> A empresa encerrou em Dezembro de 1967.

- 1879 – Venda a Joaquim dos Reis Paredes, de um quintal com dez oliveiras e parreiras em volta, com uma porta de serventia para o lado da estrada, na Rua Direita dos Olivais, sítio do Tanque Velho.
- 1898 – Está na posse de D. Jesuína, viúva de Francisco L. Coelho, e seus filhos. Nas partilhas são destacados do resto da propriedade, os n.ºs. 51, 52 e 53 da Rua do Conselheiro Mariano de Carvalho.
- 1900 – Destaque de terreno onde se construíram seis casas abarracadas com quintal, sitas na Rua Mariano de Carvalho, números 39, 40, 41, 42, 43 e 44.
- 1910 – Os filhos de D. Jesuína Coelho dividem entre si os bens deixados por falecimento de sua mãe, ficando a quinta do Conde de Óbidos a pertencer a Joaquim Luís Coelho.
- 1919 – É de D. Camila Ferreira Guerra Coelho, viúva, moradora na Rua Conselheiro Mariano de Carvalho, n.º 48, herdeira universal de seu marido, Joaquim Luís Coelho.
- 1936 – Utilização duma faixa de terreno pela Companhia das Águas de Lisboa, para instalação do *aqueduto do Tejo*.
- 1939 – Por morte de D. Camila Guerra, a propriedade fica para o Asilo dos Velhinhos de Palhavã, para a Associação de Assistência Particular dos Inválidos do Comércio e para as “Florinhas da Rua”. O usufruto da parte agrícola cabe aos caseiros, Manuel Santiago e mulher D. Joaquina, e o da parte industrial ao viúvo da falecida, Aníbal Mascarenhas (tinha casado com separação de bens) e ao empregado mais antigo da fábrica, Mário da Silva Grilo.
- 1944 – Expropriação parcial pela Câmara Municipal de Lisboa.

#### BIBLIOGRAFIA

- Arquivo do Tribunal de Contas, *Livros de Arruamentos "Décima da Cidade", freguesia dos Olivais*, anos de 1762 a 1832.
- Arquivo do Tribunal de Contas, *Tesouro Público, freguesia dos Olivais*, anos de 1834 a 1839.
- 1.ª Conservatória do Registo Predial de Lisboa – Prédios n.ºs 569, 4409, 8075, 8103.
- 8.ª Conservatória do Registo Predial de Lisboa – Prédios n.ºs 1430, 1431, 1435, 1982, 2508, 3578, 3591, 3625, 4409, 5765, 6108, 7396, 8400, 9466, 11239.
- Arquivo Nacional da Torre do Tombo – *Cartórios Notariais de Lisboa, Escritura de 10/05/1856, C 7-A, L.º 723, Cx. 142*.
- Idem – *Contrato de Arrendamento de 19/06/1858, C 7-A, L.º 720, fl.76 v, tabl. Manuel Bernardino Soares de Brito*.
- Idem – *Escritura de 24/10/1867, C 7-A, L.º 339, Maço 102, fls. 61v*.
- Idem – *Escritura de 26/10/1867, C 7-A, L.º 746, fls. 64, tabl. Manuel Bernardino Soares de Brito*.
- Idem – *Escritura de 8/10/1859, C 7-A, L.º 323, fl. 20v, tabl. Manuel Bernardino Soares de Brito*.
- Idem – *Escritura de 7/08/1911, L.º 398, fl.22 v, tabl. May de Oliveira, A N.T.T.*
- Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Registos Paroquiais de Lisboa – Socorro, Casamentos*, em 11/10/1823, cx. 24, L.º 16. M.F. 1261.
- Idem – *Socorro, Óbitos*, em 31/03/1857, cx. 31, L.º 11, AF. 840, A N.T.T.
- Livro do Movimentos de Jazigos, Cemitério dos Olivais*, jazigo n.º 36 de *Camila Ferreira Guerra Coelho*.
- Idem – *Cemitério dos Olivais*, jazigo n.º 4 de *Francisco Luis Coelho*.
- Jornal *Diário de Notícias*, de 3/03/1898, nota do falecimento de Francisco Luis Coelho.
- Idem – de 4/03/1898, *ibidem*.
- Idem – de 23/06/1909, nota do falecimento de Jesuína Adelaide de Souza Coelho.
- Idem – de 28/01/1919, nota do falecimento de Joaquim Luis Coelho.
- Diário do Governo*, de 1/11/1934.
- Relatórios da Comissão de Fiscalização do Abastecimento de Água à Cidade de Lisboa*, Companhia das Águas de Lisboa, rel. n.º 6, Abril/Junho de 1935, p. 7.

Idem – rel. n.º 7, 2.º sem. de 1935, p. 34.

Idem – rel. n.º 8, 1.º sem. de 1936, pp. 35, 43.

Idem – rel. n.º 9, 2.º sem. de 1936, p. 60.

Idem – rel. n.º 10, 1.º sem. de 1937, p. 70.

Idem – rel. n.º 11, 2.º sem. de 1937, p. 47.

Idem – rel. n.º 13, 2.º sem. de 1938, p. 37.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Chancelaria D. João V, Próprios...* –

*Dicionário de História de Lisboa*, sob direcção de Francisco Santana e Eduardo Sucena, art.º «Olivais», de Jorge Custódio e Deolinda Folgado, Lisboa, 1994, p. 666.

*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, art.º «Óbidos», ed. Editorial Enciclopédia Limitada, Lisboa/Rio de Janeiro, s/d, pp. 105-106.

Património da Câmara Municipal de Lisboa, dossier 1074/ 44.

Obra n.º 31697 da Câmara Municipal de Lisboa, arquivo do Alto da Eira.

DELGADO, Ralph, *A Antiga Freguesia dos Olivais*, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa, 1969, p. 30.

PINTO, Luís Leite, *Subsídios para a História do Abastecimento de Água a Lisboa*, Casa da Moeda/E.P.A.L., Lisboa, 1989.

## A Fábrica do Bom Sucesso

FRANCISCO SANTANA

Em 23 de Janeiro de 1981 apresentei à Academia Portuguesa da História comunicação com o título “Aspectos de inovação na indústria portuguesa durante a segunda metade do séc. XVIII e o primeiro terço do séc. XIX”, entretanto publicada no vol. 29 dos *Anais* da referida Instituição. Neste trabalho é apresentada uma selecção de documentos do Cartório da Junta do Comércio (Arquivos Nacionais/Torre do Tombo) e é feita análise das diversas pistas emergentes dessa documentação, análise essa mais detida no que respeita à introdução da máquina a vapor em Portugal.

Versão mais reduzida desse rastreio e reprodução integral dos resultados da investigação feita quanto ao início da utilização entre nós desse símbolo e motor da Revolução Industrial que foi a máquina a vapor constituíram boa parte da comunicação feita em 18 de Junho de 1982 na então denominada Associação de Arqueologia Industrial da Região de Lisboa, comunicação que era aproximada versão de outra, apresentada em 26 de Fevereiro de 1981, na Secção de História da Associação dos Arqueólogos Portugueses (texto entretanto publicado em *Arqueologia e História* no volume *In Memoriam* do Prof. Doutor D. Fernando de Almeida com o título de “A introdução da máquina a vapor em Portugal”).

No primeiro dos mencionados trabalhos ficara já apurado que a nossa primeira máquina a vapor funcionara em terreno pertencente e instalações anexas ao convento do Bom Sucesso, que essa máquina já laborava em 1821 (aliás, muito rapidamente uma outra lhe terá sido acrescentada e, provavelmente em 1824, outra ainda) e que a sua introdução se ficara a dever a António Julião da Costa, associado a João Baptista Ângelo da Costa e a João Pedro de Carvalho (um quarto sócio, Francisco António Ferreira, é admitido em 1822, nesse mesmo ano lhe sendo vendidas todas as outras quotas). A terminar esse trabalho era afirmado: “(...) ficamos no limiar de uma outra tarefa: a de localizar exactamente a fábrica do Bom Sucesso e a de apurar as suas características e as vicissitudes por que, até aos nossos dias, tenha passado”.

No segundo dos trabalhos entretanto publicados procurou-se efectuar a tarefa mencionada, o que foi parcialmente conseguido, acompanhando-se com o pormenor possível a instalação da moagem de cereais e da fábrica de fundição de ferro e bronze (a que Francisco António Ferreira acrescentará uma fábrica de vidros) nos terrenos situados a ocidente e sul do mosteiro e que são aqueles que marginam hoje a Rua da Praia do Bom Sucesso com as edificações que têm os n.ºs 7 a 11. Este texto dava conta de investigação baseada em documentos de que o mais recente era de 1839, e registava a morte de Francisco António Ferreira, ocorrida em 1841. E, tal como no anterior, também aqui se terminava apontando para o prosseguimento do trabalho: para uma análise do terreno e das instalações, de acordo com os métodos da Arqueologia Industrial, análise que, infelizmente, não pode ter lugar; para a busca de mais documentação escrita, que permitisse identificar “o *missing link*, o elo ainda não descoberto”, que permitisse acompanhar a evolução das instalações deixadas por Francisco António Ferreira até às actuais.

O trabalho que agora se apresenta, reconhecendo a existência de lacunas não colmatadas, pretende corresponder a este último desiderato e constitui uma resenha dos documentos encontrados (alguns deles, aliás, pertencentes ao período já considerado nas anteriores publicações).

Começemos por apontar o que não é mais que uma possibilidade: 848 sacos com arroz mais 17 e 3 barris com tapioca, vindos do Pará e despachados em 2 de Abril de 1821 por João Pedro de Carvalho<sup>1</sup>, destinar-se-iam já à laboração da fábrica<sup>2</sup>.

Recordemos que em 1822 e 1824 Ferreira comprou a José Garcia da Cunha dois terrenos foreiros ao convento<sup>3</sup> com os quais ampliou os “Armazens e Cazas Adjacentes” arrendados pelos primeiros sócios. O conjunto dos dois terrenos havia sido aforado por Cunha em 1807<sup>4</sup> e são indicadas as seguintes medições e confrontações: a frente tinha 195 palmos, “confrontando pelo lado do Norte com a rua publica e virando a medição pelo lado do Nascente até aonde faz hum angulo tem noventa e sinco palmos e continuando

esta medição do dito angulo do Norte para Sul tem mais sincoenta e dois palmos confrontado por este lado do Nascente com a serventia e boqueirão para o mar ficando (?) de largo a dita serventia na parte aonde está a muralha pertencente ao mesmo Convento vinte e tres palmos e virando a dita medição de Nascente a Poente pelo lado do Sul tem de comprido cento e sessenta palmos confrontando por este lado com o mar e virando a medição do Sul para o Norte pelo lado do Poente tem noventa e dois palmos confrontando por este lado com terreno da estancia do mesmo Jozé Garcia da Cunha afforado ás mesmas Relligiozas (...)”. Recorde-se também que Cunha pagaria de foro 50 alqueires de trigo ou 800 réis por alqueire e que se comprometia a não construir qualquer edificação que excedesse 40 palmos, “contando o cume do telhado” e a não deixar que «as medas de moteno de pinho e mato ou outro qualquer genero que levante lavaredas» excedessem 6 palmos.

O conhecimento da configuração do terreno e das instalações fabris que nele foram sendo instaladas é ampliado pelo conteúdo de um documento já anteriormente mencionado, o requerimento em que Ferreira considera a hipótese da extinção do convento e se propõe comprar o edifício<sup>5</sup>. É o seguinte o texto do requerimento:

“Diz Francisco Antonio Ferreira Negociante da Praça desta Cidade, que achando-se actualmente proprietario unico da Fabrica de Vapor, e fundição de ferro, estabelecida no Sitio do Bom Sucesso; primeira, e unica por hora neste Reyno, achou, que os antecedentes Proprietarios a tinham formado em hum terreno, ou par-dieiros, de que se dizião proprietarias as Freiras do Bom Sucesso, tomando-o de renda por nove annos; com as pezadissimas clauzulas de fazerem todas as bemfeitorias necessarias à sua custa, e de as perderem, quando largassem o arrendamento, de sorte que os taes pardeeiros se tornarão logo em excellentes armazens de dois andares, onde se colocou o Moinho, e se fez para a fundição de ferro hum barracão muito estreito, e com muito pouca capacidade; tanto porque o terreno arrendado não dava para mais, como porque os primeiros Proprietarios não poderão principiari a laboração, senão em ponto pequeno.

O Supplicante porem concebe logo o projecto de dar àquelle estabelecimento a extensão; de que elle he capaz; e à custa de não pequeno sacrificio, conseguiu comprar hum terreno contiguo, que as ditas Freiras tinham aforado a José Garcia da Cunha, e obteve que huma serventia publica, que medeava entre o terreno aforado, e o arrendado à Fabrica se mudasse para o fim do terreno comprado pelo Supplicante, afim de que o aforado ficasse // unido com o da Fabrica: e não tardou em construir hum grande edificio; e hum custozo caes, contando com a supozição de que aquellas Freiras, e os Frades seus procuradores, se prestarião em beneficio daquelle estabelecimento de utilidade publica, a qualquer convenção que o supplicante propozesse de utilidade para o Convento: porem ao contrario vem encontrando hum egoismo, e huma pertinacia, que revolta, e chega a tornar-se inacreditavel. Propoz-lhe o aforamento com muita vantagem para o Convento do terreno em que se acha o Barracão e que formava a antiga Serventia Publica, assaz estreita, de que nenhuma renda podião perceber, em quanto durasse o arrendamento, conforme o contracto; e sem darem outra razão mais do que a sua vontade, rezistirão a propozição para ellas bastante vantajosa: fez-lhe o Supplicante iguaes propozicoens sobre o resto do terreno, e teve igual rezistencia: e para cumulo da malignidade athe tem recusado afastar da parede do novo Edificio do Supplicante huma montureira, que conservavão, em quanto o terreno estava aberto e que hoje arruina necessariamente a nova propriedade.

A necessidade que a Fabrica tinha do aforamento do pedaço de terreno; para poder comunicar à nova // fundição do ferro, a força do vapor que não pode obrar em grande distancia, a vista ocular o reconhece (...) A extinção daquelle Convento (...) vai proporcionar ao Supplicante o meio de comprar não só o pequeno terreno que o supplicante tem solicitado de foro, mas todo o convento para dar então a Fabrica toda a extensão possivel em beneficio da Nação: porem como não pode suspender entretanto a conclusão do Caes (em que acaba de receber bastante prejuizo pelo temporal) nem demorar as officinas que tem começado a construir cuja demora lhe cauza gravissimo prejuizo (...) recorre o Supplicante a V. Maj.<sup>e</sup> para que se digne cometer a qualquer Authoridade a averiguação do facto expellido; da utilidade Publica daquelle Invento e Fabrica, e da necessidade daquelle terreno em que está o Barracão, e foi a antiga serventia publica, que o Supplicante mudou para o seu proprio terreno: e que achando ser verdade todo o expellido faça avaliar o ditto terreno para ficar esta avaliação servindo para se unir ao preço total do Convento quando se vender e o Supplicante se offerece a comprar: ficando porem desde já o ditto pequeno terreno entregue ao Supplicante para poder concluir a obra das Officinas de fundição e do Caes começado, afim de que se não demore o utilissimo emprego de centos de Cidadãos que naquella Officina vão empregar-se (...).»

Já nos trabalhos anteriores ficara provado que laborara em Portugal uma máquina a vapor cerca de década e meia antes de 1835, ano por diversos autores apontado como o do início da aplicação entre nós do vapor à indústria. E ficara provado que também antes de 1835 Ferreira fizera instalar outra ou outras máquinas. Nova confirmação deste facto é possível acrescentar. Em consulta de 13 de Novembro de 1823 sobre requerimento em que Ferreira “pede Livres de Dir.<sup>tos</sup> huãs maquinas, e outros generos p.<sup>a</sup> laboração

da sua Fabrica de maquinas movidas por vapor” são assim indicados alguns dos artigos para que se pretendia isenção fiscal: “hum engenho p.<sup>a</sup> se unir ao q. se acha assentado, e se lhe augmentar a força, e alguãs peças p.<sup>a</sup> substituir o lugar daquellas q. com o uzo se tinhão consumido”<sup>6</sup>.

Já nesta pesquisa havia sido utilizada uma fonte fiscal, os livros de registo da Décima. Nova documentação do mesmo género utilizei posteriormente (do fundo de Impostos que há anos foi organizado na Torre do Tombo pela Ex.<sup>ma</sup> Senhora Dr.<sup>a</sup> Teresa Acabado, que amavelmente me facultou a consulta do seu meritório e então inacabado trabalho).



Fig. 1. Rua da Praia do Bom Sucesso. Ao fundo a extremidade ocidental do edifício da fábrica (Arquivo Fotográfico Municipal)

Trata-se de livros de registo de pagamentos do Novo Imposto sobre Prédios e do Novo Imposto das Fábricas e nada acrescentam de particularmente relevante ao já sabido. Nos livros de registo do primeiro dos impostos mencionados (que cobrem os anos de 1824 a 1833) a propriedade é, no primeiro desses anos, identificada com o n.º 15A e como constando de “Cazas em obras” e a sua posse é atribuída a João Baptista Ângelo da Costa; em 1825 já é indicado Francisco António Ferreira como proprietário (de facto já o era desde finais de 1822), é a propriedade identificada, como o será nos anos seguintes, pelos n.ºs 8C a 15A e, tal como no ano anterior, é isenta de imposto; de 1826 a 1833 houve lugar a pagamento anual de 12\$000<sup>7</sup>. Do Novo Imposto das Fábricas há os livros dos anos de 1819 (em que não há menção da fábrica), 1822 (em que essa menção continua a não se verificar) e 1825 a 1833<sup>8</sup>; a partir de 1825 encontra-se menção de pagamento de uma avença de 19\$200 pela “Fabrica de Fundição de Ferro, e Bronze” e a partir de 1829 há registo do pagamento de uma avença anual de 60\$000 pela fábrica de vidros que, entretanto, Ferreira também estabelecera. Note-se, e este é o único aspecto de certa relevância, que em 1829 são pagas, retroactivamente, as avenças respeitantes a 1827 e 1828, o que vem confirmar a hipótese já defendida em “A introdução da máquina a vapor em Portugal” de que a fábrica de vidros funcionaria desde 1827.

Até agora mais não foi feito do que acrescentar retoques ao que já ficara estabelecido nos trabalhos anteriores. Tentemos agora avançar o que, infelizmente, não poderá ser feito com muita segurança.

Francisco António Ferreira morreu em 27 de Agosto de 1841<sup>9</sup> e pelo menos em 1839 continuava de posse da fábrica<sup>10</sup>. O seu testamento está localizado<sup>11</sup>, mas nada esclarece. O inventário e a partilha dos seus bens foram feitos no Juízo de Paz da freguesia de S. Sebastião poucos dias após o falecimento, em 10 de Setembro<sup>12</sup>. Mas onde se acha a documentação dos Juízos de Paz?

Francisco António Ferreira deixou quatro filhos: Francisco António Ferreira Junior, António Francisco Ferreira, Luís António Ferreira e Carlota Augusta Ferreira. As instalações fabris sitas no Bom Sucesso couberam parcialmente a Luís Ferreira; este e sua mulher, D. Carlota Maria Ferreira, “senhores e possuidores de uns Armazães sitos na Praia do Bom Sucesso com os numeros nove a doze (...)” que constituem dois Prazos foreiros ao convento em 57 alqueiros de trigo, vendem-nos em 19 de Janeiro de 1857 a D. Constança Lodi<sup>13</sup>. Da escritura consta que os “Armazães” pertenciam a Luís Ferreira por morte do pai e que este os edificara em terrenos comprados a José Garcia da Cunha; indicados estão também os cartórios e as datas em que foram celebrados todos os actos mencionados.

Em 27 de Novembro de 1858 D. Constança Lodi, para garantia de dinheiro emprestado por Warburg e Dotti, hipotecou “huns Armazens, citos na Praia do Bom Sucesso, com os numaros nove, a doze (...) que constituem dois Prazos fatiozins, ambos foreiros ao Convento das Religiozas Irlandezas de Nossa Senhora do Bom Sucesso, em cincoenta e sete alqueiros de trigo (...)”<sup>14</sup>. Como a dívida foi saldada por Jacques Maillard, a hipoteca, por escritura de 25 de Agosto de 1863, é considerada inexistente<sup>15</sup>.

O agora surgido Maillard já em 28 de Dezembro de 1860 alugara o dito armazem, a partir de 1 de Janeiro de 1861, pelo período de 9 anos e pela renda de 80\$000 (em metal, adiantados); a propriedade alugada é designada como “um Armazem no sitio denominado = do Bom Sucesso (...) que parte do Norte com Caminho Publico, do Sul com a Praia, Poente com moinho, e do Nascente com outros armazens” também pertencentes a D. Constança<sup>16</sup>. Jacques Maillard passa de inquilino a proprietário em 18 de Outubro de 1862<sup>17</sup>; pela escritura então celebrada, D. Constança Lodi fez-lhe venda dos armazens “com todos os pertences moveis nelle existentes, madeira, tijolos e forma para o fabrico de garrafas, tudo pela quantia de sete contos trezentos e quarenta e seis mil reis, sendo desta quantia reis trez contos cento e oitenta mil preço dos Armazens e reis quatro contos duzentos e sessenta e seis mil reis preço dos ditos objectos moveis”; o comprador comprometia-se com o procurador das freiras a pagar foro e laudémio (em caso de venda) e também “a não levantar o tilhado do prazo alem da medida estipulada no primordial emprazamento, nem medas de mutano ou mato, ou quaesquer outros materiaes que levantem lavareda, que façam prejuizo ao Convento e predios dos vezinhos, e antes cumprirá sempre fiel e exactamente todas as condições estipuladas no mesmo primordial emprazamento, constante da Escripura celebrada em data de seis de Outubro de mil oito centos e sete” (é a mencionada na nota 4).

Em 27 de Dezembro de 1862 Jacques Maillard constitui sociedade com seu filho Carlos e com o genro Luís Messier<sup>18</sup>; Jacques participa com fábricas de que era proprietário, uma na R. de S. Bento “e outra no Bom sucesso, em Bellem, no antigo Estabelecimento de fazer Garrafas de vidro preto”. Em 8 de Setembro de 1863 hipoteca ao Banco União<sup>19</sup> “Propriedade sita na rua da Praia do Bom Sucesso, que tem para esta rua os numeros dez e onze, e para a dita Praia os de dez a doze (...) e se compõe de armazens, que constituem dois prazos fateozins perpetuos, ambos foreiros ao Convento (...) do Bom sucesso em sessenta mil reis annuaes”.

Hipotecados eram também “os seguintes objectos pertencentes ao Estabellcimento que tem na Propriedade acima declarada, e na mesma Propriedade existentes = a saber = pertencentes ao moinho d’arrôz quatro pares de móz com todos os seus pertences, duas móz verticâes, denominadas engenhos inglezes, polidor limpador; pertencentes a moinho de farinhas = quatro pares de móz (systema Armingaud) apôidados sobre columnas de ferro – Um limpador (o Terare) – dois grandes peneiros – Um peneiro pequeno e na mesma um lutador ou refrescador, uma machina a vapôr de força de vinte e quatro cavallos de alta e baixa preção com a sua competente caldeira e pertencentes: respectivos á casa de Padeiraia trez Fornos, duas maceiras e todos os utensilios pertencentes a esta arte, uma machina para amassar, denominada Stevens, uma Bomba para incendios: pertencentes a distillação = trez Alambiques com suas serpentinas e mais pertenças, seis tinas de fermentação, um jôgo de galgas, uma machina de força de cinco a seis cavallos, seis cavallos, uma carroça de quatro rodas, trez carroças de duas rodas (...)”.

A sociedade foi dissolvida por morte de Jacques Maillard, em 30 de Dezembro de 1865, e logo em 4 do mês seguinte os outros sócios estabelecem nova sociedade, por 3 anos<sup>20</sup>. Todavia, pouco mais de um ano decorrerá até o imóvel de novo mudar de donos.

Em 10 de Agosto de 1867, “os armazens da fabrica de moagem de trigo do Bom sucesso” eram vendidos por Luís Messier e Carlos Maillard (por si e como procuradores de D. Angélica Messier, D. Guilhermina Maillard, D. Angélica Maillard e D. Amélia Maillard) a Diogo Hearn (que ficava como enfiteuta por as freiras só aceitarem um) e Eduardo Harrington<sup>21</sup>.

Os armazens eram identificados como “sitos na Praia do Bom sucesso com os numeros nove a doze (...) que constituem tres prazos fateosim perpetuos todos foreiros” ao convento do Bom Sucesso em 75 alqueires de trigo ou 60\$000 (800 réis por alqueire).

A venda era dos “mencionados armazens (...) com duas Machinas a Vapor, moinhos de farinha e descasque d’arroz, peneiras, escoadores, e tudo quanto pertence a esta fabricação, peças sobrexcellentes existentes na fabrica e pertencentes á dita fabricação; machina d’amassar pão / systema Sereno [Stevens?] /



Fig. 2. Zona marginal do Bom Sucesso em 1881. À esquerda destacam-se as chaminés da fábrica (João B. M. Nêu, *Em Volta da Torre de Belém*, II, p. 223)

fornos e outras maceiras, um jogo de galgas, pilões inglezes, e huma bomba de incendio, pela quantia de dezoito contos de reis, sendo desta quantia reis tres contos e oitenta mil reis preço dos armazens, e reis quatorze contos novecentos e vinte mil reis, preço dos ditos moveis, machinas, utensilios et coetera (...)”.

Na 3.<sup>a</sup> Conservatória do Registo Predial, sob o n.º 2241, a F. 63 do L.º B 18, consta menção a “Predio urbano, composto de uns armazens na Rua da Praia do Bom Sucesso, com o n.º 4 – moderno, e 9 – a 12 – antigos. Constitue tres prazos com foro de 75 – alqueires ou litros – 1:026.750 – de trigo ou 60\$000 em dinheiro, sendo emphyteuta Diogo Hearn (...)”. A descrição enumera:

“N.º 1 D’esto predio acima descripto fazem hoje parte integrante as tres propriedades seguintes.

- 1.<sup>a</sup> Um grande armazem com rez do chão, dois pavimentos e sotão, edificado por traz da Igreja do Convento do Bom Sucesso, confrontando pelo sul com o rio Tejo, para a margem do qual tem janellas, e pelo norte com o pateo do fundo da Igreja do Bom Sucesso, da qual fica separado por um pequeno pateo interior, para onde o referido armazem tem tambem frestas e janellas abertas.
- 2.<sup>a</sup> Uma pequena casa ao lado do dito armazem descripto composta de uma loja e um andar com commu-nicação interior para o dito armazem; tendo este andar serventia por uma escada de ferro para o pateo

da fabrica da Firma Reis & Ramires. Esta pequena edificação serve de limite pelo lado do poente ao pateo interior que fica entre a Igreja e o grande armazem acima referido.

- 3.<sup>a</sup> Um pequeno rez do chão abarracado que serve de escriptorio á Fabrica da mesma Firma e que está logo á entrada do portão da Fabrica e do lado esquerdo edificado de encontro ás paredes d'um pequeno terraço do Convento, e que a serventia ou entrada para as tres propriedades acima descriptas é pelo portão n.º 4 para a Rua da Praia do Bom Successo freguesia de Santa Maria de Belem”.

Também na 3.<sup>a</sup> Conservatória está registada sob o n.º 206 a transmissão efectuada por escrituras de 10 de Agosto de 1867 e de 8 de Julho de 1871<sup>22</sup> do domínio útil do prédio para Harrington. Do registo consta que o comprou “junctamente com todos os utensílios n'elle existentes a Luiz Messier, Carlos Maillard, D. Angelica Josefina Messier, D. Guilhermina Rino Maillard, D. Amélia Carlota Lequim Maillard, Diogo Hearn e sua mulher D. Adelina O'Donnel Hearn (...) pela quantia de 18:000\$000”. A escritura efectuada em 1867 já acima foi refenciada. Regista-se esta nova menção só porque o confronto das duas notícias pode suscitar alguma perplexidade.

Em 4 de Junho de 1873 Eduardo Harrington e sua mulher, D. Clotilde de Castro Miranda Harrington, hipotecam as instalações<sup>23</sup> a José Maria dos Santos, como garantia do pagamento de dívidas resultantes do fornecimento de trigo. A hipoteca compreendia “tambem o maquinismo, caldeiras, mais pertences e utensílios que compoem a fabrica de moagem e descasque do arroz estabelecida no mesmo predio”.

Em 9 de Outubro de 1874 a Companhia da Fábrica do Bom Sucesso adquire aos Harrington a fábrica pela quantia de 14.300\$000<sup>24</sup>. Não permanece muitos anos na sua posse; somente por 4.350\$000 transmite o domínio útil do prédio à firma “Reis & Ramires” (constituída por José António dos Reis e Gabriel José Ramires), por escritura celebrada em 24 de Janeiro de 1881 no tabelião Francisco Vieira da Silva Barradas. Atente-se em como, assim, Reis e Ramires ampliam as suas instalações.

Posteriormente, por escritura de 19 de Dezembro de 1883, celebrada também nas notas de Barradas, a firma adquire, por 5.000\$000, três propriedades cuja identificação me suscita dúvidas. Também encontro, e igualmente algumas dúvidas me deixam, as seguintes descrições nos livros de “Registo de Descrições Prediaes” da já mencionada Conservatória: sob o n.º 6152, “Um terreno denominado o Pateo interior que confina por um lado com o Convento do Bom Successo, por outro com a Igreja do mesmo nome, por outro com o grande armazem pertencente á Firma Reis & Ramires e por outro com o grande Pateo d'entrada ou serventia commum que tem o n.º 4 para a Rua da Praia do Bom Successo” (valor venal 100\$000); sob o n.º 6891, “Uma nesga de terreno situada na freguesia de Santa Maria de Belem, no sitio do Bom Successo ou Praia do Bom Successo, e que está na frente pelo lado do sul á Casa da machina a vapor da Fabrica de moagens da Firma Reis & Ramires; fasia parte do terreno pertencente ao Convento das Religiosas Irlandesas Dominicadas do Convento de Nossa Senhora do Bom Successo em Belem. Confrontando pelo sul com o Rio Tejo, e dos outros lados com a dita Firma Reis & Ramires, medindo na linha do Tejo 18 metros e 60 centímetros”. (valor venal 30\$000); sob o n.º 6902, “Uma porção de terreno baldio sito na Praia do Bom Successo, freguesia de Santa Maria de Belem, medindo 8 metros de comprimento por 7<sup>m</sup>, 80 de largura. Confronta pelo norte e poente com fabrica e terreno da Firma Reis & Ramires, pelo sul com o Rio Tejo, e pelo nascente com terreno continuado do Convento das Religiosas Irlandezas Dominicadas de N. Senhora do Bom Successo em Belem.” (valor venal 32\$000).

Durante cêrca de uma década Reis e Ramires mantêm-se na posse das suas instalações moageiras; mas, por escritura celebrada em 26 de Dezembro de 1891 nas notas do tabelião Barradas, a sociedade dissolve-se, ficando como único proprietário José António dos Reis. Este, por escritura firmada no tabelião Scola em 8 de Março de 1899, adquire o prédio descrito sob o n.º 6152 a F. 52 do L.º B 28 (3.<sup>a</sup> Conservatória).

No processo de obras n.º 8706 (Arquivo do Alto da Eira) encontram-se alguns elementos interessantes (até iconográficos) sobre a fábrica, não só no período em que pertenceu a Reis e Ramires como ao longo do séc. XX. Destaque-se um requerimento de Reis, em 1916, para “proceder á demolição das duas caldeiras de vapôr ali existentes por se acharem em mau estado e reconstrui-las pela mesma forma e no mesmo local, e demolir a respectiva chaminé de tiragem (...)”.

Em 1919 Reis vende por 70.000\$00 a fábrica à Nova Companhia Industrial Nacional de Moagem (a escritura foi celebrada em 6 de Dezembro no notário Tavares de Carvalho). A inscrição na Conservatória discrimina “a transmissão dos predios descriptos sob os n.os 2241 a f. 63 do L.º B 18 – 6152 a f. 52 v do L.º B 28 - 6891 a f. 38 do L.º B 30 – 6902 a f. 43 v do mesmo livro – 9403 a 9406 de f. 192 a 193 v do

L.º B 36”. Logo em 17 a posse é transferida para a Companhia Industrial de Portugal e Colónias (que em 1989 passou a denominar-se Nacional – Companhia Industrial de Transformação de Cereais, S.A.).

Atravessando crise que os registos de hipoteca à Caixa Geral de Depósitos denunciam, o que fora fábrica com lugar ímpar na História da Indústria em Portugal, teve de enveredar por novos rumos. Em 1994 é adquirida por Sofinac – Sociedade de Gestão e Investimento Imobiliário, S.A. e em 1997 pela Dinensino – Ensino, Desenvolvimento e Cooperação, C.R.L., estando hoje, portanto, nela instalada a Universidade Moderna.

A enumeração dos sucessivos possuidores é parte menos interessante do escopo que se pretendeu atingir e, mesmo nessa, algumas lacunas ficaram por preencher. Mas vale o que vale. E, sobretudo, permitiu carrear, de envolta, alguns elementos avulsos sobre equipamentos e, também, sobre as um tanto confusas instalações. E é com uma enumeração delas, resultante de divisões e posteriores anexações, que termino. Em 21 de Fevereiro de 1972 são enumerados, no livro respectivo da 3.ª Conservatória, os vários prédios que, anexados, formam «todos actualmente um só que, por via das obras de modificação e ampliação que sofreu, se compõe de: “prédio urbano com a área de 3 330 m<sup>2</sup>, situado na Rua da Praia do Bom Sucesso, designação oficial da artéria vulgarmente conhecida por Praia do Bom Sucesso, para onde tem os actuais N.ºs 7, 9 e 11 de polícia, com entrada também pela Avenida da Índia, freguesia de Belém, constituído por uma fábrica de moagem com: – Bloco 1 – edifício de 2 pisos com a área coberta de 170 m<sup>2</sup>; – Bloco 2 – edifício de um só piso alto, semi arruinado, com a área coberta de 234 m<sup>2</sup>; – Bloco 3 – edifício de um só piso com a área coberta de 240 m<sup>2</sup>; – Bloco 4 – edifício com 2 pisos e a área coberta de 230 m<sup>2</sup>; – Bloco 5 – edifício com 1 piso e a área coberta de 230 m<sup>2</sup>; – Bloco 6 – edifício com quatro pisos e a área coberta de 593 m<sup>2</sup>; – Bloco 7 – edifício com 2 pisos e a área coberta de 321 m<sup>2</sup>; Bloco 8 – edifício com 1 só piso e a área coberta de 192 m<sup>2</sup>; – Bloco 9 – edifício em ruínas com a área coberta de 544 m<sup>2</sup>; – Bloco 10 – casa de habitação em ruínas, com 2 pisos e a área coberta de 21 m<sup>2</sup>; – Bloco 11 – casa de arrumos com a área coberta de 12 m<sup>2</sup>; – Bloco 12 – casa para habitação do guarda com a área coberta de 35 m<sup>2</sup>; – Bloco 13 – pequena edificação em ruínas com a área coberta de 6 m<sup>2</sup>; – Bloco 14 – edificação do porteiro com a área coberta de 6 m<sup>2</sup>; e pátios de ligação, entre os diversos blocos, com a área descoberta de 466 m<sup>2</sup>. Tem o valor de 3.225.600\$00 e está inscrito na matriz sob o artigo N.º 1 120, do qual faz parte”.

## NOTAS

<sup>1</sup> Arquivos Nacionais / Torre do Tombo, Alfândega de Lisboa, S. 16, n.º 38 (L.º das fianças da Alfândega Grande), F. 164. Se é provável o destino dos géneros mencionados, já não deixa lugar a dúvidas o dos referenciados em consulta do Conselho da Fazenda (A.N./T.T, L.º 44, F. 73) sobre requerimento em que João Baptista Ângelo da Costa e C.ª pedem isenção dos direitos a pagar no Paço da Madeira “do Ferro e Carvão precizos para a sua Fabrica de Maquinas de Vapor”.

<sup>2</sup> À documentação respeitante aos primórdios da instalação fabril pode acrescentar-se a consulta do Conselho da Fazenda sobre requerimento de António Julião da Costa, resolvida por portaria de 27/11/1820 em que é empregue a designação de “Fabrica de descascar arroz estabelecida no sitio de Pedrouços” (A.N./T.T., Cons. da Faz., L.º 35, F. 171 v).

<sup>3</sup> A.N./T.T., Cartório Notarial 9 B, L.º 220, F. 26, L.º 223, F. 118, L.º 228, F. 122.

<sup>4</sup> A.N./T.T., Cart. Not. 7 B, L.º 235, F. 4.

<sup>5</sup> A.N./T.T., Ministério da Justiça, maço 285 (sobre este requerimento foi formada consulta de 25/2/1823).

<sup>6</sup> A.N./T.T., Cons. da Faz., L.º 42, F. 122.

<sup>7</sup> A.N./T.T., Impostos, L.ºs 2919 a 2928.

<sup>8</sup> A.N./T.T., Impostos, L.ºs 2946 a 2955 e 2928.

<sup>9</sup> A.N./T.T., S. Sebastião, L.º 7 de Óbitos, F. 204 v.

<sup>10</sup> Arquivo do Tribunal de Contas, Comissão do Tesouro Público, L.º n.º 125.

<sup>11</sup> Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, L.º XV-R-59, F. 259 v.

<sup>12</sup> A.N./T.T., Cart. Not. 5 B, L.º 255, F. 66 v.

<sup>13</sup> A.N./T.T., Cart. Not. 9 B, L.º 308, F. 96.

<sup>14</sup> A.N./T.T., Cart. Not. 11, L.º 332, F. 70 v.

<sup>15</sup> A.N./T.T., Cart. Not. 11, L.º 360, F. 91.

<sup>16</sup> A.N./T.T., Cart. Not. 4, L.º 212, F. 50 v.

<sup>17</sup> A.N./T.T., Cart. Not. 9 B, L.º 321, F. 45.

<sup>18</sup> A.N./T.T., Cart. Not. 11, L.º 356, F. 135.

<sup>19</sup> A.N./T.T., Cart. Not. 9 B, L.º 324, F. 6 v.

<sup>20</sup> A.N./T.T., Cart. Not. 9B, L.º 330, F. 96.

<sup>21</sup> A.N./T.T., Cart. Not. 9 B, L.º 335, F. 52 v.

<sup>22</sup> Lavradas no tabelião Barcelos Junior a F. 52 V do L.º 335 e a F. 39 do L.º 347, respectivamente.

<sup>23</sup> Por escritura registada a F. 62 do L.º 928 das notas do tabelião Joaquim Cardoso.

<sup>24</sup> Por escritura celebrada no tabelião José Maria de Barcelos Junior e registada a F. 73 do L.º 57 das respectivas notas.

## Retrospectiva dos transportes públicos em Lisboa

NESTOR FATIA VITAL

### SUMÁRIO

1. Alguns factores condicionantes e/ou impulsionadores da evolução dos transportes públicos em Lisboa.
2. Diversidade de tipos de transporte desde a Idade Média ao século XVII: selas, andas, cadeirinhas, cochins, leitos curtos, vinaigrettes, coches, traquitanas, berlindas, estufas, estufins e paquebotes.
3. Domínio da sege no século XVIII, convertido em trem de praça na transição para o século seguinte, como “táxi do romantismo”.
4. O surgimento do transporte colectivo no século XIX, com o onibus.
5. Uma experiência desastrosa: o larmanjat.
6. A eficácia da introdução do sistema de “viação – carril – vicinal e urbana, a força animal, o chamado carro “americano”.
7. A instituição da Companhia Carris de Ferro de Lisboa, SARL, e a sua política, conseguida, de absorção da concorrência.
8. Evolução das várias soluções experimentadas pela Carris: motores a vapor, acumuladores eléctricos até à tracção eléctrica com cabo aéreo.
9. O século XX e o transporte motorizado: mototáxis, autotáxis e autocarros.
10. Ascensores lisiponenses inaugurados no século passado e histórico dos quatro sobreviventes, funcionando nos nossos dias.
11. O mais moderno sistema de transporte colectivo: o Metropolitano de Lisboa.

\*  
\* \*

O presente trabalho, para além da longevidade do tema, apresenta as dificuldades da vasta dispersão da respectiva bibliografia existente e do cruzamento cronológico da maioria dos tipos de transporte público lisboeta o que exigiu, conseqüentemente, uma aturada preocupação de síntese de tão extenso e complexo capítulo da história lisiponense.

Entendo, aqui, por “transporte público”, o veículo utilizado para o transporte colectivo de passageiros no perímetro citadino, conquanto nalguns casos os mesmos tomem características de veículo “de aluguer” ou, mesmo, se estendam para áreas suburbanas.

### 1.

De referir também, antes do mais, alguns factores condicionantes e outros impulsionadores da evolução desses transportes, os quais iremos invocando ao longo da dissertação, e de que citamos os seguintes:

- a) – À configuração geofísica irregular lisboeta das sete colinas acresce a tardia regularização do casco urbano em termos urbanísticos de pavimentação.
- b) – Constata-se uma introdução, com relativo atraso, dos avanços tecnológicos e de gestão na indústria dos transportes que ocorreram na Europa ocidental, nos Estados Unidos da América do Norte e no Brasil.

- c) – Lisboa cresceu populacionalmente, a um ritmo invulgar devido a migrações internas, com uma progressiva expansão do domínio urbano para Norte e Ocidente.
- d) – Houve, indiscutivelmente, alteração no tecido social lisiponense, desde o século XVIII, geradora de novos hábitos e potencialidades económicas dos virtuais utentes dos transportes públicos.

Estes dois últimos factores influenciaram, essencialmente, o presente trabalho que é mais desenvolvido a partir da transição de Setecentos para o século XIX até aos nossos dias.

\*  
\* \*

## 2.

Até finais da Idade Média, numa urbe de dimensão limitada, os nobres exercitam o domínio da sela cavalariça e as camadas populares calcurreavam as curtas distâncias a pé ou, para maiores deslocações, usavam o burro, montada que perdurou até ao século XIX em que ainda havia praças de aluguer.

A partir do século XVI a classe privilegiada adopta outros tipos de transporte, tais como as *andas*, *cadeirinhas*, *cochins* ou *leitos curtos*, com ou sem tecto, transportados por homens ou por dois animais a par, de onde derivou a *liteira*, dependurada com dois muares, um à frente e outro atrás. A *cadeirinha* viria a evoluir, afrancesada e com duas rodas, na *vinaigrette*.

Nos finais de Quinhentos, e há quem defenda que teria sido introduzido por Filipe I, em 1581, aparece o majestático *coche* que, degenerando, foi imitado pela *traquitana*, de quatro rodas para duas pessoas.

No século XVII, para além dos atrás referidos, circulavam a *berlinda*, a *estufa*, o *estufim* e o *paquebote* e, no ocaso da centúria, surgiria a famosa *sege*, descendente do *cabriolet* francês, e que viria a ser precursor no tema a que nos estamos dedicando. De facto, até começos do século XVIII, só há notícia de transportes públicos ou colectivos lisiponenses numa única excepção. Entre 1629 e 1640, o estalajadeiro francês Oleans e o português Pedro Afonso, receberam autorização para realizarem, uma vez por dia, “(...) a viagem de ida e volta aos quatro extremos da cidade (...)”, usando quatro *carrões*, de seis passageiros cada e mais um ao lado do cocheiro, frota que chegou a ser de doze viaturas.

## 3.

Diogo Inácio de Pina Manique, grande Amigo de Lisboa, Intendente-Geral de Polícia desde 1780 e falecido em 1805, para além das múltiplas obras realizadas – combate à ladroagem, higiene urbana e iluminação pública, fundação da Casa Pia de Lisboa, centralização dos serviços alfandegários – tinha, também, uma preocupação: a dos transportes públicos urbanos, vertente, que me perdoem, não tive tempo para investigar. Sabe-se, sim, que a *sege* é o mais antigo veículo lisboeta adoptado a trem de praça, em 11 de Março de 1812, em que o mais afamado, à época, foi o “Francisco da Assembleia”, com carreiras do Terreiro do Paço a Belém, desde as 7 às 20 horas, ao custo de 200 réis a viagem, preço, convenhamos, pouco acessível à maioria esmagadora das bolsas.

Façamos, aqui, uma breve pausa para observarmos o que foi a explosão demográfica da capital no século XIX, principalmente depois do “fontismo”.

Já nos referimos ao limitado perímetro urbano que perdurou desde a “Lisboa da pimenta” até ao fomento pombalino de proto-industrialização e, depois, aditemos agora, com o “fontismo”, em pleno século XIX. Estes dois últimos factores geraram uma atracção pela capital do país, tendo por consequência um rápido crescimento populacional. Vejamos alguns números:

1801 – 169.506 hab.	1864 – 190.311 hab.
1815 – 163.561 “	1878 – 240.740 “
1840 – 154.861 “	1890 – 300.964 “
1857 – 169.078 “	

Perante tal crescimento populacional é evidente que a *sege*, a que se poderia chamar o “táxi do romantismo”, já não respondia às necessidades de transporte público urbano pois que a cidade se ia expan-

didndo, aproximando-se, cada vez mais dos seus extremos, as chamadas “portas secas” alfandegárias, fazendo desaparecer, aos poucos, as viçosas hortas particulares que, em parte, alimentavam os cidadãos de hortaliça e legumes ou envolvendo palacetes e vivendas, antes, isolados.

#### 4.

Julgamos não errar ao considerar as novas carruagens *omnibus*, como o primeiro transporte colectivo lisboeta, na verdadeira acepção do termo “colectivo” e não, já, somente público.

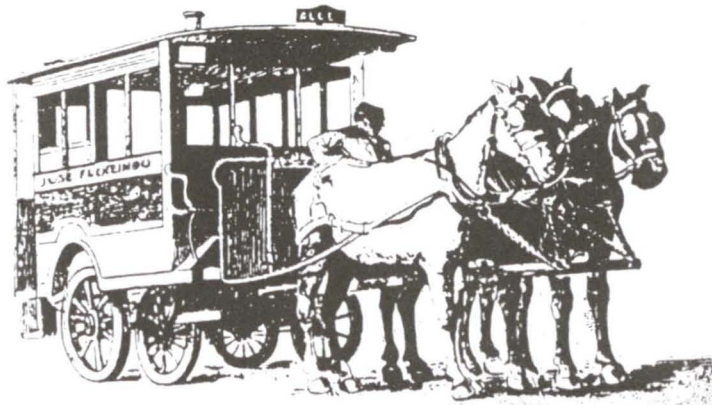
O Decreto de 7 de Agosto de 1834 concedeu a exploração deste novo tipo de transporte a Luís Francisco Castinel e Aristides Fleury de Barros, serviço iniciado em 1835. Porém, logo no ano seguinte, o privilégio é trespassado à Companhia de Carruagens Omnibus de Lisboa, com estatutos aprovados em 29 de Abril de 1836.

O *omnibus*, transportando quinze pessoas, tinha tracção de duas parelhas de muares, com o cocheiro no tejadilho e um sota na luar dianteira direita. Assegurava duas carreiras urbanas: Praça do Município-Santa Apolónia e Largo do Rato-Santa Apolónia, dando, assim, prioridade terminal à ligação fluvial com o Sul, mas servia, também, as áreas periféricas de Loures, Mafra, Oeiras e Sintra, com tarifas para Benfica e para Belém. Desta última sabemos que era de 120 réis, à noite. Quanto a Benfica, o preço era superior e a carruagem de menor porte. As respectivas cocheiras situavam-se na Rua do Crucifixo.

Entretanto, outras iniciativas surgiram, umas bem capitalizadas, outras de frágil actividade individual, cujas vicissitudes constituem um intrincado enleamento de que, nesta circunstância, só darei breves notícias.

A Companhia de Carruagens Lisbonenses, com estatutos aprovados em 3 de Agosto de 1852, tinha uma concessão de dez anos, prorrogáveis, crescendo de tal modo que no final de 1864 já possuía 68 carros e 102 cavalos, 6 éguas e 6 muares, sendo as cocheiras no Largo de S. Roque.

A Companhia de Carruagens de José Florindo iniciou os serviços por volta de 1864, com carreiras da Praça do Município para S. Julião da Barra, com apeadeiro em Belém, extendendo-as, depois, a Oeiras e Cascais. Em 1889, a empresa do então José Florindo de Oliveira Filho, faliu com a inauguração, nesse ano, do caminho-de-ferro entre Pedrouços e Cascais.



Carro de José Florindo

A partir dos anos de 64, a concorrência era feroz, no campo dos transportes em *omnibus*, a tal ponto que a precursora Companhia de Carruagens Omnibus de Lisboa viria a dissolver-se em 1865. De facto, podemos ainda referir as carreiras seguintes: do Jacinto, do Simplício, de José Maria dos Santos, de H. S. Cosme, saindo da Rua Áurea em que, no século XIX era proibido descer, do Silvestre da Silva, com partidas do Largo de S. Domingos, do Isidoro José Vicente, do Diogo Ferreira e de Luiz Salazar. Relativa a este último, conhecemos uma factura de 1911, de Silvas & Areias, Lda, sucessores da Empresa Luiz Salazar Junior, por certo, filho dele.

Estamos, assim, chegados à década de 70 e, pelo pouco que apresentámos, o serviço dos *omnibus* lá ia respondendo, com avanços e recuos, ao que o lisboeta ambicionava de um transporte colectivo eficiente e, principalmente, popular, ou seja, económico.

## 5.

Curiosamente, será o “regenerador” João Carlos de Saldanha de Oliveira e Daun, Marechal, Duque de Saldanha e neto do Marquês de Pombal, por parte de sua mãe, com grande experiência política, como governante e na oposição, militar, tribuno e diplomata, o impulsor de um novo sistema de transporte colectivo, que observara quando embaixador em Paris, que fora inventado pelo Engenheiro J. Larmanjat.

O sistema era engenhoso. Uma via de macadame, com um carril central, ladeada de uma ou duas estreitas pranchas de madeira, ficando o conjunto pregado a travessas de madeira. A locomotiva a vapor e as carruagens possuíam três conjuntos paralelos de rodados: o central corria no monocarril e os laterais, uma roda pela passadeira de madeira e outra pela estrada ou pela segunda passadeira, sendo, assim, obtido o equilíbrio dos veículos.

Saldanha entusiasmou Larmanjat a montar o seu sistema em Lisboa e, assim, em 30 de Janeiro de 1870, é inaugurado o primeiro serviço de transportes colectivos por tracção mecânica a vapor, em Lisboa, no trajecto Largo de Sta. Bárbara-Alameda do Lumiar, passando pela Estrada de Arroios, terras da Casa da Pólvora, Campo Pequeno e Campo Grande, percurso que demorava meia hora, à velocidade horária de 15 quilómetros.

A estação central era no Palácio dos Condes de S. Miguel, na Rua de Arroios e as tarifas correspondiam aos desejos da população, nomeadamente, das camadas com menos recursos, pois que a 3.ª classe era a 20 réis, a 2.ª a 30 e a 1.ª a 40 réis.

Mas a intervenção de Saldanha não ficaria por aqui. Com a revolta conhecida por “saldanhada”, em 19 de Maio de 1870 impõe ao rei D. Luís I o derrube do ministério Loulé, mas o governo que se segue só durará uns cem dias e Saldanha regressa a Londres como embaixador. Aí conhece Albert Grant, especialista de caminhos-de-ferro. Ambos promovem a constituição da Lisbon Steam Tramways Company, para a qual o Duque obtém a concessão e exploração de duas linhas *larmanjat*: Lisboa-Sintra e Lisboa-Torres Vedras, com partidas do Rego, carreiras inauguradas, respectivamente, em Julho e Setembro de 1873.

A Companhia tinha carreiras de *omnibus* e *char-à-bancs* do terminal urbano da Rua das Portas de Santo Antão para levar os passageiros ao *larmanjat* à referida estação.

A nova Companhia, de que Saldanha assumia a presidência, tomara de trespasse a primitiva Companhia de Tramways a Vapor, o que poderia representar um revigoreamento da empresa inglesa. Porém, continuados insucessos – descarrilamentos, demoras, etc. – e nem mesmo a actualização das tarifas, pois que a 3.ª classe já subira a 60 réis, impediram a suspensão de toda a exploração em 1875, tendo o Duque de Saldanha falecido, em Londres, no ano seguinte. Não tendo provado eficácia durante o curto período de serviço, a Companhia declarou-se falida em 1877.

## 6.

O velho sistema dos *omnibus* continuava a subsistir mas a procura de soluções válidas para resolver o problema dos transportes urbanos não abrandou.

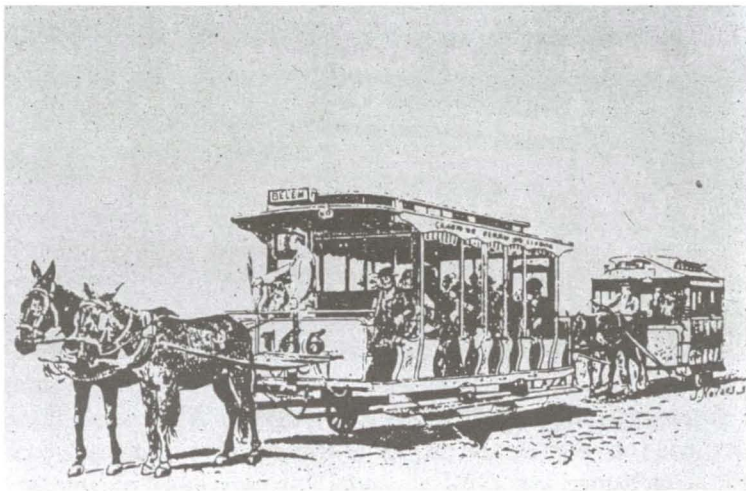
Havia conhecimento de que, desde 1832, existia em Manhattam (N. York) e no Brasil, um sistema de linhas férreas com tracção animal e, mais uma vez, iríamos importar nova solução do estrangeiro, neste caso, do Rio de Janeiro, como veremos.

Francisco Maria Cordeiro de Sousa, chanceler do consulado americano no Rio de Janeiro, e seu irmão LUCIANO Baptista CORDEIRO de Sousa, historiador e professor do Colégio Militar, em Lisboa, requereram, em 1870, licença para estabelecer nesta capital um sistema designado por “viação-carril-vecinal e urbana, a força animal”, alvará que lhes é concedido pelo Governo.

Solicitam, então, à Câmara Municipal a concessão para o “estabelecimento nas ruas e estradas de Lisboa, da viação em carris pelo sistema americano”, o que recebe aprovação a 16 de Janeiro de 1871. Não chegariam, no entanto, a concretizar o projecto, devido a um acontecimento inesperado.

Por Decreto imperial de 18 de Setembro de 1872, é constituída, no Rio de Janeiro, a Companhia Carris de Ferro de Lisboa, tendo accionistas de forte poder financeiro, tais como: João José dos Reis, banqueiro; Manuel Salgado Zenha, José Gomes de Oliveira Guimarães, António Ferreira da Silva e Joaquim José de Souza Imenes. Além do facto insólito de uma empresa com tais propósitos ter sede no Brasil e, também, o facto do Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria, português, ter concedido, àquela, existência legal e jurídica em Portugal, forçaram os irmãos Cordeiro de Sousa a cederem, de trespasse, os seus privilégios de concessão à nova Companhia, o que foi homologado por Decreto de 21 de Setembro de 1872 e concessão definitiva, por parte da Câmara Municipal de Lisboa, em 27 de Janeiro de 1873.

Registe-se que os empresários da C.C.F.L. conheciam bem a experiência dos transportes urbanos e suburbanos com carros *americanos*, em carris, no Rio de Janeiro onde, à época, já funcionavam sete empresas e mais cinco em fase de constituição. Daí actuarem com rapidez, pois que, a 17 de Novembro de 1873, era inaugurado o novo serviço urbano, com 24 *americanos* fechados e 8 abertos, no troço de Santa Apolónia-Cais do Sodré-Aterro da Boa Vista-Santos (início da rampa), sendo os bilhetes de 50 réis, de dia, e 60 réis à noite.



Os carros "americanos"

## 7.

Desentendimentos entre accionistas brasileiros e portugueses levaram a que se formasse uma nova empresa com sede em Lisboa, a Companhia Carris de Ferro de Lisboa, SARL, cujos Estatutos, publicados no *Diário do Governo* de 3 de Janeiro de 1876, definiam no seu Art.º 1.º "(...) com o mesmo capital e número de acções e com os mesmos accionistas (...)", tendo como primeiros directores João Paulo Cordeiro, António de Almeida Santos e Tomás da Silva Brandão.

A nova sociedade anónima de responsabilidade limitada, que foi legalizada por Decreto de 31 de Maio daquele ano, teve rápida expansão pois que em 1888 já instalara quarenta quilómetros de carril, com carreiras do Cais do Sodré à Estrela, por S. Bento e Largo do Rato; Praça do Comércio aos Anjos, pelo Rossio; Praça do Comércio a Santa Apolónia; do Cais do Sodré a Belém, passando por Alcântara.

Se tirássemos uma cópia fiel à circulação viária de Lisboa, na década de 80, verificávamos a cidade enxameada dos mais diversos tipos de transportes de múltiplas entidades individuais ou colectivas.

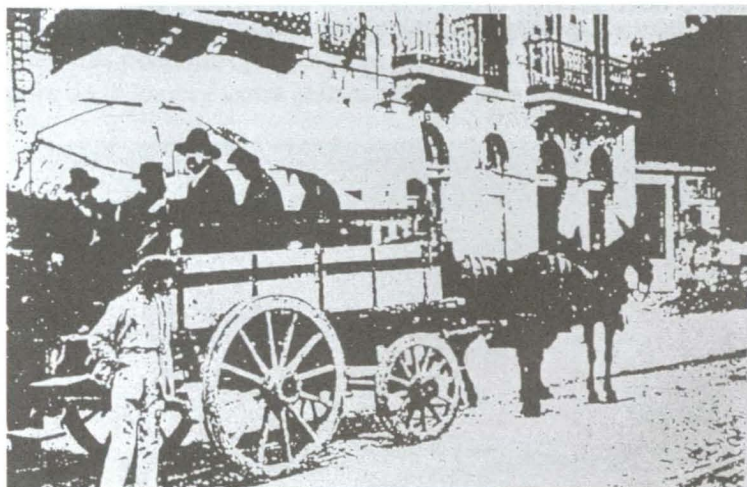
Assim, a maior preocupação da *Carris*, para uma boa gestão desejada, seria eliminar, aos poucos, tamanha concorrência, nomeadamente as empresas de *omnibus* e outros tipos de carros que não utilizavam carris e movidos por tracção animal, o que lhes dava grande mobilidade de circulação, antecipando-se na recolha de passageiros. A propósito, cito o Artigo 3.º da Postura Municipal de 8 de Março de 1888, publicada no *Código de Posturas do Município de Lisboa*, de 30 de Dezembro de 1886, de que o Chefe de Polícia, A. Morgado, fez uma 9.ª edição em 1916, totalmente actualizada: "O facto de algum veículo impedir o andamento de outro que transite sobre carris de ferro somente, por ter menos andadura do que este

ou por outro motivo que não seja de força maior, será considerado como estorvo para o andamento destes veículos, e em tal caso punido o condutor como transgressor do Art.º 89.º do actual Código de Posturas”.

Vejamos, em síntese, como evoluiu o processo de eliminação daquela concorrência, que tem início nos começos da década de 90 e se arrasta até finais da 1.ª Grande Guerra.

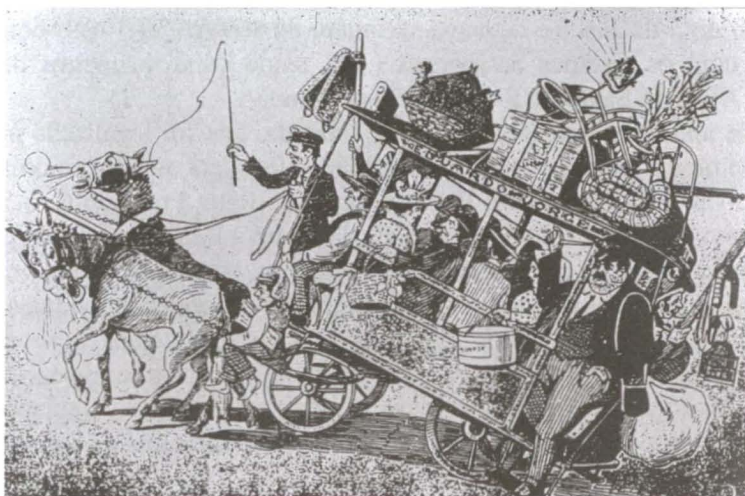
Um dos mais importantes concorrentes era a Companhia de Carruagens Ripert, SARL, fundada em 15 de Junho de 1882, com Estatutos datados de 22 do mesmo mês e ano, sucessora da Empresa Carro Ripert Privilegiado. Utilizando carros, fora de carris, com lotação para 23 passageiros, foi comprada em 1892.

Outra empresa concorrente era a de Jacinto Gonçalves, fundada em 1886, com carreiras de transporte colectivo nos percursos Alcântara-Rossio; Alcântara-Belém e Rossio-Intendente, com bilhetes a 10 réis. Nos inícios de 1896, os 50 carros, 500 cabeças de gado e todo o pessoal desta empresa foram cedidos à Carris.



Carro do Jacinto Gonçalves

Também, com grande fama, fora fundada, em Fevereiro de 1888, a empresa de Eduardo Jorge, por alcunha o “Chora”, por estar sempre a lamentar-se dos seus fracos lucros. Mantinha a carreira de Belém ao Intendente ao preço de 10 réis e vintém, tarifas que manteve mesmo no período de crise inflacionária da 1.ª Grande Guerra, a que não resistiu. De facto, em 1917, decidido a não beneficiar a Carris, indemnizou o pessoal, vendeu as muares, mandou queimar os carros, e eram muito bons, retirando-se para a sua Quinta da Ameixoeira. Muitos anos mais tarde, ressurgiria na indústria de camionagem de passageiros.



Caricatura do carro do “Chora” (Eduardo Jorge)

A absorção era imparável. Em 1892, Moita & Isidro; Florindos; Lilla; Viação Lisbonense; José Maria de Sousa; Bernardino Pinto; Manuel da Silva Ferreira; João José dos Santos; Casimiro Freire & C.<sup>a</sup> (Canoa); Luís António Avelino Lopes; Cruz & Costa e Gatto & Irmão, venderiam, em conjunto, 713 cabeças de gado e 156 carruagens.

Como último exemplo desta fantástica voragem, citemos a Lusitana, Sociedade Cooperativa dos Condutores e Cocheiros da Viação Lisbonense, fundada em 23 de Outubro de 1896 por 23 indivíduos despedidos dos *americanos*, que não resistiu ao sorvedouro, vendendo todo o material e o gado, em 1902, e transitando o pessoal para a Carris e para o Eduardo Jorge. Curiosamente, esta cooperativa criara um tipo moderno e único de bilhete, que dava prémios e, em 1907, reapareceu, com um único carro, mas sobreviveu somente durante poucos meses.

Referi-me, anteriormente, ao Código de Posturas da Câmara Municipal de Lisboa, edição de 1911, e não resisto a citar algumas curiosidades.

A Postura Municipal de 1907, diz: “Os trens munidos de taxímetro poderão, durante o prazo de um ano, (...) fazer praça em qualquer dos lugares autorizados, ainda que excedam o número permitido nas mesmas posturas” (Art.º 1.º). A mesma Postura Municipal, no seu Art.º 96, § único, dispõe o seguinte: “Os números dos trens que usarem taxímetro terão esta indicação pintada em branco sobre fundo encarnado.” e, em Anexo, indica as tarifas, como segue:

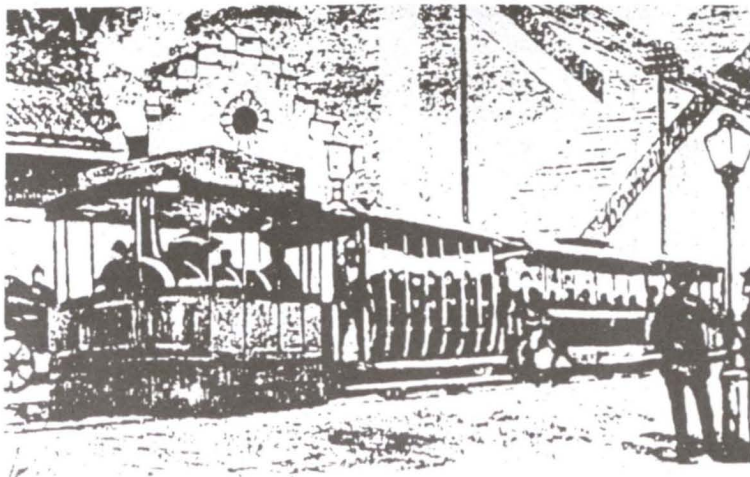
- Algarismo 1, em branco, sobre fundo encarnado, 1 a 2 pessoas, de dia, os primeiros 1:200 metros, \$15; cada 600 metros a mais \$05.
- Algarismo 2, em branco, sobre fundo azul, 3 a 5 pessoas, de dia, os primeiros 1:000 metros, \$15; cada 500 metros a mais \$05.
- Algarismo 3, em branco, sobre fundo amarelo, 1 a 5 pessoas.
- Tempo de espera, cada 6 minutos, \$05.
- A tarifa de dia vigora desde o amanhecer até à 1 hora da madrugada.
- Bagagens: por cada mala ou baú colocado no exterior da carruagem: \$10.

Estas tarifas, por portaria de 2 de Março de 1911, já eram agravadas quer por aumento do preço, quer por redução da metragem.

Na revista *Olisipo*, II Série, n.º7, Dezembro de 1998, do Grupo “Amigos de Lisboa”, desenvolvo outros aspectos pitorescos dos transportes urbanos lisboetas, na transição do século XIX para o actual, que o referido Código de Posturas do Município de Lisboa, de 1886, nos apresenta.

## 8.

Entretanto, a Companhia Carris de Ferro de Lisboa não parava nas tentativas de modernizar o sistema de transporte. Assim, já em 1877, iniciara experiências com tracção alternativa à força animal, recorrendo a motores a vapor.



Carro a vapor da C.<sup>a</sup> Carris de Ferro de Lisboa

Só em Outubro de 1889 chegam a Lisboa as primeiras locomotivas a vapor, que podiam rebocar 3 ou 4 *americanos*. Porém, a tracção a vapor desapareceu em 1896, depois de ter servido a linha Cais do Sodré-Pedrouços-Algés, muito concorrida principalmente aos fins de semana, no Verão, nas idas para as praias.

Em 1888, novo contrato com a Câmara, fixa o prazo de 99 anos para a concessão à Carris, o que lhe dá novo fôlego.

Zófimo Consiglieri Pedroso, eleito director da Companhia, impulsiona as experiências com acumuladores accionando motores eléctricos. Em 1887 já se efectuara, no troço Santo Amaro-Algés, a primeira experiência.

A solução definitiva resultaria de uma visita de estudo, pela Europa, que Alfredo da Silva efectuou em 1892, e do seu relatório propondo a adopção da tracção eléctrica com cabo aéreo, privilégio que é concedido à Companhia, pela autarquia, nos novos contratos de 1897 e 1898.

Nos começos de 1901, chegam os primeiros *eléctricos* e a inauguração oficial do novel serviço dá-se a 31 de Agosto desse ano no percurso Terreiro do Paço-Belém-Algés, para o que a Companhia já adquirira 54 carros abertos de 26 passageiros, cada, e 75 carros fechados para 24 passageiros, estes denominados de *Saint Louis*.

Penso chegar o momento de encerrar este capítulo dos *eléctricos*, pois que os presentes têm conhecimento directo da expansão de serviços que esta modalidade atingiu nos nossos dias, em que temos modernas unidades articuladas.

## 9.

O século XX trouxe-nos o transporte motorizado, abrindo um novo capítulo ao tema em apreço. A Carris era obrigada a estar atenta.

Os primeiros *autocarros*, dois da marca “Dion Bouton”, foram introduzidos em Lisboa pela Nova Companhia dos Ascensores Mecânicos de Lisboa, em 25 de Novembro de 1904. Serviam o percurso da Estrela à Rua de São João dos Bencasados, bem como a Tapada da Ajuda, sendo a tarifa de 40 réis, mas foi experiência de pouca dura.

A Carris respondeu, em fins de 1912, com os autocarros “Leyland”, com carreiras para Carnide, Algés e outras localidades da periferia lisboeta, tendo os serviços terminado em 1915.

No que se refere ao automóvel, o precursor foi o táxi “Fiat”, surgido em 1907. De registar que os taxímetros para automóveis apareceram em 1910, sendo a bandeirada de 290 réis e cada fracção a 50 réis.

Devido ao elevado custo da gasolina, e seu racionamento, no período da 1.ª Grande Guerra, aquela modalidade teve de fazer uma pausa, surgindo, então, os *mototáxis*, solução que perdurou nos primeiros anos da década de vinte. Tenho notícia da existência de uma carreira de moto com “side-car”, por volta de 1919, que fazia o percurso do Café Londres, no Cais do Sodré, aos Restauradores, conduzida por antigo carroceiro arregimentado e encartado à pressa, o que nos permite admitir os riscos que os passageiros correriam nas curvas do percurso.

Passada a crise, é formada a Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs, em 1925, com uma frota de automóveis “Citroen”, que ficaram conhecidos por táxis “Palhinhas”, com estacionamento na ala sul da Estação do Rossio, sendo a bandeirada a 10 tostões. Esta modalidade de transporte cresceu a tal ponto que, hoje, um total de cerca de 3 600 táxis servem a cidade.

A título de curiosidade, registre-se que em Portugal só em 1928 se começou a circular pela direita.

Perante o crescendo da concorrência automóvel, a Carris faz renascer o transporte em autocarros. Numa primeira fase, quando da Exposição do Mundo Português, de 23 de Junho a 2 de Dezembro de 1940, com seis unidades para reforço do serviço de eléctricos e, depois, em definitivo, com inauguração de diversas carreiras em 9 de Abril de 1944, cujos tipos foram evoluindo, desde carros com dois pisos aos actuais articulados. Em Lisboa, circulam, nos nossos dias, cerca de 800 autocarros da Carris.

## 10.

Outra vertente histórica do transporte urbano, que não poderíamos omitir, são os *ascensores*, de que fazemos um ligeiro apontamento, pois se trata de um transporte “amigo”, que poupa ao lisboeta a estafa da subida a pé de íngremes colinas.

O portuense, Engenheiro Raúl Mesnier du Ponsard, fundador da Companhia dos Ascensores Mecânicos de Lisboa, implantou nesta capital nove ascensores dos quais os da Estrela (1890), Chiado (1892), Graça (1893), S. Julião (1897), e S. Sebastião da Pedreira (1899), não resistiram à competição dos “elétricos” da Carris em circulação desde 31 de Agosto de 1901.

Vejamos os quatro sobreviventes àquela primeira derrocada, e ainda hoje funcionando:

O Elevador do Lavra – Largo da Anunciada-Travessa do Forno do Torel – foi inaugurado em 19 de Abril de 1884, funcionava por cremalheira e contrapeso de água, sendo electrificado em 1915.

O Elevador da Glória – Avenida da Liberdade-S. Pedro de Alcântara – com inauguração em 24 de Outubro de 1885, teve inicialmente o mesmo sistema de tracção do anterior, passando por uma fase intermédia a vapor, cuja caldeira estava instalada no Largo da Oliveirinha e, finalmente, electrificado em 1 de Agosto de 1914.

O Elevador da Bica – Largo do Calhariz-Rua de S.Paulo –, inaugurado em 28 de Junho de 1892, teve as mesmas fases de locomoção do anterior e foi electrificado em 1914. É considerado o mais pitoresco de Lisboa.

O Elevador de Santa Justa – Largo do Carmo-Rua do Ouro –, o único vertical e construído pela Empreza de Elevadores do Carmo, foi inaugurado em 10 de Julho de 1902. Com locomoção inicial pelo poder de uma máquina a vapor, foi electrificado em 6 de Novembro de 1907.

Os três primeiros ascensores referidos, passaram para a posse da Carris, por dissolução da empresa proprietária, em 1926. Quanto ao do Carmo-Ouro, já fora arrendado àquela em 20 de Novembro de 1905, sendo a posse definitiva efectuada em 1939.

## 11.

Por último, falemos do *metropolitano*.

Depois de várias tentativas para implementar a ideia – 1888, 1923 e 1924 –, o Decreto-Lei n.º 36.620, de 24 de Novembro de 1947, considera ser “(...) oportuno o estudo de um sistema de transporte colectivo com base no subsolo da cidade (...)”. Assim, é constituída, em 26 de Janeiro de 1948, a Sociedade Metropolitano de Lisboa, SARL, que recebeu a aprovação do respectivo “Caderno de Encargos da Concessão” por parte da Câmara Municipal de Lisboa, em 26 de Maio de 1949, e do Ministério das Comunicações em 1 de Julho do mesmo ano.

Em 29 de Dezembro de 1959 era inaugurada a 1.ª fase deste mais moderno transporte urbano, na linha Restauradores-Entrecampos-Sete Rios, obras iniciadas em 1955.

No que se refere à tarifa simples, válida para qualquer percurso, podemos registar que foi de 1\$00, inicialmente; 65\$00, em 1993, e 100\$00 actualmente.

Não podemos deixar de fazer uma última referência à monumentalidade de algumas das novas estações e à crescente expansão da rede metropolitana, o que, pela primeira vez, representa concorrente da Carris, imbatível, e em que a grande vítima tem sido o *eléctrico*.

BIBLIOGRAFIA

VASCO CALIXTO, *As Rodas de Lisboa*, Junta Distrital de Lisboa, Lisboa, 1967.

IRISALVA MOITA, “Os Transportes em Lisboa”, *Lisboa – Revista Municipal*, nº 1-2.<sup>a</sup> série (1979).

ANTÓNIO LOPES VIEIRA, *Os Transportes Públicos de Lisboa entre 183 e 1910*, INCM, Vila da Maia, 1982.

MARIA AMÉLIA DA MOTTA CAPITÃO, *Subsídios para a História dos Transportes Terrestres em Lisboa no Século XIX*, Publicações Culturais da C.M.L., 1974.

SILVA BASTOS, “50 Anos de Tracção Eléctrica em Lisboa. Pequena História dos Transportes Colectivos”, separata do n.º 50 da *Revista Municipal*, Lisboa, 1952.

MÁRIO PÁSCOA, *Transportes Públicos de Lisboa no Século XIX*, ed. do Metropolitano de Lisboa, Lisboa, 1993.

VV entradas no *Dicionário da História de Lisboa*, Lisboa, 1994.

## Contribuição para a história demográfica da freguesia da Charneca – Lisboa, entre 1921 e 1954

MARIA CRISTINA NETO\*  
LUÍS LOPES

### Introdução

O presente trabalho tem por fim o estudo da evolução demográfica de uma freguesia do concelho de Lisboa que, até aos anos 50, mantinha características predominantemente rurais, tendo, no passado recente, pertencido ao concelho de Santa Maria dos Olivais e sido incorporada no de Lisboa em 1885, e estando, à época, como ainda hoje, longe da "cidade". Pode manter, deste modo, características próprias, nomeadamente quanto ao exercício do poder local.

Esta freguesia, então bem mais vasta do que na actualidade, era habitada pelos agricultores com raízes no local e que podiam ser bastante abastados, pelos pequenos proprietários, pelos trabalhadores por conta de outrem, e que incluíam os que trabalhavam nas quintas da burguesia e nobreza que, nesta freguesia, as possuíam essencialmente para lazer. Assim não é de estranhar que, dadas as suas características inicialmente rurais e não tendo sofrido uma acção urbanizadora concertada, não só tenha mantido, até hoje, um fâcies bem característico, mas também uma carência acentuada de infra-estruturas básicas.

Curiosamente a Junta de Freguesia, tendo sido herdeira da extinta Irmandade do Santíssimo, era, não só proprietária de muitos prédios que presentemente pertencem a várias outras freguesias actuais, mas também do pequeno Cemitério de S. Bartolomeu (orago desta freguesia), tal como ainda hoje se verifica.

É o único cemitério de Lisboa que não pertence, quer a comunidades juridicamente constituídas, quer à Câmara Municipal de Lisboa, e que inuma, pelo menos desde os fins do século XIX, como cemitério e não como adro. Dado o isolamento do núcleo populacional da Charneca ainda hoje patente na malha urbana da cidade, e a distância que mediava deste aos outros aglomerados urbanos da freguesia, geograficamente mais próximos de outros cemitérios, nomeadamente a Encarnação muito mais próxima do de S. Cornélio (Olivais), pensamos ser lícito supor que as inumações, no Cemitério da Charneca fossem essencialmente constituídas por moradores desta povoação. A situação ter-se-á mantido até à inactivação do mesmo. Também a pequeníssima área do cemitério inicial, alargado posteriormente nos anos 40, em uma parcela um pouco superior em superfície à já existente, deve ter, certamente, condicionado o número de inumações possíveis ao longo dos anos, não só por estar parcialmente ocupada por sepulturas familiares, mas porque talvez a consumição dos corpos o não consentisse. Este cemitério encontra-se desactivado desde meados de 50.

Foi-nos amavelmente facultada a consulta do único livro de registos de enterramentos ainda existente, respeitante precisamente ao período compreendido entre 1921 e 1954, embora com interrupção entre 28 e 32. Neste período verificaram-se alterações gerais importantes nas condições de vida das populações em geral e da Charneca em particular, mormente por abranger o final da I República, o Estado Novo, a II Guerra Mundial, a construção do Aeroporto da Portela, o aparecimento dos antibióticos e a expansão urbanística de Lisboa. Assim pareceu-nos de interesse o estudo deste registo, não obstante as insuficiências de elementos decorrentes dos condicionalismos acima apontados, de modo a ficarmos com uma melhor ideia da demografia desta freguesia, especialmente da povoação, visto os censos oficiais consultados, ao

\* Centro de Antropobiologia do I.I.C.T.

abrangerem a totalidade da área, poderem não reflectir o que se passava na localidade, devido nomeadamente à urbanização progressiva das zonas limítrofes e das novas freguesias adjacentes, mais centrais, portanto.

Desta forma, e tomando as inumações deste cemitério como amostra representativa da mortalidade da população da sede da freguesia, poderemos obter elementos da percentagem dos sexos e da estrutura etária dos inumados, bem como, a partir destes dois conjuntos de elementos, da mortalidade infantil. Esse estudo poderá eventualmente servir de contraponto aos aspectos histórico-demográficos de outras freguesias de Lisboa que, neste período, apresentavam características mais urbanas.

## Metodologia

Como já se referiu, foi consultado o Livro de Registos do Cemitério da Charneca do qual, muito gentilmente, nos foram cedidas as fotocópias, pela Junta de Freguesia da Charneca, e os censos oficiais que abrangiam este período. Os elementos recolhidos foram tratados de forma estatística sumária, mas, quanto a nós, suficiente para a compreensão deste estudo.

## Discussão

A esperança de vida dos indivíduos que sobrevivem à mortalidade da infância é bastante boa nos dois sexos, e as esperanças de vida, para adultos, são boas. Como é típico de um padrão de mortalidade moderno, as mulheres apresentam esperanças máximas de vida superiores aos homens em 5 ou mais anos (os homens morrem até aos 84 inclusive, e algumas mulheres com mais de 90 anos).

Verificou-se ainda que a maior parte dos inumados, a partir de 1932, habitava na Charneca e localidades circunvizinhas e os que moravam fora do concelho de Lisboa provêm da Portela de Sacavém, o que atendendo à proximidade das duas localidades, e à ausência, à época, do aeroporto, e ainda à possibilidade de serem originais da Charneca, se torna compreensível.

Pela análise dos quadros pode notar-se que há, quer em valor absoluto, quer em percentagem, um decréscimo de número de crianças inumadas que pode, entre outros factores, reflectir a quebra de mortalidade infantil geral do país.

Os valores encontrados permitem-nos dividir o período total estudado em dois: um até 1939, em que o número de crianças inumadas percentualmente exprime mais de 40% da totalidade das inumações, e que pode reflectir, não só uma mortalidade realmente elevada, mas também uma preferência de escolha deste Cemitério para a inumação das crianças, visto ocuparem menos espaço ou por razões afectivas, e um segundo período, a partir de 1940, em que se nota um decréscimo de falecimentos com menos de 4 anos, baixando para os 30% das inumações.

Constata-se igualmente que a percentagem de inumações de rapazes e raparigas é muito idêntica nos períodos considerados, não evidenciando mortalidade preferencialmente ligada a um dos sexos.

O padrão de mortalidade infantil parece manter-se constante até ao período de 1948-54.

Pode pensar-se igualmente que haverá imigração de homens para esta freguesia, visto a mortalidade infantil até aos 4 anos de idade, não apresentar diferenças nos dois sexos, e o número de homens inumados ser superior ao das mulheres até 1948.

Considerando a extraordinariamente exígua área do cemitério inicial antes da ampliação feita nos anos 40, de 1921 até meados de 40, foram inumados pelo menos 267 indivíduos dos dois sexos, mesmo atendendo a que uma fracção muito considerável são crianças com idades até 4 anos inclusive, e considerando ainda a saída de ossadas das covas para o ossário que parece existir sob a parede sul da igreja, não há dúvida que estamos perante um padrão de inumações semelhante ao que ocorria quando se inumava em igreja e adro, ou seja a ocupação intensa e sucessiva das covas por indivíduos não forçosamente aparentados.

Este padrão de inumações anterior a 1835, sofreu profundas alterações num curto espaço de tempo em toda a "cidade" de Lisboa, devido quer ao novo espaço ser suficiente para a permanência dos inumados em perpetuidade, o espaçamento das covas entre si, e enfatiza o carácter não cidadão da povoação e do Cemitério da Charneca, tanto mais que este, embora ampliado nos anos 40, e, posteriormente, desacti-

**Quadro I. Valores absolutos e percentagem da mortalidade infantil até aos 4 anos inclusive**

Anos	1921-1928		Totais		1932-1939		Totais		1940-1947		Totais		1948-1954		Totais	
	Crianças				Crianças				Crianças				Crianças			
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
Valores absolutos	48	34	111	78	27	26	62	58	31	13	64	53	13	17	45	55
%	43,2	43,5	100		43,5	44,8	100		48,4	24,5	100		28,8	30,9	100	

Total de crianças até aos 4 anos ..... 209  
 Total de adultos ..... 317  
 Total de inumações ..... 526

Parece evidente que o padrão de mortalidade infantil considerada se mantém, mais ou menos constante, até 1947.

**Quadro II. Valores absolutos e percentagem de mortalidade infantil e juvenil até aos 19 anos inclusive**

Anos	1921-1928		Totais		1932-1939		Totais		1940-1947		Totais		1948-1954		Totais	
	crianças e jovens				crianças e jovens				crianças e jovens				crianças e jovens			
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
Valores absolutos	56	45	111	78	32	30	62	58	36	18	64	53	14	20	45	55
%	50,5	57,7	100		51,6	51,7	100		48,6	34,0	100		31,1	36,4	100	

Pode constatar-se que, de facto, a mortalidade até aos 4 anos, é percentualmente grande. Alargando o período dos 0 aos 19 anos inclusive, ela pouco aumenta percentualmente, donde a pressão de selecção se faria sentir essencialmente nos bebés e crianças muito novas.

**Quadro III. Proporção dos sexos em percentagem em toda a amostra**

Anos	1921-1928		1932-1939		1940-1947		1948-1954	
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F
%	58,7	41,2	51,6	48,4	54,7	45,3	45	55

Estes valores parecem indicar também que, até 1947, a percentagem de inumações de indivíduos do sexo masculino se mantinha mais ou menos constante, modificando-se só no período de 1948-1954. Considerando que os valores para a mortalidade até aos 4 anos não são muito diferentes entre rapazes e raparigas, a diferença de valores absolutos, dos quais resultam as percentagens acima indicadas, parecem indicar imigração masculina para esta freguesia.

vado, continua a não ser municipal, mantendo-se propriedade da Junta de Freguesia, estando, assim, subtraído aos regulamentos dos cemitérios municipais. Só assim se compreende um tão elevado número de inumações, bem como um número reduzido de campas de carácter familiar, perfeitamente explicável dada a ausência de espaço e, provavelmente, de interesse por parte das famílias. Daí resulta que os números referentes aos habitantes da freguesia fornecidos pelos censos oficiais não traduzam, nem a demografia da povoação em si, nem o movimento inumatório da própria povoação, reflectindo apenas a colonização das áreas da freguesia situadas mais próximas do centro da cidade e/ou melhor servidas de transporte, e que certamente inumavam muito pouco, no cemitério da sede da freguesia. As moradas indicadas para os defuntos, inumados neste cemitério, mostram, claramente, como já se disse, que estes seriam predominantemente os residentes na povoação e zonas vizinhas, mesmo antes de 1928, e que a área da freguesia era muitíssimo superior à actual.

#### BIBLIOGRAFIA

- CONSIGLIERI, Carlos, RIBEIRO, Filomena, VARGAS, José e Abel – *Pelas Freguesias de Lisboa: O Termo de Lisboa. Benfica, Carnide, Ameixoeira, Charneca, Lumiar*. Câmara Municipal de Lisboa, Pelouro da Educação. Lisboa, 1993.
- JORGE, Maria Emília – “Igreja de S.Bartolomeu da Charneca”. *Dicionário da História de Lisboa*, Lisboa, 1994, pp. 787-788.
- NETO, Maria Cristina e LOPES, Luís – “Cemitérios”. *Dicionários da História de Lisboa*, Lisboa, 1994, pp. 249-251.
- X – Censos da População de Portugal ( 1911-1960 ). Lisboa, 1913-1964.
- X – Livro de Registo de Enterramentos no Cemitério da Charneca ( 1921-1954 ).

## Rua Damasceno Monteiro – Razões para um topónimo

FRANCISCO SANTANA

Na sessão camarária de 23 de Agosto de 1922 foi aprovado o parecer seguinte da Comissão de Toponímia: “Seja urgentemente publicado edital que regularize a resolução camarária de que não aparece documentação certificadora pela qual a Rua da Bela Vista ao Monte e o seu prolongamento se passaram a denominar, há cêrca de 20 anos, Rua Damasceno Monteiro”. Não obstante a urgência pretendida, decorreram mais de dois estirados anos antes que, em 17 de Outubro de 1924, fosse publicado o edital. Quanto à deliberação original, fora ela tomada havia mais de três décadas, em 19 de Junho de 1890. O que justificaria esta decisão, por que motivo foi tomada nesta data, quem era o indivíduo assim homenageado?

Folheando jornais de data próxima à última mencionada encontrei, no *Jornal do Comércio* de 20, referência a sessão camarária sob a presidência de Francisco Simões Margiochi em que este comunicara “que tendo falecido no sabado ultimo o dr. Damasceno Monteiro, antigo e prestimoso ex-presidente da Camara Municipal de Lisboa, e fazendo em breves traços a biographia do finado e dos serviços que prestou á cidade em épocas bem difficeis e calamitosas, por isso propunha que na acta fosse lançado um voto de sentimento por tão infausto successo, e que a nova rua em construcção na collina do Monte e que fora construida por iniciativa do finado fosse dado o nome de Damasceno Monteiro”.

No dia 15 indica o mesmo periódico que o falecido não deixara filhos, que era sua viúva Henriqueta Amélia de Mendonça Monteiro, que o préstito saíra da ermida da Senhora do Monte; inclui ainda notícia biográfica razoavelmente informativa:

“(…) Com fortuna, habilitado com o curso de medicina, e muito intelligente como era, podia ter aspirações e ambições, que seriam faceis de realizar a quem já se tinha estreado muito vantajosamente na vida publica. O sr. Damasceno Monteiro foi um denotado amigo do partido regenerador; ao lado de Rodrigo da Fonseca Magalhães e de Fontes Pereira de Mello, prestou ao seu partido serviços que foi pena que não quizesse depois continuar a prestar, tão activamente como outrora (...).

De 1852 a 1858 o sr. Damasceno Monteiro foi presidente da Camara Municipal de Lisboa; no tempo da colera morbus foi dos que mais activa e infatigavelmente trabalhou, sendo condecorado com a respectiva medalha; attestam os seus serviços publicos, entre as condecorações que possuia, o officialato da Torre Espada, que não se concede, e muito menos se concedia n’esse tempo, independentemente de actos de reconhecido valor; – era além d’isso commendador de Christo e cavalleiro da Conceição.

(...) Morreu com 72 anos de idade, estando ainda vigoroso de corpo e de espirito; a morte, encontrando n’elle sãos e perfeitos todos os principaes orgãos da vida, inventou um meio traiçoeiro, bruto, mas infallivel de o matar.”

O registo do seu enterramento no cemitério do Alto de S. João<sup>1</sup> fornece ainda alguns dados mais: o comendador era filho de Salustiano José Monteiro e Vicência Maria da Silva Monteiro, natural de Lisboa, médico de profissão, residente na Calçada do Monte, 53, 2.º, falecera às 17 horas do dia 14 e o funeral realizou-se às 19 horas de 15, indo o caixão para o jazigo 264; no que respeita à moléstia motivadora do falecimento, aparece um, por natureza, enigmático ponto de interrogação que nos remete, perplexos, para as últimas palavras do texto acima transcrito.

Pelo que ficou visto até agora já nos apercebemos de uma razão justificativa de que o nome de Damasceno Monteiro, presidente da edilidade com trabalho meritório realizado, apareça em placa toponímica; mais adiante encontraremos outra que vem reforçar motivo já indicado para que, precisamente a este arruamento, tenha sido atribuído o seu nome.

Mas quem era Manuel Salustiano Damasceno Monteiro? Ignoram-no enciclopédias e outras obras de referência; quase o ignora a Câmara Municipal, a que presidiu<sup>2</sup>. A seguir se encontram os dados conseguidos ao longo de uma pesquisa que pretendeu juntar elementos para um pobre arremedo de biografia.

Em 24 de Maio de 1818 é baptizado Manuel, nascido em 6, na igreja de S. Julião, a mesma onde se haviam casado seus pais.

Em 8 de Janeiro de 1834, com 16 anos e sendo então morador no n.º 4 da Travessa do Forno, matriculou-se na Aula de Gramática Latina do Estabelecimento do Rocio<sup>3</sup>. Esta foi a primeira notícia a seu respeito com que deparei, há largos anos e no decurso de pesquisa que com ele nada tinha a ver. Mais interessante seria trazer a público documento comprovativo da sua preparação no domínio das ciências médicas.

“No primeiro de Novembro de mil e oitocentos e quarenta e nove na Capella de N. Senr.<sup>a</sup> do Monte (...) se receberão por marido e mulher (...) Manoel Salustiano Damasceno Monteiro, soltr.<sup>o</sup>, filho de Salustiano Jose Monteiro, e de D. Vicencia Maria da Silva Monteiro (...) com D. Henriqueta Amelia de Mendonça, viuva de Clemente Jose Monteiro, moradora na sua casa na Calçada do Monte n.º 19 (...)”<sup>4</sup>. Na antevéspera, 30 de Outubro, se celebrara o “Contracto Esponsalicio e Matrimonial” entre D. Henriqueta Amélia, de 39 anos, moradora na Calçada do Monte, 22- (sic), e o “Ill.<sup>mo</sup> Manoel Salustiano Damasceno Monteiro, de trinta e um anno de idade, Cirurgião, morador na Rua Direita da Penha de França n.º 47”. Estivera presente o pai do noivo, por si “e na qualidade de Procurador de sua mulher D. Vicencia (...)”<sup>5</sup>. Registe-se que no mesmo cartório em que foi celebrado este contrato se encontram outros documentos respeitantes ao pai e a um irmão de Manuel Salustiano, Tomás Rufino Monteiro<sup>6</sup>.

Em 11 de Junho de 1890 Damasceno Monteiro fez testamento<sup>7</sup>. Não lhe foi possível assinar, “pelo seu estado de doença”. A morada indicada é o 2.º andar do n.º 53 da Calçada do Monte. Deixa à mulher o usufruto de prédio nesta calçada, n.ºs 45 e 47, de prédio n.º 1, junto à ermida de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> do Monte, de barracão na Trav. de Santo António da Sé, n.ºs 4 a 10, e de inscrição na Junta do Crédito Público; o primeiro e o segundo dos prédios relacionados deixa-os, respectivamente, a suas sobrinhas D. Natália Adélia Lima Carvalho e D. Guilhermina Júlia Monteiro de Lima e a seu sobrinho António Januário de Magalhães Mendonça.

Em 14 falece Damasceno Monteiro<sup>8</sup>. Faleceu unguido, era “medico e proprietario”; do registo do óbito consta ainda que “Foi seu corpo conduzido em sege, e sepultado em caixão á cova no Alto de Sam João”, indicação que não se compagina com a, confirmada, sepultura no jazigo 264.

\*  
\* \*

Já vimos que Damasceno Monteiro morreu e, durante décadas, viveu muito próximo da rua que veio a ostentar o seu nome; veremos ainda que foi proprietário na área. Poderemos admitir que a Comissão de Toponímia, ao tentar, em 1922, fazer renascer o topónimo, tenha sido sensível ao facto de, entretanto, na zona e em terras de que Monteiro fora proprietário, ter nascido uma pequena urbanização – o Bairro do Monte.

O novo bairro ergueu-se, nos primeiros anos do século XX, em terrenos de uma denominada Quinta do Monteiro à qual dava acesso arco (hoje com o n.º 32) aberto na Travessa do Monte. A quinta era, em 1854, propriedade de Damasceno Monteiro e de D. Henriqueta Amélia que, em 26 de Dezembro, a hipotecaram, e a outros bens, para garantir empréstimo que lhes fora concedido por Salustiano Monteiro<sup>9</sup>.

A enumeração de todos estes bens mostra-nos a zona do Bairro do Monte quando a Rua de São Gens e a da Senhora do Monte eram “vinha, terra de sementeira, e oliveiras”:

“Uma Propriedade de Casas situada na Calçada do Monte numeros quinze a dezasete freguezia de Nossa Senhora dos Anjos, consta de duas lojas e primeiro e segundo andar, confronta do Sul com a dita Calçada, do Norte com Jardim pertencente ás Casas numero vinte e um e vinte e dous, Nascente com as Casas numero dezoito a vinte, dos mesmos outorgantes, e do Poente com o prédio numero quatorze de José Maria Pereira = Outra Propriedade de Casas na dita Freguezia e Calçada numero dezoito a vinte, com duas lojas, primeiro, e segundo andar e aguas furtadas, confronta do Nascente com a propriedade numeros vinte e um e vinte e dous, do Poente com as Casas numero quinze a dezasete, e do Norte e Sul tem as mesmas confrontações do Predio antecedente: = Outra Propriedade tambem na mesma freguezia e Calçada do Monte numeros vinte e um e vinte e dous, consta de lojas e suas accomodações, primeiro, segundo, e terceiro andar, tem jardim, uma grande cisterna, e Pomar de Laranjas, fecha com um muro e uma porta de ferro para a parte do Norte, confrontando deste lado com um prédio rustico dos mesmos outorgantes, do Sul com a dita Calçada, do Nascente com o Prédio numero vinte e tres pertencente a João Nunes da Costa, e do Poente com o prédio numero dezoito a vinte: = Uma Propriedade rustica ou Quinta com porta de entrada pela

Travessa de Nossa Senhora do Monte numero vinte e um A (...) consta de pátio com adêga, e varias Casas de officinas e de habitação de creados, tem vinha, terra de sementeira, e oliveiras, tendo do lado do Poente umas Casas de primeiro andar que pegam com a Capella ou Ermida de Nossa Senhora do Monte, e tem tambem um pequeno jardim e mais pertences, confrontando do dito lado, Poente, com o Largo da Ermida, continuando em seguimento com um muro fechado que circula toda a Quinta pelo lado do Norte e Nascente, fechando com as ditas casas de officinas da mesma Quinta, e do Sul tem igualmente muro de separação de diversos quintaes das Casas que seguem na referida Calçada do Monte até o sobredito Largo da Ermida (...).”



Fragmento da folha 29 da Carta Topográfica de Lisboa (1856/58)

NOTAS

- <sup>1</sup> Que amavelmente foi procurado e me foi facultado pela Senhora Dr.<sup>a</sup> Maria Cristina Neto.
- <sup>2</sup> De 1852 a 1858, a acreditar na prosa jornalística transcrita; entre 1854 e 1857, a aceitar a talvez mais crível indicação constante de placa colocada no átrio dos Paços do Concelho.
- <sup>3</sup> A matrícula está registada a F. 22v do livro de matrícula geral dos estudantes que queriam frequentar as “Aulas Publicas Seculares e Regulares desta Capital debaixo da inspecção da Real Junta da Directoria Geral dos Estudos”, existente no Arquivo da Secretaria da Escola Secundária de Passos Manuel.
- <sup>4</sup> Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, Anjos, L.<sup>o</sup> 13 de Casamentos, F. 8v. Clemente José Monteiro, de que D. Henriqueta é indicada como herdeira e testamenteira, morreu em 26 de Abril de 1848, conforme consta de F. 74 do L.<sup>o</sup> 11 de Óbitos dos Anjos. No L.<sup>o</sup> de Arruamentos dos Anjos (Arq. do Tribunal de Contas, Décima da Cidade) respeitante a 1834, Clemente Monteiro é indicado como ocupando os n.<sup>os</sup> 21 e 22 (loja e 1.<sup>o</sup> andar) da Calçada do Monte. Pelo livro de Prédios respeitante a 1832 vê-se que esta propriedade era não só urbana como também rústica.
- <sup>5</sup> A. N./T. T., Cartório Notarial 9 (antigo 4), F. 54.
- <sup>6</sup> Em 3 de Julho de 1833 (L.<sup>o</sup> 159, F. 82v) “Salustiano Jose Monteiro Mestre do mesmo officio e Proprietario do Off.<sup>o</sup> d’Aferidor das medidas de liquido morador na rua do Arco do Sego N.<sup>o</sup> 6 freguezia de São Joÿge” dá quitação do recebimento da importância de 2\$600 correspondente ao trespasse da loja de Moveis que tinha estabelecido nesta Rua Auria (...) Numeros cento e dezasete e cento e dezoito” efectuado a “Francisco Manoel Aires Mestre Carpinteiro de Moveis e Sambragem”. Em 18 de Novembro de 1842 (L.<sup>o</sup> 184, F. 89), morando na R. Direita da Penha de França, dá de arrendamento uma vinha em Alverca e em 5 de Maio do ano seguinte (L.<sup>o</sup> 185, F. 97v), morando “a Cruz dos quatro Caminhos N.<sup>o</sup> 47”, dá de renda outra propriedade também em Alverca. Também a renda de propriedade rústica respeita escritura de 17 de Outubro de 1846 (L.<sup>o</sup> 193, F. 89); a morada indicada (evidentemente, a mesma) é agora o 47 da R. Direita da Penha de França. Em 6 de Setembro de 1849 (L.<sup>o</sup> 200, F. 25), “O Ill.<sup>mo</sup> Salustiano Jose Monteiro Proprietario, morador na Rua Direita da Penha de França n.<sup>o</sup> 47 Freguezia de Santa Engracia”, concede renovação de aforamento de propriedade na “Rua Direita da Graça N.<sup>o</sup> 70 a 72”. A Tomás Monteiro respeitam escrituras registadas nos livros 163 (F. 8), 174 (F. 34v), 180 (F. 44v), 189 (F. 81v) e 190 (F. 29).
- <sup>7</sup> A. N./T. T., Cart. Not. 12, L.<sup>o</sup> 429, F. 74v.
- <sup>8</sup> A. N./T.T., Anjos, L.<sup>o</sup> 14 de Óbitos, F. 114v. A F. 248 está registado o óbito da viúva, ocorrido em 7 de Fevereiro de 1894. D. Henriqueta Amélia era filha de Januário Gonçalves Mendonça Calado e de Maria Joana de Mendonça.
- <sup>9</sup> A. N./T. T., Cart. Not. 3, L.<sup>o</sup> 234, F. 109v.

## No Centenário do Nascimento de Luís Pastor de Macedo

EDUARDO SUCENA

Se bem que os arquivos da Associação dos Arqueólogos Portugueses sejam omissos quanto à admissão de Luís Pastor de Macedo, é fora de dúvida que ele foi sócio desta instituição. Sabe-se, com efeito, que na sessão de 26 de Julho de 1932 da Secção de Estudos Olisiponenses (extinta cerca de um ano depois) ele foi eleito seu secretário, como resulta do trabalho de Joaquim Parro publicado em *Lisboa – Revista Municipal*, II Série, n.ºs 8-9-10, respeitantes aos 2.ª, 3.º e 4.º trimestres de 1984 “As Actas das Sessões da Secção de Estudos Olisiponenses da Associação dos Arqueólogos Portugueses”. Pena é que aquela falha burocrática não nos permita saber hoje mais alguma coisa sobre a passagem do ilustre olisipógrafo pela nossa Associação que, de qualquer forma, não podia ignorar o centenário do seu nascimento

Nasceu ele numa casa da Rua Áurea, perto da igreja da Vitória, em 23 de Fevereiro de 1901, e aprendeu as primeiras letras num colégio da Travessa das Pedras Negras, n.º 8 “fundado ainda no século passado, e que teve por directoras a Sra. D. Isabel Cordeiro e depois sua sobrinha, a Sra. D. Joana Simões, esposa do poeta Afonso Simões”, conforme o próprio Luís Pastor de Macedo nos informa no seu livro editado em 1931, *A Rua das Pedras Negras* (p. 132) e a que também se refere no primeiro volume de *Lisboa de Lés-a-Lés* (p. 89).

Oriundo de uma família de comerciantes, sua mãe, Adela Pastor de Macedo, era espanhola, um seu tio materno atingiu no país vizinho o alto cargo de governador da província de Valência e outro, Francisco Pastor, veio estabelecer-se em Lisboa, na Rua Áurea, com oficina de gravura, tendo alcançado aqui justo renome como artista ilustrador dos jornais de Pedro Correia, *Diário Ilustrado* e *Correio da Europa*, de que chegou a ser director, e do *Almanaque Ilustrado*, que fundou, tendo-se também distinguido como editor de obras de grande nível gráfico como, entre outras, o *Decameron*, de Boccaccio, em 7 volumes, e o *Dicionário Ilustrado*, de Francisco de Almeida, este com mais de 3 000 gravuras da sua autoria. Mereceu, por isso, ser agraciado com o grau de cavaleiro das Ordens de Isabel a Católica e de Cristo.

Grande parte da vida de Luís Pastor de Macedo decorreu na freguesia da Madalena, onde residiu no largo do mesmo nome, no n.º 1-3º andar, à qual dedicou muito carinho e vários estudos, como *O Terramoto de 1755 na Freguesia da Madalena* (1929), *A Igreja de Santa Maria Madalena de Lisboa*, (1930), *A Rua das Pedras Negras*, já atrás referida, *Tempos que Passaram*, (1940) e *Rua da Madalena* (1952), tendo sido, inclusivamente, juiz das Irmandades do Santíssimo Sacramento e do Senhor Jesus dos Perdões, como era tradição da família. Depois de casado com D. Lucília Alves, mudou-se para a Rua Heliodoro Salgado e depois para a Rua Maria Andrade, n.º 26-1º D.º.

Possuidor, como seu tio Francisco, de dotes artísticos, e como ele também vocacionado para a área das letras, Luís Pastor de Macedo revelara desde muito novo curiosidade pela história da sua cidade e dedicou-se, amorosamente, aos estudos olisipográficos, publicando em livro, além dos já mencionados, *O Antigo Terreiro do Trigo* (1932), *Crítica, Correções e Aditamentos* (à obra *Lisboa do Meu Tempo e do Passado – do Rossio à Rotunda*, do Sr. João Paulo Freire-Mário) (1933), *A Baixa Pombalina* (1938), *A Rua das Canastras* (1939), *Notícias e Registos Curiosos Extraídos dos Livros Paroquiais da Freguesia da Sé* (1940) que já antes haviam sido publicados em *Olisipo* e *Lisboa de Lés-a-Lés* (1940/1943), em 5 volumes.

Anotou, além disso, proficientemente, os cinco volumes d’ *A Ribeira de Lisboa*, de Júlio de Castilho (1940/1944), e escreveu, em colaboração com Gustavo de Matos Sequeira, *A Nossa Lisboa* (1945), onde incluiu o capítulo “A Madragoa e o Vicente Borga”, que já saíra em *Olisipo* (1944). Com António Rodrigues Cavalheiro publicou *O Palácio Almada* (Subsídios para a sua história) nos *Anais da Academia Portuguesa da História* (vol. VIII, 1ª série, 1944), e, com Norberto de Araújo, deu a lume o grosso volume das *Casas da Câmara de Lisboa* (1947/1951). Publicou, por último, *Da Ermida de Santa Bárbara à Ermida de N. S. do Resgate* (1965).

No boletim *Olisipo* do Grupo “Amigos de Lisboa”, de que foi um dos fundadores e activo dirigente, deu à estampa os seguintes trabalhos: *Página de Crítica – “Peregrinações em Lisboa” de Norberto Araújo*

(1938), *Assento de Baptismo do Beato João de Brito* (1941), *A Primeira "Rua da Imprensa" que houve em Lisboa* (1942), *Toponímia Citadina: O Beco da Ré e a Travessa dos Escaleres e No descerramento de uma lápide na casa onde nasceu "Tinop"* (1944), *A Mouraria, o Arco e a Paciência dos Lisboaetas. O Problema n.º 1 da Cidade e O Diabo em Lisboa* (1945), *"A Lisboa de Ontem e de Hoje", do Sr. Rocha Martins – Considerações feitas ao correr da pena* (em colaboração com Mário de Sampayo Ribeiro e outros) e *Gente Conhecida: António Marques Lésbio e a Data do Seu Falecimento* (1946), *Uma Figura Tristemente Célebre (João Ferreira, "O Troca")* (1947) e *A casa onde nasceu António Enes* (1948).

Para se fazer uma ideia do que foi a sua actividade na área da olisipografia, em que consumiu enorme cabedal de paciência na consulta exaustiva de velhos documentos arrancados ao pó dos arquivos, basta dizer que Luís Pastor de Macedo possuía mais de 130 000 verbetes de notas, que veio a oferecer a Manuel Ferreira de Andrade, outro estudioso da história de Lisboa, mais tarde doados ao Gabinete de Estudos Olisiponenses.

Mas para além dessas actividades, Pastor de Macedo foi ainda um devotado camilianista, que investigou aturadamente a ascendência do lisboeta Camilo Castelo Branco, publicando também em *Olisipo* (1947) excelentes trabalhos a que deu os títulos de *Ascendentes de Camilo e Casas onde residiram familiares de Camilo*.

Em 1950, por morte (a 8 de Fevereiro desse ano) de Carlos Epifânio Dinis de Macedo, seu pai, tornou-se proprietário da Casa dos Panos, situada na Rua dos Fanqueiros, n.ºs 45 a 49 e Rua de S. Julião, n.ºs 37 a 45, que geriu com acerto, na linha da tradição familiar, e que fora fundada em 22 de Janeiro de 1868 por seu avô Manuel Luís de Macedo.

Sendo a Câmara Municipal de Lisboa gerida por uma Comissão Administrativa presidida pelo coronel Linhares de Lima, Luís Pastor de Macedo fez parte da Vereação com a responsabilidade do pelouro da Cultura, que por essa altura (1933) ensaiava os primeiros passos. E foi ele quem propôs o primeiro programa de acção cultural da Câmara, que tão bons frutos havia de dar, sobretudo no respeitante à edição de obras de interesse olisipográfico, com destaque para a sua proposta da reedição da *Lisboa Antiga*, de Júlio Castilho (29.12.1933) e na organização das famosas festas da cidade de 1934 e 1935. Pediu, em Março deste último ano, a demissão desse cargo, mas doze anos mais tarde, em 1947, volta àquela Câmara, então presidida pelo tenente-coronel Salvação Barreto, agora na qualidade de Vice-presidente, lugar que ocupou até 1959, e, logo naquele ano, a 1 de Outubro, presidiu à inauguração da I Reunião Olisiponense, destinada à apresentação de soluções técnicas para o desenvolvimento de Lisboa.

Do que foi a sua brilhante acção a favor da cidade durante este período, diremos apenas que, além de ter continuado a impulsionar os programas culturais, incentivou as festa dos Santos Populares e as memoráveis comemorações dos 800 anos da Conquista de Lisboa aos Mouros, tendo também desenvolvido notável actividade no campo da urbanização e da recuperação de Alfama. E foi ainda da sua iniciativa a atribuição a várias ruas da cidade de nomes de personalidades destacadas, como foi o caso do sábio arabista David Lopes (edital de 13 de Maio de 1949), que graças a ele não ficou esquecido na toponímia lisboeta.

Luís Pastor de Macedo ocupou também os lugares de comissário do Governo no Teatro Nacional D. Maria II e de deputado à Assembleia Nacional (eleito em 1945), cargo a que renunciou quando foi chamado a desempenhar o de vice-presidente da Câmara Municipal desta cidade e de seu presidente substituto.

Como cidadão actuante e prestante que foi durante toda a sua vida, na qualidade de sócio da Sociedade Histórica da Independência de Portugal desempenhou papel de relevo na concretização de várias iniciativas de projecção nacional daquela prestimosa instituição. Em reconhecimento dos altos serviços prestados a Lisboa, a Câmara da presidência do Eng. Santos e Castro condecorara Luís Pastor de Macedo com a Medalha de Ouro da cidade (1970), e já antes tinha sido agraciado com o grau de comendador da Ordem Militar de Santiago da Espada pelos seus méritos culturais.

Um dos aspectos pouco conhecidos da sua personalidade, foi o pendor boémio. Quem o revelou foi Gustavo de Matos Sequeira numas divertidas quadras com o título de "O Pastor e o Montanha", de Janeiro de 1948, transcritas por Francisco Santana no artigo publicado no Boletim *Olisipo* (n.º 9, II série, Junho de 1999) em que traça o historial do Café Montanha, que existiu na Rua da Assunção, n.º 75. Trabalhador infatigável, apesar disso não faltou a Luís Pastor de Macedo tempo e disposição para passar alegres noitadas naquele local onde a pândega, por vezes, imperava mais ou menos imoderadamente.

Fumador inveterado, a quem, por fim, a arteriosclerose atacou, deprimindo-o ao ponto de ter perdido o gosto de viver, Luís Pastor de Macedo veio a falecer a 13 de Novembro de 1971.

## Reflexão para um Projecto de Funcionalismos Alternativos às Instituições Vocacionadas para a Exposição e Conservação de Obras de Arte

MARIA TERESA BISPO

A elaboração deste texto que hoje é dado à estampa resulta de um trabalho apresentado para o Seminário de Conservação Preventiva de Bens Móveis, para os docentes Dr.<sup>a</sup> Maria Antónia Pinto de Matos e Eng.<sup>o</sup> Luís Casanovas, no âmbito do Mestrado em Arte, Património e Restauro, da Faculdade de Letras, sob a coordenação do Prof. Doutor Vitor Serrão.

Sendo um projecto absolutamente virtual, decorreu da evidente pertinência em tentar conciliar dois conceitos originalmente antagónicos. Da percepção das especificidades dos museus entre si e da apreensão das circunstâncias que *expor* e *conservar* envolvem, desenvolvidas ao longo desse seminário, resulta esta breve reflexão, apoiada nos apontamentos das aulas e nos textos nelas distribuídos. Na tentativa de sistematizar uma reflexão deste tipo e para esta área, tentou pragmatizar-se uma ideia, cujo eventual valor poderá girar à volta do modelo proposto, conseguido por um processo interdisciplinar, um desafio ainda hoje não muito comum.

Com este trabalho pretende-se apenas esboçar algumas possibilidades em forma de “projecto-modelar” que permitam mais facilmente e, em alternativa, cumprir com os conhecimentos e experiências já adquiridas nessa área. É também o produto de uma interiorização global não só dos conceitos “expor” e “conservar”, tidos como princípios e objectivos das actividades reguladoras dos museus, mas também de todas as condições que colaboram nesse sentido, sem esquecer o espectro de dificuldades que continuamente “ensombram” a vida dos responsáveis.

A primeira é apoiada por um vasto conhecimento científico reconhecido, a segunda é sustentada pelo intercâmbio das experiências nacionais e internacionais e, de ambas, resulta a preocupação consciente com os bens móveis, numa tarefa complexa, derivada também da diversidade e qualidade por que esse património é constituído e tão bem ilustradas ao longo do seminário acima referido.

Assim, tendo em consideração a interdisciplinariedade de que hoje os conhecimentos se revestem, tentou imprimir-se também uma dinâmica integrada envolvendo por isso instituições de carácter vário, com experiências e conhecimentos tão diferentes quanto possível, reunidos num princípio de complementariedade que permita, por um lado, enriquecer o conhecimento e, por outro, aumentar o leque de possibilidades disponíveis, ambos direccionados ao serviço dos objectivos dos museus.

Deste modo o trabalho que a seguir se apresenta obedeceu ao seguinte plano:

### Plano de Trabalho

<b>Título:</b>	Reflexão para um Projecto de Funcionalismos Alternativos às Instituições Vocacionadas para a Exposição e Conservação de Obras de Arte.
<b>Objecto de estudo:</b>	A relação Expor e Conservar.
<b>Objectivo:</b>	Proposta alternativa e modelar de funcionalismos e sua aplicação.

## Desenvolvimento do Plano de Trabalho

- Título:** Reflexão para um Projecto de Funcionalismos Alternativos às Instituições Vocacionadas para a Exposição e Conservação de Obras de Arte.
- Designação:** Programa ECO (Expor e Conservar)
- Objectivo:** Conservação de Obras de Arte sem desvirtualizar a actividade reguladora dessas instituições, reduzindo o tempo de exposição, mas propiciando actividades directamente relacionadas com o perfil particular das mesmas. Alternância e complementariedade em iniciativas igualmente polarizadoras de encontros, estudos, ateliers, numa relação interdisciplinar sem perder de vista a área específica da instituição em causa.
- Utilização:** Por qualquer tipo de instituição e/ou museus, nomeadamente os de menor dimensão e que por isso se confrontam com maiores dificuldades "na exposição *versus* conservação" quando está em causa a alternância do próprio espólio.
- Recursos:**
- Os logísticos já existentes. Racionalização e aproveitamento de espaços vários, inclusive os que pela sua natureza física ou de engenharia civil são à partida os menos vocacionados para expor e conservar a obra de arte.
  - Os técnicos-humanos já existentes e os que resultam de uma relação interactiva com outras instituições ou entidades, nomeadamente escolas secundárias, universidades, grupos de teatro, amador ou profissional, grupos de folclore e/ou de recolha etnográfica, grupos de dança experimental, academias de música, escolas técnico-profissionais, politécnicos, colectividades, associações, etc., promovidos através de protocolos de colaboração, de carácter pontual ou estrutural conforme a dinâmica da actividade e/ou a natureza específica da instituição em causa.
  - As novas tecnologias nomeadamente a informática, os meios audiovisuais (cinema, a rádio, etc.). Aplicados quer como meio, quer como fim.
  - As maleta pedagógicas que podem ser dirigidas tanto aos níveis mais elementares como aos mais elaborados<sup>1</sup>. Neste caso deveriam ser preparadas propositadamente para o efeito e de acordo com o objectivo em vista, adequando ao tipo de serviço a prestar dentro da própria instituição.
- Justificação:** Considerando os dois objectivos fundamentais, "Expor e Conservar", reguladores de actividade dos museus e que por razões intrínsecas são aparentemente de difícil conciliação;
- Considerando a variedade de espólios, quer na diversidade, quer na quantidade, condição determinante para o encontro de alternâncias em função do Plano Anual de Actividades;

Considerando que a aproximação destas instituições com as “populações-utentes” deve ser desenvolvida no sentido didático-pedagógico, apostando por um lado na qualidade, e na diversidade, ambas direccionadas para o respeito e defesa do património, numa preocupação que a todos diz respeito;

Considerando a necessidade de diminuir a exposição à luz da obra de arte tanto em intensidade, como em quantidade<sup>2</sup>;

Considerando o difícil mas possível controle da humidade relativa<sup>3</sup>, assim como dos poluentes<sup>4</sup> interiores e exteriores;

Considerando a necessidade de prevenir e adequar, quanto às circunstâncias próprias das instituições e de acordo com os recursos económicos e humanos, as condições dissuasoras ao furto a ao vandalismo<sup>5</sup> e as ambientais<sup>6</sup> apropriadas;

Considerando ainda a necessidade de intervir, mesmo que indirectamente e a longo prazo, na relação empática entre as instituições e os utentes, formando-os colectivamente como vigilantes de um património que a todos pertence, numa relação estreita entre cada cidadão e a sua identidade cultural, histórica e artística,

Propõe-se o seguinte modelo exemplificativo:

**Modelo  
Exemplificativo:**

Tomando como referência um museu de pequenas dimensões localizado nos arredores dos centros urbanos cujo espólio é constituído por uma variedade limitada de instrumentos musicais determina-se, por exemplo e de acordo com o possível leque de opções, três datas evocativas de acontecimentos, com o objectivo de planear actividades várias em sua função, que culminarão com a exposição ao público dos objectos em causa, expressas como Acções do Plano Anual de Actividades.

Assim, estabelece-se:

1. A data do mais antigo instrumento musical do museu;
2. A data da fundação do museu;
3. A data do nascimento ou morte de um músico que, de alguma forma, esteja (ou possa ser) ligado ao museu.

Em função destes momentos e precedendo a abertura da exposição das colecções ao público, pretende-se desenvolver actividades preparativas e complementares.

Deste modo:

Em colaboração, por exemplo, com uma escola secundária, com um grupo etnográfico de recolha musical, uma escola técnico-profissional, uma academia de música, desenvolvem-se ateliers preparativos das exposições que, para além de promoverem uma actividade paralela, movimentariam em torno de si uma

“clientela” que pode ser diversificada e ampla, pela formação e pela faixa etária.

1. A data do mais antigo instrumento musical do museu:

Solicitar à escola técnico-profissional a organização de ateliers exemplificativos da construção de instrumentos musicais, que pode evidentemente ser apoiada com textos de alunos de uma escola secundária da disciplina de História, Oficina de Artes, Design ou de Educação Musical.

Pedir também a colaboração de um grupo etnográfico de recolha musical, tanto para a pesquisa como ainda para exemplificação e utilização de alguns instrumentos semelhantes aos expostos, retirando sons, interpretando pequenas composições. Pode ser acompanhado com performances de um grupo de teatro ou de dança experimental, com texto ou coreografia adequada.

2. A data da fundação do museu:

Utilizada, por exemplo, para promoção de Encontros que envolvam, se possível, outras instituições de diversos níveis: especializado/universitário, didático/secundário, pedagógico/artístico. Abordar ainda temas ligados à história do museu ou preparar debates sobre a conservação, exposição e guarda das obras de arte. Quer os Encontros quer os Debates podem incluir espectáculos que vão desde a teatralização temática, à coreografia histórica até à representação plástica.

3. A data do nascimento ou morte de um músico que de alguma forma esteja ou possa ser ligado ao museu:

Através da promoção de uma ou duas conferências com convidados ligados à música e à história.

Encenação da vida ou de uma das obras, na totalidade ou apenas parte, devidamente adaptada.

Com uma Academia de Música e alguns dos seus alunos, ensaiar aulas de composição, leitura de solfejo, exercício de conhecimento de escalas, canto, etc., em conjunto com alunos de outras escolas.

Apresentação de partituras ou de rascunhos musicais e de elementos do quotidiano da pessoa em causa, recorrendo sempre aos arquivos, nomeadamente o fotográfico (se for caso disso) e a outras instituições que possam complementar a nossa informação e tornar mais abrangente as nossas alternativas.

**Observações finais:**

Ao tomar como ponto de referência datas que, quer na diversidade, quer na quantidade, são escolhidas pelo responsável da instituição que, melhor que ninguém, saberá como calendarizar as suas actividades de acordo com a disponibilidade orçamental, a variedade do espólio a utilizar e os eventuais recursos ao mecenato, pretende-se concretizar o modelo proposto neste trabalho.

As datas, opções tidas como referência, podem ser substituídas por áreas temáticas ou em função dos interesses culturais e pedagógicos dos destinatários ou

ainda qualquer outra no âmbito dos propósitos da instituição, devidamente adaptadas a um projecto com esta configuração.

De todos os momentos e através de uma reportagem fotográfica deverá apresentar-se o registo dos trabalhos desenvolvidos em atelier, sendo preparada uma exposição de apresentação de resultados.

Para cada item, dependendo do espólio e dos recursos da instituição, convém calendarizar à semana os vários tipos de actividade em atelier, que devem suceder-se com uma ordem pré-estabelecida, estruturalmente prevista.

Das actividades complementares e após a respectiva apresentação dos resultados deverá finalmente ser patente ao público, com a maior simplicidade e clareza, a colecção ou colecções que direccionaram tais actividades.

Este modelo exemplificativo pode ser aplicado e adaptado para qualquer museu embora a sua eficácia seja tanto maior quanto menor for o espólio, aumentando substancialmente as alternativas e diminuindo o tempo de exposição das peças do museu.

O museu pode ainda promover em momentos específicos actividades de rua envolvendo as populações e as escolas e preparando-as para a próxima exposição. Poderá também incluir jogos de pista de descoberta do museu, levando a cabo, por exemplo, por grupos de escuteiros prevendo eventualmente a aprendizagem e o reconhecimento da sinalética nestas instituições.

Pode também chamar a si a colaboração de colectividades e centros de dia que em conjunto dinamizem percursos fora do museu, mas para ele direccionados, em actividades de parceria promotoras da cultura histórica da comunidade local.

## **Nota final**

A evolução do conceito de Conservação Preventiva levou alguns especialistas a alargar a atitude de reserva e cuidado, essencial na definição de critérios quanto às condições ambientais, luz e segurança, para as áreas de embalagem e manuseamento de objectos quando se torna necessário deslocá-los do espaço que habitualmente ocupam, podendo acontecer quando parte dos espólios integram outras colecções a exhibir pontualmente.

Deste modo é possível perspectivar cada vez mais amplamente como o conceito de conservação preventiva é aplicado sempre em função do seu objecto, a Obra de Arte e a sua sobrevivência.

Sabendo hoje que o prolongamento da vida da Obra de Arte está directamente relacionado com as condições intrínsecas à peça, tanto nos materiais, como na forma como estes foram trabalhados; que está de igual modo relacionado como o próprio objecto viajou na história e cuja história pode ser determinante; e ainda, como as intervenções de restauro e conservação contribuíram decisivamente para tal, parece pertinente deixar, nesta nota final, a seguinte sugestão: que conste, para além da identificação usual da peça, utilizada regularmente nos museus e que varia conforme a respectiva tipologia (mas que inclui regra geral a data, autor, designação e dimensões), a data ou datas das várias campanhas ou intervenções de restauro e os respectivos números de processo que remeterão para a sua eventual consulta.

Assim ter-se-à acesso aos métodos e processos utilizados na intervenção de conservação e restauro, ao responsável pela coordenação das tarefas e aos responsáveis institucionais, enfim à documentação que permite ter uma leitura global da obra de arte, desde o seu entendimento plástico e forma de concepção, até às medidas de protecção, preservação, conservação e restauro tidas ao longo do tempo e que permitiram que aquele objecto artístico chegasse até nós, numa herança histórica que não deve apagar nem escamotear as intervenções a que foi sujeito.

A leitura plástica, cultural e histórica do objecto torna-se mais globalizante, proporcionando, em simultâneo, a percepção da sua fragilidade e efemeridade, por um lado, e o rigor de que foi alvo, por outro, contribuindo deste modo para a divulgação de várias áreas do saber científico que convergem para um mesmo objectivo, valorizando-o.

Por último parece conveniente deixar claro não considerar este trabalho como acabado, mas apenas emergente de uma reflexão que deveria ser complementarizada com a discussão e o debate, com a especificação mais pormenorizada do modelo apresentado e fundamentada com a experiência dos especialistas nestas áreas.

## NOTAS

<sup>1</sup> Cada maleta é constituída por material específico conforme a temática. A título de exemplo: “maleta de azulejo”, “maleta de teatro”. Integram-na 2 dossiers, um com o inventário dos materiais, objectivos e conteúdos, outro em textos, materiais exemplificativos, slides, etc..

As maletas pedagógicas têm sido utilizadas por várias autarquias em articulação com escolas de ensino básico e inclusive com faculdades.

<sup>2</sup> De acordo com os resultados de cerca de 4 000 trabalhos de investigação anuais, tendo em atenção o posicionamento da luz na hierarquia dos factores de degradação e a posição do conservador de museus face à iluminação.

<sup>3</sup> Sabendo que o índice de humidade deve manter-se o mais estável possível, de acordo com o tipo de materiais (orgânicos/inorgânicos), e podendo sempre recorrer a aparelhos que permitem uma leitura mais rigorosa.

<sup>4</sup> A poluição (de origem interna ou/e externa) e o seu controle (através de métodos passivos e/ou activos) inclui a calafetagem, limpeza, manutenção e a utilização de vitrines e redomas, e ainda a filtragem localizada e a pressurização.

<sup>5</sup> As medidas de segurança e protecção, a sua relação com a prevenção e a intervenção originaram, hoje, novas concepções de espaço cuja articulação é da responsabilidade de uma nova área científica, a Engenharia de Segurança. Convém referir sucintamente que na óptica dos países europeus são quatro as áreas fundamentais: segurança contra incêndios, segurança contra a criminalidade, segurança no trabalho e segurança ambiental.

<sup>6</sup> Uma chamada de atenção para a generalização do emprego e instalação de redes de ar condicionado nos museus, quando as desvantagens são comprovadamente inúmeras e cuja vantagem se resume, em exclusivo, ao controle da poluição.

Associação dos Arqueólogos Portugueses

# Legado

Dr. Eduardo da Cunha Serrão



Lisboa 2001

*Dr. Eduardo da Cunha Serrão*

**O Homem e o seu Legado ...**

**Coordenação e textos:**

**João José Fernandes Gomes**  
(Associação dos Arqueólogos Portugueses)

**Colaboração:**

Ana Paula Silvestre Quaresma (Tratamento informático)

Ana Cristina Alves Macedo (Dactilografia de textos)



**DR. EDUARDO DA CUNHA SERRÃO**  
1906-1991

Cunha Serrão, de seu nome completo Eduardo José de Miranda da Cunha Serrão, nasceu em Lisboa a 25 de Dezembro de 1906, cidade onde faleceu a 13 de Abril de 1991.

Licenciado em Ciências Económicas e Financeiras, exerceu o lugar de Inspector de Serviços Financeiros da Administração Geral dos C. T. T. Todavia, a sua grande paixão foram os estudos arqueológicos, principalmente na vertente da Pré-História.

Colaborou com a Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnografia da Faculdade de Ciências do Porto, com a Sociedade de Geografia de Lisboa (Secção de Arqueologia Pré-Histórica), e, principalmente, com a Associação dos Arqueólogos Portugueses, para onde fora eleito, por proposta de António Machado de Faria (Secção de Pré-História) a 20 de Junho de 1959.

Em 17 de Junho de 1978, toma posse do lugar de segundo Vice-Presidente da Direcção da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

A 28 de Junho do ano de 1974, toma posse do lugar de Conservador do Museu da Associação.

Em sessão de 30 de Outubro de 1975 é nomeado Primeiro Vice-Presidente da Associação dos Arqueólogos Portugueses, da presidência do Prof. Doutor Dom Fernando de Almeida e Silva Saldanha, assinando auto de posse a 2 de Agosto de 1978.

Em 1981, aos 15 dias do mês de Outubro, é empossado como Presidente da Direcção, lugar que desempenha até ao seu falecimento.

Durante o seu mandato, remodela, na medida que lhe foi possível a exposição museológica. Ordena e expõe a colecção numismática.

Não é nosso propósito esgotar o estudo das múltiplas actividades do Dr. Cunha Serrão nas instituições onde exerceu as suas actividades. Todavia é elementar publicitar a sua colaboração na Secção Profissional de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa, onde, esporadicamente, desempenhou o lugar de Presidente da Secção de Arqueologia.

É impossível referenciar o labor científico de Cunha Serrão, sem mencionar os seus grandes colaboradores:

Eduardo Prescott Vicente e Arq. Gustavo Marques que, de maneiras diferentes, com ele elaboraram estudos. Principalmente com o primeiro participa em escavações criticadas por alguns, mas, em nosso entender, precursoras de metodologias modernas, em substituição de processos ultrapassados, que vieram criar condições técnicas, sem as quais a escavação era uma recolha por vezes caótica, de espólio, esquecendo o estudo de estruturas, estratigrafias e contextos.

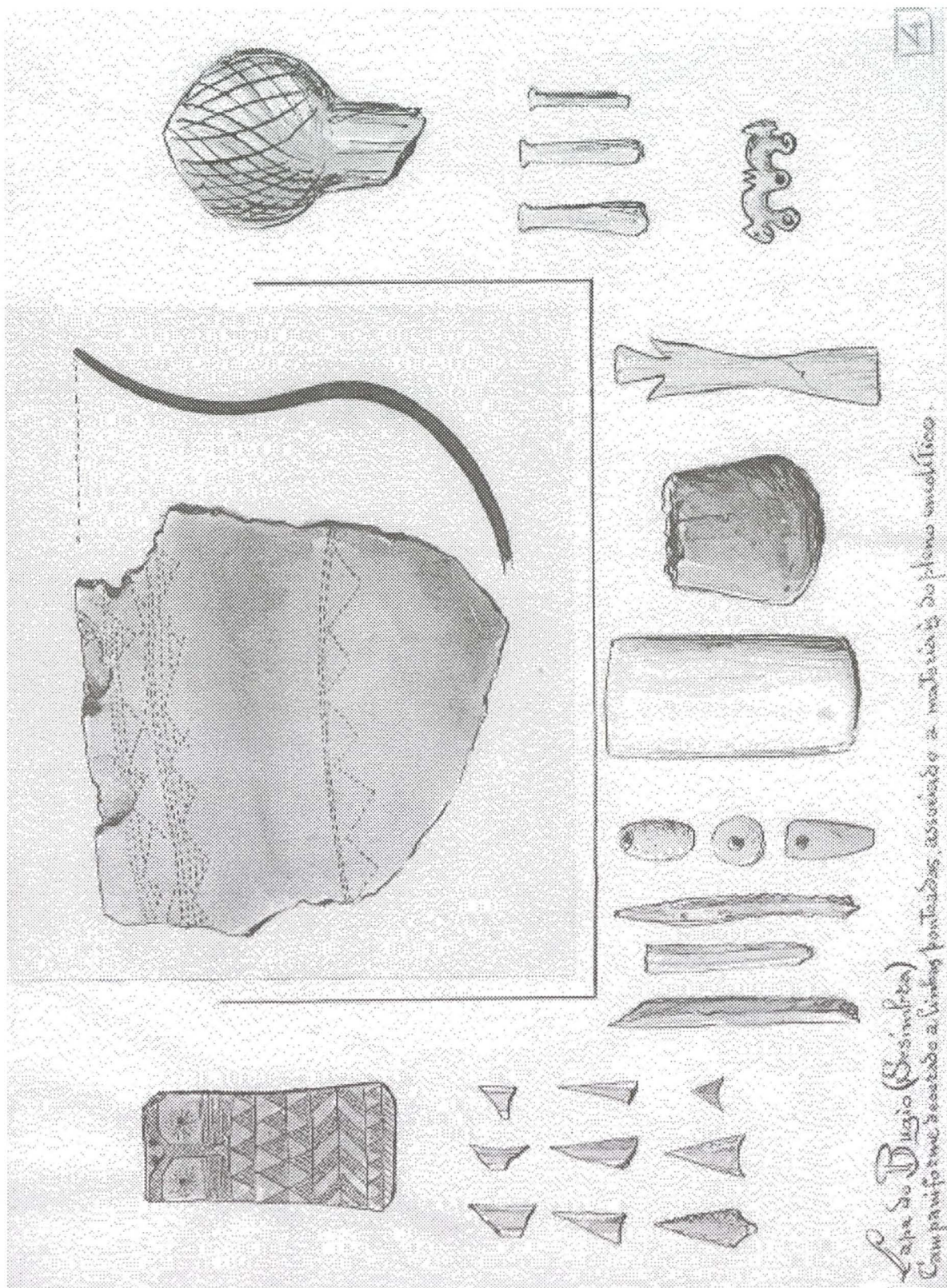
A “escavação” era até aí, pouco mais do que uma recolha de “artefactos” sem rigor científico, afastados, que eram dos contextos.

#### Colaboração na Sociedade de Geografia de Lisboa:

- Escavação na Gruta do Bugio – Sesimbra. Colaboração com Afonso do Paço e Eduardo Prescott Vicente. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 75, n.ºs 1/1 a 3 (1975).
- Uma estação arqueológica da região de Sesimbra (necrópole de inumação da Idade do Ferro – Gruta do Fumo). *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 75, n.ºs 4 a 6 (1957).
- Resultado de investigações na região de Sesimbra desde 1956. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 76, n.ºs 1 a 3 (1958).
- Materiais Luso-Romanos de Bexiga (Tomar), em colaboração com Eduardo Prescott Vicente. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 76, n.ºs 4 a 6 (1958).
- Investigação em grutas-necrópole da região de Sesimbra (Lapa do Fumo e Lapa do Bugio). *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 77, n.ºs 4 a 6 (1959).

- Culturas do calcolítico na região de Sesimbra. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 77, n.ºs 7 a 9 (1959).
- Museu Arqueológico de Sesimbra e prospecções arqueológicas na região de Sesimbra. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 80, n.ºs 1 a 6 (1962).
- Considerações á cerca de alguns tipos de cerâmica pré e proto histórica. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 80, n.ºs 7 a 12 (1962).
- Considerações sobre a cronologia do vaso campaniforme. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 80, n.ºs 7 a 12 (1962).
- Novos achados arqueológicos na região de Sesimbra. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 81, n.ºs 7 a 9 e 10 a 12 (1963).
- Cultura do vaso campaniforme. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 82, n.ºs 4 a 6 (1964).
- Depósitos funerários com estatigrafia da Lapa do Fumo (Sesimbra), em colaboração com Arq. Gustavo Marques. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 82, n.ºs 7 a 9 e 10 a 12 (1964).
- Uma camada arqueológica pré campaniforme na Lapa do Fumo (Sesimbra), em colaboração com Arq. Gustavo Marques. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 83, n.ºs 1 a 3 e 4 a 6 (1965).
- Escavação da Lapa do Fumo (Sesimbra) , em colaboração com Arq. Gustavo Marques. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 84, n.ºs 1 a 3 (1966).
- Estudo sobre bronzes – armas e adornos - Estudos sobre cerâmica com ornatos brunidos da Lapa do Fumo, em colaboração com Arq. Gustavo Marques. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 84, n.ºs 4 a 6 (1966).
- Estudo sedimentológico de dois estratos revelados na Lapa do Fumo (Sesimbra), em colaboração com Arq. Gustavo Marques. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 84, n.ºs 4 a 6 (1966).
- Interpretação funcional das lâminas de sílex, do tipo ovóide e sub-rectângular, do calcolítico. Semelhança com a faca tipo ULO, dos esquimós, em colaboração com Eduardo Prescott Vicente. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 84, n.ºs 4 a 6 (1966).
- Reconstituição e datação de cerâmicas exumadas na Lapa do Fumo (Sesimbra), em colaboração com Arq. Gustavo Marques. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 84, n.ºs 4 a 6 (1966).
- Prospecções Arqueológicas em Sesimbra, O castro calcolítico à cota 214 (Outeiro Pequeno) e rede viária medieval, colaboração com Arq. Gustavo Marques. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 84, n.ºs 4 a 6 (1966).
- Interpretação funcional dos instrumentos de sílex do calcolítico (paralelos etnológicos e exame de microvestígios), em colaboração com Eduardo Prescott Vicente. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 84, n.ºs 10 a 12 (1966).
- Resultado das prospecções arqueológicas no castro de Sesimbra e datação de uma estação eneolítica do Porto de Cambas (Coína-a-Velha), em colaboração com Arq. Gustavo Marques. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 84, n.ºs 10 a 12 (1966).
- Teorias recentes relativas ao vaso campaniforme. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 85, n.ºs 1 a 3 (1967).
- Bronzes de Alfarim e de Pedreiras (Sesimbra). *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 85, n.ºs 4 a 6 (1967).
- Sepulturas cristãs da Sesimbra medieval.
- O monólito insculpido da Quinta da Veiga “ Meda-Guarda”. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 85, n.ºs 4 a 6 (1967).
- Evolução dos conceitos sobre cronologia das cerâmicas com ornatos brunidos peninsulares. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 89 , n.ºs 1 a 3 (1971).

- Três novas jazidas paleolíticas, em cascalheiras quartenárias do concelho de Sesimbra (Casal do Golamas), Posto de Rádio e Aldeia, com colaboração do Dr. Vítor Oliveira Jorge. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 89, n.ºs 4 a 6 (1971).
- Paleolítico do concelho de Sesimbra (estações e cronologias). *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 89, n.ºs 10 a 12 (1971).
- Nota sobre dois artefactos relacionados com cultos do neolítico. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 90, n.ºs 7 a 9 e 10 a 12 (1972).
- Gravuras rupestres do Vale do Tejo. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 96, n.ºs 7 a 9 e 10 a 12 (1978).
- As gravuras rupestres do Vale do Tejo. Algo mais sobre o assunto. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 97, n.ºs 1 a 3 e 4 a 6 (1979).
- Ainda a Lapa do Fumo. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 97, n.ºs 7 a 9 e 10 a 12 (1979).
- Evocando a colaboração com Eduardo Prescott Vicente nas décadas de 50 e 60. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 98, n.ºs 1 a 3 e 4 a 6 (1980).
- Escavações na Capela do Espírito Santo de Sesimbra. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 98, n.ºs 7 a 9 e 10 a 12 (1980).
- Novos materiais resultantes das escavações na Capela do Espírito Santo de Sesimbra. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 99, n.ºs 1 a 4 e 4 a 6 (1981).



## O Legado de Cunha Serrão

Em Sessão de Trabalho da Associação dos Arqueólogos Portugueses – Abertura do Ano Académico de 1991, o malogrado Prof. Doutor Luís Saldanha, sobrinho por afinidade de Cunha Serrão, comunica à Associação que a família do antigo presidente deliberara entregar, sob a forma de legado e espólio resguardado.

É constituído, esse conjunto, pela biblioteca, que adiante é motivo de uma relação, por apontamentos e estudos, e por um arquivo fotográfico; além de algumas peças arqueológicas, provenientes da Lapa do Fumo (fragmentos cerâmicos).

O estudo sistemático das “notas” ainda está longe de conclusão, por quanto difícil de elaborar, devido à multiplicidade de lugares referenciados.

De modo simplista, comporta elementos de estudos arqueológicos de Sesimbra (prioritariamente), Parede, região de Sintra, região de Setúbal e Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo. Está a ser elaborada uma relação de locais citados, trabalho difícil que obriga à determinação de referências cartográficas.

### Biografia

JORGE ( VÍTOR OLIVEIRA)

Homenagem ao Doutor Eduardo da Cunha Serrão

In. *ARQUEOLOGIA*, N.º 16 – 12/1997 (Com extensa bibliografia)

JORGE (VÍTOR OLIVEIRA)

Ainda a Homenagem a Eduardo da Cunha Serrão

In. *ARQUEOLOGIA*, N.º 18 – 12/1998

### Bibliografia

#### 1951

CASTRO ENEOLÍTICO DE OLELAS: BREVE NOTÍCIA (O)

VICENTE, Eduardo Prescott

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Trabalhos de Antropologia e Etnologia”, Vol. XIII, fasc. 1-2

Instituto de Antropologia da Universidade do Porto, 1951

#### 1956

NOTE PRELIMINAIRE SUR LA STATION ENEOLITHIQUE DE NEGRAIS

SERRÃO, Eduardo da Cunha

VICENTE, Eduardo Prescott

“Crónica del IV Congreso Internacional de Ciencias Prehistóricas y Protohistóricas”, Madrid, 1954.

Saragoça: 1956

**1957**

ESTAÇÃO ENEOLÍTICA DE PAREDE – CASCAIS: RECONHECIMENTO DE 1955

PAÇO, Afonso do

SERRÃO, Eduardo da Cunha

VICENTE, Eduardo Prescott

“Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências”

XXIII Congresso Luso-Espanhol, T.VIII – Coimbra, 1957

**1958**

CASTRO ENEOLÍTICO DE OLELAS: PRIMEIRAS ESCAVAÇÕES

SERRÃO, Eduardo da Cunha

VICENTE, Eduardo Prescott

“Direção Geral de Minas e Serviços Geológicos, 1958

Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, T. XXXIX – 1958

ESTAÇÃO ENEOLÍTICA DE PAREDE: NOTÍCIA DO SEU ACHADO

VICENTE, Eduardo Prescott

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Trabalhos de Antropologia e Etnologia”, Vol. XVI fasc. 1-2

Porto: Sociedade de Antropologia e Etnologia, 1958

INSCRIÇÃO LUSO-ROMANA INÉDITA DO CASAL DE BEXIGA – LAMAROSA (UMA)

BELO, Aurélio Ricardo

SERRÃO, Eduardo da Cunha

VICENTE, Eduardo Prescott

“Arqueologia e História”, 8.ª S., Vol. VIII

Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa, 1958

CERÂMICAS PROTO-HISTÓRICA DA LAPA DO FUMO (SESIMBRA) COM ORNATOS COLORIDOS E BRUNIDOS.

SERRÃO, Eduardo da Cunha

Zephyrus, IX – 2 Salamanca, 1958

**1959**

CASTRO ENEOLÍTICO DE OLELAS: OS MONUMENTOS N.º 1 E 2: RESULTADOS DAS ESCAVAÇÕES REALIZADAS DURANTE AS SEGUNDAS “JORNADAS ARQUEOLÓGICAS”

VICENTE, Eduardo Prescott

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia”, Vol. I. Lisboa, 1959

ESCAVAÇÕES EM SESIMBRA, PAREDE E OLELAS: MÉTODOS EMPREGADOS

SERRÃO, Eduardo da Cunha

VICENTE, Eduardo Prescott

“Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia”, Vol. I. Lisboa, 1959

ESTAÇÃO ISABEL: NECRÓPOLE PRÉ-HISTÓRICA DA AZÓIA

MONTEIRO, Rafael

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia”, Vol. I. Lisboa. 1959

INVESTIGAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NA REGIÃO DE SESIMBRA

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“I Congresso Nacional de Arqueologia. Actas e Memórias, Vol. I. Lisboa, 1959

MAGIC SEX CHARMS

SERRÃO, Eduardo da Cunha

Sexology Magazine

New York, 1959

**1960**

GUIA DO MUSEU ARQUEOLÓGICO DE SESIMBRA

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Câmara Municipal de Sesimbra”. Sesimbra, 1960

**1961**

CONTRIBUIÇÃO PARA O CONHECIMENTO DAS RELAÇÕES POR VIA MARÍTIMA NO ENEOLÍTICO E NA PROTO-HISTÓRIA ENTRE AS POPULAÇÕES DA COSTA CENTRO-OCIDENTAL DA PENÍNSULA IBÉRICA E OS POVOS DO MEDITERRÂNEO

VICENTE, Eduardo Prescott

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Actas do Congresso Internacional de História dos Descobrimentos”, Vol.III

**1962**

ALGUNS PROBLEMAS ARQUEOLÓGICOS DA REGIÃO DE SESIMBRA

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Arqueologia e História, I Série, Vol. IX. Lisboa A .A .P, 1962

**1963**

GUIDE TO SESIMBRA ARCHAEOLOGICAL MUSEUM (A)

SERRÃO, Eduardo da Cunha

SERRÃO, Ana da Cunha; (Trad.)

“Liga dos Amigos do Castelo de Sesimbra”. Sesimbra, 1963

**1964**

A NECRÓPOLE PROTO-HISTÓRICA DO CASALÃO

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Junta Distrital de Setúbal”. Setúbal, 1964

UM PEQUENO MUSEU ARQUEOLÓGICO REGIONAL

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Arqueologia e História”, 11. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa, 1964

**1965**

UM POUCO DE ARQUEOLOGIA PARA O ESCAFANDRISTA

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Boletim do Centro Português e Actividades Submarinas, nos 11 e 12”. Lisboa, 1965

**1966**

GERMES MILENÁRIOS

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Actas do IV Colóquio Português de Arqueologia”. – Lvcerna V. Porto, 1966

**1967**

VASOS CERÂMICOS DE ANGOLA: PARALELOS ENTRE ALGUNS EXEMPLARES ACTUAIS DE AMBRIZETE E DE GABELA E TIPOS PRÉ-HISTÓRICOS EUROPEUS

SERRÃO, Eduardo da Cunha

SALDANHA, Luiz

“Geographica” III, n.º 10. Lisboa, 1967

BOLETIM DO CENTRO DE ESTUDOS DO MUSEU ARQUEOLOGICO DE SESIMBRA N.º 1

SERRÃO, Eduardo da Cunha

Sesimbra, 1967

AS GRUTAS DE SESIMBRA

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Boletim do Centro de Estudos do Museu Arqueológico de Sesimbra” Vol. I. Liga dos Amigos do Castelo de Sesimbra. Sesimbra, 1967

BRONZES DE ALFARIM E PEDREIRAS

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Revista da Faculdade de Letras de Lisboa”. N.º 10. Lisboa, 1967

**1968**

A LAPA DO FUMO

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Geographica”. N.º 15. Lisboa, 1968

**1970**

AS CERÂMICAS DE “RETÍCULA BRUÑIDA” DAS ESTAÇÕES ARQUEOLÓGICAS ESPANHOLAS E COM “ORNAMENTOS BRUNIDOS” DA LAPA DO FUMO

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Actas I Jornadas Arqueológicas” ( A. A .P). Lisboa, 1970

**1971**

CONTRIBUIÇÃO PARA UM PROGRAMA DE PESQUISA DO PALEOLÍTICO ANTIGO E MÉDIO PORTUGUÊS

SERRÃO, Eduardo da Cunha

JORGE, Vítor Manuel de Oliveira

“Revista de Guimarães”. Guimarães, 1971

ESTRATO PRÉ-CAMPANIFORME DA LAPA DO FUMO – SESIMBRA

SERRÃO, Eduardo da Cunha

MARQUES, Gustavo

“Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia”. Coimbra 1971

MATERIAIS LÍTICOS DA JAZIDA PRÉ-HISTÓRICA DO PORTO DA BÔGA-CURSO SUPERIOR DO RIO CAIA

JORGE, Vítor Manuel de Oliveira

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia”. Ministério da Educação Nacional: Junta Nacional da Educação. Coimbra 1971

1972

COMPLEXO DE ARTE RUPESTRE DO TEJO – VILA VELHA DE RODÃO – NISA: NOTÍCIA PRELIMINAR (O)

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Arqueologia e História” 9.º Série, Vol. IV. A . A . P . Lisboa, 1972

O COMPLEXO DE ARTE RUPESTRE DO VALE DO TEJO

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“O Arqueólogo Português”. Série III, Vol. 6. Lisboa, 1972

1973

ARMÉE DE PORTUGAL (L)

SALGADO, Francisco Cardoso

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Revista dos Correios e Telecomunicações” N.º 25. Lisboa, 1973

CARTA ARQUEOLÓGICA DO CONCELHO DE SESIMBRA: IDENTIFICAÇÃO SUMÁRIO DOS MONUMENTOS, ESTAÇÕES E LOCAIS COM INTERESSE ARQUEOLÓGICO, ASSINALADOS NOS MAPAS

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Junta Distrital de Setúbal”. Setúbal, 1973

NOTÍCIA DE NOVAS DESCOBERTAS NO COMPLEXO DE ARTE RUPESTRE DO VALE DO TEJO

SERRÃO, Eduardo da Cunha; *(et alli)*

“Actas das II Jornadas Arqueológicas”, Vol. I. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa, 1973

EDIÇÕES QUINHENTISTAS DE OS LUSÍADAS E AS PRIMEIRAS TRADUÇÕES (AS)

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Revista dos Correios e Telecomunicações”. N.º 26. Lisboa, 1973

CARTA ARQUEOLÓGICA DO CONCELHO DE SESIMBRA / MATERIAL CARTOGRÁFICO: ESTAÇÕES JAZIDAS E MONUMENTOS ANTERIORES A 1200 d.C

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Junta Distrital de Setúbal”. Setúbal, 1973

1974

COMPLEXO DE ARTE RUPESTRE DO TEJO: PROCESSOS DE LEVANTAMENTO

SERRÃO, Eduardo da Cunha *(et. Alli.)*

“Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia”. Porto, 1974

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS: TRABALHOS DO CENTRO DE ESTUDOS DO MUSEU  
ARQUEOLÓGICO DE SESIMBRA

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Junta Distrital de Setúbal”. Setúbal, 1974

A ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DO VALE DA PALHA (CALHARIZ)

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Junta Distrital de Setúbal”. Estudos arqueológicos. Setúbal, 1974

PROSPECÇÕES ARQUEOLÓGICAS NO ÂMBITO DO PALEOLÍTICO DO CONCELHO DE  
SESIMBRA

SERRÃO, Eduardo da Cunha; (et.alli.)

“Junta Distrital de Setúbal”. Estudos Arqueológicos, 1. Setúbal, 1974

L'ART RUPESTRE DE LA VALLÉE DU TAJE

SERRÃO, Eduardo da Cunha

Dossiers de l'Archéologie, n.º 4, Mai-Juin. Paris, 1974

**1975**

CASTELO DE SESIMBRA : RESULTADOS DE UMA SONDAÇÃO PRELIMINAR REALIZA-  
DA NA ÁREA DA ANTIGA HABITAÇÃO DO ALCAIDE-MOR PRÍNCIPIOS DO SÉC. XVI

JORGE, Susana Maria Soares

JORGE, Vítor Manuel de Oliveira

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Actas do I Colóquio Arqueológico de Setúbal”. Vol. I. Setúbal, 1975

CONTRIBUIÇÕES ARQUEOLÓGICAS DO SUDOESTE DA PENÍNSULA DE SETÚBAL

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Actas do I Colóquio Arqueológico de Setúbal. Setúbal Arqueológica. Vol. I. Setúbal, 1975

**1977**

LIMITAÇÕES DO MÉTODO COMPARATIVO NA INTERPRETAÇÃO FUNCIONAL DOS TES-  
TEMUNHOS ARQUEOLÓGICOS: ALGUNS EXEMPLOS

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Actas das III Jornadas Arqueológicas”. Lisboa, 1977, Vol. I. Associação dos Arqueólogos Portu-  
gueses, Lisboa 1978

POVOADO DO CALCOLÍTICO INICIAL DO ALTO DAFUNDO LINDA-A-VELHA (O)

GONÇALVES, João Ludgero Marques

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Actas das III Jornadas Arqueológicas”. Vol. I Lisboa, 1977. Associação dos Arqueólogos  
Portugueses. Lisboa, 1978

**1978**

LAPA DO FUMO (A)

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Aspectos e métodos da Pré-História”. Grupos de estudos Arqueológicos do Porto. N.º 1. Porto, 1978

PRIMEIRAS CONTRIBUIÇÕES PARA UMA PERIODIZAÇÃO DO NEOLÍTICO E DO  
CALCOLÍTICO DA ESTREMADURA PORTUGUESA

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Aspectos e Métodos da Pré-História”. Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. N.º1 Porto, 1978

VESTÍGIOS DA ANTIGA CAPELA DO ESPÍRITO SANTO DOS MAREANTES EM SESIMBRA

SERRÃO, Eduardo da Cunha

SERRÃO, Vítor Manuel

“Actas das III Jornadas Arqueológicas”. Vol. I Lisboa, 1977. Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1978

ARTE RUPESTRE DO VALE DO TEJO (A)

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Aspectos e métodos da Pré-História”. Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. N.º 1. Porto, 1978

ESTAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA DA CARAMUJEIRA: TRABALHOS DE 1975/76 (A)

GOMES, Mário Varela

MONTEIRO, Jorge Pinho

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Actas das III Jornadas Arqueológicas”. Vol. I, Lisboa, 1977. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa, 1978

FELSKUNST IM TEJO-TAL: SÃO SIMÃO (NISA, PORTALEGRE), PORTUGAL

SERRÃO, Eduardo da Cunha (et. Alli.)

Madriider Mitteilugen. Heidelberg, 1978

POVOADO DO CALCOLÍTICO INICIAL DO ALTO DO DAFUNDO, LINDA-A-VELHA (O)

GONÇALVES, João Ludgero Marques

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Actas das III Jornadas Arqueológicas”. Vol I. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa, 1978

LIMITAÇÕES DO MÉTODO COMPARATIVO NA INTERPRETAÇÃO FUNCIONAL DOS TES-  
TEMUNHOS: ALGUNS EXEMPLOS

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Actas das III Jornadas Arqueológicas”, 1. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa 1978

ARTE RUPESTRE DO VALE DO TEJO

BAPTISTA, António Martinho

SERRÃO, Eduardo da Cunha

MARTINS, Maria Manuela

“Exposição organizada pelo Museu de Arqueologia e Etnografia da Junta Distrital de Setúbal”. Setúbal, 1978

ARTE RUPESTRE DO VALE DO TEJO. II – PRIMEIRAS CONTRIBUIÇÕES PARA UMA  
PERIODIZAÇÃO DO NEOLÍTICO E CALCOLÍTICO DA ESTREMADURA PORTUGUESA.

III – A LAPA DO FUMO

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Aspectos e Métodos da Pré-história”. Trabalhos do G.E.A.P, n.º 1 . Porto, 1978

**1979**

**POVOADO CALCOLÍTICO DO ALTO DO DAFUNDO (O)**

GONÇALVES, João Ludgero Marques

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Actas da 1.ª Mesa-Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal”. Porto, 1979

**SOBRE A PERIODIZAÇÃO DO NEOLÍTICO E CALCOLÍTICO DO TERRITÓRIO PORTUGUÊS**

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Actas da 1.ª Mesa-Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal”. Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. Porto, 1979

**1980**

**SEPULTURA DO REI MOURO: UMA ESTAÇÃO DA IDADE DO FERRO-NEGRAIS-SINTRA (A)**

SERRÃO, Eduardo da Cunha

VICENTE, Eduardo Prescott

“Arqueologia”, 1980, n.º 1. Porto 1980

**LÂMINAS DE SÍLEX: OVÓIDES E SUB-RECTÂNGULARES: INTERPRETAÇÃO FUNCIONAL**

SERRÃO, Eduardo da Cunha

VICENTE, Eduardo Prescott

“Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto”. Porto, 1980

**O COMPLEXO ARQUEOLÓGICO DO LAPIÁS DE NEGRAIS (SINTRA)**

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Arqueologia”. Nos 2,3,4 . Porto 1980 – 81

**1981**

**COMPLEXO ARQUEOLÓGICO DO LAPIÁS DE NEGRAIS – SINTRA – II (O)**

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Arqueologia”. N.º 3 . Porto 1981

**1982**

**JAZIDAS ARQUEOLÓGICAS DE CATRIVANA E O DOLMEN DE “PEDRA ERGUIDA” (AS)**

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Sintria”, 1982-83. Vol. I-II, p.11-28. Gabinete de Estudos de Arqueologia, Arte e Etnografia. Sintra 1982-83

**1983**

**ESTAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA DE PAREDE. DOCUMENTOS INÉDITOS SOBRE ESTRATIGRAFIA E ESTRUTURAS: CAMPANHA DE 1956**

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“O Arqueólogo Português”. 1983, Série IV. Vol. I. Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. Lisboa, 1983

**1984**

PROFESSOR DOUTOR D. FERNANDO DE ALMEIDA (O)

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Arqueologia e História”. Série X, Vol. I-II. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa, 1984-1988

**1986**

SESIMBRA MONUMENTAL E ARTÍSTICA

SERRÃO, Eduardo da Cunha

SERRÃO, Vítor

“Câmara Municipal de Sesimbra”. Sesimbra, 1986

SESIMBRA MONUMENTAL E ARTÍSTICA

SERRÃO, Eduardo da Cunha

SERRÃO, Vítor

“Câmara Municipal de Sesimbra”. (2.<sup>a</sup> ed. rev. e actualizada). Sesimbra, 1997

**1994**

GUIDE OF THE ARCHAEOLOGICAL MUSEUM

SERRÃO, Eduardo da Cunha - Fotografias

PAPPÁMIKAIL, Kalliope Kalotina Alves Correia – (Tradução)

“Associação dos Arqueólogos Portugueses”. Lisboa, 1994

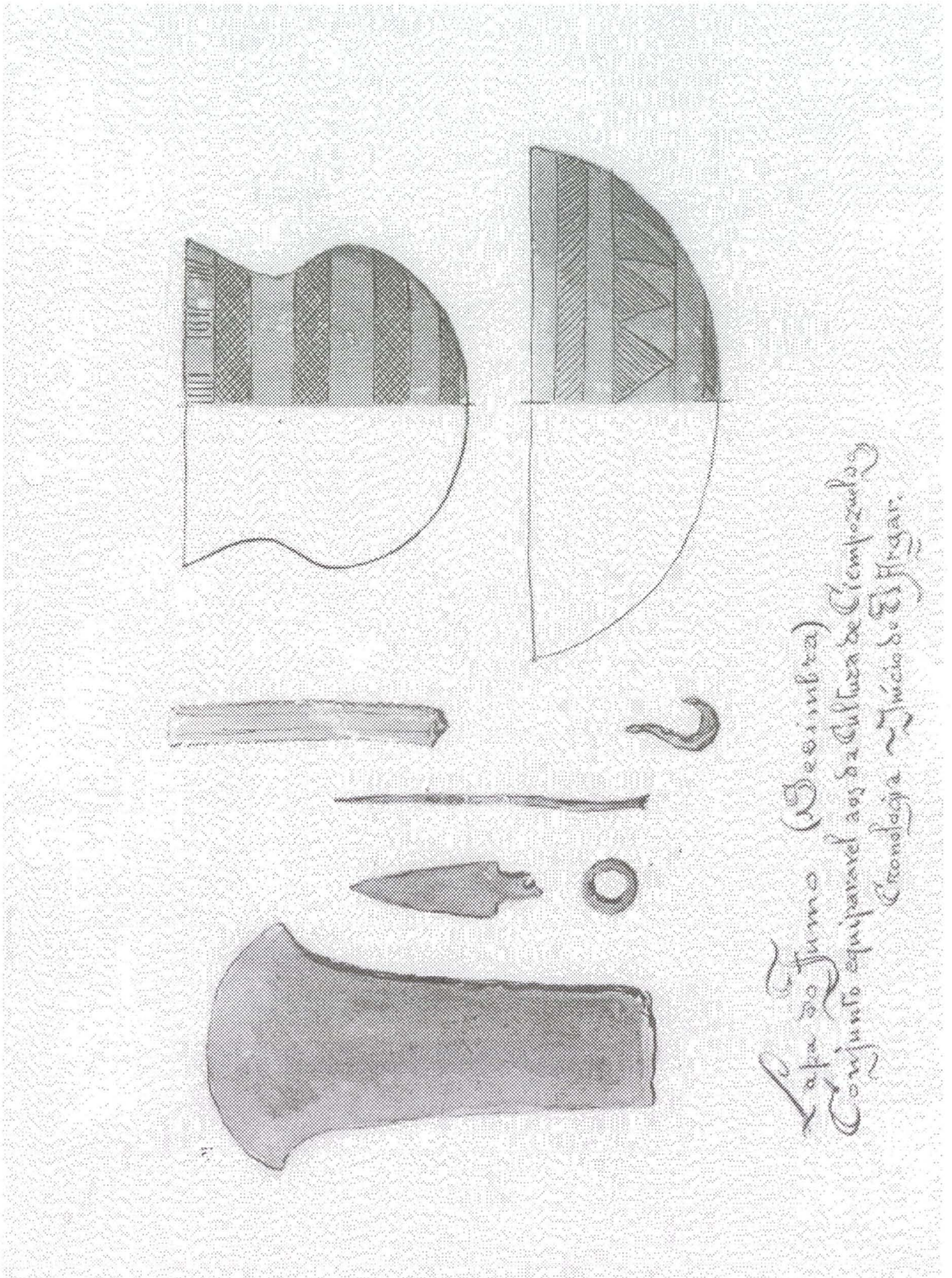
CARTA ARQUEOLÓGICA DO CONCELHO DE SESIMBRA: DO VILAFRANQUIANO MÉDIO ATÉ 1200 A . C.

SERRÃO, Eduardo da Cunha

“Câmara Municipal de Sesimbra”. Sesimbra, 1994

**Legado de Cunha Serrão**

**Biblioteca**



Lagoa do Junco (Beesimbra)  
Conjunto equiparvel aos da Cultura de Timpozubó  
Cronologia ~ Início do El Flegar.

## Publicações Periódicas

Título: <b>AL-MADAM</b>					
Endereço: Apartado 103 (Torcatas) 2801 ALMADA Codex					
Ed./dir.: <b>Centro de Arqueologia de Almada</b>					
Forma de entrada: <b>Legado Dr. Eduardo Serrão</b>				Cota <b>Bib. S/ 439</b>	
Obs.				Periodic. Semestral	
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1982	Nº 0				
Título: <b>AL-MADAM</b>				Localidade <b>Almada</b>	Cota <b>Bib. S/ 439</b>

Título: <b>ALBUM FIGUEIRENSE</b>					
Endereço: Rua das Lamas, 6 – 1º FIGUEIRA DA FOZ					
Ed./dir.: <b>João de Oliveira Coelho Dir.</b>					
Forma de entrada: <b>Legado Dr. Eduardo Serrão</b>				Cota <b>Bib. S/ 449</b>	
Obs.				Periodic. Mensal	
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1934	A. I	Nº 4			
1937	A. III	Nº 7-8			
Título: <b>ALBUM FIGUEIRENSE</b>				Localidade <b>Figueira da Foz</b>	Cota <b>Bib. S/ 449</b>

Título: <b>ANAIS DO MUNICIPIO DE FARO</b>					
Endereço:					
Ed./dir.: <b>Câmara Municipal de Faro</b>					
Forma de entrada: <b>Legado Dr. Eduardo Serrão</b>				Cota <b>Bib. S/ 426</b>	
Obs.				Periodic.	
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1974	IV				
1975	V				
1977	VII				
Título: <b>ANAIS DO MUNICIPIO DE FARO</b>				Localidade <b>Faro</b>	Cota <b>Bib. S/ 426</b>

Título: <b>APOM</b>					
Endereço: Rua Tenente Espanca, 7 – 1000 LISBOA					
Ed./dir.: <b>Associação Portuguesa de Museologia</b>					
Forma de entrada: <b>Legado Dr. Eduardo Serrão</b>				Cota <b>Bib. S/ 433</b>	
Obs.				Periodic.	
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1973	1-2, 3				
1976	11-13				
1977	17,				
1978	18, 19-21				
1979	22, 23-24				
Título: <b>APOM</b>				Localidade <b>Lisboa</b>	Cota <b>Bib. S/ 433</b>

Título: <b>ARCHAOLOGISCHE NACHRICHTEN AUS BADEN</b>					
Endereço:					
Ed./dir.:					
Forma de entrada: <b>Legado Dr. Eduardo Serrão</b>				Cota <b>Bib. S/ 446</b>	
Obs.				Periodic.	
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1982	28, 29				
Título: <b>ARCHAOLOGISCHE NACHRICHTEN AUS BADEN</b>				Localidade <b>Freiburg</b>	Cota <b>Bib. S/ 446</b>

Título: <b>ARCHÉOLOGIA</b>					
Endereço:					
Ed./dir.: Andréé Faton					
Forma de entrada: Legado Dr. Eduardo Serrão					Cota <b>Bib. S/ 435</b>
Obs. Periodic. Mensal					
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1979	Nº 136				
Título: <b>ARCHÉOLOGIA</b>				Localidade <b>Dijon</b>	Cota <b>Bib. S/ 435</b>

Título: <b>ARQUEOLOGIA</b>					
Endereço: Rua António Cardoso, 175, 4100 PORTO					
Ed./dir.: <b>Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto</b>					
Forma de entrada: Legado Dr. Eduardo Serrão					Cota <b>Bib. S/ 408</b>
Obs. Periodic.					
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1980	1*, 2**,	*= 2 exempl. **= 5exempl.		-	
1981	3, 4,				
1982	5, 6,				
1983	7, 8,				
1984	9, 10,				
1985	11,				
1986	13, 14,				
1987	16*,	*= 2 exempl.			
1988	18,				
Título: <b>ARQUEOLOGIA</b>				Localidade <b>Porto</b>	Cota <b>Bib. S/ 408</b>

Título: <b>ARQUEÓLOGO PORTUGUÊS</b>					
Endereço:					
Ed./dir.: <b>Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia</b>					
Forma de entrada: Legado Dr. Eduardo Serrão					Cota <b>Bib. S/ 414</b>
Obs.: Antigo título "Archeologo Português" Periodic. Mensal					
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1895	I	3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12			
1896	II	2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12			
1897	III	7, 8, 9, 10, 11, 12			
1898	IV	7, 8, 9, 10, 11, 12			
1901	VI	1-2, 4, 5-7, 8-12,			
1904	IX	11-12			
1922	XXV (1921/22)				
1924	XXVI (1923/24)				
1929	XXVII (1925/26)				
1956	Nova Série III				
1967	I				
1968	II				
1969	III				
1970	IV				
1971	V				
1972	VI				
1973	I-XXX índices (1895-1938)	T. 1 (2 exempl.)			
1974/77	VII-IX				
1983	I - Série IV				
1986	IV				
Título: <b>ARQUEÓLOGO PORTUGUÊS</b>				Localidade <b>Lisboa</b>	Cota <b>Bib. S/ 414</b>

Título: <b>ARQUIVO DE BEJA: BOLETIM DA CÂMARA MUNICIPAL</b>					
Endereço:					
Ed./dir.: <b>Câmara Municipal de Beja</b>					
Forma de entrada: <b>Legado Dr. Eduardo Serrão</b>					Cota <b>Bib. S/ 406</b>
Obs.					
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1951	VIII	1-4			
1952	IX	1-4			
1953	X	1-4			
1954	XI	1-4			
1955	XII	1-4			
1956	XIII	1-4			
1957	XIV	1-4			
1958	XV	1-4			
1959	XVI	1-4			
1960	XVII	1-4			
1961/62	XVIII-XIX				
1963/64	XX-XXI				
1965	XXII				
1966/67	XXIII-XXIV				
1968/70	XXV-XXVI				
Título: <b>ARQUIVO DE BEJA: BOLETIM DA CAMARA MUNICIPAL</b>				Localidade <b>Beja</b>	Cota <b>Bib. S/ 406</b>

Título: <b>ATLÂNTICO: REVISTA LUSO-BRASILEIRA</b>					
Endereço:					
Ed./dir.: <b>D.N.I.</b>					
Forma de entrada: <b>Legado Dr. Eduardo Serrão</b>					Cota <b>Bib. S/ 421</b>
Obs.					
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1946	Nova série	1			
Título: <b>ATLÂNTICO</b>				Localidade <b>Rio de Janeiro</b>	Cota <b>Bib. S/ 421</b>

Título: <b>BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES</b>					
Endereço: <b>Largo do Carmo, Ruínas do Carmo (Museu), Lisboa</b>					
Ed./dir.: <b>Associação dos Arqueólogos Portugueses</b>					
Forma de entrada: <b>Legado Dr. Eduardo Serrão</b>					Cota <b>Bib. S/ 444</b>
Obs.					
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1913	T. XIII, nº 2	5ª S.			
Título: <b>BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES</b>				Localidade <b>Lisboa</b>	Cota <b>Bib. S/ 444</b>

Título: <b>BOLETIM DO CENTRO DE ESTUDOS DO MUSEU ARQUEOLÓGICO DE SESIMBRA</b>					
Endereço:					
Ed./dir.: <b>Liga dos Amigos do Castelo de Sesimbra</b>					
Forma de entrada: <b>Legado Dr. Eduardo Serrão</b>					Cota <b>Bib. S/ 452</b>
Obs.					
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1967	1				
Título: <b>BOLETIM DO CENTRO DE ESTUDOS DO MUSEU ARQUEOLÓGICO DE SESIMBRA</b>				Localidade <b>Sesimbra</b>	Cota <b>Bib. S/ 452</b>

Título: <b>BOLETIM CULTURAL</b>					
Endereço:					
Ed./dir.: <b>Junta Distrital de Lisboa</b>					
Forma de entrada: <b>Legado Dr. Eduardo Serrão</b>					Cota <b>Bib. S/ 412</b>
Obs.					Periodic.
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1966	Nº 65-66	S. III			
1967	67-68				
1968	69-70				
1970	73-74				
1971/72	75-78				
1973/74	79-80				
1975	81				
1976	82				
Título: <b>BOLETIM CULTURAL/ JUNTA DISTRITAL DE LISBOA</b>				Localidade <b>Lisboa</b>	Cota <b>Bib. S/ 412</b>

Título: <b>BOLETIM DA SOCIEDADE ARQUEOLÓGICA SANTOS ROCHA</b>					
Endereço:					
Ed./dir.: <b>Sociedade Arqueológica Santos Rocha</b>					
Forma de entrada: <b>Legado Dr. Eduardo Serrão</b>					Cota <b>Bib. S/ 428</b>
Obs.					Periodic.
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1907	I	4, 5,			
1908	I	6, 7, 8,			
1909	I	9, 10,			
Título: <b>BOLETIM DA SOCIEDADE ARQUEOLÓGICA SANTOS ROCHA</b>				Localidade <b>Figueira</b>	Cota <b>Bib. S/ 428</b>

Título: <b>BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA</b>					
Endereço: Rua das Portas de Santo Antão, 1100 LISBOA					
Ed./dir.: <b>Sociedade de Geografia de Lisboa</b>					
Forma de entrada: <b>Legado Dr. Eduardo Serrão</b>					Cota <b>Bib. S/ 402</b>
Obs.					Periodic.
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1955	S. 73	4-6, 7-9, 10-12,	1978	S. 96	1-6, 7-12,
1956	S. 74	1-3, 4-6, 7-9, 10-12,	1979	S. 97	1-6, 7-12,
1957	S. 75	1-3, 4-6, 7-9, 10-12,	1980	S. 98	1-6, 7-12,
1958	S. 76	1-3, 4-6, 7-9, 10-12,	1981	S. 99	1-6,
1959	S. 77	1-3, 4-6, 7-9, 10-12,			
1960	S. 78	1-3, 4-6, 7-12,			
1961	S. 79	1-3, 4-6, 7-9, 10-12,			
1962	S. 80	1-6, 7-12,			
1963	S. 81	1-6, 7-12,			
1964	S. 82	1-3, 4-6, 7-12,			
1965	S. 83	1-6, 7-12,			
1966	S. 84	1-3, 4-6, 7-9, 10-12,			
1967	S. 85	1-3, 4-6, 7-9, 10-12,			
1968	S. 86	1-3, 4-6, 7-9, 10-12,			
1969	S. 87	1-6, 7-9, 10-12,			
1970	S. 88	1-9, 10-12,			
1971	S. 89	1-3, 4-6, 7-9, 10-12,			
1972	S. 90	1-6, 7-12,			
1973	S. 91	1-6, 7-12,			
1974	S. 92	1-6, 7-12,			
1975	S. 93	1-6, 7-12,			
1976	S. 94	1-6, 7-12,			
1977	S. 95	1-6, 7-12,			
Título: <b>BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA</b>				Localidade <b>Lisboa</b>	Cota <b>Bib. S/ 402</b>

Título: <b>BOLETIN DE LA ASOCIACION ESPAÑOLA DE AMIGOS DE LA ARQUEOLOGÍA</b>					
Endereço:					
Ed./dir.: <b>Asociacion Española de Amigos de la Arqueología</b>					
Forma de entrada: <b>Legado Dr. Eduardo Serrão</b>					Cota <b>Bib. S/ 427</b>
Obs.					Periodic. <b>Semestral</b>
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1974	1, 2,				
1975	3,				
1978	10,				
1979	11-12,	2 exempl.			
1981	13, 14,				
1982	15, 16,				
1983	17, 18,				
1984	19, 20,				
1985	21,				
1988	24, 25,				
1989	26, 27,				
1990	28, 29				
1994	34				
Título: <b>BOLETIN DE LA ASOCIACION ESPAÑOLA DE AMIGOS DE LA ARQUEOLOGÍA</b>				Localidade	Cota <b>Bib. S/ 427</b>

Título: <b>BOLLETTINO DEL CENTRO CAMUNO DI STUDI PREHISTORICI</b>					
Endereço: 25044 Capo di Ponte (Brascia) – ITALIA					
Ed./dir.: <b>Centro Camuni do Studi Prehistorici</b>					
Forma de entrada: <b>Legado Dr. Eduardo Serrão</b>					Cota <b>Bib. S/ 418</b>
Obs.					Periodic.
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1975	12				
Título: <b>BOLLETTINO DEL CENTRO CAMUNO DI STUDI PREHISTORICI</b>				Localidade <b>Itália</b>	Cota <b>Bib. S/ 418</b>

Título: <b>BULLETTIN D'ARCHEOLOGIE MAROCAINE</b>					
Endereço:					
Ed./dir.: <b>Division de L'Archeologie des Monuments Historiques et des sites des Musees</b>					
Forma de entrada: <b>Legado Dr. Eduardo Serrão</b>					Cota <b>Bib. S/ 424</b>
Obs.					Periodic.
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1968-72	VIII				
1973-75	IX				
1976	X				
Título: <b>BULLETTIN D'ARCHEOLOGIE MAROCAINE</b>				Localidade <b>Marrocos</b>	Cota <b>Bib. S/ 424</b>

Título: <b>CADERNOS DE ARQUEOLOGIA</b>					
Endereço:					
Ed./dir.: <b>Museu D. Diogo de Sousa</b>					
Forma de entrada: <b>Legado Dr. Eduardo Serrão</b>					Cota <b>Bib. S/ 440</b>
Obs.					Periodic.
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1984	1	Série II			
Título: <b>CADERNOS DE ARQUEOLOGIA</b>				Localidade <b>Braga</b>	Cota <b>Bib. S/ 440</b>

Título: <b>CADERNOS F.A.O.J.</b>					
Endereço:					
Ed./dir.: <b>Secretaria de Estado da Juventude e Desportos: Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis</b>					
Forma de entrada: <b>Legado Dr. Eduardo Serrão</b>					Cota <b>Bib. S/ 451</b>
Obs.					
Periodic.					
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
?	2	Série A			
?	6	Série A			
Título: <b>CADERNOS F.A.O.J.</b>				Localidade <b>Lisboa</b>	Cota <b>Bib. S/ 451</b>

Título: <b>CETÓBRIGA: REVISTA DE ARTE, INVESTIGAÇÃO E ACTIVIDADES DO DISTRITO DE SETÚBAL</b>					
Endereço: Rua João Eloy, 110 – SETUBAL					
Ed./dir.: <b>Dir. Rogérion Peres Claro</b>					
Forma de entrada: <b>Legado Dr. Eduardo Serrão</b>					Cota <b>Bib. S/ 442</b>
Obs.					
Periodic.					
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1964	A. I	Nº 1, 2			
1970	A. I	Nº 3, 4, 5			
Título: <b>CETÓBRIGA: REVISTA DE ARTE, INVESTIGAÇÃO E ACTIVIDADES DO DISTRITO DE SETÚBAL</b>				Localidade <b>Setúbal</b>	Cota <b>Bib. S/ 442</b>

Título: <b>CLIO: REVISTA DO CENTRO DE HISTORIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA</b>					
Endereço:					
Ed./dir.: <b>Instituto Nacional de Investigação Científica</b>					
Forma de entrada: <b>Legado Dr. Eduardo Serrão</b>					Cota <b>Bib. S/ 434</b>
Obs.					
Periodic.					
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1979	1				
Título: <b>CLIO: REVISTA DO CENTRO DE HISTORIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA</b>				Localidade <b>Lisboa</b>	Cota <b>Bib. S/ 434</b>

Título: <b>COMUNICAÇÕES DOS SERVIÇOS GEOLÓGICOS DE PORTUGAL</b>					
Endereço: Rua da Academia das Ciências, 19, 2º, LISBOA					
Ed./dir.: <b>Serviços Geológicos de Portugal</b>					
Forma de entrada: <b>Legado Dr. Eduardo Serrão</b>					Cota <b>Bib. S/ 407</b>
Obs.					
Periodic.					
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1945	XXVI				
1950	XXX	Supl.			
1957	XXXVIII	fasc. II			
1958	XXXIX	2 exempl.			
1962	XLVI				
1963	XLVII				
1964/65	XLVIII, XLIX				
1966	L				
1967	LI, LII				
1969	LIII				
1970	LIV				
1971	LV				
1972/73	LVI				
1974	LVIII				
1975	LIX				
1976	LX				
19					
19					
19					
Título: <b>COMUNICAÇÕES DOS SERVIÇOS GEOLÓGICOS DE PORTUGAL</b>				Localidade <b>Lisboa</b>	Cota <b>Bib. S/ 407</b>

Título: <b>CONIMBRIGA</b>					
Endereço:					
Ed./dir.: <b>Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra</b>					
Forma de entrada: <b>Legado Dr. Eduardo Serrão</b>				Cota <b>Bib. S/ 405</b>	
Obs.				Periodic.	
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1960/61	II-III				
1965	IV				
1966	V				
1967	VI				
1968	VII				
1969	VIII				
1971	X				
1974	XIII				
Título: <b>CONIMBRIGA</b>				Localidade <b>Coimbra</b>	Cota <b>Bib. S/ 405</b>

Título: <b>CORREIO DA UNESCO</b>					
Endereço:					
Ed./dir.: <b>Fundação Getulio Vargas</b>					
Forma de entrada: <b>Legado Dr. Eduardo Serrão</b>				Cota <b>Bib. S/ 437</b>	
Obs.				Periodic. Mensal	
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1980	A. 8	Nº 3			
Título: <b>CORREIO DA UNESCO</b>				Localidade <b>Rio de Janeiro</b>	Cota <b>Bib. S/ 437</b>

Título: <b>LES DOSSIERS DE L'ARCHÉOLOGIE</b>					
Endereço:					
Ed./dir.: <b>Andree Faton , redac.</b>					
Forma de entrada: <b>Legado Dr. Eduardo Serrão</b>				Cota <b>Bib. S/ 436</b>	
Obs.				Periodic. Bimestral	
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1974	4				
Título: <b>LES DOSSIERS DE L'ARCHÉOLOGIE</b>				Localidade <b>Dijon</b>	Cota <b>Bib. S/ 436</b>

Título: <b>ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS</b>					
Endereço:					
Ed./dir.: <b>Junta Distrital de Setúbal</b>					
Forma de entrada: <b>Legado Dr. Eduardo Serrão</b>				Cota <b>Bib. S/ 422</b>	
Obs.				Periodic.	
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1974	Nº 1	(1968-1971)			
Título: <b>ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS</b>				Localidade <b>Setúbal</b>	Cota <b>Bib. S/ 422</b>

Título: <b>ESTUDOS ITALIANOS EM PORTUGAL</b>					
Endereço: <b>Rua do Salitre, 146 – LISBOA</b>					
Ed./dir.: <b>Instituto Italiano de Cultura em Portugal</b>					
Forma de entrada: <b>Legado Dr. Eduardo Serrão</b>				Cota <b>Bib. S/ 425</b>	
Obs.				Periodic.	
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1974	37				
1977/79	40-42				
1980/81	43-44				
1982/44	45-47				
1986	Índices 1-44				
Título: <b>ESTUDOS ITALIANOS EM PORTUGAL</b>				Localidade <b>Lisboa</b>	<b>Bib. S/ 425</b>

Título: <b>ETHNOS</b>						
Endereço: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia – Praça do Império, 1300 Belém						
Ed./dir.: Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia						
Forma de entrada: Legado Dr. Eduardo Serrão					Cota <b>Bib. S/ 411</b>	
Obs.					Periodic.	
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.	
1969	VI					
1979	VIII					
Título: <b>ETHNOS</b>					Localidade <b>Lisboa</b>	Cota <b>Bib. S/ 411</b>

Título: <b>GERIÓN</b>						
Endereço:						
Ed./dir.: Facultad de Geografía e Historia – Universidad Complutense de Madrid						
Forma de entrada: Legado Dr. Eduardo Serrão					Cota <b>Bib. S/ 417</b>	
Obs.					Periodic.	
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.	
1983	I					
Título: <b>GERIÓN</b>					Localidade <b>Madrid</b>	Cota <b>Bib. S/ 417</b>

Título: <b>HORIZONTE</b>						
Endereço: Largo frei Pedro da Guarda, 33, GUARDA						
Ed./dir.: Dir. José Afonso Sanches de Carvalho						
Forma de entrada: Legado Dr. Eduardo Serrão					Cota <b>Bib. S/ 453</b>	
Obs.					Periodic. Mensal	
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.	
1959	A. VI	Nº 64 (Julho)				
Título: <b>HORIZONTE</b>					Localidade <b>Guarda</b>	Cota <b>Bib. S/ 453</b>

Título: <b>INFORMAÇÃO ARQUEOLÓGICA</b>						
Endereço:						
Ed./dir.: Instituto Português do Património Cultural: Departamento de Arqueologia						
Forma de entrada: Legado Dr. Eduardo Serrão					Cota <b>Bib. S/ 430</b>	
Obs.					Periodic.	
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.	
1977/78	Nº 1*	* 2 exempl.				
1979	Nº 2					
Título: <b>INFORMAÇÃO ARQUEOLÓGICA</b>					Localidade <b>Lisboa</b>	Cota <b>Bib. S/ 430</b>

Título: <b>HUELVA ARQUEOLÓGICA</b>						
Endereço:						
Ed./dir.: Diputación Provincial de Huelva: Instituto de Estudios Onubenses “Padre Marchena”						
Forma de entrada: Legado Dr. Eduardo Serrão					Cota <b>Bib. S/ 419</b>	
Obs.					Periodic.	
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.	
1981	Nº 5					
Título: <b>HUELVA ARQUEOLÓGICA</b>					Localidade <b>Huelva</b>	Cota <b>Bib. S/ 419</b>

Título: <b>JOURNAL OF FIELD ARCHAEOLOGY</b>						
Endereço:						
Ed./dir.: Boston University						
Forma de entrada: Legado Dr. Eduardo Serrão					Cota <b>Bib. S/ 429</b>	
Obs.					Periodic.	
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.	
1981	8	Nº 3				
Título: <b>JOURNAL OF FIELD ARCHAEOLOGY</b>					Localidade <b>Boston</b>	Cota <b>Bib. S/ 429</b>

Título: <b>LEBA: ESTUDOS DE QUATERNÁRIO, PRÉ-HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA</b>					
Endereço: Centro de Documentação e Informação do IICT, Rua Jau, 47, 1300 LISBOA					
Ed./dir.: Instituto de Investigação Científica Tropical: Centro de Pré-História e Arqueologia					
Forma de entrada: Legado Dr. Eduardo Serrão					Cota <b>Bib. S/ 409</b>
Obs.					
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1978	1				
1979	2				
1980	3				
1981	4				
1982	5				
1987	6				
Título: <b>LEBA: ESTUDOS DE QUATERNÁRIO, PRÉ-HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA</b>				Localidade <b>Lisboa</b>	Cota <b>Bib. S/ 409</b>

Título: <b>MONUMENTA</b>					
Endereço:					
Ed./dir.: Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique					
Forma de entrada: Legado Dr. Eduardo Serrão					Cota <b>Bib. S/ 431</b>
Obs.					
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1969	5				
Título: <b>MONUMENTA</b>				Localidade <b>Moçambique</b>	Cota <b>Bib. S/ 431</b>

Título: <b>NÉPRAJZI ÉRTESÍTŐ: A NÉPRAJZI MŰSEUM ÉVKONYVE</b>					
Endereço:					
Ed./dir.: Néprajzi Museum Konyutara					
Forma de entrada: Legado Dr. Eduardo Serrão					Cota <b>Bib. S/ 413</b>
Obs.					
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1965	XLVII				
1967	XLIX				
1968	L				
1969	LI				
1970	LII				
1971	LIII				
1972	LIV				
1973	LV				
1974	LVI				
Título: <b>NÉPRAJZI ÉRTESÍTŐ: A NÉPRAJZI MŰSEUM ÉVKONYVE</b>				Localidade <b>Budapeste</b>	Cota <b>Bib. S/ 413</b>

Título: <b>NORWEGIAN ARCHAEOLOGICAL REVIEW</b>					
Endereço:					
Ed./dir.: Norwegian Universities					
Forma de entrada: Legado Dr. Eduardo Serrão					Cota <b>Bib. S/ 441</b>
Obs.					
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1976	9	Nº 2			
Título: <b>NORWEGIAN ARCHAEOLOGICAL REVIEW</b>				Localidade <b>Norway</b>	Cota <b>Bib. S/ 441</b>

Título: <b>NOVA AUGUSTA: REVISTA TORREJANA DE CULTURA</b>					
Endereço:					
Ed./dir.: Biblioteca e Museu Municipal de Torres Novas					
Forma de entrada: Legado Dr. Eduardo Serrão					Cota <b>Bib. S/ 450</b>
Obs.					
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1962	1				
Título: <b>NOVA AUGUSTA: REVISTA TORREJANA DE CULTURA</b>				Localidade <b>Torres Novas</b>	Cota <b>Bib. S/450</b>

Título: <b>NUMISMA</b>					
Endereço: Av. da Igreja, 63 – C 1700 Lisboa					
Ed./dir.: <b>Mafalda Serrano Salgado, prop.</b>					
Forma de entrada: <b>Legado Dr. Eduardo Serrão</b>					Cota <b>Bib. S/ 448</b>
Obs. Periodic. Trimestral					
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1986	Nº 40	(Julho)			
Título: <b>NUMISMA</b>				Localidade <b>Lisboa</b>	Cota <b>Bib. S/ 448</b>

Título: <b>NUMISMATICA</b>					
Endereço: R. Vitor Cordon, 14 – 1ª 1200 LISBOA					
Ed./dir.: <b>Clube Numismático de Portugal</b>					
Forma de entrada: <b>Legado Dr. Eduardo Serrão</b>					Cota <b>Bib. S/ 445</b>
Obs. Periodic.					
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1980	16, 18	A. VII			
Título: <b>NUMISMATICA</b>				Localidade <b>Lisboa</b>	Cota <b>Bib. S/ 445</b>

Título: <b>OCIDENTE : REVISTA PORTUGUESA DE CULTURA</b>					
Endereço:					
Ed./dir.: <b>Maria Teresa de A. A. Pinto</b>					
Forma de entrada: <b>Legado Dr. Eduardo Serrão</b>					Cota <b>Bib. S/ 447</b>
Obs. Periodic.					
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1979	Nº especial				
Título: <b>OCIDENTE : REVISTA PORTUGUESA DE CULTURA</b>				Localidade <b>Lisboa</b>	Cota <b>Bib. S/ 447</b>

Título: <b>POPULATION</b>					
Endereço:					
Ed./dir.: <b>Institut National D'Études Démographiques</b>					
Forma de entrada: <b>Legado Dr. Eduardo Serrão</b>					Cota <b>Bib. S/ 415</b>
Obs. Periodic.					
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1947	A. 2	Nº 1			
Título: <b>POPULATION</b>				Localidade <b>Paris</b>	Cota <b>Bib. S/ 415</b>

Título: <b>RAIZ &amp; UTOPIA</b>					
Endereço: R. João da Silva, 14 – A Carcavelos					
Ed./dir.: <b>Dir. António José Saraiva, e outros</b>					
Forma de entrada: <b>Legado Dr. Eduardo Serrão</b>					Cota <b>Bib. S/ 416</b>
Obs. Periodic. Trimestral					
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1977	1				
Título: <b>RAIZ &amp; UTOPIA</b>				Localidade <b>Carcavelos</b>	Cota <b>Bib. S/ 416</b>

Título: <b>REVISTA DE GUIMARÃES</b>					
Endereço:					
Ed./dir.: <b>Sociedade Martins Sarmiento</b>					
Forma de entrada: <b>Legado Dr. Eduardo Serrão</b>					Cota <b>Bib. S/ 403</b>
Obs.					Periodic.
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1949	59	1-2, 3-4,			
1955	65	3-4,			
1960	70	1-2,			
1961	71	1-2, 3-4,			
1962	72	1-2, 3-4,			
1963	73	1-2, 3-4,			
1964	74	1-2, 3-4,			
1965	75	1-2,			
1966	76	3-4,			
1967	77	1-2, 3-4,			
1968	78	1-2, 3-4,			
1969	79	1-2, 3-4,			
1970	80	1-2, 3-4,			
1971	81	1-2, 3-4,			
1972	82	1-2, 3-4,			
1973	83	1-4,			
1974	84	1-4,			
1977	87				
Título: <b>REVISTA DE GUIMARÃES</b>				Localidade <b>Guimarães</b>	Cota <b>Bib. S/ 403</b>

Título: <b>SAGUNTUM: PAPELES DEL LABORATORIO DE ARQUEOLOGIA DE VALENCIA</b>					
Endereço: Paseomal Mar, 28 Valencia – 10 Espanha					
Ed./dir.: <b>Departamento de Prehistoria y Arqueologia: Facultad de Geografia y Historia</b>					
Forma de entrada: <b>Legado Dr. Eduardo Serrão</b>					Cota <b>Bib. S/ 410</b>
Obs.					Periodic.
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1977	12				
1978	13				
Título: <b>SAGUNTUM: PAPELES DEL LABORATORIO DE ARQ. DE VALENCIA</b>				Localidade <b>Valencia</b>	Cota <b>Bib. S/ 410</b>

Título: <b>SCIENCE ET VIE</b>					
Endereço:					
Ed./dir.: <b>Science et Vie</b>					
Forma de entrada: <b>Legado Dr. Eduardo Serrão</b>					Cota <b>Bib. S/ 443</b>
Obs.					Periodic.
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1979	Nº 129	Fora de Série			
Título: <b>SCIENCE ET VIE</b>				Localidade <b>Paris</b>	Cota <b>Bib. S/ 443</b>

Título: <b>SEARA NOVA</b>												
Endereço:												
Ed./dir.: <b>Empresa de Publicidade Seara Nova</b>												
Forma de entrada: <b>Legado Dr. Eduardo Serrão</b>										Cota <b>Bib. S/ 432</b>		
Obs: * = 2 exempl.										Periodicidade Mensal		
Ano	Janeiro	Fever.	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setem.	Outub.	Novem.	Dezem.
1959										1368		
1971												1514
1972								1522				
1973		1528	1528									
1974												1550
1975				1554		1556			1559	1560	1561	1562*
1976	1563	1564	1565	1566		1568	1569	1570	1571	1572	1573*	1574
1977	1575			1578		1580	1581	1582	1583	1584		1586
1978	1587		1589	1590								
Título: <b>SEARA NOVA</b>							Localidade - <b>Lisboa</b>				Cota <b>Bib. S/ 432</b>	

Título: <b>SETÚBAL ARQUEOLÓGICA</b>												
Endereço:												
Ed./dir.: <b>Museu de Arqueologia e Etnologia da Junta Distrital de Setúbal</b>												
Forma de entrada: <b>Legado Dr. Eduardo Serrão</b>										Cota <b>Bib. S/ 423</b>		
Obs.										Periodic.		
Ano	Volume		Obs.		Ano	Volume		Obs.				
1975	I											
1992	IX-X											
Título: <b>SETÚBAL ARQUEOLÓGICA</b>							Localidade <b>Setúbal</b>			Cota <b>Bib. S/ 423</b>		

Título: <b>TRABALHOS DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA</b>												
Endereço: Faculdade de Ciências do Porto - Praça Gomes Teixeira - 4000 PORTO												
Ed./dir.: <b>Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia</b>												
Forma de entrada: <b>Legado Dr. Eduardo Serrão</b>										Cota <b>Bib. S/ 404</b>		
Obs.										Periodic.		
Ano	Volume		Obs.		Ano	Volume		Obs.				
1954	15		fasc. 1-2,		1989	29		fasc. 1-4,				
1955/57	15		fasc. 3-4,		1990	30		fasc. 1-4				
1958	16		fasc. 1-4,		1991	31		fasc. 1-4,				
1959	17		fasc. 1-4,		1992	32		fasc. 1-4,				
1960/61	18		fasc. 1-2,		1995	35		fasc. 4,				
1961/62	18		fasc. 3-4,									
1963	19		fasc. 1, 2,									
1964	19		fasc. 3-4,									
1965/66	20		fasc. 1-2,									
1967/68	20		fasc. 3-4,									
1969	21											
1971	22		fasc. 1									
1973	22		fasc. 2, 3,									
1975	22		fasc. 4,									
1977	23		fasc. 1,									
1980	23		fasc. 4,									
1981	24		fasc. 1,									
1982	24		fasc. 2,									
1983	24		fasc. 3,									
1984	24		fasc. 4,									
1985	25		fasc. 1, 2-4,									
1986	26		fasc. 1-4,									
1988	28		fasc. 3-4,									
Título: <b>TRABALHOS DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA</b>							Localidade <b>Porto</b>			Cota <b>Bib. S/ 404</b>		

Título: <b>ZEISS INFORMATION</b>					
Endereço: D - 7082 Oberkochen, West Germany					
Ed./dir.: <b>Carl Zeiss</b>					
Forma de entrada: <b>Legado Dr. Eduardo Serrão</b>					Cota <b>Bib. S/ 438</b>
Obs.					Periodic.
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1977	22	Nº 84			
Título: <b>ZEISS INFORMATION</b>			Localidade <b>Alemanha</b>		Cota <b>Bib. S/ 438</b>

Título: <b>ZEPHYRUS</b>					
Endereço: Apartado Postal 325 - Salamanca					
Ed./dir.: <b>Universidad de Salamanca: Facultad de Filosofia y Letras</b>					
Forma de entrada: Legado Dr. Eduardo Serrão					Cota <b>Bib. S/ 420</b>
Obs.					Periodic.
Ano	Volume	Obs.	Ano	Volume	Obs.
1958	IX				
1982	XXXIV-XXXV				
Título: <b>ZEPHYRUS</b>			Localidade <b>Salamanca</b>		Cota <b>Bib. S/ 420</b>

## Publicações Não Periódicas

- Título ABADE DE BAÇAL: ALGUMAS FACETAS DA SUA PERSONALIDADE (O)  
 Autor BRANDÃO, Domingos de Pinho  
 Zona ed. Porto: Junta Distrital do Porto, (s.d)  
 Temático 1. Centenários: Pe. Francisco Manuel Alves – Abade de Baçal  
 Notas Sep. de: "Revista de Etnografia", N.º 10  
 Registo 7101 Cota Bib. S/cx. 5 – 19
- Título ABRIGOS PINTADOS DE LOS ALREDEDORES DE SANTOLEA – TERUEL (LOS)  
 Autor RIPOL PERELÓ, Eduardo  
 Zona ed. Barcelona: Instituto de Prehistoria Y Arqueología de la Diputación Provincial de Barcelona, 1961  
 Temático 1. Arte Rupestre: Santolea – Teruel  
 Notas (Monografías de Arte Rupestre: Arte Levantino; 1)  
 Registo 7785 Cota Bib. S/316
- Título ACAMPAMENTO LANGUEDOCENSE COM INDÚSTRIA MIRENSE A SUL DE V. N. DE MILFONTES – A PEDRA DE D. RODRIGO (UM)  
 Autor ZBYSZEWSKI, Georges; PENALVA, Carlos  
 Zona ed. Lisboa: Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos, 1978  
 Temático 1. Achados Arqueológicos: Vila Nova de Milfontes  
 Notas Sep. de: "Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal", T. LXIII  
 Registo 7651 Cota Bib. S/cx. 14 – 10
- Título ACASO E A NECESSIDADE: ENSAIO SOBRE A FILOSOFIA NATURAL DA BIOLOGIA MODERNA (O)  
 Autor MONOD, Jacques; SAINT-JACQUES, Clos; pref.  
 Zona ed. (s.l.): Europa América, 1970  
 Temático 1. Biologia Moderna 2. Filosofia Natural  
 Notas 2ª. ed.  
 Registo 6232 Cota Bib. S/57
- Título ACERCA DE LA CERÂMICA DEL BRONCE TARDIO EN EL SUR Y OESTE PENINSULAR  
 Autor SCHUBART, Hermanfrid  
 Zona ed. (s.l.): (s.n.), 1971  
 Temático 1. Cerâmica: Idade do Bronze  
 Notas Sep. de: "Trabajos de Prehistoria", 1971, Vol.28  
 Registo 7216 Cota Bib. S/cx 18 – 19
- Título ACERCA DE MÉTODOS DE ESCAVAÇÃO E DE DETERMINAÇÃO DO RÁDIO CARBONO 14 EM ARQUEOLOGIA  
 Autor FERREIRA, Octávio da Veiga  
 Zona ed. Beja: (s.n.), 1965  
 Temático 1. Escavações Arqueológicas: Métodos  
 Notas Sep. de: "Arquivo de Beja", 1965, Vol. XXII  
 Registo 7332 Cota Bib. S. / cx. 8 – 5
- Título ACERCA DOS MONUMENTOS DOLMÉNICOS DA BACIA DO VOUGA  
 Autor CASTRO, Luis de Albuquerque; FERREIRA, Octávio da Veiga; VIANA, Abel  
 Zona ed. Coimbra: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, 1957  
 Temático 1. Monumentos Dolméricos: Bacia do Vouga  
 Notas Sep. das publicações do XXIII Congresso luso- Espanhol, t. VIII  
 Registo 7421 Cota Bib. S/cx. 10 – 17
- Título ACHADO DA "ÉPOCA DO BRONZE" DE VILA COVA DE PERRINHO – VALE DE CAMBRA  
 Autor BRANDÃO, Domingos de Pinho  
 Zona ed. Porto: Marânus, 1963  
 Temático 1. Achados Arqueológicos: Vale de Cambra  
 Notas Sep. de: "Actas do II Colóquio Portuense de Arqueologia". In: Lucerna, 1963, Vol. III  
 Registo 7228 Cota Bib. S/cx. 6 – 28
- Título ACHADOS DA IDADE DO BRONZE NO MONTE DA PENA – BARRO / TORRES VEDRAS: NOTÍCIA PRÉVIA  
 Autor MADEIRA, João; (et al.)  
 Zona ed. Lisboa: (s.n.), 1972  
 Temático 1. Achados Arqueológicos: Idade do Bronze – Torres Vedras  
 Notas Sep. de: "Arqueólogo Português", S. III, Vol. VI  
 Registo 7647 Cota Bib. S/ cx. 14 – 6
- Título ACONTECIMENTOS LENDAS E TRADIÇÕES DA REGIÃO SETUBALENSE  
 Autor CARVALHO, Almeida  
 Zona ed. Setúbal: Junta Distrital de Setúbal, 1968-1972  
 Temático 1. História: Setúbal  
 Notas Vol. I (1968); II (1968); III (1969); IV – I, II (1970); V (1972); VI (1972)  
 Registo 6799 Cota Bib. S/ 34 – 40

Título	ACTAS DA 1.ª MESA REDONDA SOBRE O NEOLÍTICO E O CALCOLÍTICO EM PORTUGAL		
Autor	JORGE, Susana de Oliveira; introd.		
Zona ed.	Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, 1979		
Temático	1. Mesa Redonda: "O Neolítico e o Calcolítico em Portugal" – Porto, 1978		
Notas	(Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto; n.º 3). – 2 exemplares		
Registo	6813; 7848	Cota	Bib. S/ 29; Bib. S/ 206
Título	ACTAS DAS I JORNADAS ARQUEOLÓGICAS		
Autor	ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES; resp.		
Zona ed.	Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses; 1970		
Temático	1. Jornadas Arqueológicas: I – Lisboa 1969		
Notas	Vol. II		
Registo	8072	Cota	Bib. S/ 338
Título	ACTAS DAS II JORNADAS ARQUEOLÓGICAS		
Autor	ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES; resp.		
Zona ed.	Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1974		
Temático	1. Jornadas Arqueológicas: II – Lisboa 1972		
Notas	Vol. II		
Registo	8073	Cota	Bib. S/ 339
Título	ACTAS DAS III JORNADAS ARQUEOLÓGICAS – 1977		
Autor	ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES; resp.		
Zona ed.	Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1978		
Temático	1. Jornadas Arqueológicas: III – Lisboa 1977		
Notas	Vol. I		
Registo	8074	Cota	Bib. S/ 340
Título	ACTAS DO COLÓQUIO INTER-UNIVERSITÁRIO DE ARQUEOLOGIA DO NOROESTE: HOMENAGEM A RUI SERPA PINTO		
Autor	INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA; resp.		
Zona ed.	Coimbra: Inst. de Arqueo. da Fac. de Letras da Univ. de Coimbra, 1983-84		
Temático	1. Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste – 1983		
Notas	(Portugalia; IV – V)		
Registo	6827	Cota	Bib. S/ 20
Título	ACTAS DO II CONGRESSO NACIONAL DE ARQUEOLOGIA		
Autor	JUNTA NACIONAL DA EDUCAÇÃO; resp.		
Zona ed.	Coimbra: Ministério da Educação Nacional: Junta Nacional da Educação, 1971		
Temático	1. Congresso Nacional de Arqueologia – II		
Notas	Vol. II		
Registo	8612	Cota	Bib. S/ 28
Título	ACTAS DO SEMINÁRIO DE ARQUEOLOGIA DO NOROESTE PENINSULAR		
Autor	SOCIEDADE MARTINS SARMENTO; resp.		
Zona ed.	Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento, 1980		
Temático	1. Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular – 1979		
Notas	(Revista de Guimarães) 3 vol.		
Registo	6846	Cota	Bib. S/ 85 – 87
Título	ACTAS E MEMÓRIAS DO 1.º COLÓQUIO DE ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA DO CONCELHO DE PENAMACOR		
Autor	ARCINPE – ASSOCIAÇÃO REGIONAL ARQUEOLÓGICA E DEFESA DO PATRIMÓNIO DE CASTELO-BRANCO, IDANHA-A-NOVA E PENAMACOR; resp.		
Zona ed.	Penamacor: Associação Regional Arqueológica e Defesa do Património, 1982		
Temático	1. Colóquios: Arqueologia e História do Concelho de Penamacor – 1.º		
Registo	6838	Cota	Bib. S/ 77
Título	ACTAS E MEMÓRIAS DO I CONGRESSO NACIONAL DE ARQUEOLOGIA		
Autor	ALMEIDA, Fernando de; pref.		
Zona ed.	Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1959		
Temático	1. Congresso Nacional de Arqueologia – I – 1958		
Notas	Vol. I		
Registo		Cota	Bib. S/300
Título	ACTIVIDADE DO GRUPO AMADOR JUVENIL DE ARQUEOLOGIA DE CASTELO BRANCO: A ERMIDA DE SANTO ANTÓNIO EM ALFRIVIDA – PARAIS – VILA VELHA DE RODÃO		
Autor	HENRIQUES, Francisco José Ribeiro		
Zona ed.	(s.l.): (s.n.), 1973		
Temático	1. Monumentos: Ermida de S. António – Vila Velha de Rodão		
Notas	7798	Cota	Bib. S/cx. 17 – 30

Título	AFONSO DE ALBUQUERQUE: O SONHO DA INDIA		
Autor	SANCEAU, Elaine; SANTOS, José Francisco dos; trad.		
Zona ed.	Porto: Civilização, 1943		
Temático	1. Expansão Portuguesa – Séc. XV; 2. Viagens: Afonso de Albuquerque – India; 3. Conquistas: Afonso de Albuquerque		
Notas	2.ª ed.		
Registo	6981	Cota	Bib. S/ 259
Título	AGE DE LA PIERRE (L')		
Autor	SONNEVILLE-BORDES, Denise de		
Zona ed.	Paris: Presses Universitaires de France, 1965		
Temático	1. História: Idade da Pedra		
Notas	2.ª ed. (Que sais-je?; 948)		
Registo	6995	Cota	Bib. S/ 275
Título	AGE DU BRONZE (L')		
Autor	BRIARD, Jacques		
Zona ed.	Paris: Presses Universitaires de France, 1964		
Temático	1. História: Idade do Bronze		
Notas	2.ª ed. (Que sais-je?; 835)		
Registo	7207	Cota	Bib. S/ 283
Título	AGOSTINHO BARBOSA: O SEGUNDO LEXICÓGRAFO PORTUGÊS DA LINGUA LATINA		
Autor	ALMEIDA, Justino Mendes		
Zona ed.	Guimarães: (s.n.), 1965		
Temático	1. Bibliografia: Agostinho Barbosa		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães", 1965, Vol. LXXV		
Registo	7525	Cota	Bib. S/ cx. 12 – 3
Título	AINDA A PRETENZA RELAÇÃO CAETOBRIGA STWYR / STUBR		
Autor	FERREIRA, Fernando Bandeira		
Zona ed.	Coimbra: Universidade de Coimbra, 1965		
Temático	1. Etimologia: Caetobriga		
Notas	Sep. de: "Conimbriga", 1965, Vol. IV		
Registo	7500	Cota	Bib. S/ cx. 11 – 3
Título	ALBERTO SAMPAIO: BREVE NOTÍCIA DA SUA VIDA E OBRA		
Autor	CARDOSO, Mário		
Zona ed.	Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, 1959		
Temático	1. Biografias: Alberto Sampaio 2. Bibliografia: Alberto Sampaio		
Notas			
Registo	7093	Cota	Bib. S/ cx. 5 – 11
Título	ALDENHOVENER PLATTE: UM PROJECTO ARQUEOLÓGICO DE EMERGÊNCIA NA R. F. A .		
Autor	BAPTISTA, António Martinho; MARTINS, Maria Manuela		
Zona ed.	Porto: (s.n.), 1978		
Notas	Sep. de: "Aspectos e Métodos da Pré-História", Porto, N.º 1		
Registo	7011	Cota	Bib. S/ cx. 3 – 34
Título	ALFARERIAS DE EPOCA FENICIA Y PUNICO-MAURITANA EN KUASS (ARCILA, MARRUECOS)		
Autor	PONSICH, Michel		
Zona ed.	Valencia: Facultad de Filosofia y Letras: Universidad de Valencia, 1968		
Temático	1. Arqueologia: Época Fenícia – Marrocos		
Notas	(Papeles del Laboratorio de Arqueologia de Valencia; 4)		
Registo	7920	Cota	Bib. S/ cx. 1 – 2
Título	ALGARVE NA HISTÓRIA DE PORTUGAL (O)		
Autor	IRIA Junior, Joaquim Alberto		
Zona ed.	Faro: (s.n.), 1979		
Temático	1. História de Portugal: Algarve		
Notas	Sep. de: "Correio do Sul", 1979		
Registo	7993	Cota	Bib. S/ cx. 19 – 34
Título	ALIANÇA INGLESA: NOTAS DE HISTÓRIA DIPLOMÁTICA – 1383-1943		
Autor	GUEDES, Armando Marques		
Zona ed.	Lisboa: Editorial Enciclopédia, 1943		
Temático			
Notas	Nova ed. actualizada		
Registo	7209	Cota	Bib. S/ 279

Título	ANÁLISE NÃO DESTRUTIVA DE MOEDAS DE BOLHÃO DE D. FERNANDO POR ESPECTROMETRIA DE FLUORESCÊNCIA DE RAIOS X		
Autor	CABRAL, João M. Peixoto; MARQUES, Mário Gomes		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1980		
Temático	1. Numismática: Análise de Moedas		
Notas	Comunicação apresentada ao I Congresso Numismático de Portugal. Texto dactilografado		
Registo	7860	Cota	Bib. S/ 312 – 3
Título	ANÁLISE QUÍMICA DE QUATRO FIVELAS DE BRONZE		
Autor	FREIRE, Osvaldo		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa", 1968		
Temático	1. Química aplicada á arqueologia		
Notas	Sep. de: "Trabalhos de Antropologia e Etnologia", Vol. XX, fasc. 3-4		
Registo	8007	Cota	Bib. S/ cx. 19 – 25
Título	ANEOLITHISCHE SIEDLUNG AUF DEM MIRADOURO DOS CAPUCHOS (DIE)		
Autor	BUBNER, Thomas		
Zona ed.	Heidelberg: (s.n.), 1979		
Temático	1. Arqueologia: Miradouro dos Capuchos – Setúbal		
Notas			
Registo	7627	Cota	Bib. S/ cx. 13 – 26
Título	ÂNFORAS ROMANAS NO MUSEU DO MAR: CASCAIS		
Autor	CARDOSO, Guilherme		
Zona ed.	Coimbra: Universidade de Coimbra, 1978		
Temático	1. Arqueologia: Ânforas Romanas – Sado 2. Museu do Mar: Cascais		
Notas	Sep. de: "Conimbriga", 1978, Vol. XVII, p. 63-78		
Registo	7160	Cota	Bib. S/ cx. 5 – 47
Título	ANIVERSARIO DE LA FUNDACION DEL LABORATORIO DE ARQUEOLOGIA 1924-1974 (L')		
Autor	PERICOT, Luis; (et al.)		
Zona ed.	Valencia: Facultad de Filosofia y Letras de la Universidad de Valencia, 1975		
Temático	1. Instituições: Laboratorio de Arqueologia da Universidad de Valencia – 50º Aniversário		
Notas	(Papeles del Laboratorio de Arqueologia de Valencia; 11)		
Registo	7171	Cota	Bib. S/ 326
Título	ANTA DA AZINHEIRA: REGUENGOS DE MONSARAZ (A)		
Autor	PINA, Henrique Leonor		
Zona ed.	Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1962		
Temático	1. Escavações Arqueológicas: Anta da Azinheira – Reguengos de Monsaraz		
Notas	Sep. de: "Trabalhos de Antropologia e Etnologia", Vol. XIX, fac.1		
Registo	7273	Cota	Bib. S/ cx. 6 – 40
Título	ANTA DA CAPA ROTA – CASTELO BRANCO (A)		
Autor	LEITÃO, Manuel		
Zona ed.	Castelo Branco: (s.n.), (s.d.)		
Temático	1. Monumentos: Anta da Capa Rota – Castelo Branco		
Notas	Sep. de: "Estudos de Castelo Branco", Nova Série, n.º 4		
Registo	7648, 7418	Cota	Bib. S/cx. 14 – 8; cx. 10 – 20
Título	ANTA DA VELADA DAS ÉGUAS: BARROCAL-ÉVORA (A)		
Autor	PINA, Henrique Leonor; CARVALHO, A. M. Galopim de		
Zona ed.	Évora: Junta Distrital de Évora, 1962		
Temático	1. Monumentos: Anta da Velada das Éguas – Évora 2. Escavações Arqueológicas: Anta da Velada das Éguas – Évora		
Notas	Sep. de: "Boletim da Junta Distrital de Évora", N.º 2		
Registo	7277	Cota	Bib. S/ cx. 7 – 4
Título	ANTAS DO CONCELHO DE PORTALEGRE		
Autor	ISIDORO, Agostinho Farinha		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa", 1969		
Temático	1. Arqueologia: Antas do Concelho de Portalegre		
Notas	(Trabalhos do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa"; n.º 3)		
Registo	7414	Cota	Bib. S/ cx. 10 – 24
Título	ANTAS DOS ARREDORES DE ÉVORA		
Autor	LEISNER, Georg		
Zona ed.	Évora: Nazareth, 1949		
Temático	1. Arqueologia : Antas – Évora 2. Monumentos Megalíticos – Évora		
Notas	Sep. de: "A Cidade de Évora", n.º 15 – 18		
Registo	6961	Cota	Bib. S/ 231

Título	ANTAS NAS HERDADES DA CASA DE BRAGANÇA NO CONCELHO DE ESTREMOZ		
Autor	LEISNER, Georg; LEISNER, Vera		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1955		
Temático	1. Monumentos Megalíticos: Casa de Bragança – Estremoz		
Notas			
Registo	7690	Cota	Bib. S/ cx. 15 – 13
Título	ANTHROPOLOGIE		
Autor	SAPIR, Edward		
Zona ed.	Paris: Éditions de Minuit, 1967		
Temático	1. Antropologia		
Notas			
Registo	6246	Cota	Bib. S/ 115
Título	ANTIGONSLUCENTUM: UNA CIUDAD ROMANA EN EL CASCO URBANO DE ALICANTE (ELS)		
Autor	TARRADELL, M.; MARTÍN, Gabriela		
Zona ed.	Valencia: Universidad de Valencia: Facultad de Filosofia y Letras, 1970		
Temático	1. Cidades Romanas: Alicante		
Notas			
Registo	6825	Cota	Bib. S/ 17
Título	ANTIGUIDADES DE FONTALVA – ELVAS		
Autor	PAÇO, Afonso do; FERREIRA, Octávio da Veiga		
Zona ed.	Guimarães: (s.n.), 1951		
Temático	1. Achados Arqueológicos: Herdade de Fontalva – Elvas		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães", Vol. LXI		
Registo	7051	Cota	Bib. S/ cx. 4 – 27
Título	ANTIGUIDADES PREHISTORICAS DO CONCELHO DA FIGUEIRA		
Autor	ROCHA, António dos Santos		
Zona ed.	Coimbra: Universidade de Coimbra, 1900		
Temático	1. Monumentos Pré-Históricos: Concelho da Figueira		
Notas	4.ª Parte		
Registo	7827	Cota	Bib. S/ cx. 18 – 21
Título	ANTOLOGIA DA HISTORIOGRAFIA PORTUGUESA		
Autor	MARQUES, A. H. de Oliveira; org., pref., anot.		
Zona ed.	Mem Martins: Europa América, 1974-1975		
Temático	1. Historiografia Portuguesa		
Notas	Vol. 1, 2		
Registo	6989	Cota	Bib. S/ 267-268
Título	ANTROPOLOGIA		
Autor	HEBERER, Herhard; (et al.)		
Zona ed.	Lisboa: Meridiano, 1967		
Temático	1. Antropologia		
Notas	Tit. orig. "Anthropologie" / trad. de A. Dias Ribeiro; (et al.)		
Registo	6244	Cota	Bib. S/ 145
Título	ANTROPOLOGIA E HISTÓRIA		
Autor	CORRÊA, A. A. Mendes		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 1954		
Temático	1. Antropologia		
Notas			
Registo	6877	Cota	Bib. S/ 253
Título	ANTROPOLOGIA ECONÓMICA: CORRENTES E PROBLEMAS (A)		
Autor	Démonio, Lucien ; (et al.)		
Zona ed.	Lisboa: Edições 70, 1978		
Temático	1. Antropologia Económica		
Notas	Tit. orig. "L'Anthropologie Économique", ed. 1976 / trad. Ana M. Bessa		
Registo	6243	Cota	Bib. S/ 66
Título	ANTROPOLOGIA: AMPLITUDE E FINALIDADE DESTA CIÊNCIA		
Autor	SANTOS JÚNIOR, J. R. dos		
Zona ed.	Porto: Instituto de antropologia "Dr. Mendes Corrêa", 1971		
Temático	1. Antropologia		
Notas	(Trabalhos do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa", 8)		
Registo	7135	Cota	Bib. S/ cx. 5 – 41
Título	ANTROPOLOGIA: CIÊNCIA DAS SOCIEDADES PRIMITIVAS?		
Autor	COPANS, Jean; (et al)		
Zona ed.	Lisboa: Edições 70, 1974		
Temático	1. Antropologia		
Notas	Tit. orig. "L'Anthropologie: Science des Sociétés Primitives" / trad. J. Pinto de Andrade		
Registo	6245	Cota	Bib. S/ 144

Título	APLICAÇÃO DE MÉTODOS DA FÍSICA Á ARQUEOLOGIA (A)		
Autor	AITKEN, M. J.		
Zona ed.	Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1965		
Temático	1. Arqueologia: Aplicação de Métodos da Física		
Notas	Sep. de: "Trabalhos de Antropologia e Etnologia", Vol. XIX, fasc. 2		
Registo	7584	Cota	Bib. S/ cx. 12 – 24
Título	APONTAMENTO ETNOGRÁFICO REGIONAL – LENDAS		
Autor	HENRIQUES, Francisco José Ribeiro		
Zona ed.	(Vila Velha de Ródão: (s.n.), 1974)		
Temático	1. Etnografia: Lendas		
Notas	(In: "Portas de Ródão", 1974, n.º 89). Fotocópias		
Registo	7800	Cota	Bib. S/ cx. 17 – 28
Título	APONTAMENTOS ARQUEOLÓGICOS DE BRAGA DE JOSÉ TEIXEIRA: O SALVAMENTO DE BRACARA AUGUSTA – IV (OS)		
Autor	OLIVEIRA, Eduardo Pires de		
Zona ed.	Braga: (s.n), 1978		
Temático	1. Arqueologia: Braga		
Notas	2. Bibliografia: Apontamentos Arqueológicos		
Registo	Sep. de: "Minia", 2.ª S., Ano I, n.º 1, 1978 7074	Cota	Bib. S/ Cx. 4 – 6
Título	APONTAMENTOS ARQUEOLÓGICOS DOS CONCELHOS DE ALJUSTREL E ALMODÔVAR		
Autor	VIANA, Abel; FERREIRA, Octávio da Veiga; SERRALHEIRO, António		
Zona ed.	Coimbra: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, 1957		
Temático	1. Arqueologia: Concelhos de Aljustrel e Almodôvar		
Notas	Sep. de: "XXII Congresso Luso- Espanhol", T. VIII		
Registo	7765	Cota	Bib. S/ cx. 16 – 25
Título	APONTAMENTOS BIBLIOGRAFICOS DO CENTENÁRIO DE LEITE DE VASCONCELOS		
Autor	CHAVES, Fernando José de Oliveira Castelo-Branco		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1959		
Temático	1. Centenário: Leite de Vasconcelos		
Notas	Sep. de: "Revista de Portugal", S.A – Língua Portuguesa, Vol. XXIV, 1954		
Registo	7094	Cota	Bib. S/cx. 5 – 12
Título	APROVEITAMENTOS HIDRÁULICOS ROMANOS A SUL DO TEJO: CONTRIBUIÇÃO PARA A SUA INVENTARIAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO		
Autor	QUINTELA, António de Carvalho, (et. al.)		
Zona ed.	Lisboa: Ministério do Plano e da Administração do Território, 1968		
Temático	1. Arqueologia: Obras hidráulicas romanas – Portugal		
Notas			
Registo	7352	Cota	Bib. S/ 304
Título	ARA DEDICADA A JÚPITER DO VALE DA SENHORA DA PÓVOA – PENAMACOR		
Autor	BRANDÃO, Domingos de Pinho; PEREIRA, José Miguel		
Zona ed.	Porto: Marânus, 1962		
Temático	1. Arqueologia: Ara dedicada a Júpiter – Penamacor		
Notas	2. Monumentos Votivos: Ara de granito – Penamacor		
Registo	Sep. de: "Actas do I Colóquio Portuense de Arqueologia" 7330	Cota	Bib. S./ cx. 8 – 7
Título	ARA FUNERARIA DE ASTA REGIA Y OTROS HALLAZGOS		
Autor	ESTEVE GUERREIRO, Manuel		
Zona ed.	Madrid: (s.n.), 1958		
Temático	1. Epigrafia: Ara Funerária		
Notas	Sep. de: "Archivo Español de Arqueologia", Vol. XXXVI, n.º 107 – 108, (2 artigos juntos)		
Registo	7068	Cota	Bib. S/ cx. 4 – 12
Título	ARA VOTIVA DA LOUSÃ		
Autor	FERREIRA, Octávio da Veiga		
Zona ed.	Guimarães: Companhia Editora do Minho, 1952		
Temático	1. Achados Arqueológicos: Ara votiva – Lousã		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães", Vol. LXII		
Registo	7125	Cota	Bib. S/ cx. 5 – 31
Título	ARÂNYOK ÉS MÉRTÉKEK AZ ÁTÁNYI GAZDÁLKODÁSBAN		
Autor	TAMÁS; Hofer		
Zona ed.	Budapeste: Néprajzi Muzem, 1967		
Temático			
Notas			
Registo	6975	Cota	Bib. S/ 257

Título	ARCHAEOLOGY FROM THE EARTH		
Autor	WHEELER, Mortimer		
Zona ed.	Londres: Penguin Books, 1956		
Temático	1. Arqueologia: Escavações		
Notas	1.ª Ed. 1954		
Registo	6753	Cota	Bib. S/ 131
Título	ARCHAEOLOGY IN BRITAIN: OBSERVING THE PAST		
Autor	HUME, Noel		
Zona ed.	Londres: W. & G. Foyle, 1953		
Temático	1. História: Arqueologia 2. Arqueologia: Inglaterra		
Notas			
Registo	6264	Cota	Bib. S/119
Título	ARCHEOLOGIE EN U.R.S.S. (L')		
Autor	MONGAIT, Alexandre		
Zona ed.	Moscovo: Academie des Sciences de L'U.R.S.S., 1959		
Temático	1. Arqueologia: U.R.S.S.		
Notas			
Registo	6913	Cota	Bib. S/ 197
Título	ARCHÉOLOGIE PRÉHISTORIQUE (L')		
Autor	LAMING, Annette		
Zona ed.	Paris: Seuil, 1963		
Temático	1. Arqueologia: Pré-História 2. Arqueologia: Técnicas de pesquisa		
Registo	6761	Cota	Bib. S/ 134
Título	ARMÉE DE PORTUGAL (L')		
Autor	SALGADO, Francisco Cardoso; SERRÃO, Eduardo da Cunha		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1973		
Temático	1. Filatelia		
Notas	Sep. de: "Revista dos Correios e Telecomunicações", 1973, Jan.-Março, n.º 25		
Registo	8001	Cota	Bib. S/ cx. 19 – 23
Título	ARQUEOLOGIA		
Autor	SCHUCHHARDT, Walter-Herwig; coord.		
Zona ed.	Lisboa: Meridiano, 1972		
Temático	1. Arqueologia 2. Enciclopédias: Arqueologia		
Notas	Col. "Enciclopédia Meridiano/Fischer"		
Registo	6867	Cota	Bib. S/ 124
Título	ARQUEOLOGIA CLÁSSICA		
Autor	RAMÓN MÉLIDA, José		
Zona ed.	Barcelona: Labor, 1952		
Temático	1. Arqueologia Clássica		
Notas	Reimpressão. – 1.ª Ed. 1933		
Registo	6261	Cota	Bib. S/ 118
Título	ARQUEOLOGIA DA ARRÁBIDA		
Autor	SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina		
Zona ed.	(s.l.): (s.n.), (s.d.)		
Temático	1. Arqueologia: Paleolítico – Arrábida		
Notas	(Parques Naturais; 15)		
Registo	7591	Cota	Bib. S/ 12 – 29
Título	ARQUEOLOGIA DA ARRÁBIDA		
Autor	SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina		
Zona ed.	Lisboa: Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação de Natureza, 1986		
Temático	1. Arqueologia: Arrábida – Portugal		
Notas			
Registo	6266	Cota	Bib. S/ 62
Título	ARQUEOLOGIA DA COSTA DO SOL		
Autor	PAÇO, Afonso do		
Zona ed.	Estoril: Junta de Turismo da Costa do Sol, 1957		
Temático	1. Arqueologia: Grutas de Alapraia – Estoril		
Notas			
Registo	7676	Cota	Bib. S/ cx. 14 – 20

Título	ARQUEOLOGIA DA PENÍNSULA HISPÂNICA: DO PALEOLÍTICO À ROMANIZAÇÃO		
Autor	RODRIGUES, Adriano Vasco; PINA, Luís de; pref.		
Zona ed.	Porto: Porto Editora, distr., (s.d.)		
Temático	1. Arqueologia: Península Hispânica		
Notas			
Registo	6938	Cota	Bib. S/ 241
Título	ARQUEOLOGIA DE ALPIARÇA: AS ESTAÇÕES REPRESENTADAS NO MUSEU DO INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DO PORTO		
Autor	MARQUES, Gustavo		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa", 1972		
Temático	1. Estações Arqueológicas – Alpiarça 2. Museus: Instituto de Antropologia do Porto		
Notas	(Trabalhos do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa; N.º 13)		
Registo	7216	Cota	Bib. S/ cx. 6 – 16
Título	ARQUEOLOGIA E SOCIEDADE: RECONSTITUIÇÃO DO PASSADO PRÉ-HISTÓRICO		
Autor	CLARK, Grahame; ALARCÃO, M. Isabel; Trad.		
Zona ed.	Coimbra: Livraria Almedina, 1966		
Temático	1. Arqueologia: Pré-História. 2. Sociologia: Vestígios Arqueológicos 3. Arqueologia: Achados		
Notas	4.ª Ed. (1.ª Ed. 1939; 2.ª Ed. rev. 1947; 3.ª Ed. rev., alt. 1957.)		
Registo	6268	Cota	Bib. S/ 32
Título	ARQUEOLOGIA E TURISMO NA REGIÃO DE ÉVORA		
Autor	PAÇO, Afonso do		
Zona ed.	Évora: (s.n.), 1963		
Temático	1. Arqueologia: Évora 2. Turismo Arqueológico: Évora		
Notas	Sep. de: "A Cidade de Évora", 1963, n.º 45-46		
Registo	7085	Cota	Bib. S/ cx. 5 – 5
Título	ARQUEOLOGIA EXPERIMENTAL		
Autor	COLES, John		
Zona ed.	Amadora: Bertrand, 1977		
Temático	1. Arqueologia Experimental		
Notas	Trad. da 1.ª ed. inglesa de 1973		
Registo	6263	Cota	Bib. S/ 67
Título	ARQUEOLOGIA NACIONAL E O TURISMO (A)		
Autor	CHAVES, Fernando José de Oliveira Castelo-Branco		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1967		
Temático	1. Arqueologia: Turismo		
Notas	Sep. de: "Ocidente", 1967, Vol. LXXIII		
Registo	7787	Cota	Bib. S/ cx. 17 – 8
Título	ARQUEOLOGIA NO CONTEXTO DA ACTUAL METODOLOGIA CIENTIFICA: UMA PERSPECTIVA (A)		
Autor	JORGE; Vítor Manuel de Oliveira		
Zona ed.	Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1970		
Temático	1. Arqueologia: Metodologia Científica Actual		
Notas	Sep. de: "Actas das I Jornadas Arqueológicas", 1970		
Registo	7346	Cota	Bib. S/ cx. 8 – 24
Título	ARQUEOLOGIA NO VALE DO TEJO		
Autor	SILVA, António Carlos; direc., coord.		
Zone ed.	Lisboa: Instituto Português do Património Cultural: Departamento de Arqueologia, 1987		
Temático	1. Exposições: Arqueologia no Vale do Tejo		
Notas			
Registo	6964	Cota	Bib. S/ 244
Título	ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTORICA BRASILEIRA		
Autor	PALLESTRINI, Luciana; MORAIS, José Luís de		
Zona ed.	São Paulo: Universidade de São Paulo, 1982		
Temático	1. Arqueologia Pré-Histórica Brasileira		
Notas			
Registo	7125	Cota	Bib. S/ 306
Título	ARQUEOLOGIA ROMANA DO ALGARVE		
Autor	SANTOS, Maria Luísa Estácio da Veiga Affonso dos		
Zona ed.	Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1972		
Temático	1. Arqueologia Romana: Algarve		
Notas			
Registo	8075	Cota	Bib. S/ 331

Título	ARQUEOLOGIA: QUE FUNÇÃO SOCIAL?		
Autor	SILVA, Carlos Tavares da; NEUSTUPNY, Jirí		
Zona ed.	Setubal: Museu de Arqueologia e Etnografia, 1977		
Temático	1. Arqueologia		
Notas			
Registo	7835	Cota	Bib. S/ cx. 19 – 7
Título	ARRONCHES JUNQUEIRO E TRÓIA DE SETÚBAL		
Autor	GONÇALVES, Victor dos Santos		
Zona ed.	Beja: (s.n.), 1965		
Temático	1. Arqueologia: Arronches Junqueiro – Setúbal		
Notas	Sep. de: "Arquivo de Beja", 1965, Vol. XXII		
Registo	7159	Cota	Bib. S/ cx. 5 – 46
Título	ARTE RUPESTRE DO NORTE DE ESPANHA: UMA PERSPECTIVA		
Autor	BAPTISTA, António Martinho		
Zona ed.	Porto: Instituto de Arqueologia, 1983-1984		
Temático	1. Arte Rupestre: Norte de Portugal		
Notas	Sep. de: "Portugalia"; 1983-1984, Nova Série, Vol. IV-V		
Registo	7624	Cota	Bib. S/ cx. 13 – 23
Título	ARTE RUPESTRE DO VALE DO TEJO (A)		
Autor	SERRÃO, Eduardo da Cunha		
Zona ed.	Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, 1978		
Temático	1. Arte Rupestre: Vale do Tejo – Portugal		
Notas	Sep. de: "Aspectos e Métodos da Pré-História" / Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. – N.º 1. – (3 artigos juntos)		
Registo	7872	Cota	Bib. S/ cx. 19 – 1
Título	ARTE RUPESTRE EM ANGOLA		
Autor	SANTOS JÚNIOR, J. Rodrigues dos		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa, 1974		
Temático	1. Arte Rupestre: Angola		
Notas	Sep. de: "Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia"		
Registo	7551	Cota	Bib. S/ cx. 12 – 9
Título	ARTE RUPESTRE EM PORTUGAL		
Autor	JORGE, Vítor Oliveira		
Zona ed.	Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1986		
Temático	1. Arte Rupestre: Portugal		
Notas	Sep. de: "Trabalhos de Antropologia e Etnologia", 1986, Vol. 26, Fasc. 1-4		
Registo	7108	Cota	Bib. S/ cx. 3 – 6
Título	ARTE RUPESTRE LEVANTINO		
Autor	BELTRÁN MARTÍNEZ, Antonio		
Zona ed.	Zaragoza: Seminario de Prehistoria y Protohistoria de la Facultad de Filosofía y Letras, 1968		
Temático	1. Arte Rupestre Levantina		
Notas	(Monografías arqueológicas; IV)		
Registo	7696	Cota	Bib. S/ 292
Título	ARTISTS AND CRAFTSMEN: IRISH ART TREASURES		
Autor	RÍORDÁIN, Breandán Ó; pref.		
Zona ed.	Irlanda: National Museum of Ireland, 1980		
Temático	1. Artistas		
	2. Arte: Artesanato – Irlanda		
Notas			
Registo	7970	Cota	Bib. S/ cx. 2 – 7
Título	ASPECTOS DA ARQUEOLOGIA ROMANA NO ALGARVE (ALGUNS)		
Autor	PEREIRA, Maria Luísa Estácio da Veiga Silva		
Zona ed.	Faro: (s.n.), 1977		
Temático	1. Arqueologia Romana – Algarve		
Notas	Sep. de: "Anais do Município de Faro", 1976		
Registo	7158	Cota	Bib. S/ cx. 5 – 45
Título	ASPECTOS DE INOVAÇÃO NA INDÚSTRIA PORTUGUESA DURANTE A SEGUNDA METADE DO SÉC. XVIII E O PRIMEIRO TERÇO DO SÉC. XIX		
Autor	SANTANA, Francisco José Gingeira		
Zona ed.	Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1984		
Temático	1. Indústria Portuguesa: Séc. XVIII-XIX		
Notas	Sep. de: "Anais" / A. P.H., 1984, IIª Série, Vol. 29		
Registo	7461	Cota	Bib. S/ cx. 10 – 3

Título	ASPECTOS E MÉTODOS DA PRÉ-HISTÓRIA		
Autor	JORGE, Eduardo; aprest.		
Zona ed.	Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, 1978		
Temático	1. Palestras: "Aspectos e Métodos da Pré-História" – Porto – 1977		
Notas	(Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto; 1)		
Registo	7822	Cota	Bib. S/ cx. 18 – 13
Título	ASPECTOS E MÉTODOS DA PRÉ-HISTÓRIA: CICLO DE PALESTRAS NA FUNDAÇÃO ENG.º ANTÓNIO DE ALMEIDA		
Autor	GRUPO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DO PORTO; resp.		
Zona ed.	Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, 1978		
Temática	1. Pesquisa Arqueológica: Métodos		
Notas	(Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto; n.º 1)		
Registo	6839	Cota	Bib. S/ 78
Título	ASPIRAÇÕES E CONTRADIÇÕES DA PEDAGOGIA CONTEMPORÂNEA		
Autor	SARAIVA, José Hermano		
Zona ed.	Lisboa: Grémio Literário, 1971		
Temático	1. Ensino: Portugal		
Notas			
Registo	6808	Cota	Bib. S/ 64
Título	ASTA REGIA: UNA CIUDAD TARTESICA		
Autor	GUERREIRO, Manuel Esteve		
Zona ed.	Barcelona: Universidad de Barcelona, 1969		
Temático	1. Escavações Arqueológicas: Mesas de Asta		
Notas	Sep. de: "Tartessos y sus Problemas: V Symposium Internacional de Prehistoria Peninsular", 1968		
Registo	7218	Cota	Bib. S/ cx. 6 – 19
Título	ATLAS DE PRÉHISTOIRE		
Autor	ALIMEN, H		
Zona ed.	Paris: N. Boubée, 1950		
Temático	1. Arqueologia: Pré-História		
Notas	Vol. 1		
Registo	6237	Cota	Bib. S/ 116
Título	ATRAMENTARIUM E STILUS DO MUSEU DE PENAFIEL		
Autor	BRANDÃO, Domingos de Pinho		
Zona ed.	Porto: Marânus, 1961		
Temático	1. Museus: Museu de Penafiel		
Notas	2. Objectos Arqueológicos: Tinteiro e estilete		
Registo	Sep. de: "Lucerna", Vol. 1, n.º 1, p. 188-190		
Registo	7157	Cota	Bib. S/ cx. 5 – 44
Título	AUBE DE LA CIVILISATION EUROPÉENNE (L')		
Autor	CHILDE, V. Gordon; CHATELAIN, Louis; trad., pref.		
Zona ed.	Paris. Payot, 1949		
Temático	1. Civilizações Europeias		
Notas	4.ª ed. rev.		
Registo	6818	Cota	Bib. S/ 23
Título	AVANCE AL ESTUDIO DE LA CUEVA DE LA LLOSETA: ARDINES, RIBADESELLA, ASTURIAS		
Autor	JORDÁ CERDÁ, Francisco		
Zona ed.	Oviedo: Diputacion Provincial de Asturias: Servicio de Investigaciones arqueológicas, 1958		
Temático	1. Escavações Arqueológicas: Cueva de la Lloseta – Asturias		
Notas	(Memorial del Servicio de Investigaciones Arqueologicas; 3)		
Registo	7695	Cota	Bib. S/ 305
Título	AVENTURA HUMANA (A)		
Autor	RAPOSO, Luís; REAL, Fernando C. S.; BERRIDGE, Richard		
Zona ed.	(s.l.): (s.n.), 198?		
Temático	1. Exposições: "A Aventura Humana", Lisboa, 1988		
Notas			
Registo	7588	Cota	Bib. S/ cx. 12 – 26
Título	BALANÇO DA PESQUISA ESPACIAL		
Autor	ESTRADÉ, Sebastián; (selec., not.)		
Zona ed.	Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1975		
Temático	1. Astronáutica: Colectânea		
Notas			
Registo	6794	Cota	Bib. S/ 135

Título	BARÕES DE OLDENBERG		
Autor	CASTELO BRANCO, João de Lemos Seixas		
Zona ed.	Braga: (s.n.), 1967		
Temático	1. Genealogia: Barão de Oldenberg		
Notas	Sep. de: "Boletim" / Academia Portuguesa de Ex-Libris, n.º 39-40		
Registo	7663	Cota	Bib. S/ cx. 15 – 4
Título	BATALHA DE ALJUBARROTA: COMEMORAÇÃO DO VI CENTENÁRIO		
Autor	BARATA, Manuel F. Themudo; BESSA, Carlos Gomes		
Zona ed.	Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1985		
Temático	1. Batalhas: Aljubarrota 2. Centenários: Batalha de Aljubarrota – VI		
Notas			
Registo	6933	Cota	Bib. S/ 208
Título	BEAKER METALLURGY IN SPAIN		
Autor	HARRISSON, Richard; QUERO, Salvador; PRIEGO, Mª Carmen		
Zona ed.	Cambridge: (s.n.), 1975		
Temático	1. Escavações Arqueológicas: El Ventorro – Madrid 2. Metalurgia: Espanha		
Notas	Sep. de: "Antiquity"		
Registo	7810	Cota	Bib. S/ cx. 18 – 11
Título	BEFORE CIVILIZATION: THE RADIOCARBON REVOLUTION AND PREHISTORIC EUROPE		
Autor	RENFREW, Colin		
Zona ed.	Inglaterra: Penguin Books, 1973		
Temático	1. Arqueologia: Problemas de Datação		
Notas			
Registo	6248	Cota	Bib. S/ 123
Título	BEGINNING IN ARCHAEOLOGY		
Autor	KENYON, Kathleen M.		
Zona ed.	Londres: Phoenix House, 1952		
Temático	1. Arqueologia: Técnicas de investigação		
Notas			
Registo	6259	Cota	Bib. S/ 96
Título	BIBLIOGRAFIA ARQUEOLÓGICA DE JOAQUIM FONTES – 1910-1960		
Autor	ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES; resp.		
Zona ed.	(Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1972)		
Temático	1. Bibliografia: Joaquim Fontes – 1910-1960		
Notas			
Registo	7509	Cota	Bib. S/ cx. 11 – 11
Título	BIBLIOGRAFIA ARQUEOLÓGICA PORTUGUESA (1935-1969)		
Autor	OLIVEIRA, Eduardo Pires de		
Zona ed.	Lisboa: Instituto Português do Património Cultural: Dep. de Arq., 1984		
Temático	1. Bibliografias: Arqueologia Portuguesa – 1935-1969		
Notas			
Registo	6836	Cota	Bib. S/ 75
Título	BIBLIOGRAFIA DE MÁRIO CARDOZO		
Autor	CARDOZO, Mário		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1958		
Temático	1. Bibliografias: Mário Cardozo		
Notas			
Registo	7043	Cota	Bib. S/ cx. 4 – 38
Título	BIBLIOGRAFIA HENRIQUINA		
Autor	COMISSÃO EXECUTIVA DAS COMEMORAÇÕES DO V CENTENÁRIO DA MORTE DO INFANTE D. HENRIQUE; resp.		
Zona ed.	Coimbra: Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1960		
Temático	1. Bibliografias: Infante D. Henrique		
Notas	Vol. I, II		
Registo	7198	Cota	Bib. S/ 288
Título	BINÁRIO PODEROSO: ARQUEOLOGIA E NUMISMÁTICA (UM)		
Autor	VITAL, Nestor Fátia		
Zona ed.	Lisboa: Clube Numismático de Portugal, 1983		
Temático			
Notas	Sep. de: "Numismática", 1983, Dezembro, n.º 31		
Registo	7427	Cota	Bib. S/ cx. 10 – 11

Título	BREVE INTRODUÇÃO Á PRÉ-HISTÓRIA DE ANGOLA		
Autor	JORGE, Vitor M. de Oliveira		
Zona ed.	1974		
Temático	1. Pré-História – Angola		
Notas	Texto dactilografado		
Registo	7003	Cota	Bib. S/ cx. 3 – 12
Título	BREVE INTRODUÇÃO Á PRÉ-HISTÓRIA DE ANGOLA		
Autor	JORGE, Vitor M. de Oliveira		
Zona ed.	Guimarães: Companhia Editora do Minho, 1975		
Temático	1. Pré-História – Angola		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães", 1975, Vol. XXXIV		
Registo	7005	Cota	Bib. S/ cx. 3 – 40
Título	BREVE NOTA RELEMBRANDO JOSÉ MATIAS DELGADO – 1865-1932		
Autor	JORGE; Vitor Oliveira		
Zona ed.	Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1974		
Temático	1. Biografias: José Matias Delgado – 1865-1932		
Notas	Sep. de: "Arqueologia e História", Vol. V		
Registo	7756	Cota	Bib. S/ cx. 17 – 3
Título	BREVES PALAVRAS SOBRE A QUESTÃO DE OURIQUE		
Autor	VEIGA, A. Botelho da Costa		
Zona ed.	Coimbra: Universidade de Coimbra, 1928		
Temático	1. História Militar: Questão de Ourique		
Notas	Sep. de: "O Instituto", Vol. 76, n.º 3		
Registo	7992	Cota	Bib. S/ cx. 19 – 35
Título	BRITISH BEAKERS AS SEEN FROM THE CONTINENT: A REVIEW ARTICLE		
Autor	LENTING, J. N.; WAALS, J. D. Van der		
Zona ed.	(s.l.): (s.n.), (s.d.)		
Notas	Fotocópia do artigo em folhas soltas		
Registo	7322	Cota	Bib. S/ cx. 8 – 2
Título	BRONZES ANTIQUES DU MAROC: LA STATUAIRE – I (LES)		
Autor	BOUBE-PICCOT, Christiane		
Zona ed.	Rabat: Direction des Monuments Historiques et des Antiques, 1969		
Temático	Arte: Estátuas de bronze – Marrocos		
Notas	2 volumes: um de texto e outro de estampas		
Registo	6823	Cota	Bib. S/ 12 – 13
Título	BRONZES ANTIQUES DU MAROC: LE MOBILIER – II (LES)		
Autor	BOUBE-PICCOT, Christiane		
Zona ed.	Rabat: Direction des Monuments Historiques et des Antiques, 1975		
Temático	Arte: Mobiliário de bronze antigo – Marrocos		
Notas	2 volumes: um de texto e outro de estampas		
Registo	6823	Cota	Bib. S/ 14 – 15
Título	C14 CHRONOLOGY AND THE BEAKER PROBLEM		
Autor	LANTING, J. N.; MOOK, W. G.; WAALS, J. D. Van der		
Zona ed.	(s.l.): (s.n.), 1973		
Temático			
Notas			
Registo	7357	Cota	Bib. S/ cx. 9 – 1
Título	CACERES: MAPA GEOLOGICO DE ESPAÑA		
Autor	GARCIA FIGUEROLA, L. C.; (et al.)		
Zona ed.	Madrid: Instituto Geológico y Minero de España, 1971		
Temático	1. Geologia: Mapa geológico – Espanha		
Notas	mapa desdobrável		
Registo	7842	Cota	Bib. S/ cx. 19 – 20
Título	CÁLCULO DO COEFICIENTE DE ENDOCRUZAMENTO OU DE CONSANGUINIDADE APARENTE DE UMA POPULAÇÃO		
Autor	CRUZ, J. Amorim Machado		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa", 1976		
Temático			
Notas	(Trabalhos do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa". 30)		
Registo	7142	Cota	Bib. S/ cx. 5 – 27

Título	CÂMARA MUNICIPAL DE BRAGA E A ARQUEOLOGIA – 1837 – 1974: O SALVAMENTO DE BRACARA AUGUSTA – VI (A)		
Autor	OLIVEIRA, Eduardo Pires de		
Zona ed.	Braga: (s.n.), 1979		
Temático	1. Arqueologia: Protecção de Património – Braga 2. Instituições: Câmara Municipal de Braga		
Notas	Sep. de: "Minia", 2.ª S., A . II, n.º 3, 1979		
Registo	7065	Cota	Bib. S/ cx. 4 – 13
Título	CÂMARA MUNICIPAL DE PENAFIEL		
Autor	CÂMARA MUNICIPAL DE PENAFIEL; resp.		
Zona ed.	Penafiel: Câmara Municipal, 1945		
Temático	1. Instituições: Câmara Municipal de Penafiel		
Notas			
Registo	6841	Cota	Bib. S/ 80
Título	CAMPANHA DE ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS EM CASTROS DO NORTE DE PORTUGAL – CIVIDADE DE ÂNCORA E MONTE DO CÚTERO (2.ª)		
Autor	HAWKES, Christopher		
Zona ed.	Guimarães: (s.n.), 1959		
Temático	1. Escavações Arqueológicas: Castros – Norte de Portugal		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães", Vol. LXIX, fasc. 3-4		
Registo	7726	Cota	Bib. S/ cx. 16 – 8
Título	CAMPANIFORME EN EL VALLE DEL MANZANARES – MADRID (EL)		
Autor	CARMEN PRIEGO, Mª. del; QUERO, Salvador		
Zona ed.	(s.l.): (s.n.), (s.d.)		
Temático	1. Escavações Arqueológicas: Vale de Manzanares – Madrid		
Notas	Sep. "XIV Congreso Nacional de Arqueologia"		
Registo	7811	Cota	Bib. S/ cx. 18 – 10
Título	CANTARES DE ROSALIA DE CASTRO E O POVO GALEGO: EM ALGUNS ASPECTOS DA SUA ETNOGRAFIA DE HÁ CEM ANOS		
Autor	SANTOS JÚNIOR, J. R.		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa", 1969		
Temático	1. Etnografia: Cantares		
Notas	"Trabalhos do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa", N.º 4		
Registo	7342	Cota	Bib. S/ cx. 8 – 31
Título	CARLOS RIBEIRO: ENSAIO BIOGRÁFICO		
Autor	SOLLA, Luiz de Castro e		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1976		
Temático	1. Biografias: Carlos Ribeiro		
Notas			
Registo	7042	Cota	Bib. S/ cx. 4 – 39
Título	CARTA ARQUEOLÓGICA DO CONCELHO DE CASTELO DE VIDE		
Autor	RODRIGUES, Maria da Conceição Monteiro; BUGALHO, Adolfo João Lahmeyer, introd.		
Zona ed.	Lisboa: Junta Distrital de Portalegre, 1975		
Temático	1. Arqueologia: Castelo de Vide – Portugal 2. História: Arqueologia – Castelo de Vide		
Notas			
Registo	6267	Cota	Bib. S/ 27
Título	CARTA ARQUEOLÓGICA DO CONCELHO DE MARVÃO		
Autor	PAÇO, Afonso do		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1950		
Temático	1. Cartas Arqueológicas: Concelho de Marvão		
Notas	Sep. de: "XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências", T. VIII, 7.ª Secção		
Registo	7766	Cota	Bib. S/ cx. 16 – 24
Título	CARTA ARQUEOLÓGICA DO CONCELHO DE SESIMBRA: IDENTIFICAÇÃO SUMÁRIA DOS MONUMENTOS, ESTAÇÕES E LOCAIS COM INTERESSE ARQUEOLÓGICO, ASINALADOS NOS MAPAS		
Autor	SERRÃO, Eduardo da Cunha		
Zona ed.	Setúbal: Junta Distrital de Setúbal, 1973		
Temático	1. Cartas Arqueológicas: Sesimbra		
Notas	Contem 2 map. desd.		
Registo	6947	Cota	Bib. S/ 217
Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA 2-A – PORTOS		
Autor	TEIXEIRA, C.		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1969		
Temático	1. Geologia: Carta geológica de Portos		
Notas			
Registo	8047	Cota	Bib. S/ 372

Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA 5-A - VIANA DO CASTELO		
Autor	TEIXEIRA, C.; (et al.)		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1972		
Temático	1. Geologia: Carta geológica de Viana do Castelo		
Notas	Contém mapa desd.		
Registo	8035	Cota	Bib. S/ 384
Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA 10-C - PESO DA RÉGUA		
Autor	TEIXEIRA, C.; (et al.)		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1967		
Temático	1. Geologia: Carta geológica de Peso da Régua		
Notas			
Registo	8058	Cota	Bib. S/ 361
Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA 14-A - LAMEGO		
Autor	TEIXEIRA, C.; (et al.)		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1969		
Temático	1. Geologia: Carta geológica de Lamego		
Notas			
Registo	8046	Cota	Bib. S/ 373
Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA 14-D - AGUIAR DA BEIRA		
Autor	TEIXEIRA, C.; (et al.)		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1972		
Temático	1. Geologia: Carta geológica de Aguiar da Beira		
Notas	Contém mapa desd.		
Registo	8034	Cota	Bib. S/ 385
Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA 17-D - GOUVEIA		
Autor	TEIXEIRA, C.; (et al.)		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1967		
Temático	1. Geologia: Carta geológica de Gouveia		
Notas			
Registo	8057	Cota	Bib. S/ 362
Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA 18-D - NAVE DE HAVER		
Autor	GONÇALVES, Francisco; ASSUNÇÃO, C. F. Torre de		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1966		
Temático	1. Geologia: Carta geológica da Nave de Haver		
Notas			
Registo	8059	Cota	Bib. S/ 360
Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA 2-D - VILAR DE PERDIZES		
Autor	TEIXEIRA, Carlos; ASSUNÇÃO, C. Torre de		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1970		
Temático	1. Geologia: Carta geológica de Vilar de Perdizes		
Notas	Contém mapa desd.		
Registo	8040	Cota	Bib. S/ 379
Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA 22-B - VIEIRA DE LEIRIA		
Autor	ZBYSZEWSKI, Georges		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1965		
Temático	1. Geologia: Carta geológica de Vieira de Leiria		
Notas			
Registo	8061	Cota	Bib. S/ 357
Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA 23-A - POMBAL		
Autor	MANUPPELLA, G.; (et al.)		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1978		
Temático	1. Geologia: Carta geológica de Pombal		
Notas	Contém mapa desd.		
Registo	8012	Cota	Bib. S/ 399
Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA 23-C - LEIRIA		
Autor	ZBYSZEWSKI, Georges; (et al.)		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1968		
Temático	1. Geologia: Carta geológica de Leiria		
Notas			
Registo	8051	Cota	Bib. S/ 368
Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA 24-D - CASTELO BRANCO		
Autor	RIBEIRO, O.; (et al.)		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1967		
Temático	1. Geologia: Carta geológica de Castelo Branco		
Notas			
Registo	8056; 8053	Cota	Bib. S/ 363; Bib. S/ 366

Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA 27-A – VILA NOVA DE OURÉM		
Autor	ZBYSZEWSKI, Georges; (et al.)		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1974		
Temático	1. Geologia: Carta geológica de Vila Nova de Ourém		
Notas	Contém mapa desd.		
Registo	8017	Cota	Bib. S/ 394
Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA 27-C - TORRES NOVAS		
Autor	ZBYSZEWSKI, G.; (et al.)		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1971		
Temático	1. Geologia: Carta geológica de Torres Novas		
Notas	Contém mapa desd.		
Registo	8038	Cota	Bib. S/ 381
Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA 28-B – NISA		
Autor	RIBEIRO, Orlando; (et al.)		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1965		
Temático	1. Geologia: Carta geológica de Nisa		
Notas			
Registo	8060	Cota	Bib. S/ 358
Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA 28-D - CASTELO DE VIDE		
Autor	FERNANDES, A. Peinador; (et al.)		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1973		
Temático	1. Geologia: Carta geológica de Castelo de Vide		
Notas	Contém mapa desd.		
Registo	8018	Cota	Bib. S/ 393
Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA 29-A – RETORTA		
Autor	DIAS, J. M. Alveirinho		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1973		
Temático	1. Geologia: Carta geológica de Retorta		
Notas	Contém mapa desd.		
Registo	8021	Cota	Bib. S/ 390
Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA 30-B – BOMBARRAL		
Autor	ZBYSZEWSKI, Georges; (et al.)		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1966		
Temático	1. Geologia: Carta geológica do Bombarral		
Notas			
Registo	6875	Cota	Bib. S/ 359
Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA 31-C – CORUCHE		
Autor	ZBYSZEWSKI, Georges; FERREIRA, Octávio da Veiga		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1968		
Temático	1. Geologia: Carta geológica de Coruche		
Notas			
Registo	8050	Cota	Bib. S/ 369
Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA 32-B – PORTALEGRE		
Autor	GONÇALVES, Francisco		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1973		
Temático	1. Geologia: Carta geológica de Portalegre		
Notas	Contém mapa desd.		
Registo	8020	Cota	Bib. S/ 391
Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA 33-A - ASSUMAR		
Autor	GONÇALVES, F.; (et al.)		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1978		
Temático	1. Geologia: Carta geológica de Assumar		
Notas	Contém mapa desd.		
Registo	8011	Cota	Bib. S/ 400
Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA 33-C – CAMPO MAIOR		
Autor	GONÇALVES, Francisco; (et al.)		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1972		
Temático	1. Geologia: Carta geológica de Campo Maior		
Notas	Contém mapa desd.		
Registo	8026	Cota	Bib. S/ 386
Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA 33-D – RIO XÉVORA		
Autor	GONÇALVES, Francisco; ASSUNÇÃO, C. Torre de		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1972		
Temático	1. Geologia: Carta geológica do Rio Xévora		
Notas	Contém mapa desd.		
Registo	8024	Cota	Bib. S/ 388

Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA 35-A – SANTO ESTÊVÃO		
Autor	ZBYSZEWSKI, Georges; FERREIRA, Octávio da Veiga		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1969		
Temático	1. Geologia: Carta geológica de Santo Estêvão		
Notas			
Registo	8045	Cota	Bib. S/ 374
Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA 35-C – SANTO ISIDRO DE PEGÕES		
Autor	ZBYSZEWSKI, Georges; FERREIRA, Octávio da Veiga		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1968		
Temático	1. Geologia: Carta geológica de Santo Isidro de Pegões		
Notas			
Registo	8049	Cota	Bib. S/ 370
Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA 36-B – ESTREMOZ		
Autor	GONÇALVES, Francisco; COELHO, A. V. Pinto		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1974		
Temático	1. Geologia: Carta geológica de Estremoz		
Notas	Contém mapa desd.		
Registo	8015	Cota	Bib. S/ 396
Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA 37-A – ELVAS		
Autor	TEIXEIRA, C.; (et al.)		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1970		
Temático	1. Geologia: Carta geológica de Elvas		
Notas	Contém mapa desd.		
Registo	8042	Cota	Bib. S/ 377
Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA 37-C – JUROMENHA		
Autor	PERDIGÃO, Jacinto Correia		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1976		
Temático	1. Geologia: Carta geológica de Juromenha		
Notas	Contém mapa desd.		
Registo	8013	Cota	Bib. S/ 398
Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA 39-A – ÁGUAS DE MOURA		
Autor	ZBYSZEWSKI, Georges; (et al.)		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1976		
Temático	1. Geologia: Carta geológica de Águas de Moura		
Notas	Contém mapa desd.		
Registo	8014	Cota	Bib. S/ 397
Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA 40-A – ÉVORA		
Autor	CARVALHOSA, A. Barros e; (et al.)		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1969		
Temático	1. Geologia: Carta geológica de Évora		
Notas			
Registo	8044	Cota	Bib. S/ 375
Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA 40-C – VIANA DO ALENTEJO		
Autor	CARVALHOSA, A. Barros; ZBYSZEWSKI, Georges		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1972		
Temático	1. Geologia: Carta geológica de Viana do Alentejo		
Notas	Contém mapa desd.		
Registo	8025	Cota	Bib. S/ 387
Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA 40-D – PORTEL		
Autor	CARVALHOSA, A. Barros e		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1967		
Temático	1. Geologia: Carta geológica de Portel		
Notas			
Registo	8054	Cota	Bib. S/ 365
Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA 41-A – MONSARAZ		
Autor	PERDIGÃO, J. Correia; ASSUNÇÃO, C. Torre de		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1971		
Temático	1. Geologia: Carta geológica de Monsaraz		
Notas	Contém mapa desd.		
Registo	8041	Cota	Bib. S/378
Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA 44-CD – VILA VERDE DE FICALHO		
Autor	CARVALHOSA, A. Barros e		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1968		
Temático	1. Geologia: Carta geológica de Vila Verde de Ficalho		
Notas			
Registo	8048	Cota	Bib. S/ 371

Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA 5-C – BARCELOS		
Autor	TEIXEIRA, C.; (et al.)		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1969		
Temático	1. Geologia: Carta geológica de Barcelos		
Notas	Contém mapa desd.		
Registo	8043	Cota	Bib. S/ 376
Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA 5-D – BRAGA		
Autor	TEIXEIRA, C.; (et al.)		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1973		
Temático	1. Geologia: Carta geológica de Braga		
Notas	Contém mapa desd.		
Registo	8019	Cota	Bib. S/ 392
Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA 6-B – CHAVES		
Autor	TEIXEIRA, Carlos; (et al.)		
Temático	1. Geologia: Carta geológica de Chaves		
Notas	Contém mapa desd.		
Registo	8016	Cota	Bib. S/ 395
Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA ILHA DAS FLORES – AÇORES		
Autor	ZBYSZEWSKI, Georges; (et al.)		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1968		
Temático	1. Geologia: Carta geológica da Ilha das Flores – Açores		
Notas			
Registo	8052	Cota	Bib. S/ 367
Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA ILHA GRACIOSA – AÇORES		
Autor	ZBYSZESKI, G.; (et al.)		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1972		
Temático	1. Geologia: Carta geológica da Ilha Graciosa – Açores		
Notas	Contém mapa desd.		
Registo	8036	Cota	Bib. S/ 383
Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA ILHA TERCEIRA		
Autor	ZBYSZESKI, G.; (et al.)		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1971		
Temático	1. Geologia: Carta geológica da Ilha Terceira		
Notas	Contém mapa desd.		
Registo	8037	Cota	Bib. S/ 382
Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA ILHAS DESERTAS		
Autor	ZBYSZESKI, G.; (et al.)		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1973		
Temático	1. Geologia: Carta geológica das Ilhas Desertas		
Notas	Contém mapa desd.		
Registo	8022	Cota	Bib. S/ 389
Título	CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA DA FOLHA: ILHA DO CORVO		
Autor	ZBYSZEWSKI, Georges; (et al.)		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1967		
Temático	1. Geologia: Carta geológica da Ilha do Corvo		
Notas			
Registo	8055	Cota	Bib. S/ 364
Título	CARTA GEOLÓGICA DO QUARTENÁRIO DE PORTUGAL: NOTÍCIA EXPLICATIVA		
Autor	ZBYSZEWSKI, Georges		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1971		
Temático	1. Geologia: Carta geológica do Quaternário – Portugal		
Notas	Contém mapa desd.		
Registo	8010	Cota	Bib. S/ 401
Título	CARTA MINEIRA DE PORTUGAL		
Autor	VIANA, António		
Zona ed.	Lisboa: Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, 1952		
Temático	1. Geologia: Carta mineira – Portugal		
Notas	(Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal; Supl. ao T. XXXII)		
Registo	7837	Cota	Bib. S/ cx. 19 – 19
Título	CARTE ARCHÉOLOGIQUE DE LA GAULE ROMAINE		
Autor	SAUTEL, J.; GRENIER, M. Albert; direc.; DUVAL, M. P. – M.; colb.		
Zona ed.	Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1957		
Temático	1. Arqueologia: Gália		
Notas	Contém uma carta arqueológica solta desd.		
Registo	6872	Cota	Bib. S/ 153

Título	CARTOGRAFIA E NOMENCLATURA ARQUEOLÓGICA: SALVAMENTO DE BRACARA AUGUSTA – II (O)		
Autor	ALVES, Francisco J. S.		
Zona ed.	Braga: (s.n.), 1978		
Temático	1. Cartografia arqueológica		
Notas	Sep. de: "Minia", 1978, 2.º Série, Ano I, n.º 1		
Registo	7081	Cota	Bib. S/ cx. 5 – 1
Título	CARTOGRAFIA PORTUGUESA E A GEOGRAFIA DE PTOLOMEU		
Autor	CORTESÃO, Armando Z.		
Zona ed.	Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1964		
Temático	1. Cartografia portuguesa		
Notas	Sep. de: "Boletim da Academia das Ciências de Lisboa", 1964, Vol. XXXVI, p. 388-404		
Registo	7998	Cota	Bib. S/ cx. 19 – 29
Título	CASA DO PAÇO DA FIGUEIRA DA FOZ E OS SEUS AZULEJOS (A)		
Autor	SIMÕES, J. M. dos Santos		
Zona ed.	Figueira da foz: Museu Municipal "Dr. Santos Rocha", 1947		
Temático	1. Arte: Azulejos – Figueira da Foz		
Notas			
Registo	7019	Cota	Bib. S/ cx. 3 – 26
Título	CASA Y URBANISMO EN LA ESPAÑA ANTIGUA – II		
Autor	BALIL, Alberto		
Zona ed.	Santiago de Compostela: Seminario de Arqueología: Facultad de Filosofía y Letras, 1972		
Temático	1. Urbanismo: Espanha		
Notas	(Studia Archaeologica; 18)		
Registo	7935	Cota	Bib. S/ cx. 1 – 17
Título	CASA Y URBANISMO EN LA ESPAÑA ANTIGUA – III		
Autor	BALIL, Alberto		
Zona ed.	Valadolid: Seminario de Arqueología: Facultad de Filosofía y Letras, 1973		
Temático	1. Urbanismo: Espanha		
	2. Urbanismo: Construção hispanoromana		
Notas	Sep. de: "Boletín del Seminario de estudios de Arte y Arqueología de la Universidad de Valladolid", T. XXXVIII		
Registo	7716	Cota	Bib. S/ cx. 15 – 29
Título	CASAS E RUAS NA HISTÓRIA DE SETÚBAL		
Autor	SILVA; Carlos Távares; org. (et al.)		
Zona ed.	Setúbal: Junta Distrital de Setúbal, 1977-78		
Temático	1. Exposições: Setúbal		
	2. História: Setúbal		
Notas	Catálogo de Exposição		
Registo	7941	Cota	Bib. S/ cx. 1 – 24
Título	CASTELLA DO SUL DE PORTUGAL (OS)		
Autor	MAIA, Manuel		
Zona ed.	(S.I.): (s.n.), 1986		
Temático	1. Arqueologia: Castros – Sul de Portugal		
Notas			
Registo	7339	Cota	Bib. S/ cx. 8 – 27
Título	CASTELO DA LOUSA, MOURÃO (PORTUGAL): UNA FORTIFICACION ROMANA DE LA MARGEN IZQUIERDA DEL GUADIANA		
Autor	PAÇO, Afonso do; LEAL, Joaquim Bação		
Zona ed.	Madrid: (s.n.), 1966		
Temático	1. Monumentos: Castelo da Lousã		
Notas	Sep. de: "Archivo Español de Arqueología", Vol. XXXIX, n.º 113-114, 1966		
Registo	7069	Cota	Bib. S/ cx. 4 – 11
Título	CASTELO DA LOUSA: MOURÃO		
Autor	PAÇO, Afonso do; (et al.)		
Zona ed.	Évora: (s.n.), 1967		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Castelo da Lousa		
Notas	Sep. de: "Boletim da Junta Distrital de Évora", N.º 6		
Registo	7954	Cota	Bib. S/ cx. 2 – 23
Título	CASTELO DE ARRAIÓLOS		
Autor	PAÇO, Afonso do		
Zona ed.	Évora: Junta Distrital, 1967		
Temático	1. Achados arqueológicos: Castelo de Arraiolos		
Notas	Sep. de: "Boletim da Junta Distrital de Évora", n.º 6		
Registo	7607	Cota	Bib. S/ cx. 13 – 6

Título	CASTELO DE SESIMBRA (O)	
Autor	DIRECÇÃO GERAL DOS EDÍFÍCIOS E MONUMENTOS NACIONAIS; resp.	
Zona ed.	Lisboa: Ministério das Obras Públicas e Comunicações, 1943-1944	
Temático	1. Monumentos: Castelo de Sesimbra	
Notas	(Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais; 34-35)	
Registo	6840	Cota Bib. S/ 79
Título	CASTELO DO GIRALDO – ÉVORA – E OS NOVOS HORIZONTES DO NEOLÍTICO ALENTEJANO	
Autor	PAÇO, Afonso do	
Zona ed.	(s.l.): (s.n.), 1962	
Temático	1. Arqueologia: Castelo do Giraldo – Évora	
Notas	Sep. de: “VII Congresso Nacional de Arqueologia”, 1961	
Registo	7987	Cota Bib. S/ cx. 18 – 29
Título	CASTELO VELHO DE VEIROS – ESTREMOZ: CAMPANHA PRELIMINAR DE ESCAVAÇÕES DE 1969 (O)	
Autor	ARNAUD, José Morais	
Zona ed.	Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1970	
Temático	1. Escavações arqueológicas: “Castelo Velho” de Veiros – Estremoz	
Notas	Sep. de: “Actas das I Jornadas Arqueológicas”	
Registo	7723	Cota Bib. S/ cx. 15 – 23
Título	CASTELO VELHO DE VEIROS – ESTREMOZ: NOTÍCIA DA SUA IDENTIFICAÇÃO	
Autor	ARNAUD, José Morais	
Zona ed.	Guimarães: (s.n.), 1968	
Temático	1. Prospecções arqueológicas: “Castelo Velho” – Veiros – Estremoz	
Notas	Sep. de: “Revista de Guimarães”, Vol. LXXVIII, fasc. 1 – 2	
Registo	7682	Cota Bib. S/ cx. 15 – 8
Título	CASTRO DA ROTURA E O VASO CAMPANIFORME (O)	
Autor	GONÇALVES, Victor dos Santos	
Zona ed.	Setúbal: Junta Distrital de Setúbal, 1971	
Temático	1. Achados arqueológicos: Castro da Rotura – Setúbal 2. Arqueologia: Cultura do Vaso Campaniforme	
Notas		
Registo	6908	Cota Bib. S/ 200
Título	CASTRO DE CURALHA: 1.ª CAMPANHA DE ESCAVAÇÕES – 1974	
Autor	MAGALHÃES, Adolfo Augusto de; CARNEIRO JUNIOR, Francisco Gonçalves; FREITAS, Adérito Medeiros	
Zona ed.	Chaves: (s.n.), 1975	
Temático	1. Escavações arqueológicas: Castro de Curalha – 1974	
Notas		
Registo	7725	Cota Bib. S/ cx. 16 – 4
Título	CASTRO DE S. VICENTE DA CHÃ – BARROSO: CAMPANHA DE ESCAVAÇÕES – 1964 (O)	
Autor	SANTOS Junior, J. Rodrigues dos; FREIRE, Osvaldo	
Zona ed.	Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1965	
Temático	1. Escavações arqueológicas: Castro de S. Vicente da Chã – Montalegre	
Notas	Sep. de: “Trabalhos de Antropologia e Etnologia”, Vol. XIX, fasc. 2	
Registo	7703	Cota Bib. S/ Cx. 16 – 9
Título	CASTRO DE VILA NOVA DE S. PEDRO	
Autor	PAÇO, Afonso do ARTHUR, Maria de Lourdes Costa	
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1952	
Temático	1. Arqueologia: Castro de Vila Nova de S. Pedro 2. Escavações arqueológicas: Castro de Vila Nova de S. Pedro	
Notas	Sep. de: “Brotéria”, 1952, Vol. LIV, fasc. 3	
Registo	7654	Cota Bib. S/ cx. 14 – 13
Título	CASTRO DE VILA NOVA DE SAN PEDRO	
Autor	PAÇO, Afonso do; ARTHUR, M.ª Lourdes Costa	
Zona ed.	Valencia: Servicio de Investigacion Prehistorica de la Excma. Diputacion Provincial de Valencia, 1953	
Temático	1. Pré-história: Castro de Vila Nova de S. Pedro 2. Achados arqueológicos: Castro de Vila Nova de S. Pedro	
Notas	Sep. de: “Archivo de Prehistoria Levantina”, 1953, n.º IV	
Registo	7640	Cota Bib. S/ cx. 13 – 39
Título	CASTRO DE VILA NOVA DE SAN PEDRO: II – ALGUNS OBJECTOS METÁLICOS	
Autor	PAÇO, Afonso do; ARTHUR, Maria de Lourdes Costa	
Zona ed.	Salamanca: Seminario de Arqueologia de la Universidad, 1952	
Temático	1. Arqueologia: Castro de Vila Nova de S. Pedro 2. Escavações Arqueológicas: Castro de Vila Nova de S. Pedro	
Notas	Sep. de: “Zephyrus”, 1952, Vol. III	
Registo	7655	Cota Bib. S/ cx. 14 – 14

Título	CASTRO ENEOLÍTICO DE OLELAS: BREVE NOTÍCIA (O)	
Autor	VICENTE, Eduardo Prescott; SERRÃO, Eduardo da Cunha	
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia da Universidade do Porto, 1951	
Temático	1. Arqueologia: Castro eneolítico – Olelas	
Notas	Sep. de. "Trabalhos de Antropologia e Etimologia", Vol. XIII, fasc. 1-2	
Registo	7968	Bib. S/ cx. 2 – 9
Título	CASTRO ENEOLÍTICO DE OLELAS: OS MONUMENTOS N.º 1 E N.º 2	
Autor	VICENTE, Eduardo Prescott; SERRÃO, Eduardo da Cunha	
Zona ed.	Lisboa, 1959	
Temático	1. Arqueologia: Castro Eneolítico de Olelas	
	2. Escavações arqueológicas: Castro Eneolítico – Olelas	
Notas	Sep. de. "Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia", Vol. I	
Registo	7964	Bib. S/ cx. 2 – 13
Título	CASTRO ENEOLÍTICO DE OLELAS: PRIMEIRAS ESCAVAÇÕES	
Autor	SERRÃO, Eduardo da Cunha; VICENTE, Eduardo Prescott	
Zona ed.	Lisboa: Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, 1958	
Temático	1. Arqueologia: Castro eneolítico de Olelas	
	2. Escavações arqueológicas: Castro Eneolítico – Olelas	
Notas	Sep. de. "Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal", t. XXXIX	
Registo	7965	Bib. S/ cx. 2 – 12
Título	CASTRUM MAXIMUM – MONTE CASTRO – BRAGA: ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA (O)	
Autor	CASTRO, João Sampaio e; CORREIA, Susana Helena ; OLIVEIRA, Eduardo Pires de	
Zona ed.	Guimarães: (s.n.), 1980	
Temático	1. Arqueologia: Castro Máximo – Braga	
	2. História: Castro Máximo – Braga	
Notas	Sep. de. "Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular"	
Registo	7424	Bib. S/ cx. 10 – 14
Título	CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA DO VIII CENTENÁRIO DO FORAL DE LISBOA – 1179 – 1979	
Autor	ARQUIVO DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA; resp.	
Zona ed.	Lisboa: Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa, 1979	
Temático	1. Exposições: Centenário do foral de Lisboa 1179 – 1979 – VIII	
Notas		
Registo	7117	Bib. S/ cx. 4 – 43
Título	CATÁLOGO DAS INSCRIÇÕES LAPIDARES DO MUSEU ARQUEOLÓGICO DE S. MIGUEL DE ODRINHAS	
Autor	CARDOSO, Mário; introd.	
Zona ed.	Sintra: Câmara Municipal de Sintra, 1956	
Temático	1. Museus: Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas	
	2. Arqueologia: Inscrições lapidares	
Notas	4 exemplares.	
Registo	6954	Bib. S/ 224
Título	CATÁLOGO DAS PUBLICAÇÕES DOS SERVIÇOS GEOLÓGICOS DE PORTUGAL – 1865–1986	
Autor	BEATO, Maria de Fátima	
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1969	
Temático	1. Bibliografia: Serviços Geológicos de Portugal – 1865 – 1968	
Notas		
Registo	7843	Bib. S/ cx. 18 – 25
Título	CATÁLOGO DAS PUBLICAÇÕES MUNICIPAIS	
Autor	CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA; resp.	
Zona ed.	Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1967	
Temático	1. Catálogos bibliográficos	
Notas		
Registo	7969	Bib. S/ cx. 2 – 8
Título	CATÁLOGO DO GABINETE DE NUMISMÁTICA E ANTIGUIDADES	
Autor	ALARCÃO, Jorge de; org.; DELGADO, Manuela; org.	
Zona ed.	Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 1969	
Temático	1. Numismática: Exposições	
	2. Exposições: Numismática – Antiguidades	
Notas	1.ª parte: "Antiguidades Ibéricas e Romanas"	
Registo	6946	Bib. S/ 232
Título	CATÁLOGO DOS IMÓVEIS CLASSIFICADOS: MONUMENTOS NACIONAIS E IMÓVEIS DE INTERESSE PÚBLICO	
Autor	MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL; resp.	
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1973	
Temático	1. Catálogos: Imóveis classificados	
	2. Monumentos Nacionais: Catálogos	
Notas		
Registo	6837	Bib. S/ 76

Título	CATÁLOGO HENRIQUINO DO REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA DO RIO DE JANEIRO		
Autor	REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA; resp.		
Zona ed.	Lisboa: Comissão Executiva do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1960		
Temático	1. Bibliografia Henriquina: Rio de Janeiro – Brasil		
Notas	(Bibliografia Henriquina)		
Registo	7599	Cota	Bib. S/ cx. 13 – 14
Título	CAVERNA DE ALTAMIRA		
Autor	(s.n.)		
Zona ed.	(s.l.): (s.n.), (s.d.)		
Temático	1. Arqueologia: Caverna de Altamira		
Notas	(Sep. de: "Portugalia", 1905-1908), T. 2.º fasc. 1-4. –(Fotocópias)		
Registo	7805	Cota	Bib. S/ cx. 18 – 20
Título	CAVES AND CAVING: A GUIDE TO THE EXPLORATION, GEOLOGY AND BIOLOGY OF CAVES		
Autor	JASINSKI, Marc		
Zona ed.	Londres: Paul Hamlyn, 1969		
Temático	1. Espeleologia		
Notas	Ed. Orig., 1966		
Registo	6791	Cota	Bib. S/ 150
Título	CÉDULAS APÓCRIFAS		
Autor	ALMEIDA, Mário Santos de		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1980		
Temático	1. Cédulas		
Notas	Comunicação apresentada ao I Congresso Numismático de Portugal. Texto dactilografado		
Registo	7861	Cota	Bib. S/ 312 – 4
Título	CEITIS DE D. MANUEL I		
Autor	MAGRO, Francisco António		
Zona ed.	Lisboa, 1980		
Temático	1. Numária: Ceitis – D. Manuel I		
Notas	Comunicação apresentada ao I Congresso Numismático de Portugal. Texto dactilografado		
Registo	7858	Cota	Bib. S/ 312 – 1
Título	CÉNOMANIEN DE L'ESTRÉMADURE PORTUGAISE		
Autor	BERTHOU, Pierre-Yves		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1973		
Temático	1. Geologia: Extremadura – Portugal		
Notas	(Memória/ Serviços Geológicos de Portugal; 23)		
Registo	6901	Cota	Bib. S/ 182
Título	CENTENÁRIO DA MORTE DE FREI LUÍS DE GRANADA. ACTAS DO COLÓQUIO COMEMORATIVO (IV)		
Autor	ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES; resp.		
Zona ed.	Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1988		
Temático	1. Centenários: Morte de Frei Luís de Granada – IV		
Notas			
Registo	8077	Cota	Bib. S/ 333
Título	CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE D. NUNO ÁLVARES PEREIRA (NO VI)		
Autor	ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES; resp.		
Zona ed.	Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1961		
Temático	1. Centenários: Nascimento de D. Nuno Álvares Pereira – VI		
Notas			
Registo	8076	Cota	Bib. S/ 329
Título	CENTRO OLEIRO DA FLOR DA ROSA: CONCELHO DO CRATO – ALTO ALENTEJO (O)		
Autor	ISIDORO, Agostinho		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa", 1969		
Temático	1. Cerâmica: Olarias – Concelho do Crato		
Notas	Sep. de: "Trabalhos de Antropologia e Etnologia", Vol. XIX, fasc. 2 - 2 exempl.		
Registo	7343	Cota	Bib. S/ cx. 8 – 32
Título	CENTRO PILOTO DE ARQUEOLOGIA: ESCAVAÇÕES EM MONTES CLAROS		
Autor	RIBEIRO, Leonel; JALHAY, Eugénio; PAÇO, Afonso do		
Zona ed.	(s.l.): (s.n.), (s.d.)		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Montes Claros – Lisboa		
Notas	Folhas Soltas		
Registo	7603	Cota	Bib. S/ cx. 13 – 2
Título	CERÂMICA DE ENGOBE BRUNIDO DO MONTE DE SÃO MARTINHO – CASTELO BRANCO (A)		
Autor	CANINAS, João Carlos Pires		
Zona ed.	(Castelo Branco, 1978)		
Temático	1. Cerâmica de engobe brunido - Castelo Branco		
Notas	(Sep. de: "Preservação: Órgão informativo do Núcleo Regional de Investigação Arqueológica", 1978, º II, n.º 2. Texto dactilografado		
Registo	7802	Cota	Bib. S/ cx. 17 – 26

Título	CERÂMICA ESTAMPADA VERMELHA DE CONIMBRIGA		
Autor	ALARCÃO, Adília Moutinho de; ALARCÃO; Jorge de		
Zona ed.	Beja: (s.l.), 1964		
Temático	1. Cerâmica estampada vermelha - Conimbriga		
	2. Museus: Conimbriga		
Notas	Sep. de: "Arquivo de Beja", Vol. XX - XXI, 1963 - 1964		
Registo	7077	Cota	Bib. S/ cx. 4 - 3
Título	CERAMICAS DE HUELVA		
Autor	GARRIDO ROIZ, Juan Pedro; ORTA, Elena Mª		
Zona ed.	Madrid: Instituto Español de Prehistoria, 1969		
Temático	1. Cerâmica: Huelva		
Notas	Sep. de: "Trabajos de Prehistoria", 1969, nova Série, Vol. XXVI		
Registo	7742	Cota	Bib. S/ cx. 16 - 34
Título	CERAMICAS DEL BRONCE DEL POBLADO DE VELENCINA DE LA CONCEPCIÓN - SEVILLA		
Autor	RUIZ MATA, Diego		
Zona ed.	Heidelberg: (s.n.), 1975		
Temático	1. Cerâmica: Sevilha		
Notas			
Registo	7646	Cota	Bib. S/ cx. 14 - 5
Título	CERRO DEL CARAMBOLO (EL)		
Autor	MATA CARRIAZO, Juan de		
Zona ed.	Barcelona: Universidad de Barcelona, 1969		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Colina do Carambolo		
Notas	Sep. de: "Tartessos y sus Problemas: V Symposium Internacional de Prehistoria Peninsular", 1968		
Registo	7221	Cota	Bib. S/ cx. 6 - 21
Título	CITÂNIA DE SANFINS: II - MURALHAS		
Autor	PAÇO, Afonso do		
Zona ed.	Salamanca: Seminario de Arqueologia de la Universidad, 1953		
Temático	1. Arqueologia: Citânia de Sanfins		
Notas	Sep. de: "Zephyrus", n.º IV		
Registo	7304	Cota	Bib. S/ cx. 7 - 36
Título	CITÂNIA DE SANFINS: III - BREVE NOTÍCIA DE UM TESOURO MONETÁRIO		
Autor	PAÇO, Afonso do		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1953		
Temático	1. Arqueologia: Citânia de Sanfins		
	2. Numismática: Citânia de Sanfins		
Notas	Sep. de: "Brotéria", 1953, Junho, Vol. LVI		
Registo	7426	Cota	Bib. S/ cx. 10 - 12
Título	CIUDAD ROMANA DE VALENCIA: ESTUDIOS VARIOS (LA)		
Autor	TARRADELL, M		
Zona ed.	Valencia: Facultad de Filosofia y Letras de la Universidad de Valencia, 1962		
Temático	1. Cidades romanas: Valencia - Espanha		
Notas	(Papeles del Laboratorio de Arqueologia de Valencia; 1)		
Registo	7171	Cota	Bib. S/319
Título	CIVILISATION ÉGÉENNE (LA)		
Autor	GLOTZ, G.		
Zona ed.	Paris: Albin Michel, 1952		
Temático	1. Civilizações: Egeia		
Notas	Nova ed. (L'Évolution de L'Humanité)		
Registo	6939	Cota	Bib. S/ 240
Título	CIVILIZAÇÕES PRIMITIVAS		
Autor	TÓRRES. Flausino		
Zona ed.	Lisboa: Cosmos, 1943		
Temático	1. Civilizações primitivas		
Notas	(Biblioteca Cosmos; N.º 46-47, Secção 4.ª, n.º 3-4)		
Registo	7205	Cota	Bib. S/ 277
Título	CIVILIZATION NÉOLITHIQUE RÉCEMMENT DÉCOUVERTE EN ROUMANIE: LA CIVILISATION DE HAMANGIA (UNE)		
Autor	BERCIU, D.		
Zona ed.	Bucarest: Académie de la République Populaire Roumaine, 1955		
Temático	1. Civilizações Neolíticas: Roménia		
	2. Achados arqueológicos: Civilização de Hamangia - Roménia		
Notas			
Registo	7734	Cota	Bib. S/ cx. 15 - 17

Título	CIVILTÁ DEI CAVERNICOLI DELLE MURGE BARESI (LA)		
Autor	BIANCOFIORE, Franco		
Zona ed.	Bolonha: Tamari Editori in Bologna, 1964		
Temático	1. Arqueologia		
Notas	(Studi di Archeologia e Storia Antica; II)		
Registo	6963	Cota	Bib. S/ 243
Título	CLOSED FIND FROM CANADA ROSAL PROV. SEVILLA AND TWO BELL BEAKERS (A)		
Autor	HARRISON, Richard J.		
Zona ed.	Heidelberg, 1974		
Temático	1. Achados arqueológicos: Cerâmicas – Sevilha		
Notas			
Registo	7238	Cota	Bib. S/ cx. 6 – 31
Título	COLONIZACION FENICIA EN EL AREA ATLANTICA DE LA PENINSULA IBERICA (LA)		
Autor	GARRIDO RIOZ, Juan Pedro		
Zona ed.	Ankara: Turk Tarih Kurumu Basimevi, 1978		
Temático	1. Arqueología: Fenícios – Península Ibérica		
Notas	Sep. de: "Proceedings of the Xth Internacional Congress of classical Archaeology"		
Registo	7724	Cota	Bib. S/ cx. 16 – 5
Título	COLÓQUIO APOM/85: EXTRACTO DAS ACTAS		
Autor	ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE MUSEOLOGIA; resp.		
Zona ed.	Sintra: Câmara Municipal de Sintra, 1986		
Temático	1. Colóquios: APOM/85		
Notas	(Cadernos de Museologia)		
Registo	7196	Cota	Bib. S/ 293
Título	COLÓQUIO DE ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA DO CONCELHO DE PENAMACOR: MEMORIAL HISTÓRICO-ARTÍSTICO E MONUMENTAL (I)		
Autor	BENTO, Mário Pires		
Zona ed.	Penamacor: Câmara Municipal de Penamacor, 1979		
Temático	1. Colóquios: Colóquio de Arqueologia e História – I		
Notas	2. História: Vila de Penamacor		
Registo	7527	Cota	Bib. S/ cx. 12 – 1
Título	COLÓQUIO LUSO-ESPANHOL DE CULTURA CASTREJA EM CARVALHELHOS (O)		
Autor	SANTOS Junior, J. Rodrigues dos		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa", 1973		
Temático	1. Colóquios: Cultura castreja – 1972		
Notas	(Trabalhos do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa"; n.º 22)		
Registo	7413	Cota	Bib. S/ cx. 10 – 25
Título	COLÓQUIO PORTUENSE DE ARQUEOLOGIA: DISCURSO DO PRESIDENTE DA SODIEDADE MARTINS SARMENTO, CORONEL MÁRIO CARDOZO NA SESSÃO DE ENCERRAMENTO (I)		
Autor	CARDOZO, Mário		
Zona ed.	Porto: (s.n.), 1962		
Temático	1. Colóquio Portuense de Arqueologia – I		
Notas	Sep. de: "Actas do I Colóquio Portuense de Arqueologia", In "Studium Generale", 1962, Vol. IX		
Registo	7689	Cota	Bib. S/ cx. 15 – 12
Título	COMEMORAÇÃO DO PRIMEIRO CENTENÁRIO 1863-1963		
Autor	ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES, resp.		
Zona ed.	Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1966		
Temático	1. Centenários: Associação dos Arqueólogos Portugueses – 1863 – 1963		
Notas	Vol. I, II		
Registo	8122	Cota	Bib. S/ 334-335
Título	COMÉRCIO EXTERNO DA CORTIÇA NOS SÉCULOS XVIII E XIX – 1797-1831 (O)		
Autor	BERNARDO, Hernâni de Barros		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1948		
Temático	1. Comércio externo: Cortiça – 1797 – 1831		
Notas			
Registo	7212	Cota	Bib. S/ 303
Título	COMISARÍA GENERAL DE EXCAVACIONES ARQUEOLÓGICAS: BALANCE DE LA LABOR REALIZADA (LA)		
Autor	SANTA-OLALLA, Julio Martínez		
Zona ed.	(s.I.): (s.n.), 1947		
Temático	1. Instituições: Comisaría General de Excavaciones Arqueológicas		
Notas	Sep. de: "Crónica del II Congreso Arqueológico del Sudeste Español", 1946		
Registo	7404	Cota	Bib. S/ cx. 9 – 40

Título	COMPARAISON ENTRE UNE PLAQUE DE SCHISTE GRAVÉE DE LISBONNE ET UNE AUTRE DE LA PROVINCE DE HUELVA		
Autor	ZBYSZEWSKI, Georges		
Zona ed.	Lisboa: Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, 1957		
Temático	1. Achados arqueológicos: Placas de xisto gravadas		
Notas	Sep. de: "Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal", T. XXXVIII		
Registo	7237	Cota	Bib. S/ cx. 6 – 30
Título	COMPLEXES POLYMÉTAMORPHIQUES PRECAMBRIES DE MORAIS ET BRAGANÇA – N-E DU PORTUGAL: ÉTUDE PÉTROGRAPHIQUE ET STRUCTURALE (LES)		
Autor	ANTHONIOZ, Pierre-Marc		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1972		
Temático	1. Geologia		
Notas	(Memória/Serviços Geológicos de Portugal; 20)		
Registo	6901	Cota	Bib. S/ 179
Título	COMPLEXO ARQUEOLÓGICO DO LAPIÁS DE NEGRAIS – SINTRA – II (O)		
Autor	SERRÃO, Eduardo da Cunha		
Zona ed.	Porto: (s.n.), 1981		
Temático	1. Estações arqueológicas: Negrais – Sintra		
Notas	Sep. de: "Arqueologia", 1981, Junho, n.º 3		
Registo	7285	Cota	Bib. S/ cx. 7 – 19
Título	COMPLEXO DE ARTE RUPESTRE DO TEJO – VILA VELHA DE RÓDÃO-NISA: NOTÍCIA PRELIMINAR (O)		
Autor	SERRÃO, Eduardo da Cunha (et. all.)		
Zona ed.	Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1972		
Temático	1. Arte Rupestre do Tejo		
Notas	Sep. de: "Arqueologia e História", Lisboa, 1972, 9.ª S., vol. IV		
Registo	7288	Cota	Bib. S/ cx. 7 – 14
Título	COMPLEXO DE ARTE RUPESTRE DO TEJO: PROCESSOS DE LEVANTAMENTO		
Autor	SERRÃO, Eduardo da Cunha (et. all.)		
Zona ed.	Porto: (s.n.), 1974		
Temático	1. Arte Rupestre – Tejo – Portugal		
Notas	Sep. de: "Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia"		
Registo	7875	Cota	Bib. S/ cx. 19 – 4
Título	COMUNICACIONES A LA I REUNION DE HISTORIA DE LA ECONOMIA ANTIGUA DE LA PENINSULA IBERICA		
Autor	TARRADELL; M. ; pról.		
Zona ed.	Valencia: Facultad de Filosofia y Letras de La Universidad de Valencia, 1968		
Temático	1. Coloquios: I.ª Reunión de História da Economia Antiga da Península Ibérica		
Notas	(Papeles del Laboratorio de Arqueologia de Valencia; 5)		
Registo	7171	Cota	Bib. S/ 321
Título	CONCEPÇÃO DO MUNDO (A MINHA)		
Autor	RUSSELL; Bertrand; TELES, Natália Oliva; trad.		
Zona ed.	Porto: Brasilia Editora		
Temático	1. Filosofia: Bertrand Russell		
Notas	Série: Estudos Sociais e Filosóficos; 7		
Registo	6807	Cota	Bib. S/ 63
Título	CONCEPTOS DE ESTILO LUSITANICO Y MICRO-LUSITANICO EN EL PALEOLITICO PORTUGUES: CONTRIBUICION PARA SU REVISION (LOS)		
Autor	JORGE, Victor Oliveira; (et al.)		
Zona ed.	Jaen: (s.n.), 1971		
Temático	1. Paleolítico Português		
Notas	Sep. de: "XII Congresso Nacional de Arqueologia".		
Registo	Fotocópias 7348; 7592	Cota	Bib. S/cx. 8 – 35; cx. 12 – 30
Título	CONGRESSOS INTERNACIONALES DE CIENCIAS PREHISTORICAS Y PROTOHISTORICAS: ACTAS DE LA IV SESION		
Autor	BELTRAN, A; redac.		
Zona ed.	Zaragoza, 1956		
Temático	1. Congresso Internacional de Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas – IV		
Notas			
Registo	6834	Cota	Bib. S/ 72
Título	CONGRESSO INTERNACIONAL DAS CIÊNCIAS PRÉ-HISTÓRICAS E PROTO-HISTÓRICAS – IV		
Autor	PAÇO, Afonso do		
Zona ed.	Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1956		
Temático	1. Congressos		
Notas	Sep. de: "Arqueologia e História", 8.ª Série, vol. VII		
Registo	7373	Cota	Bib. S/ cx. 9 – 17

Título	CONGRESSO INTERNACIONAL DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICAS – LISBOA, 1880: UMA LEITURA SEGUIDA DA “CRÓNICA” DE BORDALO PINHEIRO (IX)		
Autor	GONÇALVES, Victor dos Santos; PINHEIRO, Bordalo; Leitura		
Zona ed.	Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 1980		
Temático	1. Congressos: Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas – IX		
Notas			
Registo	6898	Cota	Bib. S/ 169
Título	CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DOS DESCOBRIMENTOS: ACTAS		
Autor	COMISSÃO EXECUTIVA DAS COMEMORAÇÕES DO V CENTENÁRIO DA MORTE DO INFANTE D. HENRIQUE; resp.		
Zona ed.	Lisboa: C.E.C.V C.M.I.D.H., 1961		
Temático	1. Congressos: Cong. Internacional do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique;		
	2. História dos descobrimentos ;		
	3. Expansão ultramarina		
Notas	Vol. I, II, III, IV, V partel e II, VI		
Registo	6907	Cota	Bib. S/ 188-194
Título	CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DOS DESCOBRIMENTOS: PROGRAMA		
Autor	(s.n.)		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1960		
Temático	1. Congresso Internacional de História dos Descobrimentos 1960		
Notas			
Registo	7358	Cota	Bib. S/ cx. 9 – 2
Título	CONGRESSO INTERNACIONAL DOS DESCOBRIMENTOS: RESUMO DAS COMUNICAÇÕES		
Autor	COMISSÃO EXECUTIVA DAS COMEMORAÇÕES DO V CENTENÁRIO DA MORTE DO INFANTE D. HENRIQUE; resp.		
Zona ed.	Lisboa: C.E.C.V C.M.I.D.H., 1960		
Temático	1. Congressos: Cong. Internacional do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique;		
	2. História dos Descobrimentos;		
	3. Expansão Ultramarina		
Notas			
Registo	6909	Cota	Bib. S/ 195
Título	CONGRESSO LUSO-ESPANHOL DE ESTUDOS MEDIEVAIS: PRIMEIRA CIRCULAR		
Autor	CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO; resp.		
Zona ed.	Porto: Câmara Municipal, 1968		
Temático	1. Congressos: Congresso Luso-Espanhol de Estudos Medievais		
Notas			
Registo	7973	Cota	Bib. S/ cx. 2 – 4
Título	CONGRESSO LUSO-ESPANHOL PARA O PROGRESSO DAS CIÊNCIAS – XXIII		
Autor	ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA PARA O PROGRESSO DAS CIÊNCIAS; resp.		
Zona ed.	Coimbra: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, 1956-1957		
Temático	1. Congressos: Luso-Espanhol – XXIII		
Notas	T. I, (1956); T. VIII (1957)		
Registo	6874	Cota	Bib. S/ 165-166
Título	CONGRESSO PARA O PROGRESSO DAS CIÊNCIAS (QUARTO)		
Autor	ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA PARA O PROGRESSO DAS CIÊNCIAS; resp.		
Zona ed.	Porto: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, 1943-1945		
Temático	1. Congressos: O Progresso das Ciências – 4.º		
Notas	T.I,II,(1943); T. III, (1944); T. IV (1945); T.V (1943); T. VI (1944); T. VII, VIII (1943); T. IX, X (1944)		
Registo	6873	Cota	Bib.S/ 155 – 164
Título	CONGRESSO PARA O PROGRESSO DAS CIÊNCIAS – XIII		
Autor	ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA PARA O PROGRESSO DAS CIÊNCIAS; resp.		
Zona ed.	Coimbra: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, 1951		
Temático	1. Congressos		
Notas	T. VIII, 7.ª Secção – Ciências Históricas e Filológicas		
Registo	7204	Cota	Bib. S/ 167
Título	CONGRESSOS DE ÉTICA CIENTÍFICA		
Autor	FERREIRA, Fernando Bandeira		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1960		
Temático	1. Ética científica		
Notas			
Registo	7403	Cota	Bib. S/ cx. 9 – 39
Título	CONJUNTOS INDUSTRIAIS DE SEIXOS AFEIÇOADOS DO SUL DE PORTUGAL: ASPECTOS E PROBLEMAS		
Autor	JORGE, Vitor Manuel de Oliveira		
Zona ed.	Lisboa, 1972		
Temático	1. Arqueologia: Sul de Portugal		
Notas	Dissertação de Licenciatura em História		
Registo	7197	Cota	Bib. S/ 291

Título	CONNAISSANCE ET L'ERREUR (LA)		
Autor	MACH, Ernst; DUFOUR, Marcel; trad., pref.		
Zona ed.	Paris: Ernest Flammarion, 1908		
Temático	1. Filosofia		
Notas	(Bibliothèque de Philosophie Scientifique)		
Registo	6857	Cota	Bib. S/ 100
Título	CONSANGUINIDADE APARENTE DA POPULAÇÃO DE VILARINHO DA FURNA		
Autor	CRUZ, J. Amorim Machado		
Zona ed.	Porto: Instituto de antropologia "Dr. Mendes Correia", 1973		
Temático	1. Genética populacional humana: Vilarinho da Furna		
Notas	(Trabalhos de Antropologia "Dr. Mendes Correia"; 16)		
Registo	7029	Cota	Bib. S/ cx. 3 - 16
Título	CONSANGUINIDADE APARENTE DA POPULAÇÃO DO CONCELHO DE ESPINHO		
Autor	BRANDÃO, Celeste		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Correia", 1980		
Temático	1. Genética populacional humana: Espinho		
Notas	(Trabalhos de Antropologia "Dr. Mendes Correia"; 38)		
Registo	7026	Cota	Bib. S/ cx. 3 - 19
Título	CONSANGUINIDADE APARENTE E A SUA EVOLUÇÃO NA ILHA DE PORTO SANTO		
Autor	CRUZ, J. Amorim Machado		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Correia", 1972		
Temático	1. Genética populacional humana: Porto Santo		
Notas	(Trabalhos de Antropologia "Dr. Mendes Correia"; 12)		
Registo	7031	Cota	Bib. S/ cx. 3 - 14
Título	CONSERVAÇÃO DE ANTIGUIDADES DE BRONZE (A)		
Autor	ALARCÃO, Jorge de; ALARCÃO, Adília M. de		
Zona ed.	Coimbra: Museu Monográfico de Conimbriga, 1965		
Temático	1. Conservação: Bronzes		
Notas			
Registo	7008	Cota	Bib. S/ cx. 3 - 37
Título	CONSIDERAÇÕES ACERCA DA ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DE MONTES CLAROS (MONSANTO) E DA SUA CERÂMICA CAMPANIFORME		
Autor	PAÇO, Afonso do; BÁRTHOLO, Maria L.		
Zona ed.	Lisboa, 1954		
Temático	1. Estações arqueológicas: Montes Claros - Monsanto		
Notas	Sep. de: "Brotéria", Vol. LIX (1954), p. 200-203		
Registo	8006	Cota	Bib. S/ cx. 19 - 26
Título	CONSIDERAÇÕES ACERCA DALGUNS VOCÁBULOS PORTUGUESES: ERROS DÚVIDAS E OMISSÕES DOS NOSSOS DICIONARISTAS		
Autor	BERNARDO, Hernâni de Barros		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1968		
Temático	1. Etimologia: Vocábulo português		
Notas	Sep. de: "Revista de Portugal", Série A: Língua Portuguesa, Vol. XXXIII		
Registo	7371	Cota	Bib. S/ cx. 9 - 15
Título	CONSIDERAÇÕES ACERCA DE ALGUMAS CERÂMICAS DOS CASTROS DE PERRE E NOGUEIRA - VIANA DO CASTELO		
Autor	PAÇO, Afonso do; QUESADO, Aníbal do Paço		
Zona ed.	Coimbra: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, 1957		
Temático	1. Arqueologia: Cerâmicas Castrejas - Viana do Castelo		
Notas	Sep. do T. VIII das Publicações do XXIII Congresso Luso - Espanhol, 1956		
Registo	7711	Cota	Bib. S/ cx. 16 - 17
Título	CONSIDERAÇÕES ACERCA DE ALGUNS VOCÁBULOS PORTUGUESES		
Autor	BERNARDO, Hernâni de Barros		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1970		
Temático	1. Numismática: Nomes de Moedas		
Notas	Sep. de: "Revista de Portugal", Série A: Língua Portuguesa, Vol. XXXV		
Registo	6949	Cota	Bib. S/ 219
Título	CONSIDERAÇÕES SOBRE A EXISTÊNCIA DE "MARCAS POVEIRAS" EM FÃO (ALGUMAS)		
Autor	FREIRE, Osvaldo		
Zona ed.	Povoa de Varzim: Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Correia", 1967		
Temático	1. Etnografia: Fão		
Notas	Sep. de: "Povoa de Varzim: Boletim Cultural", 1967, Vol. VI, n.º 1		
Registo		Cota	Bib. S/ cx. 3 - 20

- Título  
Autor  
Zona ed.  
Temático  
Notas  
Registo
- CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTUDO DA ARQUITECTURA MILITAR NO ULTRAMAR (ALGUMAS)  
AZEVEDO, Carlos de  
Coimbra: Universidade de Coimbra, 1966  
1. Arquitectura Militar  
Sep. de: Actas do V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros", Vol. IV  
7754 Cota Bib. S/ cx. 16 – 21
- Título  
Autor  
Zona ed.  
Temático  
Notas  
Registo
- CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROBLEMA DO BERÇO DA HUMANIDADE  
BOLÃO, José de Oliveira  
Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa, 1968  
1. Antropologia: Origem do homem  
Sep. de: "Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa", 1968, Abril-Jun.  
7479 Cota Bib. S/ cx. 11 – 24
- Título  
Autor  
Zona ed.  
Temático  
Notas  
Registo
- CONTACTOS Y RELACIONES ENTRE LA MAGNA GRECIA Y LA PENÍNSULA IBÉRICA SEGÚN LA ARQUEOLOGÍA Y LOS TEXTOS CLÁSSICOS  
GARCÍA Y BELLIDO, Antonio  
Madrid: Tip. de Archivos Olózaga, 1935  
1. Relações: Grécia – Península Ibérica – Vestígios arqueológicos  
7224 Cota Bib. S/ cx. 6 – 2
- Título  
Autor  
Zona ed.  
Temático  
Notas  
Registo
- CONTRIBUICION AL CONOCIMIENTO DE ASTA REGIA  
GUERRERO, Manuel Esteve  
Madrid: Instituto Bernardino de Sahagun, 1941  
1. Arqueología: Asta Regia  
Sep. de: "Atlantis Actas Y Memorias de la Sociedad Española de Antropología Etnografía Y Prehistoria", T. XVI Cad. III, IV  
7063 Cota Bib. S/ cx. 4 – 15
- Título  
Autor  
Zona ed.  
Temático  
Notas  
Registo
- CONTRIBUIÇÃO PARA A FAUNA DO KIMERIDGIANO DA MINA DE LIGNITO GUIMAROTA (LEIRIA, PORTUGAL)  
KUHNE, Walter; KREBS, Bernard  
Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1968  
1. Geologia: Leiria  
Parte I. - (Memória/Serviços Geológicos de Portugal; 14)  
7741 Cota Bib. S/ 295
- Título  
Autor  
Zona ed.  
Temático  
Notas  
Registo
- CONTRIBUIÇÃO PARA A CARTA ARQUEOLÓGICA DOS CONCELHOS DE VILA VELHA DE RÓDÃO E NISA  
HENRIQUES, Francisco José Ribeiro; CANINAS, João Carlos Pires  
Vila Velha de Ródão: Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, 1986  
1. Cartas arqueológicas: Concelho de Vila Velha de Ródão  
2. Cartas arqueológicas: Concelho de Nisa  
In: "Preservação" 1984, A. VII, N.º 7  
7744 Cota Bib. S/ cx. 16 – 33
- Título  
Autor  
Zona ed.  
Temático  
Notas  
Registo
- CONTRIBUIÇÃO PARA O CONHECIMENTO DA FAUNA DO KIMERIDGIANO DA MINA DE LIGNITO GUIMAROTA (LEIRIA, PORTUGAL)  
HAHN, Gerhard; HELMDACH, Friedrich-Franz  
Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1971-1973  
1. Fauna: Leiria  
Parte II, III. - (Memória/ Serviços Geológicos de Portugal; 17, 22)  
6901 Cota Bib. S/ 176; Bib. S/ 181
- Título  
Autor  
Zona ed.  
Temático  
Notas  
Registo
- CONTRIBUIÇÃO PARA O CONHECIMENTO DAS INDÚSTRIAS LÍTICAS MAIS ANTIGAS NO TERRITÓRIO PORTUGUÊS: AS JAZIDAS COM "PEBBLE CULTURE" DA FORMAÇÃO DE BELVERDE-PENÍNSULA DE SETÚBAL – VILAFRANQUIANO MÉDIO  
AZEVEDO, T. M.; CARDOSO, J. L.; PENALVA, C.; ZBYSZEWSKI, G.  
(s.l.): (s.n.). (s.d.)  
1. Arqueologia: Industria lítica – Portugal  
Folhas soltas  
7589 Cota Bib. S/ cx. 12 – 27
- Título  
Autor  
Zona ed.  
Temático  
Notas  
Registo
- CONTRIBUIÇÃO PARA O CONHECIMENTO DAS RELAÇÕES POR VIA MARÍTIMA NO ENEOLÍTICO E NA PROTO-HISTÓRIA ENTRE AS POPULAÇÕES DA COSTA CENTRO-OCIDENTAL DA PENÍNSULA IBÉRICA E OS POVOS DO MEDITERRÂNEO  
VICENTE, Eduardo Prescott; SERRÃO, Eduardo da Cunha  
Lisboa, 1961  
1. Expansão: Cultura megalítica  
Sep. de: "Actas do Congresso Internacional de História dos Descobrimentos", Vol. III  
7960 Cota Bib. S/ cx. 2 – 17

Título	CONTRIBUIÇÃO PARA O CONHECIMENTO DO PALEOLÍTICO DA REGIÃO DE TORRES VEDRAS		
Autor	ZBYSZEWSKI, Georges; FERREIRA, Octávio da Veiga		
Zona ed.	Lisboa: Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos, 1972-1973		
Temático	1. Arqueologia: Paleolítico – Torres Vedras		
Notas	Sep. de: "Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal", T. LVI		
Registo	7648	Cota	Bib. S/ cx. 14 – 7
Título	CONTRIBUIÇÃO PARA O CONHECIMENTO DOS POVOADOS CALCOLÍTICOS DO BAIXO ALENTEJO E ALGARVE		
Autor	SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina		
Zona ed.	Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, 1976-77		
Temático	1. Arqueologia: Povoados calcolíticos – Baixo Alentejo – Algarve		
Notas	Sep. de: "Setúbal Arqueológica", 1976-77, Vol. II-III		
Registo	8064	Cota	Bib. S/ cx. 11 – 42
Título	CONTRIBUIÇÃO PARA O CONHECIMENTO GEOLÓGICO DA BACIA TERCÍARIA DO TEJO		
Autor	CARVALHO, A. M. Galopim de		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1968		
Temático	1. Geologia: Bacia Terciária do Tejo		
Notas	(Memória / Serviços Geológicos de Portugal; 11)		
Registo	6901	Cota	Bib. S/ 173
Título	CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA ARQUEOLOGIA DO CONCELHO DE ALTER DO CHÃO – ALTO ALENTEJO		
Autor	ISIDORO, Agostinho Farinha		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia da Universidade do Porto, 1966		
Temático	1. Arqueologia: Alter do Chão – Alto Alentejo		
Notas	Sep. de: "Actas do IV Colóquio Português de Arqueologia", 1966		
Registo	7047	Cota	Bib. S/ cx. 4 – 33
Título	CONTRIBUIÇÃO PARA UM PROGRAMA DE PESQUISA DO PALEOLÍTICO ANTIGO E MÉDIO PORTUGUÊS		
Autor	SERRÃO, Eduardo da Cunha; JORGE, Vítor Manuel de Oliveira		
Zona ed.	Guimarães: (s.n.), 1971		
Temático	1. Arqueologia: Paleolítico português		
	2. Pesquisa arqueológica: Paleolítico português		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães"		
Registo	7016; 7361	Cota	Bib. S/ cx. 3 – 29; cx. 9 – 5
Título	CONTRIBUTION Á L'ÉTUDE MICROPALÉONTOLOGIQUE ET STRATIGRAPHIQUE DU JURASSIQUE SUPÉRIEUR ET DU CRÉTACÉ INFÉRIEUR DES ENVIRONS DE LISBONNE – Portugal		
Autor	RAMALHO, Miguel M.		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1971		
Temático	1. Geologia		
Notas	(Memória/ Serviços Geológicos de Portugal; 19)		
Registo	6901	Cota	Bib.S/ 178
Título	CONTRIBUTION Á L'HISTOIRE DE L'ANTHROPOLOGIE PHYSIQUE AU PORTUGAL		
Autor	CUNHA, A. Xavier da		
Zona ed.	Coimbra: Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra, 1982		
Temático	1. Antropologia Física: Portugal		
	2. História: Antropologia Física – Portugal		
Notas	(Contribuições para o Estudo da Antropol. Portuguesa; Vol.XI, Fasc. 1)		
Registo	7144	Cota	Bib. S/ cx. 5 – 35
Título	CONTRIBUTOS PARA O ESTUDO DAS FESTIVIDADES POPULARES EM LOUVOR DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NO LUGAR DO PENEDO – COLARES – SINTRA		
Autor	CABRAL, Maria Elisabeth Figueiredo; NUNES, Maria Luísa Abreu		
Zona ed.	Sintra: Gabinete de Estudos de Arqueologia Arte e Etnografia, 1982-1983		
Temático	1. Etnografia: Festas Populares – Penedo – Sintra		
	2. Folclore: Festas Populares – Divino Espírito Santo – Penedo – Sintra		
Notas	Sep. de: "Sintria", 1982-83, Vol. I-II (1)		
Registo	6978	Cota	Bib. S/ 252
Título	CONVENTUS TARRACONENSIS: MOSAICOS ROMANOS DE HISPANIA CITERIOR – I		
Autor	BALIL, Alberto		
Zona ed.	Santiago de Compostela: Seminario de Arqueologia: Facultad de Filosofia y Letras, 1971		
Temático	1. Arte: Mosaicos Romanos		
Notas	(Studia Archaeologica; 12)		
Registo	7931	Cota	Bib. S/ cx. 1 – 13
Título	COORDENADAS FUNDAMENTAIS DA EXPANSÃO PORTUGUESA		
Autor	ALMEIDA, Justino Mendes de		
Zona ed.	Lisboa: Agência –Geral do Ultramar, 1965		
Temático	1. Expansão Portuguesa		
Notas			
Registo	7316	Cota	Bib. S/ cx. 7 – 37

Título	COORDENADAS PARA UMA INDEPENDÊNCIA: RELAÇÕES DE D. AFONSO HENRIQUES COM A CÚRIA ROMANA		
Autor	POLICARPO, Fernando		
Zona ed.	Lisboa: Estado Maior do Exército: Direcção do Serviço Histórico-Militar, 1981		
Temático	1. Reis: Portugal – D. Afonso Henriques; 2. Diplomacia: D. Afonso Henriques; 3. Tratados de Paz: Portugal-Espanha; 4. Independência: Portugal		
Notas			
Registo	6976	Cota	Bib. S/ 256
Título	CORÔA DO FRADE: FORTIFICAÇÃO DO BRONZE FINAL DOS ARREDORES DE ÉVORA – ESCAVAÇÕES DE 1971/1972		
Autor	ARNAUD, José Morais		
Zona ed.	Heidelberg: F. H. Kerle Verlag, 1979		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Évora – 1971–1972		
Notas			
Registo	7617	Cota	Bib. S/ cx. 13 – 19
Título	CORPUS DELLE STATUE – STELE LUNIGIANESI		
Autor	AMBROSI, Augusto C.		
Zona ed.	Bordighera: Istituto Internazionale di Studi Liguri, 1972		
Temático	Arqueologia: Estátuas – Estelas		
Notas	(Collona Storica della Liguria Orientale; VI)		
Registo	6822	Cota	Bib. S/ 11
Título	CRIAÇÃO DAS LETRAS E OS SISTEMAS DE NUMERAÇÃO (A)		
Autor	RIBEIRO, Leonel		
Zona ed.	Coimbra: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, 1957		
Temático			
Notas	Sep. das Publicações do XXIII Congresso Luso – Espanhol, T. II		
Registo	7387	Cota	Bib. S/ cx. 9 – 37
Título	CRIPTOPÓRTICO		
Autor	MUSEU NACIONAL MACHADO DE CASTRO; resp.		
Zona ed.	Coimbra: Museu Nacional Machado de Castro, 1971		
Temático	1. Monumentos: Criptopórtico		
Notas			
Registo	7466	Cota	Bib. S/ cx. 11 – 37
Título	CRISTÓBAL COLÓN: SALVADOR GONSALVES ZARCO INFANTE DE PORTUGAL		
Autor	ÁVILA, Arthur Lobo D'; FERREIRA, Saul Santos		
Zona ed.	Lisboa, 1939		
Temático	1. Biografias: Cristóvão Colombo 2. Navegadores: Cristóvão Colombo		
Notas			
Registo	7213	Cota	Bib. S/ 302
Título	CRITÉRIO GEOGRÁFICO DO PROFESSOR SILVA TELES (O)		
Autor	SCHWALBACH, Luiz		
Zona ed.	Lisboa: Oficinas Fernandes, 1934		
Temático	1. Homenagens: Professor Silva Teles		
Notas			
Registo	7760	Cota	Bib. S/ cx. 16 – 30
Título	CRÓNICA DE CINCO REIS DE PORTUGAL		
Autor	BASTO, A. de Magalhães, pról.		
Zona ed.	Porto: Livraria Civilização, 1945		
Temático	1. Reis: D. Henrique – Portugal. – 2. Reis: D. Sancho I – Portugal. – 3. Reis: D. Afonso II – Portugal. – 4. Reis: D. Sancho II – Portugal. – 5. Reis: D. Afonso III – Portugal. – 6. Crónicas: Reis – Portugal		
Notas	Vol. I – Inédito quatrocentistas reprod. do CÓD. 886 da Bibl. Públ. Muni. do Porto, seguido de capítulos inéditos da versão portuguesa da Crónica Geral de Espanha e outros textos.		
Registo	6256	Cota	Bib. S/ 53
Título	CRÓNICA DE D. AFONSO HENRIQUES		
Autor	BRANDÃO, António; BASTO, A. de Magalhães, introd.		
Zona ed.	Porto: Livraria Civilização, 1944		
Temático	1. Reis: Afonso Henriques – Portugal 2. Crónicas: Reis – Portugal		
Notas	Ed. actualizada		
Registo	6254	Cota	Bib. S/51

Título	CRÓNICA DE D. DINIS		
Autor	PINA, Rui de		
Zona ed.	Porto: Livraria Civilização, 1945		
Temático	1. Reis: D. Dinis – Portugal 2. Crónicas: Reis – Portugal		
Notas	Segundo o Códice inédito n.º 891 da Bibl. Mun. do Porto, seguido da versão actualizada da edição Ferreiriana de 1726		
Registo	6255	Cota	Bib. S/ 52
Título	CRÓNICA DO CONDE D. HENRIQUE, D. TERESA E INFANTE D. AFONSO		
Autor	BRANDÃO, António; BASTO, A. de Magalhães; introd.		
Zona ed.	Porto: Livraria Civilização, 1944		
Temático	1. Reis: D. Henrique – Portugal. –2. Rainhas: D. Teresa – Portugal. – 3. Infantes: D. Afonso – Portugal. – 4. Crónicas: Reis – Portugal		
Notas	Ed. actualizada		
Registo	6257	Cota	Bib. S/ 50
Título	CULTURA DEL BRONCE EN EL SUDOESTE PENINSULAR: DISTRIBUCIÓN Y DEFINICIÓN (LA)		
Autor	SCHUBART, Hermanfrid		
Zona ed.	Barcelona: Diputación Provincial de Barcelona, 1974		
Temático	1. Cultura do Bronze: Península Ibérica		
Notas	Sep. de: "Miscelánea Arqueológica: XXV Aniversario de los Cursos Internacionales de Prehistoria y Arqueologia en Ampurias 1957-1971", T. II		
Registo	7633	Cota	Bib. S/ cx. 13 – 32
Título	CULTURA DEL BRONCE EN EL SUDOESTE PENINSULAR: DISTRIBUCIÓN Y DEFINICIÓN (LA)		
Autor	SCHUBART, Hermanfrid		
Zona ed.	Barcelona: Diputación Provincial de Barcelona, 1974		
Temático	1. Investigação Arqueológica: Bronze do Sudoeste Peninsular 2. Cultura do Bronze: Sudoeste Peninsular		
Notas	Sep. de: "Miscelánea Arqueológica: XXV Aniversário de los Cursos Internacionales de Prehistoria y Arqueologia en Ampurias – 1947-1971", T. II		
Registo	7659	Cota	Bib. S/ cx. 14 – 24
Título	CULTURA DO VASO CAMPANIFORME NO CONCELHO DE CASCAIS (A)		
Autor	FERREIRA, Octávio da Veiga		
Zona ed.	Cascais: Câmara Municipal, 1964		
Temático	1. Arqueologia: Cultura do vaso campaniforme – Cascais		
Notas			
Registo	7236	Cota	Bib. S/ cx. 6 – 11
Título	CULTURAL SEQUENCE AT VILA NOVA DE S. PEDRO: A STUDY OF THE SECTION CUT THROUGH THE INNERMOST RAMPART OF THE CHALCOLITHIC CASTRO IN 1959 (THE)		
Autor	SAVORY, Hubert N.		
Zona ed.	Heidelberg: (s.n.), 1972		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Vila Nova de S. Pedro		
Notas			
Registo	7813	Cota	Bib. S/ cx. 18 – 9
Título	CULTURE DU VASE CAMPANIFORME AU PORTUGAL (LA)		
Autor	FERREIRA, Octávio da Veiga		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1966		
Temático	1. Arqueologia: Campaniforme – Portugal		
Notas	(Memória/ Serviços Geológicos de Portugal; 12)		
Registo	6901	Cota	Bib. S/ 174
Título	CURRENT WORK ON WELSH ARCHAEOLOGY, EXCAVATIONS AND DISCOVERIES		
Autor	SAVORY, Hubert N.		
Zona ed.	(s.I.): (s.n.), 1975		
Temático	1. Arqueologia		
Notas	Sep. de: "The Bulletin of the Board of Celtic Studies", 1975, Vol. XXVI, parte. II		
Registo	7350	Cota	Bib. S/ cx. 8 – 28
Título	CURRENT WORK IN WELSH ARCHAEOLOGY EXCAVATIONS AND DISCOVERIES		
Autor	SAVORY, Hubert N.		
Zona ed.	(s.I.): (s.n.), 1969		
Temático	1. Escavações arqueológicas		
Notas	Sep. de: "The Bulletin of the Board of Celtic Studies", 1969, Vol. 23, part. 3		
Registo	7615	Cota	Bib. S/ cx. 13 – 17
Título	CURSO DE ESTENSÃO UNIVERSITÁRIA DE CIÊNCIAS GEOLÓGICAS – III		
Autor	CENTRO DE ESTUDOS DE GEOLOGIA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS DE LISBOA; resp.		
Zona ed.	Lisboa: Centro de Est. de Geologia da Fac. de Ciências de Lisboa, 1971		
Temático	1. Curso de Extensão Universitária de Ciências Geológicas – III		
Notas			
Registo	6819	Cota	Bib. S/ 24

Título	DANÇA MILENÁRIA (UMA)		
Autor	SANTOS JUNIOR, J. Rodrigues		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Correia", 1971		
Temático	1. Arte Rupestre: Caninguiúri – Angola		
Notas	(Trabalhos de Antropologia "Dr. Mendes Correia"; 12)		
Registo	7104	Cota	Bib. S/ cx. 3 – 10
Título	DATAS DO RADIO-CARVÃO PARA O CASTRO DE ZAMBUJAL		
Autor	SCHUBART, Hermanfrid		
Zona ed.	ZARAGOZA: (s.n.), 1977		
Temático	1. Arqueologia: Datação		
Notas	Sep. de: "XIV Congresso Nacional de Arqueologia", Vitoria, 1975. – 2 exemplares um em fotocópias, outro em folhas soltas		
Registo	7141; 7468	Cota	Bib. S/ cx. 19 – 17; cx. 11 – 35
Título	DATIERUNG DES RUCKSTROMS DER GLOCKENBECHER UND IHRE AUSWIRKUNG AUF DIE CHRONOLOGIE DER KUPFERZEIT IN PORTUGAL (DIE)		
Autor	SANGMEISTER, E.		
Zona ed.	(s.l.): (s.n.), 1966-1967		
Temático	1. Arqueologia / Cronologias		
Notas	Sep. de: "Palaeohistoria", Vol.12		
Registo	7824	Cota	Bib. S/ cx. 18 – 6
Título	DATING THE PAST: NA INTRODUCTION TO GEOCHRONOLOGY		
Autor	ZEUNER, Frederick E.		
Zona ed.	Londres: Methuen, 1950		
Temático	1. Geocronologia: Métodos de datação 2. Arqueologia: Datação		
Notas	2.ª ed. ver. e aument. (1.ª ed., 1946)		
Registo	6250	Cota	Bib. S/ 47
Título	DE LO PRERROMANO A LO ARABE EN EL MUSEO REGIONAL DE LAGOS		
Autor	VIANA, Abel; FORMOSINHO, José; FERREIRA, Octávio da Veiga		
Zona ed.	Madrid: Instituto de Arqueologia y Prehistoria "Rodrigo Caro", 1953		
Temático	1. Museus: Museu Regional de Lagos		
Notas	Sep. de: "Archivo Español de Arqueologia", 1.º Semestre		
Registo	7529	Cota	Bib. S/ cx. 12 – 12
Título	DENOMINADO TÚMULO DOS DOIS IRMÃOS: O LENDÁRIO E O HISTÓRICO SINTRA (O)		
Autor	AZEVEDO, José Alfredo da Costa; pref. CHAVES, Fernando J. de O. Castelo-Branco		
Zona ed.	Sintra: Câmara Municipal de Sintra, 1978		
Temático	1. Monumentos funerários: Sintra		
Notas			
Registo	7596	Cota	Bib. S/ cx. 12 – 34
Título	DEPÓSITOS VOTIVOS PUNICOS DE ISLA PLANA, IBIZA Y BITHIA - CERDEÑA (LOS)		
Autor	AUBET, Eugenia		
Zona ed.	Santiago de Compostela: Seminario de Arqueología: Facultad de Filosofía y Letras, 1969		
Temático	1. Arqueologia : Depositos votivos punicos		
Notas	(Studia Archaeologica; 3)		
Registo	8066	Cota	Bib. S/ cx. 11 – 40
Título	DESCOBERTA DA HISTÓRIA DAS LETRAS E DOS ALGARISMOS		
Autor	RIBEIRO, Leonel		
Zona ed.	Coimbra: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, 1957		
Temático	1. História das letras e algarismos		
Notas	Sep. das publicações do XXIII Congresso Luso – Espanhol, T. VIII		
Registo	7386	Cota	Bib. S/ cx. 9 – 30
Título	DESCOBERTAS ARQUEOLÓGICAS NO SUL DE PORTUGAL		
Autor	SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares da; (et al.)		
Zona ed.	Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia da Assembleia Distrital de Setúbal, 1980		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Sul de Portugal		
Notas			
Registo	7924	Cota	Bib. S/ cx. 1 – 6
Título	DEUX INSTRUMENTS ROSTRO-CARÉNÉS DÉCOUVERTS PRÉS D'AMADORA: PORTUGAL		
Autor	OLLIVIER, Jean		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1948		
Temático	1. Achados arqueológicos: Amadora – Portugal		
Notas	Sep. de: "Lisboa e o seu Termo: Estudos e Documentos", Vol. I		
Registo	7481	Cota	Bib. S/ cx. 11 – 23

Título	DEZ ANOS DE ACTIVIDADE ARQUEOLÓGICA EM PORTUGAL – 1960-1969: II CONGRESSO NACIONAL DE ARQUEOLOGIA		
Autor	ALARCÃO, Adília; org.; ALARCÃO, Jorge de; org.		
Zona ed.	Coimbra: (s.n.), (s.d.)		
Temático	1. Congressos: Congresso Nacional de Arqueologia – II 2. Arqueologia: Actividade Arqueológica – Portugal – 1960-1969		
Notas			
Registo	7976; 6955	Cota	Bib. S/ cx. 2 – 1; Bib. S/ 225
Título	DICTIONNAIRE DE LA PRÉHISTOIRE		
Autor	BRÉZILLON, Michel; LEROY-GOURHAN, André; pref.		
Zona ed.	Paris: Larousse, 1969		
Temático	1. Dicionários: Pré-história		
Notas	(Les Dictionnaires de L'Homme du XXe. Siècle)		
Registo	6985	Cota	Bib. S/ 262
Título	DICTIONNAIRE DE L'ARCHÉOLOGIE		
Autor	VILLE, Georges		
Zona ed.	Paris: Larousse, 1968		
Temático	1. Dicionários: Arqueologia		
Notas	(Les Dictionnaires de L'Homme du Xxe. Siècle)		
Registo	6984	Cota	Bib. S/ 261
Título	DIE "CASTROS" IM NORDEN PORTUGALS		
Autor	CARDOZO, Mário		
Zona ed.	Guimarães: (s.n.), 1959		
Temático	1. Estações Arqueológicas: Castros – Norte de Portugal		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães", Vol. LXIX, fasc. 3-4		
Registo	7722	Cota	Bib. S/ cx. 16 – 6
Título	DIE KUPFERZEITLICHE SIEDLUNG VON PENEDO – PORTUGAL		
Autor	SPINDLER, Konrad		
Zona ed.	Heidelberg, (s.n.) 1969		
Temático	1. Materiais arqueológicos		
Notas	Sep. de: "Aus den Madrider Mitteilungen", 1969, n.º 10		
Registo	7739	Cota	Bib. S/ 299
Título	DIE NEOLITHISCHE PAREDE-GRUPPE IN MITTELPORTUGAL		
Autor	SPINDLER, Konrad		
Zona ed.	Heidelberg: (s.n.), 1976		
Temático	1. Estação arqueológica: Parede – Cascais		
Notas			
Registo	7688	Cota	Bib. S/ cx. 15 – 11
Título	DIE SONDERSTELLUNG DER SCHWEIZERISCHEN FRUHBRONZEZEIT-KULTUR		
Autor	SANGMEISTER, Edward		
Zona ed.	Zurique: (s.n.), 1966		
Temático	1. Arqueologia: Idade do Bronze		
Notas			
Registo	7731	Cota	Bib. S/ cx. 15 – 21
Título	DIFUSÃO DA METALURGIA DO FERRO NO CONTINENTE AFRICANO		
Autor	BOLÉO, José de Oliveira		
Zona ed.	Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa, 1969		
Temático	1. História: Metalurgia do ferro – África 2. Arqueologia: Metalurgia do ferro – África		
Notas	Sep. de: "Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa", 1969 (Jul-Set)		
Registo	7013	Cota	Bib. S/ cx. 3 – 32
Título	DIGGING UP BONES: THE EXCAVATION TREATMENT AND STUDY OF HUMAN SKELETAL REMAINS		
Autor	BROTHWELL, D. R.		
Zona ed.	Londres: British Museum, 1981		
Temático	1. Escavações arqueológicas 2. Antropologia		
Notas	3.ª ed.		
Registo	6927	Cota	Bib. S/ 214
Título	DINOSSAUROS EOCRETÁDICOS DE LAGOSTEIROS		
Autor	ANTUNES, Miguel Telles		
Zona ed.	Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1976		
Temático	Dinossauros – Lagosteiros – Arrábida		
Notas	1.ª ed.		
Registo	7583	Cota	Bib. S/ cx. 12 – 22

Título	DISPERSOS: COLECTÂNEA DE ARTIGOS PUBLICADOS DESDE 1876 A 1899 SOBRE ARQUEOLOGIA, ETNOLOGIA, MITOLOGIA, EPIGRAFIA E ARTE PRÉ-HISTÓRICA		
Autor	SARMENTO, Francisco Martins		
Zona ed.	Coimbra: Universidade de Coimbra, 1933		
Temático	1. Arqueologia. – 2. Etnologia. – 3. Epigrafia. – 4. Arte: Pré-História		
Notas	Obra comemorativa do 1.º Cent. do nascimento do autor		
Registo	6829	Cota	Bib. S/ 9
Título	DO ASSOCIATIVISMO NUMISMÁTICO EM PORTUGAL: SUA EVOLUÇÃO COMO RESULTANTE DA INVESTIGAÇÃO E DO COLECCIONISMO		
Autor	VITAL, Nestor Fátia		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1980		
Temático	1. Numismática: Associativismo – Portugal		
Notas	Comunicação apresentada ao I Congresso Numismático de Portugal. Texto dactilografado		
Registo	7870	Cota	Bib. S/ 312 – 13
Título	DO CADERNO DE UM PEREGRINO		
Autor	ALMEIDA, Fernando de		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1959		
Temático			
Notas	Sep. de: "Revista de Acção Médica", n.º 91-92		
Registo	7997	Cota	Bib. S/ cx. 19 – 30
Título	DO CASTRO DE LA VILA NOVA DE S. PEDRO Á CITANIA DE SANFINS		
Autor	PAÇO, Afonso do		
Zona ed.	Zaragoza: Seccion de Arqueologia de la Institucion Fernando el Católico, 1955		
Temático	1. Estações arqueológicas: Castro de Vila Nova de S. Pedro		
Notas	Sep. de: "La Crónica"		
Registo	7657	Cota	Bib. S/ cx. 14 – 26
Título	DOCUMENTOS		
Autor	PAÇO, Afonso do		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1961		
Temático	1. Correspondência: Eugénio Jalhay 2. Espólio arqueológico: Gruta II de Alapraia – Cascais		
Notas			
Registo	7683	Cota	Bib. S/ cx. 15 – 7
Título	DOCUMENTOS DE ESTÁCIO DA VEIGA PARA O ESTUDO DA ARQUEOLOGIA DO ALGARVE: I – CATÁLOGO DE PLANTAS, DESENHOS E MOSAICOS		
Autor	MACHADO, João L. Saavedra		
Zona ed.	Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1970		
Temático	1. Arqueologia: Algarve 2. Documentos: Estácio da Veiga – Arqueologia		
Notas	Sep. de: "Actas das I Jornadas Arqueológicas"		
Registo	7763	Cota	Bib. S/ cx. 16 – 27
Título	DOIS LARNAKES DA IDADE DO FERRO DO SUL DE PORTUGAL		
Autor	MAIA, Maria Garcia Pereira		
Zona ed.	Vitoria-Gasteiz: Instituto de Ciências de la Antiguidad de la Universidad del País Vasco, 1987		
Temático	1. Achados arqueológicos: I.ª Idade do Ferro – Castro Verde		
Notas	Sep. de: "Studia Paleohispanica: Actas del IV Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas – Vitoria – Gasteiz, 6 – 10 Mayo 1985". In "Veleia", N.º 2 – 3		
Registo	7685	Cota	Bib. S/ cx. 15 – 6
Título	DÓLMEN DE FALSA CÚPULA DE VALE-DE-RODRIGO (O)		
Autor	LEISNER, Georg		
Zona ed.	Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1944		
Temático	1. Arqueologia: Dólmenes – Vale de Rodrigo		
Notas	Sep. de: "Biblos", vol. XX		
Registo	6950	Cota	Bib. S/ 220
Título	DOLMEN DE ONTIVEROS: VALENCINA DE CONCEPCIÓN – SEVILLA (EL)		
Autor	MATA CARRIAZO, Juan de		
Zona ed.	Murcia: (s.n.), 1961-1962		
Temático	1. Achados arqueológicos: Dolmen – Sevilha		
Notas	Sep. de: "Homenaje al profesor Caytano de Mergelina", Murcia 1961-1962		
Registo	7272	Cota	Bib. S/ cx. 6 – 39
Título	DOLMEN VON CARAPITO (DIE)		
Autor	LEISNER, Vera; RIBEIRO, Leonel		
Zona ed.	Heidelberg: (s.n.), 1968		
Temático	1. Arqueologia: Dolmens		
Notas			
Registo	6951	Cota	Bib. S/ 221

Título	DOLMENS D' ANTEQUERA (LES)		
Autor	REYNA, Simeón Giménez; LÓPEZ ESTRADA, Francisco; pref.		
Zona ed.	Antequera: Biblioteca Antequera, 1973		
Temático	1. Arqueologia: Dolmenes		
Notas			
Registo	7406	Cota	Bib. S/ cx. 9 – 42
Título	DOLMENS ET MENHIRS		
Autor	NIEL, Fernand		
Zona ed.	Paris: Presses Universitaires de France, 1961		
Temático	1. Arqueologia: Monumentos Megalíticos		
Notas	2.ª ed. (Que sais-je?; 764)		
Registo	6994	Cota	Bib. S/ 274
Título	DOM AFONSO PRIMEIRO DUQUE DE BRAGANÇA SUA VIDA E SUA OBRA		
Autor	MACHADO, José Timóteo Montalvão		
Zona ed.	Lisboa: Ed. autor, 1964		
Temático	1. Biografias: Dom Afonso 1.º Duque de Bragança 2. Guerras: Alfarrobeira – Dom Afonso 1.º Duque de Bragança		
Notas			
Registo	6915	Cota	Bib. S/ 202
Título	DOM GIL SANCHES: SUBSÍDIOS PARA A MONOGRAPHIA DA VILLA DE SARZEDAS		
Autor	FERREIRA, Godofredo		
Zona ed.	(s.l.): (s.n.), 1919		
Temático	1. Vilas: Sarzedas		
Notas	Exempl. N.º 14 de uma tiragem de 155 exemplares numerados fora do mercado.		
Registo	8067	Cota	Bib. S/ cx. 18 – 33
Título	DOM JOÃO I E A ALIANÇA INGLESA: INVESTIGAÇÕES HISTÓRICO-SOCIAIS		
Autor	MACEDO, Pedro da Costa de Sousa de Macedo (Conde de Vila Franca)		
Zona ed.	Lisboa: ed. da família do autor, 1950		
Temático	1. Reis: Portugal – D. João I 2. Alianças: Portugal – Inglaterra. – 3. História: Portugal		
Notas	2.ª ed.		
Registo	6942	Cota	Bib. S/ 237
Título	DOM PEDRO DE ALCÂNTARA E UM CANDIDATO A AGENTE SECRETO		
Autor	SANTANA, Francisco Gingeira		
Zona ed.	Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1982		
Temático	1. Reis: Portugal – D. Pedro IV 2. Liberalismo		
Notas	Sep. de: "Anais / A. P. H.", 1982, II.ª S., Vol. 27		
Registo	7409	Cota	Bib. S/ cx. 10 – 29
Título	DOUTOR FÉLIX ALVES PEREIRA E O MUSEU ETNOLÓGICO DO DR. LEITE DE VASCONCELOS (O)		
Autor	MACHADO, João L. Saavedra		
Zona ed.	Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, 1965		
Temático	1. Biografias: Félix Alves Pereira – 1865-1936 2. Correspondência: Félix Alves Pereira - Leite de Vasconcelos – 1905-1928		
Notas	Sep. de: "Ethnos", 1965, Vol. IV		
Registo	7506	Cota	Bib. S/ cx. 11 – 14
Título	DR. BAIRRÃO OLEIRO: A PROPÓSITO DO SEU EX-LIBRIS		
Autor	PAÇO, Afonso do; LEMOS, João de		
Zona ed.	Braga: Academia Portuguesa de Ex-Libris, 1966		
Temático	1. Biografias: João Manuel Bairrão de Oliveira da Silva Oleiro – 1923-?		
Notas	Sep. de: "Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Libris", n.º 37		
Registo	7082	Cota	Bib. S/ cx. 5 – 2
Título	DUAS DANÇAS RITUAIS PAGÃS: UM VIRA DO MINHO, A DANÇA DA TRANCA DA BEIRA BAIXA – ENSAIO		
Autor	FERREIRA, Albano		
Zona ed.	Porto: (s.n.), 1965		
Temático	1. Folclore: Danças populares		
Notas	Sep. de: "Actas do III Colóquio Portuense de Arqueologia", In: "Lucerna", 1965, Vol. IV		
Registo	7610	Cota	Bib. S/ cx. 13 – 9
Título	DUAS DÉCADAS DE ARQUEOLOGIA SINTRENSE		
Autor	CHAVES, Fernando José de Oliveira Castelo-Branco		
Zona ed.	Lisboa: Junta Distrital de Lisboa, 1961		
Temático	1. Arqueologia: Sintra 2. Bibliografia: Arqueologia Sintrens		
Notas	Sep. de: "Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa", II.ª S., N.º LV-LVI, 1961		
Registo	7922	Cota	Bib. S/ cx. 1 – 4

Título	DUAS INSCRIÇÕES ROMANAS INÉDITAS DO MUSEU DE MARVÃO		
Autor	PAÇO, Afonso do; ALMEIDA, D. Fernando de		
Zona ed.	Guimarães: (s.n.), 1962		
Temático	1. Inscrições romanas: Museu de Marvão		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães", Vol. LXXII, n.º 1-2		
Registo	7388	Cota	Bib. S/ cx. 9 – 36
Título	DUAS NOTAS BIBLIOGRÁFICAS		
Autor	ALMEIDA, Justino Mendes de		
Zona ed.	Coimbra: (s.n.), 1959		
Temático	1. Bibliografias		
Notas	Sep. de: "Arquivo de Bibliografia Portuguesa", A. IV, n.º 15-16		
Registo	7664	Cota	Bib. S/ cx. 15 – 3
Título	DUAS PEDRAS NACIONAIS		
Autor	CARDOZO, Mário		
Zona ed.	Beja: (s.n.), 1967		
Temático	1. Achados arqueológicos: Jóia em ouro – Penela (Coimbra)		
Notas	Sep. de: "Arquivo de Beja", 1966-67, Vol. XXIII-XXIV		
Registo	7214	Cota	Bib. S/ Cx. 6 – 8
Título	EDAD DEL BRONCE (LA)		
Autor	HOERNES, Moritz; BEHN, Friedrich		
Zona ed.	Barcelona: Labor, 1952		
Temático	1. Pre-História		
Notas	reimpressão da 3.ª ed. (Prehistória; II)		
Registo	7693	Cota	Bib. S/ 280
Título	EDAD DEL HIERRO (LA)		
Autor	HOERNES, Moritz		
Zona ed.	Barcelona: Labor, 1945		
Temático	1. Pre-História		
Notas	3.ª ed. (Pre-história; III)		
Registo	7694	Cota	Bib. S/ 281
Título	EDIÇÕES QUINHENTISTAS DE OS LUSÍADAS E AS PRIMEIRAS TRADUÇÕES (AS)		
Autor	SERRÃO, Eduardo da Cunha		
Zona ed.	Lisboa, 1973		
Temático	1. Literatura portuguesa: Edições quinhentistas		
	2. Literatura portuguesa: "Os Lusíadas"		
Notas	Sep. de: "Revista dos Correios e Telecomunicações", 1973, Abr.-Jun., n.º 26		
Registo	8002	Cota	Bib. S/ cx. 19 – 22
Título	EGITÂNIA: HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA		
Autor	ALMEIDA, Fernando de		
Zona ed.	Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1956		
Temático	1. Arqueologia: Idanha-A-Velha		
	2. História: Idanha-A-Velha		
Notas			
Registo	6917	Cota	Bib. S/ 204
Título	EIN KELTSCHER AUS DER SAÖNE BEI BELEVILLE		
Autor	SPINDLER, Konrad		
Zona ed.	Mainz: Romisch-Germanisches Zentralmuseum, 1972		
Temático			
Notas	Sep. de: "Archaeologisches Korrespondenzblatt", 1972, n.º 2		
Registo	7745	Cota	Bib. S/ cx. 16 – 20
Título	EINE KUPFERNE DOPPELSPIRALE AUS FONT		
Autor	SPINDLER, Konrad		
Zona ed.	Basel: Société Suisse de Prehistoire et d'Archéologie, 1971		
Temático	1. Pré-História e Arqueologia		
Notas	Sep. de: "Annuaire de la Société Suisse de Prehistoire et d'Archéologie", 1971, Vol. 56		
Registo	7623	Cota	Bib. S/ cx. 13 – 24
Título	EINE KUPFERZEITLICHE SIEDLUNG VOM PICO AGUDO/ PORTUGAL		
Autor	SPINDLER, Konrad		
Zona ed.	Heidelberg: Sonderdruck aus den Madrider Mitteilungen, 1971		
Temático	Pré-História		
Registo	7642	Cota	Bib. S/ cx. 14 – 1

Título	ELEMENTOS DE ADORNO DE COR VERDE PROVENIENTES DE ESTAÇÕES ARQUEOLÓGICAS PORTUGUE- SAS: IMPORTÂNCIA DO SEU ESTUDO MINERALÓGICO		
Autor	GONÇALVES, António A. Huet B.		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa, 1973		
Temático	1. Arqueologia: Objectos de adorno de cor verde 2. Mineralogia		
Notas	(Trabalhos do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa": 23)		
Registo	7706	Cota	Bib. S/ cx. 16 – 12
Título	ELEMENTOS PARA A BIBLIOGRAFIA DA CULTURA MEGALÍTICA EM PORTUGAL		
Autor	CARDOZO, Mário		
Zona ed.	Guimarães, 1960		
Temático	1. Bibliografia: Cultura Megalítica		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães", Vol. LXX, n.º 3-4		
Registo	7544	Cota	Bib. S/ cx. 19 – 10
Título	ELEMENTOS PARA O ESTUDO DOS RECINTOS MURALHADOS DO PLANALTO DA HUMPATA – REGIÃO DA HUÍLA, SUDOESTE DE ANGOLA (ALGUNS)		
Autor	JORGE, Vítor de Oliveira		
Zona ed.	Guimarães: (s.n.), 1978		
Temático	1. Pré-História: Huíla - Angola 2. Estações Arqueológicas: Huíla – Angola		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães", Vol. LXXXVII, 1978		
Registo	7707	Cota	Bib. S/ cx. 16 – 16
Título	ÉLÉMENTS DE FAUCILLE NÉO-ÉNÉOLITHIQUES DES ENVIRONS DE LISBONNE (LES)		
Autor	OLLIVIER, Jean		
Zona ed.	Lisboa: Instituto Português de Arqueologia História e Etnografia, 1964		
Temático	1. Arqueologia: Lisboa		
Notas	Sep. de: "Ethnos: revista do Instituto Português de Arqueologia História e Etnografia"		
Registo	7988	Cota	Bib. S/ cx. 18 – 30
Título	ELOGIO DO PROFESSOR D. LUIS DE CASTRO – CONDE DE NOVA GOA		
Autor	SOUSA, Francisco Luís Pereira de		
Zona ed.	Coimbra: Imprensa da Universidade, 1930		
Temático	1. Elogios: Professor Luís de Castro		
Notas	Sep. de: "Boletim da Academia das Ciências de Lisboa", Nova Série, Vol. II		
Registo	7405	Cota	Bib. S/ cx. 9 – 41
Título	ELOGIO DO SÁBIO PROFESSOR DR. JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS		
Autor	CORREIA, Mendes		
Zona ed.	Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1959		
Temático	1. Homenagens: José Leite de Vasconcelos		
Notas	Sep. de: "Boletim da Academia das Ciências de Lisboa", 1958, Vol. XXX		
Registo	7102	Cota	Bib. S/ cx. 5 - 20
Título	ENCYCLOPÉDIE EN COULEURS DE LA MINÉRALOGIE (L')		
Autor	FONT-ALTABA, M.; TASSEL, R. Van; adapt.		
Zona ed.	Bélgica: Marabout Université, 1965		
Temático	1. Ciência: Mineralogia		
Notas			
Registo	6861	Cota	Bib. S/ 104
Título	ENEOLÍTICO EN VILLENA – ALICANTE (EL)		
Autor	SOLER GARCIA, J. Maria		
Zona ed.	Valencia: Departamento de História Antigua de la Facultad de Geografía e Historia de la Universidad de Valencia, 1981		
Temático	1. Arqueologia: Eneolítico – Alicante		
Notas	Serie de Arqueologia, n.º 7		
Registo	7984	Cota	Bib. S/ 355
Título	ENIGMA EPIGRÁFICO: BREVES NOTAS ARQUEOLÓGICAS (UM)		
Autor	BELO, Aurélio Ricardo		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1957		
Temático	1. Epigrafia		
Notas	Sep. de: "Estremadura: Boletim da Junta de Província", n.º 41-43		
Registo	7365	Cota	Bib. S/ cx. 9 – 9
Título	ENIGMA IBÉRICO: OUTRAS BASES ALFABÉTICAS E NOVAS LEITURAS DE INSCRIÇÕES INDIGENAS (O)		
Autor	RIBEIRO, Leonel		
Zona ed.	Lisboa: Autor, 1969		
Temático	1. Inscrições Ibéricas		
Notas	Vol. Incompleto		
Registo	7776	Cota	Bib. S/ cx. 17 – 12

Título	ENIGMA IBÉRICO: OUTRAS BASES ALFABÉTICAS E NOVAS LEITURAS DE INSCRIÇÕES INDÍGENAS (O)		
Autor	RIBEIRO, Leonel		
Zona ed.	Lisboa: Ed. autor, 1969		
Temático	1. Arqueologia: Inscrições Indígenas		
Notas	2 exemplares		
Registo	6953	Cota	Bib. S/ 223
Título	ENSAIOS SOBRE PALEOANTROPOLOGIA CULTURAL		
Autor	JORGE, Vitor Manuel de Oliveira		
Zona ed.	Porto: Centro Universitário do Porto, 1977		
Temático	1. Arqueologia 2. Paleoantropologia		
Notas			
Registo	6871	Cota	Bib. S/ 154
Título	ENTFALTUNG DER KULTUR		
Autor	SANGMEISTER, Edward		
Zona ed.	(s.l.): (s.n.), 1963-1964		
Temático			
Notas	Sep. de: "Sonderdruck aus Freiburger dies Universitatis", 1963-64, n.º 11.		
Registo	7857	Cota	Bib. S/ cx. 18 – 23
Título	EPIGRAFIA AMAIENSE: CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DE ARAMENHA ROMANA – CONCELHO DE MARVÃO		
Autor	JALHAY, Eugénio		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1947		
Temático	1. Epigrafia: Concelho de Marvão		
Notas	Sep. de: "Brotéria", 1947, Vol. XLV, Fasc. 6		
Registo	7378	Cota	Bib. S/ cx. 9 – 22
Título	EPIGRAFIA LATINA DO CONCELHO DE AROUCA E ALGUNS DOS SEUS PROBLEMAS (A)		
Autor	BRANDÃO, Domingos de Pinho		
Zona ed.	Porto: (s.n.), 1962		
Temático	1. Epigrafia Latina – Arouca		
Notas	Sep. de: "I Colóquio Portuense de Arqueologia"		
Registo	7383	Cota	Bib. S/ cx. 9 – 27
Título	ÉPIGRAPHIE LATINE (L')		
Autor	BLOCH, Raymond		
Zona ed.	Paris: Presses Universitaires de France, 1964		
Temático	1. Epigrafia Latina		
Notas	3.ª ed. ( Que sais-je?; 534)		
Registo	6993	Cota	Bib. S/ 273
Título	ÉPIGRAPHIE LATINE (L')		
Autor	BLOCH, Raymond		
Zona ed.	Paris: Presses Universitaires de France, 1952		
Temático	1. Epigrafia Latina		
Notas	1.ª ed. (Que sais-je?; 534)		
Registo	6992	Cota	Bib. S/ 272
Título	ERRIDÂNIA: A GEOGRAFIA MAIS ANTIGA DO OCIDENTE		
Autor	SAA, Mário		
Zona ed.	Lisboa: Astória, 1936		
Temático	1. Geografia Antiga		
Notas			
Registo	6945	Cota	Bib. S/ 233
Título	ESBOÇO ARQUEOLÓGICO DO CONCELHO DO CRATO – ALTO ALENTEJO: NOVOS ELEMENTOS		
Autor	ISIDORO, Agostinho Farinha		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa", 1962		
Temático	1. Arqueologia: Concelho do Crato – Alto Alentejo		
Notas	Sep. de: "Anais da Faculdade de Ciências do Porto", T. XLIV		
Registo	7048	Cota	Bib. S/ cx. 4 – 30
Título	ESBOÇO ARQUEOLÓGICO DO CONCELHO DO CRATO – ALTO ALENTEJO: NOVOS ELEMENTOS – II		
Autor	ISIDORO, Agostinho Farinha		
Zona ed.	Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 196?		
Temático	1. Arqueologia: Concelho do Crato – Alto Alentejo		
Notas	Sep. de: "Trabalhos de Antropologia e Etnologia", Vol. XIX, fasc. 2		
Registo	7048	Cota	Bib. S/ cx. 4 – 31

Título	ESBOÇO ARQUEOLÓGICO DO CONCELHO DO CRATO – ALTO ALENTEJO: NOVOS ELEMENTOS – III		
Autor	ISIDORO, Agostinho Farinha		
Zona ed.	Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1965		
Temático	1. Arqueologia: Concelho do Crato – Alto Alentejo		
Notas	Sep. de: “Trabalhos de Antropologia e Etnologia”, Vol. XIX, fasc. 2		
Registo	7048	Cota	Bib. S/ cx. 4 – 32
Título	ESBOÇO ARQUEOLÓGICO DO CONCELHO DO CRATO – ALTO ALENTEJO: NOVOS ELEMENTOS – IV		
Autor	ISIDORO, Agostinho Farinha		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia “Dr. Mendes Correia”, 1973		
Temático	1. Arqueologia: Concelho do Crato – Alto Alentejo		
	2. Monumentos Funerários: Antas		
Notas	(Trabalhos de Antropologia “Dr. Mendes Correia”; 20). – 2 exemplares		
Registo	7032; 7130	Cota	Bib. S/ cx. 3 – 11; cx. 5 – 24
Título	ESBOÇO DUMA CARTA REGIONAL DE PORTUGAL		
Autor	GIRÃO, Aristides de Amorim		
Zona ed.	Coimbra: Universidade de Coimbra, 1933		
Temático	1. Geografia: Portugal		
	2. Regiões: Portugal. – 3. Economia Nacional: Regionalismo – Portugal		
Notas	2.ª ed. il. e aument.		
Registo	6803	Cota	Bib. S/ 44
Título	ESCAVAÇÃO DA MAMOIA 1 DA ABOGALHEIRA: SERRA DA ABOBOREIRA – CONCELHO DE AMARANTE		
Autor	CUNHA, Ana Maria C. Leite da; SILVA, Eduardo Jorge Lopes da		
Zona ed.	Porto: Grupo de Investigação Arqueológica do Norte, 1982		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Mamoia da Abogalheira – Amarante		
Notas	(Trabalhos do Grupo de Investigação Arqueológica do Norte: 1)		
Registo	6932	Cota	Bib. S/ 209
Título	ESCAVAÇÃO DA MAMOIA 3 DE MENINAS DO CRATO: SERRA DA ABOBOREIRA – BAIÃO		
Autor	JORGE, Vítor Oliveira; JORGE, Susana Maria Soares Rodrigues Lopes de Oliveira, Colab.; COSTA, Susana Faro da, Colab.; CLETO, Joel Alves, Colab.		
Zona ed.	Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1986		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Mamoia 3 de Meninas do Crato – Serra da Aboboreira		
Notas	Sep. de: “Trabalhos de Antropologia e Etnologia”, Vol. XXVI, fasc. 1-4		
Registo	7419	Cota	Bib. S/ cx. 10 – 19
Título	ESCAVAÇÃO DA MAMOIA 3 DE OUTEIRO DE ANTE: SERRA DA ABOBOREIRA – CONCELHO DE BAIÃO		
Autor	JORGE, Vítor Oliveira		
Zona ed.	Guimarães: Companhia Editora do Minho, 1980		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Mamoia de Outeiro de Ante – Baião		
Notas	Sep. de: “Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular”, vol. I		
Registo	6931	Cota	Bib. S/ 210
Título	ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NA VINHA DA SOUTILHA – MAIROS – 1981		
Autor	JORGE, Susana de Oliveira; SOEIRO, Teresa		
Zona ed.	Porto: Instituto de Arqueologia, 1981-1982		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Mairos – Chaves		
Notas	Sep. de: “Portugalia”, 1981-82, Nova Série, Vol. II – III		
Registo	7625	Cota	Bib. S/ cx. 13 – 22
Título	ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NO POVOADO DA CHÃ DO CASTRO – AMARES, BRAGA		
Autor	JORGE, Susana de Oliveira		
Zona ed.	Guimarães, 1980		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Povoado da Chã do Castro - Braga		
Notas	Sep. de: “Revista de Guimarães”, Vol. LXXXIX		
Registo	7994	Cota	Bib. S/ cx. 19 – 33
Título	ESCAVAÇÕES EM DÓLMENES DO CONCELHO DO CRATO: ALTO ALENTEJO		
Autor	ISIDORO, Agostinho Farinha		
Zona ed.	Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1966		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Dolmens – Concelho do Crato – Alentejo		
Notas	Sep. de: “Trabalhos de Antropologia e Etnografia”, Vol XX, fasc. 1-2 (2 exemplares)		
Registo	7652	Cota	Bib. S/ cx. 14 – 11~
Título	ESCAVAÇÕES EM DÓLMENES DO CONCELHO DO CRATO: ALTO ALENTEJO - II		
Autor	ISIDORO, Agostinho Farinha		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia “Dr. Mendes Corrêa”, 1967		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Concelho do Crato		
Notas	Sep. de: “Trabalhos de Antropologia e Etnologia”, Vol. XX, fasc. 3-4		
Registo	7417	Cota	Bib. S/ cx. 10 – 21

Título	ESCAVAÇÕES EM DÓLMENES DO CONCELHO DO CRATO: ALTO ALENTEJO - III		
Autor	ISIDORO, Agostinho Farinha		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa", 1970		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Concelho do Crato - Alto Alentejo		
	2. Dólmenes: Concelho do Crato - Alto Alentejo		
Notas	(Trabalhos do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa"; n.º 6)		
Registo	7407	Cota	Bib. S/ cx. 9 - 43
Título	ESCAVAÇÕES EM DÓLMENES DO CONCELHO DO CRATO: ALTO ALENTEJO - IV		
Autor	ISIDORO, Agostinho Farinha		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa", 1971		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Concelho do Crato		
Notas	(Trabalhos do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa"; n.º 9)		
Registo	7416	Cota	Bib. S/ cx. 10 - 22
Título	ESCAVAÇÕES EM DÓLMENES DO CONCELHO DO CRATO: ALTO ALENTEJO - V		
Autor	ISIDORO, Agostinho Farinha		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa", 1973		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Concelho do Crato		
Notas	(Trabalhos do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa"; n.º 17)		
Registo	7415	Cota	Bib. S/ cx. 10 - 23
Título	ESCAVAÇÕES EM DÓLMENES DO CONCELHO DO CRATO: ALTO ALENTEJO - VI		
Autor	ISIDORO, Agostinho Farinha		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa", 1975		
Temático	1. Monumentos: Dólmenes - Crato - Alto Alentejo		
	2. Escavações arqueológicas: Dólmenes - Crato - Alto Alentejo		
Notas	(Trabalhos do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa"; N.º 29)		
Registo	7284	Cota	Bib. S/ cx. 7 - 20
Título	ESCAVAÇÕES EM ODRINHAS		
Autor	ALMEIDA, Fernando		
Zona ed.	Lisboa: Direção Geral de Minas e Serviços Geológicos, 1958		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Odrinhas		
Notas	Sep. de: "Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal", T. XXXIX		
Registo	7052	Cota	Bib. S/ cx. 4 - 26
Título	ESCAVAÇÕES EM SESIMBRA PAREDE E OLELAS: MÉTODOS EMPREGADOS		
Autor	SERRÃO, Eduardo da Cunha; VICENTE, Eduardo Prescott		
Zona ed.	Lisboa, 1959		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Métodos		
	2. Escavações arqueológicas: Sesimbra		
Notas	Sep. de: "Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia", Vol. I		
Registo	7963	Cota	Bib. S/ cx. 2 - 14
Título	ESCAVAÇÕES NO CASTRO DE SABROSA EM 1968		
Autor	SANTOS Júnior, J. Rodrigues		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa", 1969		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Castro de Sabrosa - 1968		
Notas	(Trabalhos do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa"; 5)		
Registo	7306	Cota	Bib. S/ cx. 7 - 34
Título	ESCAVAÇÕES NO CASTRO DE CARVALHELHOS: CAMPANHA DE 1970		
Autor	SANTOS Junior, J. Rodrigues		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Correia", 1971		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Castro de Carvalhelhos - 1970		
Notas	(Trabalhos de Antropologia "Dr. Mendes correia"; 11). - 2 exemplares		
Registo	7020; 7307	Cota	Bib. S/ cx. 3 - 25; cx. 7 - 33
Título	ESCAVAÇÕES NO MONTE MOZINHO: II - 1975-1976		
Autor	ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de		
Zona ed.	Penafiel: Centro Cultural Penafidelis. 1977		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Monte Mozinho - Penafiel		
Notas	2 artigos na mesma Obra		
Registo	7661	Cota	Bib. S/ cx. 14 - 21
Título	ESCONDRIJO DE LA EDAD DEL BRONCE ATLANTICO EN HUERTA DE ARRIBA - BURGOS		
Autor	SANTA-OLALLA, Julio Martinez de		
Zona ed.	Madrid: Sociedad Española de Antropologia, Etnografia y Prehistoria, 1942		
Temático	1. Achados arqueológicos: Idade do Bronze - Burgos		
Notas	Sep. de: "Actas e Memórias de la Sociedad Española de Antropologia, Etnografia y Prehistoria", T. XVII, cad. 1- 4		
Registo	7227	Cota	Bib. S/ cx. 6 - 29

Título	ESCRITA ARCAICA DE RAIZ FENÍCIA ...		
Autor	BASTOS, Carlos Pinto		
Zona ed.	(Lisboa): (s.n.), 1984		
Temático	1. Inscrições		
Notas	Ed. Trilingue		
Registo	7524	Cota	Bib. S/ cx. 12 - 4
Título	ESCRITA HIERÁTICA DOS HEBREUS REVELADA PELA INTERPRETAÇÃO DAS INSCRIÇÕES IBÉRICAS		
Autor	FERREIRA, G. L. Santos		
Zona ed.	Porto: Tipografia Mendonça, 1926		
Temático	1. Escrita: Hebreus 2. Inscrições Ibéricas		
Notas			
Registo	6959	Cota	Bib. S/ 229
Título	ESPAÑA DEL SIGLO PRIMERO DE NUESTRA ERA: SEGÚN P. MELA C. PLINIO (LA)		
Autor	GARCIA Y BELLIDO, António		
Zona ed.	Buenes Aires: Espasa Calpe, 1947		
Temático	1. História: Espanha – Séc. I		
Notas	(Coleccion Austral; 744)		
Registo	6989	Cota	Bib. S/ 269
Título	ESPAÑA PREHISTÓRICA		
Autor	HERNÁNDEZ-PACHECO, Eduardo; (et al.)		
Zona ed.	Madrid: Espasa Calpe, 1954		
Temático	1. História de Espanha – Pré-História		
Notas	2.ª ed.		
Registo	6906	Cota	Bib. S/ 184
Título	ESPAÑA PRERROMANA: ETNOLOGÍA DE LOS PUEBLOS DE HISPANIA		
Autor	MALUQUER DE MOTES, J.; GARCÍA Y BELLIDO, Antonio; (et al.)		
Zona ed.	Madrid: Espasa Calpe, 1954		
Temático	1. História de Espanha Pré-Romana 2. Etnologia: Hispania		
Notas	(Historia de España; I ***)		
Registo	6906	Cota	Bib. S/ 186
Título	ESPAÑA PROTOHISTÓRICA: LA ESPAÑA DE LAS INVASIONES CÉLTICAS Y EL MUNDO DE LAS COLONIZACIONES		
Autor	ALMAGRO, Martín; GARCÍA Y BELLIDO, Antonio		
Zona ed.	Madrid: Espasa Calpe, 1952		
Temático	1. História de Espanha – Proto-História 2. Colonização: Espanha		
Notas	(Historia de España; I **)		
Registo	6906	Cota	Bib. S. 185
Título	ESPAÑA ROMANA – 218 A. de J.C. – 414 de J.C.		
Autor	BOSCH GIMPERA, Pedro; AGUADO BLEVE, Pedro; (et al.)		
Zona ed.	Madrid: Espasa Calpe, 1955		
Temático	1. História de Espanha Romana; 2. Conquistas romanas: Espanha 3. Arte: Espanha – Época romana; 4. Guerras: Lusitanos – Romanos		
Notas	(Historia de España; II)		
Registo	6906	Cota	Bib. S/ 187
Título	ESPAÑA Y LOS ESPAÑOLES: SEGÚN LA "GEOGRAFIA" DE STRÁBON		
Autor	GARCÍA Y BELLIDO, Antonio		
Zona ed.	Madrid: Espasa-Calpe, 1968		
Temático			
Notas	4.ª ed. (1.ª ed. 1945)		
Registo	7208	Cota	Bib. S/ 278
Título	ESPANHA E PORTUGAL		
Autor	SAVORY, Hubert N.		
Zona ed.	Lisboa: Verbo, 1969		
Temático	1. Pré-História: Espanha 2. Pré-História: Portugal		
Notas	(História Mundi; 14)		
Registo	6940	Cota	Bib. S/ 239
Título	ESPÓLIO DE BEIRAL (O)		
Autor	LANHAS, Fernando		
Zona ed.	Porto: Junta Distrital do Porto, (s.d)		
Temático	1. Museu de Etnografia e História do Porto 2. Achados arqueológicos: Necrópole Bárbara de Beiral – Ponte de Lima		
Notas	Sep. de: "Revista de Etnografia", N.º 23		
Registo	7059	Cota	Bib. S/ cx. 4 - 19

Título	ESSAI SUR LES ARMATURES DE POINTES de FLÉCHES DU SAHARA		
Autor	HUGOT, H. J.		
Zona ed.	Alger: (s.n.), 1959		
Temático	1. Arqueologia: Pontas de flecha – Sahara		
Notas			
Registo	7211	Cota	Bib. S/ 308
Título	ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DO MONTE CALVO – BAIÃO: NOTÍCIA PRELIMINAR (A)		
Autor	GONÇALVES, António A. Huet B.		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa, 1981		
Temático	1. Arqueologia: Estação de Monte Calvo – Baião		
Notas	Sep. de: "Arqueologia", n.º 3, 1981		
Registo	7072	Cota	Bib. S/ cx. 4 - 8
Título	ESTAÇÃO ENEOLÍTICA DE PAREDE – CASCAIS: RECONHECIMENTO DE 1955		
Autor	PAÇO, Afonso do; SERRÃO, Eduardo da Cunha; VICENTE, Eduardo Prescott		
Zona ed.	Coimbra: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, 1957		
Temático	1. Arqueologia: Estação eneolítica – Parede – Cascais – 2. Achados arqueológicos: Eneolítico – Parede – Cascais – 1953		
Notas	Sep. das publicações do XXIII Congresso Luso-Espanhol, T. VIII		
Registo	7573; 7967	Cota	Bib. S/ cx. 12 – 6; cx. 2 - 10
Título	ESTAÇÃO ENEOLÍTICA DE PAREDE: NOTÍCIA DO SEU ACHADO		
Autor	VICENTE, Eduardo Prescott; SERRÃO, Eduardo da Cunha		
Zona ed.	Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1958		
Temático	1. Arqueologia: Estação eneolítica – Parede 2. Achados arqueológicos: Estação eneolítica – Parede		
Notas	Sep. de: "Trabalhos de Antropologia e Etnologia", Vol. XVI fasc. 1 - 2		
Registo	7966	Cota	Bib. S/ cx. 2 - 11
Título	ESTAÇÃO ENEOLÍTICA DO ESTORIL		
Autor	PAÇO, Afonso do; VAULTIER, Maxime		
Zona ed.	Porto: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, 1943		
Temático	1. Arqueologia: Estação eneolítica do Estoril		
Notas	Sep. das publicações do Congresso Luso-Espanhol do Porto, T. VIII		
Registo	7919	Cota	Bib. S/ cx. 1 - 1
Título	ESTAÇÃO ISABEL: NECRÓPOLE PRÉ-HISTÓRICA DA AZOIA		
Autor	MONTEIRO, Rafael; SERRÃO, Eduardo da Cunha		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1959		
Temático	1. Achados arqueológicos: Estação Isabel – Azoia 2. Escavações arqueológicas: Estação Isabel – Azoia		
Notas	Sep. de: "Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia", Vol. I		
Registo	7962	Cota	Bib. S/ cx. 2 - 15
Título	ESTAÇÃO LUSITANO-ROMANA DA PRAÇA DA FIGUEIRA		
Autor	HELENO, Manuel		
Zona ed.	Lisboa: Instituto Português de Arqueologia História e etnografia, 1965		
Temático	1. Arqueologia: Estação Lusitano-Romana – Praça da Figueira – Lisboa		
Notas	Sep. de: "Ethnos", 1965, Vol. IV. – 2 exemplares		
Registo	7334; 7109	Cota	Bib. S/ cx. 8 – 21; cx. 3 - 5
Título	ESTAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA DA CARAMUJEIRA: TRABALHOS DE 1975/76 (A)		
Autor	GOMES, Mário Varela; MONTEIRO, Jorge Pinho; SERRÃO, Eduardo da Cunha		
Zona ed.	Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1978		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Estação da Caramujeira – 1975-76 2. Estações arqueológicas: Estação da Caramujeira – Lagoa		
Notas	Sep. de: "Actas das III Jornadas Arqueológicas", Lisboa, 1977, vol. I		
Registo	7293	Cota	Bib. S/ cx. 7 - 10
Título	ESTAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA DE PAREDE. DOCUMENTOS INÉDITOS SOBRE ESTRATOGRAFIA E ESTRUTURAS: CAMPANHA DE 1956		
Autor	SERRÃO, Eduro da Cunha		
Zona ed.	Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, 1983		
Temático	1. Estações arqueológicas: Parede 2. Escavações arqueológicas: Estação Arq. Da Parede – 1956		
Notas	Sep. de: "O Arqueólogo Português", 1883, S. IV, Vol. 1, p. 119 - 148		
Registo	7286	Cota	Bib. S/ cx. 7 - 18
Título	ESTÁCIO DA VEIGA: CIENTISTA ALGARVIO PIONEIRO DA ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL		
Autor	PEREIRA, Maria Luísa Estácio da Veiga Silva; IRIA Junior, Joaquim Alberto; pref.		
Zona ed.	Lisboa: Casa do Algarve, 1984		
Temático	Biografias: Sebastião Philippes Martins Estácio da Veiga 2. Homenagens: Estácio da Veiga		
Notas	(Estudos Algarvios; XVII)		
Registo	7100	Cota	Bib. S/ cx. 5 - 18

Título	ESTAÇÕES ROMANAS DE VILA VELHA DE RODÃO: NOTÍCIA PRELIMINAR - MATERIAIS		
Autor	HENRIQUES, Francisco José Ribeiro; CANINAS, João Carlos Pires		
Zona ed.	Castelo Branco: Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, 1978		
Temático	1. Estações arqueológicas: Vila Velha de Ródão		
Notas	Fotocópias		
Registo	7585	Cota	Bib. S/ cx. 17 - 17
Título	ESTAÇÕES ROMANAS DA REGIÃO DE SETÚBAL		
Autor	SILVA, Carlos Tavares da; CABRITA, Mateus Gonçalves		
Zona ed.	Setúbal: (s.n), 1964		
Temático	1. Arqueologia: Estações romanas – Setúbal		
Notas	Sep. de: "Revista Cetóbriga", n.º 1 - 2		
Registo	7128	Cota	Bib. S/ cx. 5 - 28
Título	ESTAÇÕES ROMANAS DE VILA VELHA DE RÓDÃO: NOTÍCIA PRELIMINAR - MATERIAIS		
Autor	HENRIQUES, Francisco José Ribeiro; CANINAS, João Carlos Pires		
Zona ed.	Castelo Branco: Núcleo regional de Investigação Arqueológica, 1978		
Temático	1. Estações arqueológicas: Vila Velha de Ródão		
Notas			
Registo	7118	Cota	Bib. S/ cx. 4 - 44
Título	ESTADO DE LAS EXCAVACIONES DE ITÁLICA: LA MANZANA DEL GIMNASIO		
Autor	MATA CARRIAZO, Juan de		
Zona ed.	Madrid: (s.n.), 1935		
Temático	1. Escavações arqueológicas		
Notas	Sep. de: "Anuario del Cuerpo Facultativo de Archiveros, Bibliotecarios y Arqueólogos", 1935		
Registo	7060	Cota	Bib. S/ cx. 4 - 18
Título	ESTAMOS SÓS NO COSMOS?: AS RESPOSTAS DE ONZE CIENTISTAS		
Autor	ELSASSER, Hans ; (et al.)		
Zona ed.	Lisboa: Edições 70, 1978		
Temático	1. Universo: Cosmos		
Notas	(Colecção Esfinge; 12)		
Registo	6242	Cota	Bib. S/ 55
Título	ESTÁTUA-MENIR DE FAIÕES - CHAVES		
Autor	ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de		
Zona ed.	Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, 1979		
Temático	1. Achados arqueológicos: Estátua-Menir – Chaves		
Notas	(Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto; N.º 2)		
Registo	7480	Cota	Bib. S/ cx. 11 - 24
Título	ESTATUETA DE MARTE DO MUSEU DE PENAFIEL		
Autor	BRANDÃO, Domingos de Pinho		
Zona ed.	Porto: Marânus, 1961		
Temático	1. Achados arqueológicos: Estatueta de Marte		
Notas	Sep. de: "Lucerna", Vol. 1, n.º 1		
Registo	7329	Cota	Bib. S/ cx. 8 - 8
Título	ESTATUTO GERAL: APROVADO PELA ASSEMBLEIA GERAL EM SESSÃO DE 3 DE JUNHO E SANCIONADO POR ALVARÁ DE 3 DE JULHO DE 1895		
Autor	SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA; resp.		
Zona ed.	Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa, 1953		
Temático	1. Instituições: Sociedade de Geografia de Lisboa		
Notas	Nova ed.		
Registo	7770	Cota	Bib. S/ cx. 17 - 13
Título	ESTATUTOS DA LIGA DOS AMIGOS DO CASTELO DE SESIMBRA		
Autor	LIGA DOS AMIGOS DO CASTELO DE SESIMBRA; resp.		
Zona ed.	Sesimbra: L.A.C.S., 1951		
Temático	1. Instituições: Estatutos		
Notas			
Registo	7123	Cota	Bib. S/ cx. 4 - 49
Título	ESTATUTOS E REGULAMENTO INTERNO		
Autor	ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES; resp.		
Zona ed.	Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1944		
Temático	Instituições: Associação dos Arqueólogos Portugueses – 1863		
Notas			
Registo	6793	Cota	Bib. S/ 148

Título	ESTATUTOS E REGULAMENTO INTERNO DA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO		
Autor	SOCIEDADE MARTINS SARMENTO; resp.		
Zona ed.	Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, 1956		
Temático	1. Instituições: Sociedade Martins Sarmento		
Notas			
Registo	6811	Cota	Bib. S/ 71
Título	ESTELA FUNERÁRIA COM INSCRIÇÃO LATINA DO CRATO – ALTO ALENTEJO		
Autor	BRANDÃO, Domingos de Pinho		
Zona ed.	Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1971		
Temático	1. Epigrafia: Estela funerária – Alto Alentejo		
Notas	Sep. de: "Trabalhos de Antropologia e Etnologia", Vol. XXII, fasc. I		
Registo	7411	Cota	Bib. S/ 10 - 27
Título	ESTELA-MENIR DECORADA DA CAPARROSA – BEIRA ALTA: NOTA DE DESCOBERTA (A)		
Autor	GOMES, Mário Varela; MONTEIRO, Jorge Pinho		
Zona ed.	Lisboa: Secretaria do Estado da Cultura – Direcção-Geral do Património Cultural, 1974-1977		
Temático	1. Arqueologia: Estela-Menir da Caparrosa – Beira-Alta		
Notas	Sep. de: "O Arqueólogo Português", S. III, Vol. VII-IX		
Registo	7151	Cota	Bib. S/ CX. 5 - 37
Título	ESTELAS DECORADAS DA HERDADE DE POMAR – ERVIDEL-BEJA: ESTUDOS COMPARADOS (AS)		
Autor	GOMES, Mário Varela; MONTEIRO, Jorge Pinho		
Zona ed.	Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, 1976-1977		
Temático	1. Achados arqueológicos: Estelas decoradas - Beja		
Notas	Sep. de: "Setúbal Arqueológica", 1976-1977, Vol. II-III		
Registo	7477	Cota	Bib. S/ cx. 11 - 26
Título	ESTELAS DECORADAS DO POMAR – BEJA-PORTUGAL: ESTUDIO COMPARADO (LAS)		
Autor	GOMES, Mário Varela; MONTEIRO, Jorge Pinho		
Zona ed.	(s.l.): (s.n.), 1977		
Temático	1. Achados Arqueológicos: Necropole da Idade do Bronze - Beja		
Notas	Sep. de: "Trabajos de Prehistoria", vol. 34, 1977		
Registo	8065	Cota	Bib. S/ cx. 11 - 41
Título	ESTELAS EPIGRAFADAS DA I IDADE DO FERRO DO SUL DE PORTUGAL (AS)		
Autor	BEIRÃO, Caetano de Melo; GOMES, Mário Varela; MONTEIRO, Jorge Pinho		
Zona ed.	Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, 1979		
Temático	1. Arqueologia: Estelas epigrafadas – Sul de Portugal		
Notas			
Registo	7700	Cota	Bib. S/ cx. 16 - 7
Título	ESTRATO PRÉ-CAMPANIFORME DA LAPA DO FUMO - SESIMBRA		
Autor	SERRÃO, Eduardo da Cunha; MARQUES, Gustavo		
Zona ed.	Coimbra: Ministério da Educação Nacional: Junta Nacional da Educação, 1971		
Temático	1. Jazida Pré-Histórica: Lapa do Fumo - Sesimbra		
Notas	Sep. de: "Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia"		
Registo	7873	Cota	Bib. S/ cx. 19 - 2
Título	ESTUDIO ANATÓMICO DE LOS RESTOS ÓSEOS PROCEDENTES DE LAS EXCAVACIONES ARQUEOLÓGICAS EN EL CERRO "EL CARAMBOLO" - SEVILLA		
Autor	MARTIN ROLDAN, Rafael		
Zona ed.	Sevilha: Escuela de Estudios Hispano-Americanos, 1959		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Colina do Carambolo – Sevilha 2. Anatomia: Restos osseos – Colina do Carambolo - Sevilha		
Notas	Sep. de: "Anales de la Universidad Hispalense, 1959, Vol. XIX		
Registo	7134	Cota	Bib. S/ cx. 6 - 23
Título	ESTUDIO ANTROPOLOGICO DE DOS MOMIAS DE LA CULTURA PARACAS		
Autor	RIVERO DE LA CALLE, Manuel		
Zona ed.	Havana: Universidad de la Habana, 1975		
Temático	1. Antropologia: Mumias peruanas		
Notas	(Ciencias; S. 9 – Antropologia y Prehistoria, n.º 3)		
Registo	7575	Cota	Bib. S/ cx. 16 - 19
Título	ESTUDIO TAXONÓMICO Y ANATÓMICO DE LOS FRAGMENTOS ÓSEOS PROCEDENTES DE LAS EXCAVACIONES ARQUEOLÓGICAS DEL CORTIJO DE ÉVORA, SANLÚCAR DE BARRAMEDA - CÁDIZ		
Autor	MARTIN ROLDAN, Rafael		
Zona ed.	CÓRDOBA: Universidad de Sevilla, 1960		
Temático	1. Escavações arqueológicas		
Notas	Sep. de: "Boletín de Zootecnia", 1960, n.º 159, 161, 162		
Registo	7136	Cota	Bib. S/ cx. 5 - 40

Título	ESTUDIOS DE ARQUITECTURA ROMANA: I – VITRUBIO Y EL “TEMPLO TUSCANICO”		
Autor	BOETHIUS, Axel		
Zona ed.	Santiago de Compostela: Seminario de Arqueologia: Facultad de Filosofia y Letras, 1972		
Temático	1. Arquitectura romana		
Notas	(Studia Archaeologica; 16)		
Registro	7934	Cota	Bib. S/ cx. 1 - 16
Título	ESTUDIOS DE CERAMICA ROMANA		
Autor	MAÑANES, Tomas		
Zona ed.	Valladolid: Seminario de Arqueologia Facultad de Filosofia y Letras, 1973		
Temático	1. Cerâmica romana		
Notas	Vol. IV		
Registro	7952	Cota	Bib. S/cx. 2 - 25
Título	ESTUDIOS DE CERAMICA ROMANA		
Autor	BALIL, Alberto		
Zona ed.	Santiago de Compostela: Seminario de Arqueologia Facultad de Filosofia y Letras, 1969		
Temático	1. Cerâmica romana		
Notas	Vol. I		
Registro	7953	Cota	Bib. S/ cx. 2 - 24
Título	ESTUDIOS DE CERÂMICA ROMANA - II		
Autor	BALIL, Alberto		
Zona ed.	Santiago de Compostela: Seminario de Arqueologia: Facultad de Filosofia y Letras, 1970		
Temático	1. Cerâmica romana		
Notas	(Studia Archaeologica; 7)		
Registro	7927	Cota	Bib. S/ cx. 1 - 9
Título	ESTUDIOS DE CERAMICA ROMANA - III		
Autor	BALIL, Alberto		
Zona ed.	Santiago de Compostela: Seminario de Arqueologia: Facultad de Filosofia y Letras, 1972		
Temático	1. Cerâmica romana		
Notas	(Studia Archaeologica; 13)		
Registro	7932	Cota	Bib. S/ cx. 1 - 14
Título	ESTUDIOS DE NUMISMÁTICA ROMANA - I		
Autor	FARIÑA BUSTO, Francisco		
Zona ed.	Valladolid: Seminario de Arqueologia de la Facultad de Filosofia y Letras, 1973		
Temático	1. Numismática romana		
Notas	Sep. de: “Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología de la Universidad de Valladolid”, T. XXXVIII		
Registro	7459	Cota	Bib. S/ cx. 10 - 5
Título	ESTUDIOS HISPANORROMANOS - I		
Autor	BALIL, Alberto		
Zona ed.	Santiago de Compostela: Seminario de Arqueologia: Facultad de Filosofia y Letras, 1971		
Temático	1. Cerâmica		
	2. Economía: Espanha – Baixo Império		
Notas	(Studia Archaeologica; 9)		
Registro	7928	Cota	Bib. S/ cx. 1 - 10
Título	ESTUDIOS SOBRE EL PERIODO ORIENTALIZANTE - I		
Autor	AUBET, Eugenia		
Zona ed.	Santiago de Compostela: Seminario de Arqueologia: Facultad de Filosofia y Letras, 1971		
Temático	1. Arte oriental		
Notas	(Studia Archaeologica; 10)		
Registro	7929	Cota	Bib. S/ cx. 1 - 11
Título	ESTUDIOS SOBRE LUCERNAS ROMANAS		
Autor	BALIL, Alberto		
Zona ed.	Santiago de Compostela: Seminario de Arqueologia Facultad de Filosofia y Letras, 1969		
Temático	1. Cerâmica romana		
	2. Arqueologia: Lucernas Romanas		
Notas	Vol. I		
Registro	7951	Cota	Bib. S/ cx. 2 - 26
Título	ESTUDIOS SOBRE MOSAICOS ROMANOS - I		
Autor	BALIL, Alberto		
Zona ed.	Santiago de Compostela: Seminario de Arqueologia Facultad de Filosofia y Letras, 1970		
Temático	1. Arte: Mosaicos romanos		
	2. Arqueologia: Mosaicos romanos - Valencia		
Notas	(Studia Archaeologica; 6)		
Registro	7926	Cota	Bib. S/ cx. 1 - 8

Título	ESTUDIOS SOBRE MOSAICOS ROMANOS - II		
Autor	BALIL, Alberto		
Zona ed.	Santiago de Compostela: Seminario de Arqueologia Facultad de Filosofia y Letras, 1971		
Temático	1. Arte: Mosaicos romanos 2. Arqueologia: Mosaicos Romanos		
Notas	(Studia Archaeologica; 11)		
Registo	7930	Cota	Bib.S/ cx. 1 - 12
Título	ESTUDO DO ESPÓLIO ANTROPOLÓGICO DA GRUTA NEO-ENEOLÍTICA DO BUGIO - SESIMBRA		
Autor	ISIDORO, Agostinho Farinha		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa", 1964		
Temático	1. Antropologia: Gruta Neo-Eneolítica do Bugio - Sesimbra		
Notas	Sep. de: "Trabalhos de Antropologia e Etnologia", Vol. XIX, fasc. 3-4		
Registo	7132	Cota	Bib. S/ cx. 5 - 22
Título	ESTUDO DO ESPÓLIO ANTROPOLÓGICO DA GRUTA NEO-ENEOLÍTICA DO BUGIO: SESIMBRA		
Autor	ISIDORO, Agostinho Farinha		
Zona ed.	(s.l.): (s.n.), 1963		
Temático	1. Antropologia: Espólio da Gruta do Bugio - Sesimbra 2. Arqueologia: Gruta Neo-Eneolítica do Bugio - Sesimbra		
Notas	Dissertação de Licenciatura apresentada á facultade de Medicina da Universidade do Porto.		
Registo	6802	Cota	Bib. S/ 43
Título	ESTUDO MINERALÓGICO DE ELEMENTOS DE ADORNO DE COR VERDE PROVENIENTES DE ESTAÇÕES ARQUEOLÓGICAS PORTUGUESAS		
Autor	GONÇALVES, António A. Huet de B.; REIS, Maria de Lurdes		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa", 1982		
Temático	1. Mineralogia: Estações arq. portuguesas 2. Estações arqueológicas: Estudos mineralógicos - Portugal		
Notas	(Trabalhos do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa". 43)		
Registo	7133	Cota	Bib. S/ cx. 5 - 42
Título	ESTUDO PRELIMINAR DA ESTAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA DE CARNAXIDE		
Autor	ANDRADE, Gil Miguéis; GOMES, João José Fernandes		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1959		
Temático	1. Estações arqueológicas: Carnaxide		
Notas	Sep. de: "I Congresso Nacional de Arqueologia: Actas e Memórias", Vol. I		
Registo	7303	Cota	Bib. S/ cx. 7 - 24
Título	ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS		
Autor	CORREIA, Vergílio		
Zona ed.	Coimbra: Universidade de Coimbra, 1972		
Temático	1. Arqueologia: Estudos		
Notas	Obras; IV		
Registo	6845	Cota	Bib. S/ 84
Título	ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS NA REGIÃO DA GANDA		
Autor	JORGE, Vítor Manuel de Oliveira		
Zona ed.	Luanda: Museu de Arqueologia dos Cursos de Letras: Universidade de Luanda, 1974		
Temático	1. Arqueologia: Região da Ganda - Angola		
Notas	Sep. de: "Boletim" / Câmara Municipal da Ganda, N.º 7		
Registo	7788	Cota	Bib. S/ cx. 17 - 7
Título	ESTUDOS BENAVENTINOS - I		
Autor	ALMEIDA, Alfredo Betâmio de; (et. al.)		
Zona ed.	Benavente: Centro de Estudos Alvaro R. D'Azevedo, 1957		
Temático	1. História: Benavente		
Notas			
Registo	7779	Cota	Bib. S/ cx. 17 - 10
Título	ESTUDOS SOBRE A ALDEIA DA GLÓRIA - SALVATERRA DE MAGOS: CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES - V		
Autor	RIBEIRO, Margarida		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1964		
Temático	1. Etnografia: Aldeia da Glória - Salvaterra de Magos 2. Folclore: Aldeia da Glória - Salvaterra de Magos		
Notas	Sep. de: "Ocidente", 1964, Vol. LXVII		
Registo	7936	Cota	Bib. S/ cx. 1 - 18
Título	ESTUDOS SOBRE A ALDEIA DA GLÓRIA - SALVATERRA DE MAGOS: NOTAS SOBRE A LINGUAGEM		
Autor	RIBEIRO, Margarida		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1963		
Temático	1. Linguística: Aldeia da Glória		
Notas	Sep. de: "Revista de Portugal", Série A - Lingua Portuguesa, Vol. XXVIII, 1963		
Registo	7841	Cota	Bib. S/ cx. 18 - 24

Título	ESTUDOS SOBRE A ALDEIA DA GLÓRIA – SALVATERRA DE MAGOS: NOTAS SOBRE A LINGUAGEM - SUPLEMENTO		
Autor	RIBEIRO, Margarida		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1964-65		
Temático	1. Linguística: Aldeia da Glória – Salvaterra de Magos		
Notas	Sep. de: "Revista de Portugal", Série A – Língua Portuguesa", Lisboa, 1964-65		
Registo	7937	Cota	Bib. S/ cx. 1 - 19
Título	ETNOGRAFIA COMO CIÊNCIA (A)		
Autor	DIAS, Jorge		
Zona ed.	Porto: Junta Distrital do Porto, s.d.		
Temático	1. Etnografia		
Notas	Sep. de: "Revista de Etnografia", N.º 1		
Registo	7940	Cota	Bib. S/ cx. 1 - 23
Título	ETNOGRAFIA DA REGIÃO DOS COUTOS DE ALCOBAÇA		
Autor	GARCIA, Eduino Borges		
Zona ed.	Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, 1966		
Temático	1. Etnografia: Festas de Santa Susana – Famalicão da Nazaré		
Notas	Sep. de: "Ethnos", 1965, Vol. V		
Registo	7611	Cota	Bib. S/ cx. 13 - 10
Título	ETNOGRAFIA NO QUADRO GERAL DAS CIÊNCIAS ANTROPOLÓGICAS (A)		
Autor	SANTOS Júnior, J. Rodrigues dos		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Correia", 1965		
Temático	1. Etnografia		
Notas	Sep. de: "Actas do Congresso Internacional de Etnografia", 1963		
Registo	7024	Cota	Bib. S/ cx. 3 - 21
Título	EVOCAÇÃO DO PROFESSOR DOUTOR D. FERNANDO DE ALMEIDA		
Autor	ALMEIDA, Justino Mendes de		
Zona ed.	Castelo Branco: Museu Tavares Proença Júnior, 1985		
Temático	1. Homenagens: Prof. Dr. Fernando de Almeida		
Notas			
Registo	7103	Cota	Bib. S/ cx. 5 - 21
Título	EVOLUÇÃO CRONOLÓGICA DA NUMÁRIA DE DOM FERNANDO		
Autor	MARQUES, Mário Gomes; CABRAL, João M. Peixoto		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1980		
Temático	1. Numismática: D. Fernando		
Notas	Comunicação apresentada ao I Congresso Numismático de Portugal. Texto dactilografado		
Registo	7866	Cota	Bib. S/ 312 - 9
Título	EVOLUTION BIOLOGIQUE HUMAINE (L')		
Autor	CHALINE, Jean		
Zona ed.	Paris: Presses Universitaires de France, 1982		
Temático	1. História: Origem do Homem 2. Biologia: Origem do Homem		
Notas	1.ª Ed.		
Registo	6760	Cota	Bib. S/ 140
Título	ÉVORA GORGEL (THE)		
Autor	REINACH, Salomon		
Zona ed.	Évora: Junta Distrital de Évora, 1967		
Temático	1. Joalheria: Évora		
Notas	Sep. de: "The Antiquaries Journal", 1925, Abril, Vol. V, n.º 2. In : « Joias Pré-Históricas na Região de Évora », Évora, 1967, p. 15-30 (2 artigos juntos)		
Registo	7730	Cota	Bib. S/ cx. 15 - 19
Título	EX-VOTO IBÉRICO DO MUSEU REGIONAL DE BRAGANÇA		
Autor	BÁRTHOLO, Maria de Lourdes		
Zona ed.	Guimarães: (s.n.), 1963		
Temático	1. Arqueologia: Ex-voto ibérico – Museu Regional de Bragança		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães", Vol. LXXIII, n.º 1, 2		
Registo	7720	Cota	Bib. S/ cx. 16 - 2
Título	EX-VOTOS ÀS NINFAS EM PORTUGAL		
Autor	SANTOS Junior, J. Rodrigues dos; CARDOZO, Mário		
Zona ed.	Salamanca: Seminario de Arqueologia de La Universidad, 1953		
Temático	1. Mitologia: Ninfas - Portugal		
Notas	Sep. de: "Zephyrus", Salamanca, 1953, N.º IV		
Registo	7162	Cota	Bib. S/ cx. 6 - 25

Título	EXCAVACIONES DE ASTA REGIA – MESAS DE ASTA, JEREZ: CAMPAÑA DE 1942-43		
Autor	ESTEVE GUERRERO, Manuel		
Zona ed.	Madrid: Ministerio de Educacion Nacional: Comisaria General de Excavaciones Arqueologicas; 1945		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Asta Regia – 1942-43		
Notas	(Acta Arqueologica Hispanica; III)		
Registo	7775	Cota	Bib. S/ 313
Título	EXCAVACIONES DE ASTA REGIA – MESAS DE ASTA, JEREZ: CAMPAÑAS DE 1949-50 Y DE 1955-56		
Autor	ESTEVE GUERRERO, Manuel		
Zona ed.	Jerez: Centro de Estudios Historicos Jerezanos, 1962		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Asta Regia - Jerez		
Notas	(Publicaciones del Centro de Estudios Historicos Jerezanos; 2.ª S., N.º 19)		
Registo	7658	Cota	Bib. S/ cx. 14 - 25
Título	EXCAVACIONES EN LA NECROPOLIS DE “LA JOYA” HUELVA: 1.ª Y 2.ª CAMPAÑAS		
Autor	GARRIDO ROIZ, Juan Pedro		
Zona ed.	Madrid: Ministerio de Educacion y Ciencia, 1970		
Temático	1. Excavações arqueológicas: Huelva		
Notas	(Excavaciones Arqueologicas en España; 71)		
Registo	8062	Cota	Bib. S/ 353
Título	EXCAVACIONES EN LA NECROPOLIS DE “LA JOYA” HUELVA: 3.ª, 4.ª Y 5.ª CAMPAÑAS - II		
Autor	GARRIDO ROIZ, Juan Pedro; ORTA GARCÍA, Elena M.ª		
Zona ed.	Madrid: Ministerio de Educacion y Ciencia, 1978		
Temático	1. Excavações arqueológicas: Huelva		
Notas	(Excavaciones Arqueologicas en España; 96)		
Registo	8063	Cota	Bib. S/ 354
Título	EXCAVACIONES EN LA CIUDAD DEL BRONCE MEDITERRANEO II DE LA BASTIDA DE TOTANA - MURCIA		
Autor	SANTA-OLALLA, Julio Martinez; (et. al)		
Zona ed.	Madrid: Ministerio de Educacion Nacional, 1947		
Temático	1. Excavações arqueológicas: Murcia		
Notas	(Informes y Memorias; 16)		
Registo	7985	Cota	Bib. S/ 351
Título	EXCAVACIONES EN NIEBLA – HUELVA EL “THOLOS” DE “EL MORA”		
Autor	GARRIDO ROIZ, Juan Pedro; ORTA GARCÍA, Elena M.ª		
Zona ed.	Madrid: Servicio Nacional de Excavaciones Arqueológicas, 1967		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Niebla - Huelva		
Notas	(Excavaciones Arqueológicas en España; 57)		
Registo	7616	Cota	Bib. S/ cx. 13 - 18
Título	EXCAVATION OF THE MARLBOROUGH GRANGE BARROW, LLANBLETHIAN – GLAM. – 1967 (THE)		
Autor	SAVORY, Hubert N.		
Zona ed.	(s. I.): Cambrian Archaeological Association, 1969		
Temático	1. Escavações arqueológicas		
Notas	Sep. de: “Archaeologia Cambrensis”, 1969		
Registo	7635	Cota	Bib. S/ cx. 13 - 30
Título	EXPLORAÇÕES POMBALINAS DA MINA DO CABO MONDEGO NUMA PLANTA DA MAPOTECA DO INSTITUTO GEOGRÁFICO E CADASTRAL (AS)		
Autor	MENDES, H. Gabriel		
Zona ed.	Lisboa: Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos, 1971		
Temático			
Notas	Sep. de: Boletim de Minas, Vol. 7, n.º 4		
Registo	7321	Cota	Bib. S/ cx. 8 - 3
Título	EXPOSIÇÃO BÍBLIO-ICONOGRÁFICA DO PORTO DA FIGUEIRA DA FOZ		
Autor	OLIVEIRA, Arantes e; preamb.		
Zona ed.	Figueira da Foz: Câmara Municipal, 1966		
Temático	1. Exposições: Figueira da Foz		
Notas			
Registo	6843	Cota	Bib. S/ 82
Título	EXPOSIÇÃO EVOCATIVA DE CALOUSTE GULBENKIAN: XX ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO – 1956/1976		
Autor	PERDIGÃO, José de Azeredo; FERREIRA, Maria Teresa Gomes		
Zona ed.	Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1976		
Temático	1. Exposições: Fundação Calouste Gulbenkian – XX Aniversário		
Notas			
Registo	7781	Cota	Bib. S/ 317
Título	EXPOSIÇÃO HENRIQUINA		
Autor	MATA, Caeiro da; pref.		
Zona ed.	Lisboa: Comissão Executiva das Comemorações do V.º Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1960		
Temático	1. Exposições – Infante D. Henrique		
Notas			
Registo	6926	Cota	Bib. S/ 215

Título	FACTORÍA PALEOPÚNICA DE TOSCANOS: RESULTADOS DE LAS EXCAVACIONES ESTRATIGRÁFICAS (LA)		
Autor	SCHUBART, Hermanfrid; NIEMEYER, Hans Georg		
Zona ed.	Barcelona: Universidad de Barcelona, 1969		
Temático	1. Escavações		
Notas	Sep. de: "Tartessos y sus Problemas: V Symposium Internacional de Prehistoria Peninsular", 1968		
Registo	7219	Cota	Bib. S/ cx. 6 - 20
Título	FANTASIAS SOBRE A ORIGEM DO NOME DE LISBOA		
Autor	SILVA, A. Vieira da		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1949		
Temático	1. Toponimia: Lisboa		
Notas	Sep. de: "Olisipo", 1949, n.º 46		
Registo	7815	Cota	Bib. S/ cx. 18 - 18
Título	FAUNA MALACOLÓGICA DO CASTRO DA ROTURA		
Autor	SILVA, Carlos Tavares da; FERREIRA, Octávio da Veiga; pref.		
Zona ed.	Setúbal: (s.n.), 1963		
Temático	1. Fauna malacológica: Castro da Rotura – Setúbal 2. Arqueologia: Fauna malacológica – Castro da Rotura - Setúbal		
Notas			
Registo	7126	Cota	Bib. S/ cx. 5 - 30
Título	FECHAS DEL C-14 PARA LA PREHISTORIA Y LA ARQUEOLOGIA PENINSULAR (LAS)		
Autor	ALMAGRO GORBEA, Martín		
Zona ed.	(s.I.): (s.n.), 1970		
Temático	1. Arqueologia		
Notas	Sep. de: "Trabajos de Prehistoria", 1970, vol. 27		
Registo	7336	Cota	Bib. S/ cx. 8 - 18
Título	FELSKUNST IM TEJO-TAL: SÃO SIMÃO (NISA, PORTALEGRE), PORTUGAL		
Autor	BAPTISTA, António Martinho; MARTINS, Maria Manuela; SERRÃO, Eduardo da Cunha		
Zona ed.	Heidelberg: (s.n.), 1978		
Temático			
Notas			
Registo	7337	Cota	Bib. S/ cx. 8 - 25
Título	FESTA E CORTEJO ALEGÓRICO DO BEATO VICENTE DE SANTO ANTÓNIO NO DIA DA BENÇÃO DA SUA I.ª IMAGEM		
Autor	AZEVEDO, José Manuel Semedo		
Zona ed.	Albufeira: (s.n.), 1965		
Temático	1. Etnografia: Festa do Beato Vicente de Santo António		
Notas			
Registo	7613	Cota	Bib. S/ cx. 13 - 12
Título	FÍBULA ORNAMENTADA DE IDANHA-A-VELHA		
Autor	ALMEIDA, Fernando de; FERREIRA, Octávio da Veiga		
Zona ed.	(s.n.I.): (s.n.), 1965		
Temático	1. Achados Arqueológicos: Fíbula – Idanha-a-Velha		
Notas			
Registo	7314	Cota	Bib. S/ cx. 7 - 26
Título	FÍBULAS RECOLHIDAS NA CABEÇA DE VAIAMONTE – MONFORTE – ALTO ALENTEJO		
Autor	SANTOS, Manuel Farinha dos		
Zona ed.	Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1973		
Temático	1. Escavações Arqueológicas: Cabeça do Vaiamonte – Alto Alentejo		
Notas	Sep. de: "Anais" / A. P. H., 1973, II.ª Série, Vol. 22		
Registo	8008	Cota	Bib. S/ cx. 18 - 32
Título	FIDALGO PORTUGUÊS DA RENASCENÇA: D. LUIZ DA SILVEIRA, 1.º CONDE DA SORTELHA (UM)		
Autor	TAVORA, Luiz Gonzaga de Lencastre		
Zona ed.	Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1969		
Temático	1. Biografias: Luiz da Silveira		
Notas	Exempl. n.º 204 de uma ed. de 350, numerados e rubricados pelo autor		
Registo	7738	Cota	Bib. S/ 311
Título	FILOSOFIA DE LA HISTORIA		
Autor	SCHNEIDER, Herman; ROVIRA Y ARMENGOL, José; Trad.		
Zona ed.	Barcelona. Labor, 1931		
Temático	1. História: Ciência histórica 2. Filosofia histórica		
Notas			
Registo	6858	Cota	Bib. S/ 101

- Título FOICINHA DE BRONZE DO CASTELO DE S. MARTINHO – RIO MAIOR  
 Autor PAÇO, Afonso do; BARBOSA, Francisco; BARBOSA, Francisco Bergstrom  
 Zona ed. Porto: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, 1962  
 Temático 1. Achados arqueológicos: Foicinha de bronze – Rio Maior  
 Notas Sep. de: "Secção VII das Publicações do XXVI Congresso Luso - Espanhol  
 Registo 7231 Cota Bib. S/ cx. 6 - 26
- Título FOJO DOS MORCEGOS – ASSAFORA: SINTRA  
 Autor MARQUES, Gustavo  
 Zona ed. Coimbra: (s.n.), 1971  
 Temático 1. Estações arqueológicas: Fojo dos Morcegos – Sintra  
 2. Escavações arqueológicas: Fojo dos Morcegos - Sintra  
 Notas Sep. de: "Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia"  
 Registo 7504 Cota Bib. S/ cx. 11 - 17
- Título FOOD IN ANTIQUITY: A SURVEY OF THE DIET OF EARLY PEOPLES  
 Autor BROTHWELL, Patricia; BROTHWELL, Don  
 Zona ed. Londres: Thames and Hudson, 1969  
 Temático 1. Alimentação: Sociedades antigas e primitivas  
 2. História da alimentação  
 Notas  
 Registo 6849 Cota Bib. S/ 90
- Título FORAL DE SINTRA - 1154: SUA ORIGINALIDADE E SUA EXPRESSÃO COMUNITÁRIA (O)  
 Autor COSTA, Francisco  
 Zona ed. Sintra: Câmara Municipal de Sintra, 1976  
 Temático 1. Forais: Sintra - 1145  
 Notas  
 Registo 6912 Cota Bib. S/ 198
- Título FORGOTTEN ROUND CAIRN AT NEWTON, MUMBLES, AND ITS EXCAVATION (A)  
 Autor SAVORY, Hubert N.  
 Zona ed. Swansea: (s.n.), 1970  
 Temático 1. Escavações arqueológicas: Newton  
 Notas Sep. de: "Gower", 1970, Vol. 20  
 Registo 7636 Cota Bib. S/ cx. 13 - 29
- Título FORMAÇÃO PROFISSIONAL  
 Autor ALMEIDA, Justino Mendes de  
 Zona ed. Lisboa: Agência –Geral do Ultramar, 1968  
 Temático 1. Congressos: Colóquio Nacional do Trabalho, da Org. Corporativa e da Segurança Social – IV - Luanda  
 Notas  
 Registo 7474 Cota Bib. S/ cx. 11 - 28
- Título FOSSAS ABERTAS NO SAIBRO DO CONCELHO DE BAIÃO – I – BOUÇA DO FRADE E TAPADO DA CALDEIRA  
 Autor GONÇALVES, António A. Huet B.; JORGE, Susana Maria Soares Rodrigues Lopes de Oliveira; JORGE, Vítor Manuel de Oliveira  
 Zona ed. Porto: Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa, 1978  
 Temático 1. Arqueologia: Fossas abertas no saibro – Concelho de Baião  
 Notas (Trabalhos do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa"; 34)  
 Registo 7225 Cota Bib. S/ cx. 6 - 4
- Título FOSSAS ABERTAS NO SAIBRO DO CONCELHO DE BAIÃO – II – MONTE CALVO E VALE DE QUINTELA  
 Autor GONÇALVES, António A. Huet B.; JORGE, Susana Maria Soares Rodrigues Lopes de Oliveira; JORGE, Vítor Manuel de Oliveira  
 Zona ed. Porto: Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa, 1979  
 Temático 1. Escavações arqueológicas: Serra da Aboboreira – Concelho de Baião  
 Notas (Trabalhos do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa"; 37)  
 Registo 7701 Cota Bib. S/ cx. 16 - 11
- Título FOSSAS OVÓIDES ABERTAS NO SAIBRO DO CONCELHO DE BAIÃO – DISTRITO DO PORTO, E O SEU SIGNIFICADO NO CONTEXTO DA ARQUEOLOGIA NO NORTE DA PENÍNSULA IBÉRICA (AS)  
 Autor JORGE, Vítor Manuel de Oliveira; GONÇALVES, António A. Huet B.; JORGE, Susana Maria Soares Rodrigues Lopes de Oliveira  
 Zona ed. Guimarães: Companhia Editora do Minho, 1980  
 Temático 1. Arqueologia: Fossas ovóides abertas no saibro – Península Ibérica  
 Notas Sep. de: "Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular", Vol. I  
 Registo 7223 Cota Bib. S/ cx. 6 - 3
- Título FOSSAS OVÓIDES ABERTAS NO SAIBRO, DO CONCELHO DE BAIÃO – DISTRITO DO PORTO, E O SEU SIGNIFICADO NO CONTEXTO DA ARQUEOLOGIA DO NORTE DA PENÍNSULA IBÉRICA (AS)  
 Autor JORGE, Vítor Manuel de Oliveira; GONÇALVES, António A. Huet B.; JORGE, Susana de Oliveira  
 Zona ed. Porto: Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa, 1980  
 Temático 1. Arqueologia: Concelho de Baião - Porto  
 Notas Sep. de: "Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular", Vol. I  
 Registo 7687 Cota Bib. S/ cx. 15 - 10

Título	FOUILLES DE CONIMBRIGA		
Autor	ALARCÃO, Jorge de; direc.; ETIENNE, Robert; direc.		
Zona ed.	Paris: Mission Archéologique Française au Portugal, 1974-76		
Temático			
Notas	Desc.: Vol. II (1976); III (1974); IV (1975); V (1975); VI (1976); falta vol. I		
Registo	6870	Cota	Bib. S/ 1 - 5
Título	FUENTES GRIEGAS Y ROMANAS REFERENTES A TARTESSOS		
Autor	BLÁSQUEZ, J. M.		
Zona ed.	Barcelona: Universidad de Barcelona, 1969		
Temático	1. Cidades: Tartessos – Fontes Históricas		
Notas	Sep. de: "Tartessos y sus Problemas: V Symposium Internacional de Prehistoria Peninsular", 1968		
Registo	7220	Cota	Bib. S/ cx. 6 - 22
Título	GAGO COUTINHO E SACADURA CABRAL: NO CINQUENTENÁRIO DA PRIMEIRA TRAVESSIA AÉREA DO ATLÂNTICO – 1922-1972		
Autor	BOLÉO, José de Oliveira		
Zona ed.	Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa, 1972		
Temático	1. Aviação portuguesa: 1.ª travessia aérea do Atlântico – 1922 2. Aviadores: Gago Coutinho e Sacadura Cabral		
Notas			
Registo	7420	Cota	Bib. S/ cx. 10 - 18
Título	GAULOIS (LES)		
Autor	GRENIER, Albert; HARMAND, Louis; pref.		
Zona ed.	Paris: Payot, 1970		
Temático	1. História: Gauleses		
Notas	2.ª ed. (Petite Bibliothèque Payot; 157)		
Registo	7206	Cota	Bib. S/ 282
Título	GENÈSE DE L'HUMANITÉ (LA)		
Autor	ARAMBOURG, C.		
Zona ed.	Paris: Presses Universitaires de France, 1948		
Temático	1. Arqueologia 2. Geologia. – 3. Paleontologia		
Notas	2.ª Ed.		
Registo	6756	Cota	Bib. S/ 136
Título	GENETIC STUDIES IN CABO VERDE ARCHIPELAGO: HEMOGLOBIN, HAPTOGLOBIN ABO AND MN BLOOD GROUPS		
Autor	CRUZ, J. Machado; (et al.)		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa", 1979		
Temático	1. Estudos genéticos: Cabo Verde		
Notas	(Trabalhos do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa"; 36)		
Registo	7498	Cota	Bib. S/ cx. 11 - 5
Título	GENETIC STUDIES OF SOME RED CELL AND SERUM PROTEIN POLYMORPHISMS IN THE POPULATION OF VILARINHO DA FURNA - PORTUGAL		
Autor	CRUZ, J. Amorim Machado; (et al)		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Correia", 1973		
Temático	1. Genética populacional humana: Vilarinho da Furna		
Notas	(Trabalhos de Antropologia "Dr. Mendes Correia"; 15)		
Registo	7030	Cota	Bib. S/ cx. 3 - 15
Título	GEOGRAFIA ECONÓMICA		
Autor	SCHMIDT, Walther; SÁNCHEZ SARTO, Manuel; trad.		
Zona ed.	Barcelona: Labor, 1927		
Temático	1. Geografia económica 2. Economia		
Notas	2.ª ed.		
Registo	6862	Cota	Bib. S/ 105
Título	GÉOGRAPHIE HUMAINE PRÉHISTORIQUE		
Autor	NOUGIER, Louis-René; Deffontaines, Pierre; pref.		
Zona ed.	França: Gallimard, 1959		
Temático	1. Geografia humana: Pré-História		
Notas	Géographie Humaine; 31		
Registo	6809	Cota	Bib. S/ 69
Título	GEOLOGIA: UMA INTRODUÇÃO Á HISTÓRIA DA TERRA		
Autor	READ, H. H.		
Zona ed.	Lisboa: Europa-América, 1966		
Temático	1. Geologia		
Notas	Trad. do orig. "Geology: An Introduction to Earth-History"		
Registo	6235	Cota	Bib. S/ 120

Título	GERMES MILENÁRIOS		
Autor	SERRÃO, Eduardo da Cunha		
Zona ed.	Porto: (s.n.), 1966		
Temático	1. Povos Portugueses: Pré-História		
Notas	Sep. de: "Actas do IV Colóquio Portuense de Arqueologia", 1966 (2 exempl.)		
Registo	7295; 7999	Cota	Bib. S/ cx. 7 - 8
Título	GIL VICENTE, ROMAGEM D'AGRAVADOS. ÉDITION CRITIQUE, INTRODUCTION ET NOTES DE PAUL TEYSSIER. EDITIONS HISPANIKES, PARIS (1975). 148 pp.		
Autor	ALMEIDA, Justino Mendes de		
Zona ed.	Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1976		
Temático	1. Bibliografias		
Notas	Sep. de: "Arquivos do Centro Cultural Português", Vol. X		
Registo	7753	Cota	Bib. S/ cx. 16 - 22
Título	GRAMÁTICA LATINA DE JOÃO DE BARROS (UMA)		
Autor	ALMEIDA, Justino Mendes de		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), (s.d.)		
Temático	1. Autores: João de Barros		
Notas	Sep. de: "Evphrosyne"		
Registo	7374	Cota	Bib. S/ cx. 9 - 18
Título	GRAVURAS RUPESTRES DE MONTEADOR (AS)		
Autor	LANHAS, Fernando		
Zona ed.	Porto: Junta Distrital do Porto, (s.d.)		
Temático	1. Arte rupestre: Gravuras de Montedor		
Notas	Sep. de: Revista de Etnografia / Museu de Etnografia e Historia; 26		
Registo	7576	Cota	Bib. S/ cx. 12 - 20
Título	GRAVURAS RUPESTRES DO CONCELHO DE VALENÇA: MONTE DE FORTES (TAIÃO) TAPADA DE OZÃO E MONTE DA LAJE		
Autor	CUNHA, Ana Maria Cameirão Leite da; SILVA, Eduardo Jorge Lopes da		
Zona ed.	Guimarães: Companhia Editora do Minho, 1980		
Temático	1. Arte rupestre: Valença		
Notas	Sep. de: "Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular"		
Registo	7115	Cota	Bib. S/ cx. 4 - 41
Título	GRAVURAS RUPESTRES DO TCHITUNDO HULO VIREI - MOÇÂMEDES - ANGOLA (AS)		
Autor	SANTOS Júnior; J.R.		
Zona ed.	Barcelos: Companhia Editora do Minho, 1974		
Temático	1. Gravuras rupestres: Angola		
Notas	(Trabalhos do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa"; 26)		
Registo	7549	Cota	Bib. S/ cx. 19 - 9
Título	GRÉCIA ANTIGA: CULTURA E VIDA (A)		
Autor	BALDRY, H. C.		
Zona ed.	Lisboa: Verbo, 1969		
Temático	1. Literatura grega 2. Cultura grega		
Notas	Biblioteca das Civilizações Primitivas		
Registo	6810	Cota	Bib. S/ 70
Título	GROTTE DE LASCAUX (LA)		
Autor	TARALON, Jean		
Zona ed.	Paris: Caisse Nationale des Monuments Historiques, (s.d.)		
Temático	1. Arte rupestre: Gruta de Lascaux - França		
Notas			
Registo	7972	Cota	Bib. S/ cx. 2 - 5
Título	GROTTE ARTIFICIELLES DE CASAL DO PARDO - PALMELA ET LA CULTURE DU VASE CAMPANIFORME (LES)		
Autor	LEISNER, Vera; ZBYZEWSKI, G.;		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1961		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Casal do Pardo - Palmela		
Notas	(Memória; Nova Série, N.º 8)		
Registo	7692	Cota	Bib. S/ 296
Título	GRUTA DA FETEIRA - LOURINHÃ: ESCAVAÇÃO DE SALVAMENTO DE UMA NECRÓPOLE NEOLÍTICA		
Autor	ZILHÃO, João; REAL, Fernando; SILVA, António Carlos; pref.		
Zona ed.	Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, 1984		
Temático	Escavações arqueológicas: Lourinhã		
Notas	(Trabalhos de Arqueologia; 1)		
Registo	7201	Cota	Bib. S/ 285

Título	GRUTA DE PORTO COVO (A)		
Autor	PAÇO, Afonso do; VAULTIER, Maxime		
Zona ed.	Porto: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, 1943		
Temático	1. Espólios arqueológicos: Gruta de Porto-Covo - Cascais		
Notas	Sep. de: "Congresso Luso-Espanhol do Porto", T. VIII		
Registo	7235	Cota	Bib. S/ cx. 6 - 12
Título	GRUTAS PRÉ-HISTÓRICAS DE ALAPRAIA - ESTORIL		
Autor	ENCARNAÇÃO, José d'		
Zona ed.	Estoril: Junta de Turismo da Costa do Estoril, 1979		
Temático	1. Arqueologia: Grutas pré-históricas de Alapraia - Estoril		
Notas	(2 exempl.)		
Registo	7226; 7653	Cota	Bib. S/ cx. 6 - 5; cx. 14 - 12
Título	GRUTAS ARTIFICIAIS DE SÃO PEDRO DO ESTORIL		
Autor	VERA, Leisner; PAÇO, Afonso do; RIBEIRO, Leonel		
Zona ed.	Lisboa, 1964		
Temático	1. Escavações arqueológicas: S. Pedro do Estoril		
Notas			
Registo	6900	Cota	Bib. S/ 284
Título	GRUTAS ARTIFICIAIS DO TOJAL DE VILA CHÃ - CARENQUE		
Autor	HELENO, Manuel; VALENÇA, F. ; il.		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1933		
Temático	1. Escavações arqueológicas: S. Pedro do Estoril		
Notas			
Registo	6900	Cota	Bib. S/ 284
Título	GRUTAS ARTIFICIAIS DO TOJAL DE VILA CHÃ - CARENQUE		
Autor	HELENO, Manuel; VALENÇA, F.; il.		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1933		
Temático	1. Arqueologia: Grutas artificiais - Carenque		
Notas	2. Espólio Arqueológico: Tojal de Vila Chã - Carenque		
Registo	Fotocópias 7772	Cota	Bib. S/ cx. 17 - 19
Título	GRUTAS DE ALCOBAÇA: ADITAMENTO		
Autor	PAÇO, Afonso do		
Zona ed.	Salamanca: (s.n.), 1967		
Temático	1. Arqueologia: Grutas de Alcobaca		
Notas	Sep. de: "Zephyrus", 1966, Vol. XVII		
Registo	7713	Cota	Bib. S/ cx. 15 - 26
Título	GUIA DE LA CUEVA DE LA PEÑA DE CANDAMO		
Autor	SERVICIO DE INVESTIGACIONES ARQUEOLOGICAS; resp.		
Zona ed.	Oviedo: Diputacion Provincial de Oviedo, 1968		
Temático	1. Arqueologia: Cueva de la Peña de Candamo		
Notas	2. Pintura rupestre: Cueva de la Peña de Candamo		
Registo	Sep. de: "Archivo Hispalense", 2.ª época, n.º 103-104 7547	Cota	Bib. S/ cx. 19 - 16
Título	GUIA DE MÉRIDA		
Autor	ALMAGRO, Martín		
Zona ed.	Madrid: Dirección General de Bellas Artes, 1969		
Temático	1. Cidades: Mérida		
Notas	2. Turismo: Guia de Mérida		
Registo	4.ª ed. 6854	Cota	Bib. S/ 97
Título	GUIA DEL MUSEO ARQUEOLÓGICO		
Autor	SERVICIO DE INVESTIGACIONES ARQUEOLÓGICAS; resp.		
Zona ed.	Oviedo: Diputacion Provincial de Asturias, 1969		
Temático	1. Museus arqueológicos: Oviedo		
Notas	2. Catálogos: Museu Arqueológico de Oviedo		
Registo	7508	Cota	Bib. S/ cx. 11 - 12
Título	GUIA DO MUSEU ARQUEOLÓGICO		
Autor	FARIA, António Machado de; org.		
Zona ed.	Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1961		
Temático	1. Museus arqueológicos: Guias		
Notas	4.ª ed. (1.ª ed. 1949, 2.ª ed. 1954, 3.ª ed. 1957)		
Registo	8080	Cota	Bib. S/ 348

Título	GUIA DO MUSEU ARQUEOLÓGICO		
Autor	ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES; resp.		
Zona ed.	Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1975		
Temático	1. Museus arqueológicos: Guias		
Notas	6.ª ed.		
Registo	7786	Cota	Bib. S/ cx. 17 - 9
Título	GUIA DO MUSEU ARQUEOLÓGICO DE SESIMBRA		
Autor	SERRÃO, Eduardo da Cunha		
Zona ed.	Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, 1960		
Temático	1. Museu arqueológico de Sesimbra: Guia		
Notas			
Registo	7344	Cota	Bib. S/ cx. 8 - 33
Título	GUIA TURÍSTICO DE BEJA		
Autor	VIANA, Abel; colab. literário; (et al.)		
Zona ed.	Beja: Câmara Municipal de Beja, 1950		
Temático	1. Cidades: Beja 2. Turismo: Beja		
Notas			
Registo	6852	Cota	Bib. S/ 94
Título	GUIDE OF THE ARCHAEOLOGIC MUSEUM		
Autor	FARIA, António Machado de; org.; PAPPÁMIKAIL, Kalliope Kalotina Alves Correia; trad.		
Zona ed.	Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1986		
Temático	1. Museus arqueológicos: Associação dos Arqueólogos Portugueses - Guia		
Notas	Ed. em Inglês		
Registo	8079	Cota	Bib. S/ 349
Título	GUIDE TO SESIMBRA ARCHAEOLOGICAL MUSEUM (A)		
Autor	SERRÃO, Eduardo da Cunha; SERRÃO, Ana da Cunha; trad.		
Zona ed.	Sesimbra: Liga dos Amigos do Castelo de Sesimbra, (s.d.)		
Temático	1. Museus arqueológicos: Sesimbra		
Notas			
Registo	7768	Cota	Bib. S/ cx. 17 - 20
Título	HAGYOMÁNYOS PARASZTI GAZDÁLKODÁS ISMERETANYAGA (A)		
Autor	ISTVÁN, Balogh; JÓZSEF, Végh		
Zona ed.	Budapeste, 1966		
Temático			
Notas			
Registo	6853	Cota	Bib. S/ 95
Título	HAGYOMÁNYOS PARASZTI GAZDÁLKODÁS ISMERETANYAGA ÉS SZÓKINCSE: 1. SZÁNTÁS-VETÉS (A)		
Autor	JÓZSEF, Végh		
Zona ed.	Budapeste: Magyar Nemzeti Múzeum-Néprajzi Múzeum Ethnologiai Adattár, 1962		
Temático			
Notas			
Registo	7356	Cota	Bib. S/ cx. 8 - 37
Título	HERCULES DE LA ISLA SALTES - HUELVA		
Autor	GARRIDO ROIZ, Juan Pedro; ORTA, Elena Maria		
Zona ed.	Zaragoza: (s.n.), (s.d.)		
Temático	1. Achados arqueológicos: Ilha de Saltés - Huelva		
Notas	Sep. de: "IX Congresso Nacional de Arqueologia"		
Registo	7308	Cota	Bib. S/ cx. 7 - 32
Título	HISTÓRIA DA ARQUITECTURA PRIMITIVA EM PORTUGAL: MONUMENTOS DOLMÉNICOS		
Autor	MONTEZ, Paulino		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1943		
Temático	1. Arquitectura: Portugal 2. Monumentos dolmênicos: Portugal		
Notas	Fotocópias encadernadas em argolas		
Registo	6899	Cota	Bib. S/ 168
Título	HISTÓRIA DAS LETRAS E DOS ALGARISMOS: SEGREDOS MILENÁRIOS FINALMENTE CONHECIDOS		
Autor	RIBEIRO, Leonei		
Zona ed.	Lisboa: autor, 1959		
Temático	1. Inscrições lusitanas		
Notas	Resumo do I vol. das Inscrições Lusitanas, "Letras e Algarismos"		
Registo	6965	Cota	Bib. S/ 245

Título	HISTÓRIA DE ESPANHA		
Autor	MENÉNDEZ PIDAL, Ramón; dir.		
Zona ed.	Madrid: Espasa Calpe, 1952-1955		
Temático	1. História de Espanha		
Notas	Vol. I*, I**, I***, II (Catalogado monograficamente)		
Registo	0906	Cota	Bib. S/ 184 - 187
Título	HISTÓRIA ECONÓMICA DE PORTUGAL		
Autor	CORRÊA, Francisco António		
Zona ed.	Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1929		
Temático	1. História económica: Portugal		
	2. Economia: Portugal		
Notas	Vol. I, II		
Registo	6979	Cota	Bib. S/ 249-250
Título	HISTÓRIA ECONÓMICA E SOCIAL DA EXPANSÃO PORTUGUESA		
Autor	GODINHO, Vitorino Magalhães		
Zona ed.	Lisboa: Terra Editora, 1947		
Temático	1. Expansão portuguesa – Séc. XV-XVI		
	2. História económica e social		
Notas	T. 1		
Registo	6960	Cota	Bib. S/ 230
Título	HISTÓRIA GENERAL DE ESPAÑA		
Autor	CÁNOVAS DEL CASTILLO, Antonio; Dir.		
Zona ed.	Madrid: Progreso, 1894		
Temático	1. História: Espanha		
Notas	Escrita por académicos de número da Real Academia de la Historia.		
Registo	6914	Cota	Bib. S/ 201
Título	HOMEM FAZ-SE A SI PRÓPRIO: O PROGRESSO DA HUMANIDADE DESDE AS SUAS ORIGENS ATÉ AO FIM DO IMPÉRIO ROMANO (O)		
Autor	CHILDE, V. Gordon; GODINHO, Vitorino Magalhães; MACEDO, Jorge Borges de, trad. anot.		
Zona ed.	Lisboa: Cosmos, 1947		
Temático	1. Arqueologia. – 2. História da Ciência		
	3. História: Humanidade		
Notas			
Registo	6241	Cota	Bib. S/ 54
Título	HOMENAGEM AO PADRE EUGÉNIO JALHAY		
Autor	BRANDÃO, Domingos de Pinho		
Zona ed.	Porto: (s.n.), 1963		
Temático	1. Homenagem: Eugénio Jalhay – Pe.		
Notas	Sep. de: "Actas do II Colóquio Portuense de Arqueologia", 1963		
Registo	7045	Cota	Bib. S/ cx. 4 - 36
Título	HOMENAGEM NACIONAL A BOCAGE NO II CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO		
Autor	ALBARRAN, Eduardo, aprest.		
Zona ed.	Setúbal: Junta Distrital de Setúbal, 1965		
Temático	1. Homenagens: Bocage		
	2. Centenários: Manuel Maria Barbosa do Bocage – II.º		
Notas			
Registo	6835	Cota	Bib. S/ 74
Título	HOMENS E MACACOS		
Autor	MORRIS, Desmond; (et al.)		
Zona ed.	Mem Martins: Europa-América, 1970		
Temático			
Notas	Trad. do orig. "Men and Apes"		
Registo	6233	Cota	Bib. S/ 122
Título	HORIZONTES DE FERRADEIRA: SEPULTURAS DO ENEOLÍTICO FINAL NO SUDOESTE DA PENÍNSULA IBÉRICA (O)		
Autor	SCHUBART, Hermanfrid		
Zona ed.	Guimarães: (s.n.), 1971		
Temático	1. Povoados arqueológicos: Eneolítico Final – Península Ibérica		
	2. Achados arqueológicos: Cultura campaniforme		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães", Vol. LXXXI		
Registo	7503	Cota	Bib. S/ cx. 11 - 18
Título	HOUVE OU NÃO AS CORTES DA ATOUGUIA DE 1375?		
Autor	BERNARDO, Hernâni de Barros		
Zona ed.	Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1970		
Temático	1. História de Portugal: Cortes da Atouguia - 1375		
Notas	Sep. de: "Actas das I Jornadas Arqueológicas"		
Registo	7991	Cota	Bib. S/ 18 - 26

Título	HUELVA ARQUEOLÓGICA: LAS CERAMICAS DEL CABEZO DE SAN PEDRO		
Autor	BLÁZQUEZ, J. M.; (et al.)		
Zona ed.	Huelva: Diputacion Prvincial, 1970		
Temático	1. Cerâmica: Huelva		
Notas			
Registo	7839	Cota	Bib. S/ cx. 19 - 13
Título	HUMANIDADE PRÉ-HISTÓRICA (A)		
Autor	PERICOT GARCIA, Luis; MALUQUER DE MOTES, Juan		
Zona ed.	Lisboa: Verbo, 1971		
Temático	1. Pré-História 2. Civilizações: Pré-História		
Notas			
Registo	6797	Cota	Bib. S/ 111
Título	IDENTIFICAÇÃO DE UMA JAZIDA NEOLÍTICA EM FONTE DE SESIMBRA – SANTANA, SESIMBRA		
Autor	SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares da; BARROS, Luís		
Zona ed.	(s.l.): (s.n.), (s.d.)		
Temático	1. Jazidas neolíticas: Santana – Sesimbra 2. Achados arqueológicos: Santana - Sesimbra		
Notas	Folhas soltas		
Registo	7581	Cota	Bib. S/ cx. 12 - 7
Título	ÍDOLO CILINDRICO DE CALCÁREO OCULADO DO ALGARVE		
Autor	PAÇO, Afonso do; FRANCO, Gonçalo Lyster		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1959		
Temático	1. Arqueologia: Ídolo cilíndrico de calcáreo - Algarve		
Notas	Sep. de: "Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia"		
Registo	7241	Cota	Bib. S/ cx. 5 - 50
Título	ÍDOLO CILINDRICO DE CALCÁREO, OCULADO, DO ALGARVE		
Autor	PAÇO, Afonso do; FRANCO, Gonçalo Lyster		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1959		
Temático	1. Arqueologia: Ídolo cilíndrico de calcáreo - Algarve		
Notas	Sep. de: "Actas e Memórias: I Congresso Nacional de Arqueologia", Vol. I		
Registo	7637	Cota	Bib. S/ cx. 13 - 36
Título	IDOLO CILINDRICO DE MARMOL, HALLADO EN LEBRIJA - SEVILLA		
Autor	GUERRERO, Manuel Esteve		
Zona ed.	(s.l.): (s.n.), 1961		
Temático	1. Arqueologia: Idolo cilíndrico de marmol - Sevilha		
Notas	Sep. de: "Archivo Español de Arqueologia", 1961, vol. XXXIV, n.º 103-104		
Registo	7728	Cota	Bib. S/ cx. 15 - 25
Título	IGREJA DE SANTO ANTÓNIO E MUSEU REGIONAL DE LAGOS		
Autor	FORMOSINHO, José		
Zona ed.	Lagos: (s.n.), (s.l.)		
Temático	1. Museus: Museu Regional de Lagos 2. Monumentos Nacionais: Igreja de Santo António – Lagos		
Notas			
Registo	7595	Cota	Bib. S/ cx. 12 - 33
Título	IMPORTÂNCIA DAS GRUTAS EM PRÉ-HISTÓRIA		
Autor	ZBYSZEWSKI, Georges		
Zona ed.	Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa, 1963		
Temático	1. Pré-História 2. Espeleologia		
Notas	Sep. de: "Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa", 1963, Jan-Jun.		
Registo	7007	Cota	Bib. S/ cx. 3 - 38
Título	INFANTE D. HENRIQUE CONFIRMA E FIXA O IMPERATIVO HISTÓRICO DE PORTUGAL (O)		
Autor	BOLÉO, J. de Oliveira		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1968		
Temático	1. Infantes de Portugal – D. Henrique		
Notas	Sep. de: "Ultramar", 1968, N.º 33, Vol. IX (n.º 1)		
Registo	7470	Cota	Bib. S/ cx. 11 - 33
Título	INFLUENCIAS DEL MEDITERRÂNEO OCCIDENTAL EN LA TEMPRANA EDAD DEL HIERRO DE GALES (ALGUNAS)		
Autor	SAVORY, Hubert N.		
Zona ed.	Castellon de la Plana: Diputacion Provincial de Castellon de la Plana: Departamento de Arqueologia, 1975		
Temático	1. Investigação arqueológica		
Notas	Sep. de: "Cuadernos de Prehistoria y arqueología Castellonense", 1975, n.º 2		
Registo	7311	Cota	Bib. S/ cx. 7 - 29

Título	INFORMAÇÕES LINGUÍSTICAS DE SUETÓNIO NAS VIDAS DE DOZE CÉSARES: SUA INTERPRETAÇÃO E VALOR (AS)		
Autor	ALMEIDA, Justino Mendes de		
Zona ed.	Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1959		
Temático	1. Linguística: "Suetónio"		
Notas	Dissertação de doutoramento em Filologia Clássica.		
Registo	6956	Cota	Bib. S/ 226
Título	INITIATION A L'ARCHÉOLOGIE ROMAINE		
Autor	ROY, Max le		
Zona ed.	Paris: Petite Bibliothèque Payot		
Temático	1. Arqueologia romana: iniciação		
Notas			
Registo	6262	Cota	Bib. S/ 141
Título	INSCRIÇÃO COM CARACTERES TARTÉSSICOS EM MOEDAS ATRIBUÍDAS A SALÁCIA (A)		
Autor	VICENTE, Eduardo Prescott		
Zona ed.	Lisboa: Instituto Português de Arqueologia História e Etnografia, 1970		
Temático	1. Economia: Estuário do Sado 2. Numismática: Inscrições em moedas		
Notas	Sep. de: "Ethnos", 1970, Vol. VII		
Registo	7460	Cota	Bib. S/ cx. 10 - 4
Título	INSCRIÇÃO LUSITANO-ROMANA INÉDITA DE VÁRZEA DO DOURO: MARCO DE CANAVESES		
Autor	BRANDÃO, Domingos de Pinho		
Zona ed.	Guimarães: (s.n.), 1961		
Temático	1. Epigrafia lusitano-romana - Douro		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães", Vol. LXXI, n.º 1-2		
Registo	7385	Cota	Bib. S/ cx. 9 - 29
Título	INSCRIÇÃO LUSO-ROMANA INÉDITA DO CASAL DE BEXIGA - LAMAROSA (UMA)		
Autor	BELO, Aurélio Ricardo; SERRÃO, Eduardo da Cunha; VICENTE, Eduardo Prescott		
Zona ed.	Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1958		
Temático	1. Achados arqueológicos: Inscrição luso-romana - Lamarosa		
Notas	Sep. de: "Arqueologia e História", 8.ª S, Vol VIII		
Registo	7275	Cota	Bib. S/ cx. 6 - 41
Título	INSCRIÇÃO ROMANA DA HERDADE DA FONTE DO PRIOR: MONTEMOR-O-NOVO		
Autor	PAÇO, Afonso do; LEMOS, João de		
Zona ed.	Porto: Marânus, 1962		
Temático	1. Inscrições romanas: Montemor-o-Novo		
Notas	Sep. de: "Lucerna", Vol. II, n.º 1-2		
Registo	7364	Cota	Bib. S/ cx. 9 - 8
Título	INSCRIÇÃO ROMANA DE S. JOÃO DAS LAMPAS		
Autor	FRANÇA, J. Camarate		
Zona ed.	(s.l.): Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, 1950		
Temático	1. Inscrições romanas: S. João das Lampas - Sintra		
Notas	Sep. de: "Trabalhos de Antropologia e Etnologia, 1950, Vol. XII, fasc. 3-4		
Registo	7520	Cota	Bib. S/ cx. 12 - 17
Título	INSCRIÇÕES PALEOCRISTÃS DO MUSEU ARQUEOLÓGICO DE S. MIGUEL DE ODRINHAS		
Autor	ALMEIDA, Fernando de		
Zona ed.	Lisboa: Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, 1958		
Temático	1. Inscrições paleocristãs		
Notas	Sep. de: "Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal", T. XXXIX		
Registo	7377	Cota	Bib. S/ cx. 9 - 21
Título	INSCRIÇÃO ROMANAS DE BEMPOSTA - PENAMACOR: BEIRA BAIXA		
Autor	LEITÃO, Manuel; BARATA, Luís		
Zona ed.	Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1980		
Temático	1. Epigrafia: Inscrições romanas de Bemposta - Penamacor		
Notas	Sep. de: "Trabalhos de Antropologia e Etnologia", Vol. XXIII, fasc. IV		
Registo	7055	Cota	Bib. S/ cx. 4 - 23
Título	INSCRIÇÕES ROMANAS DO MUSEU DE PENAMACOR: BEIRA BAIXA		
Autor	LEITÃO, Manuel; BARATA, Luís; RIBEIRO, António		
Zona ed.	Castelo-Branco: Centro de Estudos Epigráficos da Beira; 1980		
Temático	1. Epigrafia: Inscrições romanas - Penamacor 2. Museus: Penamacor		
Notas	(Cadernos de Epigrafia)		
Registo	7053	Cota	Bib. S/ cx. 4 - 25

Título	INTRUMENTO PRÉ-HISTÓRICO ENCONTRADO EM SETÚBAL (UM)		
Autor	FERREIRA, Octávio da Veiga		
Zona ed.	Guimarães: (s.n.), 1951		
Temático	1. Achados arqueológicos: Setúbal		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães", Vol. LXI		
Registo	7608	Cota	Bib. S/ cx. 13 - 7
Título	INSTRUMENTOS PRÉ-HISTÓRICOS DE DIMENSÕES ANORMAIS E A ESTATURA DO HOMEM PRIMITIVO		
Autor	CARDOZO, Mário		
Zona ed.	Porto: (s.n.), 1963		
Temático	1. Arqueologia: Instrumentos pré-históricos		
Notas	Sep. de: "Actas do II Colóquio Português de Arqueologia"		
Registo	7240	Cota	Bib. S/ cx. 6 - 9
Título	INTERESSANTE INSCRIÇÃO FUNERÁRIA (UMA)		
Autor	CARDOZO, Mário		
Zona ed.	Viseu: (s.n.), 1959		
Temático	1. Epigrafia: Inscrições latinas		
	2. Inscrições latinas: Lápides funerárias		
Notas	Sep. de: "Beira Alta", Viseu, 1959		
Registo	7519	Cota	Bib. S/ Cx. 12 - 18
Título	INTRODUÇÃO Á APLICAÇÃO DE COMPUTADORES ELECTRÓNICOS EM ARQUEOLOGIA		
Autor	JORGE, Vítor Manuel de Oliveira		
Zona ed.	Guimarães: (s.n.), 1968		
Temático	1. Informática: Arqueologia		
	2. Arqueologia		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães", Vol. LXXVIII, fasc. 1-2		
Registo	7009	Cota	Bib. S/ cx. 3 - 36
Título	INTRODUÇÃO Á ARQUEOLOGIA		
Autor	MOBERG, Carl-Axel		
Zona ed.	Lisboa: Edição 70, 1981		
Temático	1. Arqueologia: Introdução		
	2. História: Trabalho arqueológico		
Notas	Ed. orig. 1968		
Registo	6261	Cota	Bib. S/ 65
Título	INTRODUÇÃO Á ARQUEOLOGIA		
Autor	CHILDE, V. Gordon		
Zona ed.	Lisboa: Europa-América, 1961		
Temático	1. Arqueologia: Métodos de investigação		
	2. História: Arqueologia		
Notas	(Colecção "Saber"; 48)		
Registo	6260	Cota	Bib. S/ 127
Título	INTRODUÇÃO Á ARQUEOLOGIA BRASILEIRA: ETNOGRAFIA E HISTÓRIA		
Autor	COSTA, Angyone; COSTA, Dante; pref.		
Zona ed.	São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959		
Temático	1. Arqueologia: Brasil. - 2. Etnologia: Brasil		
	3. Índios da América do Sul: Brasil		
Notas	(Brasiliana; 34) 3.ª ed. rev., 4.ª ed. il. (2 exempl.)		
Registo	6795; 6848	Cota	Bib. S/ 113; Bib. S/ 89
Título	INTRODUÇÃO Á HISTÓRIA		
Autor	BLOCH, Marc		
Zona ed.	Lisboa: Europa-América, 1965		
Temático	1. História: Introdução		
Notas			
Registo	6864	Cota	Bib. S/ 129
Título	INTRODUÇÃO Á PRÉ-HISTÓRIA		
Autor	DANIEL, Glyn; Trad. GODOLPHIM, Sigrid Faulhaber; GODOLPHIM, Waldir da Costa		
Zona ed.	Rio de Janeiro: Zahar, 1964		
Temático	1. Arqueologia: Pré-História		
	2. Geologia: Estratigrafia		
Notas	(1.ª ed. Inglaterra 1962)		
Registo	6752	Cota	Bib. S/ 130
Título	INTRODUÇÃO AO COLÓQUIO "HERANÇA SOCIAL PENINSULAR PERANTE O DESENVOLVIMENTO TÉCNICO INDUSTRIAL": SITUAÇÃO DO PROBLEMA		
Autor	DIAS, A. Jorge		
Zona ed.	Lisboa: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, 1970		
Temático	1. Colóquios: "Herança Social Peninsular Perante o Desenvolvimento Técnico Industrial"		
Notas	Sep. de: "XXIX Congresso Luso-Espanhol", T. III		
Registo	7758	Cota	Bib. S/ cx. 17 - 1

Título	INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA ARTE PRÉ-HISTÓRICA DO NOROESTE PENINSULAR: 1. GRAVURAS RUPESTRÉS DO GIÃO		
Autor	BAPTISTA, António Martinho do Carmo		
Zona ed.	Braga: (s.n.), 1980		
Temático	1. Arte pré-histórica: Gravuras rupestres do Gião		
Notas	Sep. de: "Minia", 1980, 2ª Série, A . III, n.º 4		
Registo	7338	Cota	Bib. S/ cx. 8 - 26
Título	IRELAND AND SPAIN IN THE EARLY BRONZE AGE		
Autor	HARRISON, Richard J.		
Zona ed.	(Irlanda): Society of Antiquaries of Ireland, 1974		
Temático	1. Achados arqueológicos: Idade do Bronze – Irlanda e Espanha		
Notas	Sep. de: "Journal of the Royal Society of Antiquaries of Ireland", 1974, Vol. 104		
Registo	7641	Cota	Bib. S/ cx. 13 - 40
Título	VORBERICHT UBER DIE GRABUND 1974 IN DER NEKROPOLE DES 6./5. JAHRHUNDERTS v. CHR.		
Autor	MAASS-LINDEMANN, Gerta; SCHUBART, Hermanfrid		
Zona ed.	Heidelberg, 1975		
Temático			
Notas	Sep.		
Registo	7309	Cota	Bib. S/ cx. 7 - 31
Título	VORBERICHT UBER DIE GRABUNGSKAMPAGNE, 1976 IN DER NEKROPOLE DES 6./5. JHS. v. CHR.		
Autor	SCHUBART, Hermanfrid		
Zona ed.	Heidelberg: (s.n.), 1977		
Temático			
Notas			
Registo	7718	Cota	Bib. S/ cx. 15 - 28
Título	JAZIDA PRÉ-HISTÓRICA DA EIRA PEDRINHA - CONDEIXA		
Autor	CORRÊA, António Mendes; TEIXEIRA, Carlos		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1949		
Temático	1. Geologia: Condeixa 2. Arqueologia: Jazida pré-histórica de Eira Pedrinha - Condeixa		
Notas			
Registo	6902	Cota	Bib. S/ 183
Título	JAZIDAS 1 E 2 DO MONTE DA FAIA – RIO CAIA, PORTALEGRE: NOTÍCIA PRELIMINAR		
Autor	JORGE, Vítor Manuel de Oliveira		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1972		
Temático	1. Achados arqueológicos: Jazidas líticas - Portalegre		
Notas	Sep. de: "O Arqueólogo Português", S. III, Vol. VI		
Registo	7222	Cota	Bib. S/ cx. 6 - 1
Título	JAZIDAS ARQUEOLÓGICAS DE CATRIVANA E O DOLMEN DE "PEDRA ERGUIDA" (AS)		
Autor	SERRÃO, Eduardo da Cunha		
Zona ed.	Sintra: Gabinete de Estudos de Arqueologia Arte e Etnografia, 1982-83		
Temático	1. Jazidas arqueológicas: Catrivana - Sintra		
Notas	Sep. de: "Sintria", 1982-83, Vol. I-II, p. 11-28		
Registo	7289	Cota	Bib. S/ cx. 7 - 16
Título	JOALHARIA LUSITANA		
Autor	CARDOSO, Mário		
Zona ed.	Coimbra: Universidade de Coimbra, 1959		
Temático	1. Joalheria lusitana		
Notas	Sep. de: "Conimbriga", 1959, Vol. I		
Registo	7719	Cota	Bib. S/ cx. 16 - 3
Título	JOAQUIM FONTES ARQUEÓLOGO		
Autor	PAÇO, Afonso do		
Zona ed.	Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1962		
Temático	1. Biografias: Joaquim Fontes (Arqueólogo) – 1892 – 1960 2. Arqueólogos: Joaquim Fontes		
Notas	Sep. de: "Arqueologia e História", 8ª S., Vol. X		
Registo	7762	Cota	Bib. S/ cx. 16 - 26
Título	JÓIAS PRÉ-HISTÓRICAS NA REGIÃO DE ÉVORA		
Autor	PAÇO, Afonso do		
Zona ed.	Évora: Junta Distrital de Évora, 1967		
Temático	1. Joalheria pré-histórica: Évora 2. Achados arqueológicos: Espirais de ouro - Arraiolos		
Notas	Sep. de: "Boletim da Junta Distrital de Évora", N.º 6		
Registo	7733	Cota	Bib. S/ cx. 15 - 19

Título	JORNADAS ARQUEOLÓGICAS DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES (AS II)		
Autor	SANTOS, Manuel Farinha dos		
Zona ed.	Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1973		
Temático	1. Jornadas Arqueológicas - II		
Notas	Sep. de: "Actas das II Jornadas Arqueológicas", Vol. I		
Registo	7526	Cota	Bib. S/ cx. 12 - 2
Título	JOYAS Y EXCAVACIONES DE EL CARAMBOLO (LAS)		
Autor	MATA CARRIAZO, Juan de		
Zona ed.	(s.l.): (s.n.), (s.d.)		
Temático	1. Achados arqueológicos: Joias - Carambolo		
Notas	Sep. de: "Archivo Hispalense", N.º 93-94		
Registo	7543	Cota	Bib. S/ 19 - 12
Título	JUNTA DISTRITAL DE SETÚBAL: RELATÓRIO DA GERÊNCIA - 1966		
Autor	GERÊNCIA DA JUNTA DISTRITAL DE SETÚBAL; Resp.		
Zona ed.	Setúbal: Junta Distrital, 1967		
Temático			
Notas	Texto dactilografado		
Registo	7767	Cota	Bib. S/ cx. 17 - 22
Título	KRANKES ELLENBOGENGELENK AUS DER COVA DA MOURA - PORTUGAL (EIN)		
Autor	SPINDLER, Konrad		
Zona ed.	(s.l.): (s.n.), (s.d.)		
Temático			
Notas	Sep. de: "Homo 72", n.º 1-2		
Registo	7333	Cota	Bib. S/ cx. 8 -20
Título	KUPFERZEITLICHE BEFESTIGUNG VON COLUMBEIRA/PORTUGAL (DIE)		
Autor	SCHUBART, Hermanfrid		
Zona ed.	Heidelberg, 1970		
Temático			
Notas			
Registo	7298	Cota	Bib. S/ cx. 7 - 23
Título	LANGUEDOCENSE: ENSAIO DE CARACTERIZAÇÃO MORFOTÉCNICA E TIPOLOGICA (O)		
Autor	RAPOSO, Luís; SILVA, António Carlos		
Zona ed.	Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, 1984		
Temático	1. Languedocense:		
Notas	Sep. de: "O Arqueólogo Português", 1984, S. IV, vol. 2, p. 87 - 166		
Registo	7297	Cota	Bib. S/ cx. 7 - 6
Título	LAPA DO FUMO (A)		
Autor	SERRÃO, Eduardo da Cunha		
Zona ed.	Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, 1978		
Temático	1. Investigação arqueológica: Lapa do Fumo - Sesimbra		
Notas	Sep. de: "Aspectos e Métodos da Pré-História"/Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto.- N.º 1. - (3 artigos juntos)		
Registo	7872	Cota	Bib. S/ cx. 19 - 1
Título	LÁPIDE FUNERÁRIA LUSITANO-ROMANA COM EMBLEMAS DE TRABALHO PROFISSIONAL (UMA)		
Autor	CARDOZO, Mário		
Zona ed.	Madrid: (s.n.), (s.d.)		
Temático	1. Epigrafia: Lápides funerárias		
Notas	Sep. de: "Las Ciencias", Madrid, A. XXV, n.º 4		
Registo	7363	Cota	Bib. S/ cx. 9 - 7
Título	LÉBOUS		
Autor	ARNAL, J.; MARTIN-GRANEL, Henri; SANGMEISTER, E.		
Zona ed.	Inglaterra: (s.n.), 1964		
Temático	1. Escavações arqueológicas: "Lébus" - França		
Notas	Sep. de: "Antiquity", 1964, Vol. XXXVIII		
Registo	7279	Cota	Bib. S/ cx. 7 - 1
Título	LEGISLAÇÃO		
Autor	SILVA, António Carlos; introd.		
Zona ed.	Lisboa: Instituto Português do Património Cultural: Departamento de Arqueologia, 1984		
Temático	1. Legislação		
Notas	3.º Volume		
Registo	6977	Cota	Bib. S/ 255
Título	LEVANTAMENTO DE ALGUMAS GRAVAÇÕES ANTIGAS SOBRE ROCHA DO SUL DA BEIRA INTERIOR		
Autor	HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João Carlos Pires; HENRIQUES, António		
Zona ed.	(s.l.): (s.n.), (s.d.)		
Temático	1. Epigrafia: Gravura - Beira Interior		
Notas	Fotocópias soltas de um artigo da "Beira Alta", Vol. XLI, fasc.3, 1982		
Registo	7114	Cota	Bib. S/ cx. 4 - 40

Título	LEXICÓGRAFOS PORTUGUESES DA LÍNGUA LATINA		
Autor	ALMEIDA, Justino Mendes de		
Zona ed.	Guimarães: (s.n.), 1966		
Temático	1. Léxicografia: Língua latina		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães", 1966, Vol. LXXVI		
Registo	7521	Cota	Bib. S/ cx. 12 - 10
Título	LIMITAÇÕES DO MÉTODO COMPARATIVO NA INTERPRETAÇÃO FUNCIONAL DOS TESTEMUNHOS ARQUEOLÓGICOS: ALGUNS EXEMPLOS		
Autor	SERRÃO, Eduardo da Cunha		
Zona ed.	Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1978		
Temático	1. Arqueologia: Métodos comparativos de interpretação		
Notas	Sep. de: "Actas das III Jornadas Arqueológicas", Lisboa, 1977, vol. I		
Registo	7291	Cota	Bib. S/ cx. 7 - 12
Título	LINKING OCEANOGRAPHY TO PREHISTORIC ARCHAEOLOGY		
Autor	WATTERS, David R.		
Zona ed.	(s.l.): (s.n.), 1981		
Temático	1. Arqueologia marítima		
Notas	(sep. de: "Oceanus", 1981, Vol. 24, n.º 2)      Fotocópias		
Registo	7590	Cota	Bib. S/ cx. 12 - 28
Título	LISBOA DE POMBAL (A)		
Autor	SANTANA, Francisco José Gingeira		
Zona ed.	Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1985		
Temático	1. Cidades: Lisboa		
	2. História: Cidade de Lisboa no tempo do Marquês de Pombal		
Notas	Sep. de: "Lisboa Revista Municipal", 1985, n.º 13		
Registo	7709	Cota	Bib. S/ cx. 15 - 16
Título	LISBOA E O SEU TERMO: ESTUDOS E DOCUMENTOS		
Autor	ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES: resp.		
Zona ed.	Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1947-1948		
Temático	1. Cidades: Lisboa - Estudos		
Notas	Vol. I, 1947; Vol. II, 1948		
Registo	8120	Cota	Bib. S/ 327-328
Título	LISBOA NA 2ª METADE DO SÉC. XVIII: PLANTAS E DESCRIÇÕES DAS SUAS FREGUESIAS		
Autor	SANTANA, Francisco José Gingeira		
Zona ed.	Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa		
Temático	1. Cidades: Lisboa		
Notas			
Registo	6869	Cota	Bib. S/ 107
Título	LISTA DOS TRABALHOS DO INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA PUBLICADOS DE 1931 A 1969		
Autor	ROZEIRA, Arnaldo		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Correia", 1971		
Temático	1. Bibliografia: Instituto de Antropologia - 1931 - 1969		
Notas	(Trabalhos de Antropologia "Dr. Mendes Correia"; 7)		
Registo	7028	Cota	Bib. S/ cx. 3 - 17
Título	LIVRO DAS MOEDAS DE PORTUGAL: PREÇARIO = BOOK OF THE COINS OF PORTUGAL: PRICE LIST		
Autor	VAZ, J. Ferraro		
Zona ed.	Braga: ed. autor, 1972		
Temático	1. Numismática: Portugal		
Notas	Ed. bilingue		
Registo	6943	Cota	Bib. S/ 236
Título	LONGÍNQUA E MISTERIOSA PRÉ-HISTÓRIA		
Autor	FERRERO, Oswaldo		
Zona ed.	Lisboa: Promoclube, (s.d.)		
Temático	1. Pré-História		
	2. Arqueologia: História		
Notas	4 Vol.		
Registo	6229	Cota	Bib. S/ 58 - 61
Título	LUSO E O TRÓPICO (O)		
Autor	FREYRE, Gilberto		
Zona ed.	Lisboa: Comis. Executiva das Com. do V Cent. do Infante D. Henrique, 1961		
Temático	1. Congressos: Cong. Internacional do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique		
Notas			
Registo	6910	Cota	Bib. S/ 196

Título	MACACO LOUCO (O)		
Autor	SZENT-GYORGYI, Albert		
Zona ed.	Mem Martins: Europa-América, 1970		
Temático	1. História: Humanidade		
Notas	Trad. do orig. "The Crazy Ape"		
Registo	6234	Cota	Bib. S/ 121
Título	MACACO NU (O)		
Autor	MORRIS, Desmond		
Zona ed.	Lisboa: Circulo de Leitores, 1967		
Temático	1. Origem do Homem 2. Zoologia: Origem do Homem		
Notas	Trad. do orig. "The Naked Ape"		
Registo	6231	Cota	Bib. S/ 93
Título	MALHA DO CENTEIO EM LAVRADAS: BARROSO		
Autor	SANTOS Júnior, J. Rodrigues dos		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Correia", 1962		
Temático	1. Etnografia: Lavradas		
Notas	Sep. de: "Trabalhos de Antropologia e Etnologia", Vol. XIX, fasc. I		
Registo	7023	Cota	Bib. S/ cx. 3 - 22
Título	MAMOA 2 DE OUTEIRO DE GREGOS – SERRA DA ABOBOREIRA BAIÃO (A)		
Autor	JORGE, Vitor Manuel de Oliveira		
Zona ed.	Guimarães: Companhia Editora do Minho, 1981		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Mamoas de Outeiro de Gregos - Baião		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães", Vol. XC		
Registo	6925	Cota	Bib. S/ 216
Título	MAN MAKES HIMSELF		
Autor	CHILDE, V. Gordon		
Zona ed.	Nova Iorque: Mentor Book, 1951		
Temático	1. História: Evolução do conhecimento humano 2. Pré-História		
Notas	Original ed. em Inglaterra em 1936		
Registo	6239	Cota	Bib. S/ 142
Título	MAN THE TOOL-MAKER		
Autor	OAKLEY, Kenneth		
Zona ed.	Londres: British Museum: Natural History, 1975		
Temático	1. Cultura paleolítica		
Notas	6ª ed.		
Registo	6980	Cota	Bib. S/ 246
Título	MAN THE TOOL-MAKER		
Autor	OAKLEY, Kenneth P.		
Zona ed.	Chicago: University of Chicago Press, 1957		
Temático	1. Cultura paleolítica		
Notas			
Registo	6974	Cota	Bib. S/ 258
Título	MANUEL DE PRÉHISTOIRE GÉNÉRALE		
Autor	FURON, Raymond		
Zona ed.	Paris: Payot, 1951		
Temático	1. Arqueologia: Pré-História 2. Pré-História		
Notas	3ª ed. aumentada		
Registo	6801	Cota	Bib. S/ 42
Título	MANUSCRITO ACERCA DAS EXPLORAÇÕES DE OURO PERTO DE LISBOA NO INÍCIO DO SÉCULO XIX (UM)		
Autor	SOLLA, Luiz de Castro e		
Zona ed.	Lisboa: Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos, 1973		
Temático	1. Mineralogia: Exploração de ouro – Setúbal – Séc. XIX		
Notas	Sep. de: "Boletim de Minas", Vol. 10, n.º 2		
Registo	8004	Cota	Bib. S/ cx. 19 - 24
Título	MAP OF ANCIENT BRITAIN: SOUTH SHEET – A MAP OF THE MAJOR VISIBLE ANTIQUITIES OF GREAT BRITAIN OLDER THAN A. D. 1066		
Autor	(s.n.)		
Zona ed.	(s.l.): (s.n.), 1964		
Temático	1. Cartografia: Mapa de antiguidades - Inglaterra		
Notas	2ª ed.		
Registo	7002	Cota	Bib. S/ cx. 3 - 13

Título	MAP OF SOUTHERN BRITAIN IN THE IRON AGE		
Autor	DOWSON, A. H. ; pref.		
Zona ed.	Surrey: Ordnance Survey Chessington, 1967		
Temático	1. Arqueologia: Época do Ferro - Inglaterra		
Notas	Reimpressão da ed. de 1962		
Registo	7849	Cota	Bib. S/ 298
Título	MARINHAS IGNORADAS NA ESTREMADURA – AS SALINAS DE PENICHE		
Autor	BERNARDO, Hernâni de Barros		
Zona ed.	Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, 1966		
Temático	1. Salicultura: Peniche		
Notas	Sep. de: "Ethnos", 1966, Vol.V		
Registo	7614	Cota	Bib. S/ cx. 13 - 13
Título	MASADA		
Autor	MÈCHEL, Ze'ev; LIVNÉ, Mikla		
Zona ed.	Jerusalem: Direction des Parcs Nationaux, (s.d.)		
Temático	1. Escavações arqueológicas 2. Monumentos arqueológicos		
Notas			
Registo	7838	Cota	Bib. S/ cx. 19 - 18
Título	MATERIAIS LÍTICOS DA JAZIDA PRÉ-HISTÓRICA DO PORTO DA BÔGA: CURSO SUPERIOR DO RIO CAIA		
Autor	JORGE, Vítor Manuel de Oliveira; SERRÃO, Eduardo da Cunha		
Zona ed.	Coimbra: Ministério da Educação Nacional: Junta Nacional da Educação, 1971		
Temático	1. Arqueologia: Materiais líticos – Portalegre 2. Jazidas pré-históricas: Porto da Bôga - Portalegre		
Notas	Sep. de: "Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia"		
Registo	7276	Cota	Bib. S/ cx. 6 - 42
Título	MATERIAIS LÍTICOS DA JAZIDA PRÉ-HISTÓRICA DO PORTO DA BÔGA: CURSO SUPERIOR DO RIO CAIA		
Autor	JORGE, Vítor Manuel de Oliveira; SERRÃO, Eduardo da Cunha		
Zona ed.	Coimbra: Ministério da Educação Nacional: Junta Nacional de Educação, 1971		
Temático	1. Arqueologia: Materiais Líticos – Portalegre 2. Jazidas Pré-Históricas: Porto da Bôga - Portalegre		
Notas	Sep. de: "Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia"		
Registo	7961	Cota	Bib. S/ cx. 2 - 16
Título	MATERIAIS METÁLICOS DA COLECÇÃO ARQUEOLÓGICA DO MUSEU DO ABADE DE BAÇAL EM BRAGANÇA		
Autor	HOCK, Martin; COELHO, Luís		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1972		
Temático	1. Museus arqueológicos: Museu Abade de Baçal – Bragança 2. Arqueologia: Materiais metálicos		
Notas	Sep. de: "O Arqueólogo Português", S. III, Vol. VI		
Registo	7729	Cota	Bib. S/ cx. 15 - 20
Título	MATERIAIS PARA A HISTÓRIA DA FIGUEIRA NOS SÉCULOS XVII E XVIII		
Autor	ROCHA, António dos Santos; CARVALHO, Joaquim de		
Zona ed.	Figueira da Foz: (s.n.), 1954		
Temático	1. Arqueologia: Figueira da Foz 2. História: Figueira da Foz		
Notas	2ª ed.		
Registo	6824	Cota	Bib. S/ 16
Título	MATERIAIS PARA LA HISTORIA DE LA ARQUEOLOGIA ESPAÑOLA: I "ESCAVACIONES EN CALPE" - 1797		
Autor	CAVANILLES, Antonio Jose		
Zona ed.	Santiago de Compostela: Seminario de Arqueologia: Facultad de Filosofia y Letras, 1970		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Calpe – Espanha 2. História: Arqueologia espanhola		
Notas	(Studia Archaeologica; 5)		
Registo	7925	Cota	Bib. S/ cx. 1 - 7
Título	MATHEMATICS AND THE NAVIGATOR IN THE THIRTEENTH CENTURY		
Autor	TAYLOR, E. G. R.		
Zona ed.	Londres: The Royal Geographical Society, (s.d.)		
Temático	1. Navegadores: Infante D. Henrique 2. Navegação: Matemática – Séc. XIII		
Notas			
Registo	7761	Cota	Bib. S/ cx. 16 - 29
Título	MATRIX ANALYSIS AND ARCHAEOLOGY WITH PARTICULAR REFERENCE TO BRITISH BEAKER POTTERY		
Autor	CLARKE, D. L.		
Zona ed.	(Londres: Academic Press, 1979)		
Temático	1. Arqueologia: Cerâmicas		
Notas	Fotocópias		
Registo	7467	Cota	Bib. S/ cx. 11 - 36

Título	MAZOUCO – FREIXO DE ESPADA–Á–CINTA: NÓTULA ARQUEOLÓGICA		
Autor	JORGE, Vítor Manuel de Oliveira; (et al.)		
Zona ed.	Porto: Instituto de Arqueologia, 1981 - 1982		
Temático	1. Gravuras rupestres: Mazouco – Freixo de Espada – à -Cinta		
Notas	Sep. de: "Portugalia", 1981-1982, Nova Série, Vol. II - III		
Registo	7619	Cota	Bib. S/ cx. 13 - 21
Título	MECÂNICA DA VIDA (A)		
Autor	DANTEC, Félix le; REIS, Candido Garcia; trad.		
Zona ed.	Lisboa: Bertrand		
Temático	1. Biologia		
Notas			
Registo		Cota	Bib. S/ 102
Título	MEDALHISTICA: SUA FUNÇÃO ESTÉTICO SOCIAL (A)		
Autor	VIRGÍLIO, José Coelho		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1980		
Temático	1. Medalhística		
Notas	Comunicação apresentada ao I Congresso Numismático de Portugal. Texto dactilografado		
Registo	7867	Cota	Bib. S/ 312 - 10
Título	MEGALITISMO DO NORTE DE PORTUGAL: O DISTRITO DO PORTO – OS MONUMENTOS E A SUA PROBLEMÁTICA NO CONTEXTO EUROPEU		
Autor	JORGE, Vítor Manuel de Oliveira Jorge		
Zona ed.	Porto, 1982		
Temático	1. Arqueologia: Megalitismo - Porto		
Notas	Dissertação de doutoramento em pré-história e arqueologia		
Registo	7200	Cota	Bib. S/ 286
Título	MEGALITISMO EM PORTUGAL: PROBLEMAS E PERSPECTIVAS		
Autor	ARNAUD, José Morais		
Zona ed.			
Temático	1. Arqueologia: Megalitismo - Portugal		
Notas	Folhas soltas		
Registo	7593	Cota	Bib. S/ cx. 12 - 31
Título	MEGALITOS DE EXTREMADURA - I		
Autor	ALMAGRO BASCH, Martín		
Zona ed.	Madrid: Inspeccion general de Excavaciones Arqueológicas, 1962		
Temático	1. Arqueologia: Megalitos		
Notas	(Excavaciones arqueologicas en España; 3)		
Registo	7471	Cota	Bib. S/ cx. 11 - 31
Título	MEGALITOS DE EXTREMADURA - II		
Autor	ALMAGRO BASCH, MARTÍN		
Zona ed.	Madrid: Inspeccion General de Excavaciones Arqueológicas, 1962		
Temático	1. Arqueologia: Megalitos		
Notas	(Excavaciones Arqueologicas en España; 4)		
Registo	7472	Cota	Bib. S/ cx. 11 - 32
Título	MEMORIA DE LOS TRABAJOS DE EXCAVACION Y HALLAZGOS ARQUEOLOGICOS REALIZADOS EN LA ZONA DE SEVILLA DURANTE EL AÑO 1965: LÁMS. LXXXIII-LXXXVIII		
Autor	MATA CARRIAZO, Juan de		
Zona ed.	Madrid: Ministerio de Educacion y Ciencia: Direccion General de Bellas Artes, 1966		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Sevilha – 1965		
	2. Achados arqueológicos: Sevilha - 1965		
Notas	Sep. de: "Noticiario Arqueologico Hispanico", VIII y IX, cad. 1-3, 1964-65		
Registo	7061	Cota	Bib. S/ cx. 4 - 17
Título	MEMÓRIA DO PADRE JALHAY (EM)		
Autor	CARDOZO, Mário		
Zona ed.	Porto: (s.n.), 1963		
Temático	1. Homenagens: Padre Eugénio Jalhay		
Notas	Sep. de: "Actas do II Colóquio Portuense de Arqueologia", 1963. – 2 exempl.		
Registo	7046	Cota	Bib. S/ cx. 4 – 34-35
Título	MEMORIAM DE MICHEL GIACOMETTI E DE EDUARDO DA CUNHA SERRÃO (IN)		
Autor	JORGE, Vítor de Oliveira		
Zona ed.	Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1992		
Temático	1. Homenagens: Michel Giacometti – Etnomusicólogo		
	2. Homenagens: Eduardo da Cunha Serrão - Arqueólogo		
Notas	Sep. de: "Trabalhos de Antropologia E Etnologia", vol. 32, fasc. 1-4		
Registo	7318	Cota	Bib. S/ cx. 8 - 13

Título	MEMORIAM DO ABADE HENRI BREUIL (IN)		
Autor	ALARCÃO, Jorge de; (et all)		
Zona ed.	Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1965		
Temático	1. Memórias: Henri Breuil 2. Homenagens: Henri Breuil		
Notas	Sep. de: "Revista da Faculdade de Letras de Lisboa", 1965, IIIª S., n.º 9		
Registo	6962	Cota	Bib. S/ 242
Título	MEMORIAM VERA LEISNER (IN)		
Autor	SANGMEISTER, Edward		
Zona ed.	1973		
Temático	1. Biografias: Vera Leisner		
Notas			
Registo	7092	Cota	Bib. S/ cx. 5 - 10
Título	MEMÓRIAS E EXPLORAÇÕES ARQUEOLÓGICAS: ANTIGUIDADES PRÉ-HISTÓRICAS DO CONCELHO DA FIGUEIRA DA FOZ		
Autor	ROCHA, António dos Santos		
Zona ed.	Coimbra: Universidade de Coimbra, 1949		
Temático	1. Arqueologia: Explorações arqueológicas 2. Arqueologia: Achados pré-históricos - Figueira da Foz		
Notas	Vol. I (Acta Universitatis Conimbrigensis)		
Registo	6806	Cota	Bib. S/ 48
Título	MEMÓRIAS E EXPLORAÇÕES ARQUEOLÓGICAS: ESTAÇÕES PRÉ-ROMANAS DA IDADE DO FERRO NAS VIZINHANÇAS DA FIGUEIRA		
Autor	ROCHA, António dos Santos		
Zona ed.	Coimbra: Universidade de Coimbra, 1971		
Temático	1. Arqueologia: Explorações arqueológicas 2. Arqueologia: Estações pré-romanas da Idade do Ferro - Figueira		
Notas	Vol. II. (Acta Universitatis Conimbrigensis)		
Registo	6806	Cota	Bib. S/ 49
Título	MENHIRS DU PORTUGAL		
Autor	JORGE, Vítor Manuel de Oliveira		
Zona ed.	Vannes: (s.n.), 1977		
Temático	1. Monumentos megalíticos: Menhirs - Portugal		
Notas	Sep. de: "L'Architecture megalitique: Colloque du 150e. anniversaire de la Societé Polymathique du Morbiham		
Registo	7650	Cota	Bib. S/ cx. 14 - 9
Título	MENIRES DA CHARNECA DO VALE SOBRAL - NISA (OS)		
Autor	MONTEIRO, Jorge Pinho; GOMES, Mário Varela		
Zona ed.	Guimarães: (s.n.), 1978		
Temático	1. Arqueologia: Menires - Nisa		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães", Vol. XXXVII		
Registo	7412	Cota	Bib. S/ cx. 10 - 26
Título	MENSAJE DE TARTESOS (EL)		
Autor	CARRIAZO ARROQUIA, Juan de Mata; HERNANDEZ DIAZ, Jose		
Zona ed.	Sevilha: Academia de Bellas Artes de Santa Isabel de Hungría, 1960		
Temático	1. Real Academia de Belas Artes de S. Isabel de Hungría		
Notas			
Registo	7792	Cota	Bib. S/ cx. 14 - 27
Título	MICROFISICA E FILOSOFIA		
Autor	RIBEIRO, Luisa Maria Simões Raposo		
Zona ed.	Lisboa: Editorial Técnica e Artística, 1962		
Temático	1. Física 2. Filosofia		
Notas	(Ciência e Técnica; 2)		
Registo	6855	Cota	Bib. S/ 98
Título	MINA DA ADIÇA E A SUA EXPLORAÇÃO (A)		
Autor	DUARTE, Manuel Marques		
Zona ed.	(s.l.): (s.n.), 1973		
Temático	1. Mineralogia: Adiça		
Notas	Trabalho dactilografado		
Registo	7349	Cota	Bib. S/ 294
Título	MINEPA E O MALAICA: FANTASMAS MOÇAMBICANOS		
Autor	SANTOS Junior, J. Rodrigues		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Correia", 1973		
Temático	1. Missões antropológicas: Moçambique 2. Etnografia: Moçambique		
Notas	(Trabalhos de Antropologia "Dr. Mendes Correia"; 18)		
Registo	7105	Cota	Bib. S/ cx. 3 - 9

Título	MINERAÇÃO EM PORTUGAL NA ANTIGUIDADE (A)		
Autor	ALLAN, John C.; (et al.)		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1965		
Temático	1. Mineração: Portugal		
Notas	Sep. de: "Boletim de Minas", Vol. 2, n.º 3		
Registo	7281	Cota	Bib. S/ cx. 7 - 22
Título	MINIMIS...: NÓTULAS VÁRIAS DE EPIGRAFIA (DE)		
Autor	ALMEIDA, Justino Mendes		
Zona ed.	Coimbra: Universidade de Coimbra, 1965		
Temático	1. Epigrafia		
Notas	Sep. de: "Conimbriga", 1965, Vol. IV		
Registo	7381	Cota	Bib. S/ cx. 9 - 25
Título	MISCELANEA PERICOT		
Autor	TARRADELL, M.; (et al.)		
Zona ed.	Valencia: Facultad de Filosofia y Letras de la Univesidad de Valencia, 1969		
Temático			
Notas	(Papeles del Laboratorio de Arqueologia de Valencia; 6)		
Registo	7171	Cota	Bib. S/ 322
Título	MISTERIOSO E O FANTASTICO EM SELECÇÕES (O)		
Autor	Vários		
Zona ed.	Portugal: Selecções do Reader's Digest, 1980		
Temático			
Notas			
Registo	7825	Cota	Bib. S/ cx. 18 - 15
Título	MOEDAS (AS)		
Autor	CENTENO, Rui M. S.		
Zona ed.	Penafiel: Centro Cultural Penafidelis, 1977		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Monte Mozinho – Penafiel 2. Numismática		
Notas	Dois artigos juntos		
Registo	7661	Cota	Bib. S/ cx. 14 - 21
Título	MOEDAS ÁRABES DO SÉCULO XII ENCONTRADAS NO CONCELHO DE SESIMBRA		
Autor	FIGANIER, Joaquim		
Zona ed.	Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1958		
Temático	1. Numismática: Moedas árabes – Séc. XII		
Notas	Sep. de: "Anais" / A. P.H., 1958, IIª Série, Vol. 8		
Registo	7457	Cota	Bib. S/ cx. 10 - 7
Título	MOEDAS ÁRABES DO SÉCULO XII ENCONTRADAS NO CONCELHO DE SESIMBRA		
Autor	FIGANIER, Joaquim		
Zona ed.	Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1958		
Temático	1. Numismática: Moedas árabes – Sesimbra – Séc. XII		
Notas	Sep. de: "Anais", II S., Vol. 8		
Registo	7586	Cota	Bib. S/ cx. 17 - 16
Título	MOEDAS ÀRABES: INVENTÁRIO E DESCRIÇÃO		
Autor	FIGANIER, Joaquim		
Zona ed.	Lisboa: Casa da Moeda, 1959		
Temático	1. Numismática: Moedas árabes – séc. XV		
Notas	IIª parte: "Da conquista de Granada aos nossos dias com um apêndice"		
Registo	6944	Cota	Bib. S/ 235
Título	MOEDAS ÀRABES: INVENTÁRIO E DESCRIÇÃO		
Autor	FIGANIER, Joaquim		
Zona ed.	Lisboa: Casa da Moeda, 1949		
Temático	1. Numismática: Moedas árabes		
Notas	Iª parte: "Da criação do emirado espanhol à conquista de Granada – 711 – 1492"		
Registo	6944	Cota	Bib. S/ 234
Título	MOEDAS COM INSCRIÇÕES PUNICAS DE QUATRO OFICINAS HISPANICAS DO LITORAL PERTENCENTES A COLECÇÃO DO MUSEU DE ÉVORA: PORTUGAL		
Autor	SANTOS, Manuel Farinha dos; MARQUES, Graciana		
Zona ed.	(s.I.): (s.n.), (s.d.)		
Temático	1. Numismática. Moedas com inscrições punicas		
Notas	Sep. de: "XIV Congresso Nacional de Arqueologia"		
Registo	7428	Cota	Bib. S/ cx. 10 – 10

Título	MOEDAS DE ONTEM, DE HOJE E DE AMANHÃ. MILENÁRIO MEIO DE COMUNICAÇÃO SÓCIO-ECONÓMICO		
Autor	GONÇALVES, Nuno		
Zona ed.	Lisboa, 1980		
Temático	1. Numismática		
Notas	Comunicação apresentada ao I Congresso Numismático de Portugal. Texto dactilografado		
Registo	7862	Cota	Bib. S/ 312 - 5
Título	MOEDAS GREGAS		
Autor	Museu Calouste Gulbenkias; resp.		
Zona ed.	Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1976		
Temático	1. Exposições: Colecção Caloute Gulbenkian 2. Numismática: Moedas gregas		
Notas			
Registo	7465	Cota	Bib. S/ cx. 11 - 38
Título	MOEDAS HISPANO-ROMANAS NO MUSEU DE ANTROPOLOGIA "DR. MENDES CORRÊA"		
Autor	CENTENO, Rui M. S.		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa, 1976		
Temático	1. Numismática: Moedas hispano-romanas 2. Museus: Antropologia Dr. Mendes Corrêa		
Notas	(Trabalhos do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa"; N.º 32) 2 exemplares		
Registo	7455	Cota	Bib. S/ cx. 10 - 9
Título	MOEDAS MUÇULMANAS DE BEJA E DE SILVES: UM ACHADO MONETÁRIO NO CONCELHO DE SESIMBRA		
Autor	MARINHO, José Rodrigues		
Zona ed.	Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, 1968		
Temático	1. Numismática: Moedas muçulmanas		
Notas			
Registo	7015	Cota	Bib. S/ cx. 3 - 30
Título	MOEDAS MUÇULMANAS DE BEJA E DE SILVES: UM ACHADO MONETÁRIO NO CONCELHO DE SESIMBRA		
Autor	MARINHO, José Rodrigues		
Zona ed.	Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, 1968		
Temático	1. Numismática: Moedas muçulmanas - Sesimbra		
Notas	Dois exemplares		
Registo	7463,	Cota	Bib. S/ cx. 10 - 1
Título	MOEDAS: GUIA PRÁTICO DE NUMISMÁTICA		
Autor	LESTRO, Carlos António		
Zona ed.	(s.l.): (s.n.), 1972		
Temático	1. Numismática		
Notas	1ª ed. - Março de 1972; 2ª ed. - Abril de 1972		
Registo	7464	Cota	Bib. S/ cx. 11 - 39
Título	MOLDE DE FUNDIÇÃO PARA ANÉIS ENCONTRADO NO CASTRO DA SENHORA DA COLA - OURIQUE		
Autor	VIANA, Abel; FERREIRA, Octávio da Veiga; ANDRADE, Ruy Freire de		
Zona ed.	Guimarães: (s.n.), 1957		
Temático	1. Achados arqueológicos: Molde de fundição - Ourique		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães", Vol. LXVII		
Registo	7229	Cota	Bib. S/ cx. 6 - 27
Título	MOLDE DE LUCERNA DO SÍTIO DO NICOLAU - SERPA-BEJA		
Autor	TEIXEIRA, António José de Menezes; SILVA, Rodrigo de A. M. Banha da		
Zona ed.	(s.l.): (s.n.), (s.d.)		
Temático	1. Arqueologia: Romanização - Serpa - Beja		
Notas	Sep. de: "Arquivo de Beja", 2ª S., Vol. III		
Registo	7548	Cota	Bib. S/ cx. 19 - 8
Título	MOLDES DE GOMA LIQUIDA - LATEX PRE-VULCANIZADO - APLICADOS AL ESTUDIO DE LOS GRABADOS RUPESTRES		
Autor	QUEROL, Maria Angeles; (et al.)		
Zona ed.	Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela, (s.d.)		
Temático	1. Arte rupestre: Beira Baixa		
Notas	Sep. de: "Prehistoria e Historia Antigua: Actas de las I Jornadas de Metodologia Aplicada de las Ciencias Historicas", vol. I (2 exempl.)		
Registo	7148	Cota	Bib. S/ cx. 6 - 24
Título	MONUMENT À COUPOLE DE L'ÂGE DU BRONZE FINAL DE LA ROÇA DO CASAL DO MEIO: CALHARIZ (LE)		
Autor	SPINDLER, Konrad; (et al.)		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos, 1973-74		
Temático	1. Monumentos arqueológicos: Roça do Casal do Meio - Setúbal		
Notas	Sep. de: "Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal", Vol. LVII		
Registo	7004	Cota	Bib. S/ cx. 3 - 41

Título	MONUMENTA HENRICINA		
Autor	COMISSÃO EXECUTIVA DAS COMEMORAÇÕES DO V CENTENÁRIO DA MORTE DO INFANTE D. HENRIQUE; resp.		
Zona ed.	Coimbra: Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1960 - 1962		
Temático	1. Infantes: Portugal - D. Henrique		
Notas	Vol. I; Vol. II (1411-1421); Vol. III (1421-1431); Vol. IV (1431-1434)		
Registo	7199	Cota	Bib. S/ 287
Título	MONUMENTO MEGALÍTICO DA FOLHA DA AMENDOEIRA – ODIVELAS DO ALENTEJO (O)		
Autor	VIANA, Abel		
Zona ed.	Salamanca: Seminario de Arqueologia de La Universidad, 1953		
Temático	1. Monumentos megalíticos: Folha da Amendoeira – Odivelas do Alentejo		
	2. Achados arqueológicos: Monumento megalítico – Odivelas do Alentejo		
Notas	Sep. de: "Zephyrus", Salamanca, 1953, Nº IV		
Registo	7268	Cota	Bib. S/ cx. 6 - 35
Título	MONUMENTO MEGALÍTICO DA PALHOTA – SANTIAGO DO CACÉM (O)		
Autor	SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares da Silva		
Zona ed.	Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do distrito de Setúbal, 1976-77		
Temático	1. Monumentos arqueológicos: Santiago do Cacém		
Notas	Sep. de: "Setúbal Arqueológica", 1976-77, Vol. II-III		
Registo	7989	Cota	Bib. S/ cx. 18 - 28
Título	MONUMENTO PRÉ-HISTÓRICO DA PRAIA DAS MAÇÃS – SINTRA: NOTÍCIA PRELIMINAR		
Autor	GONÇALVES, João Ludgero Marques		
Zona ed.	Sintra: (s.n.), 1982-1983		
Temático	1. Monumentos arqueológicos: Praia das Maças - Sintra		
Notas	Sep. de: "Sintria", Vol. I-II (1)		
Registo	8003	Cota	Bib. S/ cx. 19 - 27
Título	MONUMENTO PRÉ-HISTÓRICO DE PAI MOGO – LOURINHÃ (O)		
Autor	GALLAY, Gretel, (et al.)		
Zona ed.	Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1973		
Temático	1. Monumentos pré-históricos: Pai Mogo – Lourinhã		
	2. Escavações arqueológicas: Pai Mogo - Lourinhã		
Notas			
Registo	7699	Cota	Bib. S/ 330
Título	MONUMENTO PRÉ-HISTÓRICO DO LOUSAL- GRÂNDOLA (O)		
Autor	FERREIRA, Octávio da Veiga; CAVACO, A. Rodrigues		
Zona ed.	Lisboa: Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, 1952		
Temático	1. Achados arqueológicos: Monumento pré-histórico do Lousal - Grândola		
Notas	Sep. de: "Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal", T. XXXIII		
Registo	7267	Cota	Bib. S/ cx. 6 - 34
Título	MONUMENTOS HISTÓRICOS DO CONCELHO DE MAÇÃO		
Autor	PEREIRA, Maria Amélia Horta		
Zona ed.	Mação: Câmara Municipal deMação, 1970		
Temático	1. Concelhos: Mação. – 2. História:Concelho de Mação –		
	3. Arqueologia: Concelho de Mação		
Notas			
Registo	6816	Cota	Bib. S/ 21
Título	MONUMENTS MEGALITHIQUES DU NORD DU PORTUGAL (LES)		
Autor	JORGE, Vítor Manuel de Oliveira		
Zona ed.	(s.l.): (s.n.). 1985		
Temático	1. Monumentos megalíticos: Portugal		
Notas	Fotocópias		
Registo	7795	Cota	Bib. S/ cx. 17 - 32
Título	MORRO DE MEZQUITILLA: VORBERRICHT UBER DIE GRABUNGSKAMPAGNE 1976 AUF DEM SIEDLUNG-SHUGEL NA DER ALGARROBO-MUNDUNG		
Autor	SCHUBART, Hermanfrid		
Zona ed.	Heidelberg, 1977		
Temático			
Notas	Sep.		
Registo	7310	Cota	Bib. S/ cx. 7 - 30
Título	MURALLAS ROMANAS DE LUGO (LAS)		
Autor	ARIAS VILAS, Felipe		
Zona ed.	Santiago de Compostela: Seminario de Arqueologia: Facultad de Filosofia y Letras, 1972		
Temático	1. Monumentos: Muralhas romanas – Lugo		
	2. História: Lugo - Espanha		
Notas	(Studia Archaeologia; 14)		
Registo	7933	Cota	Bib. S/ cx. 1 - 15

Título	MUSÉE DES DOCKS ROMAINS ET DU COMMERCE ANTIQUE DE MARSEILLE		
Autor	BENOIT, Fernand		
Zona ed.	(s.l.): Imprimerie Municipale, 1965		
Temático	1. Museus		
Notas	2ª Ed.		
Registo	7122	Cota	Bib. S/ cx. 4 - 48
Título	MUSEO ARQUEOLOGICO DE MERIDA: GUIA BREVE PARA SU VISITA		
Autor	MUSEU ARQUEOLÓGICO DE MERIDA; resp.		
Zona ed.	Mérida. Imprenta Rodriguez. 1969		
Temático	1. Museus arqueológicos: Mérida 2. Catálogos: Museu Arqueológico de Mérida		
Notas			
Registo	7507	Cota	Bib. S/ cx. 11 - 13
Título	MUSEU ARCHEOLÓGICO DO ALGARVE – 1880-1881: SUBSÍDIOS PARA O ESTUDO DA MUSEOLOGIA EM PORTUGAL NO SÉC. XIX (O)		
Autor	PEREIRA, Maria Luísa Estácio da Veiga Affonso dos Santos Silva		
Zona ed.	Faro: (s.n.), 1981		
Temático	1. Museus: Arqueológico do Algarve 2. Museologia: Portugal – Séc. XIX		
Notas	Dissertação apresentada no Curso de Conservador de Museu. Sep. 6948		
Registo	6948	Cota	Bib. S/ 218
Título	MUSEU ARQUEOLÓGICO DE S. MIGUEL DE ODRINHAS		
Autor	CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA; resp.		
Zona ed.	Sintra: Câmara Municipal de Sintra, 1955		
Temático	1. Museus: Museu Arq. de S. Miguel de Odrinhas		
Notas			
Registo	7341	Cota	Bib. S/ cx. 8 - 30
Título	MUSEU ARQUEOLÓGICO DE S. MIGUEL DE ODRINHAS		
Autor	FONTES, Joaquim		
Zona ed.	Sintra: Câmara Municipal, 1955		
Temático	1. Museus arqueológicos: S. Miguel de Odrinhas – Sintra 2. Catálogos: Museu Arq. de S. Miguel de Odrinhas - Sintra		
Notas			
Registo	7510	Cota	Bib. S/ cx. 11 – 8 – 9 - 10
Título	MUSEU ARQUEOLÓGICO DE S. MIGUEL DE ODRINHAS		
Autor	FONTES, Joaquim		
Zona ed.	Sintra: Câmara Municipal, 1960		
Temático	1. Museus arqueológicos: S. Miguel de Odrinhas – Sintra 2. Catálogos: Museu Arq. de S. Miguel de Odrinhas - Sintra		
Notas			
Registo	7512	Cota	Bib. S/ cx. 11 - 6
Título	MUSEU ARQUEOLÓGICO DE S. MIGUEL DE ODRINHAS		
Autor	FONTES, Joaquim; ALMEIDA, Fernando de		
Zona ed.	Sintra: Câmara Municipal, 1979		
Temático	1. Museus arqueológicos: S. Miguel de Odrinhas – Sintra 2. Catálogos: Museu Arq. de S. Miguel de Odrinhas - Sintra		
Notas	2 exemplares – 4ª ed.		
Registo	7511 / 7515	Cota	Bib. S/ cx. 11-6, 7; cx. 12-14
Título	MUSEU ARQUEOLÓGICO DE S. MIGUEL DE ODRINHAS: CATÁLOGO		
Autor	FONTES, Joaquim; ALMEIDA, Fernando de		
Zona ed.	Sintra: Câmara Municipal, 1975		
Temático	1. Museu Arqueológico S. Miguel de Odrinhas		
Notas	3ª ed. rev. e actualizada		
Registo	7372	Cota	Bib. S/ cx. 9 - 16
Título	MUSEU ETNOLÓGICO E A MIOPIA DUM REPÓRTER, (O)		
Autor	MACHADO, João L. Saavedra		
Zona ed.	Lisboa: Instituto Português de Arqueologia História e Etnografia, 1966		
Temático	1. Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos		
Notas	Sep. de: "Ethnos", 1966, Vol. V		
Registo	7376	Cota	Bib. S/ cx. 9 - 20
Título	MUSEU MUNICIPAL "HIPÓLITO CABAÇO"		
Autor	GOMES, João José Fernandes		
Zona ed.	Alenquer: Câmara Municipal de Alenquer, 1976		
Temático	1. Museus: Museu Municipal de Hipólito Cabaço - Alenquer		
Notas			
Registo	7514	Cota	Bib. S/ cx. 12 - 15

Título	MUSEUS DA FACULDADE DE CIÊNCIAS DO PORTO		
Autor	SANTOS Júnior; José Rodrigues		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa, 1963		
Temático	1. Museus: Faculdade de Ciências do Porto		
Notas	Sep. de: "Boletim Cultural"/ Câmara Municipal do Porto; Vol. XXVI, fasc. 1-2		
Registo	7391	Cota	Bib. S/ cx. 9 - 33
Título	MUSEUS PORTUGUESES DE ARQUEOLOGIA		
Autor	CARDOZO, Mário		
Zona ed.	Beja: (s.n.), 1964		
Temático	1. Museus de Arqueologia: Portugal		
Notas	Sep. de: "Arquivo de Beja", 1963-1964, Vol. XX-XXI		
Registo	7513	Cota	Bib. S/ cx. 12 - 11
Título	NAISSANCE DE LA CIVILIZATION (LA)		
Autor	CHILDE, V. Gordon		
Zona ed.	Londres: Gonthier, 1964; d.I.		
Temático	1. História: Evolução do conhecimento humano 2. Pré-História		
Notas	Tit. Orig. "Man Makes Himself" / Trad. Pierre-Henri Gontier		
Registo	6238	Cota	Bib. S/ 143
Título	NAKED APE (THE)		
Autor	MORRIS, Desmond		
Zona ed.	Nova Iorque: Dell Publishing, 1967		
Temático	1. Origem do Homem 2. Zoologia: Origem do homem		
Notas			
Registo	6830	Cota	Bib. S/126
Título	NAQUANE: DÉCOUVERT D'UN PAYS ET D'UNE CIVILIZATION		
Autor	ROY, Claude; ANATI, Emmanuel		
Zona ed.	Lausanne: La Guilde du Livre, 1966		
Temático	1. Civilizações: Naquane		
Notas			
Registo	7202	Cota	Bib. S/ 290
Título	NECESSIDADE URGENTE DE DE DEFENDER O NOSSO PATRIMÓNIO NACIONAL		
Autor	CAMPOS, João Pires de		
Zona ed.	Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1966		
Temático	1. Património Nacional: Defesa		
Notas	Sep. de: "Arqueologia e História", Lisboa, 1966, 8ª S., vol.XII		
Registo	7287, 7844	Cota	Bib. S/ cx. 7 - 15
Título	NECRÓPOLE DO CABEÇO DA ARRUDA – TORRES VEDRAS (A)		
Autor	TRINDADE, Leonel; FERREIRA, Octávio da Veiga		
Zona ed.	Porto: Faculdade de Ciências do Porto, 1956		
Temático	1. Achados arqueológicos : Necrópole do Cabeço da Arruda – Torres Vedras		
Notas	Sep. de: "Anais da Faculdade de Ciências do porto", T.XXXVIII, fasc. IV		
Registo	7266	Cota	Bib. S/ cx. 6 - 33
Título	NICOLAU NASONI PINTOR DA IGREJA DA CUMIEIRA		
Autor	BRANDÃO, Domingos de Pinho		
Zona ed.	Porto: Marânus, 1964		
Temático	1. Arte: Pintores – Nicolau Nasoni		
Notas	Sep. de: "Museu", 1964, 2ª S., n.º 7		
Registo	7098	Cota	Bib. S/ cx. 5 - 16
Título	NON-DESTRUCTIVE ANALYSIS OF REAIS AND FORTES OF DOM FERNADO OF PORTUGAL BY X-RAY SPECTROMETRY		
Autor	CABRAL, J. M. P.; POSSOLO, A.; MARQUES, M. G.		
Zona ed.	Inglaterra: (s.n.), 1979		
Temático	1. Numismática: Moedas de D. Fernando - Portugal		
Notas	(Sep. de: "Archaeometry", 1979, n.º 21)		
Registo	7484	Cota	Bib. S/ cx. 11 - 20
Título	NOTA ACERCA DE UM MACHADO DO BRONZE ATLÂNTICO		
Autor	PAÇO, Afonso do; VAULTIER, Maxime		
Zona ed.	Porto: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciência, 1962		
Temático	1. Arqueologia: Machado do Bronze Atlântico		
Notas	Sep. de: "Publicações do XXVI Congresso Luso-Espanhol", Secção VII		
Registo	7656	Cota	Bib. S/ 14 - 15

Título	NOTA ACERCA DE UMA ESCUDELA DO POVOADO DO BRONCE I DE MONTES CLAROS: MONSANTO - LISBOA		
Autor	PAÇO, Afonso do; BARTHOLO, Maria de Lourdes		
Zona ed.	Salamanca: Universidad de Salamanca, 1961		
Temático	1. Estações arqueológicas: Montes Claros - Lisboa 2. Achados arqueológicos: Montes Claros - Lisboa		
Notas	Sep. de: "Zephyrus", 1961, Vol. XII		
Registo	7604	Cota	Bib. S/ cx. 13 - 3
Título	NOTA ACERCA DE UMA ESCUDELA DO POVOADO DO BRONCE I DE MONTES CLAROS: MONSANTO - LISBOA		
Autor	PAÇO, Afonso do; BARTHOLO, Maria de Lourdes		
Zona ed.	Porto: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, 1962		
Temático	1. Estações arqueológicas: Montes Claros - Lisboa 2. Achados arqueológicos: Montes Claros - Lisboa		
Notas	Sep. da Secção VII das publicações do XXVI Congresso Luso-Espanhol		
Registo	7986	Cota	Bib. S/ cx. 18 - 31
Título	NOTA ACERCA DE UMA TAÇA DE BARRO DA GRUTA II DE ALAPRAIA		
Autor	PAÇO, Afonso do		
Zona ed.	Orense: Popular, 1943-1944		
Temático	1. Achados arqueológicos: Taça cerâmica - Alapraia - Cascais		
Notas	Sep. de: "Boletim de la Comisión de Monumentos de Orense", 1943-1944, T. XIV		
Registo	7628	Cota	Bib. S/ cx. 13 - 27
Título	NOTA PRELIMINAR SOBRE A LAPA PRÉ-HISTÓRICA DO BUGIO: AZOIA-SESIMBRA		
Autor	MONTEIRO, R.; ZBYSZEWSKI, Georges; FERREIRA, Octávio da Veiga		
Zona ed.	(s.l.): (s.n.), (s.d.)		
Temático	1. Achados arqueológicos: Lapa Pré-Histórica do Bugio - Sesimbra		
Notas	(Sep. de: "Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia", Coimbra, 1971). - (Folhas Soltas)		
Registo	7743	Cota	Bib. S/ cx. 16 - 35
Título	NOTA SOBRE A GRUTA DA PONTE DA LAJE - OEIRAS - E A "THOLOS" DO MONGE - SINTRA		
Autor	ZBYSZEWSKI, Georges; VIANA, Abel; FERREIRA, Octávio da Veiga		
Zona ed.	Coimbra: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, 1957		
Temático	1. Achados arqueológicos: Gruta da Ponte da Laje - Oeiras		
Notas	Sep. de: "XXIII Congresso Luso Espanhol", Coimbra T. VIII		
Registo	7234	Cota	Bib. S/ cx. 6 - 13
Título	NOTA SOBRE SEMENTES PROTO-HISTÓRICAS E OUTRAS, ENCONTRADAS EM PORTUGAL		
Autor	PAÇO, Afonso do		
Zona ed.	Saragoça: Institución Fernando el Católico: Sección de Arqueologia, 1955		
Temático	1. Arqueologia: Sementes proto-históricas - Portugal		
Notas			
Registo	7921	Cota	Bib. S/ cx. 1 - 3
Título	NOTAS DE ARQUEOLOGIA PORTUENSE: NOVOS ACHADOS ARQUEOLÓGICOS DO "MORRO DA SÉ" DO PORTO		
Autor	BRANDÃO, Domingos de Pinho		
Zona ed.	Porto: s.n., 1963		
Temático	1. Arqueologia Portuense		
Notas	Sep. de: "Actas do II Colóquio Portuense de Arqueologia", 1963		
Registo	7110	Cota	Bib. S/ cx. 3 - 4
Título	NOTAS SOBRE ALGUMAS POVOAÇÕES ROMANAS DOS ARREDORES DE SETÚBAL: A ESTAÇÃO ROMANA DA COMENDA E O PROBLEMA DA DESAPARIÇÃO DE CETÓBRIGA		
Autor	GONÇALVES, Vítor dos Santos		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1964		
Temático	1. Arqueologia: Estação romana da Comenda - Setúbal		
Notas	Sep. de: "Boletim da S:P:E.", vol. 11, n.1		
Registo	7127	Cota	Bib. S/ cx. 5 - 29
Título	NOTÁVEIS CONDIÇÕES DE DEFESA DO CASTRO DE CARVALHELHOS (AS)		
Autor	SANTOS Junior, J. Rodrigues dos		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa, 1973		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Castro de Carvalhelhos		
Notas	(Trabalhos do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa"; 23)		
Registo	7705	Cota	Bib. S/ cx. 16 - 13
Título	NOTÁVEL FRONTAL DE ALTAR DO SÉCULO XVII EM VILA VELHA DE RÓDÃO		
Autor	HENRIQUES, Francisco José Ribeiro		
Zona ed.	(Castelo Branco): (s.n.), (s.d.)		
Temático	1. Arte: Frontal de Altar - Séc. XVII - Vila Velha de Rodão		
Notas	(In: "Beira Baixa"). Fotocópias		
Registo	7801	Cota	Bib. S/ cx. 17 - 27

- Título NOTÁVEL OBRA EM CURSO SOBRE A ETNO-TOPONÍMIA PALEO-HISPÂNICA: ANTONIO TOVAR – IBERISCHE LANDESKUNDE (UMA)  
 Autor NUNES, João de Castro  
 Zona ed. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1978-1979  
 Temático 1. Autores: António Tovar  
 2. Etno-Toponímia: António de Tovar  
 Notas Sep. de: "Ephrosyne: Revista de Filologia Clássica", 1978-79, Nova série, Vol. IX  
 Registo 7332 Cota Bib. S/ cx. 8 - 19
- Título NOTE PRELIMINAIRE SUR LA STATION ENEOLITHIQUE DE NEGRAIS  
 Autor SERRÃO, Eduardo da Cunha; VICENTE, Eduardo Prescott  
 Zona ed. Saragoça: (s.n.), 1956  
 Temático 1. Estações eneolíticas: Negrais  
 Notas Sep. de: "Crónica del IV Congreso Internacional de Ciencias Prehistóricas y Protohistóricas", Madrid, 1954. - Fotocópias  
 Registo 7296 Cota Bib. S/ cx. 7 - 7
- Título NOTE SUR LA STATION ARCHEOLOGIQUE DE MONTES CLAROS – MONSANTO – ET SON CAMPANIFORME  
 Autor PAÇO, Afonso do; BARTHOLO, Maria de Lourdes  
 Zona ed. Zaragoça: (s.n.), 1956  
 Temático 1. Estações arqueológicas: Montes Claros - Lisboa  
 Notas Sep. de: "Crónica del IV Congreso Internacional de Ciencias Prehistóricas y Protohistóricas", Madrid, 1954  
 Registo 7605 Cota Bib. S/ cx. 13 - 4
- Título NOTE SUR LES RESTES MAMMIFÉRES RECUILLIS DANS LE "CONCHEIRO" DE MOITA DO SEBASTIÃO - MUGE  
 Autor ZBYSZEWSKI, Georges  
 Zona ed. Zaragoça: (s.n.), 1956  
 Temático 1. Achados arqueológicos: Mamíferos - Muge  
 Notas Sep. de: "Crónica del IV Congre. Intern. De Ciencias Prehistóricas y Protohistóricas", Madrid. 1954  
 Registo 7156 Cota Bib. S/ cx. 5 - 36
- Título NOTÍCIA AUTOBIBLIOGRÁFICA INÉDITA DE LEITE DE VASCONCELOS  
 Autor CHAVES, Fernando José de Oliveira Castelo-Branco  
 Zona ed. Coimbra: (s.n.), 1966  
 Temático 1. Biografias: Leite de Vasconcelos  
 Notas Sep. de: "Actas do V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros", Vol. III  
 Registo 7099 Cota Bib. S/ cx. 5 - 17
- Título NOTÍCIA DE NOVAS DESCOBERTAS NO COMPLEXO DE ARTE RUPESTRE DO VALE DO TEJO  
 Autor SERRÃO, Eduardo da Cunha; (et al.)  
 Zona ed. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1973  
 Temático 1. Arte rupestre: Vale do Tejo  
 Notas Sep. de: "Actas das II Jornadas Arqueológicas", Vol. I  
 Registo 7874 Cota Bib. S/ cx. 19 - 3
- Título NOTÍCIA DE TRÊS INSCRIÇÕES LUSITANO-ROMANAS DE JANAS E DE S. MIGUEL DE ODRINHAS  
 Autor FERREIRA, Fernando Bandeira  
 Zona ed. (s.l.): (s.n.), 1955  
 Temático 1. Inscrições lusitano-romanas – S. Miguel de Odrinhas  
 Notas Sep. de: "Brotéria", 1955, Vol. LXI,  
 Registo 7367 Cota Bib. S/ cx. 9 - 11
- Título NOTÍCIA DE UMA MOEDA ALMORÁVIDA CUNHADA EM NOME DO AMIR ALI BEM LÚÇUFE NO ANO 533 DA HÉJIRA: ANO 1138 DA ERA CRISTÃ  
 Autor MARINHO, José Rodrigues  
 Zona ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1964  
 Temático 1. Numismática: Moeda almorávida - 1138  
 Notas  
 Registo 7458 Cota Bib. S/ cx. 10 - 6
- Título NOTÍCIA SOBRE LA NECROPOLIS VISIGODA DE LA TORRECILLA: LA ALDEHUELA - MADRID  
 Autor CARMEN PRIEGO, M<sup>ª</sup>; QUERO, Salvador  
 Zona ed. Madrid: Instituto Arqueológico del Excmo. Ayuntamiento de Madrid,  
 Temático 1. Arqueologia: Necropole visigótica - Madrid  
 Notas Sep. de: "Congreso Nacional de Arqueología – XIV"  
 Registo 7111 Cota Bib. S/ cx. 3 - 3
- Título NOTÍCIAS E COMENTÁRIOS  
 Autor ALARCÃO, Jorge de  
 Zona ed. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: Instituto de Estudos Clássicos, 1968  
 Temático 1. Escavações arqueológicas: Conimbriga – 1967-68  
 Notas Sep. de: "Humanitas", Vol. XIX-XX  
 Registo 7957 Cota Bib. S/ cx. 2 - 20

Título	NOTÍCIAS HISTÓRICAS DE LISBOA NA ÉPOCA DA RESTAURAÇÃO: EXTRACTOS DA GAZETA E DO MERCÚRIO PORTUGUÊS		
Autor	PINHEIRO, J. E. Moreirinhas; selec.; pref.; not.		
Zona ed.	Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1971		
Temático	1. Restauração: Lisboa – Notícias históricas		
Notas			
Registo	6959	Cota	Bib. S/ 227
Título	NÓTULA ACERCA DE DOIS MONÓLITOS ROMANOS DE S. JOÃO DAS LAMPAS: CONCELHO DE SINTRA		
Autor	FERREIRA, Fernando Bandeira		
Zona ed.	Guimarães: (s.n.), 1955		
Temático	1. Arqueologia: Monólitos romanos – S. João das Lampas		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães", Vol. LXXV		
Registo	7057	Cota	Bib. S/ cx. 4 - 21
Título	NÓTULA SOBRE QUATRO LUCERNAS ROMANAS DE BARRO INÉDITAS		
Autor	BELO, Aurélio Ricardo		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1959		
Temático	1. Achados arqueológicos: Lucernas romanas de barro		
Notas	Sep. de: "Estremadura: Boletim da Junta de Província", 1959, S. II, n.º L - LII		
Registo	7335	Cota	Bib. S/ cx. 8 - 22
Título	NÓTULAS SOBRE A FESTA DOS REIS		
Autor	SANTOS Junior, J. Rodrigues		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Correia", 1973		
Temático	1. Poesia popular: Festa dos Reis		
Notas	(Trabalhos de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa"; 21)		
Registo	7107	Cota	Bib. S/ cx. 3 - 7
Título	NÓTULAS DE EPIGRAFIA LATINA		
Autor	ALMEIDA, Justino Mendes de		
Zona ed.	Guimarães: (s.n.), 1967		
Temático	1. Epigrafia latina		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães", 1967, Vol. LXXVII		
Registo	7410	Cota	Bib. S/ cx. 10 - 28
Título	NÓTULAS SOBRE CINCO MARCOS MILIÁRIOS DA VIA MILITAR ROMANA MÉRIDA-VISEU-BRAGA ENCONTRADOS NAS PROXIMIDADES DA TORRE CENTUM CELLAE DE BELMONTE		
Autor	BELO, Aurélio Ricardo		
Zona ed.	Guimarães: Companhia Editora do Minho, 1960		
Temático	1. Monumentos arqueológicos: Torre de Centum Cellae – Belmonte		
Notas	2. Inscrições romanas: Marcos miliarios - Belmonte		
Registo	Sep. de: "Revista de Guimarães", Vol. LXX	Cota	Bib. S7 cx. 4 - 42
7116			
Título	NOVA DIVINDADE INDÍGENA – QUANGEIUS TANNGUS: NOTÍCIA DA DESCOBERTA – SALAVESSA – NISA (UMA)		
Autor	HENRIQUES, Francisco José Ribeiro; CANINAS, João Carlos Pires		
Zona ed.	(Castelo Branco, (s.n.), 1981)		
Temático	1. Epigrafia		
Notas	In: "Reconquista: Semanário Regionalista"; 1981, n.º 1889		
Registo	7803	Cota	Bib. S/ cx. 17 - 25
Título	NOVAS ESTAÇÕES ARQUEOLÓGICAS DO SUDOESTE DE ANGOLA		
Autor	JORGE, Vítor Manuel de Oliveira		
Zona ed.	Guimarães: Companhia Editora do Minho, 1976		
Temático	1. Arqueologia: Angola		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães", Vol. LXXXV		
Registo	7014	Cota	Bib. S/ cx. 3 - 31
Título	NOVAS INSCRIÇÕES LUSITANO-ROMANOS DO MUSEU DE SÃO MIGUEL DE ODRINHAS - SINTRA		
Autor	CARDOZO, Mário		
Zona ed.	Guimarães: (s.n.), 1961		
Temático	1. Inscrições lusitano-romanas – Sintra		
Notas	2. Museus: São Miguel de Odrinhas - Sintra		
Registo	Sep. : "Revista de Guimarães", Vil. LXXI, n.º 3-4	Cota	Bib. S/ cx. 9 - 4
7360			
Título	NOVAS INSCRIÇÕES ROMANAS DO MUSEU ARQUEOLÓGICO DE ODRINHAS - SINTRA		
Autor	CARDOZO, Mário		
Zona ed.	Sintra: Câmara Municipal, 1958		
Temático	1. Museus arqueológicos: S. Miguel de Odrinhas – Sintra		
Notas	2. Inscrições romanas: Odrinhas - Sintra		
Registo	Sep. de: "Revista de Guimarães", vol. LXVIII	Cota	Bib. S/ cx. 12 - 13
7517			

Título	NOVAS LEITURAS DE LEGENDAS MONETÁRIAS		
Autor	RIBEIRO, Leonel		
Zona ed.	Porto: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, 1962		
Temático	1. Numismática: Legendas monetárias		
Notas	Sep. de: Secção VII das Publicações do XXVI Congresso Luso-Espanhol		
Registo	7469	Cota	Bib. S/ cx. 11 - 34
Título	NOVAS PERSPECTIVAS DAS CIÊNCIAS DO HOMEM		
Autor	DAMÁSIO, António; (et al.)		
Zona ed.	Lisboa: Presença, (s.d.)		
Temático	1. Colóquio sobre Epistemologia das Ciências do Homem 2. Epistemologia		
Notas	(Biblioteca das Ciências Humanas; 4)		
Registo	6866	Cota	Bib. S/ 125
Título	NOVAS PERSPECTIVAS SOBRE A NEOLITIZAÇÃO DA EUROPA OCIDENTAL MEDITERRÂNICA		
Autor	JORGE, Susana Maria Soares de Oliveira		
Zona ed.	Porto: Centro Universitário do Porto, 1977		
Temático	1. Neolitização: Europa Ocidental Mediterrânica		
Notas			
Registo	7323	Cota	Bib. S/ cx. 8 - 1
Título	NOVAS PISTAS DE DINOSSÁURIOS NO CRETÁCICO INFERIOR		
Autor	MADEIRA, José; DIAS, Rui		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos e Portugal, 1983		
Temático	1. Geologia: Jazida de dinossauros		
Notas	In: "Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal", 1983, T. 69, fasc. 1		
Registo	7797	Cota	Bib. S/ cx. 17 - 31
Título	NOVAS TÁBUAS DA ESCOLA DE DIOGO TEIXEIRA		
Autor	SERRÃO, Vítor Manuel		
Zona ed.	Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972		
Temático	1. Arte: Pintura – Diogo Teixeira		
Notas	Sep. de: "Arquivos do Centro Cultural Português", 1972, vol. IV		
Registo	7482	Cota	Bib. S/ cx. 11 - 22
Título	NOVOS ACHADOS ARQUEOLÓGICOS DAS GRUTAS DE CASCAIS		
Autor	PAÇO, Afonso do; BÁRTHOLO, Maria de Lourdes; BRANDÃO, Augusto		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1959		
Temático	1. Achados arqueológicos: Grutas de Cascais		
Notas	Sep. de: "Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia", Vol. I		
Registo	7609	Cota	Bib. S/ cx. 13 - 8
Título	NOVOS ASPECTOS DA NECRÓPOLE DE ALAPRAIA		
Autor	FIGUEIREDO, Fauto J. A. de; PAÇO, Afonso do		
Zona ed.	Madrid: (s.n.), (s.d.)		
Temático	1. Arqueologia: Necrópole de Alapraia		
Notas	Sep. de: "Las Ciencias", A. XI, N.º I		
Registo	7715	Cota	Bib. S/ cx. 15 - 30
Título	NUEVAS FUENTES PARA LA CULTURA DE EL ARGAR		
Autor	SCHUBART, Hermanfried		
Zona ed.	(s.I.): (s.n.), (s.d.)		
Temático	1. Arqueologia		
Notas	Sep. de: "XV Congresso Nacional de Arqueologia"		
Registo	7233	Cota	Bib. S/ cx. 6 - 14
Título	NUEVO TIPO DE ÍDOLO DEL BRONCE I HALLADO EN SAN BARTOLOMÉ DE LA TORRE – HUELVA (UN)		
Autor	GARRIDO ROIZ, Juan Pedro; ORTA, E.		
Zona ed.	Barcelona: (s.n.), 1964-1965		
Temático	1. Explorações arqueológicas: Huelva		
Notas	Sep. de: "Ampurias", 1964-1965, Vol. XXVI-XXVII		
Registo	7812	Cota	Bib. S/ cx. 18 - 17
Título	NUMISMATEMÁTICA: FILOSOFIA DA HISTÓRIA		
Autor	GAMBETTA, Agostinho Ferreira		
Zona ed.	Lisboa, 1980		
Temático	1. Numismática		
Notas	Comunicação apresentada ao I Congresso Numismático de Portugal. Texto dactilografado		
Registo	7859	Cota	Bib. S/ 312 - 2

Título	NUMISMÁTICA MEDIEVAL PORTUGUESA: ACHEGA BIBLIOGRÁFICA		
Autor	ALEXANDRE, Maria Isabel Vieira Martins		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1980		
Temático	1. Bibliografia: Numismática medieval portuguesa 2. Numismática medieval portuguesa: Bibliografia		
Notas	Comunicação apresentada ao I Congresso Numismático de Portugal. Texto dactilografado		
Registo	7865	Cota	Bib. S/ 312 - 8
Título	NUMISMATIQUE ANTIQUE (LA)		
Autor	BABELON, Jean		
Zona ed.	Paris: Presses Universitaires de France, 1949		
Temático	1. Numismática 2. Moedas romanas		
Notas	(Que Sais-je; 168)		
Registo	6991	Cota	Bib. S/ 271
Título	OBJECTOS DA NECRÓPOLE DO CABEÇO DA ARRUDA – TORRES VEDRAS		
Autor	FERREIRA, Octávio da Veiga; TRINDADE, L.		
Zona ed.	Salamanca: (s.n.), 1954		
Temático	1. Estações arqueológicas: Necrópole do Cabeço da Arruda – Torres Vedras		
Notas	Sep. de: "Zephyrus", Vol. V		
Registo	7239	Cota	Bib. S/ cx. 6 - 10
Título	OBSERVAÇÕES DE ALGUNS DENTES ISOLADOS QUE SE ENCONTRARAM EM GRUTAS SEPULCRAIS DO BRONZE I		
Autor	PAÇO, Afonso do; LEAL, Joaquim Bação		
Zona ed.	(s.I.): (s.n.), 1963		
Temático	1. Antropologia		
Notas	Sep. de: "Revista Portuguesa de Estomatologia", 1963, Vol. IV, n.º 1,2		
Registo	7820	Cota	Bib. S/ cx. 18 - 2
Título	OFICINA MONETÁRIA LUSITANO-ROMANA DE MÉRIDA E SUA REPRESENTAÇÃO NO MUSEU DE ÉVORA (A)		
Autor	SANTOS, Manuel Farinha dos		
Zona ed.	Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1979		
Temático	1. Numismática: Oficinas monetárias lusitano-romanas 2. Museus: Évora		
Notas	Sep. de: "Anais" / A . P. H., 1979, IIª Série, Vol. 25		
Registo	7456	Cota	Bib. S/ cx. 10 - 8
Título	OFICINAS MONETÁRIAS HISPÂNICAS REPRESENTADAS NO MUSEU DE ÉVORA (ALGUMAS)		
Autor	SANTOS, Manuel Farinha dos		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1980		
Temático	1. Numismática: Moedas hispânicas 2. Museu de Évora: Moedas hispânicas		
Notas	Comunicação apresentada ao I Congresso Numismático de Portugal. Texto dactilografado		
Registo	7863	Cota	Bib. S/ 312 - 6
Título	ONDE EMBARCOU PARA FRANÇA O PRIOR DO CRATO?		
Autor	CHAVES, Fernando José de Oliveira Castelo-Branco		
Zona ed.	Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970		
Temático			
Notas	Sep. de: "Arquivos do Centro Cultural Português", Vol. II		
Registo	7990	Cota	Bib. S/ cx. 18 - 27
Título	ONTOGENIA, EVOLUÇÃO E SOCIEDADE: FRAGMENTOS DE BIOSOCIOLOGIA		
Autor	SACARRÃO, G. F.		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa", 1977		
Temático	1. Biosociologia		
Notas	(Trabalhos do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa". 33)		
Registo	7129	Cota	Bib. S/ cx. 5 - 25
Título	ORIGEM E EVOLUÇÃO DO HOMEM: EXPOSIÇÃO ITINERANTE DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOGRAFIA		
Autor	JUNTA DISTRITAL DE SETÚBAL; resp.		
Zona ed.	SETÚBAL: Junta Distrital de Setúbal, 1976		
Temático	1. História: Origem do Homem 2. Exposições: Origem do Homem		
Notas	Museu de Arqueologia e Etnografia; resp.		
Registo	6798	Cota	Bib. S/ cx. 18 - 22
Título	ORIGENES ANATOLIOEGEOS Y ORIENTALES DEL BRONCE MEDITERRANEO HISPANICO		
Autor	MARTINEZ DE SANTA-OLALLA, Julio; SAEZ MARTIN, Bernardo		
Zona ed.	Madrid: Ministerio de Educacion Nacional, 1947		
Temático	1. Arqueologia: Origem do Bronze Mediterraneo Hispanico		
Notas	Sep. de: "Informes y Memórias", 16		
Registo	7217	Cota	Bib. S/ cx. 6 - 6

Título	ORÍGENES DE LA HUMANIDAD (LOS)		
Autor	VERNEAU, René		
Zona ed.	Barcelona: Labor, 1931		
Temático	1. História: Origem do homem		
Notas	Col. "Labor: Ciencias Históricas"; Sec. VI. n.º 287		
Registo	6252	Cota	Bib. S/ 114
Título	ORIGENS DA NACIONALIDADE PORTUGUEZA		
Autor	SEVERO, Ricardo		
Zona ed.	Lisboa: A. M. Teixeira, 1912		
Temático	1. História de Portugal: Origem da Nacionalidade		
Notas			
Registo	7995	Cota	Bib. S/ cx. 19 - 32
Título	ORIGENS DE COIMBRA (AS)		
Autor	ALARCÃO, Jorge de		
Zona ed.	Coimbra: Grupo de Arqueologia e Arte do Centro, 1979		
Temático	1. Cidades: Coimbra - Origens		
Notas	Sep. de: "Actas das I Jornadas do Grupo de Arqueologia e Arte do Centro"		
Registo	7959	Cota	Bib. S/ cx. 2 - 18
Título	ORIGINS OF THE BELL BEAKER CULTURES		
Autor	HARRISON, Richard J.		
Zona ed.	Inglaterra: (s.n.), 1974		
Temático			
Notas	Sep. de: "Antiquity", 1974, Vol. XLVIII		
Registo	7626	Cota	Bib. S/ cx. 13 - 25
Título	PADRE EUGÉNIO JALHAY		
Autor	PAÇO, Afonso do		
Zona ed.	Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1954		
Temático	1. Biografias: Padre Eugénio Jalhay - 1891 - 1950.		
Notas	Sep. de: "Arqueologia e História", Vol. V		
Registo	7762	Cota	Bib. S/ cx. 16 - 28
Título	PADRE EUGÉNIO JALHAY E A CITÂNIA DE SANFINS (O)		
Autor	PAÇO, Afonso do		
Zona ed.	Porto: (s.n.), 1963		
Temático	1. Arqueologia: Citânia de Sanfins		
Notas	Sep. de: "Actas do II Colóquio Portuense de Arqueologia", 1963		
Registo	7044	Cota	Bib. S/ cx. 4 - 37
Título	PALAEOLITHIC CAVE PAINTING IN PORTUGAL		
Autor	ALARCÃO, Jorge de		
Zona ed.	(s.l.): (s.n.), (1965?)		
Temático	1. Arte Rupestre: Portugal		
Notas	(Sep. de: "Archaeology", 1965, Set.) - Folhas Soltas		
Registo	7629	Cota	Bib. S/ cx. 13 - 28
Título	PALAVRAS PRONUNCIADAS PELO PRESIDENTE DA DIRECÇÃO DA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO EM 1 DE ABRIL DE 1968, NA SESSÃO DE POSSE DOS CORPOS GERENTES DESTA INSTITUIÇÃO		
Autor	C., M.		
Zona ed.	Guimarães, 1968		
Temático	1. Instituições: Sociedade Martins sarmento - 1968		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães", Vol. LXXVIII		
Registo	7971	Cota	Bib. S/ cx. 2 - 6
Título	PALAVRAS SOBRE SESIMBRA DITAS AO MICROFONE DA EMISSORA NACIONAL EM 28 DE SETEMBRO DE 1935 (ALGUMAS)		
Autor	RUMINA, Joaquim		
Zona ed.	Lisboa: Escola Tipográfica das Oficinas de S. José, 1936		
Temático	1. História: Sesimbra		
Notas	(Elementos para a História de Sesimbra; 1)		
Registo	7278	Cota	Bib. S/ cx. 7 - 5
Título	PALAVRAS SOBRE SESIMBRA DITAS AO MICROFONE DA EMISORA NACIONAL EM 28 DE SETEMBRO DE 1936 (ALGUMAS)		
Autor	RUMINA, Joaquim		
Zona ed.	Lisboa: Escola Tipográfica das Oficinas de S. José, 1936		
Temático	1. História: Sesimbra		
Notas	(Elementos para a História de Sesimbra; 1)		
Registo	7120	Cota	Bib. S/ cx. 4 - 46

Título	PALÉOLITHIQUE DANS LE MONDE (LE)		
Autor	BORDES, François		
Zona ed.	Paris: Hachette, 1968		
Temático	1. Arqueologia: Paleolítico		
Notas			
Registo	6986	Cota	Bib. S/ 263
Título	PALEOLÍTICO DA TRÓIA DE SETÚBAL: SUA ORIGEM E SIGNIFICADO (O)		
Autor	FERREIRA, Fernando Bandeira		
Zona ed.	Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1956		
Temático	1. Achados arqueológicos: Tróia – Setúbal 2. Arqueologia: Paleolítico - Setúbal		
Notas	Sep. de. "Revista da Faculdade de Letras de Lisboa", 1956, 2ª S., T. XXII, n.º 1		
Registo	7632	Cota	Bib. S/ cx. 13 -33
Título	PALEOLÍTICO DOS ARREDORES DE BEJA		
Autor	VIANA, A.; ZBYZEWSKI, G.		
Zona ed.	Lisboa: Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, 1952		
Temático	1. Arqueologia: Paleolítico - Beja		
Notas	Sep. de: "Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal", T. XXXIII		
Registo	7821	Cota	Bib. S/ cx. 18 - 1
Título	PALEOLITICO EMERITENSE		
Autor	PAÇO, Afonso do		
Zona ed.	Salamanca: Universidad de Salamanca: Faculdade de Filosofia y Letras, 1963		
Temático	1. Arqueologia: Paleolítico		
Notas	sep. de "Zephyrus", Salamanca, 1963, N.º XIV.		
Registo	7271	Cota	Bib. S/ cx. 6 - 38
Título	PANORAMA GEO-HISTÓRICO E NUMISMÁTICO DA ALTA IDADE MÉDIA IBÉRICA OCIDENTAL – SÉCULOS V A XI		
Autor	VITAL, Nestor R. Oliveira Fatia		
Zona ed.	Guimarães: (s.n.), 1984		
Temático	1. História: Alta Idade Média Ibérica Ocidental – Séculos V-XI		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães", Vol. XCHII		
Registo	7325	Cota	Bib. S. / cx. 8 - 15
Título	PARA A HISTÓRIA DA CIÊNCIA EM PORTUGAL		
Autor	ALBUQUERQUE, Luís		
Zona ed.	Lisboa: Livros Horizonte, 1973		
Temático	1. História da ciência: Portugal 2. Almanagues portugueses: Madrid		
Notas	(Horizonte; 21)		
Registo	6983	Cota	Bib. S/ 264
Título	PARA UMA RECUPERAÇÃO DO PASSADO: A INTERPRETAÇÃO DOS DADOS ARQUEOLÓGICOS		
Autor	CHILDE, V. Gordon; GONÇALVES, Victor dos Santos; introd.		
Zona ed.	Amadora, Livraria Bertrand, 1976		
Temático	1. Arqueologia 2. Pré-história		
Notas	1ª ed. Londres, 1956		
Registo	6251	Cota	Bib. S/ 56
Título	PÁSZTOR IVÓPOHARAK		
Autor	ZSIGMOND, Bátki		
Zona ed.	Budapeste: Ethnographische Sammlungen Ung. Nationalmuseums, 1928		
Temático	1. Etnografia		
Notas			
Registo	7740	Cota	Bib. S/ 297
Título	PÉCUNIAS, TÉSSERAS E CÉDULAS MADEIRENSES		
Autor	VITAL, Nestor Fatia		
Zona ed.	(s.l.): (s.n.), 1982		
Temático	1. Numária: Madeira		
Notas	Sep. de: "Numisma"		
Registo	7462	Cota	Bib. S/ cx. 10 - 2
Título	PEDRA DO CAVALEIRO (A)		
Autor	BEIRÃO, Caetano de Mello		
Zona ed.	Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, 1976-77		
Temático	1. Epigrafia: Pedra do Cavaleiro - Algarve		
Notas	Sep. de: "Setúbal Arqueológica", 1976-77, Vol. II - III		
Registo	7550	Cota	Bib. S/ cx. 12 - 19

Título	PEDRAS DE ANÉIS ROMANOS ENCONTRADOS EM PORTUGAL		
Autor	CARDOZO, Mário		
Zona ed.	Guimarães: (s.n.), 1962		
Temático	1. Joalheria: Anéis romanos - Portugal		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães", vol. LXXII, n.º 1-2		
Registo	7056	Cota	Bib. S/ cx. 4 - 22
Título	PEINTURES RUPESTRES SCHÉMATIQUES DE LA PÉNINSULE IBÉRIQUE (LES)		
Autor	BREUIL, Abbé Henri		
Zona ed.	(s.l.): Fondation Singer-Polignac, 1933-1935		
Temático	1. Pintura rupestre: Península Ibérica		
Notas	Fotocópias. Vol. I,III,IV		
Registo	7777	Cota	Bib. S/ 315
Título	PELOURINHO DO SOAJO (O)		
Autor	BAPTISTA, António Martinho		
Zona ed.	Braga: (s.n.), 1980		
Temático	1. Monumentos: Pelourinho do Soajo		
Notas	Sep. de: "Terra de Val de Vez", 1980, 2º sem., n.º 1		
Registo	7317	Cota	Bib. S/ cx. 8 - 14
Título	PELOURINHOS DO DISTRITO DE BRAGANÇA		
Autor	SOUSA, Alberto; aguarelas; BÁRTHOLO, Maria de Lourdes ; not.		
Zona ed.	Bragança: Museu Regional de Abade de Baçal, 1965		
Temático	1. Monumentos: Pelourinhos - Bragança		
Notas			
Registo	7691	Cota	Bib. S/ cx. 15 - 14
Título	PEN-Y-WYRLOD: A NEW WELSH LONG CAIRN		
Autor	SAVORY, Hubert N.		
Zona ed.	Inglaterra: (s.n.), 1973		
Temático	1. Achados arqueológicos		
Notas	Sep. de: "Antiquity", 1973, Vol. XLVII		
Registo	7274	Cota	Bib. S/ cx. 7 - 3
Título	PENGUIN DICTIONARY OF GEOLOGY (THE)		
Autor	WHITTEN, D.G.A.; BROOKS, J. R. V.		
Zona ed.	Londres: Penguin Books, 1972		
Temático	1. Geologia: Dicionários		
Notas			
Registo	6754	Cota	Bib. S/ 132
Título	PESQUISAS PRÉ-HISTÓRICAS: TÉCNICA E MÉTODOS		
Autor	LEROI-GOURHAN, André; LAMING, Annete; apend.		
Zona ed.	Paris: (s.n.), 1950		
Temático	1. Arqueologia: Pesquisa pré-histórica		
Notas	Cópia manuscrita de obra impressa		
Registo	8009	Cota	Bib. S/ 356
Título	PIECING TOGETHER THE PAST: THE INTERPRETATION OF ARCHAEOLOGICAL DATA		
Autor	CHILDE, V. Gordon		
Zona ed.	Londres: Routledge & Kegan Paul, 1956		
Temático	1. Arqueologia: Métodos de datação		
Notas			
Registo	6253	Cota	Bib. S/ 68
Título	PIEZAS VISIGODAS INEDITAS DE LA COLECCION ARQUEOLOGICA MINICIPAL DE JEREZ DE LA FRONTERA		
Autor	ESTEVE GUERRERO, Manuel		
Zona ed.	Madrid: (s.n.), 1958		
Temático	1. Arqueologia: Peças visigodas		
Notas	Sep. de: "Archivo Español de Arqueologia", Vol. XXXVI, n.º 107-108, (2 artigos juntos)		
Registo	7068	Cota	Bib. S/ cx. 4 - 12
Título	PILOTO ÁRABE DE VASCO DA GAMA (O)		
Autor	BROCHADO, Costa		
Zona ed.	Lisboa: Com. Exec. das Comem. do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1959		
Temático	1. Descobrimientos Portugueses - Séc. XV; 2. Navegação: Piloto árabe de Vasco da Gama - Séc. XV; 3. Roteiros: Ahmad Ibn - Madjid		
Notas			
Registo	6987	Cota	Bib. S/ 265
Título	PINTURAS E GRAVURAS PRÉ-HISTÓRICAS DE SÃO RAIMUNDO NONATO, ESTADO DO PIAUÍ		
Autor	MONZON, Susana; DAMÚS, Roberto Miguel; colab.		
Zona ed.	Brasil: Missão arqueológica Franco-Brasileira, 1978		
Temático	1. Exposições: Arte rupestre brasileira		
Notas			
Registo	7574	Cota	Bib. S/ cx. 17 - 14

Título	PINTURAS RUPESTRES PREHISTORICAS DE LA SARGA (ALCOY) EL SALT (PENÁGUILA) Y EL CALVARI (BOCAIRENTE) (LAS)		
Autor	BELTAN MARTINEZ, A.; PASCUAL PEREZ, V. ; colab.		
Zona ed.	Valencia: Servicio de Investigacion Prehistorica, 1974		
Temático	1. Pintura rupestre: Pré-História		
Notas	I.S.B.N. 84-00-04048-1		
Registo	6821	Cota	Bib. S/ 10
Título	PLACA DE CINTURÃO VISIGÓTICA DAS GRUTAS DE CASCAIS		
Autor	FIGUEIREDO, Fausto J. A.; PAÇO, Afonso do		
Zona ed.	Madrid: (s.n.), 1947		
Temático	1. Arqueologia: Placa de cinturão visigótica - Cascais		
Notas	Sep. de: "Actas y Memorias de la Socied. Española de Antrop. Etno. Y Prehistoria", T. XXII, cad. 1-4		
Registo	7091	Cota	Bib. S/ cx. 5 - 9
Título	POBLADO PROTOHISTORICO DE "LA HOYA" - LA GUARDIA - ALAVA		
Autor	ORTÍZ DE LANDALUCE, Armando Llanos		
Zona ed.	Alava: Instituto Alaves de Arqueologia del Concejo de Cultura de la Diputación Foral de Alava, 1976		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Povoado protohistorico de "La Hoya" - Alava		
Notas	2ª ed.		
Registo	7814	Cota	Bib. S/ cx. 18 - 8
Título	POÇO DA ESTAÇÃO ROMANA DA TORRE DOS NAMORADOS: FUNDÃO (O)		
Autor	MARQUES, Gustavo		
Zona ed.	Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: Instituto de Arqueologia, 1969		
Temático			
Notas	Sep. de: "Conimbriga", 1969, Vol. VIII		
Registo	7956	Cota	Bib. S/ cx. 2 - 21
Título	POLIMORFISMO GENÉTICO ENZIMÁTICO E PROTEICO E SELEÇÃO NATURAL NO HOMEM		
Autor	CRUZ, J. Amorim Machado		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa", 1975		
Temático	1. Genética		
Notas	(Trabalhos do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa". 28)		
Registo	7143	Cota	Bib. S/ cx. 5 - 26
Título	POMBEIRO DA BEIRA: MEMÓRIA HISTÓRICA E DESCRITIVA		
Autor	FRIAS, Sanches		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1899		
Temático	1. Vilas: Pombeiro		
Notas	2ª ed. corrig. e aument.		
Registo	6978	Cota	Bib. S/ 254
Título	PONTAS DE SETA PROVENIENTES DE TÚMULOS MEGALÍTICOS DO NOROESTE DE PORTUGAL		
Autor	JORGE, Susana Maria Soares Rodrigues Lopes de Oliveira		
Zona ed.	(Braga): (s.n.), 1978		
Temático	1. Arqueologia: Pontas de seta - Noroeste de Portugal		
Notas	2. Arqueologia: Túmulos megalíticos - Noroeste de Portugal		
Registo	Sep. de: "Minia", 1978, 2ª S., A. I, n.º 2	Cota	Bib. S/ cx. 15 - 22
Título	POR TIERRAS DE PORTUGAL Y DE ESPAÑA		
Autor	UNAMUNO, Miguel de		
Zona ed.	Madrid: Espasa - Calpe, 1964		
Temático			
Notas	6ª ed.		
Registo	6868	Cota	Bib. S/ 110
Título	POR UMA MENTALIZAÇÃO ULTRAMARINA NAS ESCOLAS		
Autor	ALMEIDA, Justino Mendes de		
Zona ed.	Lisboa: Agência - Geral do Ultramar, 1965		
Temático	1. Ensino: Escolas ultramarinas		
Notas	Sep. de: "Boletim Geral do Ultramar", n.º 483		
Registo	7320	Cota	Bib. S/ cx. 8 - 16
Título	PORTAS DA ÍNDIA EM 1484 (ÁS)		
Autor	COSTA, Abel Fontoura		
Zona ed.	Lisboa: Edições Culturais da Marinha, 1990		
Temático	1. Viagens: Diogo Cão e Bartolomeu Dias		
Notas	2. Descobrimientos portugueses. - 3. Viagens marítimas: Índia		
Registo	Reedição da ed. da sep. de 1935	Cota	Bib. S/ 46

Título	PORTO DA FIGUEIRA DA FOZ (O)		
Autor	OLIVEIRA, Fernando Muñoz de		
Zona ed.	Figueira da Foz: Biblioteca Municipal, 1967		
Temático	1. Arte: Azulejos – Figueira da Foz		
Notas			
Registo	7018	Cota	Bib. S/ cx. 3 - 27
Título	PORTUGAL E O JAPÃO		
Autor	MURAKAMI, Naojiro		
Zona ed.	Tóquio: Sociedade de Fomento de Cultura Internacional, 1940		
Temático	1. Relações luso-japonesas		
Notas			
Registo	7355	Cota	Bib. S/ cx. 8 - 36
Título	PORTUGAL NA ESPANHA ÁRABE		
Autor	COELHO, António Borges		
Zona ed.	Lisboa: Caminho, 1989		
Temático	1. História: Portugal 2. Civilizações: Islâmica – Portugal; 3. História: Andaluz		
Notas	2ª ed. Vol. 1: “Geografia e Cultura”; Vol. 2: “História”		
Registo	6980	Cota	Bib. S/ 247-248
Título	PORTUGAL NA NUMISMÁTICA DA ÍNDIA		
Autor	VAZ, J. Ferraro		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1980		
Temático	1. Numismática indo-portuguesa		
Notas	Comunicação apresentada ao I Congresso Numismática de Portugal. Texto dactilografado		
Registo	7869	Cota	Bib. S/ 312 - 12
Título	PORTUGAL PRÉ-HISTÓRICO: SEU ENQUADRAMENTO NO MEDITERRÂNEO		
Autor	FERREIRA, Octávio da Veiga; LEITÃO, Manuel		
Zona ed.	Mem Martins: Europa América, (s.d.)		
Temático	1. Pré-história: Portugal		
Notas	(Biblioteca Universitária; 21)		
Registo	6941	Cota	Bib. S/ 238
Título	PORTUGAL ROMANO		
Autor	ALARCÃO, Jorge de		
Zona ed.	Lisboa: Verbo, 1974		
Temático	1. Conquistas: Portugal – Séc. II a . C. 2. História: Portugal romano		
Notas	(Historia Mundi; 33)		
Registo	6851	Cota	Bib. S/ 92
Título	PORTUGALIA		
Autor	INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA; resp.		
Zona ed.	Coimbra: Inst. de Arq. da Fac. de Letras da Univ. de Coimbra		
Temático			
Notas	Nova Série Vol. II-III (1981-1982); Vol. IV-V (1983-84)		
Registo	6827	Cota	Bib. S/ 19 - 20
Título	PORTUGUESES E ESPANHÓIS NO ESTUDO DAS INSCRIÇÕES INDÍGENAS DA PENÍNSULA		
Autor	RIBEIRO, Leonel		
Zona ed.	Porto: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, 1962		
Temático	1. Inscrições indígenas: Península		
Notas	Sep. da Secção VII das publicações do XXVI Congresso Luso-Espanhol		
Registo	7366	Cota	Bib. S/ cx. 9 - 10
Título	PORTUGUESES NO ÍNDICO OCIDENTAL: O PROBLEMA DO ACHAMENTO DA ILHA DE S. LOURENÇO (OS)		
Autor	FERREIRA, F. Bandeira		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1961		
Temático	1. Descobrimientos portugueses		
Notas	Sep. de: “Actas do Congresso Internacional de História dos Descobrimientos”, Vol. III		
Registo	7755	Cota	Bib. S/ cx. 17 - 4
Título	POVOADO CALCOLÍTICO DE FERREIRA DO ALENTEJO NO CONTEXTO DA BACIA DO SADO E DO SUDOESTE PENINSULAR (O)		
Autor	ARNAUD, José Morais		
Zona ed.	Porto (s.n.), 1983		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Povoado calcolítico – Ferreira do Alentejo		
Notas	Sep. de: “Arqueologia”, Porto, 1983		
Registo	7638	Cota	Bib. S/ cx. 13 - 37

Título	POVOADO CALCOLÍTICO DO ALTO DO DAFUNDO (O)		
Autor	GONÇALVES, João Ludgero Marques; SERRÃO, Eduardo da Cunha		
Zona ed.	Porto: (s.n.), 1979		
Temático	1. Arqueologia: Povoados calcolíticos 2. Escavações arqueológicas: Dafundo - Lisboa		
Notas	Sep. de: "Actas da 1ª Mesa-Redonda sobre o Neolítico e O Calcolítico em Portugal", 1979		
Registo	7501	Cota	Bib. S/ cx. 11 - 1
Título	POVOADO DA IDADE DO BRONZE DO OUTEIRO DO CIRCO – BERINGEL/BEJA (O)		
Autor	PARREIRA, Rui		
Zona ed.	Beja: (s.n.), 1971-1975		
Temático	1. Estações arqueológicas: Idade do Bronze – Beja 2. Achados arqueológicos: Outeiro do Circo - Beja		
Notas	Sep. de: "Arquivo de Beja", 1971-75, Vol. XXVIII-XXXII		
Registo	7580	Cota	Bib. S/ cx. 12 - 8
Título	POVOADO DO CALCOLÍTICO DO ALTO DO DAFUNDO (O)		
Autor	GONÇALVES, João Ludgero Marques; SERRÃO, Eduardo da Cunha		
Zona ed.	Porto: (s.n.), 1979		
Temático	1. Povoados calcolíticos: Dafundo		
Notas	Sep. de: "Actas da 1.ª Mesa Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal", 1979		
Registo	7282	Cota	Bib. S/ cx. 7 - 17
Título	POVOADO DO CALCOLÍTICO DO MOINHO DA FONTE DO SOL: QUINTA DO ANJO - PALMELA		
Autor	SOARES, Joaquina; BARBIERI, Nuno; SILVA, Carlos Tavares da		
Zona ed.	Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1972		
Temático	1. Arqueologia: Povoado calcolítico - Palmela		
Notas	Sep. de: "Arqueologia e História", 9ª série, Vol. IV		
Registo	7606	Cota	Bib. S/ cx. 13 - 5
Título	POVOADO DO CALCOLÍTICO INICIAL DO ALTO DAFUNDO LINDA-A-VELHA (O)		
Autor	GONÇALVES, João Ludgero Marques; SERRÃO, Eduardo da Cunha		
Zona ed.	Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1978		
Temático	1. Povoados calcolíticos: Dafundo – Linda-A-Velha		
Notas	Sep. de: "Actas das III Jornadas Arqueológicas", Lisboa, 1977, vol. I		
Registo	7290	Cota	Bib. S/ cx. 7 - 13
Título	POVOADO FORTIFICADO DE SANTO OVÍDIO – FAFE: RESULTADOS PRELIMINARES		
Autor	MARTINS, Manuela		
Zona ed.	Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, 1981		
Temático	1. Arqueologia: Povoado fortificado de Santo Ovídio - Fafe		
Notas	(Cadernos de Arqueologia; 1)		
Registo	7939	Cota	Bib. S/ cx. 1 - 22
Título	POVOADO FORTIFICADO NEO-E ENEOLÍTICO DO PENEDO DE LEXIM – MAFRA (O)		
Autor	ARNAUD, José Morais; OLIVEIRA, V. Salgado de; JORGE, Vítor Manuel de Oliveira		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1971		
Temático	1. Estações arqueológicas: Penedo de Lexim – Mafra 2. Espólio arqueológico: Penedo de Lexim - Mafra		
Notas	Sep. de: "Arqueologo Português, S. III, Vol. V		
Registo	7817	Cota	Bib. S/ cx. 18 - 5
Título	POVOADO FORTIFICADO NEO E ENEOLÍTICO DO PENEDO DE LEXIM – MAFRA: CAMPANHA PRELIMINAR DE ESCAVAÇÕES – 1970 (O)		
Autor	ARNAUD, José Morais; OLIVEIRA, V. Salgado de; JORGE, Vítor Manuel de Oliveira		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1971		
Temático	1. Povoados arqueológicos: Penedo de Lexim – Mafra 2. Escavações arqueológicas: Penedo de Lexim - Mafra		
Notas	Sep. de: "O Arqueólogo Português", S. III, Vol V		
Registo	7679	Cota	Bib. S/ cx. 14 - 18
Título	POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DA PAREDE: CASCAIS		
Autor	PAÇO, Afonso do		
Zona ed.	Cascais: Câmara Municipal de Cascais, 1964		
Temático	1. Povoados pré-históricos: Parede - Cascais		
Notas			
Registo	7324	Cota	Bib. S. / cx. 8 - 4
Título	POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA – LISBOA / PORTUGAL: ESTUDO DA COLECÇÃO DO ESCULTOR ÁLVARO DE BRÉE (O)		
Autor	CARDOSO, João Luís		
Zona ed.	Guimarães: (s.n.), 1982		
Temático	1. Povoados arqueológicos: Leceia - Lisboa		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães", Vol. XCI		
Registo	7594	Cota	Bib. S/ cx. 12 - 32

Título	POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA – LISBOA / PORTUGAL: ESTUDO DA COLECÇÃO DO ESCULTOR ÁLVARO DE BRÉE (O) – (1ª PARTE)		
Autor	CARDOSO, João Luís		
Zona ed.	Guimarães: (s.n.), 1981		
Temático	1. Povoados pré-históricos: Leceia - Oeiras		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães, Vol. XC		
Registo	7644	Cota	Bib. S/ cx. 14 - 3
Título	POVOADOS CALCOLÍTICOS DA ESTREMADURA PORTUGUESA: TENTATIVA DE ABORDAGEM ECONÓMICA		
Autor	CORREIA, Susana H.		
Zona ed.	Porto: (s.n.), 1980		
Temático	1. Povoados calcólíticos: Estremadura Portuguesa		
Notas	Sep. de: "Arqueologia", 1980, Dezembro, N.º 2		
Registo	7678	Cota	Bib. S/ cx. 14 - 19
Título	POVOADOS DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DA REGIÃO DE CHAVES – Vª Pª DE AGUIAR		
Autor	JORGE, Susana Maria Soares Rodrigues Lopes de Oliveira		
Zona ed.	Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto, 1986		
Temático	1. Arqueologia: Pré-História – Chaves 2. Arqueologia: Povoado de Vila Pouca de Aguiar - Chaves		
Notas	Vol. I-A, I-B, II		
Registo	6829	Cota	Bib. S/ 6 - 8
Título	POVOADOS DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DO NORTE DE PORTUGAL – IIIª E COMEÇOS DO IIª MILÉNIO A. C.: RESULTADOS E PROBLEMAS DAS ESCAVAÇÕES DOS ÚLTIMOS ANOS		
Autor	JORGE, Susana de Oliveira		
Zona ed.	Porto: (Universidade do Porto), 1985		
Temático	1. Pré-História: Norte de Portugal – IIIª - IIª Milénios a . C. 2. Escavações arqueológicas: Norte de Portugal		
Notas	Sep. de: "Revista da Faculdade de Letras – História", 1985, IIª S., vol. II, p. 297-306		
Registo	7680	Cota	Bib. S/ cx. 14 - 17
Título	PRAGANÇA TERÁ SIDO UM CASTRO?		
Autor	CHAVES, Fernando José de Oliveira Castelo-Branco		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), (s.d.)		
Temático	1. Estações arqueológicas: Pragança – Serra de Montejunto		
Notas	Sep. de: "O Arqueólogo Português", Nova Série, T. IV (2 ex.)		
Registo	7587	Cota	Bib. S/ cx. 12 - 25
Título	PRATO DE PEIXE DE ALCÁCER DO SAL: UMA EXPLICITAÇÃO (O)		
Autor	MAIA, Maria Garcia Pereira		
Zona ed.	Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987		
Temático	1. Cerâmica: Prato de peixe – Alcácer do Sal		
Notas	Sep. de: "Euphrosyne: "Revista de Filologia Clássica", Nova Série, Vol. XV		
Registo	7684	Cota	Bib. S/ cx. 15 - 15
Título	PRÉ-HISTÓRIA DA SOCIEDADE EUROPEIA (A)		
Autor	CHILDE, V. Gordon		
Zona ed.	Lisboa: Europa-América, 1960		
Temático	1. Sociedade: Pré-História - Europa		
Notas	(Colecção Saber)		
Registo	6856	Cota	Bib. S/ 99
Título	PRÉ-HISTÓRIA: SIGNIFICADO, METODOLOGIA, PROGRAMA E CONTEÚDO DE UMA DISCIPLINA DO CURSO DE HISTÓRIA		
Autor	JORGE, Vítor Manuel de Oliveira		
Zona ed.	Porto: Instituto de Arqueologia: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1984		
Temático	1. Ensino: Pré-História		
Notas	(Cadernos Didácticos; 1)		
Registo	7597	Cota	Bib. S/ cx. 12 - 35
Título	PREÇARIO DAS MOEDAS DE PORTUGAL – MONARQUIA E RÉPUBLICA E EX-ULTRAMAR PORTUGUÊS		
Autor	G., C. M. P.		
Zona ed.	Lisboa, 1982		
Temático	1. Numismática: Portugal		
Notas			
Registo	6988	Cota	Bib. S/ 266
Título	PRÉHISTOIRE (LA)		
Autor	LEROI-GOURHAN, André; (et al.)		
Zona ed.	Paris: Presses Universitaires de France, 1968		
Temático	1. Pré-História		
Notas	2ª ed. rev		
Registo	6236	Cota	Bib. S/ 117

Título	PRÉHISTOIRE (LA)		
Autor	PRADENNE, A. Vayson de		
Zona ed.	Paris: Librairie Armand Colin, 1946		
Temático	1. Pré-História		
Notas	3ª ed. (Collection Armand Colin – Section de Biologie; 210)		
Registo	6792	Cota	Bib. S/ 149
Título	PRÉHISTOIRE DE L'AFRIQUE		
Autor	ALIMEN, H.		
Zona ed.	Paris: N. Boubée, 1955		
Temático	1. Pré-História: Africa		
Notas			
Registo	6982	Cota	Bib. S/ 260
Título	PRÉHISTOIRE DE L'HUMANITÉ (LA)		
Autor	CLARK, Grahame		
Zona ed.	Paris: (s.n.), 1962		
Temático	1. Pré-História: Humanidade 2. Arqueologia: Pré-História		
Notas	(Petite Bibliothèque Payot; N.º 17)		
Registo	6755	Cota	Bib. S/ 133
Título	PREHISTORIA		
Autor	HOERNES, Moritz		
Zona ed.	Barcelona: Labor, 1945		
Temático	1. Pré-História		
Notas	Col. "Labor: Ciencias Histórica"; Sec. VI. N.º 80, n.º 115. (2 exempl.)		
Registo	7693, 7694	Cota	Bib. S/ 280, 281
Título	PREHISTORIA DE EUROPA: LAS RAÍCES PREHISTÓRICAS DE LAS CULTURAS DE EUROPA		
Autor	BOSCH GIMPERA, Pedro		
Zona ed.	Madrid: Istmo, 1975		
Temático	1. Pré-História: Europa 2. Civilizações: Pré-História – Europa. – 3. Arte: Pré-História - Europa		
Notas			
Registo	6850	Cota	Bib. S/ 91
Título	PREHISTORIC TECHNOLOGY: AN EXPERIMENTAL STUDY OF THE OLDEST TOOLS AND ARTEFACTS FROM TRACES OF MANUFACTURE AND WAR		
Autor	SEMENOV, S. A. THOMPSON, M. W; pref., trad.		
Zona ed.	Londres: Cory, Adams & Mackay, 1964		
Temático	1. Tecnologias: Pré-História		
Notas			
Registo	7807	Cota	Bib. S/ 205
Título	PREHISTORIC CHAMBER TOMBS OF ENGLAND AND WALLE (THE)		
Autor	DANIEL, Glyn E.		
Zona ed.	Cambridge: University Press, 1950		
Temático	1. Arqueologia: Tumulos pré-históricos – Inglaterra 2. Arqueologia: Tumulos pré-históricos – País de Gales		
Notas			
Registo	6916	Cota	Bib. S/ 203
Título	PREHISTORIC DANE		
Autor	RASMUSSEN, Holger; ed.		
Zona ed.	Copenhaga: Telefonh Fabrik Automatic, 1956		
Temático	1. Pre-história: Dinamarca		
Notas			
Registo	7773	Cota	Bib. S/ ex. 17 - 18
Título	PREHISTORIC ROCK ENGRAVINGS AT FRATEL, PORTUGAL		
Autor	SANTOS, Manuel Farinha dos		
Zona ed.	Inglaterra: (S.I.), (s.d.)		
Temático	1. Arte rupestre: Fratel - Portugal		
Notas	Sep. de: "Antiquity"		
Registo	7280	Cota	Bib. S/ ex. 7 -2
Título	PREMIER HOMME (LE)		
Autor	CARLES, Jules		
Zona ed.	Paris: Presses Universitaires de France, 1970		
Temático	1. História: Homem		
Notas	1ª Ed.		
Registo	6759	Cota	Bib. S/ 139

Título	PREMIERS ÂGES DE L'HOMME (LES)		
Autor	MONTAGU, Ashley		
Zona ed.	Belgica: Gérard, 1964		
Temático	1. Antropologia 2. História: Evolução do homem		
Notas			
Registo	6247	Cota	Bib. S/ 146
Título	PRESENÇA DO ULTRAMAR NO "II ENCONTRO DOS BIBLIOTECÁRIOS E ARQUIVISTAS PORTUGUESES"		
Autor	ALMEIDA, Justino Mendes de		
Zona ed.	Lisboa: Agência-Geral do Ultramar, 1966		
Temático	1. Congressos: Encontro dos Bibliotecários e Arquivistas Portugueses - II		
Notas			
Registo	7476	Cota	Bib. S/ cx. 11 - 27
Título	PRESENTES DE BRILHANTES DO BRASIL (OS9)		
Autor	SOLLA, Luiz de Castro		
Zona ed.	(s.l.): (s.n.), 1980		
Temático			
Notas	Folhas soltas		
Registo	7017	Cota	Bib. S/ cx. 3 - 28
Título	PRESIDENTIAL ADDRESS		
Autor	SAVORY, Hubert N.; PHIL, D.		
Zona ed.	(s.l.): Cambrian Archaeological Association, 1976		
Temático			
Notas	Sep. de: "Archaeologia Cambrensis", 1976, CXXV	(2 ex.)	
Registo	7351	Cota	Bib. S/ cx. 8 - 29
Título	PRESÚRIA DE PORTUGALE (PORTO) EM 868: SEU SIGNIFICADO NACIONAL (A)		
Autor	SOARES, Torquato de Sousa		
Zona ed.	Porto: Câmara Municipal do Porto, 1967		
Temático	1. Historiografia Portuguesa		
Notas			
Registo	7408	Cota	Bib. S/ cx. 9 - 44
Título	PRIMEIRAS CONTRIBUIÇÕES PARA UMA PERIODIZAÇÃO DO NEOLÍTICO E DO CALCOLÍTICO DA ESTREMADURA PORTUGUESA		
Autor	SERRÃO, Eduardo da Cunha		
Zona ed.	Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, 1978		
Temático	1. Arqueologia: Periodização		
Notas	Sep. de: "Aspectos e Métodos da Pré-História" / Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. - N.º 1. - (3 artigos juntos)		
Registo	7872	Cota	Bib. S/ cx. 19 - 1
Título	PRIMEIRAS DATAS DE RÁDIOCARBONO 14 PARA A CULTURA MEGALÍTICA PORTUGUESA		
Autor	LEISNER, Vera; FERREIRA, Octávio da Veiga		
Zona ed.	Guimarães: Companhia Editora do Minho, 1963		
Temático	1. Cultura Megalítica Portuguesa		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães", Vol. LXXII		
Registo	7145	Cota	Bib. S/ cx. 5 - 34
Título	PRIMEIRO CENTENÁRIO DO TRATADO DE PEQUIM: ACTAS DO COLÓQUIO COMEMORATIVO ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES; resp.		
Autor			
Zona ed.	Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1987		
Temático	1. Centenários: Tratado de Pequim		
Notas			
Registo	8121	Cota	Bib. S/ 332
Título	PRIMEIRO LEXICÓGRAFO PORTUGUÊS DA LÍNGUA LATINA: JERÓNIMO CARDOSO (O)		
Autor	ALMEIDA, Justino Mendes de		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), (s.d.)		
Temático	1. Lexicógrafo: Jerónimo Cardoso		
Notas	Sep. de: "Evphrosyne"		
Registo	7375	Cota	Bib. S/ cx. 9 - 19
Título	PRIMICIAS DE UN CORTE ESTRATIGRAFICO EN CARMONA		
Autor	MATA CARRIAZO, Juan de; RADDATZ, K.		
Zona ed.	Sevilha, 1960		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Andaluzia		
Notas			
Registo	7546	Cota	Bib. S/ cx. 19 - 15

Título	PRINCE HENRY THE NAVIGATOR		
Autor	S. N. I.; resp.		
Zona ed.	Lisboa: S. N. I., (s.d.)		
Temático	1. Navegadores: D. Henrique		
Notas			
Registo	7752	Cota	Bib. S/ cx. 16 - 23
Título	PROBLEMA CAPSENSE: CONTRIBUIÇÃO PORTUGUESA PARA A SUA REVISÃO (O)		
Autor	HELENO, Manuel		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1944?		
Temático	1. Civilizações: Capsense – Península Ibérica		
Notas			
Registo	7502	Cota	Bib. S/ cx. 11 - 19
Título	PROBLEMA DA LOCALIZAÇÃO DE CETÓBRIGA: SEU ESTADO ACTUAL (O)		
Autor	FERREIRA, Fernando Bandeira		
Zona ed.	Coimbra: Universidade de Coimbra, 1959		
Temático	1. Geografia: Localização de Cetóbriga 2. Arqueologia: Localização de Cetóbriga		
Notas	Sep. de: "Conimbriga", 1959, Vol. I		
Registo	7305	Cota	Bib. S/ cx. 7 - 35
Título	PROBLEMAS CASTREJOS: COBERTURA DAS CASAS (ALGUNS)		
Autor	SANTOS Junior, J. Rodrigues dos		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa, 1973		
Temático	1. Arqueologia: Casas castrejas		
Notas	(Trabalhos do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa"; 23)		
Registo	7704	Cota	Bib. S/ cx. 16 - 14
Título	PROBLEMAS DA IDADE DO FERRO NO NORTE DE PORTUGAL (ALGUNS)		
Autor	CARDOZO, Mário		
Zona ed.	(s.l.): (s.n.), 1953		
Temático	1. Arqueologia: Citânia de Briteiros		
Notas	Folhas Soltas		
Registo	7721	Cota	Bib. S/ cx. 16 - 1
Título	PROBLEMAS DA ORIGEM E DA SOBREVIVÊNCIA DAS VILLAE ROMANAS DO NORTE DO PAÍS (OS)		
Autor	ALARCÃO, Jorge de		
Zona ed.	Guimarães: (s.n.), 1980		
Temático	1. Historiografia rural portuguesa		
Notas	Sep. de: "Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular"		
Registo	7054	Cota	Bib. S/ cx. 4 - 24
Título	PROBLEMÁTICA DO MEGALITISMO DO NORTE DE PORTUGAL		
Autor	JORGE, Vítor Manuel de Oliveira		
Zona ed.	(s.l.): (s.n.), 1984?		
Temático	1. Arqueologia: megalitismo – Norte de Portugal 2. Monumentos megalíticos: Norte de Portugal		
Notas	Sep. de: "Actas de la Mesa Redonda Sobre Megalitismo Peninsular – 8 – 14 de Outubro, 1984		
Registo	7582	Cota	Bib. S/ cx. 12 - 23
Título	PROCESSO DOS TÁVORAS: IMPORTÂNCIA DO PROCESSO REVISÓRIO (O)		
Autor	SANTOS, Guilherme G. de Oliveira		
Zona ed.	Lisboa: Livraria Portugal, (s.d.)		
Temático			
Notas			
Registo	6929	Cota	Bib. S/ 212
Título	PROFESSOR DOUTOR D. FERNANDO DE ALMEIDA (O)		
Autor	SERRÃO, Eduardo da Cunha		
Zona ed.	(Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses), 1984-1988		
Temático	1. Homenagens: Fernando de Almeida		
Notas	Sep. de: "Arqueologia e História", 1984 – 88, S.X, Vol. I – II (1)		
Registo	7853	Cota	Bib. S/ cx. 19 - 5
Título	PROFESSOR MENDES CORREIA FUNDADOR E 2.º PRESIDENTE DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA (O)		
Autor	SANTOS Junior, J. Rodrigues dos		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa", 1969		
Temático	1. Homenagens: Mendes Correia – Professor 2. Instituições: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia		
Notas	(Trabalhos do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa", N.º 1)		
Registo	7049	Cota	Bib. S/ cx. 4 - 29

Título	PROGRAMA DE PESQUISA NO DOMÍNIO DO MEGALITISMO DO NOROESTE DE PORTUGAL (UM)		
Autor	JORGE, Vítor Manuel de Oliveira		
Zona ed.	(s.l.): (s.n.), (s.d.)		
Temático	1. Monumentos megalíticos: Noroeste de Portugal - Pesquisa		
Notas	Sep. de: "XVI Congresso Nacional de Arqueologia"		
Registo	7422	Cota	Bib. S/ cx. 10 - 16
Título	PROGRAMA PARA A INSTALAÇÃO DO MUSEU ETNOLÓGICO DO DR. LEITE DE VASCONCELOS NA CIDADE UNIVERSITÁRIA		
Autor	HELENO, Manuel		
Zona ed.	Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, 1965		
Temático	1. Museus Etnológicos: Dr. Leite de Vasconcelos - Lisboa		
Notas	Sep. de: "Ethnos", 1965, Vol. IV		
	(2 exempl.)		
Registo	7505	Cota	Bib. S/ cx. 11 -15 -16
Título	PROJECTAR O PASSADO: ENSAIOS SOBRE ARQUEOLOGIA E PRÉ-HISTÓRIA		
Autor	JORGE, Vítor Manuel de Oliveira		
Zona ed.	Lisboa: Presença. 1987		
Temático	1. Arqueologia		
	2. Pré-História		
Notas	1ª ed.		
Registo	6847	Cota	Bib. S/ 88
Título	PROPÓSITO DO HISTORISK-ARKOEOLOGISK FORSOGSCENTER NA DINAMARCA (A)		
Autor	JORGE, Vítor Manuel de Oliveira		
Zona ed.	Guimarães: Companhia Editora do Minho, 1969		
Temático	1. Instituições: Instituto Dinamarquês de Pesquisa Histórica e Arqueológica		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães", Vol. LXXIX		
Registo	7146	Cota	Bib. S/ cx. 5 - 33
Título	PROPÓSITO DO NOME ACHALE OU ACALE DA ORA MARITIMA DE AVIENO (A)		
Autor	FERREIRA, Fernando Bandeira		
Zona ed.	Guimarães: (s.n.), 1959		
Temático	1. Toponímia		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães", Vol. LXIX		
Registo	7598	Cota	Bib. S/ cx. 12 - 36
Título	PROSPECÇÕES ARQUEOLÓGICAS NO ÂMBITO DO PALEOLÍTICO DO CONCELHO DE SESIMBRA		
Autor	SERRÃO, Eduardo da Cunha; (et al.)		
Zona ed.	Setúbal: Junta Distrital de Setúbal, 1974		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Sesimbra		
Notas			
Registo	7359	Cota	Bib. S/ cx. 9 - 3
Título	QSAR ES-SEGHIR - ALCÁCER CEGER: A 15TH AND 16TH CENTURY PORTUGUESE COLONY IN NORTH AFRICA		
Autor	REDMAN, Charles L.; BOONE, James L.		
Zona ed.	Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos da Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1979		
Temático	1. Conquistas Portuguesas: Africa - Séc. XV - XVI		
Notas	Sep. de: "Studia", 1979, Jan. - Dez., n.º 41 - 42		
Registo	7423	Cota	Bib. S/ cx. 10 - 15
Título	QUARTO DE SÉCULO DE INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA (UM)		
Autor	HELENO, Manuel		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), (s.d.)		
Temático	1. Investigação arqueológica		
Notas	Seo. de: "O Arqueólogo Português", Nova Série, T. III		
Registo	7088	Cota	Bib. S/ cx. 5 - 8
Título	QUATERNAIRE DE SANTO ANTÃO DO TOJAL (LE)		
Autor	BREUIL, Abbé H.; ZBYSZEWSKI, Georges		
Zona ed.	(s.l.): (s.n.), (s.d.)		
Temático	1. Arqueologia: Quartenário - S. Antão do Tojal		
Notas	(Folhas soltas)		
Registo	7631	Cota	Bib. S/ cx. 13 - 34
Título	QUESTÕES ACERCA DA INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA NO DISTRITO DE C. BRANCO		
Autor	CANINAS, João Carlos Pires		
Zona ed.	(Castelo Branco: (s.n.), 1980)		
Temático	1. Investigação arqueológica: Castelo Branco		
Notas	In. "Reconquista", Castelo Branco, 1980, n.º 1828 (1), 1829 (2)		
Registo	7799	Cota	Bib. S/ cx. 17 - 29

Título	QUIMICA E ARQUEOLOGIA: DATAÇÃO PELO RADIOCARBONO		
Autor	CABRAL, João M. Peixoto		
Zona ed.			
Temático	1. Arqueologia: Métodos de datação		
Notas	Texto dactilografado		
Registo	7774	Cota	Bib. S/ 314
Título	RADIOCARBON: CALIBRATION AND PREHISTORY		
Autor	WATKINS, Trevor; ed.		
Zona ed.	Edimburgo: University Press, 1975		
Temático			
Notas	Folhas soltas		
Registo	7771	Cota	Bib. S/ cx. 17 - 21
Título	RAPPORTS DE LA PRÉHISTOIRE AFRICAINE AVEC LA PRÉHISTOIRE GÉNÉRALE (LES)		
Autor	(s.n.)		
Zona ed.	(s.I.): (s.n.), (s.d.)		
Temático	1. Arqueologia: Pré-História		
Notas	Folhas Soltas		
Registo	7630	Cota	Bib. S/ cx. 13 - 35
Título	REALIDADE E FICÇÃO		
Autor	RUSSELL, Bertrand; PEDRO, António Neves; trad		
Zona ed.	Lisboa: Europa-América, 1965		
Temático	1. Filosofia		
Notas			
Registo	6796	Cota	Bib. S/ 112
Título	RECENÇÕES BIBLIOGRÁFICAS		
Autor	ALARCÃO, Adília; ALARCÃO, Jorge de		
Zona ed.	Coimbra: Universidade de Coimbra, 1973		
Temático	1. Bibliografias: Arqueologia – Cerâmicas – séc. I d.C. - VII		
Notas	Sep. de: "Conimbriga", 1973, Vol. XII		
Registo	7499	Cota	Bib. S/ cx. 11 - 4
Título	RECENÇÕES E NOTAS BIBLIOGRÁFICAS		
Autor	ALARCÃO, Jorge de		
Zona ed.	Coimbra: Universidade de Coimbra, 1960 -61		
Temático	1. Bibliografias. Arqueologia		
Notas	Sep. de: "Conimbriga", 1960 – 61, Vol. II-III		
Registo	7528	Cota	Bib. S/ cx. 11 - 2
Título	RECHERCHES GÉOLOGIQUES SUR LE CRÉTACÉ INFÉRIEUR DE L'ESTREMADURA: PORTUGAL		
Autor	REY, Jacques		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1972		
Temático	1. Geologia: Estremadura - Portugal		
Notas	(Memória / Serviços Geológicos de Portugal; 21)		
Registo	6901	Cota	Bib. S/ 180
Título	RECIENTE DECUBRIMIENTO DE UNA TUMBA ROMANA DEL SIGLO I DE LA ERA EN LA ZONA DEL ANFITEATRO DE CARMONA		
Autor	FERNANDEZ-CHICHORRO Y DE DIOS, Concepcion		
Zona ed.	Sevilha: Real Academia de Bellas Artes de Santa Isabel de Hungria, 1978		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Túmulo romano – Sec. I - Sevilha		
Notas	Sep. de: "Boletín de Bellas Artes", 2ª Epoca, N.º VI		
Registo	7958	Cota	Bib. S/ cx. 2 - 19
Título	RECINTO MEGALÍTICO DE FONTE FUNDEIRA – CASTELO BRANCO		
Autor	HENRIQUES, Francisco José Ribeiro		
Zona ed.	(Castelo Branco: (s.n.), 1974)		
Temático	1. Monumentos Arqueológicos: Castelo Branco		
Notas	(In: "Beira Baixa", Castelo Branco, 1974, A . XXX, Vol. VII, n.º 1919). Fotocópias		
Registo	7804	Cota	Bib. S/ cx. 17 - 24
Título	RECOLHAS ETNOGRÁFICAS EM PENHA GARCIA – CRENÇAS DEVOCIONAIS		
Autor	GUADALUPE, Vasco Fernandes de		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1965		
Temático	1. Etnografia: Penha Garcia - Portugal		
Notas	Sep. de: "Revista de Portugal Série A – Lingua Portuguesa", Lisboa, 1965, Vol. XXX	(2 exempl.)	
Registo	7938	Cota	Bib. S/ cx. 1 – 20, 21

Título	RECONHECIMENTOS ARQUEOLÓGICOS DE EMERGÊNCIA NAS HERDADES DA COMENDA DA IGREJA E COMENDINHA – MONTEMOR O NOVO		
Autor	PAÇO, Afonso do; LEMOS, João de		
Zona ed.	Porto: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, 1962		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Montemor-o-Novo		
Notas	Sep. de: "Publicações do XXVI Congresso Luso-Espanhol" Secção VII		
Registo	7075	Cota	Bib. S/ cx. 4 - 5
Título	REESTRUTURAÇÃO DA ACTIVIDADE ARQUEOLÓGICA EM PORTUGAL: DOCUMENTO DE 15 -III - 1975		
Autor	MARQUES, Gustavo; PEREIRA, Jorge Paulino; COELHO, Luís		
Zona ed.	Lisboa: EDA, 1976		
Temático	1. Arqueologia: Reestruturação de actividade - 1975		
Notas			
Registo	7010	Cota	Bib. S/ cx. 3 - 35
Título	REFLEXOS A PROPÓSITO DE UM FRAGMENTO DE CERÂMICA CARDIAL EXISTENTE NO MUSEU ETNOLÓGICO DO DR. LEITE DE VASCONCELOS		
Autor	FERREIRA, Fernando Bandeira		
Zona ed.	Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1960		
Temático	1. Museus: M. Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos 2. Cerâmica cardinal		
Notas	Sep. de: "Revista da Faculdade de Letras de Lisboa", 1960. III S. , N.º 4		
Registo	7809	Cota	Bib. S/ cx. 18 - 12
Título	REFLEXOS EM TORNO DA CULTURA DO SUDOESTE (ALGUMAS)		
Autor	MAIA, Manuel		
Zona ed.	Vitoria-Gasteiz: Instituto de Ciências de la Antigüidad de la Universidad del País Vasco, 1987		
Temático	1. Achados Arqueológicos: I Idade do Ferro – Castro Verde		
Notas	Sep. de: "Studia Paleohispanica: Actas del IV Colóquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas – Vitoria-Gasteiz, 6-10 Mayo 1985". In "Veleia", N.º 2-3.		
Registo	7686	Cota	Bib. S/ cx. 15 - 9
Título	REFLEXÕES EM TORNO DE AVIENO E DO POEMA "ORA MARITIMA" - I		
Autor	ALMEIDA, Justino Mendes		
Zona ed.	Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa, 1965		
Temático	1. : Poesia: "Ora Marítima"		
Notas	Sep. de: "Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa", 1965, Jan – Jun.		
Registo	7369	Cota	Bib. S/ cx. 9 - 13
Título	REFORMAS DO ALFABETO E A PROVÁVEL ORIGEM SUL-OCIDENTAL DA CIVILIZAÇÃO EUROPEIA (AS)		
Autor	RIBEIRO, Leonel		
Zona ed.	Porto: (s.n.), 1966		
Temático	1. Linguística		
Notas	Sep. de. "Actas do IV Colóquio Portuense de Arqueologia", In: "Lucerna", 1966, Vol. V		
Registo	7382	Cota	Bib. S/ cx. 9 - 26
Título	REGIME COMUNITÁRIO PASTORIL NA SERRA AMARELA: ERMIDA – PONTE DA BARCA		
Autor	CRUZ, João Amorim Machado		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Correia", 1969		
Temático	1. Sociologia: Regime comunitário pastoril – Ponte da Barca		
Notas	(Trabalhos de Antropologia "Dr. Mendes correia"; 2)		
Registo	7027	Cota	Bib. S/ cx. 3 - 18
Título	REGULAMENTO DO ARQUIVO HISTÓRICO DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES: APROVADO PELA ASSEMBLEIA GERAL EM 31 DE MARÇO DE 1927		
Autor	ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES; resp.		
Zona ed.	Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses		
Temático	1. Instituições: Associação dos Arqueólogos Portugueses		
Notas			
Registo	8078	Cota	Bib. S/ 350
Título	RELATÓRIO DA GERÊNCIA E PARECER DA COMISSÃO REVISORA DE CONTAS – REFERIDOS A 31 DE DEZEMBRO DE 1968		
Autor	COMISSÃO REVISORA DE CONTAS; resp.		
Zona ed.	Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa, (1969)		
Temático	1. Contabilidade: Relatórios de contas		
Notas			
Registo	7600	Cota	Bib. S/ cx. 13 - 15
Título	RELATÓRIO DA GERÊNCIA E PARECER DA COMISSÃO REVISORA DE CONTAS – REFERIDOS A 31 DE DEZEMBRO DE 1971		
Autor	COMISSÃO REVISORA DE CONTAS; resp.		
Zona ed.	Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa, (1972)		
Temático	1. Contabilidade: Relatórios de contas		
Notas			
Registo	7601	Cota	Bib. S/ cx. 13 - 16

Título	RELATÓRIO DAS ACTIVIDADES DO GRUPO ALCAIDES DE FARIA AGREGADO Á ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES PELO SEU PRESIDENTE DA DIRECÇÃO E CONSERVADOR DO MUSEU		
Autor	VILAS-BOAS, Joaquim Sellés Pais de		
Zona ed.	Barcelos: (s.n.9, 1948		
Temático	1. Relatórios: Alcaides de Faria		
Notas	Texto dactilografado		
Registo	7978	Cota	Bib. S/ cx. 19 - 21
Título	RELATÓRIO DAS ESCAVAÇÕES FEITAS NA ESTAÇÃO NEO-ENEOLÍTICA DE MONTES-CLAROS POR ALUNOS DO LICEU DE GIL VICENTE, DE 25 DE FEVEREIRO DE 1959 A 8 DE JANEIRO DE 1964, SEMPRE PRESENCIADAS E DIRIGIDAS PELO SEU PROFESSOR LEONEL RIBEIRO		
Autor	RIBEIRO, Leonel		
Zona ed.	Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1966		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Estação neo-eneolítica de Montes-Claros 2. Estações arqueológicas: Montes-Claros - Lisboa		
Notas	Sep. de: "Arqueologia e História", 8ª S., Vol. XII (2 exemplares)		
Registo	7732	Cota	Bib. S/ cx. 15 - 18
Título	RELATÓRIO DAS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NO CEARÁ		
Autor	CENTRO DE INFORMAÇÃO ARQUEOLÓGICA; resp.		
Zona ed.	Centro de Informação Arqueológica, 1971		
Temático	1. Arqueologia: Ceará		
Notas			
Registo	6826	Cota	Bib. S/ 18
Título	RELATÓRIO DE ACTIVIDADES - 1892: DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA		
Autor	DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA; resp.		
Zona ed.	Lisboa: Ministério da Cultura e Coordenação Científica, 1983		
Temático	1. Arqueologia		
Notas			
Registo	7778	Cota	Bib. S/ cx. 17 - 11
Título	RELATÓRIO DO PRESIDENTE: 1 DE JANEIRO DE 1972 - 31 DE DEZEMBRO DE 1974 (VI)		
Autor	FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN; resp.		
Zona ed.	Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1976		
Temático	1. Instituições: Fundação Calouste Gulbenkian		
Notas			
Registo	6817	Cota	Bib. S/ 22
Título	RELATÓRIO PRELIMINAR DE ACTIVIDADES ARQUEOLÓGICAS DESENVOLVIDAS EM PAVIA-CABEÇÃO ENTRE DEZEMBRO DE 1978 E ABRIL DE 1979 POR UM GRUPO DE ESTUDANTES E PROFESSORES DE LISBOA		
Autor	ALMEIDA, Álvaro; SILVA, António; LOURENÇO, Manuela		
Zona ed.	Lisboa: Núcleo de Arqueologia do Liceu D. Pedro V, 1979		
Temático	1. Prospeção arqueológica		
Notas			
Registo	7796	Cota	Bib. S/ cx. 17 - 33
Título	RELIGION PRÉHISTORIQUE: ÉTUDE D'ARCHÉOLOGIE PRÉHISTORIQUE PALÉOLITHIQUE - MÉSOLITHIQUE - NÉOLITHIQUE (LA)		
Autor	JAMES, E. O.		
Zona ed.	Paris: Payot, 1959		
Temático	1. Religião: Pré-História 2. Arqueologia: Sepulturas		
Notas			
Registo	6844	Cota	Bib. S/ 83
Título	RESENHA GEOLÓGICA DO CONCELHO DE CASCAIS		
Autor	ZBYSZEWSKI, Georges		
Zona ed.	Cascais: Câmara Municipal de Cascais, 1964		
Temático	1. Geologia: Concelho de Cascais		
Notas			
Registo	7759	Cota	Bib. S/ cx. 16 - 31
Título	RESTES D'HIPPOTAME ET DE CERFS D'ALGOZ (LES)		
Autor	ZBYSZEWSKI, Georges		
Zona ed.	Lisboa: Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, 1950		
Temático	1. Achados arqueológicos: Algoz - Algarve		
Notas	Sep. de: "Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal", T. XXI		
Registo	7326	Cota	Bib. S. / cx. 8 - 10

Título	RESULTADOS PRELIMINARES DE UMA SONDAÇÃO ARQUEOLÓGICA DA CHÃ DO CASTRO – AMARES, BRAGA		
Autor	JORGE, Susana Maria Soares Rodrigues Lopes de Oliveira; SOUSA, José João Rigaud de		
Zona ed.	Guimarães: (s.n.), 1980		
Temático	1. Sondagens arqueológicas: Chã do Castro – Braga – 1978 2. Achados arqueológicos: Chã do Castro – Braga - 1978		
Notas	Sep. de: "Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular", Vol. I		
Registo	7681	Cota	Bib. S/ cx. 14 - 16
Título	RETRATOS DE ARGANTONIO?		
Autor	MATA CARRIAZO, Juan de		
Zona ed.	Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, 1978		
Temático	1. Biografias: Argantonio – Rei de Tartesos		
Notas	Sep. de: "Homenaje a Julio Caro Baroja", Madrid, 1978		
Registo	7312	Cota	Bib. S/ cx. 7 - 28
Título	REUNIÃO PLENÁRIA DO GABINETE DE ESTUDOS DA DIRECÇÃO-GERAL DE EDUCAÇÃO DO MINISTÉRIO DO ULTRAMAR (I)		
Autor	ALMEIDA, Justino Mendes de		
Zona ed.	Lisboa: Agência-Geral do Ultramar, 1967		
Temático	1. Ensino: Ultramar		
Notas	Sep. de: "Boletim Geral do Ultramar", n.º 505-506		
Registo	7836	Cota	Bib. S/ cx. 19 - 6
Título	REVISÃO DA LEITURA DE UMA INSCRIÇÃO MEDIEVAL		
Autor	SOUSA, J. M. Cordeiro de		
Zona ed.	Sintra: Câmara Municipal de Sintra, 1956		
Temático	1. Inscrições Medievais		
Notas	2 exemplares		
Registo	7368 / 7518	Cota	Bib. S/ cx. 9 - 12
Título	REVISÃO DOS PROBLEMAS DO PALEOLÍTICO, MESOLÍTICO E ASTURIENSE		
Autor	PAÇO, Afonso do		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1941		
Temático	1. Arqueologia: Paleolítico, Mesolítico e Asturiense		
Notas	Inclui mais duas comunicações do mesmo autor.		
Registo	7677	Cota	Bib. S/ cx. 15 - 1
Título	ROCHA COM COVINHAS NA RIBEIRA DO PRACANA		
Autor	MONTEIRO, Jorge Pinho; GOMES, Mário Varela		
Zona ed.	Lisboa: Secretaria do Estado da Cultura – Direcção-Geral do Património Cultural, 1974-1977		
Temático	1. Arte rupestre: Ribeira do Pracana		
Notas	Sep. de: "O Arqueólogo Português", S. III, Vol. VII-IX		
Registo	7149	Cota	Bib. / cx. 5 - 39
Título	ROCHAS DECORADAS DA ALAGOA: TONDELA – VISEU (AS)		
Autor	GOMES, Mário Varela; MONTEIRO, Jorge Pinho		
Zona ed.	Lisboa: Secretaria do Estado da Cultura – Direcção-Geral do Património Cultural, 1974-1977		
Temático	1. Arte rupestre: Alagoa – Tondela - Viseu		
Notas	Sep. de: "O Arqueólogo Português", S. III, Vol. VII-IX		
Registo	7150	Cota	Bib. S/ cx. 5 - 38
Título	ROCHAS GRANÍTICAS DO MINHO E DOURO: NOVOS ELEMENTOS PARA O SEU CONHECIMENTO		
Autor	ASSUNÇÃO, C. F. Torre de		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1962		
Temático	1. Geologia: Petrologia – Minho - Douro		
Notas	(Memória/Serviços Geológicos de Portugal; 10)		
Registo	6901	Cota	Bib. S/ 172
Título	ROCHAS MINERAIS		
Autor	SHAFFER, Paul		
Zona ed.	Lisboa: Bertrand, (s.d.)		
Temático	1. Geologia		
Notas			
Registo	6790	Cota	Bib. S/ 151
Título	ROLE OF THE UPPER DUERO AND EBRO BASINS IN MEGALITHIC DIFFUSION (THE)		
Autor	SAVORY, Hubert N.		
Zona ed.	Valladolid: Universidad de Valladolid: Seminario de Estudios de Arte y Arqueologia, 1975		
Temático	1. Arqueologia: Cultura megalítica		
Notas	Sep. de: "Boletín del Seminario de Estudios de arte y Arqueologia", 1975, T. XL, LXI		
Registo	7269	Cota	Bib. S/ cx. 6 - 36

Título	ROMANIZACION EN EL CAMPO DE LIRIA (LA)		
Autor	MARTIN, Gabriela; MASCARELL, Milagro Gil		
Zona ed.	Valencia: Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Valencia, 1969		
Temático	1. Arqueologia: Romanização		
Notas	(Papeles del Laboratorio de Arqueologia de Valencia; 7)		
Registo	7171	Cota	Bib. S/ 323
Título	ROTE GLATTSTREIFEN-KERAMIK IN AFGHANISTAN		
Autor	KALB, Philine		
Zona ed.	Berlin: Dietrich Reimer Verlag, 1973		
Temático	1. Cerâmica: Afganistão		
Notas	Sep. de: "Archaeologische Mitteilungen aus Iran", 1973, N.º 6		
Registo	7789	Cota	Bib. S/ cx. 17 - 6
Título	ROTEIROS DA ARQUEOLOGIA PORTUGUESA: 1 – LISBOA E ARREDORES		
Autor	ARAÚJO, Ana Cristina; doc. ; (et al.)		
Zona ed.	Lisboa: Instituto Português do Património Cultural: Dep. de Arqueologia, 1986		
Temático	1. Arqueologia Portuguesa		
	2. Cultura: Arqueologia		
Notas			
Registo	7975	Cota	Bib. S/ cx. 2 - 2
Título	RUI DE SERPA PINTO: PALAVRAS LIDAS NA REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DA SECÇÃO DE PREHISTÓRIA DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES (DR.)		
Autor	PAÇO, Afonso do		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1934		
Temático	1. Biografias: Rui de Serpa Pinto – 1907 – 1932		
	2. Bibliografias: Rui de Serpa Pinto		
Notas	Sep. de: "Revista de Arqueologia", T. 1.º, fasc. IX		
Registo	7083	Cota	Bib. S/ cx. 5 - 3
Título	RUÍNAS DE IDANHA-A-VELHA: CIVITAS IGAEDITANORUM EGITÂNIA: GUIA PARA O VISITANTE		
Autor	ALMEIDA, Fernando		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1977		
Temático	1. História: Idanha-a-Velha		
	2. Monumentos arqueológicos: Ruínas de Idanha-a-Velha		
Notas			
Registo	7121	Cota	Bib. S/ cx. 4 - 47
Título	RUÍNAS DE MIRÓBRIGA DOS CÉLTICOS – SANTIAGO DO CACÉM		
Autor	ALMEIDA, Fernando		
Zona ed.	Setúbal: Junta Distrital de Setúbal, 1964		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Ruínas de Miróbriga – Santiago do Cacém		
	2. Achados arqueológicos: Ruínas de Miróbriga – Santiago do Cacém		
Notas			
Registo	7736	Cota	Bib. S/
Título	SABELLER – UMA FAMÍLIA DE PESCADORES (OS)		
Autor	ISIDORO, Agostinho Farinha		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Correia", 1973		
Temático	1. Pesca		
	2. Pescadores: Família "Sabeler"		
Notas	(Trabalhos de Antropologia "Dr. Mendes Correia"; 19)		
Registo	7106	Cota	Bib. S/ cx. 3 – 8
Título	SALITRE E AS SUAS IMEDIAÇÕES (O)		
Autor	COSTA, Mário		
Zona ed.	Lisboa: Conselho de Administração do Banco de Portugal, 1952		
Temático	1. Cidades: Lisboa – O Salitre		
Notas			
Registo	6928	Cota	Bib. S/ 213
Título	SALVAMENTO DE BRACARA AUGUSTA: 1 – O CAMPO ARQUEOLOGICO DA U.M. (BRAGA) BREVE HISTÓRIA ORGANIZAÇÃO E OBJECTIVOS (O)		
Autor	ALVES, Francisco J. S.; (et al.)		
Zona ed.	Braga: Unidade de Arqueologia, 1979		
Temático	1. Arqueologia: Bracara Augusta		
Notas	Sep. de: "O Arqueólogo Português", Lisboa, 3.ª S., N.º 7 –9, 1974-77		
Registo	7112	Cota	Bib. S/ cx. 3 -2
Título	SARCÓFAGO ROMANO DA REGIÃO DE VILA FRANCA DE XIRA		
Autor	HELENO, Manuel		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 194?		
Temático	1. Arqueologia: Sarcófago romano – Vila Franca de Xira		
Notas			
Registo	7340	Cota	Bib. S/ cx. 8 - 17

Título	SAUDOSO ARQUEÓLOGO PROF DOUTOR A. A. MENDES CORRÊA E AS SUAS TESES DUMA GRANDE CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL E DUMA PROVÁVEL ORIGEM OCIDENTAL DO ALFABETO (O)		
Autor	RIBEIRO, Leonel		
Zona ed.	Porto: (s.n.), 1963		
Temático	1. Homenagens: Dr. Mendes Corrêa 2. Cultura megalítica portuguesa		
Notas	Sep. de: "Actas do II Colóquio Português de Arqueologia", In: "Lucerna", 1963, Vol. III		
Registo	7390	Cota	Bib. S/ cx. 9 - 34
Título	SCHMALEN "ARMSCHUTZPLATTEN" (DIE)		
Autor	SANGMEISTER, Edward		
Zona ed.	(s.l.): (s.n.), 1964		
Temático	1. Cerâmica industrial pré-histórica		
Notas	Sep. de: "Studien aus Alteuropa"		
Registo	7808	Cota	Bib. S/ cx. 18 - 16
Título	SECTION THROUGH THE INNERMOST RAMPART AT THE CALCOLITHIC CASTRO OF VILA NOVA DE S. PEDRO, SANTAREM - 1959 (A)		
Autor	SAVORY, Hubert N.		
Zona ed.	Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1970		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Vila Nova de S. Pedro - Santarém		
Notas	Sep. de: "Actas das I Jornadas Arqueológicas"		
Registo	7618	Cota	Bib. S/ cx. 13 - 20
Título	SELOS NATIVOS DA ÍNDIA (OS)		
Autor	ELL, J.; LIMA, Armando; introd.		
Zona ed.	(Lisboa): Comissariado para os assuntos do Estado da Índia, 1971		
Temático	1. Filatelia: Selos da Índia		
Notas	Reedição para o Centenário do selo postal do Estado da Índia		
Registo	7119	Cota	Bib. S/ cx. 4 - 45
Título	SEMENTES INCARBONIZADAS DO "BALEAL" - PENICHE		
Autor	PAÇO, Afonso do		
Zona ed.	Coimbra: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, 1957		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Baleal - Peniche 2. Achados arqueológicos: Sementes incarbonizadas - Baleal - Peniche		
Notas	Sep. de: "XXIII Congresso Luso-Espanhol", T. VIII		
Registo	7819	Cota	Bib. S/ cx. 18 - 3
Título	SEMENTES PRÉ-HISTÓRICAS DO CASTRO DE VILA NOVA SE S. PEDRO		
Autor	PAÇO, Afonso do		
Zona ed.	Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1954		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Castro de Vila Nova de S. Pedro 2. Achados arqueológicos: Sementes pré-históricas		
Notas	Sep. de: "Anais" / A .P. H. , Lisboa, IIª S., vol. 5		
Registo	7794	Cota	Bib. S/ cx. 17 - 35
Título	SEPULCROS MEGALITICOS DE HUELVA: EXCAVACIONES ARQUEOLÓGICAS DEL PLAN NACIONAL 1946 (LOS)		
Autor	CERDÁN MÁRQUEZ, Carlos; LEISNER, Georg; LEISNER, Vera		
Zona ed.	Madrid: Ministerio de Educacion Nacional, 1952		
Temático	1. Monumentos funerários: Sepulcros megalíticos - Huelva		
Notas	(Informes y Memórias; 26)		
Registo	7983	Cota	Bib. S/ 352
Título	SEPULTURA DO REI MOURO: UMA ESTAÇÃO DA IDADE DO FERRO - NEGRAIS - SINTRA (A)		
Autor	SERRÃO, Eduardo da Cunha; VICENTE, Eduardo Prescott		
Zona ed.	Porto: (s.n), 1980		
Temático	1. Monumentos funerários: Sepultura do Rei Mouro - Negrais - Sintra 2. Estações arqueológicas: Idade do Ferro - Negrais - Sintra		
Notas	Sep. de: "Arqueologia", 1980, Junho, nº 1		
Registo	7283	Cota	Bib. S/ cx. 7 - 21
Título	SEPULTURA II DO TAPADO DA CALDEIRA - CONCELHO DE BAIÃO (A)		
Autor	JORGE, Susana de Oliveira		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa", 1980		
Temático	1. Monumentos arqueológicos: Sepultura II do Tapado da Caldeira - Baião		
Notas	Sep. de: (Trabalhos do Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa); 41)		
Registo	8005	Cota	Bib. S/ cx. 19 - 28
Título	SEPULTURA LUSO-ROMANA DESCOBERTA NO CONCELHO DE CONSTÂNCIA		
Autor	ALARCÃO, Jorge de; ALARCÃO, Adília		
Zona ed.	Porto: (s.n.), 1966		
Temático	1. Sepultura lusoromana - Constância 2. Achados arqueológicos: Sepultura lusoromana - Constância		
Notas	Sep. de: "Museu", 1966, 2ª Série, nº 10		
Registo	7163	Cota	Bib. S/ cx. 5 - 49

Título	SEPULTURAS ARGÁRICAS DA "FOLHA DAS PALMEIRAS" - MOURÃO		
Autor	PAÇO, Afonso do; LEAL, Joaquim Bação		
Zona ed.	Évora: (s.n.), 1963		
Temático	1. Arqueologia: Sepulturas argáricas - Mourão		
Notas	Sep. de: "A Cidade de Évora", 1963, Vol. 45-46		
Registo	7230	Cota	Bib. S/ cx. 6 - 17
Título	SEPULTURAS ARGÁRICAS DA HERDADE DA "QUEIJEIRINHA" - MOURÃO		
Autor	PAÇO, Afonso do; LEAL, Joaquim Bação		
Zona ed.	Beja: (s.n.), 1964		
Temático	1. Arqueologia: Sepulturas argáricas - Mourão		
Notas	Sep. de: "Arquivo de Beja", 1964, Vol. XX-XXI		
Registo	7232	Cota	Bib. S/ cx. 6 - 18
Título	SERIA MUMADONA TIA DE RAMIRO II, REI DE LEÃO?		
Autor	CARDOSO, Mário		
Zona ed.	Braga: (s.n.), 1963		
Temático	1. História: Guimarães		
Notas	Sep. de: "Bracara Augusta", Vol. XIV-XV, nº 1-2 (49-50)		
Registo	7425	Cota	Bib. S/ cx. 10 - 13
Título	SERPENTIFORMS IN MEGALITHIC ART: A LINK BETWEEN WALES AND THE IBERIAN NORTH-WEST		
Autor	SAVORY, Hubert N.		
Zona ed.	Madrid: (s.n.), 1973		
Temático	1. Arte megalítica		
Notas	Sep. de: "Cuadernos de Estudios Gallegos", T. XXVIII, fasc. 84		
Registo	7062	Cota	Bib. S/ cx. 4 - 16
Título	SERVIÇOS GEOLÓGICOS DE PORTUGAL: CATÁLOGO POR ORDEM CRONOLÓGICA DAS PUBLICAÇÕES DOS SERVIÇOS GEOLÓGICOS DE PORTUGAL E ORGANISMOS QUE O ANTECEDERAM - 1865-1948		
Autor	DIRECÇÃO-GERAL DE MINAS E SERVIÇOS GEOLÓGICOS; resp.		
Zona ed.	Lisboa: Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos, 1949		
Temático	1. Catálogos bibliográficos		
Notas			
Registo	7826	Cota	Bib. S/ cx. 8 - 14
Título	SESIMBRA MONUMENTAL E ARTÍSTICA		
Autor	SERRÃO, Eduardo da Cunha; SERRÃO, Vítor		
Zona ed.	Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, 1986		
Temático	1. Monumentos: Sesimbra		
	2. Arte: Sesimbra		
Notas	Três exemplares		
Registo	6820	Cota	Bib. S/ cx. 25 - 26
Título	SESIMBRA NO MITO E NA HISTÓRIA DA PORTUGALIDADE		
Autor	PRETO, Jorge; ALBARRAN, Eduardo da Costa; apres.		
Zona ed.	Setúbal: Junta Distrital de Setúbal, 1967		
Temático	1. Reconquistas: Sesimbra		
	2. História de Portugal: Reconquista de Sesimbra		
Notas			
Registo	7331	Cota	Bib. S/ cx. 8 - 6
Título	SETUBALENSES: HOMENS ILUSTRES DA IGREJA		
Autor	PAXECO, Óscar		
Zona ed.	Setúbal: Junta Distrital de Setúbal, 1966		
Temático	1. Igreja: Ilustres de Setúbal		
Notas			
Registo	7974	Cota	Bib. S/ cx. 2 - 3
Título	SIGNIFICATION DES REPRÉSENTATIONS ÉROTIQUES DANS LES ARTS SAUVAGES ET PRÉHISTORIQUES (LA)		
Autor	CHARRIÈRE, G.		
Zona ed.	Paris: G.-P. Maisonneuve et Larose, 1970		
Temático	1. Arte rupestre: Representações eróticas - Pré-História		
Notas			
Registo	6842	Cota	Bib. S/ 81
Título	SILVER TRUMPET-BROOCH WITH RELIEF DECORATION PARCEL-GILT FROM CARMARTHEN AND A NOTE ON THE DEVELOPMENT OF THE TYPE (A)		
Autor	BOON, George C.; SAVORY, Hubert N.		
Zona ed.	Oxford: University Press, 1975		
Temático	1. Arte		
Notas	Sep. de: "The Antiquaries Journal", 1975, Vol. LV, Parte. I		
Registo	7064	Cota	Bib. S/ cx. 4 - 14

Título	SIMBOLOS ASTRAIS DAS LÁPIDES LUSO-ROMANAS		
Autor	BELO, Aurélio Ricardo		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1959		
Temático	1. Inscrições: Lápides luso-romanas		
Notas	Sep. de: "Estremadura", S.II - 1957, N° XLIV-XLVI; 1958, N° XLVII-XLIX		
Registo	7942	Cota	Bib. S/ cx. 2 - 28
Título	SINAIS DE PORTUGALIDADE		
Autor	BUGALHO, Mário Ferreira		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1990		
Temático	1. Numismática		
Notas	Comunicação apresentada ao I Congresso Numismático de Portugal. Texto dactilografado		
Registo	7864	Cota	Bib. S/ 312-7
Título	SINES TERRA DE VASCO DA GAMA		
Autor	SOLEDADE, Arnaldo		
Zona ed.	Setúbal: Junta Distrital de Setúbal, 1973		
Temático	1. História: Sines		
Notas			
Registo	6815	Cota	Bib. S/ 31
Título	SINTRA DO PRETÉRITO		
Autor	PEREIRA, Félix Alves		
Zona ed.	Sintra: Câmara Municipal de Sintra, 1957		
Temático	1. Cidades: Sintra 2. Arqueologia: Estações arqueológicas - Sintra		
Notas			
Registo	6804	Cota	Bib. S/ 45
Título	SINTRA E O SEU TERMO: ESTUDO GEOGRÁFICO		
Autor	BOLÉO, José de Oliveira		
Zona ed.	Sintra: Câmara Municipal de Sintra, 1973		
Temático	1. Geografia: Sintra		
Notas	2ª ed.		
Registo	6911	Cota	Bib. S/ 199
Título	GABINETE DE ESTUDOS DE ARQUEOLOGIA, ARTE E ETNOGRAFIA		
Autor	CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA; resp.		
Zona ed.	Sintra: Câmara Municipal de Sintra, 1987		
Temático			
Notas	(1982-1983), Vol. I-II, T. 1		
Registo	7697	Cota	Bib. S/ 307
Título	SITUAÇÃO DAS CIÊNCIAS DO HOMEM NO SISTEMA DAS CIÊNCIAS (A)		
Autor	PIAGET, Jean; REIS, Isabel Cardigos dos; trad.		
Zona ed.	Lisboa: Bertrand, (s.d.)		
Temático	1. Ciências do Homem		
Notas	(Ciências Sociais e Humanas; 1)		
Registo	6860	Cota	Bib. S/ 103
Título	SÍTULA DA FREGUESIA DE FLOR DA ROSA - CONCELHO DO CRATO (UMA)		
Autor	ISIDORO, Agostinho Farinha		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa", 1976		
Temático	1. Arqueologia: Sítula da freguesia de Flor da Rosa		
Notas	(Trabalhos do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa", N.º 31)		
	2 exempl.		
Registo	7050; 7131	Cota	Bib. S/ cx. 4 - 28; cx. 5 - 23
Título	SOBRE A PERIODIZAÇÃO DO NEOLÍTICO E CALCOLÍTICO DO TERRITÓRIO PORTUGUÊS		
Autor	SERRÃO, Eduardo da Cunha		
Zona ed.	Porto: (Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto), 1979		
Temático	1. Arqueologia: Periodização do Neolítico e Calcolítico - Portugal		
Notas	Sep. de: "Actas da 1ª Mesa-Redonda sobre o Neolítico e Calcolítico em Portugal", 1979		
Registo	7362	Cota	Bib. S/ cx. 9 - 6
Título	SOBRE AS ÂNFORAS DO ACAMPAMENTO ROMANO DA LOMBA DO CANHO - ARGANIL		
Autor	FABIÃO, Carlos		
Zona ed.	Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica		
Temático	1. Arqueologia: Ânforas romanas - Portugal		
Notas	(Cadernos da Uniarq; 1)		
Registo	6952	Cota	Bib. S/ 222

Título	SOBRE EL VALOR CRONOLOGICO DE LAS ANFORAS ROMANAS		
Autor	MARTINEZ SANTA-OLALLA, Julio		
Zona ed.	Madrid: Seminario de História Primitiva del Hombre, 1948		
Temático	1. Arqueologia: Ânforas romanas		
Notas	Sep. de: "Cuadernos de Historia Primitiva", A . III, N.º 2		
Registo	7327	Cota	Bib. S/ cx. 8 - 9
Título	SOBRE O CONCEITO DE PRÉ-HISTÓRIA		
Autor	JORGE, Vítor Manuel de Oliveira; JORGE, Susana Maria Soares Rodrigues Lopes de Oliveira		
Zona ed.	Porto: Centro Universitário do Porto, (s.d.)		
Temático	1. Pré-História		
Notas	(Textos de apoio da cadeira de pré-história geral; n.º 2). Textos dactilografados		
Registo	7634	Cota	Bib. S/ cx. 13 - 31
Título	SOBRE O CONCEITO DE PRÉ-HISTÓRIA: BREVE APONTAMENTO		
Autor	JORGE, Susana de Oliveira; JORGE, Vítor Manuel de Oliveira		
Zona ed.	Guimarães: Companhia Editora do Minho, 1978		
Temático	1. Pre-História		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães", vol. LXXXVII		
Registo	7147	Cota	Bib. S/ cx. 5 - 32
Título	SOBRE O ROTEIRO DE SOFALA DO ÁRABE HAMAD IBN-MADJID		
Autor	BARRADAS, Lerenó		
Zona ed.	Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1971		
Temático	1. Roteiros: Sofala 2. Pilotos árabes: Hamad Ibn-Madjid		
Notas	Sep. de: "Studia", 1971, N.º 32		
Registo	7474	Cota	Bib. S/ cx. 11 - 29
Título	SOCIOLOGIA GERAL		
Autor	SANTOS, Júnior, J. Rodrigues dos		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Correia", (s.d.)		
Temático	1. Sociologia		
Notas			
Registo	7021	Cota	Bib. S/ cx. 3 - 24
Título	SOILS FOR THE ARCHAEOLOGIST		
Autor	CORNWALL, I. W.		
Zona ed.	Londres: Phoenix House, 1958		
Temático	1. Arqueologia 2. Arqueologia: Técnicas de investigação		
Notas			
Registo	6800	Cota	Bib. S/ 41
Título	SOLUTRENSE EN AFRICA? LOS HALLAZGOS PALEOLITICOS DE TANGER		
Autor	MARTINEZ SANTA-OLALLA, Julio		
Zona ed.	Madrid: (s.n.), 1946		
Temático	1. Achados arqueológicos: Paleolítico - Tanger		
Notas	Sep. de: "Cuadernos de Historia Primitiva", 1946, A . I, N.º 2		
Registo	7164	Cota	Bib. S/ cx. 5 - 43
Título	SORIA: CARTA ARQUEOLÓGICA DE ESPAÑA		
Autor	TARRACENA AGUIRRE, B.		
Zona ed.	Madrid: Instituto Diego Velásquez, 1941		
Temático	1. Cartas arqueológicas: Soria - Espanha		
Notas			
Registo	7203	Cota	Bib. S/ 289
Título	SPANISH POTTERY IMPORTED INTO MEDIEVAL BRITAIN		
Autor	HURST, J. G.		
Zona ed.	(s.l.): (s.n.), 1977		
Temático	1. Cerâmica espanhola: Inglaterra medieval		
Notas	Sep. de: "Medieval Archaeology", 1977, Vol. XXI		
Registo	7345	Cota	Bib. S/ cx. 8 - 23
Título	SPÉLÉOLOGIE (LA)		
Autor	TROMBE, Félix		
Zona ed.	Paris: Presses Universitaires de France, 1956		
Temático	1. Espeleologia		
Notas			
Registo	6758	Cota	Bib. S/ 138

Título	STOBI IN YUGOSLAVIAN MACEDONIA: ARCHAEOLOGICAL EXCAVATIONS AND RESEARCH – 1977-1978		
Autor	WISEMAN, James		
Zona ed.	(s.I.): (s.n.), 1978		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Macedónia - Jugoslávia		
Notas	Sep. de: "Journal of Field Archaeology", 1978, Vol. 5. – Folhas soltas		
Registo	7577	Cota	Bib. S/ cx. 17 – 15
Título	STOBI: A CITY OF ANCIENT MACEDONIA		
Autor	WISEMAN, James		
Zona ed.	MANO-ZISSI, Djordje		
Temático	(s.I.): (s.n.), 1976		
Notas	1. Escavações arqueológicas: Macedónia - Jugoslávia		
Registo	Sep. de: "Journal of Field Archaeology", 1976, vol. 3 7578	Cota	Bib. S/ cx. 12 - 5
Título	STONEHENGE		
Autor	ATKINSON, R. J. C.		
Zona ed.	Australia: Penguin Books, 1960		
Temático	1. Arqueologia: Monumentos megalíticos		
Registo	6990	Cota	Bib. S/ 270
Título	STORY OF MONEY (THE)		
Autor	SEIDLER, Ned		
Zona ed.	Londres: Paul Hamlyn, 1965 (copy.)		
Temático	1. Numismática		
Registo	6996	Cota	Bib. S/ 276
Título	STUDIES IN THE ANTIQUITIES OF STOBI		
Autor	WISEMAN, James; ed.		
Zona ed.	Beograd: (s.n.), 1975		
Temático	1. Arqueologia: Stobi - Macedónia		
Registo	Vol. II. – Ed. bilingue 6814	Cota	Bib. S/ 30
Título	STUDY OF PREHISTORIC METALLURGY (THE)		
Autor	HARTMANN, Axel; SANGMEISTER, Edward		
Zona ed.	Nova Iorque: Academic Press, 1972		
Temático	1. Metalurgia pré-histórica		
Registo	Ed. internacional em inglês 7790	Cota	Bib. S/ cx. 17 - 5
Título	SUBSÍDIOS PARA A HERÁLDICA TUMULAR MODERNA OLISSIPONENSE - II		
Autor	VALDEZ, Ruy Dique Travassos		
Zona ed.	Lisboa: (Junta da Província da Estremadura), 1950		
Temático	1. Heráldica tumular - Lisboa		
Registo	Sep. de: "Boletim da Junta da Província da Estremadura"; vol. II 7847	Cota	Bib. S/ 207
Título	SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DO MUSEU ETNOLÓGICO DO DOUTOR LEITE DE VASCONCELOS		
Autor	MACHADO, João L. Saavedra		
Zona ed.	Lisboa: Ministério da Educação Nacional, 1965		
Temático	1. Museus: Museu Etnológico Português		
Registo	Sep. de: "O Arqueólogo Português", Nova Série, T. V 6897	Cota	Bib. S7 170
Título	SUBSÍDIOS PARA O CONHECIMENTO GEOLÓGICO DO NORDESTE ALENTEJANO		
Autor	GONÇALVES, Francisco		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1971		
Temático	1. Geologia: Nordeste Alentejano		
Registo	(Memória / Serviços Geológicos de Portugal; 18) 6901	Cota	Bib. S/ 177
Título	SUBSÍDIOS PARA O ESTUDO DA CULTURA ARGÁRICA NO ALENTEJO		
Autor	PAÇO, Afonso do; RIBEIRO, Fernando Nunes; FRANCO, Gonçalo Lyster		
Zona ed.	Beja: (s.n.), 1965		
Temático	1. Arqueologia: Cerâmica argárica - Alentejo		
Registo	Sep. de: "Arquivo de Beja", 1965, Vol. XXII 8135	Cota	Bib. S/ cx. 6 - 15
Título	SUBSÍDIOS PARA O ESTUDO DO ACAMPAMENTO ROMANO DE ANTANHOL		
Autor	Vários		
Zona ed.	Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1958		
Temático	1. Arqueologia: Acampamento romano - Antanhol		
Registo	Sep. de: "Biblos", 1958, Vol. XXXV 7737	Cota	Bib. S/ 318

Título	SUBSÍDIOS PARA UMA CARTA ARQUEOLÓGICA DO CONCELHO DE TORRES VEDRAS		
Autor	PAÇO, Afonso do; TRINDADE, Leonel		
Zona ed.	Beja: (s.n.), 1964		
Temático	1. Carta arqueológica: Torres Vedras		
Notas	Sep. de: "Arquivo de Beja", 1963-1964, Vol. XX-XXI		
Registo	7086	Cota	Bib. S/ cx. 5 - 6
Título	SUBSÍDIOS PARA UMA CARTA ARQUEOLÓGICA DO CONCELHO DE VILA DO CONDE		
Autor	PAÇO, Afonso do; PINTO, Elisero		
Zona ed.	Guimarães: (s.n.), 1964		
Temático	1. Carta arqueológica: Vila do Conde		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães", 1964, Vol. LXXIV		
Registo	7084	Cota	Bib. S/ cx. 5 - 4
Título	SUETÓNIO EM PORTUGAL		
Autor	ALMEIDA, Justino Mendes de		
Zona ed.	Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1959		
Temático	1. Literatura: Obra suetoniana		
Notas	Sep. de: "Revista da Faculdade de Letras de Lisboa", 1959, 3ª S., n.º 3		
Registo	7393	Cota	Bib. S/ cx. 9 - 31
Título	SUGESTÕES PARA UM MUSEU ITINERANTE DE ARQUEOLOGIA		
Autor	ALARCÃO, Jorge de		
Zona ed.	Porto: (s.n.9), 1965		
Temático	1. Museus: Museu itinerante de arqueologia		
Notas	Sep. de: "Actas do III Colóquio Portuense de Arqueologia", In: "Lucerna", 1965, Vol. IV		
Registo	7516	Cota	Bib. S/ cx. 12 - 16
Título	SUPUESTA COLONIA GRIEGA DE HEMEROSKOPEION: ESTUDIO ARQUEOLOGICO DE LA ZONA DENIA-JAVEA (LA)		
Autor	MARTIN, Gabriela		
Zona ed.	TARRADELL, M.; pról.		
Temático	Valencia: Facultad de Filosofia y Letras de la Universidad de Valencia, 1968		
Notas	1. Arqueologia: Colónias gregas		
Registo	(Papeles del Laboratorio de Arqueologia de Valencia; 3)	Cota	Bib. S/ 320
Título	TEATROS DA GRAÇA		
Autor	SANTANA, Francisco José Gingeira		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1981-1982		
Temático	1. Teatros: Graça - Lisboa - Séc. XVIII		
Notas	Sep. de: "Olisipo", 1981 - 1982, N.º 144-145		
Registo	7708	Cota	Bib. S/ cx. 16 - 15
Título	TEILHARD DE CHARDIN ET L'UNITÉ DU GENRE HUMAIN		
Autor	LIGNEUL, André; (et al.)		
Zona ed.	Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, 1965		
Temático	1. Colóquios		
Notas	Sep. de: "Estudos Políticos e Sociais", 1965, Vol. III, n.º 3		
Registo	6876	Cota	Bib. S/ 251
Título	TEORIA DEL ESTADO UNIVERSAL EN POLIBIO (LA)		
Autor	ALONSO-NUÑEZ, J. M.		
Zona ed.	Santiago de Compostela: Seminario de Arqueologia Facultad de Filosofia y Letras, 1969		
Temático			
Notas			
Registo	7943	Cota	Bib. S/ cx. 2 - 27
Título	TEORIAS DA HISTÓRIA		
Autor	GARDINER, Patric Lancaster; SÁ, Vítor Matos e; trad. e pref.		
Zona ed.	Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1974		
Temático	1. Filosofia da História		
Notas	2ª ed.		
Registo	6833	Cota	Bib. S/ 73
Título	TERMAS ROMANAS DA RUA DA PRATA (AS)		
Autor	MOITA, Irisalva		
Zona ed.	Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1977?		
Temático	1. Monumentos: Termas romanas - Lisboa		
Notas			
Registo	7078	Cota	Bib. S/ cx. 4 - 2

Título	TERRA SIGILLATA CLARA DE CONÍMBRIGA		
Autor	DELGADO, Manuela		
Zona ed.	Coimbra: Universidade de Coimbra, 1967		
Temático	1. Cerâmicas: Terra sigillata clara - Conímbriga		
Notas	Sep. de: "Conímbriga", 1967, Vol. VI Faltam as págs. 49-64		
Registo	7328	Cota	Bib. S/ cx. 8 - 12
Título	TERRA SIGILLATA CLARA DE MUSEUS DO ALENTEJO E ALGARVE		
Autor	DELGADO, Manuela		
Zona ed.	Coimbra: Universidade de Coimbra, 1968		
Temático	1. Cerâmica: Terra sigillata clara		
Notas	Sep. de: "Conímbriga", 1968, Vol. VII		
Registo	7161	Cota	Bib. S/ cx. 5 - 48
Título	TESORO Y LAS PRIMERAS EXCAVACIONES DE EBORA – SANLÚCAR DE BARRAMEDA (EL)		
Autor	MATA CARRIAZO, Juan de		
Zona ed.	Madrid: Ministério de Educacion y Ciencia, 1964 - 1965		
Temático	1. Achados arqueológicos: Joias – Cádiz 2. Escavações arqueológicas: Cádiz		
Notas	(Excavaciones Arqueologicas en España; 69). (2 exempl.)		
Registo	7660	Cota	Bib. S/ cx. 14 – 22 e 23
Título	TESORO E LAS PRIMERAS EXCAVACIONES EN "EL CARAMBOLO" – CAMAS, SEVILLA (EL)		
Autor	MATA CARRIAZO, Juan de		
Zona ed.	Madrid: Ministerio de Educacion Y Ciencia Dir. General de Bellas Artes, 1970		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Sevilla		
Notas	(Excavaciones Arqueologicas en España; 68)		
Registo	6958	Cota	Bib. S/ 228
Título	TESOURO PÚNICO-TARTÉSSICO DO GAIO – SINES – SÉC. VII a . C.: NOVOS ACHADOS (O)		
Autor	COSTA, J. Miguel da		
Zona ed.	Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1974		
Temático	1. Achados arqueológicos: Tesouro púnico-tartéssico – Sines 2. Necrópoles: Herdade do Gaio – Sines – Idade do Ferro		
Notas	Sep. de: "Actas das II Jornadas Arqueológicas", Vol. II		
Registo	7313	Cota	Bib. S/ cx. 7 - 27
Título	TESOUROS DE ARQUEOLOGIA PORTUGUESA NO MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA		
Autor	MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA; resp.		
Zona ed.	Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e etnologia, 1980		
Temático	1. Joalharia Pré-histórica portuguesa		
Notas	(Catálogo glossário) Texto dactilografado		
Registo	7846	Cota	Bib. S/ cx. 17 - 34
Título	TESOUROS DA ARQUEOLOGIA PORTUGUESA NO MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA – LISBOA 1980		
Autor	PARREIRA, Rui; PINTO, Clara Vaz		
Zona ed.	Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, 1980		
Temático	1. Museus: Arqueologia e Etnologia - Lisboa		
Notas			
Registo	7389	Cota	Bib. S/ cx. 9 - 35
Título	TESTAMENTO DE MUMADONA (O)		
Autor	CARDOZO, Mário		
Zona ed.	Guimarães, 1967		
Temático	1. Documentos: Testamento de Mumadona – Ano de 959		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães", Vol. LXXVII, T. 3-4		
Registo	7996	Cota	Bib. S/ cx. 19 - 31
Título	TESTEMUNHOS DA OCUPAÇÃO ROMANA NA REGIÃO DE MEIMOA: BEIRA-BAIXA		
Autor	ALBERTOS, Maria Lourdes; BENTO, Mário Pires		
Zona ed.	(Espanha: (s.n.), 1975)		
Temático	1. Povoações Romanas: Beira-Baixa		
Notas			
Registo	7113	Cota	Bib. S/ cx. 3 - 1
Título	THERMOLUMINESCENT DATING OF NEOLITHIC AND CHALCOLITHIC POTTERY FROM SITES IN CENTRAL PORTUGAL		
Autor	WHITTLE, E. H.; ARNAUD, José Morais		
Zona ed.	Grã-Bretanha: (s.n.), 1975		
Temático	1. Arqueologia: Cronologia do Neolítico - Portugal		
Notas			
Registo	7579	Cota	Bib. S/ cx. 12 - 21

Título	THOLOS-BAUTEN VON COLADA DE MONTE NUEVO BEI OLIVENZA – PROV. BADAJOZ		
Autor	SCHUBART, Hermanfrid		
Zona ed.	Heidelberg: (s.n.), 1973		
Temático	1. Arqueologia		
Notas			
Registo	7818	Cota	Bib. S/ cx. 18 - 4
Título	TIPOLOGIA E TIPOLOGISTAS DO PALEOLÍTICO		
Autor	JORGE, Vítor Manuel de Oliveira		
Zona ed.	(s.l.): Círculo de Estudos Arqueológicos, 1970		
Temático	1. Paleolítico		
Notas	Fotocópias		
Registo	7347	Cota	Bib. S/ cx. 8 - 34
Título	TIPOLOGIA Y CRONOLOGIA DE LAS ANFORAS PRERROMANAS DEL GUADALQUIVIR SEGUN EL CERRO MACARENO - SEVILLA		
Autor	PELLICER CATALÁN, M.		
Zona ed.	(s.l.): (s.n.), 1978		
Temático	1. Arqueologia: Anforas pré-romanas - Sevilha		
Notas	Sep. de: "Habis", 9, 1978		
Registo	7079	Cota	Bib. S/ cx. 4 - 1
Título	TIPOLOGIA Y TIPOLOGOS DEL PALEOLITICO		
Autor	JORGE, Vítor Manuel de Oliveira		
Zona ed.	Valladolid: Universidad de Valladolid: Seminario de Estudios de Arte y Arqueologia, 1970		
Temático	1. Arqueologia: Paleolítico		
Notas	Sep. de: "Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología", 1970, T. XXXVI		
Registo	7545	Cota	Bib. S/ cx. 19 - 14
Título	TOADAS CANTARES E DANÇAS DE SETÚBAL E SUA REGIÃO: FACTOS E TRADIÇÕES		
Autor	PINTO, Maria Adelaide Rosado		
Zona ed.	Setúbal: Junta Distrital de Setúbal, 1971		
Temático	1. Folclore		
Notas			
Registo	7806	Cota	Bib. S/ 33
Título	TOPONÍMIA DO CONCELHO DE VILA VELHA DE RODÃO		
Autor	HENRIQUES, F.; CANINAS, João Carlos Pires		
Zona ed.	Vila Velha de Rodão: Núcleo Regional de Investigação arqueológica, 1986		
Temático	1. Toponímia: Concelho de Vila Velha de Rodão		
Notas	In: "Preservação" 1982, A . V, N.º 5		
Registo	7712	Cota	Bib. S/ cx. 16 - 32
Título	TORNO A LA ECOLOGIA DEL ASTURIENSE (EN)		
Autor	GOMEZ-TABANERA, Jose Manuel		
Zona ed.	(s.l.): (s.n.), (s.d.)		
Temático	1. Ecologia: Astúrias		
Notas	Sep. de: "XII Congreso Nacional de Arqueologia"		
Registo	7478	Cota	Bib. S/ cx. 11 - 25
Título	TORNO A LA INTRODUCCION EN EUROPA DEL ZEA MAYS Y SU ADOPCION POR ASTURIAS Y EL NOROESTE HISPANICO (EN)		
Autor	GOMEZ-TABANERA, Jose M.		
Zona ed.	Oviedo: Instituto de Estudios Asturianos, 1973		
Temático	1. Arqueologia: Agricultura 2. Economia: Asturias		
Notas	Sep. de: "Boletin del Instituto de Estudios Asturianos", 1973, n.º 78		
Registo	7714	Cota	Bib. S/ cx. 15 - 31
Título	TORQUES DE VILAS BOAS – VILA FLOR (O)		
Autor	SANTOS Junior, J. R. Dos; FREIRE, Osvaldo da Silva		
Zona ed.	Porto: Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa", 1965		
Temático	1. Achados arqueológicos: Vila Flor - Bragança		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães, Vol. LXXV, fasc 1-4		
Registo	7215	Cota	Bib. S/ cx. 6 - 7
Título	TOSCANOS JARDIN Y ALCON: ESCAVACIONES DE 1971		
Autor	SCHUBART, H. NIEMEYER, H. G. ; LINDEMANN, G.		
Zona ed.	Madrid: Servicio de Pub. del Ministerio de Educacion y Ciencia: Secretaria General Técnica, 1972		
Temático	1. Arqueologia fenícia		
Notas	Sep. de: "Noticariario Arqueologico Hispanico – Arqueologia"; 1		
Registo	6930	Cota	Bib. S/ 211

Título	TRABAJOS DE ARQUEOLOGIA DEDICADOS A D. PIO BELTRAN		
Autor	PERICOT, Luis; (et al.)		
Zona ed.	Valencia: Facultad de Filosofia y Letras de la Universidad de Valencia, 1970		
Temático	1. Homenagens: D. Pfo Beltrán Villagrasa		
Notas	(Papeles del Laboratorio de Arqueologia de Valencia; 10)		
Registo	7171	Cota	Bib. S/ 325
Título	TRABALHO DA MADEIRA NA ANTIGUIDADE DA PENÍNSULA HISPÂNICA (O)		
Autor	CARDOZO, Mário		
Zona ed.	Lisboa: Universidade de Lisboa: Faculdade de Letras, 1965		
Temático	1. Arqueologia: Madeira – Península Hispânica		
Notas	Sep. de: "Revista da Faculdade de Letras de Lisboa", 1965, III Série, N.º 9		
Registo	7612	Cota	Bib. S/ cx. 13 - 11
Título	TRABALHOS DE ARQUEOLOGIA DE AFONSO DO PAÇO – 1929-1968		
Autor	PAÇO, Afonso do		
Zona ed.	Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1970-1971		
Temático	1. Arqueólogos: Afonso do Paço		
Notas	Vol. I, 1970; Vol. II, 1971		
Registo	8123	Cota	Bib. S/ 336-337
Título	TREPANACION PREHISTÓRICA EN ESPAÑA Y PORTUGAL (LA)		
Autor	MARTINEZ DE SANTA-OLALLA, Julio		
Zona ed.	(s.l.): (s.n.), (s.d.)		
Temático			
Notas	Sep. de: "IV Congreso Internacional de Historia de la Medicina"		
Registo	7270	Cota	Bib. S/ cx. 6 - 37
Título	TRÉSORS DE LA PRÉHISTOIRE		
Autor	SACCHI, CH.		
Zona ed.	Bélgica: Gerard, (s.d.)		
Temático	1. Pré-História		
Notas			
Registo	6789	Cota	Bib. S/ 152
Título	TRIOMPHE DE LA PSYCHANALISE (LES)		
Autor	DACO, Pierre		
Zona ed.	Belgica: Gerard, 1965		
Temático	1. Psicologia: Psicanálise		
Notas			
Registo	6865	Cota	Bib. S/ 128
Título	"TUMBA ORIENTALIZANTE DE LA JOYA" – HUELVA (LA)		
Autor	ORTA, Elena M.; GARRIDO ROIZ, Juan Pedro		
Zona ed.	Madrid: Instituto Español de Prehistoria, 1963		
Temático	1. Achados arqueológicos: Huelva		
Notas	(Trabajos de Prehistoria del Seminario de Historia Primitiva del Hombre de la Universidad de Madrid; XI)		
Registo	7542	Cota	Bib. S/ cx. 19 - 11
Título	TUMBAS MEGALITICAS COM ENTERRAMIENTOS SECUNDARIOS DE LA EDAD DEL BRONCE DE COLADA DE MONTE NUEVO DE OLIVENZA		
Autor	SCHUBART, Hermanfrid		
Zona ed.	(s.l.): (s.n.), (s.d.)		
Temático	1. Achados arqueológicos: Tumulos megalíticos - Olivença		
Notas	Sep. de: "XII Congreso Nacional de Arqueologia"		
Registo	7265	Cota	Bib. S/ cx. 6 - 32
Título	TÚMULO DA RAINHA NOFRETARI: RECONSTRUÇÃO FOTOGRÁFICA (O)		
Autor	DESROCHES-NOBLECOURT, Christiane; HARLÉ, Diane		
Zona ed.	Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979		
Temático	1. Rainhas: Nofretari – Egipto 2. Arte: Tumulos - Egipto		
Notas			
Registo	7923	Cota	Bib. S/ cx. 1 - 5
Título	UNIDADE EDUCATIVA: A PROPÓSITO DA REFORMA DO ENSINO PRIMÁRIO ELEMENTAR NO ULTRAMAR		
Autor	ALMEIDA, Justino Mendes de		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1964		
Temático	1. Reformas: Ensino primário – Ultramar - 1964		
Notas	Sep. de: "Ultramar", Lisboa, 1964, N.º 18, Vol. V (n.º 2)		
Registo	7319	Cota	Bib. S/ cx. 8 - 11

Título	UNIVERS DE L'ARCHÉOLOGIE: TECHNIQUE / HISTOIRE / BILAN (L)		
Autor	RACHET, Guy		
Zona ed.	Belgica: Gerard, 1970		
Temático	1. Arqueologia		
Notas	Dois volumes		
Registo	6858	Cota	Bib. S/ 108 - 109
Título	UR OF CHALDEES: A RECORD OF SEVEN YEARS OF EXCAVATION		
Autor	WOOLLEY, Leonard		
Zona ed.	Inglaterra: Penguin Books, 1950		
Temático	1. Escavações arqueológicas - Ur		
Notas	1ª ed. 1929		
Registo	6794	Cota	Bib. S/ 147
Título	UTILIDADE SOCIAL DAS COLECÇÕES		
Autor	LEMONS, Paulo Ferreira de		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1980		
Temático	1. Coleccionismo		
Notas	Comunicação apresentada ao I Congresso Numismático de Portugal. Texto dactilografado		
Registo	7868	Cota	Bib. S/ 312 - 11
Título	VALEUR DE LA SCIENCE (LA)		
Autor	POINCARÉ, H.		
Zona ed.	Paris: Ernst Flammarion, 1908		
Temático	1. Ciência		
Notas			
Registo	6863	Cota	Bib. S/ 106
Título	VALOR DA ZONA TURÍSTICA ALMADENSE NO CONJUNTO DA PENÍNSULA DE SETÚBAL (O)		
Autor	BENTO, Mário Pires		
Zona ed.	Almada: (s.n.), 1964		
Temático	1. Turismo: Almada - Setúbal		
Notas			
Registo	7483	Cota	Bib. S/ cx. 11 - 21
Título	VALOR PSICO-PEDAGÓGICO DE UM MUSEU PROFISSIONAL (O)		
Autor	RAMOS, António Mora		
Zona ed.	Portugal: Serviços Culturais dos C.T.T., 1954		
Temático	1. Museus		
Notas			
Registo	7757	Cota	Bib. S/ cx. 17 - 2
Título	VARIA		
Autor	PERICOT, Luis		
Zona ed.	Santiago de Compostela: Seminario de Arqueologia – Facultad de Filosofia y Letras, 1970		
Temático			
Notas	Sep. de: "Studia Archaeologica", 8		
Registo	7315	Cota	Bib. S/ cx. 7 - 25
Título	VARIA EPIGRAPHICA		
Autor	ALMEIDA, Justino Mendes de; FERREIRA, Fernando Bandeira		
Zona ed.	Guimarães: (s.n.), 1966		
Temático	1. Epigrafia		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães", 1966, Vol. LXXVI		
Registo	7392	Cota	Bib. S/ cx. 9 - 32
Título	VARIA EPIGRAPHICA		
Autor	FERREIRA, Fernando Bandeira		
Zona ed.	Lisboa: Universidade de Lisboa: Faculdade de Letras, 1960		
Temático	1. Epigrafia		
Notas	Sep. de: "Revista da Faculdade de Letras de Lisboa", 1960, S. III, N.º IV		
Registo	7384	Cota	Bib. S/ cx. 9 - 28
Título	VARIA EPIGRAPHICA		
Autor	ALMEIDA, Justino Mendes de; FERREIRA, Fernando Bandeira		
Zona ed.	Guimarães: (s.n.), 1967		
Temático	1. Epigrafia		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães", 1967, Vol. LXXVII		
Registo	7522	Cota	Bib. S/ cx. 12 - 38
Título	VARIA EPIGRAPHICA – I - VI		
Autor	ALMEIDA, Justino Mendes de; FERREIRA, Fernando Bandeira		
Zona ed.	Lisboa: Universidade de Lisboa: Faculdade de Letras, 1958		
Temático	1. Epigrafia		
Notas	Sep. de: "Revista da Faculdade de Letras de Lisboa", 1958, S. III, n.º II		
Registo	7379	Cota	Bib. S/ cx. 9 - 23

Título	VARIA EPIGRAPHICA (NOVA SÉRIE)		
Autor	ALMEIDA, Justino Mendes de; FERREIRA, Fernando Bandeira		
Zona ed.	Guimarães: (s.n.), 1965		
Temático	1. Epigrafia		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães", 1965, Vol. LXXV		
Registo	7523	Cota	Bib. S/ cx. 12 - 37
Título	VARIA EPIGRAPHICA: NOVA SÉRIE		
Autor	ALMEIDA, Justino Mendes de; FERREIRA, Fernando Bandeira		
Zona ed.	Lisboa: Universidade de Lisboa: Faculdade de Letras, 1966		
Temático	1. Epigrafia		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães", 1966, Vol. LXXVI		
	2 exempl.		
Registo	7370, 7380	Cota	Bib. S/ cx. 9 - 14; cx. 9 - 24
Título	VASOS CAMPANIFORMES DA MAMOA DE GUILHABREU - VILA DO CONDE		
Autor	PAÇO, Afonso do; PINTO, Elisero		
Zona ed.	Barcelos: Tip. Vitória, 1961		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Mamoá de Guilhabreu - Vila do Conde		
	2. Achados arqueológicos: Mamoá de Guilhabreu - Vila do Conde		
Notas	Sep. de: "Vila do Conde", n.º 2		
Registo	7602	Cota	Bib. S/ cx. 13 - 1
Título	VASOS CAMPANIFORMES PORTUGUESES EN EL MARCO DE LAS CULTURAS DEL VASO CAMPANIFORME EUROPEU (LOS)		
Autor	SANGMEISTER, Edward		
Zona ed.	Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1966		
Temático	1. Cerâmica campaniforme		
Notas	Sep. de: "Arqueologia e História", Vol. I		
Registo	7717	Cota	Bib. S/ cx. 15 - 27
Título	VASOS CERÂMICOS DE ANGOLA: PARALELOS ENTRE ALGUNS EXEMPLARES ACTUAIS DE ACTUAIS DE AMBRIZETE E DE GABELA E TIPOS PRÉ-HISTÓRICOS EUROPEUS		
Autor	SERRÃO, Eduardo da Cunha		
	SALDANHA, Luiz		
Zona ed.	(s.l.): (s.n.), (1967)		
Temático	1. Cerâmica: Vasos cerâmicos - Angola		
Notas	Sep. de: "Geographica", (1967, A. III, n.º 10)		
Registo	7823	Cota	Bib. S/ cx. 18 - 7
Título	VASOS CERÂMICOS DO "ABRIGO 1" DA GANDA - ANGOLA		
Autor	JORGE, Susana Maria Soares Rodrigues Lopes de Oliveira		
Zona ed.	Guimarães: Companhia Editora do Minho, 1976		
Temático	1. Arte: Vasos de Cerâmica - Angola		
	2. Escavações arqueológicas: Ganda - Angola		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães", 1976, Vol. XXXVI		
Registo	7006	Cota	Bib. S/ cx. 3 - 39
Título	VELHA ADIÇA Á NOVA FONTE DA TELHA (DA)		
Autor	AGUILAR, Amado de		
Zona ed.	Almada: Câmara Municipal de Almada, (s.d.)		
Temático	1. Cidades: Almada		
	2. Festas: S. João - Almada		
Notas			
Registo	7071	Cota	Bib. S/ cx. 4 - 9
Título	VERBREITUNG UND TYPOLOGIE DER GALIZISCH-NORDPORTUGIESISCHEN MEGALITHGRABER		
Autor	LEISNER, Georg Klaus		
Zona ed.	Lisboa: (s.n.), 1977		
Temático			
Notas	1ª ed. 1938		
Registo	7675	Cota	Bib. S/ cx. 15 - 2
Título	VERDADE SOBRE OS LIMITES DOS CONCELHOS DE SESIMBRA, ALMADA E SEIXAL (A)		
Autor	MONTEIRO, Rafael		
Zona ed.	Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, 1970		
Temático	1. Vilas: Sesimbra		
Notas			
Registo	7210	Cota	Bib. S/ 310
Título	VESTÍGIOS DA ANTIGA CAPELA DO ESPÍRITO SANTO DOS MAREANTES EM SESIMBRA		
Autor	SERRÃO, Eduardo da Cunha; SERRÃO, Vítor Manuel		
Zona ed.	Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1978		
Temático	1. Monumentos religiosos: Capela do Espírito Santo - Sesimbra		
Notas	Sep. de: "Actas das III Jornadas Arqueológicas", Lisboa, 1977, vol. I		
Registo	7294	Cota	Bib. S/ cx. 7 - 9

Título	VESTÍGIOS DE INFLUÊNCIA GERMÂNICA NO CONCELHO DE CASCAIS		
Autor	PAÇO, Afonso do		
Zona ed.	Braga: (s.n.), 1971		
Temático	1. Arqueologia: Vestígios germânicos - Cascais		
Notas	Sep. de: "Bracara Augusta", 1960, Vol. IX		
Registo	7473	Cota	Bib. S/ cx. 11 - 30
Título	VESTÍGIOS DO CULTO DE DIANA EM PORTUGAL		
Autor	CHAVES, Fernando José de Oliveira Castelo-Branco		
Zona ed.	Porto: (s.n.), 1960		
Temático	1. Culto religioso: Diana - Portugal 2. Monumentos epigráficos: Culto de Diana - Portugal		
Notas	Sep. de: "Actas do Colóquio de Estudos Etnográficos "Dr. José L. De Vasconcelos", Vol. II		
Registo	7076	Cota	Bib. S/ cx.4 - 4
Título	VESTÍGIOS LUSITANO-ROMANOS DA HERDADE DO ESCATELAR		
Autor	RIBEIRO, Margarida		
Zona ed.	Guimarães: (s.n.), 1964		
Temático	1. Escavações arqueológicas: Herdade do Escatelar - Coruche		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães", 1964, Vol. LXXIV		
Registo	7058	Cota	Bib. S/ cx. 4 - 20
Título	VESTÍGIOS ROMANOS DE LOS "CASAI S VELHOS": AREIA - CASCAIS		
Autor	FIGUEIREDO, F. J. do Amaral		
Zona ed.	PAÇO, Afonso do		
Temático	Cartagena: Junta Municipal de Arqueologia y del Museo de Cartagena, 1950 1. Achados arqueológicos: Cascais 2. Vestígios romanos: Cascais		
Notas	Sep. de: "Crónica del I Congreso Nacional de Arqueologia y del Congreso Arqueológico del Sudeste"		
Registo	7394	Cota	Bib. S/ cx. 9 - 38
Título	VIDROS ROMANOS DA HERDADE DA COMENDA DA IGREJA		
Autor	ALARCÃO, Jorge de		
Zona ed.	Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1973		
Temático	1. Arqueologia: Herdade da Comenda Igreja - Montemor - o - Novo		
Notas	Sep. de: "Biblos", Vol. XLI		
Registo	7955	Cota	Bib. S/ cx. 2 - 22
Título	VIE PRÉHISTORIQUE (LA)		
Autor	LANTIER, Raymond		
Zona ed.	Paris: Presses Universitaires de France, 1955		
Temático	1. Arqueologia 2. História do homem		
Notas	2ª ed. rev. e corrig.		
Registo	6757	Cota	Bib. S/ 137
Título	VILA ROMANA DA HERDADE DA FONTE DO PRIOR - MONTEMOR - O - NOVO		
Autor	PAÇO, Afonso do; LEMOS, João de		
Zona ed.	Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1964		
Temático	1. Arqueologia: Herdade da Fonte do Prior - Montemor-o-Novo		
Notas	Sep. de: "Arqueologia e História, 8ª Série, Vol. II		
Registo	7073	Cota	Bib. S/ cx. 4 - 7
Título	VINTE ANOS DE INVESTIGAÇÃO ETNOLÓGICA DO CENTRO DE ESTUDOS DE ETNOLOGIA PENINSULAR:		
Autor	OLIVEIRA, Ernesto da Veiga de		
Zona ed.	Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1968		
Temático	1. Instituições: Centro de Estudos de Etnologia Peninsular		
Notas			
Registo	7070	Cota	Bib. S/ cx. 4 - 10
Título	VISÃO GERAL DA ARQUEOLOGIA A NORTE DO MONDEGO		
Autor	PAÇO, Afonso do		
Zona ed.	Porto: Marânus, 1962		
Temático	1. Arqueologia: Problemas a Norte do Mondego		
Notas	Sep. de: "Actas do I Colóquio Portuense de Arqueologia", Porto, 1961		
Registo	7087	Cota	Bib. S/ cx. 5 - 7
Título	VOCABULÁRIO DESCRITIVO DAS INDÚSTRIAS PRÉ-HISTÓRICAS PORTUGUESAS		
Autor	SILVA, Carlos Tavares da		
Zona ed.	Guimarães: Companhia Editora do Minho, 1969		
Temático	1. Arqueologia: Vocabulário descritivo		
Notas	Sep. de: "Revista de Guimarães", LXXIX		
Registo	7012	Cota	Bib. S/ cx. 3 - 33

Título	VOLCANISME DE L'ÎLE DE FAIAL ET L'ÉRUPTION DU VOLCAN DE CAPELINHOS (LE)		
Autor	MACHADO, Frederico; (et al.)		
Zona ed.	Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1962		
Temático	1. Vulcanismo: Vulcão dos Capelinhos - Faial		
Notas	(Memória / Serviços Geológicos de Portugal; 9)		
Registo	6901	Cota	Bib. S/ cx. 171
Título	WHO REALLY DISCOVERED THE NEW WORLD?		
Autor	MARX, Robert F.		
Zona ed.	(s.l.): (s.n.), (s.d.)		
Temático	1. Investigação Arqueológica: Descobrimento da América		
Notas	Folhas soltas		
Registo	7710	Cota	Bib. S/ cx. 16 - 18
Título	YACIMIENTOS IBERICOS EN LA REGION VALENCIANA: ESTUDIO DEL POBLAMIENTO		
Autor	GIL-MASCARELL BOSCA, Milagro		
Zona ed.	Valencia: (s.n.), 1971		
Temático	1. Povoamento ibérico		
Notas	Resumo da tese de doutoramento		
Registo	7292	Cota	Bib. S/ cx. 7 - 11
Título	ZAMBUJAL		
Autor	SANGMEISTER, Edward; SCHUBART, Hermanfrid		
Zona ed.	Berlin: (s.n.), 1969		
Temático			
Notas	Sep. de: "Archaeologischer Anzeiger", 1969, Vol. 2		
Registo	7727	Cota	Bib. S/ cx. 15 - 24
Título	ZAMBUJAL: EINE KUPFERZEITLICHE BEFESTIGUNG IN PORTUGAL		
Autor	SANGMEISTER, Edward; SCHUBART, Hermanfrid		
Zona ed.	Berlin: Verlag Walter de Gruyter, 1969		
Temático	1. Pré-história: Castro do Zambujal		
Notas	Sep. de: "Archaeologischer Anzeiger", 1969, n.º 2		
Registo	7643	Cota	Bib. S/ cx. 14 - 2

# Boletim

## **Relatório de actividades da Comissão de Heráldica referente ao ano associativo de 1999-2000**

A Comissão de Heráldica prosseguiu os seus trabalhos com normalidade durante o ano associativo de 1999/2000, com a presença dos oito membros que a constituem.

Foram realizadas 17 sessões em que foram analisados processos referentes a municípios, freguesias e pessoas colectivas de utilidade pública administrativa.

Durante o ano foram emitidos 392 pareceres, escritas 521 cartas e a receita cifrou-se em 45 mil contos. Além da apreciação de processos, foram considerados e discutidos outros assuntos. Apresentação, apreciação e crítica do obras sobre Heráldica publicadas em Portugal e no estrangeiro.

Foram recebidos selos, postais, miniaturas de estandartes e recortes de imprensa para a colecção da Comissão.

Foram estudadas pedras de armas a pedido de diversas entidades.

Foi prestada assistência e informação sobre heráldica a entidades nacionais e estrangeiras.

Foi recebido pela Direcção da Associação e tomou parte nos trabalhos de uma das sessões da Comissão o Sr. Adrian Strickland, de nacionalidade maltesa, um dos mais activos heraldistas da República de Malta.

A pedido da Direcção da Associação, a Comissão está a estudar as pedras de armas existentes no nosso Museu, com vista à edição de livro, para o que contou com valiosos elementos fornecidos pela Direcção da Associação.

## **Relatório de actividades da Direcção referente ao ano associativo de 1999-2000**

Durante este período a actividade da Direcção, além da gestão dos assuntos correntes, concentrou-se no desbloqueamento da situação de impasse a que se tinha chegado no que respeita às obras de consolidação e valorização das Ruínas e do Museu do Carmo. Entre o conjunto de iniciativas tomadas, destacam-se as seguintes:

- Contactos com a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, no sentido de ser adjudicada, com a maior brevidade possível, a empreitada de reparação de coberturas e pavimentos, posta a concurso público em Maio de 1999, a qual só acabaria por ser adjudicada em 15 de Janeiro de 2000.
- Consulta às três empresas que ficaram melhor classificadas no concurso público acima referido, no sentido de apresentarem propostas para a realização da empreitada de remodelação das torres e da zona de entrada do Museu Arqueológico do Carmo, com base no projecto em tempo aprovado pela Direcção, após parecer favorável do Conselho Fiscal, e já apresentado à Assembleia Geral em reunião passada.

Tendo-se verificado que a proposta mais vantajosa foi apresentada pela empresa Lourenço Simões & Reis Lda, a Direcção da AAP decidiu proceder à sua adjudicação a esta empresa. Tendo-se, no entanto, verificado que as propostas apresentadas pelas 3 empresas consultadas excediam substancialmente a verba inicialmente prevista, com base nas estimativas apresentadas pelos autores do projecto, a Direcção promoveu uma reunião com os representantes daquela firma e os autores do projecto, da qual resultou uma redução de cerca de 20% dos custos, através da substituição de alguns materiais inicialmente previstos por outros menos dispendiosos, mas de qualidade equivalente, e de algumas alterações pontuais do projecto. Foi assim, depois de ouvido o Conselho Fiscal, assinado o contrato de adjudicação desta empreitada em 15 de Fevereiro de 2000.

A fim de acompanhar devidamente as duas empreitadas lançadas em paralelo pela DGEMN e pela AAP, constituiu-se uma equipa técnica, constituída pelo Presidente e pelo Vice-Presidente da Direcção, e ainda pelos consócios Arquitecto Mário Varela Gomes, que se prontificou a elaborar, a título gracioso, o Projecto de Remodelação do Museu Arqueológico do Carmo, e ainda pelo Dr. Fernando Rodrigues Ferreira, Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral, responsável pelas escavações de salvamento realizadas nas Ruínas do Carmo em 1996. Esta Comissão tem vindo, desde então, a acompanhar regularmente os trabalhos em curso, e a participar nas reuniões de obra que têm tido lugar todas as Quartas-Feiras, tendo dado uma imprescindível contribuição para o bom andamento das mesmas. Neste contexto, importa ainda referir o empenho demonstrado pelo representante da DGEMN, Arq.º Victor Mestre, o qual tem dado importantes contributos para alargar e melhorar o âmbito dos trabalhos inicialmente previstos.

Entre os melhoramentos verificados nas obras, destacam-se os seguintes:

- Substituição do pavimento de tijoleira das capelas por pavimento em lajes de calcário, de dimensões idênticas às das lajes encontradas nas escavações realizadas em 1996 pelo Dr. Rodrigues Ferreira, reconstituindo-se, assim, a sua dignidade inicial;
- Instalação nas cinco capelas de um sistema de aquecimento por piso irradiante, o qual assegurará uma temperatura constante de cerca de 18 graus durante o Inverno, com base num projecto elaborado a título gracioso pelo Prof. Doutor Eduardo Maldonado, da Faculdade de Engenharia do Porto, que também elaborou o projecto de aquecimento através de uma caldeira alimentada a gás natural, das torres da zona da entrada;

- Rebaixamento em cerca de 50cm do pavimento da capela mor, de modo a recolocá-lo na sua cota original, e a nivelá-lo com o das restantes capelas, o que permitiu reconstituir a sua volumetria original, viabilizou a exposição ao público da sepultura original do fundador do Convento do Carmo, Nun'Alvares Pereira, e ainda, eventualmente, da cripta atribuída a D. Jaime de Bragança, além de facilitar a circulação de deficientes motores e do público em geral, ao permitir a eliminação de degraus entre as capelas;
- Rebaixamento em cerca de 50cm do portal de acesso à capela-mor, a fim de o nivelar pela cota desta capela;
- Rebaixamento em cerca de 50cm do pavimento do transepto.

A fim de assegurar o funcionamento da Secretaria Geral e do Secretariado da Comissão de Heráldica, durante a realização das obras nas torres Norte e Sul, e ainda para proporcionar um espaço condigno para a realização das reuniões das Secções e Comissões, devido à degradação verificada até há poucos meses no auditório do Metropolitano de Lisboa, e que deu origem a numerosas queixas por parte dos nossos associados, a Direcção, depois de ouvido o Conselho Fiscal, decidiu arrendar à família do nosso antigo associado, Capitão José de Campos e Sousa, o primeiro andar direito do prédio nº4 do Largo do Carmo, pelo período que for considerado necessário.

Para assinalar condignamente o final do século XX, a Direcção decidiu organizar, de 25 a 27 de Maio de 2000, uma edição especial das Jornadas Arqueológicas, dedicada ao tema “*Arqueologia 2000: Balanço de um século de investigação arqueológica em Portugal*”, para as quais 25 dos mais destacados arqueólogos do país, a maior parte dos quais sócios da AAP, foram convidados a apresentar um balanço crítico das investigações realizadas nos respectivos domínios, bem como as perspectivas de desenvolvimento futuro, esperando-se que a publicação das comunicações apresentadas, a realizar em 2001, constitua um importante marco na história da historiografia arqueológica portuguesa.

No que respeita a publicações foi entregue às edições Colibri para publicação o volume 52 da revista *Arqueologia e História*, no qual se incluem as comunicações apresentadas ao Colóquio sobre Estudos de Lisboa dos sécs. XIV a XIX, organizado pela Comissão de Estudos Olisiponenses, bem como os relatórios e contas da direcção e os relatórios das secções e comissões, referentes aos anos de 1998 e 1999.

Quanto ao Museu, procedeu-se ao empréstimo de uma estátua presumivelmente representando o Rei D. Afonso Henriques, para uma exposição subordinada ao tema “Guimarães: 1000 anos a construir Portugal”, que teve lugar no Museu Alberto Sampaio, em Guimarães.

Em relação à Biblioteca, que se encontra em grande parte empacotada, devido à realização das obras, procedeu-se à realização de um inquérito aos sócios, com a colaboração da nossa consócia, Dr.<sup>a</sup> Maria da Conceição Machado Neves, com o objectivo de preparar a sua reorganização, quando a conclusão das obras o permitir.

Quanto ao Arquivo Histórico iniciou-se a sua informatização, estando em curso a elaboração de um índice dos conteúdos das várias caixas que o integram. Foi ainda facultado o acesso ao arquivo a vários sócios e investigadores devidamente credenciados, que se encontram a realizar teses de mestrado e de doutoramento, contribuindo assim para a divulgação e valorização do património da Associação.

Foi ainda dado apoio logístico e financeiro às actividades das secções e comissões, nomeadamente às reuniões das Secções de Pré-história e de História, ao Encontro sobre Lisboa dos séculos VII a XIV, organizado pela Comissão de Estudos Olisiponenses, e à emissão de centenas de pareceres sobre heráldica autárquica, por parte da Comissão de Heráldica.

A fim de dotar a Associação com equipamento informático adequado, uma vez que o equipamento existente já data de 1992, e não é suficiente para as actuais necessidades da Secretaria, do Museu, da Biblioteca e da Comissão de Heráldica, procedeu-se à aquisição de um novo computador, bem como de uma impressora a cores e de um *scanner*.

Tendo-se verificado a necessidade de documentar em pormenor as várias fases de desenvolvimento das obras de reabilitação das Ruínas do Carmo, e de proceder à fotografia sistemática dos milhares de peças que constituem o acervo do Museu do Carmo, e dado que a Associação não dispunha de qualquer equipamento fotográfico, procedeu-se ainda à aquisição de uma câmara fotográfica digital, e dos respectivos acessórios, o que permitirá uma grande economia de material, pois as fotografias são directamente transferidas para o computador.

Em Janeiro de 2000 foi ainda criado o primeiro “site” da Associação na internet, o qual, apesar de se encontrar ainda em fase experimental, já foi visitado por numerosos internautas, contribuindo assim para a divulgação da nossa Associação e das suas actividades.

No ano associativo hora findo a Associação foi convidada a participar em numerosas actividades envolvidas por outras instituições, entre as quais se destacam o 6th Meeting of the European Association of Archaeologists, que teve lugar em Lisboa, de 10 a 17 de Setembro, e no qual participaram cerca de 800 arqueólogos de toda a Europa. A Direcção fez-se representar oficialmente pelo seu Presidente, que integrou a Comissão Científica, e pela Dr.ª Jacinta Bugalhão, que integrou a Comissão Executiva, tendo ainda participado activamente na organização deste Encontro numerosos consócios, que muito contribuíram para o seu êxito.

Durante este período foram admitidos 13 novos sócios, sendo 6 da Secção de Pré-História e 7 da Secção de História.

Lisboa, 30 de Setembro de 2000

O Presidente da Direcção

(José Morais Arnaud)

## **Relatório de actividades da Secção de Pré-História referente ao ano associativo de 1999-2000**

A secção de Pré-História da Associação dos Arqueólogos Portugueses realizou durante o ano associativo de 1999/2000 as seguintes actividades:

No dia 2 de Dezembro de 1999, procedeu-se à eleição para a Mesa da Secção, tendo sido eleitos os seguintes consócios; Presidente da Mesa – Professora Doutora Teresa Júdice Gamito, Vice-Presidente – Professor Doutor João Pedro Ribeiro e Secretário – Dr António Faustino Carvalho. Em seguida a Dr.<sup>a</sup> Maria da Conceição Rodrigues proferiu uma conferência intitulada “Contribuição para o Estudo da Idade do Ferro Africano – Manilhas e Cruzetas”.

No dia 16 de Março de 2000, o Dr António Vermelho de Corral apresentou uma comunicação intitulada “Monomotapa – Primeiros contactos dos Portugueses na África Oriental”.

No dia 7 de Abril de 2000, o Professor Doutor Albert Ammerman apresentou uma comunicação intitulada “Landscape Transformations in Early Rome”. O conferencista é um especialista em Arqueologia Ecológica da Universidade de Colgate, Hamilton, USA, que tem focado a sua atenção nas transformações ocorridas ao longo dos tempos, nos ambientes naturais que rodeiam e foram afectados pelas diversas comunidades humanas na Itália. Esta intervenção suscitou um animado e interessante debate.

No dia 20 de Julho de 2000, foi apresentado e apreciado o Relatório de Actividades da Secção.

A Presidente da Secção de Pré-História  
(Prof.<sup>a</sup> Doutora Teresa Júdice Gamito)

## **Relatório de actividades da Secção de História referente ao ano associativo de 1999-2000**

Desde 14 de Junho de 1999, data do último Relatório onde se lamentava a quase ausência de participação dos vogais da secção, foram apenas apresentadas duas comunicações.

O movimento da Secção e a sua actividade podem sintetizar-se como segue.

1 – A Secção reuniu a 4 de Fevereiro de 2000 no Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, tendo em vista discutir, planear e programar um colóquio que se integre na comemoração do Descobrimento do Brasil, cujo V Centenário acontece no corrente ano.

Assim, ficou decidido que o mesmo se realizará nos dias 27 e 28 de Outubro do corrente ano.

2 – Em 03-04-2000 ocorreu a apresentação de uma comunicação apresentada pelo ilustríssimo vogal Exm.º Senhor Doutor Francisco de Simas Alves de Azevedo sob o título “O Leopardo real inglês na heráldica portuguesa”, comunicação cheia de interesse e vivacidade nos moldes a que o distinto heraldista nos habituou.

3 – Em 31 de Maio do ano em curso realizou-se no Auditório do Metropolitano de Lisboa, ao Alto dos Moinhos, uma comunicação intitulada “Investigação sobre a morte de D. João VI”, apresentada pelos Exm.ºs Senhores Doutor Fernando Eduardo Rodrigues Ferreira, Doutora Maria da Conceição Machado Neves e pelo Professor Doutor Armando Santinho Cunha.

Esta comunicação, que só por si colmata a baixa participação dos vogais da Secção, foi de uma riqueza cultural e histórica impares, trazendo a lume factos obscuros da Nossa História, e demonstrando, até à saciedade, como técnicas modernas de investigação e o trabalho aturado e persistente, podem evidenciar erros do passado, cujos autores jamais pensariam vir um dia a ser verificados e dados a conhecer.

A sala repleta e a participação dos presentes, traduziram bem o interesse e pertinência do conteúdo desta comunicação, com que os autores quiseram dignificar a Secção de História e através desta a Associação dos Arqueólogos Portugueses, fazendo aqui a sua primeira apresentação pública.

Bem hajam!

4 – Entretanto foram admitidos na Secção os seguintes vogais efectivos:

José Luís Pereira Santos Gonçalves Neto

Rui Miguel da Costa Pinto

José António Machado Pereira

Paulo Oliveira Ramos

5 – Por informação do Exmo. Presidente da Direcção, Doutor José Morais Arnaud, foi levantada a hipótese da leitura de uma evocação ao sócio falecido Doutor António de Azevedo Meirelles de Souto, a solicitação do filho do mesmo em virtude de estar a decorrer o centenário sobre o seu nascimento. Tem havido dificuldade em encontrar um vogal disponível para o efeito.

6 – A Secção de História congratula-se e agradece penhoradamente o total apoio que tem encontrado por parte não só da Exma. Direcção da Associação, especialmente por parte do seu Presidente, como também por parte de todo o pessoal da Secretaria.

Este relatório foi apresentado e aprovado em Sessão de encerramento das actividades da Secção de História em 18 de Julho de 2000.

Lisboa, 18 de Julho de 2000

A Presidente da Secção de História  
(Prof. Doutora Maria Benedita Araújo)

## **Relatório de actividades da Comissão de Estudos Olisiponenses referente ao ano associativo de 1999-2000**

Esta Comissão iniciou o Ano Académico 1999-2000 com a realização do II Colóquio Temático – Estudos de Lisboa – séculos VIII a XV, a 5 e 6 de Novembro de 1999, cujas Actas serão publicadas no ano de 2001, segundo informações do Digníssimo Presidente da Direcção da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

A 2 de Dezembro de 1999 realizaram-se as eleições para a Mesa da Comissão tendo ficado constituída, por unanimidade, da seguinte forma:

Presidente: Dr. Dias Diogo

Vice-Presidente: Dr.ª Maria Cristina Neto

Secretário: Dr. Nestor Fatia Vital

A Comissão de Estudos Olisiponenses reuniu três vezes a saber com comunicações:

10 de Abril – Rua Damasceno Monteiro. Razões de um topónimo – Dr. Francisco Santana.

15 de Maio – Heráldica estatal luso-brasileira – um curiosa pintura em edifício lisboeta –  
Dr. Francisco de Simas Alves de Azevedo.

6 de Junho – Um percurso Castiliano – Dr. Francisco Santana.

Mais se informa que o III Colóquio temático – Estudos de Lisboa, tem a sua realização prevista para o início do ano 2001.

Lisboa, 6 de Junho de 2000

A Vice-Presidente

(Maria Cristina Neto)

**Colibri – Artes Gráficas**

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Alameda da Universidade

1600-214 LISBOA

Tel/Fax 21 796 40 38

*Internet:* [www.edi-colibri.pt](http://www.edi-colibri.pt) — *E-Mail:* [colibri@edi-colibri.pt](mailto:colibri@edi-colibri.pt)

Patrocínio:

